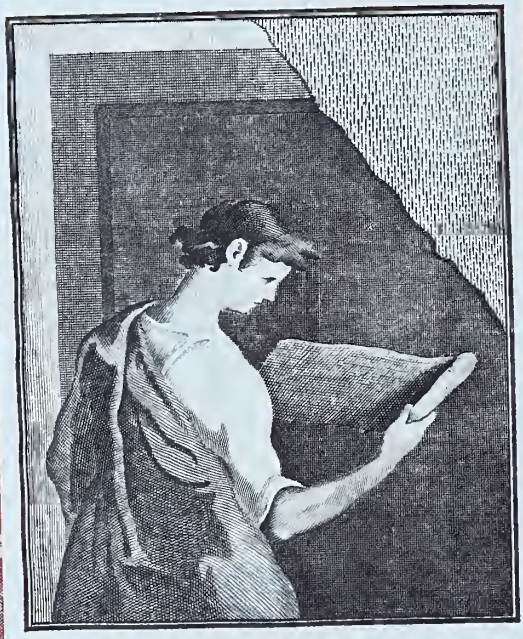


THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/boletimdearchite01asso

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

TOMO I.º 2.ª SERIE

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

LISBOA

MDCCCLXXVI

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo.

BOLETIM ARCHITECTONICO E D'ARCHEOLOGIA

N.º 1

SUMMARIO

Introducção, pelo socio o sr. I. de Vilhena Barbosa—*Synopse dos trabalhos da associação*, pag. 3—*Archeologia*, pelo socio C. R., pag. 5—*Sarcophago Gentilico*, pelo socio J. da S, pag. 8 — *Apontamentos e conjecturas sobre o castello de Leiria*, pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 10—*Brazões Reaes Portuguezes*, pelo socio o sr. Francisco José d'Almeida, pag. 12—*Chronica*, pag. 16 — *Importante dadiva* d'el-rei o sr D. Fernando, idem — *Felicitações* do Real Instituto dos Architectos Britannicos, idem — *Cippo*, descoberto em Ilhavo, idem — *Diploma de Merito* da Exposição Universal de Vienna d'Austria, idem — *Membros eleitos para a Meza da Real Associação e para as suas Secções*, em 1874, pag. 16.

ESTAMPAS DO PRESENTE NUMERO

Vista em photographia do sarcophago gentilico, 1.ª—Brazões Reaes Portuguezes, 2.ª

INTRODUCÇÃO

Os progressos que Portugal tem feito n'estes ultimos tempos, e continua a fazer, no caminho da civilisação, manifestam-se por muitos modos, e avultam tanto, que lhe têem conciliado a estima e respeito de todas as nações cultas.

D'essas lides honrosas e patrioticas já estamos colhendo o fructo, que é a prosperidade do paiz, crescente de anno para anno, e revelando-se por tantos e tão differentes modos, que não é licito pôl-a em duvida.

Diz-se, e temos como um axioma verdadeiro, que — a prosperidade das nações se estampa nas letras e nas artes, e que ambas estas são como espelhos em que se retrata o viver da sociedade —. Todavia, dá-se entre nós o caso excepcional de prosperar o paiz, sem que as letras e as artes mostrem florescencia. É certo que os seus cultores se esforçam para que ellas acompanhem o reino no seu auspicioso desenvolvimento; porém ninguem ousará dizer, que taes esforços obtêem o galardão, que entre os povos civilisados, nos tempos antigos e modernos, é a devida recompensa do trabalho, e o estimulo para novas fadigas.

Não tratâmos agora de averiguar as causas, que produzem similhante excepção. Apontâmos simplesmente o facto, porque nos é mister para subsequentes observações.

A Associação dos Architectos Civis Portuguezes nasceu d'aquelle nobre esforço. Elevar a architectura portu-

gueza a maior altura, procurando collocal-a a par da das nações, que nos levam dianteira nos progressos humanitarios; fazer considerados no paiz, e fóra d'elle, os que professam entre nós esse ramo da arte; promover o amor da classe entre os artistas, por meio da sua reunião em um gremio, destinado a honral-a e exaltal-a; crear estimulos para o aperfeiçoamento individual, ora facilitando-lhe a exposição dos conhecimentos adquiridos no estudo da arte, quer theoricos, quer praticos, orando nas sessões da associação, ou escrevendo no seu jornal, ou expondo trabalhos artisticos originaes nas suas salas, ora estabelecendo relações com identicas sociedades dos paizes mais adiantados da Europa e da America, a fim de que d'ahi lhes viesse não sómente honra, mas tambem proveito pela troca dos jornaes; fundar um museu archeologico, onde se vão reunindo objectos d'arte dispersos por todo o reino, specimens de diversos estylos architectonicos, reliquias de monumentos, que a mão do tempo e a barbaridade dos homens têem feito ruinas, ameaçando proscrevel-os da face da terra; um museu destinado, não só a salvar da destruição completa esses restos dos padrões das differentes epochas da historia patria, mas tambem a servir como de livro para o estudo da historia das artes em Portugal; crear, finalmente, um jornal para se tornar campo aberto ás discussões artisticas e archeologicas, repositorio de estampas de monumentos nacionaes, archivo dos trabalhos da associação; e chronica da sua vida e serviços publicos, tudo isto constitue, sem duvida, um bello pensamento, e um generoso esforço a prol da arte, e para credito e utilidade do paiz.

Conceberam este pensamento os fundadores da associação, e trataram com incansavel zelo de o executar em todo o desenvolvimento de que é susceptivel. Foi instituida a associação, organisou-se, começou a funccionar e a fructificar de uma maneira auspiciosa. Deu-se principio ao museu, e foram chegando de diversas terras do reino, uns após outros, muitos e apreciaveis objectos d'arte antiga e moderna, inscripções, medalhas, etc. Fundou-se um grande e magnifico jornal, que fez conhecida vantajosamente a associação nos paizes estrangeiros. Mas, com que difficuldades esta luctou para conseguir tudo isto! Entre nós qualquer empreza, ninguem o ignora, encontra sempre obstaculos, muitas vezes gigantescos, nunca sendo dos menores o desalento de uns e a frieza de outros. Foi mister, portanto, arcar com muitas e grandes difficuldades, e no meio da lucta acabou o jornal, tendo-se publicado, apenas, dez numêros com quinze estampas.

Mas, emfim, a perseverança, acompanhada de diligencia conseguem, quasi sempre, mais tarde ou mais cedo, triumphar das difficuldades, por maiores que sejam. Assim entrou, pois, esta associação em um periodo, se ainda não de florescencia, pelo menos de bem fundadas esperanças de poder em breve desempenhar-se cabalmente da missão ardua mais honrosa, que a si tomou.

Tem visto esta associação augmentar-se o numero de seus socios n'estes ultimos annos, recebendo no seu gremio muitas pessoas que a honram tanto pela sua posição social, como pelos dotes da intelligencia e cultura do espirito.

Tem recebido continuados testemunhos de consideração e apreço de differentes associações scientificas e artisticas de paizes estrangeiros, mostrando-se desejosas de estreitar relações com a associação portugueza. Das associações de Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Hollanda, e Estados Unidos da America têem-lhe sido offertadas muitas obras de reconhecida importancia.

Procurando fazer-se conhecida, e tambem dar a conhecer alguns objectos d'arte primorosos, que possue, e bem assim trabalhos dos seus socios, concorreu ás exposições internacional do Porto, em 1865, e universal de Paris, em 1867, obtendo n'esses certames da industria, pelos objectos que expoz, uma medalha de prata na primeira d'aquellas exposições, e uma de bronze na segunda.

O seu museu d'artes e d'archeologia tem sido consideravelmente augmentado pela acquisição de muitos objectos d'arte e d'antiguidades, alguns raros e valiosos, já offerecidos á associação, já descobertos por suas diligencias.

Os seus esforços para corresponder aos fins da sua instituição têem-lhe merecido a protecção de Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Luiz I, e Seu Augusto Pae.

Dignou-se El-Rei o Senhor D. Fernando offerecer-lhe uma formosa collecção de photographias, representando os principaes objectos d'arte portugueza, que se guardam nas suas riquissimas galerias d'arte antiga e moderna.

Sendo a archeologia uma sciencia que abrange todos os progressos da humanidade nos seculos passados, desde os tempos pre-historicos, ou edade da pedra, e por essa rasão tão intimamente ligada com a architectura, que, por ser a expressão das idéas e das necessidades dos povos, em todas as eras e em todas as regiões, é genuina representante d'aquelles mesmos progressos, entendeu esta associação, que devia alargar o campo dos seus estudos e investigações, occupando-se tambem da archeologia, sobretudo da portugueza, tão descurada e desfavore-

cida, apesar dos exemplos que nos estão dando quasi todas as nações da Europa, onde os governos e os sabios procuram, com o maior desvelo e fervor, dilatar-lhe os horisontes, e devassar-lhe os mysterios.

Em virtude, pois, d'esta resolução, foi requerida aos poderes publicos a necessaria auctorisação para se reformarem n'aquelle sentido os estatutos. Defferindo a supplica, houve por bem El-Rei o Senhor D. Luiz I conceder a esta associação o titulo de *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.*

Em desempenho do seu novo titulo, e para mais cabal execução d'aquelle pensamento, resolveu crear um jornal intitulado *Boletim Architectonico e de Archeologia,* que enceta a sua publicação com este primeiro numero.

Destinado a dar conta de todos os actos e trabalhos da associação, e tudo o mais que lhe diga respeito, tratará tambem dos variados assumptos relativos ás artes e á archeologia; e será adornado de photographias, dezenhos gravados em pedra e abertos em madeira que representarão os principaes objectos d'arte e d'antiguidades, que se acham no museu archeologico d'esta associação, e outros objectos do mesmo genero, e do nosso paiz, qne forem dignos de serem copiados e estudados.

Posto que este jornal deva ser considerado como uma segunda serie do que a mesma associação publicou outr'ora com o titulo de *Archivo de Architectura Civil,* impresso em folha grande, julgou-se ser mais conveniente, para commodidade dos leitores, para mais facilidade na expedição do jornal para os socios e subscriptores, e melhor accommodação nas livrarias, reduzir a fórma d'este a 4.° francez.

I. de Vilhena Barbosa.

SYNOPSE

DOS PRINCIPAES TRABALHOS DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES EFFECTUADOS N'ESTE ULTIMO TRIENNIO.

Na sessão da assembléa geral de 26 de janeiro foi apresentado o primeiro trabalho sobre a monographia dos monumentos de Portugal, pelo socio o sr. Conselheiro João Maria Feijó, lendo uma muito interessante memoria ácerca do edificio religioso da antiga abbadia de Alcobaça; na conformidade do convite feito pela associação aos seus socios.

O sr. thesoureiro Feliciano de Sousa Correia apresentou o relatorio e contas do anno anterior, que depois de examinadas foram approvadas, assim como dados louvores ao mesmo socio.

Tomou posse novamente da presidencia o socio fundador o sr. architecto Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, e agradeceu á assembléa a honra com que o investiu.

Em 23 de fevereiro ficou approvado que tivesse logar na associação uma exposição publica, durante trinta dias, dos diversos projectos e dezenhos de architectura de nacionaes e de estrangeiros, pertencentes ás estampas das obras modernas que houvesse na sua bibliotheca, ou de trabalhos de seus socios.

Foram approvadas as propostas para socios effectivos e correspondentes nacionaes, bem como para correspondentes estrangeiros.

Na assembléa geral de 13 de julho se deliberou formar-se um Album com os retratos em photographia dos nossos socios amadores, sendo assignados com o proprio punho do respectivo socio. N'esta mesma sessão se participou a offerta do sr. Ministro de Hespanha, D. Fernandes de los Rios, de livros d'architectura, e varios especimens de bellos azulejos, que o seu governo remettia para o museu do Carmo. Votaram-se os agradecimentos.

N'esta sessão tambem se approvou ser collocado um quadro na sala das reuniões da asssembléa, contendo os nomes dos antigos architectos nacionaes, dos quaes não fôra possivel alcançar-se os seus retratos.

Foi lido na sessão de 11 de setembro um officio do sr. Ministro das Obras Publicas, em que mandava consultar a associação a respeito do merecimento artistico, e do que seria preciso fazer-se para a conservação da antiga egreja de Santa Maria do Castello de Abrantes; para o que foi nomeada uma commissão de tres membros. Egualmente outro do mesmo Ministerio participando-lhe que se havia auctorisado fazerem-se reparos nos terraços das capellas do edificio antigo do Carmo. Nomeou-se uma commissão para ir agradecer ao referido Ministro.

Leu-se um outro officio da Congregação de N. S. da Caridade de Vianna do Castello, para que a associação elegesse dois socios architectos para fazerem parte do jury que deveria julgar os projectos para o Asylo dos Cegos; foram eleitos os socios os srs. Conselheiro J. M. Feijó e Paulo J. F. da Costa.

Uma nova collecção de objectos d'archeologia da ida-

de da pedra e de antiguidades romanas foi offerecida pelo Governo de Hespanha, por intervenção do sr. Ministro D. Fernandes de los Rios. Votaram-se os agradecimentos.

N'esta mesma sessão participou o sr. presidente Joaquim Possidonio Narcizo da Silva que tinha de se ausentar do reino, entregando a direcção dos trabalhos da associação ao sr. vice-presidente, pois ia tomar parte nos trabalhos do Congresso d'Anthropologia e Archeologia em Bolonha.

Na assembléa geral de 2 de novembro foram approvados novos socios, effectivos e correspondentes.

Na mesma sessão se procedeu á eleição dos membros da mesa para o anno seguinte, e sairam reeleitos: para presidente o sr. architecto Joaquim Possidonio Narcizo da Silva; para vice-presidente o sr. Conselheiro J. M. Feijó; para secretarios os srs. Paulo José Ferreira da Costa, e Emiliano Augusto Bettencourt; para thesoureiro, o sr. Feliciano de Sousa Correia.

Em 11 de Janeiro de 1872 tomaram posse dos seus logares os membros da mesa; havendo agradecido o sr. presidente á Assembléa ter sido encarregado de continuar na honra de presidir aos seus trabalhos.

Participou-se estar já no museu o sarcophago de Alcobaça e a columna do pelourinho de Torquel.

Teve logar a sessão solemne em 22 de janeiro para a inauguração dos retratos dos socios fallecidos, o do architecto o sr. Verissimo José da Costa, e o do socio amador o sr. Conde de Lavradio; sendo o elogio historico do nosso finado confrade redigido pelo socio o sr. José da Costa Sequeira. Não se leu aquelle que dizia respeito ao sr. Conde, porque o socio encarregado d'esse elogio, o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, tinha adoecido. Assistiram a esta reunião as familias dos dois socios finados, e muitas outras pessoas convidadas, de diversas cathegorias.

Na sessão de 8 de fevereiro approvou-se remetter ao Governo a devida participação de ter sido entaipada, com pedra e cal, a porta travessa do edificio nacional da antiga egreja do Carmo, por pessoa estranha á associação; a qual porta dava serventia para o logradouro pertencente ao mesmo edificio.

Aceitou-se do sr. architecto Silva que fizesse outras prelecções tendo relação com os trabalhos effectuados no Congresso de Bolonha, sobre Anthropologia e Archeologia pre-historica, admittindo-se ouvintes, além dos socios; como se havia praticado em identicas occasiões.

Recebeu a associação a honrosissima visita de S. M. Imperial o Senhor D. Pedro II, no dia 8 de março. Sua Magestade em tudo benigno, dignou-se não só ver o museu archeologico, mas informou-se detidamente das particularidades de muitos dos objectos que estão n'elle depositados.

Na sessão de 3 de junho se distribuiram os brindes aos dez ouvintes que foram mais assiduos ás prelecções, conforme o parecer dado pelo conselho á assembléa geral.

Participou-se que por alguns motivos se tem demorado o pôr os nomes dos respectivos architectos nos edificios antigos, em que isso se executasse sem receio algum de erro ou injustiça.

Deliberou a assembléa geral em 6 de junho solicitar do Governo que o titulo d'esta associação passasse a ser — REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES; — o que Sua Magestade houve por bem conceder-lhe por Alvará de 14 de novembro de 1872.

Na sessão de 12 de agosto participou o sr. presidente J. P. N. da Silva ter de sair para fóra do reino, para ir assistir aos trabalhos do Congresso d'Archeologia em Bruxellas, e de outro para o adiantamento das sciencias, que se reuniria depois em Bordéos; ficando o sr. vice-presidente com a direcção da associação.

Na assembléa geral de 2 de novembro, presidida pelo sr. vice-presidente, se fizeram as eleições para os cargos da mesa para o anno seguinte, ficando reeleitos todos os membros que já serviam estes logares.

Foram approvados novos socios effectivos, correspondentes nacionaes e estrangeiros.

Em 11 de janeiro de 1873 installou-se a mesa. O sr. Thesoureiro apresentou o relatorio e contas, receita 335$794 réis, e sendo a despeza 77$392 réis. Nomeou-se a commissão revisora de contas.

Na sessão de 22 de fevereiro foi apresentado um projecto para se formar uma Associação Philanthropica de Artes Liberaes; foi remettido ao Conselho para dar o seu parecer.

Na assembléa geral de 23 de maio apresentou-se a proposta para haver uma commissão d'Archeologia na cidade de Braga; mandou-se ouvir o conselho.

Foi approvada a entrega da exposição feita aos vereadores da Camara Municipal de Lisboa, ácerca do terreno usurpado pertencente á serventia *da porta travessa da antiga egreja do Carmo.*

O conselho approvou que estivessem expostos na associação os notaveis dezenhos que definem o estado actual do *Hôtel de Ville de Paris,* e que servem de ponto de partida ao concurso dos novos projectos para a sua reconstrucção; os quaes foram remettidos ao socio o sr. J. P. N. da Silva quando ultimamente passou por aquella capital, para lhe servirem para o indicado fim.

Foi apresentado na sessão de 6 de junho á assembléa

geral um primoroso dezenho da notavel pedra *Formosa de Briteiros*, tendo sido remettido pelo nosso zeloso socio correspondente o sr. Cesario Augusto Pinto; desejando que a real associação lhe désse a explicação do que ella representa. Nomeou-se uma commissão para esse fim, sendo eleitos os socios os srs. Abbade Castro, Conselheiro Assis, e Rambois.

Leu-se n'esta mesma sessão o parecer da commissão revisora de contas, dando-as a assembléa por approvadas, e um voto de louvor ao digno thesoureiro e socio o sr. Feliciano de Sousa Correia.

Pedindo o respeitavel socio o sr. Marquez de Sá da Bandeira, presidente do jury do concurso para o Asylo de Cegos e Entrevados, se prestasse uma das capellas da associação para se exporem os projectos do referido concurso, foi-lhe concedido da melhor vontade. Foram approvados novos socios.

Na sessão de 19 de setembro se determinou se fizessem as assignaturas de diversas publicações artisticas e archeologicas de França, de Inglaterra e de Hespanha.

Em 7 de novembro participou-se á assembléa geral o sentido passamento do socio fundador o sr. José da Costa Sequeira; lançou-se na acta voto de sentimento.

Foi apresentado o convite do Secretario da Commissão Nacional da Secção de Bellas Artes, para que os socios da associação tomassem parte na Exposição Universal de Vienna d'Austria.

Procedeu-se ás eleições para o anno seguinte, ficando reeleitos os mesmos membros do actual em exercicio.

Na assembléa geral de 4 de dezembro se deliberou pedir ao Governo mandasse abrir concurso para os projectos do Palacio de Justiça e da Peniteciaria.

Ficou aceito o convite da Associação promotora da Architectura em Hollanda para o concurso d'um projecto d'uma Praça de Commercio, fazendo-se tambem o annuncio nos jornaes da capital para os outros artistas.

Em 16 de março de 1874 teve logar a sessão solemne da associação, que por motivos ponderosos não se pôde realisar em 22 de janeiro.

Inaugurou-se o retrato do fallecido collega o sr. José da Costa Sequeira, e foi lido o seu *Elogio Historico* pelo sr. presidente que se havia encarregado d'este trabalho.

Assistiram a este acto os parentes do socio finado, e muitas outras pessoas que para esta sessão tinham sido convidadas.

O sr. presidente J. P. N. da Silva em um discurso relatou os progressos que tem alcançado a nossa real associação, e o augmento dos objectos archeologicos do museu.

Leu o socio secretario o sr. Valentim José Correia, o relatorio circumstanciado de todos os trabalhos do anno findo.

A ARCHEOLOGIA

A importancia e extensão da archeologia affirmam-se pela dependencia mais ou menos directa em que d'ella estão a litteratura, as artes e grande numero de sciencias.

Como a historia, esta sciencia occupa-se do passado; mas d'um passado sem limites na chronologia ou na tradição. Explora e descobre, examina e estuda os productos do trabalho humano de outras eras, e arrancalhes todas as revelações possiveis; investiga a tradição, a mythologia, e os symbolos representativos da idéa e da palavra; interroga, compara e critica todas as suas significações, e assim enriquecida com os resultados dos seus estudos illumina e amplia a historia das artes, das sciencias e da civilisação dos povos até ao termo em que emmudecem os documentos escriptos, e a tradição cessa. Mais além transporta-nos por novos caminhos a mais remotas eras, já fóra do alcance de todos os calculos chronologicos, e apresenta á contemplação do nosso espirito o quadro das manifestações que deixaram sobre a terra o infinito numero de gerações humanas que surgiram e desappareceram no immenso lapso de tempo decorrido entre a idade do bronze e o periodo que em geologia se denomina *terciario medio*.

Existe portanto uma raia qne reparte esta sciencia em duas secções distinctas: a archeologia propriamente dita, e a archeologia prehistorica. A primeira d'ellas comprehende a paleographia, a epigraphia, a philologia, e o exame de todos os assumptos dos tempos historicos e que respeitam ás bellas artes, á numismatica, e a todos os mais objectos archaicos procedentes da arte humana, como documentos escriptos, utensilios, vasos, adornos, armas, instrumentos de guerra, etc. A segunda abrange todos os productos do trabalho humano; pelas suas fórmas, destinos, substancias de que são fabricados, condições de jazimento no sólo, e mais circumstancias que os acompanham, se reconhece que não pertencem aos tempos historicos, taes são: certos tumulos, as crastas, os dolmens, e outros monumentos analogos; os vasos, armas, symbolos, utensilios e adornos, fabricados de pedra, de substancias animaes e de barro. Todavia os limites d'estas duas divisões da archeologia não são, nem podem ser invariaveis; porque, assim como a archeologia prehistorica avança com as suas descobertas na noite dos tempos, assim tambem a

archeologia do periodo historico se dilata por eras que outr'ora não lhe pertenciam, isto é, a historia compellida pela archeologia transpõe as suas antigas barreiras e conquista dominios que lhe estavam defesos, como aconteceu com a historia do Egypto.

E de facto os documentos escriptos, as legendas, os productos da arte humana, os symbolos esculpidos nos monumentos architectonicos, recolhidos no presente seculo das explorações de Thebas, de Memphis e dos tumulos dos Pharaós, devidamente interpretados, e comparados com os dados chronologicos que os sabios da antiguidade nos legaram, tudo tem concorrido para levantar o espesso véo que occultava a verdadeira antiguidade do povo egypcio, recuando a sua chronologia para além de 20:000 annos antes de J. C.

Ainda mais, as explorações archeologicas recentemente executadas no sólo banhado pelas aguas do Tigre e do Euphrates, vieram provar que aquelle povo existia de ha muito, quando a civilisação se acercou d'aquellas regiões, e surgiram Ninive e Babylonia.

Todos sabem que o estudo das antiguidades não é uma preoccupação do actual progresso ou da moderna civilisação; bem ao contrario, em todos os tempos o estudo dos differentes ramos da archeologia prendeu sempre mais ou menos a attenção dos homens dados á cultura das sciencias e das letras. Assim está averiguado que os padres do Egypto tinham colleccionado grande copia de dados archeologicos sobre os quaes outro padre egypcio, Manethon, no reinado de Ptolomeu Philadelphio e por ordem d'este, coordenou e redigiu em tres volumes o resumo dos fastos do Egypto. (*) Sabe-se tambem que Diniz de Halicarnaso estudou as antiguidades da primitiva Italia, e com os materiaes colligidos nas suas investigações e auxiliado pela tradição coordenou e publicou, alguns annos antes de J. C., as suas *Antiguidades da Italia*.

Reportando-nos, porém, a um periodo muito mais recente, 15 a 16 seculos depois dos trabalhos de Diniz de Halicarnaso, vemos começarem de novo na Italia as explorações archeologicas, e n'ellas tomarem parte Miguel Angelo, Vignola, Palladio, e outros muitos artistas e sabios de alto renome. Os resultados d'estas investigações para a descoberta de grandes monumentos e outras obras d'arte da antiga Roma foram tão transcendentes para as artes e letras que deram logar a essa grande revolução denominada a *renascença*, em virtude da qual a architectura ogival e bysantina cederam o logar á architectura latina. Os trabalhos não têem cessado até hoje, e no seculo passado foram coroados com a descoberta na Campania das cidades romanas Stabiæ Herculanea e Pompeia, que ha cerca de 18 seculos tinham totalmente desapparecido sob o espesso deposito de cinzas que o Vesuvio lançou nas suas erupções do anno 79 da nossa era.

Todavia foi do seculo 16 a esta parte que o estudo da archeologia se desenvolveu com fervor em toda a Europa, como uma repercussão dos trabalhos e investigações tão auspiciosamente encetados e desenvolvidos em quasi toda a Italia. Organisaram-se então numerosas associações academicas em quasi todas as grandes cidades da Europa, sendo a primeira d'ellas a Academia dos antiquarios de Londres, instituida pela rainha Izabel de Inglaterra; e crearam-se museus de archeologia de um grande valor, já a expensas dos estados, já das corporações ou dos particulares, de modo que não ha hoje capital de nação alguma da Europa que não possua ao menos um d'estes museus; possuindo-os igualmente as capitaes de muitas das divisões dos estados, e não sendo raro encontrar em modestas povoações da Italia, da França, da Allemanha, da Inglaterra e da Scandinavia, museus archeologicos de grande interesse scientifico, e que encerram, ao menos, a collecção de dados relativos ás antiguidades da provincia ou da região.

Os governos e as corporações, porém, não se contentaram em fazer explorar as riquezas archeologicas do solo patrio; as suas vistas têem ido e vão muito mais longe. Organisaram e enviaram, como ainda hoje organisam e enviam, expedições scientificas a differentes paizes extranhos, desde as regiões banhadas pelo Mediterraneo, mar Negro e Golpho Persico, até o interior da Asia e da America, para ahi procederem a trabalhos de pesquisa, estudarem e recolherem todos os dados e documentos que possam contribuir para alargar a esphera dos conhecimentos humanos, ou que possam interessar á civilisação.

É assim, procurando aproveitar os productos da intelligencia, da experiencia e do trabalho das gerações que passaram, e que a historia nos não revelára, que as sciencias, as artes e a litteratura têem obtido poderosissimo auxilio para o seu desenvolvimento.

As applicações que hoje se fazem do calor, da electricidade, da luz, da mechanica na esphera da actividade humana, são o fructo de profundos estudos e de milhares de experiencias accumuladas desde seculos.

Sem fallarmos nos valiosos subsidios com que a archeologia tem enriquecido as sciencias moraes e a litteratura, outros de não somenos importancia tem ella fornecido ás sciencias e ás artes. Em verdade que serviços não prestaram á astronomia e chronologia os trabalhos scientificos executados n'este campo pelos egypcios e

(*) *Antiguidade das raças humanas* por G. Rodier.

chaldeos, e que só as descobertas archeologicas nos vieram revelar? Não offerecerão os exemplares archeologicos relativos á historia natural preciosos esclarecimentos sobre a fixidade ou variabilidade dos caracteres especificos de muitos animaes e vegetaes em outras regiões do globo, e concorrerão para illuminar a transcendente questão, hoje tão debatida, da transformação das especies?

Não offerecerão os mesmos exemplares proveitosas luzes sobre a emigração ou a presença de certas raças de homens, e mesmo sobre as relações commerciaes e industriaes dos povos da antiguidade? A arte da guerra e a litteratura militar são dois ramos de conhecimentos que bastante têem aproveitado com as explorações archeologicas, quer seja no tocante ás armas de guerra, quer ás fortificações e campos entrincheirados, quer ao ataque e defeza, quer no que respeita á tactica. Se na arte do engenheiro a archeologia nada nos ensinou com relação a caminhos e pontes de ferro, legou-nos todavia a antiguidade bellos exemplares relativos ao córte das pedras, ás argamassas e cimentos, ás fundações, á estabilidade das muralhas, ao equilibrio das abobadas, etc. O exame e estudo das moedas, das medalhas, e mais objectos de metal empregados no adorno, no serviço domestico, nas artes industriaes e na guerra, a analyse das escorias das fundições dos phenicios e romanos, tudo nos fornece util lição e preciosos esclarecimentos para a historia da metallurgia e da fabricação dos artefactos de ferro, bronze, prata e ouro.

As artes ceramicas tambem têem aprendido na archeologia, não só emquanto ás fórmas dos objectos, como no que respeita ao fabrico das faianças, porcelanas e esmaltes; sendo certo que não se dão aos vasos que hoje se fabricam fórmas mais esbeltas e elegantes, nem ornamentações de mais effeito artistico do que ostentam os vasos etruscos, gregos e mesmo egypcios; e que nas porcelanas e nos esmaltes dos vasos egypcios ainda ha muito que admirar e aprender. A esculptura e architectura dos tempos antigos continuarão a ser modelos para os modernos. Emfim á politica tambem chegou a sua vez de se aproveitar dos estudos archeologicos, pois que se pretende a emancipação do ducado de Schleswig com o fundamento de que a archeologia e a linguistica do povo provam até á evidencia que a sua origem é pura e simplesmente scandinava, e nada tem de allemã.

Se a archeologia tem tão alta significação e importancia e é cultivada com tanto afan nos differentes paizes da Europa e da America civilisada, era de esperar que o fosse igualmente em Portugal, onde tantos esforços se fazem para acompanhar as nações mais adiantadas em civilisação; mas infelizmente não acontece assim. Quem pretender aquilatar a civilisação do nosso paiz pelo numero e valor dos museus de antiguidades que possuimos, pelos estudos archeologicos que se tem feito, com pezar o dizemos, chegará á conclusão de que não estamos a este respeito muito mais adiantados do que se achavam nossos paes na idade media.

Se por um lado é certo que temos tido e possuimos homens de erudição e sciencia, muito dedicados ás cousas archeologicas da nossa patria, por outro não é menos verdade que estes assumptos não estão ainda no gosto nem no animo das pessoas que mais podiam e deviam tomar a peito auxiliar e fazer desenvolver entre nós similhante genero de estudos.

A verdade é que quando na Italia Miguel Angelo, Palladio e outros nomes illustres descobriam com as suas explorações os restos monumentaes da antiga Roma, e d'elles surgia a renascença com todo o seu esplendor, e o nosso sabio e erudito portuguez André de Resende publicava a historia das antiguidades d'Evora, D. João I e o Cardeal Rei ordenavam a demolição dos templos gentilicos do Torrão, de Villa Viçosa e de Evora, verdadeiros monumentos d'arte, para com as suas bellas columnas decorarem as igrejas que se estavam então reformando ou erigindo.

Vergonhoso contraste, pungente ironia!

Mais tarde, e ainda não ha muitas dezenas de annos, os conegos da collegiada de Guimarães, os conegos regrantes de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra, e a exemplo d'estes outros muitos, deturpavam o interior dos magestosos templos que lhes estavam confiados, pintando de azul e ouro, e revestindo de azulejos as abobadas das naves, as suas laçarias e paredes.

Hoje, é verdade, já não se pintam nem caiam as abobadas, as paredes de cantaria, os relevos e ornatos dos nossos principaes templos; mas tambem é infelizmente verdade que, exceptuando os mosteiros de Santa Maria de Belem e o da Batalha, vemos a conservação e restauração dos monumentos historicos e artisticos da nossa terra, como a Sé Velha de Coimbra, o templo de Santa Cruz da mesma cidade, o mosteiro de Alcobaça, o convento de Christo em Thomar, e tantos outros, entregues aos *cuidados do tempo e do camartello!*

Em todos os paizes onde ha verdadeira affeição ás artes, respeito pela tradição, e amor pelas recordações historicas, existem commissões officiaes que têem a seu cargo, não só vigiar pela conservação e restauração dos edificios antigos, que mais podem interessar á civilisação de cada povo, ou perpetuar as glorias patrias, mas tambem descrevel-os: em Portugal, onde não são raros os monumentos historicos e artisticos legados por nossos maiores, não ha uma providencia que os preserve das

deturpações e da destruição, e por isso se vão aniquilando, não restando de muitos d'elles senão restos mutilados pela barbarie, ou algumas paredes derrocadas.

Corre parelhas com este desamor e abandono a falta absoluta de museus archeologicos nas principaes terras do reino: e para deshonra nossa nem a capital possue um só qu eseja de antiguidades nacionaes, quando, sem fallar mesmo na Hespanha, tem os o Cairo e Constantinopla sob os auspicios dos governos do Egypto e da Turquia.

O começo de um modestissimo museu archeologico estabelecido entre as paredes arruinadas do convento gothico do Carmo em Lisboa, onde tambem se acha installada a nossa Sociedade dos Architectos portuguezes, é o unico specimen d'este genero que Portugal possue, e ainda assim propriedade da mesma Sociedade e creado pelos cuidados dos seus membros.

O Atheneu da cidade do Porto e o Museu municipal estabelecido na mesma cidade, embora encerrem curiosidades de subido valor, não são nem podem considerar-se verdadeiros museus archeologicos.

Nos outros ramos de archeologia não estamos em geral muito mais adiantados. Se exceptuarmos o estudo da paleographia e da diplomatica, e, se se quizer, as collecções da Torre do Tombo e o archivo dos Proprios Nacionaes, onde estão archivados copiosos documentos de grande merecimento litterario, e de grande valor para a historia politica e administrativa do nosso paiz, e umas quantas collecções de medalhas e moedas que ha em Lisboa, a mais rica das quaes é propriedade de Sua Magestade o Senhor D. Luiz, póde dizer-se que não possuimos nenhuns outros estudos, nem um estabelecimento de antiguidades que mereça esse nome.

Por muitas razões, e a principal d'ellas pela nenhuma affeição que a grande maioria dos nossos homens de letras e de sciencia têem pela cultura d'este genero de estudos, não esperâmos que Portugal mande fazer trabalhos de investigação fóra do solo patrio, como mandaram o Piemonte, a Dinamarca, a Hollanda e a Suissa; e ainda menos que, á similhança da França, da Inglaterra, ou da Italia, se enviem expedições a fazer excavações e estudos archeologicos em regiões longinquas; mas ao menos o que desejavamos é que a nossa incuria nos não levasse ao ponto de não nos interessarmos sequer pela exhumação da cidade de Cetobriga sepultada nos areaes de Troia defronte de Setubal, e que tenhamos o mau gosto de deixar que uma empreza estrangeira adquira aquelles areaes e vá ali fazer as explorações que entender, com o fim de recolher e transportar para fóra de Portugal as riquezas artisticas que as mais fundadas presumpções attestam ali existir, e de que são já conhecidos preciosos exemplares, que param em mãos de alguns amadores de antiguidades, objectos que deviam ser explorados, colleccionados e estudados por nacionaes, e archivados em estabelecimentos scientificos portuguezes.

Se as explorações archeologicas de Troia ao sul de Setubal, tão promettedoras como são, não têem inspirado a quem devia e podia ter iniciativa n'ellas o interesse que merecem, como poderemos esperar a execução de outros muitos trabalhos, já no litoral do Algarve, já em Evora, Villa Viçosa, Alcacer do Sal, Valle da Escusa (entre Castello de Vide e Marvão), em Condeixa, Braga, Chaves e outras muitas localidades, onde estanciou por seculos a civilisação da antiga Roma, e em partes a arabe? Ousaremos pedir que se crie e dote um estabelecimento que tenha a seu cargo a conservação dos monumentos historicos e artisticos de Portugal, as explorações archeologicas do solo patrio e a organisação de um museu do estado, onde se recolham, colleccionem e descrevam todos os objectos de archeologia, que for possivel obter pelas explorações, por donativos, por compra, ou mesmo por emprestimo?

Causa-nos doloroso constrangimento termos de satisfazer a perguntas que com referencia a este assumpto nos são feitas por sabios estrangeiros que visitam o nosso paiz. A nossa vergonha, se não é maior, iguala ao menos o espanto de que ficam tomados esses illustrados visitantes quando lhes respondemos que « não temos estabelecimento algum publico d'esta natureza, nem se tem feito nem fazem em Portugal trabalhos seguidos e de alguma importancia scientifica nos diversos campos da archeologia » !

A creação portanto em Lisboa de uma instituição similhante, e devidamente subsidiada, satisfaria a uma grande necessidade, e alliviar-nos hia de um descredito, que tanto nos rebaixa e envergonha no conceito das nações illustradas.

C. R.

O SARCOPHAGO ROMANO DESCOBERTO NA EXTREMADURA

Em Portugal ainda que se tenham descoberto muitas sepulturas romanas, e urnas cinerarias correspondentes á epocha gentilica, em que os enterramentos se faziam por diversos modos, todavia o que é muito raro é encontrarem-se sarcophagos do tempo do dominio romano na peninsula, e por este motivo o sarcophago que está depositado no museu do Carmo é considerado pelos homens da sciencia, tanto nacionaes como estranhos, co-

BOLETIM

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Estampa 1ª

mo uma das principaes preciosidades d'archeologia que possue Portugal; portanto para tornar mais conhecida esta curiosa antigualha, damos uma bella photographia (*) com este primeiro numero da nova serie da publicação architectonica e archeologica da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, em continuação do seu antigo jornal, offerecendo aos socios uma fiel reproducção de tão raro objecto, que tem sido admirado pelos amantes das antiguidades e avaliado no devido apreço que merece esta descoberta romana, encontrada no solo portuguez.

Diz o distinctissimo archeologo hespanhol o sr. D. José Amador de los Rios, no Quaderno XV do Museu Hespanhol de Antiguidades nas pag. 252 e 253 o seguinte: «Este sarcophago *unico* talvez da sua especie nas regiões occidentaes da Iberia... Não seria portanto licito, nem conforme a rasão historica, desbulhar o solo portuguez da honra artistica que poderam adquirir, em aquelles remotos tempos, os sarcophagos pagãos dos museus do Porto e Lisboa».

Escudados com a opinião a este respeito de tão douto cavalheiro, ser-nos-ha licito encarecer este achado, dando á luz a historia do seu descobrimento, assim como a descripção de suas esculturas, e tambem procurarmos descobrir a epocha correspondente em que fôra executada esta obra.

Fomos assás felizes em haver descoberto em 1868 na quinta da Gafa, em Alcobaça, este sarcophago (estampa 1.ª); estava desprezado e enterrado no estrume, a fim de ficar em altura sufficiente para que animaes suinos podessem tomar o seu sustento, que dentro d'elle se lhes dava!

Foi todavia com grande difficuldade que o podêmos obter do quarto possuidor a quem então pertencia; porém se elle nos foi cedido, devemol-o aos esforços e á generosidade do sr. commendador Joaquim Silverio Raposo, e ao concurso do sr. Doutor Francisco Maria de Lima e Nunes. Ambos estes senhores são dignos socios correspondentes da nossa associação; aproveitamos pois com muito prazer esta nova occasião para lhes repetirmos os nossos sinceros agradecimentos, e mostrar-lhes que não nos esquecemos nunca dos obsequios recebidos.

O logar em que primitivamente foi descoberto em 1790, na occasião d'um cultivador plantar uma nova vinha, chama-se o *Vallado dos Frades*, no Couto d'Alcobaça, a 5 kilometros d'esta villa.

Estava assente sobre seis pequenas columnas, e tinha gravada uma extensa inscripção sobre a pedra que o cobria. Foi depois transportado para a abbadia d'Alcobaça, pertencendo elle aos frades por ter sido descoberto nas terras que lhes haviam sido doadas por El-Rei D. Affonso Henriques, e augmentadas depois por outras concedidas pelos reis a seus successores. Ficou então collocado debaixo d'uma das arcadas do claustro, e em frente da casa do capitulo.

Este sarcophago é todo de marmore branco; até ao anno de 1834 tinha-se conservado um fragmento da pedra da inscripção que fôra quebrada em 1810; infelizmente esse fragmento perdeu-se. Por mais diligencias que fizemos não foi possivel alcançar nenhuma informação do que continha este tumulo, na occasião de ter sido descoberto.

As figuras que formam a composição da esculptura em alto relevo na face principal do sarcophago, posto que algumas d'ellas tenham partidas as cabeças, todavia pelos attributos que conservam entre as mãos, se reconhece representarem o côro das nove Musas, pois se podem designar algumas pelos seus respectivos nomes; principalmente as que conservam ainda emblemas das suas attribuições, como está representada a segunda figura da esquerda do espectador, sustendo na mão a comprida flauta pastoril *(fistula pánica)*; indica ser *Euterpe*, inventora do instrumento musical.

Tambem a outra figura que mostra uma mascara comica é *Thalia*, Musa da Comedia.

Aquella que tem uma lyra é *Polymnica*, por lhe pertencer este emblema.

A que sustenta na mão esquerda uma esphera é *Urania*, conforme indica este attributo.

A figura encostada a um pedestal deve representar a *Eloquencia*, tanto pela sua attitude, como pela ordem em que está collocada; e a outra figura central, pelo logar que occupa, deve-se suppor ser Apollo.

É para notar a posição da mão direita d'esta figura central, e a maneira como tem dispostos os dedos; pois estando a dita mão fechada conserva comtudo os dois dedos, o indicador e o medio, levantados, parecendo marcar o rhythmo aos musicos, dos quaes os collocados do lado esquerdo em acção de ferir os seus instrumentos têem os rostos inclinados para a mão que está na posição indicada; e esta particularidade mais nos convence ser a referida figura a de Apollo.

As duas cabeceiras estão adornadas, cada uma d'ellas, por um genio extinguindo contra a terra o facho sobre que se apoia, não só para symbolisar o fim da existencia do finado, como egualmente fazer sentir o passamento d'um genio superior.

A significação na escolha d'estas esculpturas n'este sarcophago nos induz a pensar que elle pertenceu a al-

(*) Tirada pelo habil photographo da Casa Real o sr. Henrique Nunes.

gum protector esclarecido das letras e das bellas artes; e, não obstante ser encontrado nos limites do solo da Lusitania, pelo exame da execução d'este trabalho indica já a decadencia da arte romana: portanto é obra anterior ao IV seculo; e a representação das Musas n'este sarcophago nos demonstra ter sido destinado a guardar os despojos mortaes d'um gentilico.

Suppomos opportuno fechar este artigo transcrevendo algumas eruditas considerações que o nosso distincto consocio o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos publicou no seu folhetim, em que dava noticia da monographia dos sarcophagos do Porto e Lisboa, que foi publicada pelo eminente archeologo hespanhol, e corre impresso no *Jornal da Noite* de 10 de janeiro de 1873, em que pondera o seguinte:

.....

«É possivel que a divisão da Lusitania, deixando naturalmente a cargo de duas nações diversas a obrigação de procurar, conservar e estudar os monumentos d'aquella afamada provincia romana, fizesse com que nenhuma d'ellas tomasse em verdade na conta de impreterivel dever proprio esse constante cuidado. A Lusitania perdendo a autonomia deixou de ter historia. A curiosidade ácerca das suas tradições perdeu o incentivo do amor patrio, e os portuguezes que pela primeira vez foram appellidados de *lusitanos* em uma oração latina, pronunciada em Roma pelo bispo de Evora D. Garcia, não curaram das tradições romanas emquanto o renascimento das letras não promoveu na Europa esses estudos que o progresso da civilisação desenvolveu e apurou largamente na nossa idade.

.....

«É pois rasoavel a indicação do sr. D. José Amador de los Rios, *(habitual incuria de modernos moradores);* porém áquella origem de indifferença é necessario acrescentar outras que de idade em idade a foram robustecer mais ou menos até aos nossos dias, não sem algumas honrosas excepções de que a nação se gloria, e a que a Europa tem rendido homenagem».

Por ser o unico d'esta especie de que até hoje haja noticia no nosso paiz, pela execução de sua esculptura, que nos mostra ainda um deslumbre fugitivo da bella composição d'arte romana, e posto que se ache mutilado, é comtudo um objecto muito interessante para o estudo archeologico, e é sem duvida tambem a mais importante de todas as outras antiguidades que existem no Museu d'archeologia de Lisboa; por isso será digna de ser bem aceita pelos socios da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes a estampa do presente numero da sua publicação.

J. da S.

O CASTELLO DE LEIRIA

(APONTAMENTOS E CONJECTURAS)

Pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, professor do Lyceu em Leiria

..... Fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,
A conversar co'as pedras solitarias,
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu.....
(Garrett—Cam., cant. 7.º)

Se é exacto o que diz Brandão na 3.ª parte da Mon. Lusitana, e verdadeiros os documentos em que se funda, não fallando agora n'outros escriptores mais modernos e de conta, o Castello da cidade de Leiria foi originariamente levantado pelo Senhor D. Affonso Henriques no anno de 1135; e o fim que El-Rei teve em vista foi obstar ás correrias que os mouros de Santarem faziam até Coimbra.

Ha comtudo quem pretenda, que já antes o possuiam os mouros, e que aestes o tomára o nosso Principe á força d'armas. Assim Faria e Sousa, na parte 3.ª, cap. 12 da sua *Europa Portugueza*, faz menção d'um mouro por nome *Albarac*, que era alcaide de Leiria em tempos do Conde D. Henriques, e que veio a fazer-se christão. Do mesmo modo sentem Duarte Nunes de Leão, o Conde da Ericeira, D. Joaquim de Azevedo, e outros. Duarte Nunes dá esta conquista em 1117; o que Antonio Brandão refuta, a meu ver completamente, com a Chronica dos Godos, Doação do sr. D. Affonso Henriques, carta do mesmo ao Papa Adriano IV, e finalmente com o Foral dado pelo Principe aos moradores de Leiria.

Com effeito é a elle que as escripturas mais antigas attribuem a primitiva fundação do Castello, dizendo o fez *em terra deserta;* tendo-lhe dado comêço, segundo a Historia dos Godos, aos 10 de dezembro, no anno 7.º do seu reinado. Parece que se conta aqui o reinado do Senhor D. Affonso desde a prisão (se é verdadeira) da sua mãe em 1128.

Da palavra *deserta* se tem tirado argumento para affirmar, que antes do nosso primeiro rei não havia por aqui povoação alguma. Podia ser: mas tambem com a mesma palavra, e outras da Chronica dos Godos, é possivel defender o contrario. Se tomarmos a palavra *deserta* não em toda a sua extensão, como se tem tomado, mas applicada, em sentido mais estricto, sómente ao viso, ou corôa de penhasco, que particularmente é conhecido pelo nome do *Castello*, póde mui bem conceber-se, que só esse local fosse o deshabitado, e que as fraldas do mon-

te, até ás risonhas e fecundas ribeiras do Liz, fossem povoadas, quando menos, de pastores. E o que mais reforça a minha conjectura, são as palavras da Chronica dos Godos, que rezam assim: *Ibiprimum aedificavit castellum, et collocavit ibi habitantes in eo.* Edificou pela primeira vez ahi (em Leiria) um *castello*, e n'elle (in eo) metteu a gente que ahi (ibi, isto é, n'esta terra, em Leiria: notem-se bem estes termos) *habitava.* Ora se os dois *ibi* designassem o Castello, e não as terras circumvisinhas, a que viria a outra circumstancia de logar *in eo*, que visivelmente se refere a elle? Mais: e se, forçando a traducção, quizessemos verter *collocavit habitantes* por *povoou*, para fazer entender que a gente que o Senhor D. Affonso metteu no Castello a trouxe d'outra parte, a modo de colonia, que destino haviamos de dar áquelle *ibi* que se vê entre as duas palavras latinas, e que seria absolutamente desnecessario? Alem d'isso, porque não havia de ser povoado um logar, que, como tudo induz a crer, já o havia sido pelos romanos? D'onde vieram aquellas suas inscripções funerarias, que ainda hoje se vêem á entrada do Castello (Nota A)? Não se sabe com certeza, se a velha *Colippo* era por estes sitios, ou, como querem outros antiquarios, em S. Sebastião do Freixo. Mas dado que fosse ahi, porventura é crivel, que se mandassem vir de duas leguas de distancia as lapides tumulares para a construcção do Castello, sendo este limitado tão de perto, que mal excederá a um tiro de bala, por um circulo de montanhas, capazes de fornecer pedra para uma vasta capital, quanto mais para uma pequena fortaleza?

Logo as palavras citadas podem sem violencia significar — que o Senhor Rei D. Affonso Henriques, edificado o Castello, mandou recolher a elle, para o resguardar dos mouros, a população que já havia por alli, ou suas immediações.

Mas voltemos á historia. Concluida a obra, poz-lhe El-Rei por alcaide a Paio Guterres, que foi o primeiro d'este Castello; e fez doação do ecclesiastico d'elle aos conegos regulares de Santa Cruz de Coimbra; e logo S. Theotonio, que era o Prior, enviou alguns de seus religiosos a tomarem posse da egreja, á qual se deu invocação de Nossa Senhora da Penha. Os religiosos habitaram uma casa contigua á mesma egreja. Assim o contam Brandão, a Chronica dos Godos, e D. Luiz Caetano de Lima na sua Geographia Historica.

Passados cinco annos, isto é, no de 1140, andando o Senhor D. Affonso entretido pelas partes de Galliza, Ismar, rei dos Mouros, que no anno precedente se havia salvado da derrota de Ourique, achando a occasião opportuna para a desforra, ajuntou tropas de Badajoz, Evora e Santarem, e acompanhado de Auzechri, alcaide d'esta ultima praça, caiu sobre Leiria, tomou o Castello, queimou-o, e da guarnição a gente que não matou levou-a captiva com Paio Guterres. Os religiosos, diz o Abbade de Sedavim no seu Epitome da Historia Portugueza, foram queimados dentro da egreja; e isto obrigou a S. Theotonio a armar seus caseiros, e ir, ou antes, segundo crê D. Joaquim da Incarnação nos seus additamentos á Vida de S. Theotonio publicada em Coimbra em 1855, a mandar contra Arronches, que em desforço foi tambem tomada aos mouros.

D'ahi a alguns annos, ou no mesmo, foi o Castello recuperado, ou sómente reedificado; pois que nem quanto ao tempo, nem quanto á natureza do facto ha bastante clareza nas escripturas. Assim Brandão inclina-se a que fosse no mesmo anno de 1140, a Chronica dos Godos em 1144, e a do Senhor D. Affonso Henriques em 1145. O que parece não ter duvida, é que em 1142 já o Castello não era dos mouros, porque tanto a Doação como o Foral sobreditos são d'esta data.

E é de notar, que nem a Chronica dos Godos, nem a Doação, nem outro algum documento dos que Brandão produz, falla de recuperação armada, mas só de reedificação. Diz a Chronica: *Era de 1182* (corresponde a 1144 da era christã): *Idem rex Portugallis Dominus Alfonsus coepit reaedificare Castellum Leirenae in eodem loco quo prius fuerat constructum decimo sexto regni sui anno.* E a Doação: — *A Serracenis destructum iterum illud reaedificavi.* — O que d'esta desharmonia me parece a mim poder apurar-se é que os mouros, conseguindo o seu intento, que era desembaraçar-se do obstaculo que o Castello offerecia ás suas incursões, o arrasaram, recolhendo-se outra vez a Santarem; e que o Senhor D. Affonso depois, ou fosse em 1140, ou em 1142, 1144, ou 1145, o tornou a fortificar sem opposição do inimigo. (*Continuará*)

(NOTA A)

As lapides são umas oito ou nove, porém só duas são *inteiramente* legiveis; e d'uma terceira apenas algumas palavras, e essas quasi todas truncadas, com probabilidade se podem decifrar. Eil-as:

1.ª	2.ª	3.ª
D M	D M	D M
ALBVRAE	M. FRONTONI	C... VETIAERVI
TITI. F.	O. FRONTONI (·)	C... EAN XV...
DVTIA	M. FRONTONIV (··)	C... V...
AVITI. F.	AVITVS PA	... VAE E...
MATER	TRI. PIISSIM.	... AE...
F. C.	P. C.	... T T...
	S. T. T. L.	

(·) Aqui falta provavelmente um F (filio).
(··) E aqui um S, vindo a ficar FONTONIVS.

Além d'estas inscripções romanas ha ainda parte d'uma outra n'um pedaço de lousa que está mettido no cunhal d'uma sacristia velha na Egreja de S. Francisco; e é a seguinte:

D M
DIADVMENO
CARISIAE
AVITAE LIB

O lado inferior da lousa conhece-se que foi quebrado, e ainda se percebem fragmentos de letras, cujos restos estavam no outro pedaço que falta.

Fazendo-se em 1807 uma excavação em Monte Real, n'esse Monte-Real de que acima fallei, a N. O. de Leiria, achou-se um pequeno padrão ou monumento de marmore, cobrindo com um dos lados uma porção de medalhas romanas. Tinha uma inscripção, da qual apenas se podia ler o que se segue; o mais estava apagado:

...F S
FRON...
NIVSA
VITVS
AI...

Este Frontonio Avito era naturalmente o mesmo da inscripção do Castello, o pae talvez da Ducia da 1.ª inscripção, e parente de Carisia que mandou gravar a do seu liberto; denotando tudo uma poderosa familia romana que viveu por estes sitios.

V. da S. A.

ARCHEOLÒGIA CHRONOLOGICA DO ESCUDO D'ARMAS DE PORTUGAL

Qual será a antiguidade e o fundamento dos brasões de armas?

É esta uma questão, a que não é facil responder com exactidão por falta de provas e documentos authenticos que justifiquem as mil e uma asserções afiançadas por varios auctores portuguezes e estrangeiros, uns mais sinceros, ou mais apaixonados, que outros, ácerca da antiguidade e preferencia dos *blasões* d'armas.

Não obstante, porém, tanta obscuridade, tanta incerteza, e talvez mesmo confusão, nas diversas opiniões sobre o assumpto, especialmente em referencia á antiguidade, é forçoso reconhecer que seria pouco rasoavel persistir na mesma duvida em relação á preferencia e fundação d'um objecto, que progressivamente se tem ampliado e desenvolvido, como *monumento nobiliario*, e que tão facil e economicamente veiu substituir as famosas, pesadas, e dispendiosas estatuas dos gregos e romanos.

Alguem attribuiu aos assyrios a fundação da sciencia heraldica opinião, que não será de todo questionavel se considerarmos a sciencia, com referencia a signaes ou divisas, porque essas sempre as houve.

É, porém, sempre menos respeitavel tudo que apaixonadamente se exagera, e não é para estranhar que á força de enthusiasmo injusto se torne o objecto menos valioso.

Em Portugal, por exemplo, houve um escriptor que, na força do seu amor pela *armaria*, levou a antiguidade da sua fundação heraldica até ao tempo do patriarcha Israel, e, possuido d'essa idéa, não reparou que commettia um anachronismo visivel, dando como divisa na bandeira d'uma tribu (a de Ruben me parece) *dezoito homens armados de ferro com lanças na mão;* e, o que é mais, descreveu tudo com todas as regras heraldicas (1).

É, portanto, fóra de duvida que nos factos e nas cousas archeologicas ha sempre grande difficuldade em chegar precisamente á verdade, e que só uma critica muito rasoavel nos póde conduzir de supposição em supposição até á probabilidade.

Da exageração e teima na descoberta da antiguidade do *blasão* nada tem aproveitado em beneficio do facto, se é que isso não tenha sido causa de grande confusão, e de uma tal ou qual duvida, que tem prejudicado, talvez, o apreço e consideração que tanto merece o objecto.

Não julgo comtudo que seja essencialmente necessaria uma antiguidade prehistorica para demonstrar a utilidade e respeito, que se deve tributar a um objecto, que nos indica e attesta as boas acções dos nossos antepassados.

São factos que julgo não podem ser contestados *que se deve aos povos germanicos a idéa das divisas nos escudos*, como se deve á França o estabelecimento da sciencia heraldica, e que essa sciencia só mais tarde foi conhecida e apreciada pelos vencedores dos arabes, mas é tambem sem duvida que os arabes já conheciam esse modo de perpetuar as acções nobres e actos de heroismo.

O que é notavel, é que na vasta Peninsula Iberica só pelo meado do seculo XI fossem usados os escudos de armas, como se deprehende por aquelles que symbolisam as antigas nacionalidades, conhecidas pelos nomes Leoneza, Castelhana, Aragoneza e Portugueza, devendo esta ser a primeira, por isso que já então se conhecia o symbolo distinctivo da hoje cidade do Porto, e mesmo o de Coimbra.

Em Portugal o estabelecimento da heraldica como sciencia data do reinado de El-Rei o Senhor D. Manuel,

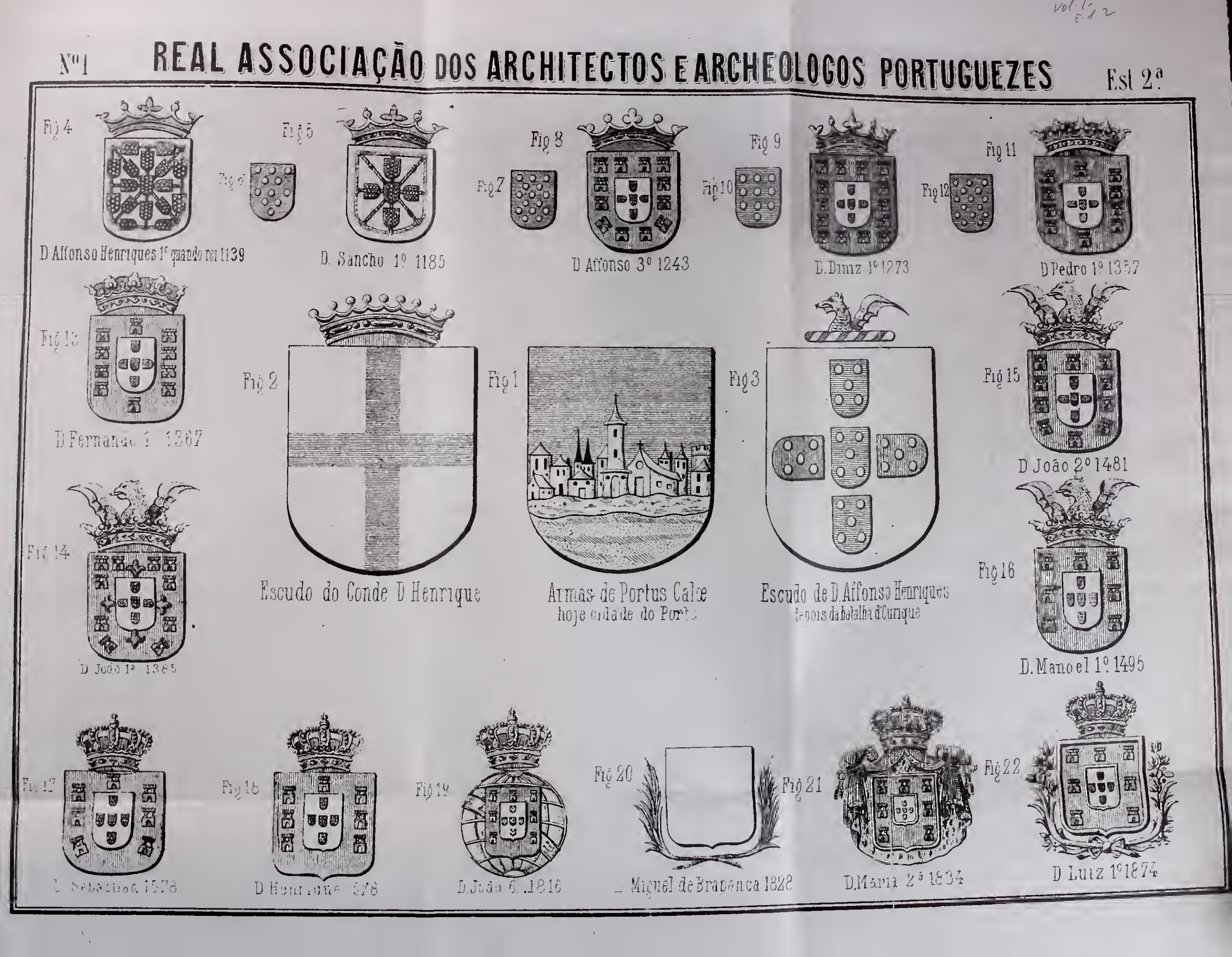


Fig 4
D Affonso Henriques 1º quando rei 1139
Fig 5
Fig 6
D. Sancho 1º 1185
Fig 8
Fig 7
D Affonso 3º 1243
Fig 9
Fig 10
D. Diniz 1º 1273
Fig 11
Fig 12
D Pedro 1º 1357
Fig 13
D Fernando 1º 1367
Fig 2
Escudo do Conde D Henrique
Fig 1
Armas de Portus Calæ
hoje cidade do Porto
Fig 3
Escudo de D. Affonso Henriques
depois da batalha d'Ourique
Fig 15
D João 2º 1481
Fig 14
D João 1º 1385
Fig 16
D. Manoel 1º 1495
Fig 17
D Sebastião 1578
Fig 18
D Henrique 1578
Fig 19
D. João 6º 1816
Fig 20
D Miguel de Bragança 1828
Fig 21
D. Maria 2ª 1834
Fig 22
D Luiz 1º 1874

não se julgue por isso que os escudos d'armas eram desconhecidos no paiz, e menos respeitados; pelo contrario eram estimados por muitas e nobres familias que, ou puramente portuguezas, ou descendentes de Castella, muito se honravam de lhe serem concedidos ou terem herdado *Escudos d'Armas.*

O uso d'aquellas insignias de honra e familia era assás conhecido e patente nas *armaduras, nos utensilios, nos castellos, nos sinetes, nos anneis e nas sepulturas,* tanto como distincção como signal de posse.

Nos contratos e documentos era o sêllo d'armas signal de approvação e confirmação (2).

A frequencia e notoriedade de taes usos sem regras e sem lei, foi o que despertou o cuidado do Senhor Rei D. Manuel, regulando official e scientificamente aquelle objecto, e tomando como base, em referencia ao seu reino, aquelles factos, que se praticavam por imitação dos estrangeiros (3).

O escudo d'armas do paiz tambem era uma prova de não ser o objecto desconhecido, e é d'esse que vamos tratar.

O primeiro escudo civico, que houve em terras portuguezas, foi o de *Portus Calœ* (hoje *Cidade do Porto*) e mesmo se diz que fôra depois commum para todo o condado das terras do Douro, que fôra o dote de D. Thereza, mulher do *Conde D. Henrique de Borgonha* (4).

A figura 1.ª mostra o Escudo de *Portus Calœ.* Em *Campo* azul *(bláo)* uma cidade de prata, *firme em terreno natural banhado* por um rio d'ouro, ondeado de verde *(sinoble)* (5).

A figura 2.ª mostra o Escudo d'Armas do Conde D. Henrique de Borgonha, pae de D. Affonso Henrique ou Henriques, fundador da monarchia portugueza. Em *campo* de prata cruz *firmada* azul *(bláo)* (6).

Foi em 1139 que teve logar a batalha d'Ourique, e n'essa acção entrou D. Affonso com o seu escudo em *branco,* como até ali sempre usára vencendo tão brilhantemente aquella batalha contra cinco reis mouros, entendeu, que era esse um feito d'armas, que lhe dava direito a tomar uma *divisa especial,* o que fez adoptando a que representa a figura 3.ª Em *campo* de prata cinco *escudetes* azues *(bláo)* em cruz carregados de cinco rodellas de prata *(bezantes) dispostos em aspa* (7) timbra uma serpe nascente (8).

Embraçando Affonso aquellas armas depois d'uma batalha que o cobriu de gloria, e que foi para elle a precursora da posse d'um reino, continuou as suas conquistas até tomar Lisboa, sendo então o fundador da monarchia portugueza.

D. Affonso continuou a guerra e usou sempre em seu escudo a divisa que tomára em signal de respeito, devoção e ufania.

Quando, porém, foi jurado rei de Portugal, tomou novo escudo d'armas para o seu reino pelo modo seguinte:

PRIMEIRO ESCUDO D'ARMAS DO REINO DE PORTUGAL

Em *campo* de prata uma *áspa* formada por um cordão roxo (purpura) contendo quatro pequenos escudetes de azul *(bláo)* aos cantos da *áspa* tendo cada um nove peças circulares *(bezantes),* dispostos ao alto 3 a 3 *(em pala),* sobre a *áspa* uma cruz formada pelo mesmo cordão, *carregada* de cinco escudetes de azul *(bláo),* tendo dos lados as pontas voltadas para o centro, e tendo cada escudete 13 *bezantes* de prata *dispostos em pala* de 4, 5, 4, cercado tudo pelo cordão servindo de *orla,* contendo oito nós de ouro e outros tantos escudinhos, iguaes em tudo aos primeiros, ficando quatro nós nos cantos, e outros alternados com os escudinhos fig. 4.ª (9).

Por morte de Affonso Henriques, succedeu seu filho Sancho I, o qual alterou o escudo, supprimindo os oito escudetes da *orla* e os quatro da *áspa,* substituidos por outros tantos nós de ouro (10).

D. Affonso II, adoptou o mesmo escudo, que se usara em tempo de seu pae D. Sancho I.

D. Sancho II, succedendo a seu pae, tambem approvou o escudo uzado em tempo de seu avô.

D. Affonso III, na ausencia de seu irmão Sancho II, usou, em quanto regente, do escudo paterno; d'esse tempo apparecem escudos com 16 *bezantes* em tres *palas* de 5, 6, 5 (11).

O mesmo rei succedendo a seu irmão, e, quando successivamente foram tomados varios castellos no reino do Algarve, alterou as armas reaes reduzindo os *bezantes* a 5 postos em *áspa;* tirou o cordão substituindo-o pela orla vermelha *(goles),* carregada por 12 castellos de ouro, tantos quantos os conquistados.

Continuada a guerra tomou mais dois castellos no Algarve, por isso augmentou no escudo o numero dos castellos elevando-o a 14 (fig. 8.ª) (12).

D. Diniz succedeu a seu pae D. Affonso III, e em seu tempo alterou se o numero dos dinheiros *(bezantes),* apparecendo umas vezes 11, outras 10, dispostos em 5 linhas horisontaes (*faxas*), como se vê nas figuras 8 e 9; a orla tambem foi alterada quanto aos castellos, que passaram a ser 12, dispostos 4 em *chefe,* 4 em *contrachefe* e 2 em cada lado.

D. Affonso IV, por morte de seu pae D. Diniz, parece que não se preoccupou muito do objecto, e encon-

tram-se do seu tempo escudos com 12 castellos, e outros com 14, como tambem nos *bezantes* se encontram 10 e 11 (fig. 4.ª, 6.ª, 10.ª).

D. Pedro I, successor de seu pae Affonso. IV, alterou em seu tempo o escudo com referencia aos castellos da orla, e adoptou fossem 12, dispostos 1 no alto *(chefe)* e 1 em baixo *(ponta)*, e quanto aos escudetes apparecem em 15 *bezantes* dispostos em 6 linhas horisontaes *(faxas)*, 3 na primeira, terceira e quinta, e 2 em cada uma das outras (fig. 11.ª e 12.ª) (13).

D. Fernando II subiu ao throno por morte de seu pae Pedro I, e em seu tempo alteraram-se os escudetes azues, tornando a apparecer os 5 *bezantes* de prata em áspa, conservando a orla e os castellos como no tempo de seu pae (fig. 13.ª).

As phases por que passou o escudo real durante o reinado dos mencionados reis podem ser consideradas como acontecidas na primeira *epocha* do escudo nacional de Portugal, por isso que no reinado seguinte é que teve logar a mudança que mais se approxima das armas actuaes.

Até esta epocha os escudos e escudetes foram sempre redondos em ponta, e depois de Affonso Henrique usou-se sempre a corôa aberta sem outro timbre.

D. João I, depois de acclamado Rei em 1385, alterou de modo muito especial o escudo das Armas Reaes, que então era a divisa de Portugal; o seu modo de pensar ostentoso e elevado fez que no escudo se fizessem bem patentes as honras que possuia e muito apreciava; como era Mestre da Ordem militar d'Aviz, quiz fizesse parte do escudo a cruz, symbolo d'aquella ordem, e sendo cavalleiro da Ordem Ingleza a *Jarreteira*, tambem ali a symbolisou, construindo o escudo do modo seguinte:

Ordenou se conservassem os escudetes como no tempo de Affonso III, tanto no numero dos *bezantes* como na sua posição e côr, e que em escudo de prata assentassem sobre a cruz verde da ordem d'Aviz *flordelisada* e *firmada* sobre a orla vermelha do escudo, e que essa fosse *carregada* por 10 castellos de ouro, dispostos 4 em *chefe*, 2 em *contrachefe* e 2 de cada lado, os quaes intercalados com as flores de liz da cruz perfaziam o numero de 14 peças, que antes eram representadas pelos 14 castellos.

Exteriormente ornou o escudo com o coronel do Duque tendo por timbre um dragão nascente verde *(sinoble)* ondeado de ouro voltado para a direita do escudo (*dextra*) (fig. 14.ª) (14).

D. Duarte, successor de D. João I, não alterou o escudo que seu pae tinha ordenado.

D. Affonso V, quando subiu ao throno, succedendo a seu pae D. Duarte, tambem não alterou o escudo de seu avô.

D. João II, foi successor de seu pae Affonso V, e no principio de seu reinado conservou o escudo de D. João I; depois ordenou que se omittisse a Cruz d'Aviz, conservando-se os 5 *bezantes em áspa* em cada um dos escudetes, e 10 castellos de ouro sobre a *orla* vermelha (*goles*) (fig. 15.ª) (15).

D. Manuel subiu ao throno, que se achava vago pela morte de seu primo paterno D. João II, e ao principio do seu reinado não se determinou nada ácerca de escudo d'armas; pelo contrario, até parece que pouco se curou de tal objecto; por isso que apparecem escudos d'essa epocha com 13 castellos, e outros com 10 na *orla*, e encontram-se tambem escudos acompanhados da esphera, que era a empreza que seu pae lhe concedêra: quando, porém, em 1590 regulou a Armaria, segundo as leis heraldicas, seguidas nas outras nações, por essa occasião determinou, que a *orla* do escudo real tivesse só 7 castellos, e é por isso que ha escudos do seu reinado de todas as fórmas (fig. 16.ª) (16).

D. João III, filho de D. Manuel, subiu ao throno por morte de seu pae, e novamente determinou, que na *orla* do escudo se collocassem 14 castellos, o que talvez fosse mais um capricho que uma regularidade; comtudo é d'essa epocha em diante que se encontra o blazonamento do escudo, conforme as regras heraldicas.

D. Sebastião succedeu a seu avô D. João III, e de seu tempo encontram-se escudos tendo na *orla* 14 castellos e outros com 7, numero que parece tornou a adoptar, quando ordenou, que se tirasse do escudo a corôa ducal, sendo substituida pela corôa fechada, symbolo da realeza (fig. 17.ª) (18).

D. Henrique, o cardeal-rei, subiu ao throno pela vacatura que occasionou o desapparecimento de seu sobrinho D. Sebastião; é no seu reinado, que se póde considerar o principio da terceira epocha do *blasão* d'armas de Portugal; porque aquelle rei fez alteração no escudo, a qual durou até D. João VI fazendo-se desde aquella epocha o blasonamento do modo seguinte:

Em campo de prata cinco escudetes de *blão* (azul) *dispostos* em cruz *carregados* cada um por cinco *bezantes* (dinheiros) de prata, *dispostos* em *áspa*, *orla* de *goles* (vermelha) *carregada* de sete castellos de ouro, sendo tres em *chefe* e dois de cada lado, tendo por timbre a corôa real (fig. 18.ª) (18).

A D. Henrique seguiram-se os Filippes, em cujo tempo se não tratou de tal objecto, ou, para melhor se dizer, foi um interregno da gloria nacional, de triste recordação.

Depois da expulsão dos hespanhoes, no memoravel

dia 1.º de dezembro de 1640, foi acclamado rei de Portugal D. João IV, e esse rei adoptou o mesmo escudo d'armas.

D. Affonso VI, e depois D. Pedro II, continuaram a usar o mesmo escudo.

D. João V, tambem o não alterou.

D. José e D. Maria I, não alteraram em seu tempo o escudo usado até então (19).

D. João VI, emquanto regente, conservou sem alteração o mesmo escudo; quando porém foi acclamado Rei ordenou que o escudo fosse assente na esphera armilar, que era a divisa ou empreza adoptada por El-Rei D. Manuel, e que D. João V, D. José e D. Maria I, já tinham adoptado no reverso da moeda que se cunhava para o ultramar, umas vezes só, e outras carregando a cruz da ordem de Christo.

Quando teve logar a separação do Brazil, ordenou-se que se tirasse a esphera e voltasse o escudo ao seu antigo estado de fórma e ornato.

D. Miguel de Bragança, filho segundo de D. João VI, quando se acclamou rei com o titulo de D. Miguel I, não alterou essencialmente o escudo das armas reaes, que seu pae usára, comtudo consentiu-se que na moeda fosse o escudo acompanhado exteriormente de duas palmas (fig. 19.ª) (20).

A Senhora D. Maria II, tambem não mudou em seu tempo as armas reaes, que passaram então a ser nacionaes, por isso que o systema do governo era o representativo; na moeda, porém, approvou se collocasse o escudo sobre o *pavilhão* com *cumulo* a que se chamou manto! (fig. 20.ª) (21).

D. Pedro V, adoptou e approvou (mesmo para a moeda) o escudo do tempo de sua mãe.

O Senhor D. Luiz tambem por agora tem adoptado o mesmo escudo, e, para a moeda, approvou-se que se pozesse o ornato d'uma palma e um ramo d'oliveira d'um lado, e do outro uma palma e um ramo de carvalho (fig. 21.ª).

NOTAS

(1) Veja-se o Livro das Armas, do rei d'armas Francisco Coelho.

(2) Veja-se a interessante collecção de sellos existentes no museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, bem como os sellos rodados ou gravados nos documentos diplomaticos, contratos, doações, etc.

(3) Carta de lei de 16 de novembro de 1590, postillada em julho de 1590, determinando a instituição da Armaria em Portugal, conforme as leis heraldicas.

(4) Aquella affirmativa é só appoiada nas collecções numismaticas d'aquella epocha.

Os documentos diplomaticos, onde parece se devia encontrar a maior prova, esses pelo contrario são authenticados com a *cruz firmada* no sello rodado.

(5) Na Historia genealogica da casa real diz-se que tinha tambem no rio tres navios.

(6) Era o escudo que lhe dera seu tio *Godofredo de Bulhão* na Palestina. Henrique de Borgonha nasceu em 1035, era o 4.º filho de Henrique de Borgonha, morreu em 1112, jaz em Braga, foi casado com D. Thereza, cujo dote foi o condado do Douro, que Henrique augmentou.

(7) Aquella divisa era allusiva á de seu pae. Quanto á cruz azul, e o numero de cinco escudetes eram em memoria das cinco chagas de Christo; os 5 bezantes, moeda mourisca, recordavam os 5 reis mouros vencidos, e o numero 6 multiplicado por si mesmo e juntando-se-lhe mais o numero dos 5 escudetes perfaz 30, numero que allude aos dinheiros por que fôra vendido o Redemptor do mundo.

(8) Affonso tomou como empreza, que depois se chamou *timbre*, meia serpe voltada para a direita.

(9) Para tão extensa decoração contribuiu o espirito da epocha, e as idéas de devoção ostentadas pelo novo rei, que se dizia inspirado; conservou portanto o escudo primitivo, juntando-lhe o cordão da ordem de S. Francisco, santo que se diz recebêra as chagas de Christo, e os 13 bezantes alludiam ao numero dos apostolos.

(10) Não estão bem definidas as rasões que foram causa de tal alteração.

D'aquella epocha encontram se escudos com differença no numero dos bezantes nos escudetes da cruz, como se vê nas figuras 6.ª e 7.ª, não ha documentos, que auctorisem essas differenças, e por isso só podem ser attribuidas, como outras muitas, a ignorancia ou pouca aptidão do artista.—NB. Foi no reinado d'aquelle rei que de todo acabou o sello rodado, sendo substituido pelo sello pendente.

(11) Aquella differença não está bem provada se foi ordenada; no caso negativo, talvez devam ser attribuidas as causas mencionadas anteriormente.

(12) A disposição dos 12 castellos era 4 em cima *(chefe)* e 4 de cada lado *dextro* e *sinistro;* depois, quando passaram ao numero de 14, a sua disposição era 4 em *chefe;* 3 de cada lado e 4 em baixo (*contra chefe*).

NB. A grande quantidade de castellos e pouco espaço para os collocar, deu logar a encontrarem-se grandes differenças no seu numero em escudos d'esses tempos, circumstancias que de modo nenhum podem influir na verdade do facto, que hoje veiu ser comprovado por um sêllo do tempo de D. Affonso IV que existe na preciosa collecção do sr. Possidonio da Silva, exposta no museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, já mencionado.

Na Igreja da Sé, no claustro, defronte da capella de Santo Antonio, nas portas chamadas da *Mouraria*, e no chafariz de Arroios havia *Armas* do tempo de D. Affonso III, e de D. João II, tendo todas mais de 10 castellos.

(13) Por tal fórma se encontram armas no tempo d'aquelle rei, e depois em tempo de seu filho D. Fernando II; comtudo ha falta de documentos authenticos, que provem legalmente tal disposição.

(14) D. João I, symbolisou no escudo as duas ordens que possuia, e determinou que o seu grito de guerra fosse *por S. Jorge!* não só por ser o santo patrono da Ordem da Jarreteira, mas tambem para se differençar do que até então tinham evocado os seus antecessores, que era o mesmo que usavam os castelhanos, *por S. Thiago, aos mouros!*

(15) Foi D. João II, que ordenou se tirasse do escudo real a cruz

da Ordem d'Aviz; não são conhecidas as rasões que para isso militaram; o facto teve logar, e alguem disse que fôra a rogo de D. Jorge, Mestre da Ordem de S Thiago. a quem el-rei muito honrava.

A cruz tirou-se e não foram substituidas as flores de liz na orla que representavam cada uma um castello, e por isso ficaram 10, sem que para isso se désse rasão alguma.

(16) No tempo de D. Manuel organisou-se o escudo; teve, porém isso logar quasi no fim do seu reinado, e por isso se encontra de seu tempo por diversas fórmas; na organisação seguiu-se quanto á posição dos escudetes e numero dos bezantes o mesmo que usara D. João II.

(17) D. Sebastião foi o primeiro rei que usou corôa real, do mesmo modo que n'essa epocha já os soberanos de França e Hespanha a principiaram a usar, e não era de certo com mais jus, attento o poderio do rei portuguez.

(18) Do tempo de D. Henrique encontram-se escudos cujo campo é elliptico (ovado), fórma que em heraldica é destinada aos padres e será essa talvez a rasão; comtudo não é raro encontrar escudos com a mesma fórma, mesmo depois da sua morte, circumstancia que parece não tem rasão nem explicação, a não ser desleixo ou ignorancia.

(19) Do tempo da Senhora D. Maria I apparecem varios escudos decorados de abundante esculptura; não consta que para tal houvesse ordem regia, nem mesmo a podia haver com fundamento scientifico, por isso que em heraldica se não conhecem ornatos de tal ordem.

(20) O Senhor D. Miguel, approvando a lembrança de se ornar o escudo na moeda com duas palmas, parece-me que commetteu (com o devido respeito) um erro heraldico, por isso que o escudo real nunca até então teve ornato exterior, e para o ter era necessario que aquelle senhor o decretasse.

(21) Em tempo da Senhora D. Maria II approvou-se (ignoro como) que se assentasse o escudo (na moeda) sobre o pavilhão regio, a que se deu o nome de *manto!* assim como se tem approvado que nas diversas especies de moeda haja differenças nos escudos. Quanto á primeira parte, parece que seria necessario mais que uma approvação para se fazer; quanto á segunda, é uma irregularidade, que tem por causa o menosprezo e ignorancia da sciencia, irregularidade que ha de causar grande confusão numismatica aos nossos vindouros, quando aquellas moedas se tornarem archeologicas, do mesmo modo que agora nos é difficil explicar faltas do mesmo genero.

Tem havido, portanto, em todos os tempos uma especie de anarchia heraldica, para que tem cooperado diversas circumstancias, sendo a principal o abandono e desleixo da parte de quem cumpria fiscalisar um objecto, que, a existir, parece que devia merecer mais attenção.

Tolerar tal abandono e confusão é não considerar que os escudos d'armas podem e devem ser um subsidio da historia patria, mas para isso é mister que seja uma cousa séria e verdadeira.

A vontade e gosto dos artistas, a sua maior ou menor aptidão, o desconhecimento das leis e sciencia relativas, tanto da sua parte como dos interessados, têem feito apparecer muitas irregularidades, e por isso mesmo na moeda se encontram grandes erros e faltas.

Escudos sem os *bezantes* nos escudetes, outros sem a designação respectiva de côr ou metal, forros, posições, ornatos etc., tudo se encontra e tudo se tem consentido. Como não ha fiscalisação, cada um faz o que quer e o que lhe parece mais *bonito!*

O que acontece nas obras particulares, tem-se dado infelizmente na moeda, que devia ser o typo exacto e scientifico do escudo d'armas do paiz, na qual se encontram escudos muito differentes conforme o genero de moeda, produzindo isso uma confusão que não tem rasão de ser, assim como se encontram faltas e erros indesculpaveis.

Francisco José de Almeida.

CHRONICA

El-Rei o Senhor D. Fernando se dignou fazer uma dadiva de subido valor á nossa Associação, da qual Sua Magestade é Protector, dando para ornar o Museu d'Archeologia uma collecção de 39 photographias tiradas dos objectos principaes e executados por artistas portuguezes, da riquissima galeria que Sua Magestade possue no palacio das Necessidades; objectos que figuraram na Exposição de Vienna d'Austria no anno findo.

O Real Instituto dos Architectos Britannicos felicitou a nossa associação por ter o governo de Sua Magestade concedido o titulo — Real —.

O nosso digno consocio o sr. Visconde d'Alemquer offereceu um Cippo pertencente a uma dama romana, que foi descoberto na sua propriedade de Olhavo.

O Jury da Exposição Universal de Vienna d'Austria votou um diploma de *Merito* ao nosso collega o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, pelos seus projectos architectonicos expostos n'aquelle certame publico.

MEMBROS DA MESA QUE DEVEM SERVIR EM 1874

Os srs:

Presidente — Joaquim Possidonio Narcizo da Silva.
Vice-Presidente — Conselheiro João Maria Feijó.
Secretario Architecto — Valentim José Correia.
Secretario Archeologo — Sebastião Philippe M. Estacio da Veiga.
Thesoureiro — Carlos Munró.

Secção de Architectura

Os srs:

Presidente — Conselheiro João Maria Feijó.
Secretario — José Antonio Gaspar.
Delegado — José Maria Caggiani.

Secção de Archeologia

Os srs:

Presidente — Joaquim Possidonio Narcizo da Silva.
Secretario — Joaquim Toledo Garcia.
Delegado — Ernesto da Silva.

Secção de Construcção

Os srs:

Presidente — Feliciano Correia de Souza.
Secretario — D. José de Saldanha Oliveira.
Delegado — Francisco José d'Almeida.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1865, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo.

BOLETIM ARCHITECTONICO E D'ARCHEOLOGIA

N.º 2

SUMMARIO

Relatorio da Real Associação do anno findo, pelo 1.º secretario architecto Valentin José Correia, pag. 17 — *Castello de Leiria*, (continuação) pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 19 — *Elogio historico*, do architecto João Pires da Fonte, pelo socio architecto José Antonio Gaspar, pag. 21 — *Descoberta d'uma villa rustica romana em Leiria*, pelo socio J. da S., pag. 24 — *Pintura em pergaminho*, pelo socio Abbade de Castro, pag. 24 — *Apontamentos archeologicos*, pelo socio correspondente F. A. Rodrigues de Gusmão, pag. 25 — *Numismatica portugueza*, pelo socio Jorge Cesar Figanière, pag. 26 — *Discripção da Ara de Trajana*, pelo socio correspondente Augusto Cesario Pinto, pag 28 — *Templo de Diana em Epheso*, pelo socio J. da S, pag 29. — *Profanação e Vandalismo*, pag 30 — *Chronica do trimestre*, pag. 30 — *Lista dos nomes dos novos socios*, effectivos e correspondentes nacionaes e estrangeiros continuação da que foi publicada no n.º 7 do jornal d'esta Associação e Archivo de Architectura Civil, pag. 31 — *Publicações nacionaes e estrangeiras* offerecidas á Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, pag. 31 — *Bibliographia*, pag. 32 — *Necrologia*, pag. 32.

RELATORIO

APRESENTADO NA SESSÃO SOLEMNE DE 31 DE MAIO DE 1874 PELO 1.º SECRETARIO VALENTIM JOSÉ CORREIA

SENHORES:

Em cumprimento do artigo 5.º dos estatutos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, vem o conselho facultativo d'esta Associação apresentar-vos um resumido relatorio dos seus trabalhos, respectivos ao periodo decorrido desde a anterior sessão solemne que teve logar em 30 de maio de 1873 até á presente sessão; bem como de outras occurrencias que houve durante este periodo.

Não obstante ter sido contrariada a boa vontade que possuiam os membros do conselho de promoverem prompta solução nos trabalhos de que fossem incumbidos, já com a ausencia de dois d'esses membros por causa de pertinaz doença que estão soffrendo, já com a perda de um terceiro que falleceu no mez de julho, como tambem por os mais estarem muito sobrecarregados de affazeres obrigativos dos seus empregos; comtudo occupou-se o conselho, a par dos variados assumptos de mero expediente, de outros de maior importancia, sendo um d'elles o projecto de reforma dos estatutos da Associação, o qual está bastante adiantado e brevemente será submettido á discussão da assembléa geral.

Teve esta Associação a honra de Sua Magestade o Senhor D. Fernando a constituir depositaria de trinta e nove photographias mettidas em especiaes molduras, tiradas dos objectos mais notaveis do seu museu; estas photographias estiveram na exposição internacional que teve logar em Vienna d'Austria no anno de 1873.

Dignou-se o sr. Ministro do Reino de consultar a nossa Associação ácerca da proposta de venda da propriedade denominada *Troia*, ao sul do Sado, apresentada ao governo por Francisco Maria Cabral, não só com relação ao preço proposto, como tambem ao modo pratico da sua acquisição e importancia historica das antiguidades n'ella existentes; para cujo fim nomeou o conselho uma commissão de tres dos seus membros, encarregando-a de proceder aos devidos exames oculares e mais estudos indispensaveis para o habilitarem a poder elaborar o parecer que teve a honra de merecer a approvação da assembléa geral, na sessão de 7 de julho de 1873.

A doença e fallecimento do nosso primeiro continuo e recebedor José Maria da Silva fez com que o conselho admittisse Manuel Antonio da Silva com as mesmas

obrigações e remunerações que aquelle tinha, e depois de haver prestado a competente fiança, convicto de que este novo empregado, no desempenho do serviço que lhe cumpre, imitará o seu antecessor, que serviu sempre a contento de todos os socios.

Recebeu se, tanto da secretaria d'estado dos negocios da guerra, como dos da marinha, a importancia correspondente á quantidade de exemplares com que tinham assignado para a publicação do jornal da Associação, e com relação aos dois ultimos numeros que o conselho lhes remetteu, não obstante saber que por medida economica haviam sido suspensas as auctorisações para taes despezas; e obteve-se das mesmas secretarias a renovação d'essas assignaturas, e ser pago o importe d'ellas logo que recebam algum numero.

Com este auxilio julga o conselho poder-se publicar com alguma regularidade uma nova serie do jornal, reformado conforme foi resolvido pela assembléa geral, e sem conter apparato desnecessario, porque d'este modo ha probabilidade de se cumprir uma das disposições dos actuaes estatutos, e effectuar as reciprocas trocas com as outras associações nacionaes e estrangeiras; posto que a maior parte d'ellas não têem cessado de nos brindar com as suas publicações.

Apraz ao conselho o poder annunciar-vos que o primeiro numero d'esta nova serie está impresso e hoje mesmo começa a sua publicação.

Tendo-se recebido o retrato do nosso fallecido socio correspondente Mr. de Caumont, com que a sua viuva nos brindou, foi convidado o sr. Estacio da Veiga para escrever o elogio historico d'aquelle distincto archeologo.

Vendo o conselho que a parte do edificio da Associação que estava coberto era insufficiente para arrecadar tamanho numero de objectos que já estão depositados no museu, sem deixar de haver o preciso espaço para se poder funccionar, quanto mais os que estão constantemente entrando, solicitou do governo de Sua Magestade, pelo ministerio das obras publicas, que fosse coberta uma parte proximo da porta da entrada, afim de ser para ali mudada a residencia do guarda, e com a casa que elle assim deixava de occupar ampliar-se o mesmo museu; este pedido teve deferimento e logo foi effectuada a obra: tudo com a mesma benignidade como sempre por aquella superior repartição têem sido attendidos os nossos pedidos.

Com este augmento não foi ainda possivel collocar devidamente os objectos existentes no museu, pelo modo como estão em identicos estabelecimentos em alguns paizes; todavia espera o conselho que não será por muito tempo que elles estejam irregularmente amontoados, como agora se acham, por falta de espaço coberto.

Devido á iniciativa do nosso dedicadissimo socio, o sr. Francisco José de Almeida, obteve-se ha pouco a bem fundada esperança de que a Camara Municipal mande remover pelas suas carroças, para fóra do edificio da Associação, a grande quantidade de entulho que está dentro do mesmo edificio; e este melhoramento irá por certo facilitar que mais tarde se possam realisar outros que são tambem muito necessarios.

O nosso socio, o sr. Visconde de S. Januario, brindou a Associação com uma photographia da vista externa do hospital recentemente construido em Macau, e participou que ia mandar uma collecção de instrumentos de musica, dos que os povos d'aquelle paiz antigamente usavam.

Annuindo ao convite da Associação Promotora do Desenvolvimento das Linguas Orientaes, convidou o conselho o socio o sr. Visconde de Menezes para se dignar ser nosso delegado junto d'aquella associação.

Tem-se continuado a receber não só da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, da dos Architectos do departamento do norte de Lille, da dos Architectos em Allemanha, e de outros paizes, como tambem de diversas associações archeologicas, as suas publicações. Igualmente se têem recebido de alguns socios nacionaes e estrangeiros as publicações que ultimamente effectuaram, como são: os srs. Carlos Ribeiro, Emiliano Augusto de Bettencourt, Emilio Cartailhac e outros mais.

Augmentou-se o museu durante o periodo que fica dito com os seguintes objectos: um importante mosaico romano do piso da maior parte de uma casa, descoberto em Leiria, devido á inexcedivel actividade e zelo do nosso actual presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva; uma pedra de lavor antigo, depositada pelo sr. Estacio da Veiga, que fôra achada em Cuba, proximo de Beja; um aciprete, depositado pelo sr. José Telles Caldeira Castello Branco e Vasconcellos, achado na sepultura do almirante-mór, Nuno Vaz de Castello Branco, em Alemquer; um cippo e duas sepulturas romanas, depositados pelo sr. Visconde de Alemquer, encontrados em excavações que este senhor mandou effectuar na sua propriedade na villa de Alemquer; trinta e um fosseis de mariscos, depositados pelo sr. Joaquim da Conceição Gomes, que os achou n'umas collinas da freguezia do Milharado, distante de Mafra 12 kilometros, e do mar 16; e duas pedras, depositadas pelo sr. Francisco Xavier de Paiva, achadas em Lagos, contendo caracteres que por emquanto entre nós são desconhecidos; já se mandaram os respectivos desenhos para nas principaes associações e institutos de archeologos serem estudadas aquellas inscripções e assim saber-se a que povos dizem respeito.

Deixaram de vir diversos objectos que estavam destinados para o nosso museu, pertencentes á egreja de S. Domingos em Santarem, que se acha no maior estado de ruina, em consequencia de tratarem de estabelecer n'aquella cidade um museu archeologico, a exemplo dos que ultimamente se têem realisado em outras cidades do reino.

Estes factos revelam que o poder destruidor do camartello, exercido com tanto excesso ainda não ha muitos annos contra preciosissimas antiguidades, vae já desapparecendo para ser substituido pela devida apreciação, e pelo desejo de bem guardar essas reliquias que legaram os nossos antepassados; bem como que o exemplo e iniciativa d'esta Associação vão felizmente encontrando imitadores.

O nosso pezar por termos perdido alguns socios nacionaes e estrangeiros foi minorado pela acquisição de maior numero de socios novos, cujos auxilios hão de concorrer não pouco para a prosperidade d'esta associação.

O CASTELLO DE LEIRIA

(APONTAMENTOS E CONJECTURAS)

Pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, professor do Lyceu em Leiria

(Continuado do n.º antecedente, pag. 10)

D'este sentimento, se me não engano, é tambem o commentador da Historia Portugueza, Mr. de La Clede. Chronistas ha porém que, apoiados talvez na tradição, a qual se póde ver na Mon. Lusitana, part. 3.ª l. 9, cap. 25, seguem a opinião contraria, isto é, que o castello foi tomado á viva força. Effectivamente as circumstancias que offerecem as armas de Leiria, que são um castello, e junto a elle um pinheiro, pousando sobre o pinheiro um corvo, e sobre o castello uma estrella; a denominação de *Cabeço de El-Rei* que ainda hoje conserva uma pequena eminencia na margem esquerda do Liz, e a porta chamada traição ao N., que ainda existe, e por onde, dizem, entraram os portuguezes quando tomaram o castello; estas circumstancias, digo, algum principio haviam de ter. Do *Cabeço* se diz que estivera ali acampado o Senhor D. Affonso na vespera do feito. Finalmente o nosso Epico (se em assumptos historicos tem legitimo peso a auctoridade d'um poeta) seconda a mesma opinião cantando no canto 3.º, est. 55, do seu immortal poema:

Passado já algum tempo que passada
Era esta grã victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.

Recuperado pois, ou simplesmente reedificado, se conservou o Castello de Leiria no poder do Senhor D. Affonso Henriques, que deu o senhorio d'elle, diz D. Luiz Caetano de Lima, á Infanta D. Thereza, sua filha.

O mesmo escriptor falla de uma segunda perda, e successiva restauração, no anno de 1195, reinando já o Senhor D. Sancho I, devia ser alcaide-mór João Carapesal, que n'uma doação de 1189 assigna com este titulo (vid Prov. da Hist. Gen. da Casa Real); porém nem Fr. Antonio Brandão, que tão minucioso era e tão investigador, nem tão pouco Faria e Sousa, especificam este acontecimento, que comtudo deixa quasi provado Francisco Brandão na 5.ª Part. da Mon. Lusit. L. 17, C. 56. D'onde tambem consta que o mesmo rei deu novo foral a Leiria.

Em compensação, diz Brandão, que em Leiria estava o conde de Bolonha, por lhe ter aberto as portas o Alcaide, que então era pessoa de sua valia, quando o Infante de Castella D. Affonso penetrou até Abiul em auxilio do Senhor D. Sancho II; e que de Leiria mesmo expediu o arcebispo de Braga a sua monitoria contra o infeliz monarcha e o Senhor D. Infante. E que finalmente em Leiria reuniu côrtes o mesmo conde em 1254, sendo já rei. O alcaide chamava-se Martim Fernandes.

Nas côrtes que o mesmo rei celebrou em Leiria pelo anno de 1268, segundo diz Fr. Francisco Brandão na 5.ª parte da Mon. Lusitana, L. 16 C. 6.º, foram publicadas as cartas do rei de Castella, pelas quaes dimittia ao rei de Portugal a ajuda das cincoenta lanças com que este era obrigado a soccorrel-o pelas rendas do Algarve; d'onde o mesmo rei de Portugal ajuntou d'ahi em diante a seus titulos o de *Rei do Algarve*. (Nota B.)

O Senhor D. Diniz, e a santa Rainha sua esposa, tiveram por muito tempo a sua côrte em Leiria, mostrando o amor que lhe tinham alem da sua frequente presença, com as consideraveis obras que lhe fizeram, taes como os paços, ou alcaçar talvez, a torre da menagem e a reparação da egreja.

E não o digo sem rasão; porquanto, alem de constar, segundo a Chorographia Portugueza do padre Carvalho, que Santa Izabel renovou e ornou a egreja do Castello, da qual era muito devota, ainda hoje se póde ver ao lado direito da porta da torre da menagem um letreiro, que, na parte até agora respeitada pelo tempo, diz assim:

... CCC:LXII: ... ESTA: TORE: CO
... VIII: DIAS: DO ...
NOBRE: DON: DINIS: REI: DO: PORTVGAL...
LGARVE

Por baixo ha quatro escudos rasos, collocados em linha recta parallela á inscripção. O primeiro já está apagado; o segundo e o quarto são os do reino, mas só com as quinas; o terceiro, que naturalmente correspondia ao primeiro, dividido em quatro pallas; e eram, creio não me enganar, as armas de Aragão, das quaes usaria a Rainha Santa Isabel.

Esta inscripção tem similhança com as que, no reinado do mesmo soberano, foram gravadas nos castellos de Tavira e Alandroal; de que dá conta a Mon. Lusit. Part. citada. L. 17.° Cap. 17.°

Antes dos tres CCC da data falta sem duvida um M, era que, reduzida á vulgar, coincide no anno de 1324, o penultimo da vida mortal do Senhor D. Diniz.

As letras C O, em que termina a primeira linha podem ser a primeira syllaba de COMEÇADA, que devia continuar no principio da linha seguinte. Entre LXII e ESTA devia estar FOI. Antes da NOBRE estaria PELO. As outras lacunas não poderão encher-se já agora.

O alcaçar, ainda que não com tanta probabilidade, tambem podia ser obra d'este monarcha; pois que vindo elle aqui assistir muitas vezes não ha vestigios de outra habitação mais commoda e decente. É verdade que podia igualmente ter sido construida pelo Senhor D. Affonso Henriques, ou outro dos seus descendentes sem ser o Senhor D. Diniz, mas não acho tão verosimil, que elles, que andavam sempre entretidos em guerras, e apenas de passagem vinham a Leiria, se occupassem n'uma construcção d'aquellas, que nada tem de mesquinha, como um monarcha que vivia muito n'estes sitios, e os apreciava tanto que fez d'elles uma prenda, como logo se dirá, para sua virtuosa esposa. Esta consideração, pois, pouco invalidaria a minha conjectura, se não fôra a circumstancia que passo a relatar.

Existem ainda hoje no alto de uma parede do dito alcaçar, olhando ao norte, entalhadas n'uma pedra, as armas do reino, orladas dos sete castellos e assente sobre a cruz de Aviz, cujos remates sobresaem nos quatro lados do escudo.

Ora, como quem poz o escudo real sobre a cruz de Aviz foi o Senhor D. João I e quem reduziu aquelle numero, e supprimiu ou retirou a cruz de Aviz foi o Senhor D. João II, parece inquestionavel que o auctor do alcaçar não foi, como dizia eu, o Senhor D. Diniz, nem algum de seus antecessores, mas sim o Senhor D. João I. Tendo voltado ao castello a certificar-me, tornei a observar, e com effeito sobre a corôa das ditas armas lá se vê ainda a divisa do Senhor D. João I, que era, segundo a desenha Faria e Sousa, em ramos com fructos. Á vista d'isto parece decidido que o alcaçar foi feito, ou, ao menos, accrescentado por este soberano.

Nem obsta o numero septenario dos castellos, porquanto, apesar de já o Senhor D. Affonso IV os ter restringido a oito, parece que sempre o seu numero continuou arbitrario, até ser definitivamente fixado pelo Senhor D. João II.

Em 4 de Julho de 1300 fez o mesmo rei doação da Villa (Nota C) á santa rainha, sua consorte.

É este o maior titulo da nobreza de Leiria. E como as mercês do Senhor D. Diniz não costumavam ser de baixo preço, e a donataria era tal Senhora, demonstrado fica tambem quanto a era a importancia da terra n'aquelle tempo.

Antes da Rainha Santa Izabel tinha o senhorio de Leiria D. Affonso, filho do Infante D. Affonso irmão d'El-Rei. Este Principe morreu moço, e seria por sua morte que, revertendo á Corôa, El-Rei o désse á Rainha Santa.

Quando nos ultimos annos do Senhor D. Diniz o Infante D. Affonso, seu filho, revoltando-se, marchava de Coimbra seu pae e rei, os moradores de Leiria, ingratos, força é dizel-o, e mal avisados, abriram as portas do castello ao Principe rebelde e impio. Sabendo isto, El Rei caiu sobre Leiria, determinando queimar a villa e exterminar os criminosos. Bem depressa a consciencia da culpa, e quiçá o temor do castigo, tomaram o logar do arrojo. Fiados no bom natural d'El Rei, muitos dos referidos moradores foram esperal-o a Alcobaça para lhe pedir perdão.

Não lhes valeria comtudo o seu arrependimento, nem o bello coração d'El-Rei, se, no mesmo instante em que se dispunha a punil-os, lhe não chegassem novas que D. Affonso se apossára de Santarem. Foi a salvação dos infelizes; porque El-Rei, com a pressa de acudir, mandou suspender as execuções, e partindo contra os insurgentes, levou comsigo os criminosos. Depois tornou a envial-os para Alcobaça e, havendo passado o momento da colera, perdoou-lhes.

Não tiveram tanta fortuna os que se deixaram ficar em Leiria; porque El-Rei ordenou a Lourenço Annes Redondo, a quem deu a alcaidaria do castello em logar do alcaide traidor (cujo nome não consta), que logo decepasse e matasse a todos os culpados na entrada do Infante.

E em cumprimento foram queimados publicamente, depois de decepadas as mãos e os pés, nove homens dos melhores e principaes da villa.

Assim o conta Ruy de Pina na Chronica do Senhor

D. Diniz. Na Historia de Portugal, composta por uma sociedade de litteratos inglezes, refere-se o facto d'outra maneira.

Não foi só ao estreito recinto do castello que se estendeu a proverbial munificencia do Rei Lavrador.

A abertura dos ferteis campos de Leiria, a plantação do vasto e rico pinhal denominado d'El-Rei, a fundação da villa de Monte Real, nos sobreditos campos, á beira do Liz, villa hoje quasi ignorada, mas outr'ora bem conhecida pela assistencia que ali fizeram o mesmo Rei e sua Santa Esposa, que lhe deram o nome, diz a tradição, e o attestam as ruinas da sua pousada, objecto da nunca interrompida veneração dos moradores da terra; a aldeia emfim de amor, no mesmo campo, a cujo respeito tantos bellos romances conta ainda hoje a boa gente d'estes povos: estes factos, digo, são outros tantos monumentos, que, passando de geração, não têem consentido nem consentirão jámais que pereça a memoria de tão assignaladas honras e beneficios.

Finalmente, para concluir o que diz respeito ao Senhor D. Diniz, pela descoberta d'outro escudo, como o de que acima fallei, á excepção sómente da Cruz de Aviz que não tem. sobre a porta exterior do castello, no sitio onde do lado do poente feneça a muralha que cinge a cerca do poço episcopal presumo eu que o Castello primitivo não abrangia mais que o terreno a que hoje particularmente se dá o nome de Castello.

De sua porta, alta, e guarnecida de torres, que, apezar de tudo muito arruinado, ainda se póde vêr, nasce uma muralha que o vae abraçando na direcção do nascente até entroncar com o lanço ou panno em que está o alcaçar assim como pelo poente e nascendo da mesma porta ia outra, que era do Castello antes do Senhor D. Diniz, e que a outra muralha, com seus cabellos e barbaca, que limita a cêrca, do paço episcopal, se não é obra do mesmo Principe, o qual, leio, forteleceu 44 cidades e villas, o é ou do Senhor D. Fernando, o qual, entre outras praças mandou murar Leiria ou do Senhor D. Manuel que tambem levantou muitas fortalezas. Em Leiria fez seu testamento o Senhor D. Affonso IV, nos paços d'El-Rei (Provas da Historia Geneologica da Casa Real a 13 de fevereiro, era de 1383) anno de C. 1345).

Por morte da Rainha Santa Isabel voltou o castello á corôa em cujo senhorio parece se conservou até ao reinado do Senhor D. Fernando, o qual, segundo a Geographia Historica, fez mercê d'elle á Rainha Dona Leonor Telles, da mão da qual pouco depois dizem passou ao Conde D. Gonçalvo, seu irmão.

O mesmo Rei celebrou côrtes em Leiria no anno de 1376. N'ellas se aceitou a proposta, offerecida por D. Henrique de Castella, do casamento do seu filho natural D. Fradique com a Infanta D. Brites, filha do monarcha portuguez, casamento que teve o mesmo effeito que outros tratados com o mesmo rei.

(Continua.)

(NOTA B)

Não achei particular menção d'estas côrtes em nenhum dos historiadores que consultei, e o que é mais para notar é que nem o mesmo Brandão, que por incidente havia fallado n'ellas no logar citado, as commemora no que lhes pertencia, que era no reinado do Senhor D. Affonso III.

(NOTA C)

Leiria era villa. Foi o Senhor D. João III quem a elevou á categoria de cidade, e em 1545 lhe impetrou do Santo Pontifice Palo III a de bispado.

V. da Silva Araujo.

ELOGIO HISTORICO

Do fallecido socio architecto João Pires da Fonte lido na sessão solemne de 31 de maio de 1874 pelo socio architecto José Antonio Gaspar

SENHORES:

As bellas artes, nascidas e inspiradas pelo amor, jámais poderiam tocar o grau de perfeição a que chegaram entre os antigos gregos e romanos, se a arte das recompensas e a sua theoria se não houvesse ahi largamente estabelecido e propagado. A historia assim o confirma com os exemplos mais vivos e tocantes.

Ella nos diz ainda que uma vez era proclamado no theatro o nome do homem a quem se queria honrar, outras vezes que se lhe offerecia uma corôa de ouro, ou se lhe suspendia um escudo no templo; outras, que se lhe collocava o retrato no palacio nacional, ou se erigia uma estatua na praça publica, e que a maior parte d'essas honras ou recompensas não só a alcançavam os heroes, e os generaes aguerridos e valorosos, mas que tambem a obtinham os artistas celebres.

Sabemos que nos tempos antigos os magistrados obrigavam algumas vezes, como testemunho de honra, a gravar ao lado de uma bella figura o nome do artista que a executára; e até mesmo se elevaram estatuas

aos proprios estatuarios, tornando-se muito mais recommendavel esta honrosa distincção quando as estatuas eram collocadas a par das obras mais primorosas d'esses artistas.

Nos tempos modernos acharemos Raphael de Urbino acompanhado em publico de cincoenta discipulos, filhos da primeira nobreza de Roma; — a Rubens, embaixador extraordinario para a paz que ajustou entre Inglaterra e Hespanha; — a Alberto Durer, Grande do Imperio pelo imperador Maximiliano; — e acharemos a outros muitos condecorados e ennobrecidos com os maiores titulos e distincções.

Bastante é para admirar que appareça entre nós um artista distinctissimo pelos elevados conhecimentos na importante arte que exercia sem que tivesse remuneração dos relevantes serviços que prestou, como succedeu ao nosso consocio e meu digno mestre João Pires da Fonte, assiduo no trabalho e perseverante no estudo da arte a que por gosto e sympathia de certo se dedicou.

Se este artista durante a sua existencia não obteve a justa apreciação do seu merecimento, estou certo que se fará á sua memoria a inteira justiça de que era credor; e vós podereis avaliar o merecimento d'este distincto architecto pelo que vou expor ácerca do bom desempenho como sempre se houve no ensino da importante arte de construir.

Todos sabem que não sou litterato, e que pouco afeito estou a manejar a penna, para bem poder elaborar o elogio historico d'este architecto portuguez; porém o desejo de cumprir a deliberação do conselho facultativo d'esta Real Associação, e de pagar ao meu digno mestre este ultimo tributo de gratidão, me decidiu encetar tão honrosa quanto difficil tarefa, esperando da vossa indulgencia e favor me relevareis a deficiencia d'este trabalho, na certeza de que apenas me proponho como fiel e imparcial relator dos factos averiguados da sua carreira artistica, os quaes se acham registados nas repartições publicas.

João Pires da Fonte nasceu na freguezia de Santa Marinha de Gontinhaes, julgado de Caminha, districto de Vianna do Castello, aos 16 do mez de dezembro de 1796. Era filho legitimo de José Pires da Fonte e de D. Maria Rosa Martins da Costa, oriundos de paes lavradores honrados e modestos.

Estando José Pires da Fonte em Lisboa, onde era mestre dos pedreiros do palacio d'Ajuda e mestre d'obras das casas mais abastadas da capital, veiu João Pires da Fonte, em tenra idade, de Santa Marinha para companhia de seu pae, que habitava em casa dos srs. marquezes de Niza.

Ahi crescia João Pires ao lado de outro menino o marquez D. Thomaz de quem era predilecto. Porém seu pae, vendo que o filho viria a cair nos habitos e gosos dos poderosos, sem o ser, roubou-o á casa dos senhores de Niza, levando-o para a de Antonio Francisco Rosa, architecto então, e depois inspector das obras do palacio d'Ajuda.

Não estranhou a mudança, e estudou ali com tal aproveitamento junto ao architecto Rosa, que em 12 de maio de 1812, tendo pouco mais de quinze annos de idade, foi despachado praticante da casa do risco das Obras Publicas, e em 2 de setembro do mesmo anno passou a ter vencimento de 300 réis diarios. Continuando assim a aperfeiçoar-se nos mesmos estudos, havendo ali dado provas de talento, por sua assiduidade e exemplar comportamento foi-lhe augmentado o vencimento em 15 de janeiro de 1821 a 500 réis, e em 4 de março de 1824 a 800 réis como praticante de numero.

Tres annos depois já o credito de João Pires da Fonte estava tão bem fundado entre os seus chefes, que em conformidade da portaria do ministerio do reino de 17 de março de 1827 foi nomeado ajudante architecto de 2.ª classe com o vencimento de 1$000 réis diariamente; e em 20 de abril de 1831 passou a ajudante de 1.ª classe, com o vencimento de 1$200 réis, por portaria do mesmo ministerio.

Emfim a nomeação de professor da academia das bellas artes de Lisboa, por decreto de 25 de outubro de 1836, e tendo feito parte da commissão que elaborou os estatutos da mesma academia, vem-nos justificar a reputação e bom conceito que este habil architecto adquiriu nos diversos trabalhos de que foi incumbido na repartição das obras publicas.

Para eu simplificar as importantes obras que inspeccionou e dirigiu, notarei aqui simplesmente — a commissão da estrada de Queluz; — a inspecção das avenidas da Villa de Manique; — a direcção da ponte de Louza em Santo Estevão das Galés; — e o encanamento do rio de Sacavem onde os seus estudos, perspicacia, actividade e zelo tiveram de lutar por muito tempo com os caprichos das correntes fluviaes e dos fluxos e refluxos maritimos.

Correndo então os dias em que duas grandes parcialidades politicas se ostentaram poderosas entre nós, e havendo João Pires da Fonte abraçado as idéas liberaes, algum tanto teve que soffrer n'essas noites rancorosas das nossas guerras civis, não escapando á onda que envolvia até os mais pacificos.

Depois de 1834 foi este architecto membro d'um grande numero de commissões extraordinarias de obras publicas, que então houve, devendo notar-se entre ellas

a do Passeio Publico em 1835 e a do theatro nacional da Senhora D. Maria II, as quaes sempre soube desempenhar com reconhecida intelligencia e acerto.

Sendo elle professor da Academia das Bellas Artes terei de citar a estremada assiduidade, dedicação e amor com que sempre regeu durante 37 annos a cadeira de architectura civil; justificando tanto mais o que acabo de dizer os ultimos 7 annos de sua vida, nos quaes já enfermo, raras vezes deixou de comparecer nas aulas, tanto diurnas como nocturnas. Isto sendo já jubilado.

Os seus conselhos eram importantissimos e revelavam um alto saber na arte que ensinava. Um grande numero de seus discipulos que hoje se acham no serviço das Obras Publicas justificam por seus trabalhos as boas lições que d'elle tiveram.

Foram innumeras as commissões que ali estiveram a seu cargo, e notarei especialmente o projecto para no extincto convento de S. Francisco adequar os dois importantes estabelecimentos, a Academia das Bellas Artes e a Bibliotheca publica. Ha poucos dias que tive entre mãos este projecto, e analysando-o, certifiquei-me de que era justissimo o respeito e consideração que sempre guardei por meu digno mestre e amigo.

Aos 15 annos e 5 mezes incompletos de idade tinha, pois, João Pires da Fonte encetado a vida publica, vindo a concluil-a com 61 annos de activo e consecutivo serviço; serviço sempre zeloso e intelligente, bastantes vezes relevante e até original.

Poucos funccionarios publicos baixaram á campa com 61 annos de trabalho em pró do seu paiz.

Nas construcções particulares em Lisboa e mesmo fóra da capital, deixou João Pires da Fonte numerosas obras. A solidez, a hygiene, o commodo e o bom gosto eram o fito das edificações ao seu cuidado.

A fabrica de tecidos lisbonenses elevada com solidez sobre um terreno de alluvião, o abrumento da parte da estrada da circumvalação fiscal de Lisboa, entre o Senhor Jesus dos Triumphos e a ponte de Alcantara, e muitas outras obras que dirigiu acreditam a intelligencia e conhecimentos que este artista empregou n'aquellas edificações. São de seus projectos um grande numero de casas construidas n'esta cidade, sendo as mais recentes a que ultimamente foi edificada na rua do Principe pertencente á casa do antigo Duque de Cadaval, e á casa de S. Bernardo á Estrella.

Esta Associação, tendo sempre na mais alta consideração os serviços e merecimentos do digno socio fundador, por duas vezes o elegeu seu vice-presidente, cargo que o illustre professor soube por tal maneira desempenhar que lhe grangeou mais tarde a eleição da presidencia n'outros dois annos; bem como o ser eleito quasi sempre presidente d'uma das secções, por cujo motivo fez sempre parte do conselho facultativo, aonde suas opiniões e sabios conselhos raras vezes deixaram de ser seguidos.

Até aqui vimol-o como servidor do Estado na sua carreira publica de 61 annos; resta-nos agora apontal-o como cidadão prestante ao municipio de Lisboa, de cujo senado foi vereador nos annos de 1838 e 1839, sendo eleito no primeiro por 2:809 votos, e no segundo por 3.063, tendo tido em ambas as vereações a seu cargo o pelouro das obras municipaes, cargo este que sempre soube desempenhar com reconhecida intelligencia e saber.

Sempre fiel aos seus principios e idéas liberaes as mais rasgadas, foi capitão da 5.ª companhia do batalhão nacional do arsenal em 1834, e tenente da guarda nacional em 1836.

Lhano, tratavel, bemfazejo, e sobretudo modesto, cerrou para sempre o livro da vida no dia 18 de junho de 1873, pouco depois do meio dia com 76 annos, 6 mezes e 2 dias de existencia, victima da atroz doença de um scirro na região nazal.

Tantos serviços foram simplesmente pagos com o habito de cavalleiro de Christo.

A copia do diploma com que lhe foi conferida esta distincção, assignada pelo famoso Passos Manuel, é o fecho d'estes traços biographicos:

Sua Magestade Fidelissima a Rainha, querendo dar um publico testemunho do apreço que faz d'alguns artistas distinctos, e por este modo honrar e animar as bellas artes, ha por bem nomear Cavalleiro da Ordem de Christo a João Pires da Fonte, professor da aula de architectura civil, etc. etc. etc.

Palacio das Necessidades, 22 de novembro de 1836.

Manuel da Silva Passos.

Saudemos, pois, o retrato d'este artista inaugurando-o hoje n'esta sessão solemne, e na presença de tão respeitavel assembléa, para honrar a memoria do nosso distincto collega e professor; ufanando-nos de ter cumprido com esta merecida homenagem o dever que nos era imposto pelo respeito e gratidão que deviamos a João Pires da Fonte, como architecto habil e como homem brioso, honrado e modesto.

Sala das sessões, 31 de maio de 1874

DESCOBERTA D'UMA VILLA RUSTICA ROMANA

Da villa rustica romana, que descobrimos proximo de Leiria, no mez de outubro do anno passado, no logar *Martim Gil*, na estrada que conduz á Figueira da Foz, os vestigios que se encontraram de todas as construcções occupavam a superficie de 3:420 metros, estando a edificação orientada do sul para o norte. A parede do lado da encosta tinha de grossura 2^{m},30, a fim de soster o peso das terras.

Depois de dois dias de trabalho empregado nas excavações no sitio que tinhamos julgado conveniente emprehendel-as, visto os indicios de se terem encontrado ali alguns fragmentos de telhões e adobos, etc., appareceu uma parede na altura de 0^{m},38, e na direcção do nascente ao poente; mas na profundidade de 1^{m},65, se descobriu um mosaico pertencente a uma casa com as dimensões 3^{m},14, por 2^{m},85, estando cercada por outras paredes, e uma das quaes do lado do poente tinha a soleira d'uma porta bastante gasta pelo uso, com a largura de 0^{m}85, e que dava communicação para outra casa mais pequena, ficando em plano mais inferior de 0,^{m}35, sendo composto o *opus musivum* sómente de cubos de argilla cozida.

No lado opposto da primeira casa que fôra descoberta, appareceu uma outra muito maior com paredes nos seus tres lados da grossura de 1^{m},20.

N'esta casa o mosaico era de uma composição de melhor gosto, mais variedade nas côres e de perfeita execução; portanto preferimos este para ser transportado para Lisboa e ficar exposto no museu de Archeologia do Carmo. Est. 4.ª

Occupava este mosaico um espaço quadrilongo, e tinha uma cercadura de 0^{m},30 em roda da casa, do feitio de grega. No meio havia um florão imitando as flores do *lotus*, e na direcção dos seus diametros oppostos havia figuras de ramileas, ficando occupados os quatro grandes intervallos, que separavam estas figuras, por octogonos com faixas e ornatos no centro, alem de circumdar estas figuras geometricas uma linda faixa de 0^{m},20 de largura do feitio de torçal com seis côres differentes.

Na parte que foi preciso reparar d'este pavimento estava, quasi ao meio d'esta casa, uma medalha de bronze mettida na argamassa (letra M), sendo de pequeno modulo, pertencente ao imperador Magnencio, e de uma perfeita conservação, a qual nos veiu certificar da epocha d'aquella construcção romana, porque sabe-se que elle foi proclamado imperador em 350, e se suicidou em 353.

A medalha tem a seguinte legenda do lado da effigie desenhada na mesma estampa:

No anverso: — DN. MAGNENTIVS. P. F. AVG. Busto do imperador com corôa de louro e paludamento, voltado á direita: por detraz a nota monetaria A.

No reverso: — VICTORIAE. DD. NN. AVG. ET. CAES. Duas victorias em pé sustentando uma corôa, dentro da qual se lê:

VOI
V
MVL
D.

No exergo as letras F. P. A. F. AE.

Encontrámos no mesmo sitio uma grande quantidade de escória de ferro; isto nos faz suppôr que existiria n'este logar uma forja para se fabricarem os instrumentos ruraes para esta *villa rustica*.

J. da S.

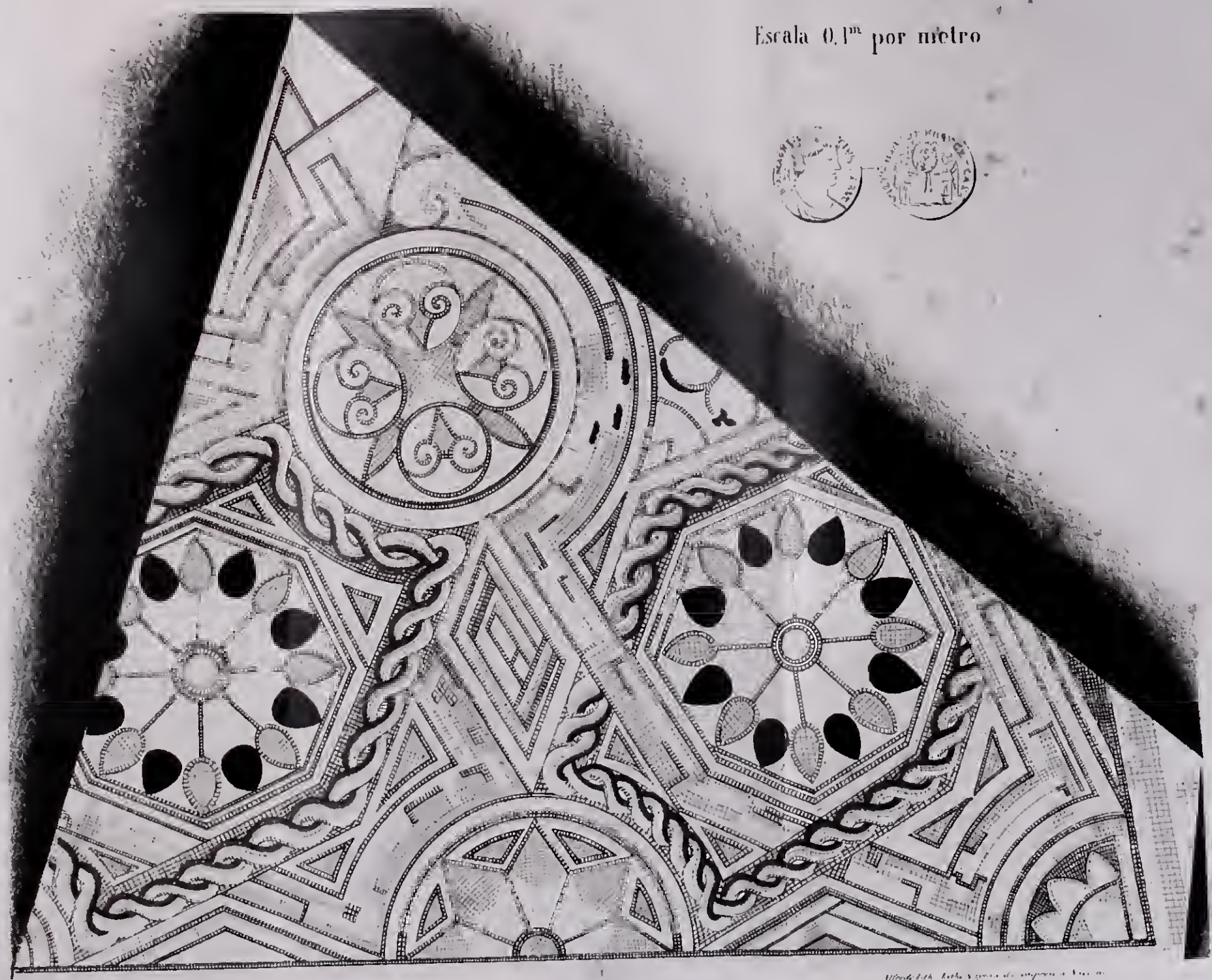
PINTURA EM PERGAMINHO

Os livros devotos, desde o XV seculo, eram pela maior parte ornados de pinturas e arabescos finos e delicadissimos, em que brilhavam as côres mais engraçadas. Ainda hoje se conservam algumas d'estas obras primorosas, com a mesma viveza de colorido, como nos primeiros dias em que foram acabadas; mas esses livros, todos feitos á penna (chamados de pintura de pennejado) eram, por isso, mui raros e de excessivo custo. Ainda hoje ornam os museus e os gabinetes dos amadores e dos curiosos.

El-Rei o Senhor D. Fernando II possue umas *Horas* feitas em Lisboa no anno de 1517, escriptas em pergaminho, todas ornadas com as imagens dos santos, e emblemas dos assumptos de que resa o texto, tudo debuxado á penna, e com illuminuras de grande primor da arte, segundo o gosto d'aquelle seculo em que foram executadas (1). Todavia na vinheta de um dos quadros, que é o do nascimento de Christo, se observam no con-

(1) Não sendo inferior ao *Codice Viturlino das cantigas de Affonso X, o Sabio*, pelo seu primor, tendo todavia estas *Horas* que ha em Portugal o grande merecimento de serem todas illuminadas pela mão do mesmo artista.

(Nota de J. da S.)



MOSAICO ROMANO DESCOBERTO PROXIMO DE LEIRIA PELO ARCHEOLOGO

J. P. V. da Silva

torno mui bem desenhadas, douradas e prateadas com a maior perfeição, as moedas de D. Fernando e D. Isabel (os primeiros que em Castella se intitularam reis catholicos), dos Senhores D. Affonso V, D. João II, D Manuel e D. João III reis de Portugal; e ao lado direito, no alto, uma moeda de ouro com as quinas reaes sobre a Cruz de Aviz, e a legenda: *Dinis*. R. Por. Parece que se ella fosse de El-Rei o Senhor D. *Diniz*, deveria dizer: *Dionisi*, e não *Dinis*, talvez fosse engano do desenhador, o que custa a crer, attendendo á exactidão de todas as outras, onde nada falta. Póde muito bem ser que seja moeda que mandasse lavrar o Infante D. Diniz, filho illegitimo de El-Rei o Senhor D. Pedro I de Portugal, quando com tropas castelhanas marchou até a cidade de Bragança, e unindo ali os mal contentes, se fez acclamar Rei de Portugal; que depois deixando o titulo de Rei, se recolheu a Castella, onde morreu. Mas do cunho d'esta moeda não falla nenhum de nossos escriptores de medalhas e moedas.

As referidas *Horas*, feitas em Lisboa no anno de 1517, pertenceram muitos annos a D. Francisco de Mello Manuel da Camara, morgado de Cabrinha, o qual ajuntou a mais selecta e bem ornada livraria.

Abbade de Castro.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

Pelo digno socio correspondente o sr. Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão

Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons e simplices maiores,
Gosta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a historia
Estudo em vós dos tempos e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,
Tanto mais n'esses restos fico absorto.
Dellile.— Os Jardins.—Traducção de Becage.

I

PORTA DE ARAMENHA

Porta de Aramenha se ficou chamando a antiga porta do carro de Castello de Vide, depois que n'elle se collocou um magnifico portico de cantaria lavrada, trazido de Aramenha, da quinta da Azenha Branca.

Sobre este portico acha-se a inscripção seguinte:

«Reinando em Portugal o muito alto e poderoso Senhor D. João V, foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga, fundada em 1906 annos antes de Christo, no sitio chamado Aramenha, transferido e posto n'este logar por Manuel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de Christo 1710.»

Explica e corrobora esta inscripção o documento, que vamos transcrever do proprio original e que temos presente:

«Manuel de Azevedo Fortes, cavalleiro professo da ordem de Christo, coronel de infanteria do partido da côrte, e governador da praça de Castello de Vide por Sua Magestade que Deus Guarde.

«Certifico que, encarregando-me Sua Magestade, que Deus Guarde, a reedificação d'esta praça, que os inimigos deixaram demolida, e sendo necessario fazer-se uma nova porta na cortina de S. Francisco, por estar de todo incapaz a que chamavam do carro, me vali de um portado de cantaria grossa, e fortissimo, que ficou inteiro entre as ruinas da antiga cidade de Medobriga, aonde chamam Aramenha, uma legua d'esta villa, e estava servindo de portico e entrada a uma quinta que n'aquelle sitio tem Luiz Freire da Fonseca Coutinho, o qual sabendo o meu intento, e que desejava servir-me do dito portado para a fortificação d'esta praça, querendo-lh'o comprar, o offereceu gratuitamente para o serviço de Sua Magestade, sacrificando a este fim o gosto que tinha em conservar na sua quinta aquella antiguidade e memoria, pois foi fundada a dita cidade, segundo os historiadores, mil novecentos e seis annos antes da vinda de Christo. E com effeito mandei conduzir o dito portado para esta praça, para se collocar na nova porta de Aramenha, e com elle se ponpou á fazenda real, só no arranco e lavor das pedras, se houvessem de mandal o fazer, mais de duzentos mil réis. Passa o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos, de que mandei passar o presente por mim assignado.

«Castello de Vide, 15 de novembro de 1710. = *Manuel de Azevedo Fortes.*» (Tem o sêllo das armas, de que usava) (1).

Manuel de Azevedo Fortes, para o dizermos de passagem, falleceu a 28 de março de 1749, sendo engenheiro-mór do reino, depois de haver enriquecido a sciencia da sua profissão de obras preciosas para o seu tempo, e reputadas ainda hoje classicas (2).

(1) Fez a mercê de me communicar este documento, que conserva no archivo de sua casa, o sr. Alvaro da Fonseca Coutinho, bisneto do doador de que n'elle se trata.

(2) Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez*, pelo sr. I. Francisco da Silva.

II

MEDOBRIGA

O desembargador Duarte Nunes Leão, tratando, na *Descripção do Reino de Portugal*, cap. IV, das cidades da Lusitania, que pelos tempos se desfizeram, diz o seguinte:

«Destruida jaz a cidade de Merobriga (1), cujas ruinas chamam agora Aramenha (2), por estarem debaixo da Serra da Estrella, que antigamente se chamava Monte Herminio. Da qual cidade se vêem vestigios de templo grande (3), e povoação nobre, a cujos povos os geographos chamavam *plumbarios* (4), por o estanho ou chumbo que ali tirava, porque a uma cousa e outra chamam os latinos *plumbum*.»

D. Fr. Amador Arraes, mencionando, no *Dialogo 4.º, cap. X*, os logares estipendiarios da Lusitania, diz a pag. 258:

«Ruinada de todo jaz Mirobriga (5) ou Medobriga (6), ora chamada Aramenha, sita nas raizes dos montes Herminios sobre o rio Sever, digno de ser conhecido por sua frescura, e pela pescaria de muitas trutas que n'elle se criam (7).

«Em meu tempo se acharam nas suas ruinas muitas columnas e sepulturas de marmores preciosos, com elegantes letras e moedas de ouro de bellissimas medalhas; duas especialmente recrearam minha vista, pondo os olhos n'ellas; uma que se bateu e correu no tempo de Vespasiano censor, de Tito imperador, e Tiprociano pontifice; e outra em tempo de Trajano, como se mostra nas suas inscripções.

«Vêem-se tambem em todo o valle e varzea de Aramenha muitas torres e pontes sobre o rio Sever, lastros e solhos de casas nobres bem ladrilhados e lageados, e um cano de agua doce de uma fonte que corria pela cidade, muros derribados, e outros indicios manifestos da antiga frequencia de gente que n'ella havia.

«Tambem se acham pelos lados do monte, em muitos logares, abertas minas de ouro, prata e chumbo (1), por onde parece a rasão que teve Plinio para dar cognome de *chumbeiros* aos medobrigenses» (2).

Em nossos dias se encontraram ainda columnas de differentes grandezas, capiteis, amphoras, cantarias de varios lavores, e alguns objectos de ouro, que possuimos.

De algumas medalhas que podémos examinar, daremos particular noticia.

(Continua.)

(1) *Medobriga* é, propriamente, *Santiago de Cacem*, como se vê na obra de André de Rezende —De *Antiquitatibus Lusitaniae, Lib* IV, pag. 246 edição de Coimbra; e em Jeronymo Soares Barbosa — *Epito e Lusitanae Historiae, cap.* I.

(2) Veja-se *Aramenha* no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau.

(3) Ainda existem alguns d'estes vestigios, actualmente, em uma propriedade do sr. Alvaro da Fonseca Coutinho.

(4) Ignorâmos quaes são os geographos a que Duarte Nunes se refere; o que podemos verificar é que se falla dos *Medubricenses, qui plumbarii cognominantur*, na obra intitulada *C. Plinii secundi Historiae Mundi Libri* XXXVII, no *tom.* IV, *lib. IV, cap.* XXII, *pag. 172*, publicado *Lugduni* 1561. E a Plinio se refere, singularmente, Arráes, sob este respeito, como se verá abaixo.

(5) *Medobriga* é, propriamente, *Ciudad Rodrigo*.

(6) *Medobriga* é palavra celtica, segundo Soares Barbosa, que segue Nunes de Leão.

(7) Este rio nasce na serra de S. Mamede, termo de Marvão, na freguezia de S. Salvador de Aramenha.

(1) Uma d'estas galerias ainda, ao presente, se acha no mesmo estado em que a descreveu Antonio Patricio no seu *Diccionario Geographico*, palavra *A amenha*, i. é, constitue uma caverna profunda sita no infimo da serra da Portagem para a parte do occidente, que terá 33 metros de altura, e faz para a parte do norte outra caverna tão comprida, que se não sabe o comprimento que tem, pela escuridade.

(2) Não devem confundir-se com os *Pesures*, como adverte João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*, tom. I, pag. 231, segunda edição.

(3) *Revue de la Numismatique Belge*, tom. IV., 3.ª serie. D'esta Noticia se tiraram alguns exemplares em separado, dos quaes recebemos um por mercê do auctor.

NUMISMATICA PORTUGUEZA

Em uma *Noticia* que o fallecido director do gabinete numismatico da universidade de Leyde, o dr. P. O. Van der Chijs, publicou em 1862, ácerca d'aquelle riquissimo medalheiro (3), dizia este distincto professor que «poucos gabinetes ou collecções na Europa possuiam tantas medalhas e moedas portuguezas como o que fôra confiado á sua direcção».

Ahi declarou ser o mesmo gabinete devedor da sua collecção portugueza, na maxima parte, não só ao consul geral que foi dos Paizes Baixos em Lisboa, Gaspar João Pilaer, com quem mantivemos relações de amizade, senão tambem ao fallecido numismatico portuguez Manuel Bernardo Lopes Fernandes.

Na succinta resenha que o dr. Van der Chijs fez das moedas que alli se guardam, figura um portuguez de oiro de D. Manuel, modernamente achado em uma ex-

cavação na cidade de Alkmar; uma moeda de oiro (a que chama ducado) do cardeal rei D. Henrique; um cruzado do prior do Crato D. Antonio; outro do principe regente D. Pedro, com a data de 1682, etc.

Tratando das moedas cunhadas no Brazil allude aos dobrões offerecidos ao gabinete pelo consul geral Pilaer, e aponta a existencia de uma barrinha de oiro, datada de 1814, com as armas de Portugal e do Brazil.

Ácerca d'esta barrinha escrevia-nos, em 17 de novembro de 1860, o nosso saudoso amigo M. B. Lopes Fernandes, acima nomeado, o seguinte:

«De Leyde me mandam pedir as informações que passo a indicar:

... Ce qui signifie une petite barre d'or, qui porte de la partie sinistre, applatie, d'un côté les armes du Portugal et de l'autre celles du Brésil.

Sous les armes du Portugal se trouve le mot Sabara. Ensuite il y a sur la barre encore plusieurs poinçons:

1.° Le millésime 1814 et J. P. P.

2.° Le N.° 1926, et un 7 et 12.

3.° Toque 22, et trois poinçons ressemblant à des soleils.

Est-ce que c'est une monnaie de nécessité?

Diga-me o meu amigo o que julga d'esta barrinha de oiro.»

Respondemos o que mais de prompto nos occorreu, dando as informações que estavam ao nosso alcance e que, por falta de averiguações subsequentes, não saberemos dizer se serão as mais exactas. Submettemo-las pois ao juizo dos mais competentes n'esta especialidade, a que, para credito do nosso paiz, se vão dedicando alguns estudiosos.

Eis a nossa resposta:

«Ainda não vi nenhuma das taes barrinhas, a ajuizar, porém, pelas indicações que se apresentam, direi que seriam mandadas fabricar em Villa Real do Sabará, comarca do Rio das Velhas, em Minas Geraes, para acudir ás necessidades do commercio.

«Nas capitanias do interior do Brazil circulava o oiro em pó como moeda; mas pelo alvará de 1 de setembro de 1808 foi o seu curso expressamente prohibido, pelas adulterações e abusos a que dera logar, e se determinou que houvesse de ser reduzido a barra.

«Se as armas de Portugal estão separadas das do Brazil é porque este estado não tinha ainda a cathegoria de reino, o que se deixa ver pela declaração do anno 1814. A essa cathegoria foi elevado por carta de lei de 16 de dezembro de 1815.

«As armas de Portugal, Brazil e Algarves, para symbolo da união d'estes tres reinos, foram encorporadas em um só escudo pela carta de lei de 13 de maio de 1816, como é sabido.

«As iniciaes J. P. P. querem certamente dizer — Joannes Princeps Portugaliæ, ou Regens — se a letra final, em logar de um P, como se escreveu, fôr um R, o que é mais provavel, porquanto desde 1802 já no reino se cunhava a moeda com essa legenda.

«É de crer que o numero marcado seria o correspondente á barrinha de que se trata, e que fôra fabricada no dia 7 de dezembro: 7 — 12.

«Vê-se que não se omittiu a designação do toque (22 quilates) e que eram marcadas com estrellas, ou cousa similhante, como ainda o são hoje as que se fabricam em Moçambique.»

Por obsequiosa deferencia do nosso amigo, sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, distincto numismatico, tivemos agora presente os desenhos de duas barrinhas com as datas de 1813 e 1816, em que os algarismos que suppunhamos deverem indicar o dia e o mez do fabrico, pelo simples enunciado que se offerecia, evidentemente querem designar o peso de cada uma, sendo a maior e mais antiga, n.° 1254, de 2-1-00 (duas onças e uma oitava), e a menor, n.° 704, de 5-64 (cinco oitavas e sessenta e quatro grãos). Aquella fabricada, como a de Leyde, em Villa Real do Sabará, e esta, sem indicação de logar, provavelmente em outra casa de fundição.

Para que se saiba até que ponto era incansavel no seu zelo e dedicação, em assumptos de numismatica, o illustre professor Van der Chijs, socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, e auctor de uma apreciada obra, em nove volumes, sobre as moedas dos Paizes Baixos septentrionaes, aproveitaremos o ensejo, que ora se nos depara, para deixarmos registados n'este logar alguns paragraphos de duas cartas, com que o mesmo professor nos quiz honrar, datadas de 27 de maio e 6 de outubro de 1864.

Na primeira dizia-nos:

«J'apprends avec un vif plaisir, par une lettre de notre digne ami Mr. M. B. Lopes Fernandes, que mon portrait, et ma *Notice sur le Cabinet Numismatique de l'Université de Leyde*, vous ont été agréables, et que vous voudrez avoir la bonté de procurer à notre cabinet quelques monnaies du Brésil, du temps que ce pays dépendait encore de la mère-patrie.

«Vous me feriez spécialement beaucoup de plaisir si vous pourriez faire trouver encore au Brésil des exemplaires des trois différentes monnaies de nécessité en or, de 1646, que notre Compagnie des Indes Occidentales a fait frapper pour l'usage du Brésil. Je les payerais volontiers, mais je crains que l'on n'en trouvera plus.

Peut-être la meilleure voie pour les obtenir, s'il y en a encore, serait de les demander dans le journal le plus répandu au Brésil.»

E na segunda:

«C'est avec le plus grand plaisir que j'ai reçu ces jours-ci, par l'entremise bienveillante de Mr. le consul général Hulsenbos, votre agréable du 6 septembre passé, accompagnant un paquet de monnaies coloniales portugaises, que, à ma prière, vous avez bien voulu céder au cabinet universitaire confié à mes soins.

«Grâce à votre obligeance le nombre de nos monnaies portugaises coloniales s'est accru d'une quantité considérable de pièces, en général très bien conservées. Recevez mes remercîments bien sincères pour votre don, si éminemment agréable; et lorsque l'occasion se présentera dans la suite, que vous pourriez nous aider encore de vous doubles, je recommande le cabinet à vos bontés.

«Je crois que, par le zèle infatigable du vénérable vieillard Mr. M. B. Lopes Fernandes, je suis au grand complet des portraits des Numismates Portugais. Le nombre total dans l'Album, y compris les portraits de graveurs de médailles et monnaies, monte déjà à 180, de différents pays. J'ai commencé aussi à réunir, dans un grand portefeuille, les portraits en cuivre ou lithographie des anciens numismates, ou auteurs de livres numismatiques; veuillez bien avoir l'obligeance de m'indiquer s'il en existe de Portugais.

«Si par hasard vous pourriez nous envoyer aussi un exemplaire de vos articles sur les monnaies du Portugal et du Brésil frappées sous le roi Jean V (1), vous nous obligeriez beaucoup.»

Encerraremos este artigo com a transcripção do que escreve o laborioso auctor da «Historia das luctas com os hollandezes no Brazil», em relação ás moedas obsidionaes de 1646, que Mr. Van der Chijs nos pedia, e que não nos foi possivel alcançar.

Diz, pois, o nosso prezado e antigo amigo sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, hoje Barão de Porto Seguro, na 1.ª edição d'aquella sua estimada obra, pouco vulgar em Lisboa, a pag. 219, o seguinte:

«Foi no meio d'esta penuria (a dos hollandezes no Recife e fortaleza Mauricia) que se cunharam durante o sitio, em 1646, as primeiras moedas obsidionaes de oiro, do valor de tres, seis e doze florins, das quaes chegaram a nossos dias alguns exemplares, que se guardam nos gabinetes numismaticos, e constituem os monumentos mais antigos de cunho metallico fundido no Brazil. Depois, em 1654, se cunharam ainda de novo algumas moedas de prata de doze soldos, de superficie um pouco maior que as de oiro de doze florins, de 1646. Estas de prata eram quasi quadradas, e as primeiras antes rhomboides. Os disticos, segundo o costume em linha diametral, acham-se inscriptos em circulos. Nas de oiro lê-se de um lado, em tres linhas separadas: Anno — Brasil. — 1646, isto é: Brasiliæ, Anno 1646; e do outro a lettra W, tendo a primeira perna cortada por um G, e a ultima por um C, querendo significar: Geoctroyeerde Westindische Companhie, isto é: «Companhia privilegiada das Indias occidentaes.» Em cima da mencionada letra se designa, em numeros romanos, o dos florins que representa a moeda, III, VI ou XII. Nas moedas de prata o numero XII se vê igualmente sobre o W, cortado com as outras duas lettras, e por baixo se lê do mesmo lado a designação do anno — 1654.»

No principio do seu livro deu o sr. Barão de Porto Seguro uma estampa das moedas que ficam descriptas, as quaes difficilmente se acharão nas collecções numismaticas do nosso paiz.

J. C. de Figanière.

(1) *Moedas correntes no reino, que se cunharam em Portugal e no Brazil no reinado do Senhor D. João V.* Panorama n.os 28 e 29 de 14 e 21 de julho de 1855.

DESCRIPÇÃO DA ARA DE TRAJANO

EXISTENTE EM SANTO ANTONIO DAS TAIPAS, FREGUEZIA DE S. THOMÉ DE CALDELLAS, CONCELHO DE GUIMARÃES, PELO DIGNO SOCIO CORRESPONDENTE O SR. CEZARIO AUGUSTO PINTO

A ara de Trajano é talhada n'um penedo de granito porphyroide, monolitho ovoidal, a que os francezes dão o apropriado nome de *rognon*, e que tanto abundam na provincia do Minho; é cortada de pico grosso, á esquadria, sobre tres lados verticaes, sul, éste e norte, assim como no plano superior parallelo ao horisonte; o lado oeste tem apenas principiado na parte de cima, e em todo o seu comprimento, e n'uma altura proximamente de 0m,25, o principio do rebaixe que tencionavam fazer-lhe, para que os quatro lados ficassem regulares, o que só em parte se poderia ter conseguido, porque por esse lado — que é o posterior — o penedo foge bastante ao prumo no sô-pé, principalmente no cunhal do lado do norte.

Na base dos tres lados lavrados corre uma sapata de irregular largura, que tem, termo medio, 1 metro de alto e que parece ter ali ficado de proposito para contraba-

ARA TRAJANA – VULGO PENEDO ROMANO

Em S.to Antonio das Taipas *Concelho de Guimarães*

lançar o peso da corcova que o penedo apresenta no lado posterior, e a grande falha que tem na sua base.

A altura da parte apparelhada é de 3m,18, o seu comprimento de 3m,38, e a sua espessura na aresta superior de 1m,54.

No paramento principal — que é o longitudinal, lado éste —, acha-se a seguinte inscripção aberta mui tos camente, e disposta de modo indicado no desenho: Est. 3.ª *(Copia do original superiormente desenhado pelo dito socio correspondente.)*

IMP CAES NERVAE F
TRAIANUS AUG GER DAC
PONT MAX TRIB POT VII
IMP IIII COS V PP

D'esta inscripção, que a Camara Municipal de Guimarães, em 1818, mandou pintar de preto e dourar, ainda se conhecem vestigios; occupa meia altura da ara, e a outra metade, assim como a do lado sul, pintaram-a a oleo, — *côr de roxo terra* —, e n'ella gravaram a seguinte traducção:

QUER DIZER AQUELLA OBRA MANDOU FAZER O IMPERADOR TRAIANO AVGUSTO FILHO DE CEZAR NERVA VENCEDOR DOS ALLEMAES E DACOS PONTIFICE MAXIMO SENDO TRIBUNO DO POVO A SEPTIMA VEZ IMPERADOR E CONSUL A QUARTA E TENDO TITULO DE PAE DA PATRIA.

1818.

Conscios do relevante serviço que fizeram á archeologia, e não consentindo tão benemeritos cidadãos que seus nomes ficassem sepultados no esquecimento, mandaram os illustres membros do senado esculpir e dourar, na parte inferior do paramento do lado do sul, este notavel panegyrico:

« Para allivio da humanidade e remedio de rebeldes doenças herpeticas, foram renovados e augmentados estes banhos thermaes por ordem do Senado da Camara da villa de Guimarães, sendo seu presidente o Dr. Juiz de Fóra Estevão Pereira da Cruz e vereadores Francisco Cardozo de Menezes Ataide, e Antonio do Couto Ribeiro, secretario José Leite Duarte, procurador Manuel Luiz de Sousa, em testemunho do zelo e actividade, e para emulação dos vindouros, elles mesmos mandaram gravar esta inscripção que desafia e venera o tempo e a antiguidade em 1818. »

Esta ara esteve por dilatados annos escondida, em parte, no meio de um denso silvado na extremidade de uma bouça de matto; a Camara Municipal de 1844 expropriou parte d'essa bouça que vedou e aformoseou, plantando-lhe arvores que para esse fim mandou vir do Gerez. Este local é visitado por todos os banhistas, e por muitas pessoas que de passagem para Braga ou Guimarães ali se demoram expressamente.

IMPORTANTISSIMA DESCOBERTA DO TEMPLO DE DIANA EM EPHESO

I

Esta *setima maravilha* do mundo foi descoberta recentemente pelo nosso distincto confrade o sr. Wood, tendo conseguido depois de excessivas investigações encontrar o local positivo d'este templo, não ob tante estar soterrado a 22 pés, e terem até então sido infructiferas as repetidas tentativas feitas desde 1824 por outros archeo ogos.

Apenas havia meros indicios do sitio em que este famoso templo de *Artemisa* teria sido edificado, colhidos nas obras dos escriptores antigos, não sendo todavia sufficientes para guiarem com acerto estas difficeis investigações; nem tão pouco davam animo para se arriscar capitaes e perder-se o tempo n'essas laboriosas tarefas: porém a illustrada nação Ingleza nunca se nega a dar os precisos auxilios para tudo que seja util para o progresso das sciencias, por mais incertos e despendiosos que sejam os indicios e se alcancem essas descobertas; porquanto, quaesquer vestigios que se possam obter serão outras valiosas conquistas adquiridas para os estudos da archeologia.

Plinio referindo-se a este monumento exprime-se por este modo: — Um monumento da magnificencia grega e digno d'uma merecida admiração, é sem duvida o *Templo de Diana em Epheso*, erguido em 220 annos por toda a Asia —.

O templo tinha 425 pés de comprido por 220 de largo, e 127 columnas com a altura de 60 pés o ornavam, tendo sido estas offertadas por igual numero de reis para tão sumptuosa construcção. D'estas columnas, 36 da ordem jonica tinham esculpturas com 13 pollegadas de relevo *(Cœlatæ Columnæ)*. Um tambor d'estas columnas com onze toneladas de peso já está no Museu Britannico. Os architectos Cheroipleron e seu filho Metageno foram encarregados da sua construcção.

Já tivemos occasião de apresentar na sessão em que

fizemos a communicação de tão interessante descoberta, uma planta d'este templo, restaurado conforme as indicações do nosso distincto confrade o sr. Wood.

Pelo diametro de 6 pés d'um fragmento d'estas columnas, dá uma idéa das proporções grandiosas d'este templo, que se avantajava pela sua extraordinaria grandeza a todos os templos gregos.

Tambem descobriu o sr. Wood um fragmento d'um friso representando o *Combate das Amazonas*, porém pela sua execução não pertence á melhor epocha das esculpturas gregas.

Este magnifico monumento foi destruido por um tremor de terra, e depois saqueado pelos godos no III seculo da era vulgar.

Quando um architecto tem a fortuna de descobrir antiguidades d'esta ordem, todos os artistas o devem felicitar, e as Associações dos Architectos e dos Archeologos darem-lhe testemunho publico de consideração e de reconhecimento pelo relevante serviço prestado á Arte e á Sciencia ; foi por este justo motivo, e logo que lhe constou esta importante descoberta, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes elegeu para socio correspondente ao sr. Wood, na ultima sessão da assembléa geral do anno findo.

J. da S.

PROFANAÇÃO E VANDALISMO

O sr. Eduardo Coelho publicou no jornal de que é o principal redactor um excellente artigo, como são todos inspirados pela sua esclarecida intelligencia e sincero patriotismo, fazendo um energico protesto, tendo por epigraphe — *Profanação e Vandalismo* —, o qual vamos reproduzir, porque infelizmente essa tão censuravel profanação ainda não pôde ser reparada pela auctoridade como se devia, e o tinham promettido perante a Camara dos Dignos Pares na ultima sessão da legislatura de 1869! Exprime-se com estas sensatas phrases, que, com a devida venia, transcrevemos:

«As nações illustradas dedicam o maior cuidado á conservação dos monumentos que recordam factos memoraveis da sua historia, e lhes são outras tantas glorias, que o espirito destruidor da gente menos instruida malbarata, e busca derribar. Em Portugal, infelizmente, os poderes publicos nem sempre olham para estas reliquias do passado com o interesse que ellas merecem. Visitando o edificio historico de Alcobaça soube um dos nossos insignes architectos que havia sido vendida a capella monumental em que se acham os restos mortaes de D. Pedro I, o *Cru*, e de D. Ignez de Castro, observando que o comprador mandára fazer um celleiro na área que fica sobre a abobada d'aquella capella. O nosso artista communicou o vandalismo á Camara dos Dignos Pares, e o assumpto foi objecto d'uma interpellação do sr. Marquez de Vallada no ultimo dia de sessão parlamentar, promettendo o sr. Ministro das Obras Publicas tratar de pôr cobro a esta verdadeira profanação. Oxalá que s. ex.ª, cercados como são sempre os ministros da corôa de diversissimos encargos, se não esqueça de desaffrontar, e mandar pôr no devido recato um dos mais queridos monumentos da tradição popular e historica, fazendo que se guardem os tumulos que contêem os restos venerandos dos protagonistas da mais funesta tragedia de amor que assombreia as paginas da historia da patria.

.....

«Escudemos contra os embates da brutal destruição um dos nossos mais dilectos monumentos.» etc.

Solicitâmos, pois, com o maximo empenho do actual sr. Ministro, que se restitua ao seu primitivo estado essa veneranda capella sepulchral, e que desappareçam os vergonhosos vestigios d'esse vandalismo, a fim de se evitarem as censuras das pessoas illustradas, e fazer olvidar o pouco apreço com que tem sido acatados os padrões das gloriosas recordações da nossa historia.

CHRONICA

O insigne architecto da Grande Opera de Paris, Mr. Charles Garnier, nosso digno socio correspondente, foi eleito por 25 votos membro do Instituto de França, na classe de Bellas Artes, tendo havido oito concorrentes á cadeira vaga pelo fallecimento do nosso chorado collega Victor Baltard: o numero dos votantes era de 36. Foi uma merecida honra que tão distincto confrade e habil architecto recebeu d'aquella illustrada corporação.

Um sello d'el-rei o Senhor D. Affonso IV (1235) está depositado no museu do Carmo pela sua raridade, pois d'este soberano não havia nenhum em Portugal no archivo da Torre do Tombo; este que foi tirado do sêllo existente no archivo nacional de Paris, foi authenticado pelo respectivo Guarda-mór.

Uma importante descoberta archeologica fez-se ultimamente em Alcacer do Sal: querendo-se estabele-

er uma eira com o diametro de 20 metros, encontrou-e na profundidade de 0m,82, um grande numero de *urnas cinerarias* de differentes dimensões e qualidades. ntre ellas ha duas em estylo etrusco; a maior, que me-e 0m,33, tinha já uma aza quebrada. As suas pintu-as representam os sacrificios usados nas ceremonias entilicas. A outra urna, muito mais pequena, e da mes-a procedencia, está intacta; posto não pertença á me-or epocha ceramica da Etruria, todavia é bastante inte-essante por se ter encontrado no solo portuguez.

Alem destes objectos encontraram-se muitas armas de ronze e ferro, lampadas mortuarias, moedas com a le-enda de *Claudius*; porem o objecto mais importante oi uma mascara modelada em barro coberto de fino stuque colorido, em muito bom estado de conserva-ão, symbolisando o *silencio do sepulchro*, como era cos-ume depositar algumas vezes nas sepulturas das classes nais abastadas, junto das cinzas das pessoas a quem nais haviam prezado no mundo.

O NOSSO DIGNO CONSOCIO O SR. SEBASTIÃO PHILIPPE M. ESTACIO DA VEIGA depositou no museu do Carmo um urioso fragmento romano de cornija corinthia, que oi descoberto em Cuba, proximo da cidade de Beja.

O CONSELHO FACULTATIVO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO re-ne-se este anno na 1.ª e 3.ª quinta feira de cada mez, s horas do costume, para as suas sessões.

RELAÇÃO DOS SOCIOS

Additamento á Lista dos Socios que foi pu-blicada no n.º 7 do *Archivo de Architectura Civil,* ornal da *Real Associação dos Architectos Civis Archeologos Portuguezes,* pela ordem das suas dmissões.

SOCIOS EFFECTIVOS

Ex.mos Srs. Visconde de Benagazil — Dr. Francisco Antonio Pe-eira da Costa — Henrique Folque Possolo — Marquez de Sá da andeira — Conselheiro Joaquim Simões Margiochi — Barão de apurá — Torcato Elias Gomes da Costa — Conde de Rio Maior — Eduardo Coelho — Conselheiro Jorge Cesar Figanière — Dr. ão Chrysostomo Melicio — Conselheiro Carlos Ribeiro — Sebas-ão Philippe Martins Estacio da Veiga — Joaquim Garcia Toledo — Visconde de Alemquer — Antonio Francisco Ferreira — Vis-onde Mason de S. Domingos — José Antonio Gaspar — Augusto arlos Teixeira de Aragão — José Louriro da Silva — Visconde e S. Januario — Conde da Carnota — João Guilherme Henriques — Visconde de Monserrate.

SOCIOS HONORARIOS

Licinio Neomezio Gomes da Silva — Raphael Zacharias da Costa — Henrique Nunes.

SOCIOS CORRESPONDENTES NACIONAES

Ex.mos Srs Sebastião Podros Gamito, Setubal — Dr. João Ayres de Campos, Coimbra — Augusto Cesario Pinto, Vianna do Castello — João Antonio Freitas Fortuna, Porto — Dr. Joaquim Pereira Caldas, Braga — Joaquim José Judice dos Santos, Silves — Caetano Xavier Almeida Camara Manuel, Evora — Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, Portalegre — Dr Francisco Maria de Lima Nunes, Figueira — Commendador Joaquim Silverio Raposo, Alcobaça — Conselheiro José Eduardo d'Almeida Vilhena, Aveiro — Pedro Cervantes de Carvalho Figueiras, Peniche — Joaquim da Conceição Gomes, Mafra — Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Coimbra — João Augusto Ornellas, Funchal — Dr. Joaquim Alves Matheus, Braga — Alvaro Cesar Navarro, Braga — Manuel Joaquim Gomes Braga, em Braga — Padre Antonio José Ferreira Caldas, Guimarães — José Francisco da Silva Mello, Tavira — Padre Antonio Ferreira Louro, Juncal — Dr. Joaquim da Silva Pereira, Santarem — Gabriel Antonio Franco de Castro, Vianna do Castello.

SOCIOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

Mrs. Richard Upyln, New-York — Chevalier Ernest Ziller, Athenas — A. J. Bloor, Philadelphia — G. C. Ferdinand De Lesseps, Egypto — Fritch, Berlim — Conseiller Grand De Reulandt-Antuerpia — Chevalier Roger, Argel — D Mariette, Cairo — Chevalier Charles Lucas, Paris — Chevalier Duc, Membro do Instituto, Paris — Chevalier Charles Delay, Paris — Chevalier Henri Revoil, Nimes — Chevalier Charles Garnier, Paris — Dr. J. Garirou, Montpilier — Chevalier A. De Marsy, Compiègne — Chevalier Cazalis De Fondouce, Montpilier — Conde Senador Gozzadini, Bolonha — Chevalier J. Capellini, Bolonha — Chevalier E. Cartillac, Toulouse — Chevalier J. Limen, Leide — Chambelan De Langerberg, Suecia — Chevalier A. Cassinier, Lille — Chevalier Hams Hildebrand, Stockolmo — Marquis De Congny, Bretanha — Chevalier Loën de Rosny, Paris.

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS Á REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES, DEPOIS DA ULTIMA NOTICIA PUBLICADA NO SEU JORNAL ARCHIVO D'ARCHITECTURA.

PUBLICAÇÕES NACIONAES

Revista das Obras Publicas, pela Associação dos Engenheiros Civis, in 8.º

Fac-Similes das Assignaturas das Pessoas Reaes do Reino de Portugal, pelo Abbade A D. de Castro e Sousa.

Reliquias de Architectura Romano-Byzantina em Por-

tugal, por Augusto Filippe Simões, in folio.

Molluscos Fosseis, por Dr. Pereira da Costa, 1.° e 2.° caderno, in 4.°

Descripção de alguns Silex e Quartzites Lascades, encontrados nas bacias do Tejo e Sado, por Carlos Ribeiro, in 4.°

Descripção de alguns Dolmins ou Antas de Portugal, por Pereira da Costa, in 4.°

Da Existencia do Homem em epochas remotas no Valle do Tejo, por P. A. Pereira da Costa, in 4.°

Noticia ácerca das Grutas da Cesareda, por J. F. N. Delgado, in 4.°

Vegetaes Fosseis, por Dr. Bernardino Antonio Gomes, in 4.°

Memoria sobre o Abastecimento de Lisboa com as aguas de Narcuste e aguas do Rio, por Carlos Ribeiro.

Les Signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments de Portugal, por J. P. N. da Silva, in 4.°, 544 figs.

Descripção Minuciosa do Monumento de Mafra, e com uma noticia de Cintra, por Joaquim da Conceição Gomes, in 8.°

Resumo Historico sobre o Quadro pintado a oleo, que se conserva na Santa Casa da Misericordia de Lisboa, pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa, in 8.°

Relatorio sobre o Cemiterio Romano descoberto proximo da cidade de Tavira, por A. C. Teixeira de Aragão.

Catalogo dos Ponções, Matrizes e Cunhos de Moeda, existentes na Casa da Moeda, por ordem do director D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, in gr. 8.°

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

Souvenirs du Congrès International d'Anthropologie et d'Antéologie Pré-historiques de Boulogne, por J. P. N. da Silva, in 4.° trois planches.

Mafra et Cintra, description détaillée de leurs monuments, por Joaquim C. Gomes, in 8.°

Description des Monnaies, Médailles et autres objets d'Art, concernant l'Histoire Portugaise du Travail, por A. C. Teixeira de Aragão, in 8.°

Descripção Historica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismatico de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, por A. C. Teixeira de Aragão, in 8.°

L'Assainissement de la Ville de Lisbonne, par l'Architecte J. da Silva, dans l'Association Française du Congrès de Bordeaux, 1872, in 8.°

Notice historique et artistique des principaux édifices religieux du Portugal, par J. P. N. da Silva, Lisbonne.

BIBLIOGRAPHIA

Bulletin de la Société des Architectes du Nord, Lille.

Architécture en Portugal, Melanges Historiques et Archéologiques par Charles Lucas, Paris.

Notes Archéologiques pour servir à l'Histoire de l'Architécture en Espagne, par Charles Lucas, Paris.

Matériaux pour l'histoire primitive de l'homme, par E. Cartilhac, Toulouse.

L'École de Percier, par Baltard, Membre de l'Institut, Paris.

JORNAES ARTISTICOS E SCIENTIFICOS

Revue de l'Architecture et des Travaux Publics, pour Mr. Cesar Daly, Paris.

The Building News, by C. W. Bradley, London.

American Institute of Architects, New-York.

Indicateur d'Archéologie, par Mr. Caix, Paris.

Artes e Letras, por Rangel de Lima, Lisboa.

NECROLOGIA

Temos o pezar de registar aqui o passamento de alguns dos nossos dignos confrades e consocios, que, pela sua reconhecida illustração e distinctas qualidades, havia sido muito honroso terem pertencido á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes; bem como por serem seus antigos membros e concorrido para o seu bom credito e progressivo desenvolvimento: conformando-nos com este triste dever, damos pela ordem chronologica, os seus nomes:

Srs. *Conde da Carreira; Conde de Farrobo; Verissimo José da Costa; Visconde de Valmor; Pedro José Peserat; João José Alves Freineda; Conde de Lavradio; Marcianno Henriques da Silva; Joaquim José do Nascimento Lupi; Antonio José Coliffs Guimarães; José da Costa Sequeira; José Maria Eugenio d'Almeida; João Gomes Roldam; João Pires da Fonte; Visconde d'Almeida.* E os socios correspondentes estrangeiros: *Visconde de Caumont*; Mr. *Victor Baltard, membro do Instituto de França; Conde Aria, da Italia;* Mr. *Beulé, Membro do Instituto de França, Paris; e Antonio Mazziotti.*

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo.

BOLETIM ARCHITECTONICO E D'ARCHEOLOGIA

N.º 3

SUMMARIO

Dos primitivos habitadores da Peninsula Hispanica, pelo socio Sá Vilella, pag. 33 — *O novo hospital de Macau*, pelo architecto J. da Silva, pag. 39 — *Castello de Leiria*, (conclusão) pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 42 — *Descoberta rara feita no Algarve*, pelo architecto J. da Silva, pag. 44 — *Apontamentos archeologicos*, pelo socio correspondente F. A. Rodrigues de Gusmão, pag. 45 — *Egreja de Santo André na Villa de Mafra*, pelo socio correspondente Joaquim da Conceição Gomes, pag. 46 — *Decoração*, pelo architecto J. da Silva, pag. 47 — *Chronica*, pag. 48.

DOS PRIMITIVOS HABITADORES DA PENINSULA HISPANICA

(FRAGMENTOS D'UM ESTUDO ARCHEOLOGICO)

Não sei se logo depois da apparição do homem sobre a terra, quando o estado d'esta lhe havia preparado as condições, para a sua vitalidade se desenvolver e sustentar (1), foi, ou não, este rei da creação similhante ás feras: não na intelligencia e espirito, superiores, com que Deus o dotou, nem na capacidade de se entender com os animaes da sua especie, por meio da palavra (2); mas no modo silvestre do seu viver, e nos instinctos de ferocidade, reacção antidivinal da sua origem, de que ainda hoje, desgraçadamente, vemos tantos exemplos; «porque as cogitações e a intenção do coração humano propendem para o mal desde a adolescencia»(3).

Seja ou não seja este, effectivamente, o estado natural do homem; ou fosse elle resultado d'uma degeneração—d'algum isolamento—que o embrutecesse (4), consequencia da perda d'uma primeira civilisação, a que tivesse dado causa alguma immensa catastrophe physica do globo (submersões, terramotos, vulcões, diluvios); ou provinda d'alguma enorme revolução social (especie d'edade-petroleira, prehistorica...) (5), que dispersasse os homens, e lhes confundisse a linguagem: vestigios se têem encontrado, modernamente confirmados, d'aquelle viver ferino (e até de canibalismo?) em muitas partes da terra, e n'alguns pontos da nossa peninsula.

As investigações, e a analyse sobre taes vestigios, levaram os sabios a classificar os homens d'essas edades remotas, com o nome *d'homens das cavernas* (6); ao que a archeologia chama a primeira edade da pedra (archeolithica).

(1) Na epocha terciaria?

(2) Ajuntar-lhe-hei ainda o caracteristico moral e religioso; porque para alguns naturalistas não basta a intelligencia e o verbo do homem, para o distinguir dos animaes: taes virtualidades encontram-se tambem, posto que grosseiramente, n'outras especies.

(3) Genesis, VIII, in f.

(4) Já houve quem suppozesse ser o macaco oriundo do homem degenerado! Mas o que parece certo é que alguns povos, hoje grosseiros, apresentam signaes d'antiga civilisação. Os samoiedas, por exemplo.

(5) A sciencia não tem rasão de ser partidaria, nem politica nem religiosamente: o seu dever é ser unicamente sciencia. Mas eu não pretendo dar me como philosopho, e muito menos como naturalista; até escrevo mais como simples curioso, do que mesmo como archeologo, fique dito uma vez por todas: relevem-se-me, pois, esta e outras aberrações d'estylo.

(6) Que não é o mesmo que o troglodyta de Linneu.

Escusado será embrenhar-me agora na complicadissima questão do tempo mais ou menos duradoiro d'essa edade (7); se ella foi parcial, ou geral em toda e terra; se já findou n'alguns logares; se se prolongou n'outros (8); ou, finalmente, se existiu n'alguma parte conjunctamente a certa civilisação. O que importa, para o meu proposito, é deixar estabelecido que os homens das cavernas habitaram a peninsula hispanica, e nomeadamente o nosso Portugal (9).

Depois da primeira edade da pedra segue-se a segunda (neolithica), denominada a edade da pedra polida (do osso e da loiça): epocha dos dolmens.

Que os povos, que usaram dos monumentos megalithicos, habitaram a nossa peninsula, temos ainda hoje as provas manifestas, vendo as *antas*, que não raras se encontram pelas provincias de Hispanha e de Portugal.

Seguem-se ás edades da pedra as do bronze e do ferro, relativamente curtas, que se chegam a datar de cincoenta e mais seculos, antes da era christã (10); e semi-historicas, por assim dizer.

Aos fins da segunda edade da pedra, e começo das do bronze e do ferro, se poderão referir, segundo me parece, as invasões na nossa peninsula:

I dos atlantes.

II dos iberos.

III dos *celtas*, etc. (11).

Ora, quando eu fallo em celtas, é para acompanhar o commum dos historiadores; porque para mim, celtas e celticos, são apenas expressões historicas, que designam as mais das vezes, povos desconhecidos. Antigamente chamaram celtas a todos os povos, de quem não sabiam a origem, e aos quaes por consequencia não sabiam tambem que nome dar-lhes. Por toda a parte viam celtas. Na Asia, na Europa, na Africa; e até, se bem me recordo, no seculo XVII os foram lobrigar na America! Eram os celtas um especie de cogumêlo humano, que brotava espontaneo em todas as regiões.

Não o digo porque pretenda negar absolutamente a existencia de um povo, ou nacionalidade, a quem tal nome caiba; nem ainda as colonias, que de tal povo proviessem. Mas porque passar alem d'isto, e dispersar celtas por toda a parte, como quem semeia penisco, mormente tractando-se d'um povo que se diz *dorminhoco*, fazendo-o origem de cem nações, como se não houvesse na terra outros povos, creio que é arriscar uma theoria inadmissivel (12).

As edades archeologicas, porém, a que me referi (duas da pedra, a primeira das quaes alguns subdividem em cinco periodos; a do bronze e a do ferro, que tambem alguns subdividem em duas), não marcam em toda a terra, nem creio que em nenhuma parte d'ella estabeleçam uma certa gradação, obrigada e constante, dos progressos da civilisação humana. N'alguns logares existiriam as edades da pedra, quando n'outros já existiam as do bronze e do ferro, e ainda n'outros mais adiantada civilisação; ou coexistiriam simultaneamente todos os factos de taes edades n'alguma grande região da terra, mesmo já nos tempos historicos, como parece hoje confirmar-se, pelo que se conhece da epocha actual, em que sabemos de povos cuja barbaria lamentâmos, a par d'outros cuja civilisação se admira; e de tribus selvagens e d'anthropophagos, juxtapostas ás colonias das nações mais policiadas da terra (13).

Para se poder conjecturar alguma coisa a tal respeito, com fundamento, seria necessario que os estudos da paleontologia e da archeologia se desenvolvessem pela Asia, Africa e America, como se têem desenvolvido pelas nações europeas: seria indispensavel que as excavações geologicas, as investigações e as diligencias dos sabios se praticassem pelos sertões da Asia, pelos gêlos do Baltico, e pelas regiões desconhecidas da Africa e da Oceania, como se vão praticando, principalmente, pela Dinamarca, Italia, Belgica e França.

(7) Algumas opiniões, e bem fundadas nas descobertas paleontologicas mais recentes, lhe dão setenta e mais seculos de duração.

(8) Na theoria moderna, hoje mui acreditada, de que as revoluções do globo se têem operado e vão operando, lentamente e sem grandes violencias, bem poderia a epocha terciaria durar ainda n'alguma parte da terra, quando já a quaternaria houvesse começado n'outra; bem poderia o periodo glacial d'esta ter invadido a Europa, deixando, por exemplo, em mais suave clima do que o actual, a Siberia asiatica, onde começa a desconfiar-se agora da existencia d'um povo de notavel civilisação, em mui remotas eras.

(9) V. as Memorias do Sr. Pereira da Costa, do Sr. Carlos Ribeiro, do Sr. Delgado, e dos Srs. D. Cassiano do Prado, D. Manuel Gongora, etc.

(10) Todos sabem que a chronologia antes do nascimento de Christo não é absoluta. Podem-se citar datas muito mais remotas, sem invocar as chronologias orientaes, nem as egypcias; mas auctorisado pela sciencia.

(11) Estes e outros nomes não servem senão para designar certas gentes; mas não querem, talvez, significar povos, que n'essas epochas já com taes nomes se appellidassem.

(12) Plutarcho levou os celtas á Italia em demanda do vinho d'aquella região, que os enthusiasmára. Com mais rasão elles viriam á nossa peninsula, conhecendo o *Xerez* e o *Douro*...

(13) Entre innumeraveis exemplos, e sem fallar das tribus chamadas *indigenas* das duas Americas, citarei os Boschimans, que, apesar de confinarem com as cultas colonia ingleza do Cabo-da-Boa-esperança, e republica hollandeza do Transvaal, resistem a toda a civilisação.

Mas d'onde vieram á nossa peninsula (porque eu não creio em autochtones, e preferiria o transformismo derivado das theorias de Darwin) os homens das cavernas, póde ser que d'envolta com alguns animaes ferozes de diversa zona (14), para nos legarem pelas grutas os restos fosseis das suas necropoles ou da sua fereza, dos seus repastos ou da violencia sobre homens por homens exercida?

D'onde veiu, até ás plagas extremas do occidente, o povo nomada dos dolmens, para nos deixar os seus monumentos (religiosos?) grosseiros, mas indicando sentimentos moraes, e uma certa arte, no trabalho da pedra, osso e barro, alguma vez com entalhaduras notaveis?

Quaes foram as colonias, que introduziram, ou desenvolveram na nossa peninsula a industria dos metaes?

E, finalmente, que povos occupavam a peninsula hispanica na epocha da conquista romana?

A estas interrogações só se poderá responder com longas discussões hypotheticas.

O berço da humanidade ainda está por descobrir. Provavelmente nunca se descobrirá. E quem sabe (permitta-se-me arriscar um paradoxo), se elle hoje jazerá submerso na profundidade dos mares? (15) Como porventura parecerá verosimil a quem achar fundamento na theoria de Adhemar; ou talvez não pareça absurdo, a quem meditar nos cataclysmos, periodicos ou não periodicos, que no nosso globo tem havido, especialmente no periodo plioceno (16).

(14) A questão climatologica poderia ser levantada n'este logar se não fosse uma questão relativa. Sabe-se que nas primeiras epochas da natureza a terra não era dividida em tamanho numero de climas como hoje. Sabe-se tambem que o clima da epocha terciaria foi mais benigno do que o da quaternaria em que estamos; e se o facto, a que alludo, se passou antes do periodo glacial da epocha quaternaria, a existencia na Europa de animaes equatoriaes não póde offerecer argumentos serios para uma opposição climaterica.

(15) Sem que me refira ao homem-peixe d'um certo naturalista!

(16) Foi por esses tempos, que os geologos dizem que a America se separou do nosso continente; que a parte septentrional da Europa se foi deprimindo gradualmente; que o mar penetrou até ao norte da Germania e ao centro da Russia, inundando a Inglaterra; que a Grecia e a Sicilia se desligaram da Africa, e se formou talvez o Mediterraneo á custa d'algum vasto continente. E quem sabe o mais que nos poderá indicar a exploração geologica d'outras partes da terra se chegar a fazer-se alguma vez? Não devemos tambem esquecer, que a ruptura ou a formação d'isthmos, as inundações ou dissecamentos de territorios, etc. tanto podiam servir para favorecer ou contrariar as emigrações e immigrações, como para unir ou separar povos. A geologia é hoje, no meu conceito, a primeira das sciencias: confio que ella nos dará algum dia a historia da terra e da humanidade...

Por mais que se diga, o Genesis é um grande livro! Tudo quanto no seu tempo constava de tradições do PRINCIPIO, n'elle se encontra, embora imaginosa e symbolicamente relatado, ou menos comprehensivel, seja qual for a rasão, para a nossa intelligencia. N'esse livro admiravel temos d'estudar os tempos primitivos, e perscrutar os antehistoricos. Maravilhados ficâmos depois quando, applicando as descobertas das sciencias modernas aos enigmas, metaphoras e orientalismos do livro de Moisés, achâmos a concordancia dos factos com as phrases escriptas, e lhes descortinâmos o mysterio.

Por toda a parte se encontram a tradição e os vestigios d'um diluvio; até os temos historicos: na antiga Grecia, o que deu origem á Morêa e ao monte Tenaro; na meia-edade, o que deixou a descoberto as ilhas do Texel, Eyerland, etc. Nos nossos dias mesmo, estamos presenciando os mares deixarem umas costas e alagarem outras; rebentarem os vulcões; subverterem-se territorios; apparecerem e desapparecerem ilhas; esconderem-se rios; abysmarem-se montanhas...

A existencia do homem anterior ao diluvio biblico, está hoje demonstrada, dando rasão a Moisés. E póde ser que, pelo fundo d'algum mar, ou sob algum terreno d'alluvião, ainda existam, ou tenham existido, os restos da cidade d'Henoch, e dos industriosos descendentes de Caim: Jabel, o constructor; Tubalcaim, o mestre dos artifices do cobre e do ferro; Noéma, a tecedeira; e Jubal, o *maestro* das citharas e dos orgãos...

N'este logar, o Genesis suscita-me a idéa de que as edades do bronze e do ferro fossem anteriores ao diluvio biblico, ou por esses tempos, pelo menos na Asia. Eu creio n'uma civilisação antediluviana, ou que precedeu a inundação d'uma grande parte do Oriente. E quem sabe se o Eden com o seu jardim não é tambem o symbolo d'uma civilisação mais remota ainda? (17).

Ora, é antiga opinião entre os eruditos, que a habitação da nossa peninsula data dos mais remotos tempos; e que d'ella passaram tribus para a Gallia meridional, e para a Italia e Sicilia, quando esta ilha estava ligada com a peninsula italiana. Os sículos e ligures, que está assentado ser o mesmo povo, tiveram-nos aquelles eruditos como ali idos da extremidade a mais ao sudoeste da Betica, e oriundos da Libya. Tal é tambem a opinião de Niebuhr; e já Strabão tinha esse povo grosseiro como misturado com iberos e *celtas*.

(17) Esta idéa d'um livro pouco conhecido *(La fin du monde par la science)* foi plagiada por Lamartine no Job do seu *Cours familier de littérature*. Os plagios enojam; mas devem-se relevar, e talvez applaudir, ao genio, quando assim levanta e torna conhecida uma grande idéa.

Acreditando na opinião, sobre a antiguidade da povoação da nossa peninsula, e que de toda ella a parte mais antigamente povoada fôra a Betica e a Lusitania, parece-me, comtudo, que os ligures não iriam á Italia procedentes d'Hespanha; mas foram directamente da Africa, quando a Sicilia esteve reunida á Numidia: o que não vae além da epocha quaternaria, como o provam os fosseis alli descobertos, e uma serie de rochas submarinas em direcção ao continente africano (18). Isto, a meu ver, não contraría a opinião dos historiadores a que alludi, fundada na tradição e habitos do povo ligure; porque supponho da mesma familia alguns dos povoadores da Betica e da Lusitania, vindos tambem directamente d'Africa á peninsula hispanica; mas pelo isthmo d'Abyla, que durando a mesma epocha prenderia os dois continentes europeu e africano, como ha todo o fundamento para acreditar (19).

E onde foi buscar a tradição historica, hoje mais acreditada, os povos que habitaram principalmente a parte meridional da nossa peninsula senão á Africa?

Os homens das nossas cavernas peninsulares, porém, foram, segundo me parece, muito anteriores a esses povos; e se a navegação só começou a ser conhecida pelos tempos da segunda edade da pedra, como se crê, por onde poderiam cá vir taes homens sendo africanos tambem, como creio (20), se não por algum tracto de terra que unisse os dois continentes?

Deixando de parte a Atlantide de Platão, que não tenho por inteiramente fabulosa (como tambem não tenho por imaginarias muitas das circumstancias dos *romances periplos* dos gregos) (21), póde suppor-se, que das innumeras hordas selvagens, que errassem pela Mauritania, ou pela Numidia, quem sabe se ascendentes dos troglodytas e atarantes d'Herodoto, algumas d'ellas penetraram na Betica e na Lusitania; e talvez com ellas algum bando de pretos, dos que se reputam *indigenas* dos planaltos dos sertões d'Africa, desde tempos immemoriaes (22), perseguindo-as; ou foragidos como ellas, d'algum grande cataclysmo acontecido pelo Sahara (23); ou ainda, acossados por outras tribus, arabes, ethiopes, egypcias; guerras tambem existentes no tempo d'Herodoto, e de que este historiador nos dá amplas noticias (24).

Entre os craneos que se hão descoberto, nas escavações da nossa peninsula, da França, e da Italia, julga-se serem alguns da raça preta (25); e apparecem misturados com outros da raça branca (semitica?), e tambem da raça mongolica. O que provaria a coexistencia nas mesmas regiões d'homens oriundos de mui diversas partes da terra; aos quaes a antipathia, a indole, ou a necessidade impelliria a aggredirem-se, digladiarem-se, e talvez devorarem-se, como tristemente parece indical-o o exame das ossadas d'algumas cavernas (26).

Entendo, porém, dever confessar n'este logar, que, sem desconhecer os serviços muito apreciaveis, com que os estudos anthropologicos podem auxiliar a sciencia, eu contento-me com a ethnologia, porque o meu espirito não comprehende uma importancia de maior alcance na anthropologia... Assim como não a comprehende

(18) A Italia é riquissima de monumentos prehistoricos. Por lá se encontram tres especies d'estações humanas. A Hispanha está muito atrazada n'estas explorações. De Portugal nada direi, por esta vez... O elephante d'Africa, a hyena malhada, e mais algumas especies da fauna africana, encontraram-se na Sicilia (gruta de San-Teodoro). A ilha Pantelaria parece ter sido o elo que encadeiava a Sicilia com a Africa.

(19) Sem recorrermos a Erathostenes, um escriptor e archeologo mui erudito, que tem hoje auctoridade (o Sr. Maury), faz notar, que o monte Atlas prende mais com o systema orographico europeu, do que com o da Africa; e que o territorio que o circumda, por seu clima, vegetação e população mais pertence á região mediterranea do que propriamente á africana.

(20) O craneo achado ao pé de Gibraltar, em jazigo extremamente antigo, e descripto pelos srs. Broca e Busk, é anthropologicamente considerado de raça muito differente da Berbére (ibera), e classificado como das mais inferiores raças da especie humana.

(21) A sciencia geographica da Grecia está ha muito reconhecida como de grande imperfeição e leviandade Os geographos gregos aproveitaram mal, e sem critica, o que lhes constava por phenicios e cartaginezes. Terei outra occasião de fallar a tal respeito.

(22) Os naturalistas consideram o grande planalto do centro da Africa como isento das revoluções geologicas que revolveram o solo, que hoje habitámos; e os pretos contemporaneos da epocha da formação d'aquella região.

(23) Ha quem supponha que os paizes da Berberia formavam em tempo uma ilha no Mediterraneo. E esta supposição, e a de muitas mais ilhas do que as actuaes, por esse mar, e pelas costas mais occidentaes da Europa, tem a seu favor a confusa tradição d'antigos geographos e historiadores. Averiguou-os todos o nosso phantasioso Luiz Marinho d'Azevedo, sob mui frivolo assumpto. Mas a existencia de um mar interior no Sahara parece estar confirmada, por muitas circumstancias ultimamente observadas, n'aquella parte da Africa.

(24) Liv. IV, 181 a 196.

(25) Na opinião d'alguns naturalistas a raça preta é a mais antiga das humanas raças. O homem, pois, teria principiado... não por um ou tres macacos, como a outros parece; mas por um preto muito feio, até chegar á perfeição do Apollo de Belvedere! Sendo assim, os craneos a que me refiro, poderiam provir do homem primordial, que muitos milhares de seculos de existencia em meigo clima foram transformando n'um gentil *manú*...

(26) Os mais modernos naturalistas têem por sem duvida as provas d'anthropophagia, recentemente descobertas n'algumas cavernas da Italia.

na philologia comparada; aliás muito prestavel, e a que alguns, menos convenientemente, em quanto a mim, chamam glotica.

Sigo a opinião d'aquelle celebre naturalista, ainda hoje auctoridade, e que jamais deixará de ser apreciado, para quem o homem era sempre o mesmo em toda a parte, apenas tinto pela côr do clima (27).

Cada anthropologista tem o seu systema: e mais de vinte classificações têem apparecido, dividindo e subdividindo a especie humana n'um sem numero de grupos e variedades, e até em differentes especies. Por fim de contas, tudo se resume nas tres côres do homem: branca, amarella e preta. As analyses anatomicas do craneo e suas formas; as medições do indice cephalico; o exame das orbitas; da dentadura; do cabello; etc. etc. são estudos respeitaveis; mas, em quanto a mim, não podem aspirar ao completo conhecimento da humanidade.

Pelo que respeita á linguistica, na minha humilde opinião, dá-se o mesmo caso. Na totalidade todos os grupos linguisticos reduzem-se a tres (ou cinco divisões, quando muito), em que todos elles podem ser classificados. Demais, a anthropologia anda em desaccordo com a linguistica. Os dois estudos ainda até agora não poderam combinar-se, para descobrir um phanal que nos guie na obscura questão da especie humana.

Difficilmente o acharão. Com os homens que têem desapparecido da face da terra, como ainda hoje se vão extinguindo muitas tribus das duas Americas, perdidas ou exterminadas, póde ter se extinguido tambem o typo do homem, e o da lingua, primordiaes. Alem d'isso, a fusão das raças, e a confusão das linguas, poderão ter obliterado os primevos typos (28).

É excellente a investigação, por meio da litteratura oriental, dos principios da CREAÇÃO, e do desenvolvimento da nossa especie. É muito louvavel a indagação por meio da philologia comparada, do encadeamento ou divisão dos povos. É muito honroso ir buscar d'entre as gentes indianas, immemorialmente religiosas e civilisadas, as emigrações que povoaram a nossa Europa; e estudar, por meio da anthropologia, os caracteres physicos, que distinguem as raças, para encontrar na mais perfeita d'ellas os nossos illustres ascendentes...

Mas, ao cabo de tanto lidar e d'uma sinuosa perigrinação pelo labyrintho da erudição mais difficil, iremos encontrar o caminho, que com tamanho affan houvermos percorrido, já *orientado* pelas indicações da biblia. Teremos, é certo, aclarado muitos topicos, que nos eram obscuros; rectificado outros, que nos eram incomprehensiveis, e tinhamos por impossiveis de conciliar: a final, porém, iremos parar ao mesmo ponto, embora encaminhados por diversas vias. Este ponto é o da unidade da especie humana, cingida a uma tradição, mais ou menos legendaria, commum a todos os povos da terra.

Com aquellas hordas, ou irrupções d'aquellas gentes, semi-selvagens, vindas d'Africa, e d'origens differentes, nas quaes incluo não só os troglodytas da nossa peninsula, mas tambem os *podionomitas* do Sr. Dupont, que este illustre geologo julga terem habitado tambem os valles e as planicies d'Hispanha, e serem os creadores da industria da pedra polida; conjecturo eu que seria feita a povoação d'esta parte da Europa na edade archeolithica. Estes homens por aqui se iriam estabelecendo, mariscando, caçando, guerreando-se, dilatando-se talvez, tornando-se emfim *aborigenes*.

Até muito depois do periodo glacial, da epocha quaternaria, quer-me parecer que não se podem admittir na nossa peninsula outros homens senão vindos d'Africa; porque as migrações pelo centro da Europa gelada, ou coberta d'agua, seriam impossiveis. Ou então, teremos d'alongar para o periodo mioceno da epocha terciaria, a antiguidade do homem na nossa peninsula, para o que não ha por ora fundamento bem reconhecido (29), se lhe quizermos conjecturar outra proveniencia.

(27) Buffon: tantas vezes citado a este mesmo proposito. Link, muito conhecido entre nós, pensava, que a classificação das raças era uma classificação viciosa. Tenho por muito interessante quanto a este respeito escreveu.

(28) O Sr. Lubbock entende que as raças degeneradas desapparecem da face da terra, e aquellas, cujo estado social fica estacionario, não crescem em numero; só as nações, cuja civilisação progride, augmentam consideravelmente. Bem sei que os anthropologistas recorrem ao atavismo, em certas difficuldades; na linguistica porem não ha esse recurso.

(29) O Sr. Carlos Ribeiro está convencido da existencia do homem na epocha terciaria, em Portugal, em rasão das pedras trabalhadas por mão humana, que encontrou n'uma excavação, nas camadas miocenas, do valle do Tejo, 35 a 40 kil. de Lisboa. No congresso internacional d'archeologia prehistorica, de 1872, alguns sabios deram rasão ao Sr. C. Ribeiro, em quanto ao trabalho da mão do homem; reservaram-se porém emquanto á epocha do terreno em que aquellas pedras foram achadas. O sr. padre Bourgeois tambem está persuadido, por egual rasão, da existencia do homem na epocha terciaria, em França. Provada a existencia do homem terciario na nossa peninsula, não seriam os troglodytas os seus primitivos habitadores; porque a formação das cavernas, julgo que só poderá datar-se da epocha quaternaria. Mas ainda assim parece-me que não seria facil *provar* a primitiva povoação da nossa peninsula por outros homens, que não fossem os vindos d'Africa.

Muitos seculos depois, viriam ainda d'Africa os atlantes (30), e talvez os iberos. E mais tarde, ou por esses mesmos tempos, outros homens, provavelmente da raça boreal: os procedentes do povo dado aos monumentos megalithicos. Se é que a um unico povo estes podem ser todos attribuidos; o que me não parece.

Como qualquer das edades archeologicas se acredita ser de longa duração, n'umas partes mais do que em outras, e com periodos de transição n'algumas, tanto póde ser que taes monumentos sejam resultado d'um ensinamento mutuo, como de praticas aprendidas no uso de costumes, *habitat*, e viver similhantes, ou quasi similhantes, creados por identicas necessidades, mesmo em povos extranhos uns aos outros (31). Hoje ha elementos para poder provar as relações, por assim dizer, internacionaes d'estes antigos povos entre si. Assim como os ha, para se acreditar, que povos muito vizinhos se desconheciam. Indagar os motivos não vem para aqui.

O que parece demonstrado é que os monumentos de pedra: menhirs, peulvens, cromleches, nuraghis, gamellas (bassins) dolmens, antas, que sei eu? que se encontram em muitas regiões da terra, desde a Siberia a Tunes, e do Japão á serra de Cintra, são de mui varias fórmas, e de differente caracter; denotando, se não diversos fins, pelo menos differente modo d'applicação. Nota-se n'alguns certo artificio; o qual, junto á habilidade com que foram obrados muitos dos objectos encontrados nas excavações do seu solo, indica uma certa civilisação, que na maior parte d'outros se não reconhece. Isto provaria, pelo menos, o progresso de muitos seculos, que poderiam dar occasião á separação de muitas tribus, e formação d'outras, que, pelo exemplo, imitação, ou pelo raciocinio, se assimilhassem nos usos.

(30) Povo oriundo da região do monte Atlas. Conhece-se a opinião d'alguns escriptores, que dizem ter reinado em Hispanha Hespero, irmão do rei Atlas, 11:044 annos antes de Christo. E é tambem muito conhecida a tradição do rei Gerião. Estas tradições historicas, quando não são completamente absurdas, creio que não devem ser desprezadas; e, ainda assim, talvez não seja de todo infructuoso indagar-lhes a origem. Um erudito hispanhol, para saír de todas as difficuldades, imaginou que os homens foram transplantados pelos anjos para diversas partes da terra, com o fim de a povoarem ... E passa por historiador critico este *insigne doutor!*

(31) Já um geologo muito auctorisado, avaliou o trabalho de alguns silex, achados em logares mui remotos, com tal similhança de fórma e acabamento, que poderiam dizer-se trabalhados todos pela mesma mão. E no entanto póde ter-se como certo, que os homens que fabricaram esses silex nem siquer jámais se veriam.

Não façamos, pois, hoje com o povo dos megalithas o mesmo que os antigos fizeram com os celtas. Assim como, na minha opinião, nem todos os homens das cavernas representam a mesma raça, mas sim as mesmas necessidades, e por motivo de circumstancias eguaes, identico modo de satisfazel-as; assim tambem os homens dos megalithas representam já um progresso relativo de civilisação, circumstancias diversas, provenientes d'um modo de vida menos agitado, e de natureza mais pacifica, e por consequencia differentes necessidades por outro modo satisfeitas.

Os archeologos parece concordarem, attribuindo ao povo dos dolmens todos os monumentos de pedra, suppostos da mesma edade, e conjecturando que esses monumentos marcam o itinerario da migração d'este povo nomada. Não concordam todavia, sobre a proveniencia d'elle. Alguns o têem por um povo de gente d'alta estatura (os gigantes a que allude a Biblia), e de cabello loiro, saido do norte da Europa. Outros, julgam-no oriundo d'Africa. E não falta quem o vá buscar ao inextinguivel viveiro d'homens, que para muitos escriptores é sempre directamente a Asia. Por *celtas* é que d'antes o tinham todos!

Em meu fraco juizo, inclino-me a achar mais sagazes e concludentes as rasões dos que suppõem uma migração de gente, habituada ás construcções megalithicas, provinda do Baltico; talvez, supponho eu, quando pelo arrefecimento das regiões polares, os gêlos expulsassem dos plainos hyperboreos o homem, a quem ellas já não podiam offerecer condições de vida.

Quer-me parecer, porém, que nem todos os homens dos megalithas, procedem d'esta migração; ou mui numerosa, e por longo tempo durou ella, para poder dispersar-se por tantas e tão longiquas partes da terra! E ainda assim mui custosa será de provar a sua identidade em muitas d'essas partes.

Tambem me quer parecer, que na epocha em que se verificou a entrada de taes homens na nossa peninsula, relativamente moderna, já estaria muito rareada, se não extincta, a primitiva população troglodyta; ou porque os homens das cavernas uns aos outros se houvessem destruido; ou por outras causas, que na longa duração da primeira edade da pedra poderiam ter sido muitas. Pois que não me parece natural, que os homens das antas se dilatassem tanto, desde os montes Pyrineus até ás penhas do Cabo-da-roca; nem os atlantes, pela Betica e Algarve; nem, finalmente, os iberos, por grande parte da nossa peninsula, até ao Rhodano, sem porfiada oppugnação d'aquelles homens quasi selvagens, que por ahi existissem, se fôra grande o numero d'elles. E sendo pequeno esse numero, bem

HOSPITAL MILITAR DE MACAU

Pag. 38

poderia ir sendo exterminado pelos recem-chegados (32).

A estes povos, os atlantes, o das antas, e o das minas (iberos) me parece, que se poderão ajuntar, mais tarde, algumas colonias gaulezes, *celtas e celticas*, que atravessassem os Pyrineos, e a final se fundissem no povo chamado celtibero. Sem que isto queira dizer, que não restassem outros povos, por differentes partes, na nossa peninsula.

Aconteceria isto, já no decurso das edades do bronze e do ferro, n'outras regiões da terra; edades que na nossa peninsula talvez melhor seriam denominadas *edade dos metaes* (33).

E, para seguir o conselho de Schlegel, de que não devemos abandonar as tradições historicas, cumpre-me mencionar ainda, a de que mui antigos escriptores se fizeram echo, da vinda á nossa peninsula dos netos de Noé (34). D'esta raça, a japetica, é provavel que proviessem ainda novos elementos de civilisação.

Assim existiriam as coisas, pelo tempo da vinda dos phenicios, gregos e carthaginezes, que, commerciando, ou guerreando, se foram estabelecendo por muitos pontos da nossa peninsula; dando origem a differentes cruzamentos e fusões de povos, com os quaes se foram creando novas nacionalidades, até ao tempo dos romanos, em que verdadeiramente começam para nós os tempos historicos.

Chegado a este termo, deveria eu estudar, mais d'espaço, os costumes, a civilisação d'estas gentes, pelas epochas decorridas; e occupar-me ainda dos vascos, euskos, ou euskaldunacs, que alguns escriptores suppõem iberos tambem (35), outros reputam fennos (36); mas que me parece não serem uma nem outra coisa: pequeno, e mui notavel povo, que se deixou ficar circumscripto pelas serranias cantabricas, e vertentes septentrionaes dos Pyrineos, como que segregado do resto da nossa peninsula. Taes indagações, porém, terão cabida provavelmente n'outra occasião.

Será então opportuno averiguar se haverá ainda alguma parte da nossa peninsula, em que se possam descobrir vestigios dos typos das primeiras raças dos seus habitadores.

Se haverá localidades em que esse typo se tenha conservado puro, ou pouco menos, resistindo porventura a todas as fusões.

Se terá havido fusão entre todas, ou apenas algumas das antigas raças.

E por que feições, ou caracteres, poderemos conhecer os elementos da fusão, e distinguir as raças. Se pela physionomia, se pela lingua, se pelos habitos, se pelos nomes das localidades...

Farei então algumas considerações, indispensaveis, sobre o abandono em que o nosso governo deixa os estudos da archeologia prehistorica em Portugal; e o pouco interesse que por elles mostra a nossa litteratura; havendo alias entre nós theoricos mui distinctos, que poderiam ser tambem praticamente sabios n'esta sciencia, na paleontologia, na linguistica e na anthropologia, como o vão sendo na geologia, a mais interessante das sciencias naturaes dos tempos modernos.

(32) Será conveniente lembrar n'este logar, aos que se admiram de não se encontrarem maior porção d'ossadas humanas, e de serem ainda mais raros os craneos, na maior parte das excavações: 1.º, que o movimento das aguas, ou a subversão de collinas, por effeito de vulcões e terramotos, etc. póde ter arrojado aos mares, ou consummido pela humidade, e subvertido comsigo, ou pulverizado, grande porção d'essas ossadas; 2.º, que a incineração dos cadaveres parece ter sido usada n'essas edades, como se prova talvez pelas cinzas e restos de carvões, achados em muitas cavernas, attribuidos a residuos de cosinha, etc.; 3.º, que os antigos historiadores disseram d'alguns povos, entre estes os *iberos*, que haviam por costume abandonar os cadaveres ao pasto das aves de rapina; 4.º, que algumas tribus selvagens, ainda hoje, usam d'aproveitar os craneos como taças para beberem.

(33) É conhecida a fabula da erupção dos pyrineos, de cujas entranhas correu oiro derretido, de que os pastores faziam cajados, e os phenicios fizeram depois ancoras! Mas é curioso o achado d'um diadema d'oiro, na gruta dos Murciélagos, na provincia de Granada, segundo se vê na Memoria do sr. Gongora. Em todo o caso, a descoberta do oiro é antiquissima na nossa peninsula. Ha quem attribua aos aryanos a introducção da industria do oiro na Europa; o que equivaleria a datal-a uns 30 seculos antes de Christo.

(34) Mas d'isto a acreditar, que o proprio Noé aqui veiu, uma ou duas vezes, a visitar os seus parentes, como quem viaja *en touriste* nos vapores do Leman, vae a distancia que ha do possivel ao absurdo. Fr. B. de Brito, Fr. N. d'Oliveira, Marinho Azevedo, e outros, são entre nós os chronistas d'uma divertidissima serie de soberanos, sem interrupção, desde Tubal até Viriato! Osiris, Hercules, Baccho, Ulisses, Nabuchodonosor, Alexandre Magno, entram na lista. Até Homero cá veiu, em poetica digressão, visitar o Algarve, e talvez gostar-lhe os figos.

(35) G. d'Humboldt, e outros.

(36) Supposição creada pela anthropologia, e ultimamente pela anthropologia rejeitada!

10—8—74.

Sá Vilella.

EDIFICIO DE UTILIDADE PUBLICA

O NOVO HOSPITAL EM MACAU

São tão poucos os edificios publicos construidos em Portugal n'este seculo, que apresentem, pela sua bem

delineada planta, aspecto grandioso e agradavel perspectiva, e sobretudo offereçam as condições reunidas ás mais apropriadas de sua especial destinação, que nos surprehendeu sobremaneira quando recebemos do distincto governador de Macau, o ex.mo sr. Visconde de S. Januario, digno socio da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, uma photographia tirada d'um hospital militar, que por iniciativa e sob a illustrada inspecção de s. ex.ª foi construido no presente anno n'aquella colonia portugueza. Examinámos com satisfação o prospecto de tão magnifica fabrica, e posto que nos ufanassemos de se haver executado tão longe da metropole um edificio d'esta ordem (pois alem da sua reconhecida utilidade e merecimento architectonico, faz tambem honra á nação a que pertence, e attrahe merecida gloria ao esclarecido promotor d'este grande melhoramento, o qual era ha muito reclamado para beneficio da humanidade e credito do governo): parecia-nos quasi impossivel ter-se podido executar n'esta epocha tão vasto edificio, com as condições essenciaes de bem entendida distribuição, de grandioso aspecto, assás esbelto, notando-se-lhe sobretudo bastante novidade na sua geral configuração.

Não é de certo um typo architectonico, que possa servir de modelo para estudo d'arte, nem tão pouco ser citado como offerecendo o caracter mais proprio para um hospital; não obstante, não se podem recusar elogios á feliz intelligencia de quem compoz o conjuncto das suas fachadas, muito embora ellas lembrem um pouco as construcções orientaes, e ao mesmo tempo apresentem reminiscencia das edificações britannicas; talvez por estar n'aquella região, e na proximidade das possessões inglezas: todavia essa construcção mixta foi calculada para produzir agradavel effeito, ainda que independente da sua determinada applicação. Sendo, pois, considerado sob este ponto de vista, reconhece-se muito merecimento na sua composição architectonica, e tem novidade esta recente construcção. (Estampa 5.ª)

Foi bem entendida a collocação de dispôr em varios pavilhões as suas enfermarias, pois não só lhe proporcionou terem mais luz e ar, ficando separadas por pateos abertos na sua extremidade opposta, evitando a accumulação dos doentes, o que está reprovado pela sciencia; mas egualmente facilitou dar-se-lhe um aspecto mais pittoresco, porque a saliencia de seus diversos corpos sobre o prolongamento da fachada, produzindo as projecções das sombras sobre ella, motiva um agradavel contraste e lhe faz realçar muito mais as divisões principaes do edificio.

Foi excellente a idea de se aproveitarem os dois torreões das extremidades, para se collocarem sobre elles dois mirantes: e com quanto pareça estarem deslocados em um hospital similhantes accessorios, todavia a elevação d'esses corpos contribue muito para lhes fazer mais vistosa a fachada do edificio, e attrahir a attenção do publico, para desfrutar o bello effeito causado pela novidade do conjuncto d'esta construcção.

Felicitâmos, pois, o ill.mo sr. capitão Dias de Carvalho, pela intelligente distribuição do plano; assim como receba encomios o ex.mo sr. barão de Cercal pelo encantador aspecto com que delineou os alçados do hospital de S. Januario; o que fará sem duvida lembrar com maior reconhecimento aos habitantes de Macau qual a solicitude do esclarecido governador, o ex.mo sr. visconde de S. Januario, por ter dotado aquella cidade com um tão necessario melhoramento publico.

Achâmos curioso fazer alguns extractos da excellente memoria publicada pelo sr. capitão Carvalho, em que descreve a distribuição d'este hospital, havendo-se inspirado para traçar a sua planta do afamado hospital de S. Raphael da Belgica; e tambem nos dá informações do modo como os operarios chinas executam estas obras, tanto em relação aos costumes d'aquella região, como pela maneira original de se contratarem com elles as construcções n'aquelle paiz.

O edificio tem de extensão 205 covados chinas (75 metros, 37 cent.), e de largura 100 covados (37 metros).

No torreão do lado esquerdo está a capella e por cima o observatorio metereologico; no que fica á direita estão as salas de conferencias, alojamento do director, e o mostrador do relogio.

Entre estes dois torreões é o edificio abarracado, ficando dividido no centro por um corpo saliente com um andar nobre, o qual serve para a sala das sessões, gabinete do director e secretaria; sendo destinado o seu pavimento inferior para o vestibulo da entrada principal, casa da guarda e quarto do porteiro.

Os quartos dispostos n'este primeiro plano servem para enfermarias dos officiaes, casa de banhos, pharmacia, arrecadações. Abrem estes quartos para uma extensa galeria do comprimento total do edificio.

Na rectaguarda d'esta galeria estão dispostos cinco corpos perpendiculares á fachada do edificio, com 24 metros, 61 cent. de comprimento, e de largura 8 metros, 57 cent. D'estes corpos, os tres centraes são para enfermarias de 20 doentes, tendo-se-lhes dado 40 metros de ar para cada pessoa. Todas estas enfermarias têem quartos annexos para banhos, arrecadações e privadas. Os dois corpos extremos estão divididos no meio por um

corredor, que liga com a galeria; servindo um d'elles para presos doentes, quarto para alienados, sala de operações, arrecadações, cosinha; o outro corpo é destinado para quartos dos officiaes inferiores, enfermeiros, banhos.

Todos os alojamentos teem caixilhos e portas janellas, independentes um dos outros para obter sufficiente luz e ventilação.

Do edificio, na sua frente principal, ficando elevado d'este lado acima do terreno 6 covados (7 metros, 8 cent.) poderam aproveitar todo o espaço inferior para servir de armazens; havendo junto ao edificio o jardim do hospital, que tem a fórma de ferradura, occupando uma area de 1:500 metros quadrados e sendo rodeado por uma espaçosa estrada de 15 metros de largura.

Uma balaustrada com 300 metros aformoseia e separa o edificio da estrada do Viscende de S. Januario.

Despendeu-se com toda a construcção d'esta obra a quantia de 16:000$000 réis, incluindo aqueductos, pontes, pavilhões necessarios para completar esta moderna construcção.

——

Entre os chinas ha tres classes de operarios. Pertencem á mais inferior os que trabalham em alicerces ou muros d'alvenaria, e são conhecidos por *pedreiros de pedra*: á segunda os que trabalham em paredes de tijolo ou em telhados, e a estes denominam *pedreiros de tijolo*; finalmente a classe mais elevada é a dos que trabalham em molduras, estuques, e ornatos, *são os mais peritos*; e causa admiração a paciencia que consomem n'esta especie de trabalho, e os utensilios ordinarios de que se servem.

O jornal de pedreiro está fixado a 173 réis, e do servente a 85 réis.

No officio ha quatro cathegorias distinctas, *cabeça, cabecilha, officiaes* e *serventes*. O cabeça, superintendente em todas as obras do officio, recebe tantos por cento dos salarios de seus officiaes e serventes.

Os cabecilhas não são mais que directores de tarefa. Cada official tem á sua disposição dois serventes. Calculam-se 9 horas de trabalho em cada dia.

Chamam se *picadores* na China aos cabouqueiros e canteiros. O seu trabalho é muito imperfeito pela falta de conhecimentos d'este officio, e sobretudo pela grosseira ferramenta de que se servem. O picador em geral é mentiroso e mandrião; existem todos associados, e nunca tomam trabalhos, já principiados pelos seus companheiros, por expressa prohibição da sua associação.

N'esta classe distinguem-se tambem *cabeça, officiaes* e *aprendizes*. O cabeça em geral só delineia pela manhã os trabalhos dos officiaes, porque fuma quasi todo o dia. Os officiaes precisam duas horas durante o dia para fumar opio. São estes os operarios que na China teem maior salario, recebendo sem distincção 282 réis.

Os carpinteiros compõem uma forte associação, são os operarios mais serviçaes, trabalham sempre de bom grado, são activos e os seus trabalhos são os mais perfeitos de todos os officiaes que entram na construcção. O officio é de 5 annos e adquirem conhecimentos de geometria. O seu salario é tambem de 282 réis. Os cabeças descontam-lhes uma certa quantia para a sua associação.

Os officiaes de ferreiro recebem a paga do seu trabalho pela differença que ha entre o peso bruto do ferro e aquelle da obra acabada, que corresponde ao feitio. Está ainda em muito atrazo este officio.

Os salarios dos pintores são baratissimos: alguns d'estes muito perfeitos e com bastante habilidade. Costumam primeiro acharoar a preto os objectos que têem de ser dourados.

——

A cal superior é muito fina, mas é n'esta qualidade que se encontra mais fraude, porque lhe misturam farinha de arroz, ou uma qualidade de terra mui branca.

Conforme na argamassa entra algodão, papel ou palha, os chinas empregam a *cal algodão* para superiores estuques; *cal papel* para rebocos: o seu preço varia conforme a qualidade, como o peso de 133 libras custa de 121 a 344 réis.

Os pedreiros empregam nos trabalhos cal muito pisada *com palha*, a qual chamam *cal peluro*.

A argamassa para unir ladrilhos é composta de *limalha de ferro* e *azeite de pau* (de menduim).

Entre as madeiras de que se servem os chinas para as suas construcções, taes que pau ferro, teca, madeira de *Singapura*, entena (vigas), pinho da China; é, porém, de veneração para elles aquella madeira designada pelo nome de *Chau*, madeira escura, bastante pesada, a qual é empregada como *pau de fileira*; sobre elle lançam grandes tiras de panno, a fim de afugentar os *maus espiritos*, e chamar a *felicidade* para as suas construcções.

——

Esta resumida noticia a respeito da pericia dos diversos officios dos operarios, seus salarios e o modo de usar dos materiaes, na China, julgâmos seria interessante para nós, architectos da Europa, podermos avaliar melhor a perfeição do trabalho e o custo da obra, em referencia á quantia despendida no novo edificio do hospital que foi ultimamente construido na cidade de Macau.

O architecto J. da Silva.

O CASTELLO DE LEIRIA

(APONTAMENTOS E CONJECTURAS)

Pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, professor do Lyceu em Leiria

(Continuado do n.º antecedente, pag. 19)

Quando D. João de Castella invadiu Portugal, chamado por D. Leonor Telles, era alcaide do castello de Leiria, posto pela rainha, Garcia Rodrigues Taborda. Este recusou abrir a fortaleza ao Mestre d'Aviz, quando, levantado o cêrco de Torres-Vedras, marchava para Coimbra, mantendo a fé jurada até á epocha da batalha de Aljubarrota, em que morreu. Bem podéra, talvez sem taxa de traidor, ter seguido outro avizo, sendo manifesta a injustiça da causa que defendia; mas desculpa-o, porventura, sua naturalidade. (Nota D.)

Diz Faria e Souza (part. 3.ª, cap. 1.) que o Senhor D. João I, em seguida á sua acclamação em Coimbra, entre outros officiaes de sua caaa que nomeou, fez thesoureiro-mor a Lourenço Martins—*Ya Alcayde Mayor de Leiria*—. Quer porventura dizer, ou que el-rei, contando com o rendimento do castello, que ainda estava por Castella, nomeou antecipadamente alcaide d'elle, e depois thesoureiro-mór, a Lourenço Martins; ou que este fidalgo já o tinha sido, talvez proximamente a Garcia Rodrigues, cargo de que seria exonerado por sua affeição ao Mestre d'Aviz. A não ser isto, não acerto em conciliar tal noticia com a outra que o mencionado historiador deu ha pouco, e eu referi acima, de haver Garcia Rodrigues negado ao Mestre entrada no castello, quando elle vinha de Torres-Vedras, facto que precedeu mui de perto a acclamação; sendo o mais verosimil, que o castelhano, quando marchou a encontrar os portuguezes, como effectivamente encontrou ao pé de Aljubarrota, passasse por Leiria, e Garcia Rodrigues o seguisse.

Fosse como fosse, é provavel que este Lourenço Martins seja o mesmo que teve a seu cuidado ao Senhor D. João nos primeiros annos da sua infancia; não obstante chamar-lhe o citado historiador n'outro logar Lourenço de Leiria, e Fr. Bernardo de Brito *(Elogio hist. dos reis de Port.)* Lourenço Martins da Praça: e depois foi um dos vinte cinco homens d'armas, que acompanharam ao mesmo Senhor na empreza da morte do Conde Andeiro,

Em um livrinho intitulado *Ramalhete de devoção* li, fazendo referencia á 8.ª part. da *Monarchia Lusitania*, que o Senhor D. João I finalmente estivera em Leiria com a Senhora D. Philippa, sua esposa, depois da batalha de Aljubarrota. Foi talvez por esta occasião que os piedosos monarchas principiaram, ou antes reformaram, o convento de S. Francisco, e fizeram a obra do alcaçar.

O mesmo principe revogou a doação que seu irmão fizera á rainha D. Leonor; e declarou, que o castello de Leiria nunca mais seria separado do patrimonio real: talvez para não tornar a acontecer o que aconteceu quando elle era d'aquella Senhora.

Emfim, debaixo da fé da chorographia portugueza, foi em Leiria que se creou o infante D. Affonso, illustre tronco da regia Casa de Bragança.

Não honrou menos Leiria com sua assistencia o Senhor Rei D. Duarte, apesar do seu curto reinado. Das occasiões que isto fez duas foram bem solemnes. A primeira, quando depois da trasladação do seu defunto pae, veiu aqui pousar, onde foi jurado pelos alcaides-mores, e pelo povo. É por esta rasão certamente, que o A. da Geographia Historica diz, que as côrtes para o juramento do virtuoso, quanto infeliz monarcha, foram abertas em Leiria, e continuadas em Santarem. A segunda, quatro annos mais adiante, presidindo a outras côrtes, em que se decidiu, que se não entregasse Ceuta aos Mouros, nem mesmo a trôco da pessoa do Principe: foi o voto do Conde de Arraiolos.

D'aqui em diante não sei de mais nenhum de nossos monarchas, que se demorasse em Leiria.

O Senhor D. Manuel fez mercê d'uma sepultura na egreja do castello a Pedro Barba Alardo, alcaide-mór do mesmo, e neto de Fernão Rosa Alardo, que tambem o havia sido. A sepultura era na capella-mór da parte do evangelho: ainda hoje (1868) se podem ver as suas ruinas, bem como a inscripção d'onde isto consta, e é a seguinte:

S.ª DE Q̃ FES M.CE O S.OR REI. D. M.EL A P.º BARBA ALARDO ALÇAIDE MOR DESTE CAS.º CAP.AM G.L DE CEITA. F.º DE RVI BARBA COREA. DO C.º DOS REIS. D. A.º 5.º E D. I.º 2.º E N.TO DE FERNÃO ROZA A L.DO Q̃ FOI ALCAIDE MOR DESLE CT.º E DO DA V.ª DE OBIDOS. E BISNETO DE RVI-MIZ BARBA E ERIA. MIZ. ALD.RO O S.º. . . . D. ALD.RO S.R DE V.ª VERDE. POR. M. DELREI D. A.º I.º ANNO DE II60.

Póde egualmente ver-se a *Mon. Lusitana.* part. 3. L. 10, C. 29, onde alguma cousa diz, que illustrará esta inscripção.

Como toquei n'esta inscripção, direi um reparo que ella me suscita. Nota Fr. Antonio Brandão, que o cargo de alcaide mór de Leiria andava na casa dos marquezes de Villa Real, os quaes tinham um palacio de fabrica antiga junto ao rio (Nota E); e a inscripção declara, que já antes do reinado do Senhor D. Manuel tinha o sobredito cargo a familia dos Barbas, a qual parece não ter parentesco com a dos marquezes, que são Menezes. Ora, como estava em costume constituirem as alcaidarias-móres uma como herança de familia, ao menos talvez quando se tornaram meros titulos honorificos; e até em certo caso previsto pela Ord. (L. 1. Tit. 74) eram uma verdadeira herança: como foi que o de castello de Leiria passou dos Barbas para os marquezes de Villa Real? e d'estes outra vez para os Barbas, que ainda não ha muito se gloriavam d'esta honra? O palacio tinham elles em Leiria: ainda existe. Que lá residiram, tambem não ha duvida: ahi fez seu testamento, e falleceu(?) a marqueza de Villa-Real e Duqueza de Caminha D. Isabel de Alencastre, mulher do primeiro Duque Marquez de Villa-Real, D. Miguel de Menezes. Possuo uma copia d'este documento, e ella jaz na egreja do convento de Santa-Anna. Ahi se achava o Marquez D. Luiz de Menezes, quando rompeu a gloriosa revolução de 1640. Mas isto que prova? que os marquezes tinham uma casa em Leiria, e, a meu ver, nada mais. Lembra-me, que talvez alguns dos nossos reis, que succederam ao Senhor D. Manuel até á quéda da dynastia portugueza, ou mais ainda algum dos Philippes, a cuja causa os marquezes eram affeiçoados, e de quem tinham recebido outras mercês (Nota F.), os houvesem investido n'aquella dignidade, embora mau grado dos Barbas; ou ella já então não fosse mais que honoraria, ou fosse ainda effectiva: e que, extincta a casa de Villa-Real em 1641 pelo modo que se sabe, revertesse aos Barbas, seus antigos possuidores. Quanto ao historiador cisterciense podia ser que não tivesse conhecimento da inscripção (a qual, comtudo, parece não haver escapado ao Fr. Carvalho, que escreve no sentido d'ella), e se illudisse por causa do palacio.

E porque d'aqui para diante não haverá mais occasião de fallar dos alcaides-móres de Leiria, não ficará porventura mal n'este logar uma resenha, ou recapitulação, d'aquelles de que nomeadamente tenho noticia.

Paio Guterres, o primeiro que teve este castello, no reinado do Senhor D. Affonso Henriques. No livro das Eras de Sancta Cruz de Coimbra, vulgo —*livro da Noa*— se diz, que era conego de Santa Cruz.

João Carapesal, no tempo de Senhor D. Sancho I.

Martim Fernandes, sob o Senhor D. Affonso III.

Pedro Annes de Portel. Ainda assigna como tal em 1282.

Lourenço Annes Redondo, pelo Senhor D. Diniz.

Garcia Rodrigues Taborda, posto por D. Leonor Telles.

Lourenço Martins, pelo Senhor D. João I.

Ferrão Rosa Alardo, no reinado, provavelmente, do Senhor D. Affonso V.

Pedro Barba Alardo, agraciado pelo Senhor D. Manuel.

Somos chegados á infausta dominação hespanhola. Muitas considerações me levam a crer, que durante este periodo o castello de Leiria esteve desprezado. Era maxima de Philippe II, maxima que elle transmittiu a seus successores—*que mais valia ser soberano d'um reino arruinado e mal seguro, que florescente e poderoso com perigo de inquietar-se.*— A' conta d'este barbaro principio, abandonaram-se praças, e deixaram-se caír suas ameias; carregou-se desapiedadamente a mão em materia de tributos: fizeram-se levas sem limitação de numero; e o nobre sangue portuguez correu a jorros em paizes extranhos a prol de extranhos senhores. Na Africa, na Asia, na America as vexações e damnos que soffreu a corôa portugueza não foram menores. No longo espaço de sessenta annos, no paiz e no ultramar, que males nos não causou o desamor de governadores estrangeiros, e a torpe baixeza, a criminosa ambição de naturaes degenerados!

Já o citado Brandão, que escrevia por estes tempos, lamentava os prejuizos que os muros do castello iam experimentando em rasão dos annos; e taxava o descuido de quem (palavras formaes) deixava ir perdendo *tão nobres antiqualhas*, expressão que dava a entender que já no tempo que ía correndo o castello não merecia mais que as honras d'um monumento de passados feitos, isto é, d'um movel, precioso sim, porem já retirado de uso. E a esta opinião favorece o mais que o alludido historiador ajunta que, «os marquezes de Villa-Real tinham aposentos na fortaleza, onde algum tempo viveram, mas que agora (no tempo do historiador), quando vinham á cidade, se agasalhavam em outros que tinham junto do rio».

E assim devia ser. A grande revolução que experimentou a arte da guerra com a invenção da polvora e da artilheria, não podia deixar de contribuir extraordinariamente para o abandono de numerosas fortalezas. Possantes para resistir aos engenhos e trabucos da idade-media, haviam-se tornado insufficientes contra as balas e pelouros do canhão moderno. Assim que, a contar do Senhor D. Manuel, a historia (que eu saiba) não torna mais a occupar-se do castello de Leiria.

D'onde collijo, em summa, que do governo d'este soberano por diante entrou a ser cada vez menos considerado; que no interregno dos Philippes esteve totalmente esquecido; e finalmente que, como na prolongada lucta, que depois da restauração sustentámos com Castella, não consta se fortificassem senão as praças das fronteiras, nunca mais suíu d'este esquecimento.

A caminhar d'aqui tudo são ruinas. Mas como a acção do tempo ia vagarosa, entenderam os homens que deviam ajudal-a; e n'este empenho vieram os francezes em 1810, seguiram-se-lhes os proprios portuguezes em 1833 e 34, pozeram todos mãos á obra, e apenas deixaram os muros da cerca episcopal, porque lhes convinham; a torre da menagem, porque não poderam talvez, ou lhes não sobrava tempo para a destruir; algumas paredes do alcaçar; as da egreja e casa dos conegos regulares; e outras pouco importantes á entrada do castello.

Actualmente (1868) acham-se em terra tambem a parede oriental da casa dos sobreditos conegos, que era contigua á egreja, e uma outra parede interior da alcaçova. Attribuem-se estes estragos ao terremoto de 11 de novembro de 1858; se não ao facto vandalico, denunciado pelo —*Leiriense*— d'aquella epocha (n.º 430, de 27 de maio de 1859) de se andar demolindo uma parede do castello, para lhe aproveitarem a pedra!

Eis-aqui, em compendio, quanto a minha insufficiencia pôde colher ácerca da historia do pictoresco castello de Leiria—cujos cavalleiros eram tidos pelos melhores cavalleiros do paiz; cujos peões não eram excedidos por nenhuns peões—MILES DE LEIRENA STEL PRO MELIORIS MILITE DE TOTA TERRA REGIS IN JUDICIO, ET PEON PRO MELIORI PEONE. (Foral de Leiria pelo Senhor D. Affonso Henriques).

Esta é ditosa patria minha amada (Camões), a fertil, amena, e pacifica Leiria, berço do mavioso *Lereno*, que, a mais não poder ser, tão docemente cantou seus campos e collinas ao som dos murmurios do Liz:

Cuja riba se aréa
Do alemo e da faia,
Do freixo e do salgueiro,
Do ulmo, da avelleira, e do loureiro.
(F. R. LOBO, PRIM.)

(Nota D.)—Gallego lhe chama Faria e Sousa. (Europa Port. T. 2. P. 3. C. 1. n.º 67).

(Nota E.)—Depois que Brandão escreveu isto, o leito do rio foi mudado um pouco mais para o nascente, de sorte que hoje não corre já ao longo do palacio. Ainda ha poucos annos se demoliu a ponte velha que o atravessava.

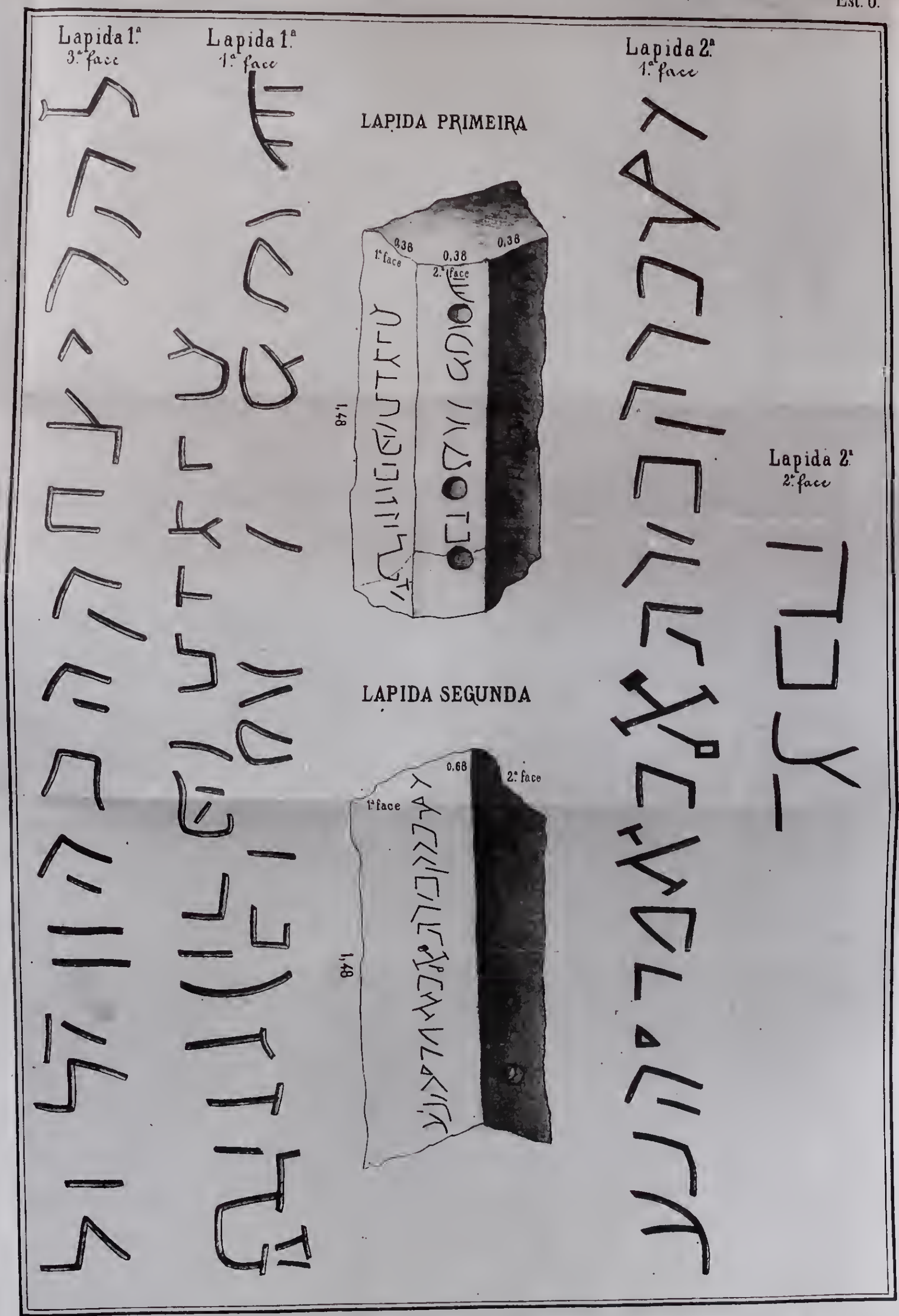
(Nota F.)—Philippe II. (I em Port.) fez duque de Villa-Real ao marquez do mesmo titulo D. Manuel de Menezes; e Philippe III (II em Port.) Duque de Caminha ao marquez D. Miguel de Menezes (Faria e Sousa—Europ. Port. T. 3. Part. 2. C. 1. e 2.)

N. B. Póde tambem ler-se, com muita vantagem, a *Descripção topographica, historica, ecclesiastica, do Bispado de Leiria, pelo Padre Manuel Rodrigues de Faria*, da qual ha publicado um caderno, impresso na Typographia Leiriense em 1859. Segundo este livro, a egreja, cujas paredes ainda hoje se vêem no castello, não é a primitiva, que o Senhor D. Affonso Henriques mandou fazer, a qual era mais pequena, e d'outro feitio; mas sim uma segunda, que a piedade do Senhor D. João I mandou construir sobre as ruinas d'aquella. Diz que na capella-mór, e nas linhas e ferros da egreja, estava a divisa d'este soberano, e no côro as suas armas. E finalmente, que tinha vidraças pintadas, mandadas fazer pelo Senhor D. Manuel, como attestava um letreiro que havia do lado do evangelho.

DESCOBERTA RARA FEITA NO ALGARVE

Os primeiros antiquarios de Portugal haviam-se dedicado muito mais ás investigações epigraphicas respectivas ás remotas eras, do que curaram de outros vestigios archeologicos; e posto que tivessem colhido grande numero de importantes inscripções, tanto das epochas romanas, como d'aquellas da idade media, e da renascença. todavia, nem todas as existentes no paiz lhe poderam ser conhecidas como foi a descoberta no Algarve de origem grega, que é a unica que até ao presente se tem encontrado em Portugal. Mas como os estudos n'esta especialidade tenham sido unicamente praticados por iniciativa de particulares, não podem ser constantes, nem geraes em todo o reino; e por este motivo ainda apparecem algumas inscripções antigas, que, pela sua raridade, e mesmo pelo archaismo de suas fórmas, são do mais subido valor archeologico e merecem aos homens da sciencia grande interesse taes descobertas, tanto para elucidar pontos de historia patria, como para enriquecer mais as nossas collecções lapidares.

N'este caso está a copia, que publicâmos no presente numero, da rara inscripção achada no Algarve, proximo de Lagos no logar de *Espiche*, cujos caracteres têem causado pelo seu feitio singular e grande admiração a quantos os observam.



LAPIDAS DESCOBERTAS EM LAGOS

Se não fosse o apreço que sabe dar o digno socio correspondente d'esta Real Associação, o Ill.mo Sr. Francisco Xavier de Paiva, aos objectos archeologicos, certamente não se teria conservado esta preciosa inscripção; porque, se s. s.ª não tivesse dado valor ás pedras em que estava gravada, seriam estas destruidas em pedaços para servirem os seus fragmentos na construcção d'alguma parede!

Está esta inscripção aberta em duas pedras calcarias de fórma prismatica, com quatro faces, sendo tres de larguras eguaes, sobre as quaes foram gravados os caracteres, e occupando a outra face (o tardoz) toda a largura dos outros tres lados; como se vê na estampa 6.ª pelo desenho em perspectiva.

Foram furadas estas pedras por buracos circulares, estando separados uns dos outros, porém ficando correspondentes na mesma altura a fim de servirem de *tronco para ferrar!* Felizmente, por mero acaso, esses buracos não supprimiram nenhuns dos signaes.

Suppomos que na primitiva fosse inteiriça esta pedra para servir a commemorar algum facto; e o que nos dá fundamento á nossa opinião, é o constar que ella occupava o logar de hombreira n'uma casa bastante velha, que havia d'antes n'aquelle sitio.

Logo que vieram para o museu archeologico do Largo do Carmo, tirámos copias fieis d'esses caracteres, para se consultar os principaes *epigraphistas* de Londres, Paris e Italia, a fim de se conhecer a sua verdadeira significação. Por emquanto apenas se julga pertencer a um monumento funereo; mas esperâmos receber uma interpretação completa sobre esta singular inscripção; comtudo, não desejando privar por mais tempo os leitores d'este Boletim, do conhecimento de tão curiosa descoberta, damos esta succinta noticia.

O architecto J. da Silva.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

Pelo digno socio correspondente o sr. Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão

*Medalhas romanas de prata encontradas nas ruinas da antiga Medobriga (*Aramenha*), adjacente á villa de Marvão, concelho de Portalegre, quando se construiu a estrada, que se dirige a Hespanha.*

Talvez seja escusado advertir, que, sendo as moedas destinadas ao commercio, como as medalhas a perpetuar memorias, as moedas antigas, e já fóra do curso ordinario, são reputadas pelos litteratos como medalhas, e as contemplam na Numismatica, sciencia difficil e que raros cultores tem entre nós:

I

LABEO. ROMA. Cabeça de Pallas à direita, com o capacete alado; adiante X.

Rc. Q. FABI. Jupiter na quadriga galopando á direita, com o raio e a lança; por baixo dos cavallos um esporão de navio.

II

ROMA, Cabeça de Pallas á direita com o capacete alado, Rc. M. TVLI. Victoria na quadriga galopando á direita com a palma; por cima uma coroa; por baixo dos cavallos X.

III

Cabeça de Pallas á esquerda com capacete dado.

Rc. L. SATVRN. Saturno com um facho na quadriga a galope á direita; por baixo da quadriga ⊔.

IV

PITIO. Cabeça de Pallas á direita com o capacete alado; adiante X.

Rc. L. SEMP. ROMA. Os Dioscures a cavallo marchando á direita.

V

ROMA. Cabeça laureada de Saturno á esquerda; atraz uma foice: adiante S.

Rc. L. MEMMI GAL. Venus na biga a passo, á direita, coroada por Cupido.

Dentada

VI

ROMA. Cabeça de Pallas á direita, com capacete alado; adiante X.

Rc. L. FLAMINI. CILO. Victoria na biga, galopando á direita, com uma coroa.

VII

Cabeça de Pallas á esquerda com plumas na cimeira do capacete.

Rc. Q. THERM. M. F. Dois soldados armados de espadas e escudos combatendo; no centro outro soldado caido.

VIII

LIBO. Cabeça de Pallas á direita com o capacete alado; adiante X.

Rc. Q. MARC. ROMA. Os Dioscures a cavallo galopando á direita.

IX

ROMA. Cabeça laureada de Saturno á esquerda; atraz, uma foice; adiante M.

Rc. MEMMI GAL. Venus na biga a passo, á direita, coroada por Cupido.

Dentada

X

CAE[redacted] [redacted]DIVI F. PATER PATRIAE. Cabeça laureada de Augusto, á direita.

Rc. C. L. CAESARES AVG[redacted] COS. DESIG. PRINC. IVVENT. Caio e Lucio em pé, com as lanças e escudos; no campo, o simplo e o *lituus*.

XI

Cabeça laureada de Jupiter á direita; atraz S. C.

Rc. Q. ANTO. BALB. PR. Victoria á direita, galopando na quadriga com uma coroa e a palma; por baixo dos cavallos M.

XII

ROMA. Cabeça de Pallas á direita, o capacete ornado com plumas e duas estrellas.

Rc. Q. LVTATI. Q. Galera; uma cabeça de mulher com capacete á proa, e o acrostilio na pôpa; o todo dentro de uma coroa de carvalho.

XIII

Cabeça de Pallas á direita com capacete alado; atraz, um vaso; adiante X.

Rc. SEX. PO. ROMA. Remo e Romulo, aleitados pela loba; atraz o pastor Faustulo em pé; no centro a figueira Ruminal com um passaro.

XIV

CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER PATRIAE. Cabeça laureada de Augusto, á direita.

Rc. PONTIF. MAXIM. Livia assentada á direita com o sceptro e o ramo de louro.

(Continua.)

EGREJA DE SANTO ANDRÉ NA VILLA DE MAFRA

Na villa de Mafra existe a velha egreja de Santo André, onde a parochia existiu até 1835, em que foi transferida para a egreja do extincto convento.—É desconhecida a epocha de sua construcção: é certo, porém, ser antiquissima, e a tradição assegura que está erguida no proprio local onde houvera a mesquita dos mouros. É indubitavel que na villa nunca houve outra egreja, e esta, portanto, data da existencia da villa, que é do principio da monarchia; hoje serve de capella do cemiterio que demora a pequena distancia.

O corpo do edificio é todo d'alvenaria, bem como a torre de fórma quadrangular, rematada por um coruchéo. O seu estado de conservação é miseravel; e custa a crer que se tenha deixado chegar ao estado de ruina em que se vê. É vergonhoso quando, ao entrar esse recinto sagrado e por todos os principios respeitavel, se descobre sobre os altares, *o excremento das corujas* que entram pelos vidros quebrados das janellas.

Junto á egreja havia differentes casas que serviam de arrecadações de alfaias, e que hoje se acham completamente arruinadas. É tambem junto a ella que outr'ora existia o cemiterio.

A egreja tem duas portas: uma, a principal, olha a oeste, e ergue-se sobre uma escadaria nobre de 5 degraus de marmore; a outra olha ao sul. Os arcos d'estas portas são de ogiva; algumas columnas de granito, grosseiras bastante e até informes, ornam os umbraes das portas. Tres janellas regulares n'uma das faces lateraes, e uma de figura circular praticada sobre a porta principal esclarecem, ainda que mal, o recinto do templo, que mede 27 metros de comprimento, por 12 metros de largura.

Tres arcos de ogiva, formados por columnas de granito com seus capiteis, ornados de uma folhagem grosseira, prolongam-se em toda a extensão da egreja, constituindo, por assim dizer, duas naves lateraes. O pavimento é lageado em parte, e em parte assoalhado. No corpo da egreja ha tres altares; em dois d'elles, collateraes da capella mór, vê-se excellente obra de talha, toda dourada, caryatides de bom trabalho, muitas cabeças de anjos e folhagens egualmente bem trabalhadas. Os frontaes d'estes altares são de azulejo, em florões de côres, e cuja superficie é relevada, produzem agradavel effeito.

A capella mór offerece tambem superabundante obra de talha dourada de muito gosto. Duas columnas com seus capiteis caprichosos, e cujo fuste tem uma faixa

streita em espiral e na base bonitos relevos, sustentam o entablamento, onde se ergue o corpo que fórma o locel sobre o altar, e cobre o throno, egualmente dourado. Aos lados do altar ha duas estatuas de má esculptura e pintadas de côres vivas. As faces lateraes da capella são azulejadas de côres, os desenhos d'estes azulejos são cornucopias d'onde sáem flores: a superficie d'elles é lisa. Esta capella é fechada por uma balaustrada de grésbigaré; da parte de fóra e um pouco afastada da balaustrada, ha uma legenda gravada n'uma lagea do pavimento, e cujos caracteres são para mim desconhecidos.

Entre as alfaias que ali houve ainda hoje existem, porém bastante arruinadas, pelo imperdoavel desleixo a que as votaram, *dois frontaes de couro*, com bellos desenhos relevados e illuminados.

Existem tambem á entrada da egreja, lado direito, dois tumulos de marmore — calcáreo branco — não de grande trabalho artistico, e cujas lousas terminam em aresta levantada no centro; em volta dos tumulos ha uma folhagem esculpida no marmore, e nas faces as armas da casa do visconde de Villa Nova da Cerveira, cujo palacio, em ruinas, está proximo da egreja.

Da parte de fóra da mesma egreja ha uma campa com a seguinte inscripção: *Siste viator, cogita paulisper, fui quod es, eris quod sum — Franciscus Aloysius Pereira equestris turnoe ductor, postridie kal. januar. an. 1787 hic humatus.*

LIVROS

Veneza — 1649 — Antiphonarius romanus. Circulo ornamentado — dois anjos na parte superior teem, n'uma das mãos, corôas, e na outra uma trombeta; a figura é encimada pela thiara e chaves—flores de liz guarnecem interiormente o circulo — *Celta fecit.*

Veneza — 1745 — Missal — Sacrificio d'Isaac — Abraham, em acção de descarregar o golpe, tem a espada erguida que um anjo segura — paisagem. *Hyjlbronck. sculps.*

Joaquim da Conceição Gomes.
Socio correspondente.

DECORAÇÃO

NOVAS SALAS NO REAL PAÇO D'AJUDA (*)

(Continuação)

Ainda surprehende muito mais a combinação que fizeram com outro producto marinho, para compôr uma figura *regular*, esbelta, elegantemente vestida, e com variadas fórmas adequadas a esse rico vestuario.

A outra figura que está vestida á Luiz XIV, de calção com franja de ouro, meias de seda, sapatos com fivelas, chapéu desabado com presilha de brilhantes em uma pala, manto de veludo lançado sobre os hombros com calculado effeito, é de personagem que sabia trajar, e dava apreço ás roupas de custo; usando na prisão a que estava condemnado, de punhos e tiras nas camizas das mais finas rendas de Malines. Esse manto, não obstante as suas largas pregas, molda-se ao bello contorno do airoso corpo que cobre, e este acha-se na attitude magestosa, que o mysterioso personagem sempre tinha, a ponto de infundir no primeiro ministro de Luiz XIV tanto respeito (e talvez tambem por dever), que lhe fallava dentro da prisão, segundo se conta, *com o chapeau-bas!*

Tem esta enigmatica figura entre as mãos uma riquissima guitarra instrumento que tocava com superioridade, a qual está cravejada de brilhantes e tem cordas de ouro. Para compôr este fiel retrato, e fazer a imitação das meias de seda côr de perola, dos calções e do colete de setim branco, dos apanhados do manto de veludo da mesma côr, da copa e das abas do feltro, das mãos e da parte do rosto, que a mascara de vidro escuro apenas deixa descoberta, empregou-se, para tão diversos contornos e configurações, a madreperola em *peças inteiriças*. N'isto consiste a raridade e o subido valor d'esta joia, digna de ser vista e admirada.

Noventa e quatro bugias espargem a sua luz sobre tão lindos objectos, nos quaes o merecimento da execução artistica igualou a preciosidade da materia prima.

Assim como de um atrio se passa ao templo, e d'este ao sanctuario, da mesma maneira chegâmos ao recinto mais reservado, havendo passado primeiro por salas mais accessiveis, e menos adornadas.

Esta comparação não deve ser tomada como uma paridade feita com um logar santificado, mas tão sómente para fazer mais saliente a differença que existe entre o que já descrevemos e admirámos, e aquillo que vamos agora examinar e nos produzirá maior surpreza, tanto pelo esmerado bom gosto na reunião de obras artisticas de merecimento, como pelas recordações gratas e dignas de toda a veneração.

Transponhamos, pois, a porta circular, que separa o curioso gabinete de Saxe, e passemos á sala verde, casa reservada de sua magestade a rainha.

É esta sala um terço mais pequena que a azul; tinha egualmente o tecto estucado e pintado com arabescos no genero de Pompêa, faltando-lhe, porém, a graça dos contornos, e a harmonia das côres. Ainda hoje se póde

(*) Veja-se o n.º 8 da 1.ª serie col. 124.

julgar da verdade d'esta apreciação, e quanto era inferior essa decoração, examinando as antigas pinturas das sobreportas, e comparando-as com o tecto novo. Tem este os ornatos em relevo dourados, ficando a sala mais alegre e com maior magnificencia, e sendo tambem esta a maneira mais apropriada para adornar os aposentos pertencentes a uma rainha.

O architecto da Casa Real
J. P. N. da Silva.

(Continua.)

CHRONICA

O sr. visconde Henrique Delaborde foi nomeado secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes no Instituto de França, para substituir o fallecido Mr. Buelè, nosso chorado socio correspondente.

—O sr. Francisco Lenormand foi nomeado professor de archeologia em substuição de Mr. Buelé.

—O ultimo congresso dos architectos francezes conferiu tres medalhas á Sociedade Central dos architectos de Paris pelos trabalhos de architectura domestica, sendo os nossos confrades Lesonfaché e Rolland, architectos de Paris, e Benoit architecto de Lyon, os que receberam esta merecida distincção.

—O distincto presidente da Associação dos architectos neerlandezes Mr. Leliman, digno socio honorario da nossa Real Associação, offereceu ao governo portuguez a sua magnifica obra de 548 projectos para construcções economicas, a qual foi premiada com *a grande medalha d'oiro* na exposição de 1872; compõe-se esta importante publicação de um livro in-folio com 45 estampas, e o texto impresso em 4.° com 126 folhas em duas columnas.

É bastante conhecido este insigne architecto pelo seu grande talento e pelas numerosas construcções civis por elle delineadas, que lhe têem grangeado fama entre os seus confrades de todos os paizes e gloria para a sua patria.

—O sr. conselheiro Robillard de Beaurepaire publicou um opusculo sobre a vida e obras de Mr. de Caumont, que é uma valiosa homenagem feita á memoria de pessoa tão distincta pelo seu saber e qualidades. Recebemos um exemplar que muito agradecemos.

—A Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes recebeu da illustre viuva do sabio Caumont o retrato, em photographia e em ponto grande, de seu chorado marido, como uma offerta para ornar a galeria dos retratos de nossos consocios fallecidos. O valor deste delicado offerecimento nos é duplamente estimavel, pela pessoa que representa, e pela distincção que nos concede a sua inconsolavel viuva.

—Vae-se principiar a ornamentar o interior do Pantheão de Paris. Para este fim se destina uma avultada parte da dotação das Bellas-artes. Será convidada a legião dos artistas insignes para concorrer a completar a decoração d'este templo, na qual se combinará com a historia maravilhosa das origens do christanismo a legenda da protectora de Paris, Santa Genoveva.

—O nosso digno socio correspondente, Mr. Arthur de Marsy, teve a mercê d'El-Rei o Senhor D. Luiz da ordem de Nossa Senhora da Conceição, em attenção aos importantes serviços feitos á sciencia d'archeologia, e pelas suas publicações historicas.

—O distincto director da Academia de Athenas, Mr. Emile Burnouf, emprehendeu desentulhar a *Acropole*; já conseguiu descobrir a escada que conduz á gruta de Pan, e encontrou ali um tanque formado pelo rochedo por baixo da *Pinacotheca*. Tem esperança de conseguir desobstruir todos os arredores da cidadella, das barracas e dos entulhos, que tanto desfiguram estas celebres antiguidades.

—O nosso confrade Mr. Paul Sedille offereceu á nossa Real Associação o elogio historico do celebre architecto Victor Baltar, ornado com o retrato deste fallecido artista, copiado do original pintado pelo insigne pintor Ingres, em Roma em 1837, e com outra estampa, representando a magnifica porta da egreja de S. Agostinho, delineada pelo eminente architecto, nosso chorado consocio.

É publicação de muito merecimento, tanto pela judiciosa apreciação que faz das obras de tão abalisado architecto, como pela maneira imparcial e competente de honrar a memoria de artista tão distincto pelo seu talento e saber.

—O illustre secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes, do Instituto de França, o sr. visconde Delaborde dignou-se agradecer, em officio do mesmo Instituto, haver recebido o nosso Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes. E por que já não seja costume no Instituto agradecer-se por este modo, torna se esta delicadeza uma grande distincção para a nossa associação.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 4

SUMMARIO

Elogio historico do architecto civil Victor Baltard, pelo architecto J. P. N. da Silva, pag. 49. — *Construcção*, mappa dos materiaes do districto de Leiria, pags. 56 e 57. — *Um busto, o convento de Belem e o seu architecto*, pelo socio Sá Vilella, pag. 58. — *Archeologia*, antiguidades de São Martinho de Mouros, pelo socio J. C. A. de Mello e Faro, pag. 62. — *Chronica*, eleição dos membros da meza d'esta Real Associação, pag. 63. — Collocar-se o nome do architecto *Victor Baltard*, a uma rua de Paris, pag. 63. — *Concurso para um edificio municipal* para Leiria, pag. 63. — *Novos socios eleitos* pag. 63. — *Experiencia acustica*, no novo theatro da Opera de Paris, pag. 64. — *Antiguidades da Syria* pelo archeolego Mr. Landberg, pag. 64. — *Medalha de ouro*, conferida ao architecto Mr. Revoil, pag. 64. — *Parecer approvado* para a redificação da egreja de S. Miguel em Guimarães, pag. 64. — *Busto de prata*, descoberto em Herculano, pag. 64. — *Acropole de Athenas*, desobstruida, pag. 64. — *Parecer da Associação dos Architectos de Paris*, ácerca dos trabalhos d'esta Real Associação, pag. 64. — *Legenda Internacional*, pelo archeologo Mr. E. Chantre, pag. 64. — *Eleição de Membro correspondente do Instituto de França*, do architecto J. P. N. da Silva, pag. 64.

ELOGIO HISTORICO

DO

ARCHITECTO CIVIL

MONSIEUR VICTOR BALTARD

Membro do Instituto de França, Official da Legião de Honra e Socio Honorario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE DE 31 DE MAIO DE 1874

Pelo presidente da mesma associação

O ARCHITECTO J. P. N. DA SILVA

SENHORES:

Um imperioso dever me obriga a erguer outra vez a minha debil voz n'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, para tributar á memoria d'um dos mais insignes architectos modernos francezes, a um antigo companheiro nos estudos da Academia das Bellas Artes de París e em Roma, ao meu mais intimo amigo, ao homem de raro talento e não desmentida probidade, um echo de admiração pelo seu nobre caracter e afamadas obras de architectura, nos monumentos com que enriqueceu o seu paiz, monumentos unicos no seu genero, e da mais arrojada composição, que causaram assombro aos homens da sciencia, e despertaram a raivosa inveja de acintosos detractores, que sempre abundam entre os mediocres rivaes de todos os homens de dotes elevados e de genio transcendente, com que a Providencia ennobrece a humanidade, de longe a longe, para que cause a admiração dos contemporaneos, e a veneração das idades futuras. É do celebre architecto Mr. Victor Baltard, illustre membro do Instituto de França, fundador e presidente da Associação Central dos Architectos francezes em París, e do mais antigo dos nossos socios honorarios estrangeiros, que se finou no dia 13 de janeiro do presente anno, que vou, pois, ter a honra de fallar, esboçando a largos traços a sua laboriosa e distincta carreira artistica, na qualidade de architecto e de innovador d'um systema de construcção civil.

Foi seu berço a capital de França em 1806. Era filho do distincto professor d'architectura da Academia das Bellas Artes de París, Mr. Pedro Baltard. Embora se dedicasse nos primeiros annos ás mathematicas e estudo da medicina, seu digno pae, notando a grande intelligencia e a extrema habilidade de seu filho para as artes do desenho, propicias para formar um artista de merito, indicou-lhe a verdadeira carreira para o engrandecimento do seu nome nas bellas artes, como se havia já illustrado a sua ascendencia. O correr dos annos confirmou as esperanças de seu respeitavel professor e honrado pae.

Frequentou, portanto, a Academia das Bellas Artes,

na classe de architectura, e obteve repetidas distincções nos diversos ramos d'estes estudos, auxiliados pelos auctorisados conselhos do celebre architecto decorador Carlos Percier. Concorrendo em 1833 ao grande premio, reservado sómente para os nacionaes, com o intuito de se aperfeiçoarem os discipulos da Academia franceza na Italia durante cinco annos, não obstante os estudos completos que se adquiriam n'aquella academia, foi preferido aos companheiros pela superioridade da composição do seu projecto, alcançando n'este concurso a primeira e a maior das distincções que um novel artista póde obter, proporcionando-lhe a favoravel occasião de conhecer a fundo as bellezas da arte monumental; pois que por maior que seja o talento com que a natureza dote qualquer artista, se elle não examinar e estudar os primorosos monumentos da architectura da antiga Roma, e os celebres vestigios hellenicos, nunca se poderá considerar architecto consummado. Se não fosse essencial e de reconhecida vantagem esta condição para o aperfeiçoamento do curso architectonico, não despenderia a illustrada nação franceza avultada verba todos os annos com a dotação dos seus pensionistas para estes estudos, além de possuir o bello palacio e jardins da *Villa Medicis,* no Monte Pincio, no qual está estabelecida a residencia d'estes pensionistas, que depois justamente são considerados distinctos artistas.

É do nosso dever declarar aqui, para honra da nação portugueza, que foi ella a primeira que em Roma teve e tem um edificio proprio para hospedar os artistas nacionaes, que eram mandados pelo governo á Italia a fim de completarem os seus estudos; mas infelizmente a casa e os rendimentos ha muito que não teem servido para essa applicação!

Durante a sua estada na Italia, Mr. Baltard executou uma serie de estudos pertencentes aos tumulos etruscos, incluindo tambem os monumentos do renascimento, os quaes estiveram expostos em París como trabalhos do pensionista; porém o final trabalho que lhe cumpria executar no seu ultimo anno, e o mais importante d'este periodo, não só pela difficuldade e merecimento da obra, mas tambem pela pericia da execução, foi a restauração do theatro de Pompéa.

Viajou depois por toda a Italia; mediu e desenhou com o maior esmero os monumentos da Baixa-Italia, e completou por esta fórma os seus proficuos estudos no paiz classico das artes. Antes de regressar, offerecêra á sua patria um importante projecto para um conservatorio de musica.

Voltando á França, no anno de 1839, deparou-se-lhe felizmente o ensejo de ter, n'essa occasião, um concurso de architectura para o jazigo de Napoleão I. Recommendára-se no programma que esse monumento fosse digno da gloria do gigante guerreiro. Mr. Baltard não vacillou. Animosamente tomou parte no grande concurso nacional. O resultado correspondeu a essa ousadia. Apesar da sua idade, e, principalmente, apesar de não ter, para assim dizel-o, nome ao par dos demais competidores, artistas de elevado merito e conhecidos como architectos eximios, a rectidão do jury deu-lhe a palma do triumpho. O seu projecto foi preferido aos dos outros concorrentes! Era preciso que o merecimento do projecto de Mr. Baltard fosse com effeito do mais subido quilate, e que a sua superioridade sobre a dos outros projectos apresentados pelos mais insignes artistas não podesse ser contestada.

N'este primeiro e assignalado triumpho vimos já realçado o grande talento do abalisado architecto Baltard. Porém a surpreza que este extraordinario acontecimento causou no mundo official foi tal, que esteve a ponto de se annullarem as condições do programma, unicamente com o intuito de favorecer um afilhado! Não nos deve surprehender este procedimento, a nós, acostumados a ver dar a preferencia ao patronato, e a desprezar o merito, só porque o verdadeiro talento e os caracteres nobres não sabem curvar-se aos bafejos do favoritismo!

O valimento, que adquiríra o architecto Visconti, aliás artista de reconhecido talento, mas que era bastante estimado do Chefe do Estado, conseguiu que este ficasse muito impressionado com os infundados receios das lisonjarias dos cortezãos, que fizeram acreditar que a execução da obra dirigida pelo moço artista não corresponderia á perfeição que era de esperar; e d'ahi resultou fazer-se mais uma grave e affrontosa injustiça, encarregando-se a outro architecto a vileza de usurpar o direito adquirido em concurso publico, unicamente para satisfazer as intempestivas exigencias de aduladores ignaros.

O projecto de Mr. Baltard foi posto de parte, dando-se ao artista como recompensa e incitamento a medalha d'ouro, que era destinada no programma para ser conferida ao auctor da melhor composição! Mas a alma generosa do grande artista sacrificado ainda antes da derradeira hora se patenteou bizarramente, proferindo em publico algumas phrases que compendiavam um notavel elogio de Visconti! . . . Foi esta a sua maior e mais nobre vingança, como era proprio do homem elevado e de caracter superior ás intrigas mesquinhas e ás paixões miseraveis.

Fôra Mr. Baltard fadado para lutar constantemente contra os obstaculos que lhe promoviam os seus insoffridos rivaes; mas elle era homem energico e de provada perseverança, e não se deixava abater por acerbos desgostos. Conseguiu, no entanto, ser nomeado successivamente inspector das obras da barreira do Throno, e da Escola Normal, e pouco tempo depois tambem o foi para o mercado dos vinhos, pois, por mais que fizessem, não podiam escurecer ante repetidas provas publicas que Baltard tinha rarissima habilidade na sua profissão.

Felizmente havia n'essa epocha em París, á frente da administração civil, o sr. de Rambuteau, prefeito do

Sena, que sabia prezar as bellas artes e julgar os artistas de merito, como repetidas vezes tem acontecido n'aquella esclarecida nação. Foi desde essa epocha que na capital de França se deu grande impulso aos aformoseamentos artisticos.

O prefeito Rambuteau fez com que Baltard fosse nomeado inspector das bellas artes.

Em 1841 deu-se, pois, começo á grande empreza da restauração das egrejas de París, applicando-se o novo systema de Baltard ás decorações, em que elle substituia, com a pintura a fresco nas paredes das naves, os paineis de desiguaes tamanhos e diversa execução suspensos das columnas e nas paredes, que destruiam o effeito geral das linhas e proporções architecturaes, e alteravam o aspecto interior dos templos.

Ajudado por distinctos pintores, escolhidos dos seus companheiros nos estudos em Italia, principiou o abalisado architecto a realisar as completas e intelligentes restaurações das egrejas de S. Germano, de S. Roque, S. Merrey, etc. etc., concluindo tambem o lindo portal de Santo Estevão. Em 1847 o ministro Mr. Guizot encarregou Baltard de construir a casa para o sêllo, edificio este delineado com perfeita intelligencia e ornamentado com elegancia. Estas obras faziam attrahir cada vez mais a attenção de juizes competentes, que não tinham a cobardia de negar o merecimento a quem o possuia; pois isto não só era de sensata justiça, mas de propria conveniencia para robustecer o caracter da auctoridade e justificar a sua illustração.

Depois dos acontecimentos da revolução de fevereiro de 1849, foi este artista nomeado architecto e director das obras da municipalidade da capital, competindo-lhe, pois, organisar e dirigir esses esplendidos festejos dados no Hôtel de Ville de Paris, tão celebres por suas ostentosas galas, apurado gosto e engenhosas combinações. Quantos soberanos e illustres estrangeiros não ficaram surprehendidos quando viram os grandiosos e ricos aposentos do Hôtel de Ville, examinaram essa reunião de soberbos porticos, espaçosos vestibulos, magestosas escadarias, deslumbrantes salas, tudo tão bem delineado e judiciosamente disposto, que parecia não poder-se ajuntar nada mais para augmentar a admiração por tão magnifica fabrica! Todavia Mr. Baltard completou-a pela mais acertada e elegante decoração construida no pateo principal sob a sua habil direcção.

É de tão bello effeito e novidade, no conjuncto de que se compõe, esta encantadora decoração, que, tornando-se mais um precioso florão para se engastar no seu brazão artistico, será egualmente bem aceita pelos nossos confrades, e por isso registâmos n'esta apologia aquella obra prima devida ao talentoso finado artista.

Fez cobrir Mr. Baltard todo o pateo por uma elegantissima armação de ferro e vidros, tendo proporcionado por este modo um vasto vestibulo central a este monumental edificio, sem occultar nem prejudicar o seu agradavel aspecto architectonico, pois encerrava os dois andares na sua altura, deixando visiveis as fachadas das galerias que circumdavam este pateo.

As arcadas dos porticos conduziam directamente para esta grandiosa e improvisada sala, na extremidade da qual lançou uma linda escadaria de marmore semi-circular em lanços duplicados: sendo n'esta parte felicissimo o architecto, pois em nenhum outro palacio existente se apresenta disposição mais favoravel para dias de grandes e explendidas recepções, que se costumam fazer n'este Hôtel, a fim de se gosar de um espectaculo animador e extraordinario.

Aguas abundantes repuxam do grupo de uma linda fonte collocada entre as duas rampas curvas das escadas, caíndo as aguas em cascata para um grande tanque que cérca toda a escadaria suspensa, e se prolonga mesmo ainda além, e sobre a superficie parece estarem nadando genios infantes. As aguas do repuxo se espargem entre flores e brilham no reflexo de centenares de luzes que desenham o engraçado contorno das quatro pernas da referida escada, e por aquellas que illuminam e circumdam os tanques da cascata. Podia-se, não obstante, circular facilmente nas festas solemnes que foram dadas n'este famoso palacio, como presenciámos, concorrendo a ellas mais de 6:000 convidados.

O seu apurado gosto e a sua extrema facilidade em desenhar, deram tambem logar ao nosso illustre consocio de enriquecer o seu paiz com um primor d'arte, e foi a composição dos desenhos para se executar a rica baixella de prata dourada pertencente ao municipio de París, e a qual servia nos banquetes offerecidos aos soberanos que visitam aquella capital, figurando esta preciosa baixella na exposição universal de 1867; ali se proporcionou a occasião de ser admirada e encarecida por milhares de pessoas de todas as nações. Tudo o que eu podesse dizer ácerca d'este importante trabalho, ficaria áquem do seu valor, e nem se faria perfeita idéa da sua importancia artistica.

Chegámos ao periodo mais importante da carreira d'este eximio architecto, no qual não só teve de lutar contra mil obstaculos, mas deu logar a patentear todos os recursos da sua experiencia e do seu engenho.

De longa data se decidíra que se reformassem os mercados de París, e que as novas construcções apresentassem um aspecto monumental, que estivesse em relação com a grandiosa capital da França, de maneira que se creasse um *Louvre do povo*, conforme se expressára Napoleão.

Escolheu-se para esse fim em 1851 um local central comprehendendo a área de 30:000 metros de superficie, e approvou-se o projecto conforme indicava o programma.

Erguia-se do solo um dos dez pavilhões em que se dividiria o serviço tão variado da alimentação publica da populosa cidade. Era a sua construcção feita com cantaria; as suas grossas paredes, e seu aspecto forte

e pesado, postoque monumental, não correspondiam comtudo ao caracter de um edificio d'esta natureza; foi por isso a obra analysada severamente, e inesperadamente suspensa e condemnada! O architecto não vacillou então; representou logo ao governo, acompanhando o seu relatorio de tres projectos inteiramente differentes do que se delineára no primitivo programma, nos quaes a cantaria, que tanto desagradára, era substituida, em a nova construcção, pelo ferro forjado e coado, tijolo e vidro. Desenvolvendo minuciosamente o seu plano ao imperador, este soberano, que em abono da verdade, era intelligente, recto e benevolo, notou a energica franqueza e o esclarecido espirito do architecto, que com intima convicção lhe expozera o seu ousado pensamento; e este proceder, que surprehendêra o imperador pela raridade do facto, não lhe desagradou. Convencido, pois, de que podia realisar-se a indicada construcção, o imperador approvou-a.

O famoso projecto foi executado com o mais lisongeiro exito, sendo depois admirado pelos homens competentes da Europa, e com elle adquiriu Baltard mais um titulo á consideração publica.

Essa grandiosa construcção dos mercados centraes dotou París de um collossal emporio, unico na Europa pelas suas gigantescas proporções e por sua extensão. O ferro, o tijolo e o vidro, empregando-se exclusivamente n'esta construcção, satisfaziam na distribuição, na abundancia da luz, na ventilação regular, a todas as condições essenciaes que se exigem em edificios d'este genero, para que offereçam commodidade e salubridade aos vendedores e aos compradores. O edificio tem facil accesso por todos os lados, sem que haja logar a pejamentos nem a confusões. O aspecto geral satisfaz completamente. As suas columnas delgadas e esbeltas agradam, pois se descobre a applicação mais vantajosa e economica do espaço, sem se arriscar a solidez do edificio; tendo-se sujeitado, todavia, o architecto a respeitar as condições do seu programma e as regras da arte; obtendo um novo monumento sem alterar o caracter de construcção leve, simples e vistosa, propria d'um mercado coberto e espaçoso; finalmente correspondendo por esta fórma ás exigencias do serviço publico, e aos preceitos da architectura.

Esta edificação é não só notavel pelas extraordinarias dimensões e grandiosa distribuição, mas tambem pela maneira como foram executados os trabalhos, e principalmente pelo acertado emprego dos materiaes; pois não se tinha ainda sabido tirar tão conveniente e agradavel partido do ferro e do vidro, o que sem duvida veiu influir muito depois sobre esta maneira de construir.

O architecto Baltard, iniciador de um systema, em que revelou a superioridade do seu talento privilegiado, mereceu de todos justissimos encomios.

Apesar de tudo, a hydra da calumnia ergue de novo o collo, ao cabo de quinze annos de provas publicas, contra aquella construcção, insinuando que estava em perigo imminente de desabar, se porventura a auctoridade não tratasse sem demora de mandar escorar as Halles centraes!... em consequencia de se ter feito grandissimo deposito de generos dentro d'ellas, quando occorreu o cerco de París, em conformidade das ordens que para esse fim recebêra; o architecto Baltard combateu com a maior tenacidade tão aleivosa representação, convencido de que a edificação fôra conduzida com solidez e podia bem resistir a todas as experiencias, e até ás extraordinarias com as quaes se não contasse. O ministro por então attendeu os protestos do habil architecto, e confiou no seu saber. As Halles ficaram cheias a não poderem mais. Logo, porém, que passou a crise, apressou-se Baltard a requerer uma vistoria, que lhe foi concedida, e depois de examinar escrupulosamente toda a construcção, verificou-se que apresentava nas asnas a flexa apenas d'um só centimetro! Ficaram, pois, frustradas as malevolas intenções dos seus rivaes e calumniadores, que desacreditariam o habil artista se porventura uma auctoridade menos intelligente e parcial tivesse adoptado os seus cavilosos alvitres; mas, em vez de fazerem perder o credito do illustre architecto, prepararam-lhe pelo contrario mais uma opportunidade para tornar bem saliente o seu merito.

Desmascarou Baltard essa infame intriga, sendo mais feliz que outro seu confrade estrangeiro, que não pôde obstar a que se especasse uma obra nova construida por elle, pretextando-se imaginarios perigos, com o unico proposito de o malquistar na opinião publica, vingando-se assim de ter sido preferido em concurso; e talvez com o nefando intuito de o esbulharem do seu emprego! São mui raros, portanto, os artistas que se distinguem, que não estejam expostos a soffrerem acintosas intrigas; porém algumas vezes ellas servem para fazer sobresaír mais a valia d'esses artistas, contra a espectativa e para a confusão dos seus detractores.

Mandava-me este chorado collega, a respeito do novo systema empregado por elle, em carta do mez de junho de 1864, as seguintes considerações:

«Le fer et la fonte sont d'un emploi qui tend à se «propager de plus en plus, ce qui n'est pas un mal, «lorsque cela a lieu d'une manière rationelle. Moi-mê«me je me construis une église ou *j'ai eu l'audace* «*d'en faire usage*. Lorsqu'elle sera finie on jugera «si j'ai eu tort ou raison.»

Respondi-lhe que sómente o architecto que construira as Halles centraes podia tentar similhante cousa; alimentava comtudo a esperança de que esta nova obra corresponderia ao talento e ao saber do artista.

Certamente, quem examinar com imparcialidade a nova egreja de Santo Agostinho, conforme nos mostra a photographia aqui exposta,[1] e com a qual em 1870 me

[1] Refere-se á sala da sessão solemne na Real Associação.

brindou em París o auctor da obra, meu prezado amigo, e para todos os artistas insigne confrade, e notar a fórma irregularissima do terreno, ficando situado entre dois boulevards com declives differentes, vendo-se obrigado o architecto a apresentar em acanhado local um magestoso edificio religioso, o qual devia ser visto por cinco lados de desigual extensão, exigindo-se-lhe tambem que tivesse aspecto monumental, e offerecesse novidade na composição; nenhum homem de arte desconhecerá que eram grandes as difficuldades para executar similhante programma, e que a obra mal poderia satisfazer a tão complicadas condições. Conseguiu, todavia, Baltard vencer todas, e construir um edificio notavel pela sua monumental disposição, apresentando fórmas agradáveis e bem combinadas proporções, empregando pela primeira vez o ferro n'esta ordem de trabalhos.

É composta esta egreja de espaçosa nave, na qual póde assistir aos officios divinos numerosa reunião de fieis, não ficando receio algum relativamente á sua solidez. O interior do templo é de bello effeito, agradando pelas boas proporções e pela disposição desusada da decoração; mas, mui principalmente, quando se contempla o magestoso zimborio, e se admira a ousadia da sua construcção metallica!

A fachada apresenta bastante novidade; porém admira-se ainda mais o vantajoso partido que o architecto soube tirar do espaço irregular em que tinha de figurar a frente principal, e indicar o cruzeiro do templo; bem como haver-lhe collocado os dois campanarios nos extremos da nave, não sómente para aproveitar a configuração do terreno, mas igualmente para mais fazer sobresaír no alçado as extremidades dos braços da cruz, assim pelas suas fórmas polygonaes, como pela harmonia da configuração das cupulas com o magestoso zimborio, que, formando o centro dos differentes corpos, mostravam a ligação que existia entre elles, pois que reciprocamente contribuiam para o bom effeito geral; esta ousada obra, repito, de difficilima execução, justificou plenamente o applauso que mereceu em París a novidade do trabalho, e a verdadeira admiração dos entendidos.

Os que prezam os progressos das bellas artes viram reunidas n'este monumento religioso as essenciaes condições de uma alta composição architectonica: unidade no pensamento, grandeza nos corpos, singeleza na decoração, divisões delineadas segundo todos os preceitos da arte e com o primor que sabem dar ás suas obras os architectos sabedores, que não desprezam cousa alguma do que possa contribuir para o melhor realce dos seus trabalhos.

Baltard não se serviu de pontos de apoio desconformes, nem adoptou fórmas exquisitas, nem empregou accessorios inuteis, sem significação, para não destruir o aspecto monumental do edificio; conseguindo por este modo agradar ao espirito sem desattender aos dictames da rasão. Todos estes inconvenientes venceu o eminente architecto Baltard, produzindo uma edificação mais differente do que era costume ver-se nos templos, conquistando-lhe o merecido titulo de *innovador*.

Não era este varão unicamente distincto artista, era igualmente mui versado na litteratura antiga e moderna, pois que Baltard tivera estudos regulares no affamado collegio de Henrique IV em París. Nas occasiões que se lhe apresentavam ostentava esses conhecimentos sem pedantismo, já fazendo acertadas citações, já offerecendo judiciosos conceitos ácerca dos auctores classicos. Nenhum dos seus confrades lhe era superior na vasta erudição.

Desejando tambem tributar, n'esta circumstancia, á memoria de tão illustrado architecto a admiração de que era digno pelos seus conhecimentos litterarios, assim como não querendo privar os dignos socios d'esta Real Associação de avaliarem igualmente o merecimento do douto artista, peço-lhes licença para citar alguns extractos dos seus mais recentes discursos, em que sobresaem a elevação do seu espirito e a sensatez das suas considerações.

No congresso dos architectos que se reuniu pela primeira vez em París em 1867, ao qual tivemos a honra de assistir e tomar parte nos seus trabalhos, Baltard presidia. Em uma das sessões, tratando do ensino de architectura civil, expressou-se d'este modo, em varios periodos: — «Cette question de l'enseignement de l'art «est d'une grande influence sur son avenir. L'enseigne-«ment se fait par fois d'une manière insensible et com-«me par tradition: d'autres fois avec des intentions et «suivant une marche déterminée...

«Par le dessin, en exerçant ses yeux à comparer, sa «main á reproduire les œuvres de l'art et de la nature «on acquiert la connaissance des formes, des propor-«tions, de l'harmonie, qui constituent œuvre d'art. «L'imagination n'a plus qu'à s'appuyer sur le jugement «et la réflexion; la pensée n'est plus esclave de la «main, l'artiste est armé de toutes pièces et peut «s'avancer avec confiance.

«Les mathématiques aujourd'hui ont leurs adeptes, «je dirais presque leurs adorateurs; mais rappelons «nous ce que disait Pascal lui-même, le grand profond «mathématicien, de ceux qui n'étaient que géomètres: «il leur reprochait de devenir fermés et insensibles pour «tout ce qui ne s'expliquait pas par définitions, par prin-«cipes et par démonstrations. Tâchons de limiter cette «tendance par trop positive de notre siècle et de lui «faire admettre enfin qu'on ne vit pas seulement d'es-«paces franchis, de poids soulevés, de force matérielle «acquise; mais que l'homme intelligent, pour vivre de «toute sa vie, a encore besoin d'être en communication «sensible avec les beautés de la nature et de l'art. Il «n'y parviendra que si, dans, sa jeunesse, ses yeux et «sa main ont été exercés devant des modèles bien choi-«sis de beaux temps de l'art; que si son attention a

«été appelée fréquemment sur les beaux spectacles de «la nature...

«Ce n'est pas près de vous, messieurs, qu'il faut faire «ressortir de combien de connaissances complexes et «variées se compose l'enseignement pour qui veut de«venir architecte...

«Donc, loin que l'énumération des sciences exigées «par nos anciens subisse une diminution, la somme «des connaissances nécessaires á l'architecte se multi«plie de jour en jour. L'étude en est plus complexe, «plus difficile, et elle exige beaucoup plus de temps «que jamais...

«Chez les Grecs qui, à tous les titres, sont nos maî«tres; chez les artistes italiens de la Renaissance, et «de nos jours, il y a peu de temps encore, l'enseigne«ment des arts se pratiquait par une sorte d'appren«tissage, par des leçons journalières et intimes, comme «dans l'antiquité pour la philosophie...

«Cet enseignement du maître á l'èlève a continué «d'exister même après la suppression des corporations, «dans les ateliers de peinture, de sculpture et d'archi«tecture: le bien qui en résultait était d'autant plus «grand qu'il avait pour base la liberté d'abord, puis «l'émulation...

«L'État qui dirige ou du moins qui préside à l'in«struction littéraire et scientifique, peut remplir des fon«ctions analogues en ce qui concerne les arts, en ce «sens qu'il peut enseigner les éléments généraux «d'abord et contribuer plus tard à perfectioner cet en«seignement par la création d'écoles dites de perfection«nement...

«L'école de Rome est une école superieure de per«fectionnement à l'exemple de celles qui existent dans «toutes les branches de l'enseignement public pour tou«tes les carrières, telles sont des écoles de perfectionne«ment pour ceux qui, après avoir été de bons écoliers, «veulent devenir un jour de bons maîtres...

«Après avoir passé en revue ce qui s'est fait dans le «passé dans l'enseignement au point de vue des beaux «arts, puis ce qui existe aujourd'hui, nous résumons «dans les termes suivants:

«Écoles des beaux-arts avec *cours spéciaux* et con«cours périodiques; protection et encouragements aux «élèves.

«École supérieure de perfectionnement ayant Rome «pour centre. Que l'État pourvoie et à l'enseignement «supérieur scientifique et théorique de l'architecture.

«Qu'il protége les talents supérieurs et qu'il favo«rise leur développement.

«C'est par cette marche libérale, rationnelle et con«sécutive que se formeront des architectes sachant être «fidéles conservateurs des traditions du passé, mais ca«pables de s'affranchir de la rigueur des formes dont «la manifestation s'est produite, à diverses époques, «alors qu'elles avaient une raison d'être qui a disparu «aujourd'hui...»

Este resumido extracto nos dá a conhecer como o insigne architecto comprehendia a importancia dos estudos necessarios na architectura civil, no estado actual da progressiva marcha dos conhecimentos. Elle bem sabia que o artista de certa ordem tem que adquirir uma solida instrucção para se ennobrecer a si, engrandecer a sua profissão e honrar a patria.

Quando a morte em 1871 lhe arrebatava mais um confrade, quando a nossa classe perdia um dos seus mais distinctos ornamentos, e quando a campa se fechava emfim sobre os restos de Felix Duban, architecto insigne, e tambem membro do Instituto, Baltard recitou á beira da sepultura do que fôra distincto varão um discurso, de que registo aqui estas sentidas e honrosas phrases:

«On distingue parfois, au milieu de la foule ani«mée des artistes, quelques nobles figures calmes et im«posantes, à la démarche grave et contenue, un fe«couvert dans le regard, la foi dans l'âme, n'ayan«qu'à se laisser connaître pour se concilier aussitôt l«sympathie, le respect et la confiance; prodiguant, lor«qu'elles se livrent, des trèsors de sensibilité de haut«raison. Riches d'idées vives et nouvelles, si elles e«retracent l'expression, c'est pour commander l'atten«tion d'abord, bientôt l'admiration...

«Tel fut Felix Duban, telles ses œuvres. Ce ne son«pas seulement les artistes, ses confrères, ses émules «ses élèves, ses amis qui en portent témoignage. O«en peut appeler aussi à tous ceux dont l'émotion de«vant ses ouvrages accuse la *mens divina* qui les a fa«éclore et dont ils conservent l'empreinte...

«Que de labeurs! que de belles manifestations d'un«belle intelligence! Aussi les honneurs venaient-ils pou«ainsi dire trouver l'homme studieux et réservé sa«qu'il les recherchât. L'Institut, les Académies, les o«dres français et étrangers, les missions de confianc«étaient comme naturellement son partage.

«Honneur donc à toi, cher et grand artiste! tu «été la gloire de notre art...

«Ta vie a été trop belle pour qu'elle soit finie av«ton passage sur la terre. Ta célébrité ira toujou«grandissant.... La justice en ce monde est parfo«tardive, rarement compléte: ceux qui deveraient êt«les premiers à la rendre, sont souvent les dernier«mais elle est assurée à l'auteur d'œuvres telles q«les tiennes. Ton souvenir y restera vivant et honor«Ta carrière si laborieuse, marquée par tant de bea«travaux, ton caractère si noble, si élevé, seront des t«pes offerts à l'émulation de chacun...»

Com que profundo enthusiasmo tributava elle a ju-ta veneração á memoria do talentoso collega, do q se lastimava a perda! Com que sincero sentimento e-pressava o culto com que se devem admirar e respeit os eximios professores da nossa nobre arte! Mas, ta-bem com que dolorosa verdade patenteava o indif-rentismo reprehensivel da posteridade em reconhec

o merecimento, quando era de justiça e rasão reconhecer-se durante a existencia do artista! ainda por cima ser tardio n'essa manifestação depois do seu passamento!..

Permittam-me, senhores, que eu leia parte do seu derradeiro discurso recitado no Instituto de França no mez de novembro ultimo, para avaliarmos ainda melhor a nobreza de suas idéas e a facilidade do seu estylo. Informava-me este querido amigo, no indicado mez, e mal pensava eu que fosse a ultima missiva que receberia de tão chorado collega! informava-me, repito, da rasão de tomar para thema do seu discurso n'aquelle acto qual tinha sido o proficuo ensino adquirido na escola do insigne architecto Carlos Percier, notando que todos os seus discipulos tinham sido affamados architectos; e em logar de traçar o elogio d'um só artista, que mais se distinguisse, como era o uso seguido no Instituto, julgou mais conveniente demonstrar qual era a influencia do ensino d'aquella escola, resultando d'ahi a formação de muitos architectos de extraordinario merecimento:

«S'il est généralement admis que les œuvres de l'art «subissent l'influence des milieux où elles se produi«sent, on doit reconnaître en même temps que l'élément «essentiel de ces milieux se trouve dans le concours «de plusieurs forces et volontés actives, constituant un «corps de doctrines et représentant une école...

«Mais il survient des moments où la chaîne des trans«missions et des transformations régulières, en harmo«nie avec le sentiment de l'art et en accord avec la «raison, se trouve brisée. Cet évènement s'est produit «deux fois, d'une manière saisissante, dans l'histoire «des beaux-arts, et particulièrement de l'architecture, «à la fin du XV, puis du XVIII siècle...

«On sait, en remontant aux anciennes époques, com«ment cet art perdit ses grâces et ses beautés grecques, «pour se montrer somptueux et puissant au service des «Romains du Haut-Empire; comment, au Bas-Empire, «l'architecture romaine devient l'architecture latine, «bysantine, et roman; comment, vers le XII siècle, le «plein cintre fut remplacé par l'ogive, à laquelle se rat«tache tout un art, plein de hardiesse, de science et «d'invention, l'art du XIII siècle...

«Cependant l'excès amène nécessairement la réaction. «Le retour aux formes de l'antique, ce fut la première «réforme, et de là date l'éclosion de l'art charmant «de la Renaissance, art ingénieux et abondant, capri«cieux et bien ordonné, inspiré bien plutôt que copié «de l'antique, ne daignant pas enfin d'emprunter au «style qu'il remplaçait quelques-unes de ses formes ca«ractéristiques... De nouveau, l'on songeait à l'art «antique; une nouvelle Renaissance se préparait. La «première était issue de Rome et de l'Italie, la seconde «cherchait son berceau á Athènes et dans les régions «helléniques... Partout on voyait apparaître les pré«curseurs de la révolution qui allait s'opérer dans «l'art, comme elle se faisait dans les idées et dans les «faits, durant les vingt dernières années du XVIII siècle: «deux hommes surgirent: Louis David et Charles Per«cier, l'un peintre, l'autre architecte... Guidés par de «tels maîtres, les élèves de David, comme ceux de «Percier, devaient produire aussi plus d'un maître... «Percier avait l'esprit très-libéral, et à mesure qu'un «élève avançait dans ces études, il lui laissait plus large «la faculté de rompre les lisiéres avec indépendance, «et d'élever son vol plus hardiment... Aussi de son «école sortirent des artistes doués de talents variés, «mais se ressemblant en deux points essentiels; l'ha«bilité dans l'art du dessin, l'amour et le respect de «l'antiquité... etc.»

Este bem elaborado discurso nos patenteia mais uma vez o profundo criterio de Baltard, a elevação do seu espirito, a consideração que lhe mereciam os seus dignos confrades, e principalmente a reconhecida veneração pelo saber do seu antigo professor Percier, e o grande interesse que tomava pelo aperfeiçoamento dos estudos da sua arte.

Possuindo, pois, Baltard tão elevados dotes e superiores qualidades, não podia deixar de ser bastante sentido o seu passamento no mundo artistico, tanto pelos seus collegas e compatriotas, como pelos seus confrades estrangeiros e amigos leaes; pois não era, senhores, sómente um architecto insigne que deixava de existir, era tambem um eximio professor e um habil constructor que desapparecia da terra, e cuja substituição não era facil encontrar-se; pois a natureza, como que querendo exaltar os talentos transcendentes, não é prodiga em os produzir, e maior deve ser portanto a nossa mágua, maior a nossa veneração pela memoria de Baltard.

Se, durante a sua laboriosa existencia, padeceu repetidos dissabores, fundados sempre em malevolas intrigas, as diversas obras publicas do seu paiz, de que foi encarregado, as associações scientificas da Europa a que pertenceu, a munificencia dos soberanos dos paizes mais illustrados do mundo que o honraram, deram-lhe sobejos testemunhos do apreço em que tinham o seu admiravel talento e saber. Finalmente para em tudo ser superior, até da excessiva modestia nos legou um exemplo, de que os grandes artistas não ambicionam vãs lisonjas, unicamente anhelam concorrer para o progresso da sua profissão e credito da sua classe, deixando nas suas obras e trabalhos o testemunho irrefragavel da sua aptidão, pois que expressamente prohibiu que se recitassem discursos á beira da sua sepultura, como é geral costume nos paizes mais civilisados render essa ultima homenagem aos homens de assignalado merito, e essa vontade foi religiosamente cumprida.

Mas a posteridade não ignorará que para artista de tal ordem basta unicamente recordar-se o seu e illustre nome, para se fazer respeitar a sua memoria, e tributar-se veneração ao seu talento e saber. Disse.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LEIRIA

Amostras de materiaes de construcção remettidas á Associação dos Archictectos civis portuguezes

Caixas em que são contidas	Numero correspondente a cada peça.	Logares da extracção	DISTANCIAS		Quantidade de carretos que podem fazer	Preço de cada carreto	Carga d'um carro de bois	Designação dos materiaes	Observações
			A Capital do Districto.	As Estradas Reaes.					
A	1	Opcia	10, Kil.	4, Kil.	1,	600	0,333	Marmore.	
	2	Lapa	2, »	—	4,	200	0,333	Lios.	
	3	Fraga	14, »	14, »	1,	600	0,333	Lios.	
	4	Picotas	13, »	13, »	1,	600	0,333	Argila.	
	5	Lapa	12, »	12, »	1,	600	0,333	Argila.	
	6	S. Miguel	1, »	1, »	6,	120	0,333	Calcario.	
	7	Pombal	27, »	2, »	0,5	1$200	0,333	Idem.	
	8	Almoinhas	2, »	2, »	4,	200	0,333	Idem.	
	9	Serra das Sezaredas	70, »	9, »	0,2	3$200	0,333	Idem.	
B	10	Idem	70, »	9, »	0,2	3$200	0,333	Idem.	
	11	Pombal	28, »	3, »	0,5	1$200	0,333	Idem.	
	12	Idem	28, »	3, »	0,5	1$200	0,333	Idem.	
C	1	Pinhal Real de Leiria	14, »	2, »	1,	850	750 kilgr.	Madeira de serne	Altura 25,^{m} diametro 0,66^{mm}
	2	Idem	14, »	2, »	1,	850	750 »	Dita de todo o pau	Altura 22,^{m} diametro 0,44^{mm}
D	3	Carvalhos	22,5 »	5,5 »	0,5	800	0,40	Cantaria branca.	
	4	Reguengo	18, »	6, »	0,5	800	0,322	Idem.	

E	7	Proximo á Batalha.....	10, »	2, »	1,	600	881 kilgr.	Ocre.		
F	8	Juncal.....	20, »	3, »	0,5	800	881 »	Rocho Rei.		
G	9	Pernelhas.....	6, »	3, »	1,	300	0,75	Cal.		
H	10	Proximo da Batalha.....	13, »	1, »	1,	600	0,5	Areia.		
I	11	Idem.....	13, »	1, »	1,	600	0,5	Saibro.		
J	12	Proximo d'Azoia.....	6, »	0,5 »	1,	300	881 kilgr.	Gesso.		
K	13	Fornos da Telha.....	19, »	—	0,5	800	500 telhas	Telha.	Milheiro.....	1$500 réis
	14	Idem.....	19, »	—	0.5	800	400 tijolos	Tijolo.	Dito.....	1$240 »
L	—	Calçada do Bravo.....	2, »	—	6,	120	0,75	Saibro.		
M	—	Boa Vista.....	6, »	1, »	1,	800	0,75	Cal.		
N	1	Marinha Grande.....	12, »	—	1,	700	350 tijolos	Tijolo.	Milheiro.....	3$000 réis
	2	Idem.....	12, »	—	1,	700	200 »	Idem.	Dito.....	6$000 »
	3	Idem.....	12, »	—	1,	700	400 »	Idem.	Dito.....	3$000 »
	4	Calumbeira prox.º d'Obidos..	68, »	5, »	0,25	600	350 »	Idem.	Dito.....	3$000 »
	5	Gaiciras proximo das Caldas..	60, »	1, »	0,25	600	350 »	Idem.	Dito.....	3$000 »
	6	Columbeira prox.º d'Obidos..	68, »	5, »	0,25	600	400 telhas	Telha.	Dito.....	3$600 »
	7	Gaiciras proximo ás Caldas..	60, »	1, »	0,25	600	400 »	Idem.	Dito.....	3$600 »
	8	Chãa da Larangeira.....	12, »	12, »	1,	700	400 »	Idem.	Dito.....	4$000 »

O ferro e chumbo que se vende no Districto vem do estrangeiro.

Cada kilogramma de ferro sueco de 0,019 até 0,03 de lado é a 100 réis e de 0,03 até 0,126 é a 90 réis o kilogramma.

Vergalhão de 0,010 é a 100 réis o kilogramma e de 0,010 até 0,045 a 90 réis o kilogramma.

Ferro Escocio de 0,003 a 160 réis o kilogramma, de 0,007 a 110 réis o kilogramma, de 0,013 a 100 réis o kilogramma, de 0,017 a 80 réis o kilogramma, de 0,02 a 75 réis o kilogramma, e de 0,02 até 0,045 a 70 réis o kilogramma.

Ferro em barra Escocio de 0,019 a 90 réis o kilogramma, de 0,019 a 0,126 a 70 riéis o kilogramma.

O chumbo em barra vende-se a 120 réis o kilogramma.

Direcção das Obras Publicas do Districto de Leiria 25 de março de 1866.

O Director

Joaquim Miguel Pereira Moirão.

CONSTRUCÇÃO

No numero 2.º da 1.ª serie da publicação do *Archivo de architectura civil*, jornal d'esta Real Associação, publicado em 8 de outubro de 1865, démos um mappa demonstrativo dos differentes materiaes de construcção, pertencente ao districto do Porto; e no n.º 8 da referida publicação appareceu outro mappa com referencia ao districto de Bragança.

N'este n.º 4.º do *Boletim architectonico e de archeologia* publica-se o terceiro mappa dos materiaes de construcção do districto de Leiria.

Repetiremos hoje o que dissemos então no artigo do segundo numero: «Julgâmos, pois, ser conveniente apre«sentar aos nossos leitores um mappa demonstrativo «dos materiaes de construcção que existem em Portu«gal, o que muito facilitará a boa escolha e emprego «nos differentes trabalhos que se emprehenderem; assim «como poderá influir no maior desenvolvimento d'este «ramo de commercio, sendo procuradas as suas di«versas qualidades para as construcções. Ao mesmo «tempo estes mappas, que continuaremos a publicar, «serão de grande auxilio para os architectos, poupando«lhes investigações difficeis de se obterem, offerecendo«lhes dados positivos para escolherem aquelles mate«riaes que melhor convier para as obras que tiverem de «executar, e poderem egualmente com toda a exacti«dão calcular os orçamentos d'aquelles que forem ap«plicados nas suas construcções.»

Persuadidos, pois, d'esta utilidade, daremos publicidade aos mappas de outros districtos, que os srs. engenheiros encarregados da direcção das obras publicas no reino nos fizeram o obsequio de remetter na conformidade das ordens que do respectivo ministerio tenham recebido, a fim de satisfazer ao empenho d'esta associação, e que o governo de Sua Magestade auctorisou com toda a benevolencia.

O architecto — J. da Silva.

UM BUSTO

O convento de Belem e o seu architecto

CONSIDERAÇÕES

Julga-se geralmente, que Portugal tem sido terreno agreste para as Bellas-artes, onde estas não germinam, nem fructificam: julgamento, que procedeu, talvez, de certas phrases equivocas, ampliadas por outras de mais moderna data, nacionaes e extranhas, que se repetem sem exame; e afinal, de exageração em exageração, quasi que se chega a acreditar, que somos barbaros, estacionados no occidente da Europa.

Se nos dessemos, porém, ao trabalho, obscuro e inglorio, pouco consentaneo ao nosso temperamento, e a este tempo que corre, em que só nos luzem os pirilampos... de bem indagarmos e esmerilharmos as nossas coisas, quer-me parecer, que achariamos não ter sido tão safaro, como se diz, o terreno portuguez no cultivo das lettras e das artes. Desde o principio da nossa existencia politica, poderiamos descobrir documentos d'este meu parecer.

Não nos têem auxiliado nunca as circumstancias, nem nos excita, é verdade, o genio; mas creio que jamais nos desamparou a illustração. Na relação de menos de dois para cem, em que a politica nos collocou para o resto da Europa, no seculo XII, não vejo, que os progressos litterarios e os artisticos dos outros povos, tenham excedido até hoje os nossos além d'esta mesma proporção: pelo contrário, n'alguns pontos, fomos nós, que muito nos sobrelevámos! [1]

Não trato agora, nem viria para aqui o tratar, de desenvolver o que penso a tal respeito; mas tendo de escrever algumas linhas, em referencia a uma arte, permitta-se-me que, sobre esta — a architectura, deixe aqui assentado, que ao menos ella foi conhecida, cultivada, e estimada, entre nós, desde o tempo do nosso primeiro rei. E se a architectura é, como quer o sr. Pelletan, a base e a moldura das demais artes, ás quaes attrahe e acolhe; nem póde ser arte, na opinião de Quatremére de Quincy, senão entre os povos, que tenham attingido certo grau de cultura, opulencia e luxo; podêmo-nos desvanecer de que a architectura, tenha tido entre nós monumentos muito notaveis, em templos, sepulturas, e outras obras, desde a existencia da nossa monarchia. Quasi que não ha soberano, ou principe, até D. Manuel, que não legasse algum, ou alguns de taes monumentos á posteridade.

E as obras executadas, durando o reinado d'aquelle monarcha, que chegaram a contrahir feição caracteristica, que as distingue de todas as outras do estylo ogival, em qualquer dos seus tres periodos, são numerosas, e em grande parte existentes. Citarei por exemplo, e não como catalogo, as construcções do mosteiro de

[1] Tem sido sestro tambem, deprimir a grandeza de Lisboa, da epocha anterior ao terramoto de 1755. Exagerou-se a reconstrucção d'esta cidade, e a regularidade das ruas da *baixa*, a ponto de suppor-se que antes d'esse pantano, ao qual diariamente tem ido roubando o sol e a circulação do ar, Lisboa era uma cidade somenos, sem edificios grandiosos e sem magestade. Mas não é assim. Pelo que está escripto, pelas antigas plantas da cidade, e pelos desenhos que nos restam de algumas partes d'esta; são para admirar construcções muito superiores ás que os nossos governos modernos, e os nossos argentarios ladeados de insignes mestres de obras, tem executado e vão executando, com mui raras excepções.

«Une vieille légende allemande raconte, qu'un chevalier ayant «voulu voir à Jerusalem, la plus belle cité de l'Europe dans un «miroir magique, aussitôt Lisbonne la Grande, comme on disait «alors, vint se peindre à ses yeux éblouis.» *(F. Denis.)*

Estou, que um album das antigas edificações de Lisboa, e muitas do paiz, organisado sobre as memorias, vestigios e plantas, que ainda d'ellas se poderiam colleccionar; seria empresa digna e patriotica, que tiraria a nevoa da ignorancia a muitos olhos, e confirmaria o que digo acima.

S. Jeronymo, e torre, de Belem; as egrejas da Annunciada, Conceição e Santo Antonio de Lisboa, e da Pena, em Cintra; as de Caminha, S. Bento do Porto, Villa-Nova de Fozcôa, Freixo-d'Espada-á-Cinta, S. João Baptista de Thomar, Jesus de Setubal, Santa Clara d'Estremoz, Sé d'Elvas, Santo Antonio de Serpa, e Santa Clara de Tavira; as edificações das misericordias de Lisboa, Monte-Mór, e Beja; a continuação das obras de Santa Cruz de Coimbra, Batalha, Alcobaça, e Thomar; as pontes do Mondego e Guadiana; as muralhas d'Olivença, e castello d'Almeida: e no ultramar, a Sé do Funchal, e as obras em Moçambique, e pela costa do golpho persico: sem fallar nos innumeraveis pelourinhos, e outras construcções particulares. [1]

E todas essas obras estão provando, sem contestação, a actividade architectonica, e o typo das construcções d'essa epocha memoravel, em que o *fundar* parecia ser a nossa divisa, pelo velho e novo mundo. [2]

É pena e outra coisa... cujo nome não desejo escrever, que esse typo architectural a que me referi, e ao qual se tem assentado, e muito bem, em chamar *manuelino,* não tenha sido até agora conveniente e devidamente estudado; nem, por consequencia, bem comprehendido e explicado.

Sabe-se que o terceiro periodo da architectura ogival, a que deveriam pertencer as edificações do tempo de D. Manuel, distingue-se dos antecedentes periodos, principalmente pela ornamentação; e é conhecido pela denominação de florido. Pois é tambem, principalmente na ornamentação, e na sua infinita variedade, que se caracterisa o estylo manuelino. Sem que isto queira dizer, que não tenha elle tambem importantes modificações, propriamente architectonicas, da fórma então geralmente usada nas construcções a que chamavam gothicas, não se comprehende bem porquê, mas a que hoje mais convenientemente se chama architectura christã.

Essas modificações observam-se especialmente nas voltas dos arcos, nos pontos d'apoio das abobadas, e nas ombreiras das portas e janellas; na interrupção da monotonia das linhas verticaes, e nas bases das columnas; na preferencia da fórma oitavada, em quasi toda a parte em que sem inconveniencia póde ser adaptada, etc. Mas, além de tudo isto, e sobre tudo isto, no quer que seja de symbolico e hierogliphico, em referencia á epocha, e ao proposito da edificação, disseminado por toda a decoração d'ella.

O mosteiro de Belem é, na parte construida em tempo de D. Manuel, o mais completo e bello exemplar d'este typo d'architectura; e é tambem: «o ultimo hymno a Deus estampado na pedra, pela poesia religiosa da edade-media. A architectura christã veiu alli dar o derradeiro suspiro, na sua ultima batalha contra o renascimento que invadia tudo: alli foi afinal vencida.» A estas palavras d'um dos nossos mais vigorosos talentos contemporaneos, accrescentarei apenas um triste *é verdade!* Porque a perola da architectura manuelina foi, e tem sido miseravelmente desfigurada com excrescencias e descalabros da renascença, e maculada d'extravagancias, talvez devidas á hesitação entre as duas fórmas architectonicas, que trouxe perplexos os artistas continuadores da edificação.

A capella-mór da egreja foi refeita em estylo da renascença, destoando inteiramente do primitivo desenho. Em logar do primeiro coro, construiu-se outro de entablamento classico, sobre arcos de ponto agudo. A fachada da entrada principal foi estragada, destruindo-se-lhe a ornamentação, e o remate do portal, para abrir por sobre este communicação com o convento. As duas torres não chegaram a levantar-se, tendo só ficado indicadas, e uma d'ellas começada a construir. Sem fallar ainda nas innumeraveis partes do edificio, que ou não se chegaram a fazer, ou ficaram por concluir, ou foram incongruentemente recompostas, ou se tem deixado estragar.

E por infelicidade, o remedio de tudo isto, cuja esperança chegou a alvorecer-nos, desvaneceu-se... se não é que poderá accrescentar ainda os dislates!

Para os verdadeiros artistas, e para todos os que amam as artes, a assolação, os estragos, e a deformidade dos monumentos, são-lhes tão repugnantes, como os escandalos contra os bons costumes, repugnam aos homens bem morigerados. Prevenir, obviar, remediar estes attentados de lesa-arte, é a coisa mais grata para o sentimento artistico. Assim como o coração se confrange, e se dóe, sabendo padecer e finar-se o amigo; magoa-se tambem, e quebra-se o espirito do artista, vendo devastado, ou desfigurado o monumento! Ambos estes sentimentos são naturaes e respeitaveis, porque ambos são filhos do amor.

O sr. architecto Silva, cuja desinteressada iniciativa em tanta coisa, honrosa para o paiz, é digna dos mais sinceros elogios; e cujo zêlo pela sua arte o tem feito notavel entre os architectos portuguezes; possuido de sentimentos de pesar pelo triste estado em que via o monumento de que fallo, e de desejos de *restaural-o,* como a sua boa vontade apenas lh'o permittia; emprehendeu ha annos, com trabalhoso e illustrado estudo, um modêlo de madeira da egreja; tentando imitar o que se convenceu que teria sido o desenho do seu architecto, se fosse este, que a concluisse. [1]

Esse modêlo, remettido á exposição universal de

[1] Damião de Goes, eleva a sessenta e duas o numero d'estas obras, e não menciona todas. A predilecção de D. Manuel por obras publicas, tornou-se tão notavel, que para alguns foi motivo de censura. O bispo H. Osorio, diz, que os aduladores do principe, depois rei, D. João III, lhe apresentavam seu pae, como um homem, *que mais cuidava d'edificações, do que da dignidade real!* O que seria para taes aulicos a dignidade real? Seria o estabelecimento da inquisição, e a admissão dos jesuitas?

[2] E não se tratava só de fundar, mas tambem de *conservar.* Veja-se o notavel documento do corregedor Antonio Corrêa, publicado no n.º 91 do *Panorama* de 1843.

[1] Veja-se no jornal *A Illustração,* n.º 2, maio de 1845, o que a este respeito escreveu o sr. A. Herculano.

Paris, em 1867, é o que nos representa a nossa estampa n.º 7. Alli se vê restaurada com mui sensato bom-gosto a entrada principal do templo; e se admiram as duas torres, primorosamente elegantes, como protesto muito antecipado contra qualquer futura reconstrucção menos conveniente. [1]

Necessariamente tinha de dizer-se alguma cousa sobre este edificio, havendo de fallar-se do seu architecto: e preferiu-se apresentar a estampa do desenho que elle porventura delineára, a qualquer outra, representando o templo como o seu architecto decerto regeitaria. Mas o fim especial d'este artigo, é simplesmente apresentar á apreciação publica, o busto que se conjectura ser o do celebre Botaca, já hoje, sem contestação, reconhecido como famoso architecto do mosteiro dos Jeronymos de Belem.

Este busto, representado na nossa estampa n.º 8, é copia d'um medalhão, unico, encontrado atraz dos degráos de pedra d'um dos pulpitos modernamente levantados, junto aos formosos pilares do cruzeiro da egreja. É curiosa a origem da descoberta d'este medalhão.

As indagações do sr. architecto Silva a respeito d'este monumento suggeriram-lhe, em 1848, a idéa d'uma publicação de desenhos, que tornasse universalmente conhecido este bello specimen da *architectura nacional*, denominada manuelina; á similhança da bem conhecida obra de Murphy, sobre o convento da Batalha. Seria para admirar, que uma obra monumental d'esta natureza tivesse sido auxiliada, e podesse realisar-se entre nós; não espanta porém, que taes fossem os obstaculos, e os atrittos, que ficasse apenas em projecto.

Contrariado na sua patriotica idéa, o desanimo tomou o artista, e abandonou-a. Mas jamais perdeu do sentido duas circumstancias d'ella: procurar as plantas da construcção primitiva, que alguns monges do mosteiro lhe asseveraram, em 1828, deverem existir no Escurial, para onde Philippe II as mandára; e descobrir o busto do architecto, que tinha rasões para desconfiar, que existia n'alguma parte do templo.

Se foi infeliz nas buscas que, annos depois, fez na bibliotheca do Escurial, para achar aquellas plantas; não o foi, com o tempo, na descoberta do referido busto. Em 1865, sendo parocho da freguezia de Santa-Maria de Belem, erecta na egreja do convento dos Jeronymos, o reverendo padre Philippe, ecclesiastico illustrado, e cheio de patriotismo, alcançou o sr. Silva descobrir um medalhão, no logar que acima referimos, com o busto, que desde logo acreditou ser o de Botaca; e conseguiu, que fosse cortado, ao menos, parte do degráo do pulpito, que encobria o medalhão, deixando assim descoberto, e exposto, ainda que mal, á admiração de nacionaes e extrangeiros, a imagem do apreciado artista de tão magestosa fabrica.

Tiraram-se então muitos moldes em gesso d'este medalhão, com os quaes foram presenteadas algumas associações artisticas extrangeiras; e um d'elles, do qual foi copiada a nossa estampa, se guarda na sala das sessões da nossa associação, apar d'outro do busto de Aphonso Domingues, o celebre architecto da Batalha.

Alguma coisa se tem já escripto, e por bons escriptores, a respeito de Botaca e da sua nacionalidade. Entre todos, os srs. Varnhagen, e Raczynski, (1843 a 1847), parece-me haverem indagado, e dito quanto a tal respeito podia indagar-se, e dizer-se. Não emprehenderei pois, agora, novos trabalhos sobre este assumpto; mas julguei apropositado registrar aqui, quanto se póde colhêr do estudo já feito, como a minha pequena agudeza m'o permittirá registrar.

Encontro tres pontos, para esclarecer: 1.º Quem foi Botaca. 2.º Se Botaca foi o architecto do convento de Belem. 3.º Se o busto, cuja copia hoje apresenta o nosso jornal, é effectivamente o de Botaca.

Emquanto ao primeiro ponto, creio podêr dizer, apoiado principalmente nas indagações do sr. visconde de Juromenha, que me parece ser quem mais o esclareceu, que Botaca (ou Boytaca, porque assim apparece escripto pelo proprio, em documentos existentes na Torre-do-Tombo), foi portuguez, natural, provavelmente, do logar de Boytaca, perto da Batalha. [1]

A visinhança d'este monumento, sempre diante dos olhos do artista, e a sua natural inclinação, o levariam ao estudo da architectura; que elle completava na Italia quando de volta, ou chamado por D. João II para os trabalhos da sua arte em Portugal, foi por este soberano encarregado, em 1492, da edificação do convento de Jesus em Setubal. [2]

Costume foi este sempre entre nós, e desde os primeiros annos da monarchia, de irem estudar fóra da patria muitos varões distinctos em artes e sciencias, alguns a expensas do Estado; e não poucos d'elles deixaram bom nome entre os extranhos, e até por lá se ficaram doutrinando.

[1] Fui informado de que este modelo, está conservado na galeria dos modelos d'architectura da Academia das Bellas-artes de Paris; sendo este o primeiro modelo de um particular, e extrangeiro, que o governo francez permittiu, que figurasse entre os modelos que se guardam n'aquella galeria, mandados executar por determinação do mesmo governo. O que sendo grande distincção para o artista, é prova tambem da estimação de que é digno o edificio representado, mormente *acabado* por tal fórma.

[1] A circumstancia de existir um logarejo com o nome de Boytaca, não a julgo bastante para dar como provada a nacionalidade portugueza do artista. Tanto podia este tomar o patronimico do logar, como poderia um logarejo habitado pelo artista, ou por elle estabelecido, ou adquirido, ficar sendo conhecido pelo nome do seu proprietario. D'uma e outra coisa ha exemplos. Mas Raczynski contesta o italianismo do nome *Boytaca*; e acha-o, com boas rasões, mui conforme ao nosso edioma (*Dictionnaire Historico-artistique du Portugal*). O que porém, na minha opinião, tira todas as duvidas sobre a nacionalidade portugueza de Botaca, é haver este artista militado em Africa, como adiante se verá.

[2] A grande epocha do movimento architectonico entre nós, começada por D. João I, teve maior desenvolvimento por impulso de D. João II, e da rainha D. Leonor; até chegar ao seu apogêo em tempo de D. Manuel.

2.ª SERIE

BOLETIM

Nº 4

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

ESTAMPA 8ª 79

Vista do modelo para a restauração da Egreja dos Jeronimos em Belem delineado pelo architecto J. P. N. da Silva em 1867.

BOTACA

ARCHITECTO DO MOSTEIRO DOS JERONYMOS

DE

BELEM

Imprimé par Lallemant frères 1875

Mas antes d'ir á Italia, Botaca militou n'Africa, onde parece que, por aquelles tempos, era uso irem prestar o seu preito ao patriotismo, todos os bons engenhos portuguezes. Alli, por seus feitos d'armas contra os moiros, foi armado cavalleiro pelo conde de Borba, governador d'Arzilla. [1]

Em 1498, dois annos antes de começarem as obras de Belem, já havia merecido que el-rei D. Manuel lhe concedesse uma pensão, pelos trabalhos da sua arte de *mestre das obras de pedra*.

A construcção do mosteiro de Belem começou em 1500; e em 1509 foi Botaca nomeado fidalgo-cavalleiro da Casa-real. Em 1515 foi-lhe augmentada a pensão, ou concedida nova pensão mais importante que a de 1498.

Em 1514, passou Botaca novamente á Africa; mas d'esta vez como architecto, para medições e projectos d'algumas obras que por aquellas partes (Arzilla, Alcacer, Tanger e Ceuta), lhe foram encarregadas.

De 1509 a 1519, esteve Botaca como inspector, ou mestre, dos trabalhos, que se executavam na Batalha; onde talvez succedeu a mestre Matheus Fernandes, que falleceu em abril de 1515.

Poucos annos sobreviveu Botaca a el-rei D. Manuel: expirando com elles a *architectura nacional*, como mais tarde, expirava com D. Sebastião e Camões, o genio da litteratura portugueza.

Botaca deixou um filho, que foi criado do infante D. Luiz, filho de D. Manuel.

E é tudo, quanto até hoje, se póde dizer de Botaca.

Mas seria este artista o architecto do mosteiro dos Jeronymos de Belem? Se não temos documento, que o prove; tambem documento não temos, que dê a outrem essa honra. Nem de nenhum outro architecto por esse tempo se sabe, a quem ella possa ser attribuida. Juan Tolosa, gallego, estava mui longe, em Caminha, occupado com a construcção da egreja de Santa Maria dos Anjos. Ayres de Quintal mestre das obras de Thomar, e mestre Matheus architecto da capella imperfeita da Batalha: ambos permaneciam junto ás suas obras, e o seu estylo é differente do estylo architectural do mosteiro dos Jeronymos. João de Castilho, que já em 1522 era chamado mestre das obras de Belem, e que provavelmente alli succedeu a Botaca, como na Batalha succedeu ao mesmo Botaca, que suspeito, que alli substituíra Matheus Fernandes; tinha apenas dez annos d'edade quando as obras começaram: o que é de mais, para invalidar a opinião dos que o suppozeram auctor de tão magnifica fábrica.

As circumstancias que referi, d'esse pouco que se sabe da vida de Botaca; a consideração em que já era tido como artista; as mercês de que gosava; a sua edade de mais de quarenta annos: são ainda fundamentos plausiveis, para se podêr acreditar, que a elle foi commettido o desenho, e a execução d'esse grandioso poema de pedra, piedoso monumento levantado por D. Manuel á memoria do infante D. Henrique, e ao descobrimento da carreira maritima do Oriente. E direi tambem (seja-me permittido arriscar este juizo), que a Botaca póde ser attribuido o bom gôsto caracteristico da architectura de transição, a que chamâmos manuelina; e que por esse modo, chegou a iniciar uma eschola d'architectura nacional, que por honra nossa não deveriamos jamais esquecer. [1]

Será porém de Botaca, o busto que representa a nossa estampa? As conjecturas parecem proval-o. João de Castilho, pelos annos de 1517 tomou a impreitada mais importante das obras de Belem, talvez ainda sob a direcção de Botaca, cuja permanencia alli lhe não seria possivel, em rasão d'outras obras a seu cargo. Em 1522, como já disse, era definitivamente o mestre d'estas obras. Botaca estava então no fim da vida, em edade avançada, como o busto o representa. Penso, que João de Castilho, em homenagem propria, ou de mais alto inspirada, teria porventura a feliz idêa de mandar collocar o busto do seu nobre antecessor, já defuncto talvez a esse tempo, juncto á base do pilar do lado do Evangelho, que ajuda a sustentar a pasmosa abobada do cruzeiro da egreja. Francisco de Benavente, particularmente encarregado dos trabalhos nos pilares, não me parece que tivesse auctoridade para tanto.

O logar foi excellentemente escolhido; e de ninguem mais senão do architecto, ficaria alli convenientemente collocada uma effigie. Vê-se pelos ornatos, que aquella parte do pilar foi cortada, para dar logar posteriormente á collocação da pedra, que contém o medalhão com o busto. Este terá obra de 25 centimetros de diametro, e representa um ancião de mais de sessenta annos, como disse, modestamente trajado. Póde suppor-se, que retratta o artista tocando o termo dos seus dias; e que a collocação alli do seu busto, se faria em honra á sua memoria, como se praticára com Aphonso Domingues, o grande architecto do convento da Batalha, falle-

[1] Esta circumstancia, creio que nos dá muita luz sobre a vida de Botaca. O conde de Borba foi nomeado governador d'Arzilla, depois da conquista d'aquella praça, em 1471, por D Affonso V e serviu alli, até que reinando D. João II, teve de *vir ao reino, emprazado por capitulos, que d'elle deram a el-rei*; e cá se conservou até aos primeiros annos do reinado de D. Manuel. Botaca, provavelmente, não teria menos de vinte annos, quando foi para Africa, e para lá se distinguir a ponto de merecer aquella distincção, é provavel que alli militasse por alguns annos. Mas em 1492, já estava em Portugal de volta d'Italia, onde tambem necessariamente se demoraria alguns annos. Suppondo-o fallecido com cêrca de sessenta e cino annos d'edade como o busto o representa, e entre 1523 a 1528, poderemos conjecturar que nascêra pelos annos de 1460; que militára em Africa pelos annos de 1480 a 1485; que estudára em Italia, pelos annos de 1486 a 1492; e que trabalhára pela sua arte em Portugal, por espaço de trinta annos; tempo sufficiente para iniciar, ou desinvolver eschola, attendendo aos *muitos* trabalhos de que foi encarregado; como pelo typo d'elles, e pelos documentos que existem, se comprova.

[1] « Les portugais, selon moi, ont laissé des preuves de leur goût constant pour les ouvrages d'architecture. La perfection de leur monuments sous le rapport de l'éxécution... prouve fort bien que cet art est vraiment national. » *Les Arts en Portugal*, pag. 458.

cido antes de Botaca, e talvez por disposição d'este, ou do mesmo João de Castilho.

Onde tudo são conjecturas, penso que o que deixo escripto, poderá, sem reluctancia, ser acceite pela crítica. Não tem apparecido até hoje documentos, que possam auctorisar mais seguro juizo; mas as indagações continuam, e o assumpto merece-o, como bem digno d'excitar o brio nacional. Apezar do muito, que já se tem escripto do mosteiro de Belem, (e citarei com especial estima a Memoria do Sr. Varnhagen, assaz minuciosa, e interessante), muito resta ainda para dizer. Pela minha parte, creio que nova occasião se me deparará, de voltar ao assumpto no nosso jornal.

14 de Dezembro de 1874.

SÁ VILELLA.

ARCHEOLOGIA

NOTICIA HISTORICA

DA

ANTIGUIDADE DE SÃO MARTINHO DE MOUROS

(Districto de Vizeu, e bispado de Lamego)

Tenho com minucioso cuidado, e circumspecção colligido os apontamentos historicos relativos á antiguidade de São Martinho de Mouros, e em todos os livros antigos, e na excellente *Historia de Portugal,* do sr. Alexandre Herculano, não encontrei noticia alguma relativa a este logar até ao anno de 1054.

Segundo a citada historia do sr. Herculano, volume I a fl. 162, sabe-se que no anno de 1055 Fernando I, cognominado o *Magno,* ou *Grande,* rei de Leão, e Castella, e Senhor da maior e melhor porção da Hespanha Christã, vendo a decadencia do imperio de Cordova, por causa das guerras civis, deliberou aproveitar a conjunctura para dilatar os proprios dominios á custa dos sectarios do Coran. Passando o Douro pelo lado de Zamora seguindo para o occidente, entrou pela nossa moderna provincia da Beira, avassalando os castellos tomados, e perdidos por christãos e sarracenos, e continuando esta guerra nas primaveras seguintes, vemos que em 1057 conquistou successivamente Vizeu, Lamego e Tarouca, e outros logares fortes.

Era São Martinho de Mouros um dos logares fortes povoado pelos mouros, aonde tinham o seu castello do qual estavam de posse no principio do seculo XI, como se mostra na historia do sr. Herculano no volume III, a fl. 189. E como Al-mansor, acompanhado de grande exercito de sarracenos, transpozeram o Douro, e avassalaram os habitantes d'aquelles logares no fim do seculo X, é certo que os sarracenos, que povoavam São Martinho de Mouros, estavam debaixo do dominio de Al-mansor até 1057, anno em que Fernando I os expulsou, como claramente se vê na citada historia, volume III, nota XIII a fl. 419, que diz: «Foram os sarracenos expulsos de «Seia, Vizeu, Lamego e São Martinho de Mouros, e de «outros castellos visinhos.»

Nas chronicas d'El-Rei D. Pedro e D. Fernando, escriptas pelo nosso patriarcha dos historiadores antigos, Fernão Lopes, e publicadas em 1816 por uma commissão creada pela Academia Real das Sciencias, achamos a fl. 580 o foral de São Martinho de Mouros, no qual se lê o seguinte: «Eu a Rainha Dona Tareija, fi«lha d'el-Rei Dom Affonso, e o Conde Dom Anrrique, «e o Infante Dom Affonso meu filho fazemos, e confyr«mamos carta de firmydõe de vosso foro a vós homeẽs «de São Martinho de Mouros, o qual ouvestes em tem«po de meu avou Rey Dom Fernando, e de meu pa«dre Rey Dom Affonso, e derom esse castelo com este «foro ao alvazil Dom Sesnando como vos tevessem por «el etc. *(O original d'este foral acha-se no masso 8 de foraes antigos n.º 6 do real archivo. É um caderno com 15 folhas de pergaminho).*

Por tanto este documento mais evidentemente nos prova, que D. Fernando I rei de Leão e Castella, conquistou aos sarracenos em 1057 São Martinho de Mouros, e lhe deu foral, bem como seu filho D. Affonso VI, aquelle avô, e este pae de D. Tareja casada com o Conde D. Henrique, os quaes com seu filho o infante D. Affonso o confirmaram, ignorando a data, e annos em que primitivamente foi dado o foral, e posteriormente confirmado. Em o reinado de D. Manuel foi tambem por este rei confirmado aos 20 dias do mez de Outubro de 1513, da qual confirmação existe copia no archivo municipal do concelho de Rezende.

Ha tradição, mas não documento nenhum, que o prove, que a actual Igreja da freguezia foi mesquita dos mouros; esta é construida de pequenas pedras algumas marcadas com diversos signaes,[1] ignorando-se a epocha da sua fundação, ou construcção, querendo alguns sustentar, que foi no anno de 708 por ter esta data sobre o arco cruzeiro, que separa a igreja da capella-mór, a verdade é, que não conheço, e julgo não existir documento, ou noticia, que prove a data da sua construcção. A architectura é gothica, e o arco cruzeiro é de volta em ógiva, assim como a porta principal, que é sustentada por delgadas columnas com capiteis, com cabeças de animaes grosseiramente esculturadas. A torre é formada sobre uma grande abobada de cantaria debaixo da qual ha um grande arco, aonde é o côro, tem pequenas frestas para o norte e sul. Ao entrar da porta principal do lado esquerdo, ha um letreiro gravado na pedra já bastante apagado, e que por isso não é possivel ler; sobre este letreiro estão dois riscos feitos na pedra que dizem ser a medida exacta do padrão

[1] Veja-se a este respeito a nossa publicação sobre os signaes das pedras nos monumentos da idade media,

J. da Silva.

da vara, e covado dos antigos povos. A capella-mór parece ser obra mais moderna, que o resto do templo.

O que com certeza posso affirmar, é que a sua construcção é anterior á fundação da monarchia, e igual á construcção, e architectura das Igrejas de Santa Maria de Barrô d'este concelho, e Almacave de Lamego.

Ainda existe uma povoação actualmente chamada o *Castello* situada no fundo de um monte chamado a *Boraca dos mouros*. Este nome de certo lhe provem por existir no cume do dito monte uma grande cava perpendicular, que estando tapada com pedras, alguns curiosos mandaram desentulhar em 1867 até á altura de 25 metros, e como n'esta profundidade se encontrou agua, não continuou a exploração, não só por ser difficil o esgoto, mas tambem, porque os trabalhadores temiam andar n'esta profumdidade. Toda a cava é aberta em saibro muito duro, e desde a entrada até a distancia de 10 metros, é de aboboda, e desce por escadas do sul para o norte, principiando ahi a descer perpendicularmente. Ha signaes evidentes de mais cavas, que estão tambem entulhadas, e em uma d'ellas se reconhece a perfeição e segurança com que foi feita, porque foi emparedada com pedra e cal, e tão bem feita era a argamassa que é mais facil quebrar a pedra do que deslocar a argamassa.

É notavel a circumstancia de existirem n'este local signaes evidentissimos de grandes fornos de depuração de metaes, encontrando-se ainda muitas cinzas, carvão e muitos ossos, e grandes porções de escorias, (a que o vulgo chama escumalho) as quaes sendo partidas se lhe encontram pequenos bocados de ossos. Por estes vestigios é natural que ali antigamente houvesse alguma exploração de mina, ignorando-se se esta foi na epocha dos sarracenos, se anteriormente na dominação romana, ou goda. Se de facto ali existiu alguma exploração no tempo dos mouros, é muito provavel que ficasse por acabar de explorar, por terem sido acossados d'estes sitios pelos conquistadores. Oxalá que alguem se delibere a investigar a verdade, do que antigamente aqui existiu. N'este mesmo logar e em todo o monte se encontram muitos vestigios de casas, apparecendo grande porção de pedra, e grossos tijolos, bem como se tem encontrado moedas de ouro, prata, e cobre, algumas d'ellas já tão oxidadas, que não podem ser reconhecidas pelos melhores numismaticos; outras em bom estado como são uma moeda de ouro goda, conforme o typo, que está estampado no *Archivo Pittoresco* volume I, a fl. 128 e duas de prata romanas, uma do imperador Augusto e outra de Marco Aurelio as quaes eu possuo. Para o lado do nascente d'este monte a pequena distancia ha um plano aonde actualmente ainda se reconhecem muitas sepulturas abertas na rocha, e todas de forma, que os corpos ficavam depositados com os pés ao nascente, e a cabeça ao poente.

Os nomes dos sitios em volta do monte ainda conservam os nomes arabes, como são — Almedina, Altamira e Almozerna.

É tradição, que no cume d'este monte foi aonde existiu o castello, e que ali os mouros se fortificaram para se defenderem dos seus inimigos, e conquistadores; portanto em vista das circumstancias expostas, e do nome de *Castello* que ainda actualmente conserva a povoação mais visinha d'este monte, me induz a crer que o dito castello dos mouros existiu no cume do citado monte, o qual é muito alto, e d'este logar se descobrem povoações muito distantes, gozando-se uma vista admiravel, tendo muita analogia com o pico da serra de Cintra, aonde está edificado o Castello da Pena.

Eis aqui fielmente, quanto tenho colligido até ao presente relativamente á antiguidade de São Martinho de Mouros, não só por documentos autenticos, mas tambem por tradição popular.

Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Faro
Socio correspondente.

CHRONICA

— No dia 27 de novembro proximo passado tiveram logar as eleições, para o corrente anno, dos membros da mesa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, ficando reconduzidos para presidente o sr. architecto J. Possidonio da Silva; para vice-presidente o sr. conselheiro João Maria Feijó; para secretario o sr. architecto Valentim José Correia; para thesoureiro o sr. Carlos Munró; e foi eleito para secretario archeologo o sr. visconde de Alemquer.

— A associação dos Architectos Centraes de Paris representou á camara municipal d'aquella capital para que uma das ruas proximas das *Halles Centraes* tivesse o nome do insigne architecto que as havia delineado — VICTOR BALTARD. — O illustrado municipio annuiu a este pedido tão justo e merecido.

— Está aberto um concurso para o projecto da construcção de um edificio municipal e tribunal judicial para a cidade de Leiria, não devendo exceder esta obra a 24:000$000 réis, offerecendo-se um premio de 100$000 réis ao projecto preferido. Os riscos serão entregues n'aquella municipalidade até o dia 28 de fevereiro proximo futuro.

— Foram eleitos novos socios na sessão da assembléa geral d'esta Real Associação no dia 27 do mez de novembro.

Socios effectivos, o architecto o sr. José Geraldo da Silva Sardinha; o sr. bispo do Porto D. Americo Ferreira da Silva Santos; o sr. Delfim Guedes; o sr. Dr. Jacintho Eduardo de Brito Seixas; o sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal; o sr. Xavier de Carvalho Junior e o sr. Antonio Maximo Lopes de Carvalho.

Socios correspondentes estrangeiros, o sr. visconde Delaborde, e marquez de Caligny, membros do Instituto de França; sendo secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes o sr. visconde Delaborde.

— No dia 2 de dezembro ultimo fez-se no novo theatro da Opera de Paris a experiencia acustica, estando na sala uma enchente real; o resultado foi o mais satisfactorio possivel, merecendo os maiores e geraes applausos do publico o distincto architecto Mr. Charles Granier, membro do Instituto, que se achava presente em um camarote; colhendo n'este acto a demonstração mais honrosa a que um artista possa aspirar, pelo seu grande talento e difficilima construcção de tão collossal monumento: nós nos regosijámos e felicitâmos este nosso mui digno socio correspondente pelo feliz exito da sua habil direcção, e pela ovação que o intelligente auditorio parisiense lhe patenteou n'aquella assignalada prova.

— O distincto e opulento archeologo o cavalheiro Carlo Landberg, amigo intimo do nosso consocio fundador o sr. J. P. N. da Silva, e nosso socio correspondente, que está na Syria aonde emprehendeu excavações á sua custa, mandará entregar ao sr. Silva, um sarcophago do seculo I, por elle descoberto em Sidon, com esculptras em alto relevo de muita belleza, e que prova o syncretismo semitico durante os primeiros seculos do christianismo na Syria.

Egualmente lhe enviará *pinturas a fresco* que descobriu nas catacumbas sidoniannas, dizendo-lhe serem de estimação, além de outros objectos da *necropole phenicia de Sidon*, e *antiguidades cypriotas*. Terão subido apreço archeologico para Portugal estes differentes objectos, por serem os primeiros que d'aquella região venham para o nosso paiz.

Quando os sabios se dedicam com zelo a estas trabalhosas investigações, valiosos serviços resultam á sciencia; e nós nos ufanamos de contar no nosso gremio socios tão distinctos, e affectos á nossa Real Associação pela maneira mais briosa de seu nobre caracter.

— A academia de Inscripções e Bellas Letras conferiu na sua sessão de 28 de novembro ultimo a medalha de ouro de antiguidades nacionaes ao architecto Mr. Revoil, pelas publicações sobre architectura roman d'este insigne architecto, e suas obras nos edificios religiosos, que lhe tem grangeado fama e merecidas distincções. Nós nos congratulâmos com este nosso digno socio correspondente, pela honra que lhe dispensou o Instituto de França, em premio dos seus importantes trabalhos e do seu não vulgar talento.

— A assembléa geral da nossa Real Associação approvou o parecer apresentado pelo Conselho Facultativo sobre a maneira de se executar a restauração da egreja de S. Miguel do Castello em Guimarães, conforme o pedido que nos foi dirigido pela patriotica commissão, da qual é presidente o nosso digno socio correspondente o Revd.° sr. Antonio Ferreira Caldas, a qual se encarrega de restituir aquelle monumento historico ao seu primitivo caracter architectonico. Mil louvores sejam dados a estes cavalheiros pelo seu nobre empenho, mostrando com este proposito quanto anhelam pela conservação dos nossos edificios antigos, e tambem qual é a illustração que os distingue, praticando actos de tão acrisolado patriotismo, não menos uteis para a archeologia nacional.

— O BUSTO DE PRATA descoberto em Herculano em 11 de setembro do anno findo, é objecto bastante raro pela materia, assim como pelo personagem que representa, pois que se reconheceu ser do imperador Galba; posto que tivesse o rosto quebrado em cinco partes, todavia o habil artista de Pompea, sr. Vicente Bramante o restaurou completamente; conforme nos foi informado pelo director geral das excavações o senador Mr. Fiorelli, nosso digno socio correspondente em Napoles.

— O esclarecido director da escola de archeologia de Athenas Mr. Burnouf continua no seu louvavel empenho de desobstruir completamente a *Acropole*, orçando a despeza com este trabalho em 37:400$000 réis, e pretende recompôr algumas partes do *Parthenon* e do *Érecthéum* com os fragmentos soterrados d'estes antigos edificios: da reconhecida intelligencia d'este zeloso sabio deve-se esperar que essas celebres antiguidades do solo grego, ficarão dignamente conservadas para augmentar a admiração dos vindouros.

— No numero de dezembro do Boletim da Associação Central dos Architectos de Paris, foi publicado a pag. 207 um parecer assaz lisongeiro a respeito dos trabalhos d'esta Real Associação; são finezas dos nossos confrades estrangeiros que nos penhoram sobre maneira, e a sua opinião a tal respeito nos animará no intuito de que os nossos esforços não serão baldados.

— O eminente archeologo Mr. Ernesto Chantre vem de publicar o projecto d'uma *Legenda Internacional* para ás cartas archeologicas prehistoricas, apresentado no Congresso internacional d'Anthropologia e Archeologia Prehistoricos em Stockholmo, na conformidade dos trabalhos incumbidos á commissão composta dos membros seus collegas, Cartailhac, de França; Marinoni, de Italia; J. da Silva, de Portugal; Hildebrand, da Suecia; Schmidt, Dinamarca; e o conde Wurmbrand, d'Austria: tendo composto um numero relativamente restringido de signaes convencionaes que possam ter a mesma significação entre as differentes nações.

— Na sessão do Instituto de França em 12 de dezembro do anno findo, foi eleito membro correspondente da secção de architectura o socio fundador d'esta Real Associação o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva: esta grande distincção conferida pela primeira vez a um architecto portuguez, é de certo muito honrosa para o nosso paiz, e de subido apreço para a nossa classe, pois não pode haver mais de quatro correspondentes estrangeiros em cada secção.

1875 — LALLEMANT FRÈRES, TYP. — LISBOA.

2.ª SERIE 1875

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 5

SUMMARIO

Monographia da Sé de Lisboa, pelo socio Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, pag. 65. — *Biagraphia do architecto Mr. Charles Garnier*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 68. — *Apontamentos Archeologicos, Medobriga* (continuado de pag. 46), pelo socio correspondente Dr. R. de Gusmão, pag. 70. — *Archeologia — La Basilique de Bethléem*, pelo socio correspondente Mr. A. De Marsy, pag. 71. — *As thermas romanos em Portugal*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 75. — *Legenda da planta ichnographica das Caldas das Taipas*, pelo socio correspondente Augusto Cezario Pinto, pag. 76. — *Epigrophia, Inscripção Hebraica do extincto convento de Monchique*, e sua versão, adquerida pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 77. — *Chronica, Mercê da Ordem de merito scientifico e artistica* ao architecto Sr. Lucas José dos Santos Pereira, pag. 79. — *Regresso á Europa* do distincto architecto e archeologo, Mr. Wood, pag. 79 — *Informações a respeito da extraordinaria grandeza* do novo edificio da Grande Opera de Pariz, pag. 80. — *Exploração das pedreiras de Portugal* e seu rendimento, pag. 80. — *Escola nava pora trobalhos de mosaico* em França, pag. 80. — *Concurso para um museu* em S. Petersburg, pag. 80. — *Manumento erigida na cidade de Venézuella* (America), pag. 80. — *Novo theotro de Opera* em Londres, pag. 80. — *Estatua em memoria do celebre archeolago* Mr. A. de Caumont, pag. 80. — *Generoza remuneração* destinada pela rainha de Inglaterra, ao distincto architecto Mr. Wood, pelas suas descobertas archeologicas, na Syria, pag. 80.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

São varias e mui diversas as opiniões quanto á origem da sé de Lisboa. Uns adduzem argumentos para negar a sua antiguidade; outros a fazem mesquita de mouros, outros finalmente, a querem nada menos que templo da gentilidade, consagrado ao sol.

Fundam-se os primeiros na memoria escripta pelo mestre Estevão, chantre da sé de Lisboa, em tempo de D. Affonso Henriques, que trata da trasladação do corpo de S. Vicente Martyr; e em outras razões, as mais d'ellas desmentidas pelos factos, que ali encontramos. Os que a fazem mesquita de mouros tambem allegam suas provas, e raciocinios; e os que pretendem que fosse templo de pagãos estribam-se em fortissimas conjecturas, como por exemplo: 1.º, o achado de inscripções romanas, copiadas pelo abbade Corrêa da Serra, e que o conego Cruz, encarregado da reedificação, depois do terremoto de 1755, fez metter no cimento das paredes, a ponto de as não poder cotejar de novo com a copia o mesmo abbade; 2.º, o dizer de antigos auctores, de que havia um templo, proximo ao Tejo, consagrado ao sol; 3.º, a serpente, que lhe cercava o zimborio, como se lê na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, e que talvez symbolisasse a serpente Phiton; 4.º, o facto, que vem corroborar este, das columnas lateraes da porta principal, ainda hoje ali existentes, e dos capiteis, sem caracter algum do culto do Islam, ou do Christianismo, póde ser que denote os signos do anno; pois que em uma, das que ficam á esquerda de quem entra, se observa a figura de uma mulher, sentada, como se pinta a Europa, sobre um touro, symbolo do mez de abril; estas columnas tinham por ventura relação com o zimborio em que se via a serpente, que rematava todo o edificio; 5.º, finalmente, o subterraneo sobre que se levanta o mesmo edificio, e que foi descoberto pelo terremoto de 1755, quando desabou a torre meridional, e se affirmou não se lhe descobrir fim. Elle estava então intacto, e mostrava ter merecido certa consideração, fosse qual fosse o uso a que o tivessem destinado.

Cortando por tudo os reedificadores cuidaram de entulhal-o, mas debalde.

Consta que o reitor, que então era da sé, fizera d'isto assento, no livro de suas memorias.

Os que impugnarem estes fundamentos, sem comtudo darem por apocryphas as auctoridades citadas, ou as suas asserções (a estes ultimos não ha responder), poderão objectar: Que as inscripções romanas bem poderiam dar-se em lapidas transferidas para ali de outros edificios; que o templo do sol, proximo ao Tejo, em que fallam escriptores coevos, seria mais depressa o que havia no Cabo da Roca, em baixo, junto á rocha; do qual ainda em tempo de André de Resende, existiam as ruinas dos cippos com letreiros; que a respeito do zimborio tanto poderia significar a serpente Phiton, como qualquer outra, ou servir meramente de ornato, como capricho de architectura gothica. O mesmo argumento serve, quanto ao facto perduravel das columnas, para o capitel da mulher e o touro, além do que, o numero das mesmas é inferior aos dos doze signos.

Mas quando effectivamente os denotassem, quem assegura que não foram deslocadas e trazidas do templo do Cabo da Roca, pelos arabes, ou pelos seus vencedores? A final não ha mais rasão para crer que o subterraneo fosse antes pertença do templo de gentios, do que da mesquita, ou da egreja, visto que d'elle se não refere algum indicio peculiar, e caracteristico.

Sem nos mettermos a decidir em ponto tão controvertido, julgamos, porém, que se poderia perguntar: — Serão tambem as inscripções romanas licenças e devaneios de gothica architectura?

Seria moralmente possivel que os sectarios de Mahomet, ou os portuguezes de Affonso Henriques lançassem mão, para as suas edificações religiosas, de pedras contendo inscripções, e symbolos evidentemente gentilicos? Se disserem que pela mesma rasão os não deviam ter conservado, responde-se que vae grande differença, de construir desde os alicerces a aproveitar o que já estava feito: como se observa em Santa Sophia de Constantinopla, hoje tornada mesquita de turcos, e em tantas mesquitas purificadas e sagradas em cathedraes, e matrizes, depois de ganhadas em cinco mil batalhas, que tantas custou a libertar do jugo sarraceno a Peninsula Hispanica! — Acaso implica com a existencia do templo do Cabo da Roca, mais proximo ao mar do que ao Tejo, a existencia de outro templo, situado quasi á beira d'este rio? Acerca da significação e destino da serpente do zimborio, do capitel da columna e do subterraneo de toda a fabrica, duvidar não é destruir. Vós dizeis que não denotava? pois nós insistimos em que denotava.

Quando as rasões são eguaes tanto vale a auctoridade, que nega, como a que affirma: assim, em um similhante, quanto a dialectica, argumenta Mr. de Montesquieu, no *Espirito das Leis.* — E se o numero das columnas não condiz com o dos signos, não poderia cada uma d'ellas conter mais symbolos do que o pertencente a um mez? ou fora impossivel que algumas se inutilisassem, e destruissem pela diuturnidade dos tempos, depois de tantas vicissitudes, não esquecendo o terremoto de 1755? — Se da porção que se descobriu do subterraneo se não refere nenhum signal privativo, quem sabe o que lá para diante se acharia, a não ser a incuria dos descobridores? — E dado mesmo que fossem mouros, ou christãos, os architectos do que hoje vemos na sé, repugna por ventura á rasão o ser aquella concavidade o templo primitivo, depois soterrado pelo crescimento do terreno, ou qualquer accidente, como está acontecendo na egreja de S. Pedro, em Roma, S. Thiago em Compostella e na Lapa de Belem? Todavia limitamo-nos a dizer com Voltaire: «Je ne donne pas mon avis comme bon, mais seu-«lement comme mien.»

Este edificio, nos annos de 1344, 1356, 1373 e 1355, soffreu mudanças na sua primitiva architectura, a qual externamente é grosseira, pertencendo áquelle estylo mixto e depravado, a que chamam bizantino.

Quanto ao frontispicio principal do antigo templo, vê-se pela estampa que vem na obra: *La Galerie Agréable du Monde,* tom. 1.°, que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altos coruchéos. As que actualmente adornam a fachada, é provavel que fossem erguidas no anno 1373 por el-rei D. Fernando I.

São tres as opiniões ácerca da antiguidade.

1.ª Que a mandára construir o imperador Constantino, quando deu paz aos christãos, no anno 313.

2.ª Que fôra mesquita dos arabes, os quaes invadiram as Hespanhas no anno 713: os naturaes começaram logo a guerreal-os, proclamando rei ao infante D. Pelaio, em 717.

3.ª Ultima opinião (se não houve mais) que fôra o templo do sol e da lua. Templo do sol e da lua não consta de outro senão em Cintra.

A verdade é que o rei D. Affonso Henriques, apenas conquistou Lisboa, lhe deu por bispo o inglez D. Gilberto, e cuidou logo na fundação da sua sé. Isto se prova com os auctores allegados por Fr. Apolinario da Conceição, no capitulo 8.°, pag. 39 a 50 e §§ 65 a 68 da *Demonstração Historica da Primeira e Real Parochia de Lisboa;* e com o que diz João Baptista de Castro a pag. 334 e 335 do tomo 3.° do *Mappa de Portugal.*

O Dr. João Pedro Ribeiro, o mais erudito paleographo, e antiquario de Portugal, no tomo 2.° das *Dissertações chronologicas e criticas,* pag. 14, transcreve a inscripção lapidar existente ao lado direito da entrada da sé, interpretando a sua verdadeira intelligencia, em a nota C: — «Esta inscripção por ser escripta em let-«tra alleman ou manachal maiuscula, não pode ser «mais antiga do que o reinado do senhor D. Affonso III, «segundo as minhas observações.»

E a pag. 116, tornando a fallar da mesma inscripção, a respeito da forma com que se acha exprimida a sua data, declara novamente «por ser em lettra alleman

maiuscula não pode ser mais antiga, que o reinado do senhor infante D. Affonso III.»

Esta affirmativa de pessoa tão competente como o Dr. João Pedro Ribeiro, dá logar a poder suppor-se que sendo D. Affonso III o primeiro rei portuguez que fixou a sua residencia em Lisboa, e n'ella edificou os seus paços junto do Castello, freguezia de S. Bartholomeu, sendo talvez uma sé mesquinha, ou arruinada pelo decurso dos annos, mandasse erigir novo templo, de melhor e mais rica architectura, fazendo-lhe então collocar a referida inscripção.

E tambem que, para defender as suas obras e a cidade, procedesse a fortifical-a, visto que no archivo da Torre do Tombo existem documentos relativos á fortificação de Lisboa por este nobre rei, mediante fortissimos muros e torres com as seguintes portas: — 1.° Porta da Alfofa, cujo muro vinha do Castello á rua do Milagre de Santo Antonio, onde ellas eram, descia pela calçada de S. Crispim á Porta de ferro, ou Arco da Consolação, em frente da sé ás Portas de Mar, ou Postigo da rua das Canastras, Arco de Jesus defronte do Caes de Santarem, Postigo do Conde de Linhares, um pouco mais adiante, Porta de Chafariz do Rei, ou Arco das Moscas, Portas d'Alfama, ou de S. Pedro, cujo muro sobe ainda pelo lado esquerdo da ingreme e dilatada rua ou calçada da Adiça, até ás Portas do Sol, junto da Igreja de S. Braz, ou Santa Luzia, da Ordem de Malta, e d'aqui partia o dito muro a unir-se com o do Castello junto á porta de D. Fradique. A Porta de S. Jorge é a principal do Castello, e a de D. Fradique pegava com o Pateo do mesmo nome. A Porta de Moniz e a Traição fazem frente para o Largo da Graça. Todas estas quatro portas pertencem á primitiva fundação do Castello.

O edificio da sé de Lisboa tem soffrido grandes desastres, cujos reparos o transformaram totalmente, e ninguem poderá ajuizar mal da sua antiga architectura.

No anno de 1344, houve um violento terremoto em Lisboa, que destruiu a sua capella-mór, mandada fabricar por el-rei D. Affonso IV. D'aqui se vê que a dita capella-mór tivera anterior ruina, que o mesmo rei fizera reparar. Seria esta causada pelos tres fortes tremores do dia 9 de Dezembro de 1320?

Em 14 de Agosto de 1356, tremeu a terra em todo Portugal por espaço d'um quarto de hora, tão fortemente, que os sinos se tangeram por si mesmo, e abriu-se d'alto abaixo a capella-mór da sé de Lisboa.

El-rei D. João I fez de novo a dita capella-mór por causa d'um raio que sobre ella caiu, e a deixou toda arruinada.

Houve em Lisboa tão horrivel tempestade de chuva e vento tão tempestuoso, que atirou com as portas da sé pela egreja dentro, em 23 de fevereiro de 1370.

Finalmente o espantoso terremoto de 1 de Novembro de 1755, e o fogo a elle consecutivo, quasi que a destroçou, pois com o seu impulso extraordinario caiu a cupula e fabrica exterior do zimborio sobre a nave do meio da egreja, e rompendo-lhe a sua fortissima abobada, veiu descançar no plano da referida nave.

Ao mesmo tempo caiu o paço dos arcebispos, com a torre da parte do mar, em que estava o relogio, o qual com alguns sinos se fez em pedaços. Este relogio, o primeiro que houve em Portugal, foi mandado collocar n'esta torre por el-rei D. Fernando I. Daremos a curiosa inscripção do sino d'elle como traz Bento Morganto, no seu Anonymo.

Escapou a torre do lado da terra. D'esta foi precipitado, em 6 de Dezembro de 1383, D. Martinho Annes Castelhano, natural de Camora, bispo de Lisboa, e cardeal eleito, com Gonçalves Vasques, D. Prior de Guimarães, e um tabellião do Algarve, que se tinham acolhido a ella para impedirem que os sinos se tangessem em favor do Mestre d'Aviz, D. João I.

Aos lados do sino grande d'esta torre ha dois brazões d'armas, em pedra, n'um d'elles uma arvore, e no outro uma roda de navalhas. Nos continuados reparos d'esta, só foram aproveitadas pedras das suas mesmas ruinas, motivo por que vemos embebidas nas paredes exteriores, entre o segundo e terceiro gigantes do lado da terra, algumas pedras soltas e carcomidas com letras iniciaes, avulsas, e tres ou quatro inscripções de letra antiga, assim como figuras de animaes quadrupedes, com enfeites á similhança de caudas de pavões.

A porta travessa que lhe fica debaixo, parece obra do seculo XVII, pela sua fórma, e que fôra mettida n'uma das grandes janellas como a da capella de S. Bartholomeu Joannes, que lhe fica contigua.

Dos reparos posteriores ao terremoto de 1755, concluidos em 1786, resultou ficar a capella-mór acanhada, e sem nada conservar do antigo. As columnas da egreja, de pedra enroscada e delgadas, como algumas se partiram, cobriram todas de estuque, e ficaram mui grossas, e desengraçadas. No claustro se vêem as ruinas da antiga capella-mór, e por estas se ajuisará da magestade da egreja.

Reliquias que se veneram na sé. — Contando-se a el-rei D. Affonso Henriques que no Promontorio sacro jaziam os despojos mortaes do levita S. Vicente de Huesca, reino de Aragão, martyr em Valencia aos 22 de Janeiro de 303, os mandou conduzir em triumpho para Lisboa, dando-lhe honroso logar na capella-mór, em 15 de Setembro de 1173. E porque em o navio que conduzia as ditas reliquias vieram dois corvos, um na pôpa e outro na prôa, tomou Lisboa por armas um *navio com dois corvos, um á pôpa e outro á prôa.* Em memoria d'este caso se conservaram desde então dois corvos vivos na sé; e o santo foi declarado Padroeiro de Lisboa e do Algarve.

Bispos e Arcebispos de Lisboa

O primeiro bispo de que ha certeza foi Paulo, que

subscreveu o Concilio 3.º de Toledo, celebrado no anno de 589.

De alguns antecessores fazem menção, começando por S. Mansos, discipulo de Christo; assim como lhe dão successores. Mas Antonio Pereira de Figueiredo, na *Lusitania Sacra,* affirma que desde 693 até ao anno de 1147 não houvera bispos em Lisboa.

D. Gilberto, inglez de nação, foi quem D. Affonso Henriques elegeu bispo, no sobredito anno de 1147.

A sé de Lisboa foi elevada a arcebispado metropolitano por bulla do Papa Bonifacio IX, de 13 de Novembro de 1394 em instancias d'el-rei D. João I.

Entre os seus bispos e arcebispos contam-se pessoas de virtudes, lettras, e nascimento illustre. Daremos noticia das mais notaveis.

O bispo D. Agapito Colona morreu cardeal da Santa Igreja Romana.

D. Gonçalo Pereira, bispo de Lisboa, e arcebispo de Braga, tornou-se, por seu neto em varonia, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, ascendente de todos os monarchas e potentados da Europa; porque D. Brites Pereira d'Alvim, filha herdeira do condestavel, casou com D. Affonso, 1.º duque de Bragança. Nasceu d'este matrimonio D. Izabel, que casou com o infante D. João, filho d'el-rei D. João I; foram paes de D. Izabel I, a Catholica, rainha herdeira de Castella, mulher de D. Fernando II, rei de Leão. Estes por sua filha herdeira D. Joanna, a Louca, que casou com Filippe, o Formoso, archiduque d'Austria, eram avós do imperador Carlos V que deu leis ao mundo.

Este mesmo imperador recebeu por mulher a nossa infanta D. Isabel, filha d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, irmã de D. Joanna, a Louca, por onde o sangue do condestavel tornou por differentes linhas a girar nas veias das mais illustres familias.

D. João Esteves d'Azambuja, arcebispo de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja Romana, prestou muitos serviços a el-rei D. João I.

D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa, por seu pae D. Affonso conde de Gijou e de Noronha, era neto de Henrique II, rei de Castella, e por sua mãe D. Izabel, foi neto d'el-rei D. Fernando de Portugal.

D. Jayme, filho do infante D. Pedro e neto d'el-rei D. João I, arcebispo de Lisboa, cardeal da Santa Igreja Romana.

D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, conselheiro intimo, e grande privado d'el-rei D. Affonso V, cardeal Deão da Santa Igreja Romana; em tres eleições poucos votos lhe faltaram para subir ao Pontificado.

D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel, arcebispo e cardeal fazia na sua sé as vezes de cura.

Baptisava, ensinava a doutrina christã aos meninos, confessava, levava o Viatico e ungia os moribundos.

Mandou que na sua diocese houvesse *Livros de assentos dos Baptisados, Casamentos e Obitos,* cousa até ali não usada.

D. Henrique, cardeal rei.

Por sua morte se ficou cantando por todo o reino: *Viva El-Rei D. Henrique — nos infernos por muitos annos — pois deixou em testamento — Portugal aos Castelhanos.*

D. Jorge d'Almeida, arcebispo inquisidor geral. Foi um dos governadores eleitos pelo cardeal rei para lhe nomearem successor, e só elle com o seu collega D. João Tello de Menezes se não venderam a Castella.

D. João Manuel, arcebispo e vice-rei de Portugal por Filippe IV.

D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, homem de muito saber. Concorreu de coração para a salvação da patria em 1640.

D. Luiz de Souza, arcebispo cardeal. Instituiu o Jubileu do Lausperenne repartido pelas igrejas de Lisboa.

D. João de Souza, ultimo arcebispo de Lisboa, morreu eleito cardeal da Santa Igreja Romana.

Noticia de algumas pessoas sepultadas na sé de Lisboa

Na capella-mór, em elegante mausoléo, el-rei D. Affonso IV, com sua neta a infanta D. Beatriz, filha de D. Pedro IV, rei de Aragão, e D. Leonor, sua mulher.

Tambem com ella jaz D. Branca.

No outro tumulo que lhe fica fronteiro, jaz a rainha D. Beatriz, filha de D. Sancho, o Bravo, rei de Castella.

Pedro Affonso, outro filho bastardo d'el-rei D. Diniz.

Lopo Fernandes Pacheco, progenitor dos duques de Escolona, d'Ossuna, e de outros titulares de Castella.

Bartholomeu Joannes, compadre d'el-rei D. Affonso IV, instituidor de capella e hospital.

D. Garcia Foyar, senhora da Ribeira de D. Garcia junto a Sacavem, mãe do conde de Barcellos D. Pedro, filho d'el-rei D. Diniz, auctor do *Nobiliario,* e do *Livro das Cantigas,* o qual instituiu capella e hospital.

Antonio Tavares de Tavora, conego da sé, homem fidalgo, que soffreu terriveis penalidades porque em 1600 foi a Veneza cumprimentar o apparecido rei D. Sebastião, que tanto deu que fallar. Era elle um calabrez de nação, chamado Marco Tullio, natural da villa de Taverna, e casado em Messina com Paula de Tiento. (Morreu nas galés o tal rei).

(Continua)

BIOGRAPHIA

O architecto João Luiz Carlos GARNIER nasceu em París em 6 de novembro de 1825. Depois de ter estudado o desenho, e de se ter distinguido bastante nas

mathematicas, entrou para a escola das Bellas-Artes de París em 1842 para seguir os estudos de architectura civil, alcançando o primeiro premio — de ser durante cinco annos pensionista do Estado nos paizes estrangeiros — quando contava apenas vinte e tres annos!

No decurso de seus estudos em Roma, Napoles e na Grecia enviou, como pensionista, trabalhos sobre o *Forum de Trajano;* o *Templo de Vesta;* o *Templo de Jupiter Sérapis;* a restauração polychromo do *Templo de Jupiter* na ilha d'Egine e o projecto para uma *Escola de Desenho:* depois fez uma viagem até Constantinopla.

Regressando a París em 1854 obteve o modesto emprego de ajudante do inspector dos trabalhos para a restauração da torre de *S. Jacques*, com diminuto ordenado; mas em 1860 foi nomeado architecto da cidade e incumbido das obras de dois bairros.

Não obstante o raro talento do architecto Garnier, era pouco conhecido o seu merecimento do publico; porém abrindo-se um concurso em 1861 para a construcção de um novo theatro de canto para Paris, o novel artista delineou um projecto o qual foi approvado por unanimidade pelo jury; ficando então encarregado d'esta obra que deveria tornar celebre o nome d'este artista.

Depois de seis annos de assiduos trabalhos, o habil architecto fez patente a grande fachada da sua obra, em 15 de agosto de 1867, havendo ficado concluido o edificio em 1875: por tanto, empregou-se quatorze annos n'esta edificação, custando 35 milhões de francos!

Em 1864 foi-lhe conferido o grau de cavalleiro da Legião de Honra, tendo obtido antes em 1861 ser nomeado membro correspondente do Instituto Real dos architectos britannicos.

É auctor de varias publicações artisticas, sendo todavia a mais importante — *Estudo sobre o theatro*, de 1871; — livro que será de grande auxilio aos architectos quando forem encarregados de construir um theatro com todos os preceitos d'arte, e que corresponda aos seus fins; indicando-lhes a formula das suas variadas condições, tanto da scena, como da sala; bem como deverá ser disposta a circulação interna, egualmente a exterior; demonstrando toda a theoria architectonica a adoptar para um theatro moderno. Não lhe esqueceu uma unica questão que a tal respeito a não expozesse no seu excellente livro de 470 pag. em 8.°, com 21 capitulos, a fim de a resolver cabalmente: por tanto, bastaria unicamente esta publicação para se reconhecer o grande merito do artista na sua nobre profissão, e lhe grangear a devida fama do seu raro talento e merecida reputação de INSIGNE ARCHITECTO.

O governo francez conferiu-lhe o grau de official da Legião de Honra no dia da inauguração d'este sumptuoso theatro, em 5 de janeiro de 1875. Concordamos absolutamente com a opinião do distincto confrade, redactor principal d'um jornal artistico de Paris, para esperarmos de ver em breve lhe seja dada a commenda d'aquella ordem, pois todos os artistas, *mesmo os seus inimigos,* applaudiriam esta superior distincção alcançada *tão arrojadamente* além de ser *merecida.*

Ainda a sua grandiosa edificação não havia recebido os applausos do publico illustrado de Pariz, já era admittido ás honras de membro do Instituto de França; tendo antes recebido de diversos soberanos muitas mercês honorificas, como testemunho de admiração e apreço pelo seu superior talento: além de ter sido nomeado membro correspondente de dezesete associações artisticas estrangeiras, entrando n'este numero a nossa Real Associação.

A sua physionomia mostra bem o caracter que o distingue, de ser de uma força de vontade inabalavel, pois ella provém da intima convicção que domina a sua intelligencia, e a constante perseverança em vencer as maiores difficuldades que lhe dão azos a exercitar a sua fertil imaginação, e esses acertados esforços alcançam-lhe o triumpho do seu esclarecido talento.

A tez de Carlos Garnier é bastante morena, d'olhos pretos de excessiva vivacidade, cabellos como o azeviche e de uma abundancia extraordinaria, parecendo ter na cabeça uma especie de enorme turbante aveludado.

O gesto é vivo como a voz é vibrante, mas ainda é mais rapido o seu modo de escrever, pois quasi sempre faltam syllabas nas palavras, porque o pensamento veloz da sua imaginação não lhe dá espera para formar as letras de que ellas se compõem; dispensa a pontuação, e muito menos precisa pôr acentos sobre as vogaes; as letras são de fórmas caprichosas, parecendo ser escriptas com um palito!

No seu trato familiar é jovial, de excessiva amabilidade; franco em expressar o seu juizo; bom amigo, ainda melhor confrade. Não gosta de etiquetas, mas não despreza as attenções, sendo sempre affavel para com todos, mesmo para os seus operarios, os quaes lhe deram uma sincera demonstração de quanto o estimam e veneram, havendo feito cunhar uma medalha para lhe ser offerecida como homenagem e reconhecimento dos obreiros que trabalharam sob a sua direcção n'este monumental theatro da Grande Opera de París.

A poesia é-lhe familiar, e improvisa com facilidade. Quando o enthusiasmo pela sua nobre arte o domina, as imagens as mais sublimes brotam de sua poderosa imaginação sem esforço; captiva a attenção e encanta ao auditorio que o escuta; como nós presenciámos na occasião do banquete dado no Grande Hotel de París pela Associação Central dos Architectos francezes aos seus confrades estrangeiros, membros do congresso internacional dos architectos em 1867, aonde Carlos Garnier nos fez admirar o seu fertil engenho, o *à propos* de sua inspiração.

A construcção da nova Opera de París tem motivado criticas mais ou menos severas, ou elogios que

fazem sobresair o grande numero de bellezas, que realmente offerece este esplendido edificio, unico no mundo, com que foi dotada agora a capital de França. A este respeito, pelas opiniões diversas sobre o merecimento d'esta edificação, recebemos uma carta d'este nosso insigne confrade e amigo, datada de 15 de fevereiro proximo passado da sua linda *Villa de Bordighera* (na Italia, proximo de Turim,) em que nos diz o seguinte: — «Pardonnez mon cher confrère et ami cette «espèce de négligence, et croyez bien que je suis très «sensible à vos bienveillantes paroles, *ce sont en somme mes confrères qui sont les meilleurs juges,* ils «sont aussi comme vous le montrez les plus indulgents, «mais je me sens un peu confus des éloges que vous «m'adressez. N'importe, je vous assure que je suis «très fier de les recevoir de vous et très heureux de «penser que vous ne m'avez pas oublié.»

Mais um recente testemunho honroso do governo francez acaba de receber o architecto Garnier, sendo nomeado, pelo obito do seu confrade Lance, architecto do conservatorio de musica de París. Nos paizes mais cultos, o melhor e o unico empenho para ser considerado é ter saber e possuir talento; não se precisa mendigar a merecida remuneração a que o merito dá jus.

O architecto — J. da Silva.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

(*Continuado de pagina 46*)

MEDOBRIGA

III

Descrevemos as medalhas romanas, que podémos examinar, achadas no valle da antiga Medobriga, hoje Aramenha; ha muitas mais, porém disseminadas pelas mãos de varios curiosos, que as recatam de vistas extranhas, dando-lhes maior importancia do que na realidade têem.

Cremos que, se se fizessem explorações methodicas n'este valle, se achariam n'elle muitos objectos preciosos; porque dos que temos noticia a meros incidentes se deveu a invenção.

Informou-nos, ha pouco, o director das obras publicas do districto, o sr. Agostinho Leite, que precisando de alguma cantaria para a estrada, que se construiu n'estes sitios, se lhe offerecera uma porção; e mandando-a examinar, informou o conductor, que descera ao pavimento inferior de uma loja, onde achára uma casa quadrangular toda coberta de mosaico. Era a cantaria, que a dona se propunha vender, mas que o sr. Leite não podia aproveitar para o fim, que desejava.

Têem apparecido algumas lapides com inscripções, uma das quaes nos foi communicada, e aqui a transcrevemos:

R. CORNELIO
C. MARCO
VERITIMA DIVO
CLAUDIO CIVITATE
DONATO
QUESTORI II VIR
EX TESTAMENTO IPSUIS
QUINTIUS CAPITO
CUM Q. F. H. P.

Consta-nos, que fôra tambem aqui descoberta, copiada, e remettida em 25 de abril de 1797 á academia real das sciencias de Lisboa pelo seu meritissimo presidente, o duque de Lafões, est'outra inscripção:

C. JUL. VECEFO
FLAMINI PRO
VINCIE LUSITA
NII PROPINIA
STAFRA. MARI
TO. TOPIMO.

Deve ler-se:

Caio Julio Vecefo Provinciae Lusitanae Propinia Stafra Marito Optimo.

A sua traducção em linguagem é a seguinte:

Propinia Stafra a seu optimo marido Caio Julio Vecefo, Flamine da Provincia Lusitana.

Devem converter-se em E os dois II com que termina a palavra *Lusitanii.*

É frequentissima esta orthographia nos marmores antigos, como escreve André de Resende na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniae,* tom. I, pag. 234 — edição de Coimbra.

IV

Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana,* liv. IV, cap. XII, narra extensamente, como o Propretor Quinto Cassio Longino (a quem Cesar, quietas as cousas de Hespanha com a victoria dos capitães de Pompeo, deixára no governo de Portugal e da Andaluzia) accommetteu os moradores de Medobriga, e lhes saqueou a cidade, fazendo depois aspera guerra aos moradores do novo monte Herminio, para onde se recolheram os medobrigenses.

Esta narração é confirmada por André de Resende com uma passagem do *Itenerario* de Antonino, como póde ver-se na sua já citada obra *De Antiquitatibus Lusitaniae,* lib. I, pag. 68.

La Clede, ao descrever o caracter de Q. Cassio Longino, diz: «Sitiou Medobriga, que ainda conservava

avós de Pompeo, tomou-a, e fez prisioneiros a todos os habitantes [1]». Não faz todavia, menção da retirada dos medobrigenses para o monte Herminio.

Jeronymo Soares Barbosa tambem narrou o successo no seu *Epitome Lusitaniae Historiae*, cap. IV, referindo-a ao anno 708 de Roma, e 46 antes da vinda de Christo, guiando-se pelo que historiou A. Hirtius, *De Cello Alexandrino*, cap. XVIII; não se conformou, porém, em algumas circumstancias, com o additador dos *Commentarios* de Cesar.

«Medobrigam autem sitam fuisse in monte, ubi nunc est Portusalacris, Arucis, Alacretum, et Marvanum, ad cujus radices est Araminia (Aramenha), libenter cum Resendio crediderim. Nam et congruunt itinera viae militaris ab Olisipone Medobrigam ab *Antonino* descripta, et plumbi fodinae, quae Medobrigensibus *Phumbariorum* etiam nomen fecere, teste *Plinio*. Sed eumdem montem Herminium illum esse ab *Hirtio* notatum, in quem profugere Medobrigenses, assentiri non possum. Neque enim satis tutum perfugium eisdem praestare posset mons nullatenus praeruptus, idemque et oppido proximus, et facile pervius. Credo igitur hunc montem eumdem esse, quem veteres modo *Herminium*, nos *Stelae* vocamus, quique commune erat perfugium miserorum, qui a Praetoribus vexati redigebantur ad incita. Nec obstat locorum distantia. Veteres enim Lusitanos, montanosque in primis, celeres, agiles, versatiles fuisse scimus; atque, ut Herminienses populi decem ante annis a *Caesare* ipso exagitati haud ita multis itineribus profugere Londobrin; ita Medobrigenses vicissim ad Herminium, non amplius octodecim leucas recta dissitum, facile biduo pervenire poterant.»

Trasladada em linguagem quer dizer esta passagem:

«Acredito de boa mente com André de Resende, que a cidade Medobriga estivesse situada no monte, onde agora está Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, em cujas raizes fica *Aramenha;* porque não só concorda com similhante situação a distancia, pela via militar, de Lisboa a medobriga, marcada no *Itinerario* de Antonino, mas as galerias de exploração da mina de chumbo, que, segundo Plinio, fizeram dar aos medobrigenses o cognome de *Plumbarios*. No que me não conformo é que seja o monte *Herminio;* que notou Hircio, aquelle para onde se refugiaram os medobrigenses. Não lhes podia servir de guarida com sufficiente segurança um monte, que não é talhado a pique, e, de mais a mais, tão proximo da cidade, e facilmente accessivel. Estou persuadido que, de feito, se retiraram, mas para a serra da Estrella, que os antigos denominaram Herminio; porque esta era o refugio de todo os desgraçados, que os Pretores reduziam ás angustias, a que foram reduzidos os medrobrigenses. Nem faça duvida a distancia dos logares; porque é geralmente sabido, que os antigos Lusitanos, mórmente os montanhezes, eram leves, ageis, accelerados nas suas marchas. E assim como os povos herminios, dez annos antes, poderam retirar-se em poucas jornadas para a Berlenga, quando perseguidos pelo proprio Cesar em pessoa, tambem os medobrigenses, quando lhes tocou por sua vez a retirada, poderiam, sem grande fadiga, chegar em dois dias ao Herminio, distante apenas dezoito leguas por caminho direito.»

Examinaremos os fundamentos da opinião do celebre auctor do *Epitome Lusitanae Historiae*.

(Continua) R. DE GUSMÃO.

[1] *Historia Geral de Portugal*, tom. I, liv. II, pag. 211.

MONUMENTO RELIGIOSO DA JUDEA

O distincto archeologo o sr. cavalleiro Arthur De Marsy, encarregado pelo seu governo de missões scientificas, tanto na Europa como na Palestina, tem prestado grandes serviços aos estudos historicos e á archeologia: além das suas bem elaboradas publicações, as quaes lhe teem grangeado, dentro e fóra do seu paiz, merecida reputação.

Este nosso distincto socio correspondente ha sempre contemplado Portugal com subsidios litterarios e historicos de bastante interesse, como são as suas notas colligidas das bibliothecas e archivos da nação franceza afim de servirem para uma bibliographia franceza de Portugal, bem como a importante collecção sigillographica que está exposta no Museu d'Archeologia do Carmo; havendo pois dado repetidas demonstrações de sympathia pelo nosso paiz, e quanto estima proporcionar-nos occasiões de nos obsequiar, como provam as notas sobre a egreja de Bethléem, que teve a bondade de tomar quando foi no anno findo á Judea para satisfazer-nos ao pedido que lhe fizémos a este respeito; trabalho que damos agora á luz, não só pelo seu incontestavel interesse historico, artistico e archeologico, como para fazer mais conhecido dos nossos consocios o saber de tão distincto litterato, e ao mesmo tempo manifestar-lhe os nossos agradecimentos havendo-nos mimoseado com documentos de tanta valia para o nosso paiz, e cedido objectos de bastante utilidade para os estudos archeologicos e sigillographicos: receba pois o sr. cavalleiro A. De Marsy os nossos mais sinceros e leaes sentimentos de grande estima e de merecida consideração.

O architecto — J. DA SILVA.

LA BASILIQUE DE BETHLÉEM

L'étude de ce monument demanderait pour être fait d'une manière complète un mémoire de plusieurs centaines de pages. Presque tous les voyageurs qui depuis trois cents ans ont fait imprimer le récit de leurs visi-

tes aux Saints Lieux de Palestine en ont donné des descriptions exactes. L'état des choses ne paraît pas avoir changé notablement depuis les croisades. Les travaux les plus récents sont ceux de Mr. l'abbé Michon, du Liéven et du Comte Melchior de Vogué.

Ce dernier, dans son volume des Églises de Terre Sainte, a consacré plus de cent pages in 4° et un certain nombre de planches à ce fait historique et à la description minutieuse de la basilique de la Nativité. Il en a donné des plans, des coupes et a même reproduit les belles mosaïques, dues à des artistes byzantins, qui décorent les deux côtés de la nef principale.

La basilique de Bethléem, la mosquée El-Aksa à Jérusalem et l'église de S. Jean, aujourd'hui Grande Mosquée de Damas appartiennent à la même famille que les basiliques de S. Apollinaire *in classe* de la ville de Ravenne et que l'ancienne basilique, aujourd'hui brûlée de S. Paul hors les murs à Rome. Toutes présentent les mêmes caractères généraux, comme construction, couverture, etc. Le plan que je joins ici, emprunté à la publication de Mr. l'abbé Michon, en donnera une idée exacte. J'y ai ajouté le plan de la grotte donné par le même auteur et qui, reproduit par beaucoup d'anciens voyageurs, a été négligé par Mr. de Vogué.

Je prends maintenant la description du frère Liéven en y ajoutant mes observations personnelles.

La basilique de la Nativité n'a jamais subi de changements considérables, elle est orientée et n'a qu'une seule porte donnant au dehors et ouvrant à l'ouest. Cette porte a été fermée laissée à la disposition des turcs, jusqu'à 1852, où, sur la demande de Napoleon III, le Sultan fit rendre aux Pères de Terre Sainte la clef et le droit de passage dans le chœur de l'église pour se rendre à la grotte.

C'est à cette occasion que dans l'année 1873, un conflit sanglant a éclaté le jour des Rameaux pendant la sortie de la procession latine que le clergé grec ne voulait plus laisser rentrer dans la nef.

Cette église est à cinq nefs formées par quatre rangées de colonnes monolythes en pierre dure, calcaire et rougeâtre, veinée de blanc, paraissant être du marbre.

Dans les peintures du temps des croisés on distingue encore des casques et dans le mur de la grande artère sont des mosaïques exécutées du milieu du XII siècle, à l'époque où Beaudouin III venait d'épouser Théodora, nièce de l'Empereur Manuel Commène, etc. Les cinq nefs sont séparées du chœur par un mur bâti en 1842 par les grecs non unis. Toute cette partie de l'église a cessé d'être livrée au culte, elle sert de lieu de réunion, c'est une sorte de *forum,* il y a un puits. Lorsque je m'y trouvais la garnison turque de 200 hommes qui occupait militairement l'église y était installée.

La partie centrale du chœur qui est à trois absides est exhaussée d'environ 70 centimètres au dessus du reste du sol et c'est au dessous de cet exhaussement que se trouve la grotte de la Nativité de N. S.

Vers l'extrémité ouest de la basilique se trouvent deux portes latérales, celle du nord donne dans le couvent des Pères de Terre Sainte et celle du sud dans celui des grecs non unis. Tout le chœur et les autels placés dans les transsepts appartiennent aux grecs non unis ou aux arméniens. Les latins ont seulement un droit de passage. Ils peuvent aussi aller par un chemin souterrain de l'église de S.te Catherine dans la grotte de la Nativité.

Près de la porte qui donne dans le couvent des grecs, on voit un baptistère taillé de forme octogonale et d'un seul bloc de pierre rougeâtre comme les colonnes de la basilique. On l'attribue à S.te Hélène, mais S. Jérôme n'en parle pas.

Deux passages, comme je le disais plus haut, donnent d'accès dans la grotte de la Nativité, objet des compétitions continuelles des grecs et des latins.

Le principal passage donne dans le chœur de la basilique que l'on traverse en passant devant un autel arménien et on arrive au côté nord de l'exhaussement à un escalier de 16 marches, qui donne dans la sainte grotte. Au côté sud de l'exhaussement un autre escalier de 13 marches y mène également. Le second passage conduit à la sainte grotte par un escalier souterrain pratiqué en 1479 par le R. P. Jean Thomacelli, custode de Terre Sainte et qui a son entrée vers le milieu de l'église de S.te Catherine.

Arrivé dans la grotte on voit dans la partie est

une abside semi-circulaire qui renferme le lieu de la naissance de N. S. Cette abside conserve encore quelques fragments de belle peinture en mosaïque, représentant la naissance du Sauveur, mosaïque datant de l'époque des croisades.

Près du sol autour de l'abside brûlent jour et nuit 15 lampes — dont 4 aux latins, 5 aux arméniens non unis et 6 aux grecs séparés. Une plaque de marbre blanc qui couvre le sol de l'abside, laisse par une ouverture au milieu apercevoir une pierre de couleur bleuâtre, probablement de jaspe. Cette ouverture est contournée par une étoile en argent portant sur son large bord cette inscription: *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est.* La possession de cette étoile attribuée depuis tout temps aux latins est l'objet des attaques continuelles des grecs qui à plusieurs reprises ont réussi à l'enlever, ou à la détacher. Elle a disparu en 1845, a été remplacé et de nouveau en 1873 sa situation était telle que d'après un firman de Constantinople accordé aux Pères Latins le pacha de Jérusalem dût la replacer en même temps qu'il faisait rétablir la tapisserie, objet du litige actuel (16 mars 1873).

Une tablette fixée sur cette abside à un mètre de hauteur environ sert aux grecs et aux arméniens à dire la messe.

A trois mètres sud-ouest de cette abside on descend par 3 degrés dans l'oratoire de la Crèche qui n'a que $2^{m},50$ de long sur $2^{m},30$ de large.

Il est creusé dans le roc. Le haut des côtés nord et nord-est qui sont ouverts est soutenu par trois colonnes antiques en marbre. A l'est dans cet oratoire se trouve un autel dédié aux rois mages, érigé sur le lieu même où ils adorèrent l'Enfant Jésus et lui offrirent leurs présents.

Cet autel était orné d'un tableau peint par Maello, peintre espagnol du siècle dernier, cadeau d'un roi d'Espagne. Il a été brûlé dans les scènes regrettables de 1873. — C'est à tort que Chateaubriand avait attribué cette toile et une autre qui lui sert de pendant à Murillo. A l'ouest de cet oratoire, on remarque une excavation dans le roc en forme de crèche. C'est là que la Vierge coucha l'Enfant Dieu. Ce lieu est couvert de marbre blanc, 5 lampes y brûlent continuellement.

Le fonds est caché par un beau tableau représentant l'Enfant Jesus dans la Crèche et peint en 1781 par Maello. Cet oratoire est attribué sans conteste aux Pères Latins qui couvrirent les parois de draperies à leurs armes.

La grotte ou chapelle souterraine de la Nativité a $10^{m},55$ de long sur 3 à 4 mètres de large suivant les endroits; elle est pavée de grandes dalles de marbre blanc.

Les parois du rocher servant de murs sont aussi couvertes de semblables plaques. Le haut est une voûte factice. 31 lampes dont 7 aux latins brûlent jour et nuit dans la grotte.

Cette grotte était tendue ainsi que la voûte d'une draperie usée aux armes des Pères franciscains; les grecs l'ont successivement détruite en entier et les franciscains qui avaient un firman de Constantinople pour la remplacer par une autre toile peinte, donnée par le gouvernement français, ont pris l'iniative dans le mois de janvier 1873 de remplacer les lambeaux de l'ancienne tapisserie par une étoffe de soie à leurs armes. Conflits à ce sujet avec les grecs, occupations militaires de l'église et de la grotte. Le 16 mars le pacha de Jérusalem et M. Crampon, consul de France qui l'accompagnait, ont replacé la nouvelle tapisserie dans l'intérieur de la grotte, après une protestation des chefs des églises grecque et arménienne, dont pourtant les patriarches avaient à Constantinople souscrit le firman réglant le *modus vivendi* et continuant aux grecs et aux arméniens le droit de placer certains tableaux dessinés sur la tapisserie. Les grecs ont cherché à détruire la nouvelle tapisserie consacrant officiellement les droits des franciscains, delà les principaux incidents dont j'ai déjà eu l'occasion de parler et qui ont motivé le rappel du pacha de Jérusalem. — Je n'insiste pas davantage sur ces détails politiques qu'il est cependant indispensable de consigner dans une étude sur la basilique de la Nativité. [1]

Reprenons la description de la grotte. Dans l'angle nord ouest, on voit un trou rond, d'où, d'après une ancienne et respectable tradition, le Père Éternel fit jaillir une source pour la Sainte Famille. On sort par une porte qui est à l'ouest et qui sert d'entrée secondaire; on suit le petit couloir pratiqué dans le rocher et à main droite on rencontre une chapelle dédiée à St. Joseph. On croit que c'est dans cette grotte que le St. Époux de la mère de Dieu reçut l'ordre de partir pour l'Egypte avec l'Enfant Jésus. Cette chapelle est en partie dans le roc vif et fut érigée en 1621 par le R. P. Custode Thomas de Navarre.

Delà on descend par un escalier de cinq marches dans une autre chapelle dédiée aux SS. Innocents. D'après la tradition, c'est en ce lieu qu'au moment du massacre de ces jeunes martyrs par Hérode, différentes mères vinrent se cacher; mais surprises par les soldats elles virent leurs enfants massacrés sur leurs yeux. On les a ensevelis dans une fosse recouverte par l'autel.

En se dirigeant vers le Nord et en laissant à droite l'escalier qui conduit dans l'église de S.te Cathérine, on rencontre immédiatement dans un étroit couloir à main droite un autel dédié à St. Eusèbe de Crémone, et érigé sur son tombeau.

Disciple de St. Jérôme il lui succéda dans la direction du monastère et mourut en 422.

Par cet étroit passage de sept a huit mètres de long, on arrive à une chapelle taillée dans le roc. Ce passa-

[1] Pour pouvoir bâtir la basilique au dessus de la grotte, on a du la soutenir par une voûte, puis qu'elle se trouve sur un banc de rocher, mou, crayeux et facile à effriter.

ge a été fait en 1556 sous le R. P. Custode Boniface de Raguse; antérieurement cette chapelle ne communiquait pas avec la grotte de la Nativité.

Dans la chapelle à l'est on voit un autel bâti sur le tombeau de St. Paulo et de sa fille St. Eustochie. Dans le paroi ouest, un autel posé sur le tombeau de St. Jérôme. En passant par une porte basse percée dans le mur nord, on entre dans une chapelle dédiée à ce Saint Docteur et appelée Oratoire de St. Jérôme, parce que d'après la tradition c'est en ce même lieu que ce Saint vaquait nuit et jour à la prière et à l'étude.

Dans le porche de la Basilique est située une porte qui donne entrée dans le couvent arménien non uni où on montre une salle appelée École de St. Jérôme.

Le couvent des Pères Latins était resté jusqu'à ces dernières années tel qu'il était au XVI siècle et que nous le montrent les plans des voyages d'Henri de Beauvau et d'une foule d'autres voyageurs allemands surtout, dont les ouvrages sont illustrées avec grand soin.

Depuis trois ou quatre ans, grâce à de généreuses allocations, dont la principale est due à l'Empereur d'Autriche, on a pu entreprendre de nouveaux travaux et étendre les constructions trop petites pour les 30 religieux et les nombreux pélerins qui se présente au couvent de Bethléem. En faisant ces travaux on a mis à jour un ancien cloître datant du XI siècle, dont Mr. Hauss, architecte du gouvernement français, et Mr. le capitaine Guillemot ont projeté la restauration.

On a aussi dans les fouilles rencontré quelques objets précieux, deux bassins en cuivre gravé, des chandeliers en argent byzantins avec cette legende: — *Maledictus qui nec aufert de Nativitatis Bethleem*, etc. Je me réserve de donner plus tard un travail sur ces différents objets dont j'ai pu rapporter des dessins et des estampages.

A. de Marsy.

Je ne voudrais pas citer tous les récits des voyageurs qui ont parlé de Bethelem, voici pourtant quelques citations qui me semblent peut-être pas hors de propos:

Liber de locis Sanctis Petri Casinensis dyaconi
Ed. Comte P. Riant.
Naples 1870 Mss. de 1137.

P. 14. — Bethleem sex milibus in austrum ab Hierusolimis secreta in dorso sita est angusto, ex parte omni vallibus circumdato, ab occidente in orientem mille passibus longa, humili sine turribus muro, per extrema plani verticis instructa. In cujus orientali angulo quasi quoddam naturale semiantrum est cujus exterior navitatis dominice est locus, interior Presepe Domini nominatur. Hæc spelunca tota interius precioso marmore tecta super ipsum locum ubi natus est Dominus, Sancte Marie grandem gestat ecclesiam. Petra juxta murum cavata, primum dominici corporis lavacrum de muro missum suscipiens, actenus servat, que, si qua forte occasione vel industria fueret exausta, nihilominus continuo dum respicis, sicut ante fuerit plena, redundat. Ad aquilonem Bethleem, in valle contigua, ecclesia est; ad austrum vero, in valle contigua, in ecclesia, sepulcrum est Sancti Hieronimi.

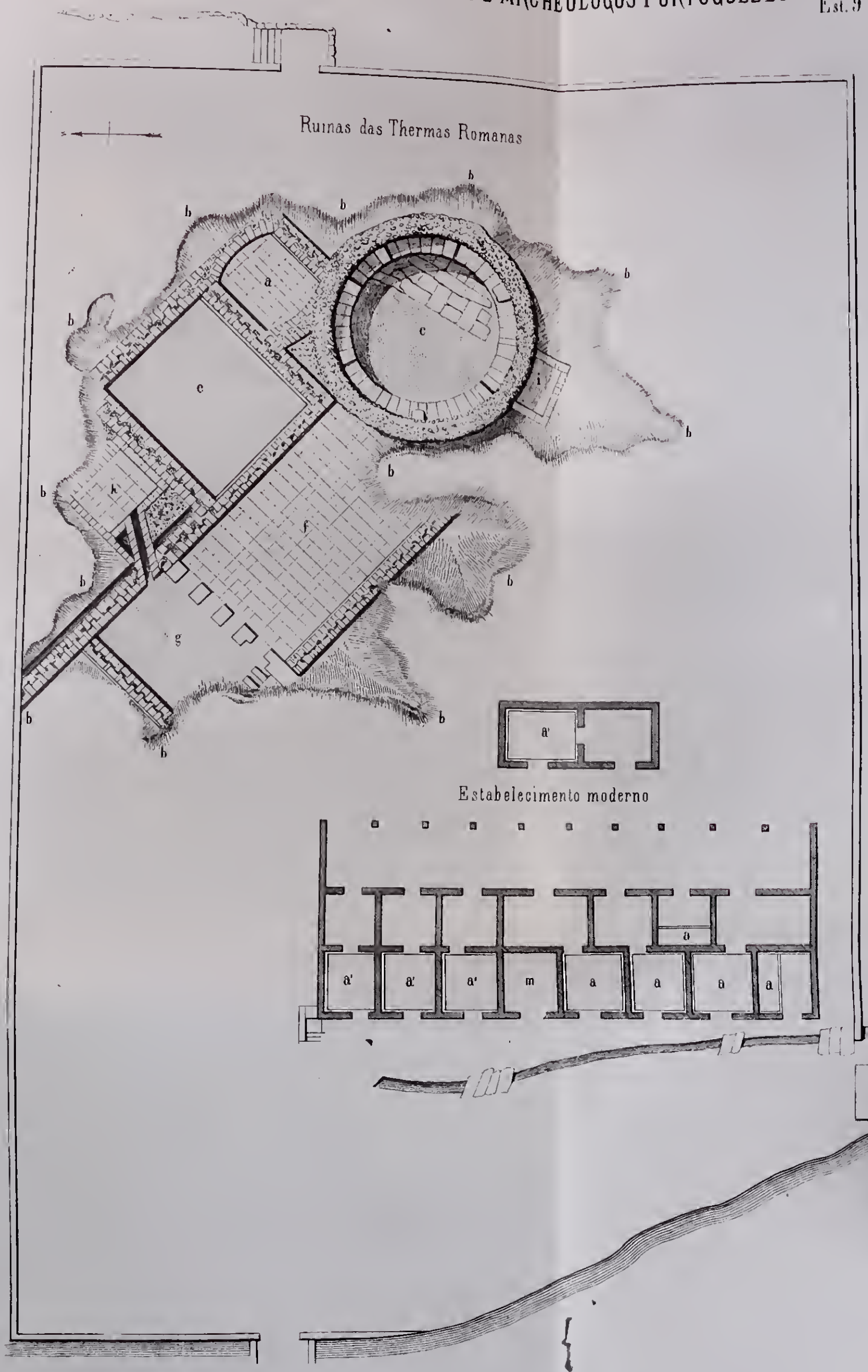
Idem. p. 23. — In ecclesia vero que est in Bethleem est mensa, in qua comedit Sancta Maria cum tribus regibus, Cristum Dei filium requirentibus; columne sunt intus ipsam ecclesiam sexagnita quatuor; ibi requiescunt Pueri, pro Cristo, ab Erode interfecti.

Voyage d'Arculfe. 700 ap. J. C.
(analyse anglaise. p. 6)

From Jerusalem Arculfe went to Bethleem, which is situated on a narrow ridge, surrounded on all sides by valleys. The ridge is about a mile long, from west to east; and a low wall, without towers, surrounds the brow of the hill, and overlooks here and there over the space within the wall. At the extreme eastern angle there is a sort of natural half cave, the outer part of which is said to have been the place of our Lord's birth; the inside is called our Lord's Manger. The whole of this cave is covered within with precious marble. For the place where more especially our Lord is said to have been born, stands the great church of S. Mary. Near the wall is a hollow stone, which received baek from the wall the water in which our Lord's body was washed, and has ever since been full of the purest water, without any diminution. If by any accident or service it has been emptied, it quickly becomes as full as before.

Willibald. 723

P. 19. — He next came to the place where the angel appeared to the shepherds, and thence to Bethleem, where our Lord was born, distant seven miles from Jerusalem. The place where Christ was born was once a cave under the earth, but it is now a square house cut in the rock, and the earth is dug up and thrown from it all round, and a church is now built above it and an altar is placed over the site of the birth. There is another smaller altar, in order that when they desire to celebrate mass in the cave, they may carry in the smaller altar for the occasion. This church is a glorious building, in the form of a Cross.



PLANTA ICHNOGRAPHICA DAS CALDAS DAS TAIPAS

Bernard the Wise. 867.

P. 29. At Bethleem there is a very large church in honour of St. Mary, in the middle of which is a crypt under a stone, the entrance of which is from the south, and the egress from the east, in which is shown the manger of our Lord, on the west side of the crypt. But the place in which our Lord cried, is to the east having an altar where masses are celebrated.

Near this church, to the south, is a church of the Blessed Innocents, the martyrs.

Sœwulf. 1102.

P. 44. — In the church there is a crypt under the choir, about the middle, in which is seen the place of our Lord's nativity, as it were to the left. A little lower, to the right near the place of the nativity, is the manger where the ox and ass stood when the child was placed before them in it; and the stone which supported the head of our Saviour in the sepulchre, which was brought hither from Jerusalem by S. Jerome the Persbyter, may be seen in the manger. S. Jerome himself rests in the same church, under the altar, to the north-east; and the Innocents who were slain for the Infant Christ, by Herod, lie under the altar on the north part of the church, as well as the two most holy women, Paula and her daughter Eustochium, the virgin. There is the marble table on which the blessed Virgin Mary eat with the three Magians, after they had given their offerings.

THERMAS EM PORTUGAL

Thermas (Thermœ): esta palavra que vem do grego e expressa a *nascente de agua quente,* significou depois os banhos de agua quente, quer fossem de temperatura natural, quer produzida por meios artificiaes: porém, com o andar dos tempos, essa mesma palavra foi applicada aos edificios que reunissem tudo o de que se compõe um estabelecimento completo de banhos, tanto d'agua fria, como d'agua morna ou de vapor.

Os edificios antigos assim designados em Roma eram vastos palacios, que serviam de banhos publicos. Os imperadores esmeravam-se em ostentar a sua magnificencia n'essas construcções e no modo de ornal-as. Entre os 862 banhos publicos existentes em Roma, avultavam as thermas de Tito, de Caracalla e de Diocleciano. Durante o dia estavam francos para as pessoas dos dois sexos, e tinham cadeiras de marmore, para 1:600 pessoas tomarem commodamente os banhos.

O edificio mandado construir por Dioclecianno era ainda muito mais vasto, pois podiam banhar-se ao mesmo tempo 3:200 pessoas.

Esbeltos porticos com columnas ornavam estes sumptuosos edificios, que serviam para se passear a coberto, ou de logares de reunião. Os ourives expunham ali á venda os primores da sua arte. Tambem havia grandes espaços destinados aos exercicios da gymnastica, assim como recintos e galerias para os philosophos e oradores instruirem a mocidade, para os poetas recitarem as suas obras e para os pintores e esculptores expôrem os seus trabalhos artisticos, afim de se fazerem conhecidos dos amadores de bellas-artes e facilitarem a acquisição de suas obras.

Esses banhos eram de todas as especies, até mesmo de agua do mar, estando distribuidos em differentes salas, das quaes as abobadas subiam a extraordinaria altura, e assentavam em columnas de marmore de qualidade rarissima; as banheiras eram formadas com o mais bello marmore, de granito oriental ou de porphyro; alem de espaçosos tanques para quem quizesse exercitar-se a nadar. Numerosos escravos dos dois sexos serviam as pessoas que tomavam banhos. Finalmente, para se formar idéa como eram grandiosas estas edificações, bastará mencionar, que nas thermas de Dioclecianno foram empregados 40:000 escravos christãos durante sete annos, dos quaes as tres quartas partes morreram de fadiga e miseria! O uso dos banhos entre os romanos procedia mais da necessidade para a limpeza, que para refrigerio, pois não conheciam o uso de roupa branca para resguardar o aceio do corpo; es te uso os obrigava a construir edificios apropriados em todos os paizes onde tiveram dominio; e posto que não fossem ornados com egual magnificencia d'aquelles que possuiam em Roma, todavia conservavam-lhes, em menores dimensões, as mesmas divisões e o modo especial da construcção; a saber: salas reservadas para os diversos banhos; o *frigidarium,* sala dos banhos frios; o *tepidarium,* sala para os banhos d'agua tepida; o *caldarium,* banhos d'agua quente; sem fallar de outras casas destinadas ao descanso, vestuario, etc.

Se habitualmente os romanos não podiam dispensar o uso dos banhos a miudo, muito mais apreciavam o d'aquelles em que as aguas sulfurosas lhes davam allivio aos seus padecimentos, e das quaes ha tantas e abundantes nascentes, em diversas localidades do nosso paiz; não é pois para admirar que tenhamos em Portugal alguns vestigios d'essas antigas construcções romanas; posto que d'esses edificios existem apenas ruinas de dois, cada um de genero differente, pertencendo a um d'elles os vestigios que representa a planta ichnographica das Caldas das Taipas, na provincia de Braga, estampa 9.ª, desenhada e medida com o esmero que costuma apresentar todos os seus trabalhos o

nosso digno socio correspondente o sr. Cezario Augusto Pinto, sendo ellucidada pela legenda que copiamos, remettida pelo mesmo architecto.

De outro antigo edificio d'este genero, porém para banhos de limpeza, ou hygienicos, que os romanos construiram, existem ruinas em Cetebriga, hoje Troia, que fica situado de fronte deSetubal; ahi se conservam algumas paredes ainda em pé, e se poderá examinar o modo engenhoso d'essas construcções, pois no meio dos entulhos se distingue o *apodyterium*, ou casa onde as pessoas se despiam; o *baptisterium*, sala para o banho frio; mas principalmente se conhece a posição de *laconium*, sendo o piso d'esta sala ôco por baixo, firmando-se sobre tentos de tijolos, e as paredes vêem-se rodeiadas de tubos de chumbo para que o ar quente lhe conserve a sua temperatura, produzida por um forno contiguo, se conservam ainda os vestigios de suas paredes calcinadas pelo gráo elevado do fogo.

Na sala dos banhos para o sexo feminino o *tepidarium* tem tambem o pavimento collocado sobre pilares e as paredes contendo os tubos para lhe conservar o gráo de calor necessario; como se póde vêr nas mesmas ruinas. Esta sala havia ainda conservado o seu mosaico até ao anno de 1872; porém certa manhã, um escaler tripulado por 10 marinheiros e commandados por um official de marinha pertencente a uma fragata estrangeira, surta no Tejo, saiu a barra e dirigiu-se ao rio Sado, atraca á praia de Troia;[1] os marinheiros providos de alavancas e picaretas entraram nas thermas, arrancaram-lhes todo o mosaico do chão, cortaram os tubos de chumbo que serviam para a transmissão do calor, trabalho laborioso por estar muito consistente a argamaça; depois, sem mais ceremonia, embarcaram essas antiguidades que figuram hoje em paiz estranho, as quaes os romanos haviam deixado tão perto da capital, e que nós perdemos pela nossa arreigada inercia e pela maneira mais vergonhosa para o brio nacional, assim como bem pouco lisongeira para o apreço que damos á conservação das antiguidades da nossa terra.

O architecto — J. da Silva.

LEGENDA EXPLICATIVA

DA

PLANTA ICHNOGRAPHICA

DAS

CALDAS DAS TAIPAS

a á Estabelecimento actual com nove piscinas, construidas em duas differentes epocas, *a* em 1818, e *á* em 1844.

b Perimetro das excavações mandadas fazer pela Camara Municipal de Guimarães em 1867, nos antigos banhos romanos, para as pesquizas das aguas thermaes, que se canalisaram para o estabelecimento moderno.

c Grande poço, ou deposito — em parte ladrilhado com lagedo granitico; o seu diametro interno é de 7 metros e tem $2^m,40$ de alto; é emparedado de aduella de cantaria grossa, em fiadas de $0^m,48$ por $0^m,80$ de cauda, reforçada por um massiço de formigão hydraulico de 1 metro de espessura, grosseiramente fabricado, mas de admiravel consistencia. A parte superior da aduella e do massiço indica terem-se-lhe tirado algumas fiadas, e o mesmo caso se dá com toda a mais construcção, pois que tudo quanto resta não são mais que ruinas, ou vestigios, que devem a sua existencia ao terem estado por largos annos ignoradas, e cobertas com uma espêssa camada de terra. Foi o Carmelita de Braga Fr. Christovão dos Reis que em 1753 descobriu estas aguas, que filtravam por entre a terra formando charcos n'um campo lavradio. Este pôço tem tres fortes nascentes.

d Piscina de $0^m,60$ de altura, ladrilhada com tijôlo de grandes dimensões.

e Piscina, ou deposito, cujo lastro era ladrilhado com grandes tijolos, mas que deixou de o ser em 1844, quando a Camara Municipal de Guimarães alli mandou proceder ás primeiras excavações para a construcção dos banhos modernos.

f Grande piscina ladrilhada com duas ordens de grandes tijolos, sendo a segunda assente sobre tentos de barro cozido de $0^m,30$ de altura, e de base ellipsoide, sobre os quaes vão descançar quatro tijolos, no ponto da sua juncção. Parece que esta sobreposição do segundo ladrilho tinha por fim dar passagem á agua proveniente do hypocausto, que lhe fica superior em nivel e que a piscina se enchia rompendo a agua pelas juntas dos tijolos, com o fim provavel de lhe aproveitar os gazes.

g Faz parte da grande piscina, da qual parece estar separada por comportas; o ladrilho que tambem era de tijolo, teve a mesma sorte que o do banho *e*, foi ladrilhar os quartos de abafo do novo estabelecimento.

h Hypocausto que foi quasi todo destruido em 1844; tiraram-lhe varias peças de ferro, já muito deterioradas, que ainda tinha, e arrasaram parte dos muros e da canalisação: a sua construcção interna é igual á do duplo ladrilho da piscina *f*, com a differença porém, de que o ladrilho superior é coberto de uma camada de formigão hydraulico de $0^m,16$ de espessura, composto de argamaça, tijolo britado, e quarzo. O vão comprehendido entre os dous ladrilhos communica com a piscina *g* por um cano de alvenaria argamassada revestido de tijolo pequeno, unico que se vê em toda a obra com aquellas dimensões.

i Tanque communicando com o fundo do grande poço *e*, por meio de um cano de formigão de secção circular perfeitamente feito, e tão solido como se fosse feito de uma só pedra. Este tanque distribuia agua para ou-

[1] Veja-se a consulta que esta Real Associação remetteu ao Ministerio de Instrucção Publica em 7 de Julho de 1867, sobre a maneira conveniente de se adquirir para a nação as antiguidades de Cetobriga.

os pontos, porque em frente do cano de formigão está utro de $0^m,24$ em quadro composto de quatro tijolos ue segue na direcção SSO; pode tambem ser que fosse ano de despejo que iria desaguar ao ribeiro.

A altura das piscinas regula entre $0^m,50$ e $0^m,60$, nas conhece-se que tiveram maior altura, e não existe arte alguma da construcção que não soffresse fortes stragos occasionados pela acção do tempo, e pelo vandalismo. As excavações que se fizeram em 1844 occuparam muito maior área do que as de 1867, e chegaam até onde hoje existem os banhos novos para cuja onstrucção tiveram de *destruir parte da edificação omana.*

Os muros que circuitam as piscinas são todos paraentados com pedras de esquadria de pequeno appaelho, de granito amphibolico vindo do monte de Sarozo — distante cêrca de dous kilometros, — de $0^m,16$ e alto por $0^m,30$ de comprido aproximadamente. Actualnente tudo se acha aterrado n'uma altura media de metro: mas antes que a Camara de Guimarães de 1818 xpropriasse o terreno em que edificou o novo estabeimento, e o terreiro que vedou em forma de parallegrammo, a altura do aterro sobre o fundo das piscinas ra de mais de $2^m,20$, como facilmente se pôde deduzir la altura dos terrenos adjacentes.

Desde 1753 tomaram-se os banhos em pôças cavadas na terra, e cobertas a principio de ramos de carvalho, de esteiras d'Ovar em forma de cubatas: mais tarde onstruiram-se algumas barracas de madeira, que em 818 se demoliram para em seu lugar se edificarem as rimeiras cinco piscinas, e o quarto *m* do banheiro que oje occupa quasi o centro do edificio.

Cezario Augusto Pinto,
Socio correspondente.

EPIGRAPHIA NACIONAL

Quando em 1863 emprehendemos levantar as plantas los principaes edificios religiosos do paiz, e tirar as istas dos monumentos nacionaes, [1] estando para esse im na cidade do Porto, fomos ver tambem o convento las freiras de Monchique, e notamos com alguma surreza achar-se incorporada no revestimento de cantaria 'aquelle convento uma bella inscripção em hebraico berta no granito, e collocada em altura conveniente ara ser lida! Esta lapida assentava no lado esquerdo, ntrando-se para o pateo do convento, e proximo da ombreira do portão da horta. Logo fizemos tenção de obter para a depositar no Museu d'archeologia do Carmo; pois, como o convento pertencia aos proprios nacionaes, deveria ser vendido, e pouco importava para o seu valor tirar-se-lhe a lapida, sendo substituida por outra, para a fiada da cantaria ficar completa. Esperámos portanto que o edificio fosse á praça, e quando isso se effectuou, pedimos que nos déssem a inscripção; houve porém embargos de terceiro, allegando-se que havia a dar a preferencia a outra solicitação de um estabelecimento publico: não insistimos em o nosso proposito, porque sendo o empenho evitar que se perdesse aquella antigualha, ficavamos satisfeito por vêr que ella seria conservada em deposito seguro.

Passaram-se alguns annos, até que se pôz em praça outra vez o referido edificio. Partimos pouco depois para o Porto, e verificamos com jubilo que a inscripção ainda se conservava no mesmo logar.

Tendo sido adquirida essa parte do edificio por um particular, procuramos estabelecer relações com elle. Por intervenção do nosso presado amigo o sr. João Antonio de Freitas Fortuna, digno socio correspondente da nossa Real Associação, fomos apresentados ao sr. Clemente Joaquim Guimarães Messener, actual proprietario do extincto convento, a quem expozemos o nosso designio, e com a maior delicadeza accedeu logo ao pedido, e foi a lapida offertada com tanta generosidade que o dito cavalheiro não annuiu a que mandassemos substituir a pedra, embora o espaço descoberto occupasse a superficie de $8^m,702$, receba pois o sr. Guimarães os nossos agradecimentos por tão brioso proceder. Este Boletim regista com ufania tão nobre acção, que procede de quem preza os estudos archeologicos e sabe auxilial-os.

Em 3 de fevereiro d'este anno ficou depositada no Museu d'archeologia do Carmo essa lapida de granito com a inscripção gravada em oito linhas, que damos n'este numero, e apesar de ter estado exposta ao tempo por mais de quatro seculos no edificio em que se achava collocada, todavia os caracteres estão perfeitamente conservados.

Não podémos descobrir como foi que a lapida de que tratamos fez parte da construcção de um edificio da religião christã. Parece que antigamente houvera uma synagoga nos arrabaldes da cidade do Porto, mas que fôra demolidá; e talvez d'ella viesse a lapida; porém a razão porque a aproveitaram para uma egreja do nosso culto, principalmente n'aquelles tempos, é que não se explicará facilmente.

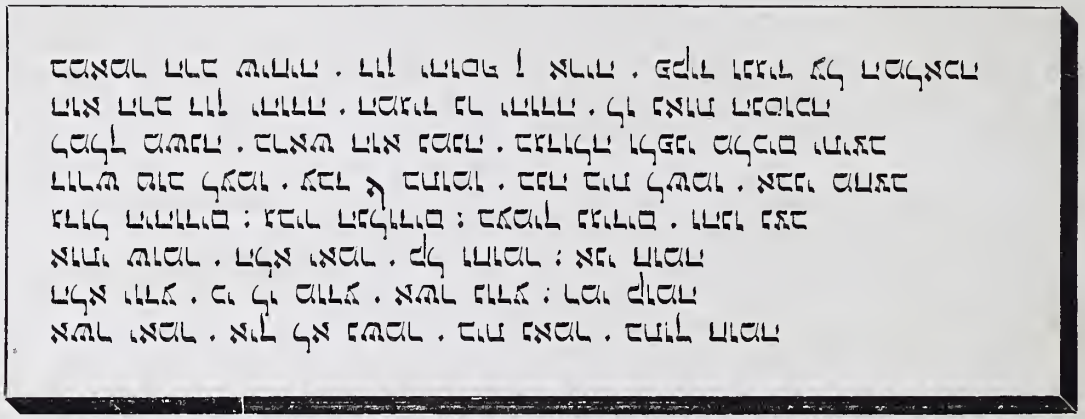
Desejando apresentar esta inscripção impressa com os proprios caracteres hebraicos, [1] e havendo grande difficuldade de se tirar uma copia fiel, recorremos ao erudito sr. Joshua E. Levy, que se prestou a obsequiar-nos da melhor vontade. Bem fizemos em nos auxiliar com a sua illustração, pois que S. S.ª não só

[1] Veja se a nossa publicação da Revista Pittoresca e Descriptiva de Portugal com vistas photographias, Lisboa, 1862.

[1] Alcançamos do distincto Director da Imprensa Nacional de Lisboa em autorisar a composição feita na lingua da referida inscripção: pelo que nos confessamos ser-lhe muito agradecido.

teve a bondade de copiar a legenda, e dar-nos a sua versão,mas tambem ellucidou com muito sensatas reflexões a origem, e a importancia epigraphica d'esta lapida, como os leitores do Boletim terão o prazer de ler na carta que recebemos de tão distincto cavalheiro, a qual n'este numero publicamos.

Muito grato nos confessamos ao sr. Levy pela sua amavel condescendencia em nos auxiliar com o seu saber, em caso tão difficil, e em nome da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, lhe damos os agradecimentos; e de nós receba este testemunho publico do nosso reconhecimento.



TRADUCÇÃO

1.º Se perguntar, como não foi occultado, edificio de nomeada dentro de muralhas
2.º Elle faria saber, dizendo tenho um protector, conhecido entre altos dignatarios
3.º Para mim um guarda, elle de certo diria, eu sou a tua verdadeira e melhor muralha
4.º Grande entre os hebreos, entre os principes de tua nação o mais poderoso elle é
5.º Benefico protector de seu povo, servindo a Deus com perfeita fé, edificou um templo a seu nome de talhado pedernal
6.º Ministro d'El-Rei, na grandeza o primeiro é conceituado e nas audiencias reaes seu posto tem
7.º Elle é Grã Rabbino Don Jehuda, prelector e luz da Tribu de Jehuda a elle compete a suprema authoridade
8.º Por mandado do Grã Rabbino que viva, Don Jehosef Ben Argé (José de Leão) cummissionado e director da obra.

Rua da Emenda 84,
6 d'Abril de 1875.

Ill.mo Sr.

Remetto a V. S.ª copia e traducção da Inscripção Hebraica da pedra que teve a bondade de me mostrar no Museo Archeologico que tão digna e zelosamente dirige.

Ouso crêr que se conseguiu decifrar completamente os diteriorados e antiguissimos caracteres que contem, e o que me conduz a assim me persuadir é o facto de apparecerem os versos perfeitamente rhymados, e as terminações serem todas tiradas do texto de versos da Biblia que são bastante familiares para nós.

Estou convencido de que a Inscripção abrangia 2 ou mais pedras, pois na que se trata, nem contem phrases que se possam rasoavelmente considerar como começo da poesia, nem tão pouco a conclusão teve o remate natural a semelhantes Inscripções, por isso é de tudo verosimil que os primeiros 3 versos ou linhas, cujo sentido carece de uma base hipothetica, pudesse ser, nos precedentes versos que não possuimos, uma maior opportumidade.

O primeiro verso parece indicar a vontade do poeta de motivar, o facto, que n'esses tempos de intolerancia religiosa bem se podia considerar temeridade, de erigir um Templo sumptuoso sem rodeal-o de muros que o occultassem aos olhos de publico — não Israelitas — É a esta supposta estranheza que o poeta responde nos 2.º e 3.º versos personificando o Templo e pondo-lhe na boca uma replica destemida muito lisongeira para o promotor da Edificação.

Os versos 4.º a 7.º descrevem a posição, e merecimentos do promotor da obra o Rabbyno Don Jehuda, *quem parece ter existido no fim do seculo 14.º a 15.º, e isto parece-me obvio primeiramente porque os Israelitas foram expulsos de Portugal logo no principio do seculo 16.º e segundamente por ver que a Inscripção da-lhe o titulo Hespanhol de* Don *e não diz* Dom *em portuguez o que indica ter tido logar durante o dominio dos Hespanhoes em Portugal.*

Evidente é que o Don Jehuda occupava uma posi-

ção muito elevada na corte que não se pode bem precisar pela Inscripção que o chama Mishné Lamelej *phrase empregada em Hebraico indistinctamente por Vice-Rey, Director de Finanças, ou Intendente Geral do Reyno.*

O 8.° verso trata do Director da Obra Don Jehosef Beu Argé ou José de Leão, a este verso parece dever-se seguir outros que devessem completar a informação que necessariamente estariam em outra pedra.

É quanto posso sugerir sobre este assumpto, sentindo que a minha humilde erudicção não me permitta melhor satisfazer a V. S.ª de quem sou com toda a consideração

Muito att.° Ven.^{or} e Criado

JOSHUA E. LEVY.

Esta lapida tem 1^{m},54 de comprido por 0^{m},63 de largo e 0^{m},18 de grossura. O seu peso é de 400 kilogrammas.

Ha tambem outra lapida com inscripção hebraica, que foi achada em Lisboa no sitio da Conceição Velha, onde houve antigamente uma synagoga.[1] Appareceu n'uma excavação que se fez para alicerce de uma casa depois do terremoto de 1755. Foi adquirida por D. Fr. Manuel do Cenaculo, que a mandou conduzir de Beja para Evora.

Dorabino Isaac Ben Assaiag deu em 1823 a seguinte traducção:

Esta é a porta do Senhor, pela qual os justos devem entrar.

Venham ás suas portas com sacrificio de Todá as suas côrtes para o louvar e corram á Casa da Manifestação.

Tres vezes cada dia tragam ás suas portas sacrificios de Todá.

Tomae em vossas mãos toiros sem mancha e cantae ao sacrificio de Todá.

Fabrica boa e formosa que fabricou o nosso Rabbino, Senhor Judá, filho de nosso Rabbino, Senhor Guedalia dos principaes Senhores que dirigem a nação.

Para nome do Senhor levantou e fabricou esta obra desejada.

Acabou o nosso Rabbino a obra do nosso Deus, o qual só é nossa fortaleza.

E foi acabada esta obra na era de 5000 da creação do mundo.

Deus que fez o coração do nosso Rabbino para aformosear e levantar a casa do nosso Deus e sua morada: Elle mandou ajuntar seu povo na Casa do Sanctuario e nos encaminhe com nossos filhos e nossos netos.

[1] Veja-se o relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo, pelo distincto archeologo o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, Evora, 1869.

Bem abençoado homem que obedece a estar fixo ás minhas portas todos os dias e guarda as hombreiras das minhas portas.

Esta lapida de marmore rosado sacharos de muito brando, tem de comprimento 0^{m},985. Está presentemente depositada no museu de Evora.

Ha até ao presente estas duas inscripções hebraicas, que tenham sido descobertas em Portugal, e portanto muito maior importancia tem a sua conservação.

Architecto — J. DA SILVA.

CHRONICA

— O nosso collega o sr. Lucas José dos Santos Pereira foi agraciado com o gráo de cavalleiro da ordem de San-Thiago, *de merito scientifico, litterario e artistico,* recompensa merecida pelos seus longos serviços, e principalmente pela maneira habil e conscienciosa com que tem restaurado o monumento da Batalha, empregando todo o esmero em não alterar o estylo em os novos trabalhos que executou, mostrando n'este proposito o seu atilado gosto, e o quanto sabe avaliar a architectura das outras eras. O primeiro merito na restauração de um monumento é a conservação escrupulosa do seu estylo, e não desfigural-o com enxertos, que lhe destroem a feição e não acreditam a pericia do architecto. Receba, pois, o habil confrade as nossas sinceras felicitações, porque quando os artistas recebem distincções devidas ao seu reconhecido merecimento, não é só honroso para elle: é tambem para a classe como o tributo alcançado pela consideração publica.

* * *

— Já regressou á Europa o nosso distincto confrade Mr. Wood, depois de estar onze annos dedicado em descobrir o templo de Epheso, e ter tido a ventura de conseguir o seu difficil e laborioso empenho, o qual foi coroado do melhor exito, quando menos se esperava. Este intelligente architecto prestou um importante serviço á archeologia, e não menos relevante á nossa arte, fazendo conhecida uma das maravilhas do mundo antigo, pois em remota época já assombrou pela magestade tão grandioso e celebre monumento; ainda hoje os seus collossaes fragmentos causam a maior admiração dos artistas, e confirmam a fama d'aquelle soberbo templo.

Na sessão do dia 19 de fevereiro proximo passado no *Real Instituto dos Architectos Britannicos,* Mr. Wood fez o relatorio dos seus trabalhos, e deu conta

de importantes descobrimentos nas suas bem dirigidas investigações da Syria, o que lhe valeu os louvores do Instituto.

*
* *

— Tem apparecido em differentes jornaes estrangeiros a apreciação do formoso theatro da Grande Opera de Pariz; e para que se possa fazer idéa da sua extraordinaria grandeza, daremos algumas informações para se avaliar as gigantescas proporções d'este moderno edificio.

Calcula-se em 1.200:000 o numero de dias empregados pelos operarios dos diversos officios que trabalharam n'essa collossal construcção, que mede 172^{m},72 de comprido por 124^{m},80 de largo, e de altura, desde os alicerces até ao remate da lyra de Apollo, é de 79 metros.

O grupo de bronze d'Apollo pesa 13:000 kilogrammas. As cordas para o machinismo têem 186:800 metros (quasi 38 leguas!) O pezo total do ferro n'elle empregado é de 850:000 kilogrammas.

Compõe-se a illuminação de 9:000 bicos para gaz; o lustre tem 957 bicos.

Ha 166 camarins para os cantores; 168 para as dançarinas, e 210 para os figurantes.

Os caboucolos foram cheios com 18:000 metros cubicos de cantaria; 3:000 metros cubicos de cal; 8:000 metros cubicos de areia; e um milhão de kilos de cimento!

Para levantar o edificio foi necessario 800:000 metros cubicos de cantaria; 200:000 metros cubicos de gesso; 5.000:000 de tijolos e 350:000 kilos de chumbo!

As pinturas occupam uma superfice de 427 metros.

*
* *

— Publicou o jornal inglez dos architectos, que das pedreiras de Portugal se extrahiam no anno 30:000 metros cubicos na importancia de 80:000 libras estrelinas; accrescentando que a maior parte é explorada por uma companhia ingleza para mandar para o Brazil e Inglaterra o producto d'esta exploração.

*
* *

Vae crear-se em Sèvres (França) uma escola para trabalhos de mosaico, a exemplo d'aquella que ha em Roma, para dotar a architectura com este vantajoso auxilio para as decorações dos edificios.

*
* *

— O governo da Russia abriu concurso para a construcção de um museu nacional em S. Petersburgo. Os architectos de todos os paizes poderão tomar parte n'este certamen.

Em Venezuella vão collocar a estatua do presidente da republica na grande praça de *Caracas*, mas a cabeça será de *parafuzar*, para poder servir o corpo para os presidentes futuros, mudando-lhe a cabeça do seu antecessor; é commodo, porém será pouco duradoura a memoria da pessoa que recebeu tão grande distincção.

Parece ser uma imitação do que se praticára no Forum em Roma, onde a mesma estatua servia para representar todos os imperadores, mudando-lhe unicamente a cabeça.

*
* *

Em Londres vae-se construir um grande theatro de Opera sobre o caes *Victoria*. Será o primeiro theatro n'aquella capital que ficará isolado das habitações. Pela primeira vez haverá theatro aberto todo o anno para as representações da opera italiana durante o verão, e de comedias inglezas na estação do inverno.

*
* *

Foi encarregado de executar a estatua em Caen (França), para o celebre archeologo Mr. Arcis de Caumont, o distincto esculptor Mr. Leharivel Durocher. Será o primeiro archeologo, que em sua memoria receba tão honroso testemunho publico.

*
* *

O sr. Luiz Power, vice-consul da Russia em Gibraltar, descobriu em Marrocos, no logar de Mazagan, no qual os portuguezes n'outro tempo edificaram um forte, que tinha sido abandonado em 1769, um brazão que estava enterrado, conhecendo-se pelos castellos ser do tempo d'El-Rei D. Manuel, por ter sete castellos e a coroa aberta conforme havia adoptado aquelle soberano no ultimo tempo do seu reinado.

Este brasão está actualmente no museu d'archeologia do Carmo, tendo sido offerecido pelo sr. Power; havendo-nos penhorado sobre maneira proceder tão delicado, assim como qual é a illustração d'este cavalheiro.

*
* *

Pela iniciativa da rainha de Inglaterra foi estipulada uma pensão annual de 200 libras ao nosso socio correspondente o architecto Mr. Wood, em remuneração do seu importante descobrimento do templo de Epheso. É honroso ser artista nos paizes onde as bellas artes são consideradas como gráu de superior civilisação; e em a nação ingleza que occupa o primeiro logar na escala social, é a propria Soberana quem premeia o merito, e ennobrece o talento.

J. da Silva.

1875 — LALLEMANT FRÈRES, TYP. — LISBOA.

2.ª SERIE 1875

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 6

SUMMARIO

Elogio Historico do architecto portuguez Eugenio dos Santos e Carvalho, pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Souza, pag. 81. — *Allocução do presidente d'esta Real Associação*, o socio Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, pag. 84. — *Antiguidades do conselho de Castello de Paiva*, o socio Augusto S. d'Azevedo B. Pinto Leal, pag. 86. — *Synopse dos trabalhos effectuados em 1874 pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, pelo secretario Valentim José Correia, pag. 89. — Archeologia — *Urna de incineração descoberta na Necrópolis romana de Alcacer do Sal*, pelo socio J. da Silva, pag. 91. — *Monographia da egreja Matriz da cidade de Lisboa*, pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Souza, pag 91. — *Chronica, Mercê da Ordem de merito scientifico*, ao socio o sr. Conselheiro João Maria Feijó, pag 95. — *Importante descoberta archeologica feita em Roma*, pelo distincto socio correspondente, o commendador Mr. J. de Rossi, pag. 95. — *Singular particularidade da madeira que produz o solo da Irlanda*, pag. 95. — *Recente descoberta de mais dois vasos de ceramica da Grecia*, pag. 95. — *Descoberta feita na Gran-Bretanha das pedras dos oltares contendo a marca do Sigilium*, pag. 95. — *Convite feito á nossa real Associação pelo Reverendissimo arcebispo de Braga para se eleger um socio architecto para o Jury que deverá julgar o projecto* do collegio de S. Caetano, para aquella cidade, pag. 95. — *Qual é o numero dos artistas* que este anno concorreram á exposição das Bellas Artes em Paris, pag. 95. — *Novo processo para serrar madeira em New-York*, pag. 95. — *Deposito da edade de bronze descoberto em França*, pag. 95. — *Collecção de instrumentos de musica chinezes*, com que o socio o sr. visconde de S. Januario *enriqueceu o museu archeologico do Carmo*, pag. 96. — *Descoberta do nome do varão illustre do tumulo que se destruiu pertencente á egreja Matriz de Marvillo*, em Santarem, pag. 96. — *O tumulo d'el-rei D. Fernando exposto no museu do Carmo*, pag. 96.

ELOGIO HISTORICO

DE

EUGENIO DOS SANTOS E CARVALHO

Architecto Portuguez do Seculo XVIII

PRONUNCIADO NA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

NA

Sessão publica e solemne de 6 de Maio de 1875

PELO ABBADE

A. D. DE CASTRO E SOUZA

Socio da referida Real Associação

SENHORES!

Sob estas venerandas abobadas do estylo da architectura monumental e religiosa da Europa do decimo terceiro seculo, que era a *ogival* ou a nova architectura, onde a ousadia das suas proporções, e a temeridade d'essas edificações causaram uma revolução na arte antiga: venho hoje erguer a minha fraca voz, perante esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, o que já ousei fazer na sessão publica e solemne do dia 21 de Julho de 1868, [1] e n'este mesmo local, onde outr'ora foi capella dedicada a Sant'Anna, da qual era padroeiro *Pedro de Lima*. [2] A historia que é a conservadora das cousas passadas, contra a tyrannia do tempo, e contra o esquecimento dos homens, que ainda é a maior tyrannia, é tambem o deposito commum, onde vamos pesquizar as noticias.

Louvaveis são pois os intentos dos que hoje se reunem n'este logar, para celebrar a memoria de um cidadão distincto — o militar Eugenio dos Santos e Carvalho, architecto civil portuguez. O elogio historico de um individuo, cuja simples biographia é uma serie de boas obras, está n'essa mesma historia. A imparcial e singela narração da vida do varão illustre possue em si mesma a verdadeira eloquencia. N'este en-

[1] Recitando — *Resumo Historico da vida de José da Costa e Silva, architecto civil.*

[2] Veja-se Corografia Portugueza. Tom. III a paginas 472.

comio não achareis rhetoricas aduladoras porque ellas aqui e em mim não têem logar, porém achareis noticia e verdade. Eu só ambiciono cumprir, até onde podér, o encargo pesado, que me é commettido, segundo o artigo 18.º do Regulamento interno da Real Associação dos Architectos Civis Portuguezes, já que o dever m'o fez acceitar.

Desde El-Rei o Senhor D. Affonso I o *Conquistador*, não deixaram de existir em todos os tempos homens distinctos, na estatuaria, na pintura e na architectura.

Os reinados dos Senhores D. João I, de *Boa Memoria*, de D. Manuel, o *Affortunado*, e de D. João, o *Piedoso*, viram florescer entre nós estas artes. Mas as artes, e quasi que o espirito da nacionalidade, iam desapparecendo de entre nós durante o dominio estrangeiro: graças porém a um rei portuguez, o primeiro da Augusta Casa de Bragança, o *Restaurador*, a nacionalidade e as artes foram salvas, arrancando este bello paiz ao jugo estrangeiro,-protegendo os artistas, e despertando o amortecido amor da patria, durante aquella epocha infausta de 1580 a 1640. Este monarcha protegeu com munificencia real os artistas, e preparou o reinado felicissimo para as artes do Senhor D. João V, o Protector das sciencias, das artes liberaes, e dos officios mechanicos; o qual depois da paz de Utrecht, em 1713, mandou construir obras maravilhosas, como os edificios de *Mafra*, o *Aqueducto das Aguas Livres*, e outras, as quaes fizeram brotar tantos talentos nos nossos portuguezes; lhes abriu novo caminho para seu aperfeiçoamento, mandando a Roma, que desde Augusto até Constantino, foi a mãe das bellas artes, muitos alumnos, e erigindo ali uma academia em tudo digna do seu magnifico coração, aonde eram ensinados os pensionarios da corôa portugueza. Com o andar dos tempos, e conforme o mister de governar o permittia, foram as artes ora prosperando, ora minguando.

Todavia a sciencia, a arte de governar, que hoje chamâmos *politica*, teve sempre por alliadas intimas e indispensaveis as lettras e as artes. Mas o tempo sempre auctor de novidades não cuidadas trouxe uma repentina que foi o terrivel phenomeno e seguido incendio do primeiro de Novembro de 1755.[1] Verdade é que a uma epocha de decadencia succede muitas vezes outra epocha de restauração, apparecendo um genio bemfazejo, que lhe paralysa o impeto. O Senhor Rei D. José I que em 7 de Setembro do anno de 1750 tomára o sceptro, já com mãos robustas, e subira ao throno com passos muito firmes, querendo reedificar a cidade de Lisboa, depois da destruição d'ella pelo successo lamentoso e funesto, já referido, deu vasto campo aos artistas portuguezes, como a Eugenio dos Santos e Carvalho, e outros, a fim de poderem desenvolver os seus talentos, como attestam as suas obras, que aformoseam a nova cidade de Lisboa.

Eugenio dos Santos e Carvalho nasceu no anno de 1696, na villa de Aljubarrota, uma legua de Alcobaça para o Poente, de que ha tradição ter sido antigamente cidade, na proximidade da qual em 14 de agosto de 1385 o exercito portuguez, commandado pelo 2.º Condestavel de Portugal D. Nuno Alvares Pereira (o fundador d'este vetusto edificio, em 1389, aonde agora nos achamos;) e ás ordens do Senhor D. João I, rei de Portugal, ganhou tão gloriosamente a batalha contra as armas de Castella, que para sempre firmou o throno, e segurou a corôa ao rei de *Boa Memoria*, que estabeleceu leis justas e proveitosas. Santos e Carvalho pertencia á illustre familia dos Carvalhos e Negreiros, sendo tambem quinto neto de Christovão Fernandes de Carvalho, capitão-mór de S. Vicente da Beira, e descendente de D. Gil Fernandes de Carvalho, que se achou, em 1340, na batalha do Salado com o Senhor D. Affonso IV, e depois alferes d'El-Rei, o Senhor D. Fernando I e sexto Mestre da Ordem Militar da Cavallaria de S. Thiago da Espada, a qual governou vinte annos. A nobreza do sangue é fortuna do nascimento, a da sabedoria é merecimento da pessoa; e quem tomar bem as medidas, sempre ha de achar, que o merecimento é mais honrado que a fortuna. Seus paes que da sua viveza concebiam grandes esperanças, lhe fizeram frequentar os estudos, que então havia em Portugal, na villa da Batalha, e no Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, dos Religiosos Dominicos, fundado em 1388; em que aproveitou quanto era de esperar de uma indole tão feliz, e de talento tão precoce. Terminado o curso dos seus estudos, veiu á corte, e como nobre, que era, seguiu os preconceitos da sua classe, abraçando a vida militar, seguindo a engenharia e a architectura civil.

No regimento dos mestres architectos dos Paços Reaes de 16 de Janeiro de 1689, na parte em que trata do ensino da architectura civil nos capitulos 7.º, 9.º e 10.º fallam no que diz respeito aos architectos mestres, e aos aprendizes.[1] O Tribunal da Real Casa das Obras era tão antigo como o reino, e mandava que o architecto ensinasse quatro aprendizes, e isto foi confirmado por alvará do anno de 1754. Santos e Carvalho foi um dos quatro aprendizes da Casa das Obras, e deu tão boa conta da sua muita applicação ao estudo, que o notavel e incansavel Manuel da Maya[2] mestre de campo, general, e engenheiro mór do reino, o tomou

[1] Por esta fatal occasião, Jorge II Rei do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, enviou-nos soccorros em dinheiro, em mantimentos, e em ferramentas proprias para desentulhar a cidade abatida.

Era então nosso ministro na corte de Londres Martinho de Mello e Castro. Veja-se, obras de Francisco de Borja Garção Stockler, etc. Tom. I.

[1] Veja-se Systema, ou Collecção dos Regimentos Reaes, tom. III. pag. 276, e 277. Lisboa, 1875.

[2] De quem ali vemos o retrato collocado. No Gabinete Historico, tom. 16, pag. 244, por Fr. Claudio da Conceição, vem a biographia d'este grande servidor da nação; fallecido a 17 de Setembro de 1768.

para um dos seus ajudantes. Não teve portanto que experimentar as longas e enfadonhas preterições por que passam os pretendentes não bem apadrinhados.

Casou com D. Francisca Thereza de Jesus, filha do major Manoel da Costa Negreiros, architecto da casa do infantado,[1] da qual teve a José Manoel Carvalho e Negreiros, que alguns annos viajou em reinos estranhos, para se aperfeiçoar nos estudos da architectura; e voltando á patria em 1776 foi nomeado segundo architecto da Casa das Obras, passando em 1803 a primeiro; teve a patente de tenente coronel engenheiro e o habito da ordem militar de S. Bento de Aviz. Tambem foi architecto geral dos paços reaes e do senado da camara. Era casado com D. Maria Ignacia de Antas e Negreiros e falleceu em 8 de Janeiro de 1815, tendo 64 annos de idade.[2] A rainha a Senhora D. Maria I decretou que elle podesse usar das armas dos *Carvalhos, Ferreiras, Saás e Negreiros;* o que já El-Rei o Senhor D. Pedro II, em 1684, havia concedido aos seus ascendentes para as usarem. D'esta antiga e illustre familia sairam artistas benemeritos como José da Costa Negreiros, habil pintor, que nos deixou obras em differentes templos d'esta capital, foi da Irmandade de S. Lucas, e morreu em 1759.

Eugenio dos Santos e Carvalho, por carta patente de 29 de Julho de 1748, foi nomeado capitão de infanteria, com exercicio de engenheiro,[3] em attenção aos bons serviços que durante dezeseis annos tinha prestado na provincia do Alemtejo, e pelo seu muito zelo e actividade, que mostrou nas grandes obras que fez, na casa de guardar armas, dentro da praça do antigo castello, ou cidadella da villa de Extremoz; e bem assim no hospital real da villa das Caldas da Rainha, quando o Senhor D. João V o augmentou, e enriqueceu, e como inspector da egreja, palacio e quinta de Nossa Senhora das Necessidades, fundação do referido monarcha, em 1745, de que foi architecto *Caetano Thomaz.*[4]

Dadas as providencias para o desentulho e reedificação da cidade de Lisboa, o que logo se começou pelo decreto de 3 de Dezembro de 1755, no anno seguinte de 1756, ordenou-se ao engenheiro-mór do reino, Manuel da Maya, que fizesse tirar planos de todos os bairros de Lisboa, a fim de se fazer uma planta geral para a reedificação da cidade arruinada, e melhoramento de toda ella, formando-se grandes praças e ruas de alinhamento; d'este trabalho Manuel da Maya incumbiu a Santos e Carvalho, e outros engenheiros.

A casa de Obras Publicas foi instituida, depois da já referida catastrophe, pelo Senhor Rei D. José, e foi nomeado para seu primeiro architecto Santos e Carvalho a fim de dirigir a escola de architectura civil na Casa do Risco; visto que já n'essa época a sua reputação de architecto estava bem fundada, acceita pelo Soberano, e seu illustrado ministerio, do qual fazia parte Sebastião José de Carvalho e Mello (feito Conde de Oeiras, e Senhor de Pombal, aos 6 de Julho de 1759); e sendo-lhe em seguida commettida a planta geral,[1] para a reedificação de uma capital, que tanto nome havia adquirido na Europa. Sobre a sua nova edificação e com madura ponderação se estabeleceram varias providencias pelos decretos de 12 de Maio de 1758, de 15 de Junho de 1759, e decreto de 15 de Novembro de 1760, para a distribuição das suas 14 ruas principaes.[2] Sabido é que ainda os maiores sabios, como homens, erram nas suas obras, e que por mais exames, que lhes façam, nunca chegam ao ultimo gráo da perfeição. Santos e Carvalho sabia perfeitamente os fins a que se propõe a architectura: que são a *solidez*, a *disposição*, e a *decoração*, como bem se observa nas suas edificações da praça denominada do Commercio, outr'ora, Terreiro do Paço; da Alfandega grande de Lisboa, que é uma das mais commodas e solidas da Europa, e são notaveis as suas duas vastas salas de abertura, sem terem columnas para firmar o seu tecto; e do Arsenal da Marinha, vastissimo edificio, o qual em si encerra a elegante e immensa *Casa* chamada do *Risco;* que da grande largura dada a esta casa não foi preciso collocar pontos de apoio, para sustentar o tecto, e que bem mostra a quanto pode chegar o talento e engenho d'este artista.[3] Só estes tres referidos edificios dão a Santos e Carvalho o nome de singular architecto. Como da mesma sorte as suas reedificações do collegio de Santo Agostinho (vulgo colleginho) fundado em 1594,[4] e do con-

[1] Que foi o architecto da ermida do Senhor Jesus da Boa Nova, junto á Fundição de Baixo, da elegante torre do convento de N. S. da Graça (fundado no anno de 1556) cuja torre dos sinos e relogio têem columnas nichadas nos angulos; do palacio de *Martinho Velho da Rocha Oldemberg*, depois dos Condes de Barbacena, e hoje da Mitra, no Campo de Santa Clara. Foi da Irmandade de S. Lucas, e falleceu em 1750. Tambem teve o cargo de Inspector da Egreja e Palacio das Necessidades.

[2] O qual escreveu um *Curso de architectura civil*, que parou por sua morte, contendo 118 paginas.

[3] Veja-se Mappa de Portugal, antigo e moderno, tom. III pag. 425, por João Baptista de Castro. Lisboa, 1763.

[4] Veja-se Livro 87, fol. 257, v. de Registro do Patentes, Alvarás e Provisões do extincto Conselho de Guerra. Este Conselho foi instituido pelo Senhor Rei D. João IV no anno de 1643.

[1] « Sua Magestade manda remetter a V. Mercê a planta que receberá pelo portador d'esta, feita pelo capitão Eugenio dos Santos e Carvalho e approvada pelo mesmo Senhor. Que é servido que V. Mercê a mande executar pelo mesmo empreiteiro Manoel Martinis. » Veja-se — Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto que padeceu a Côrte de Lisboa no anno de 1755 a paginas 311. Por Amador Patricio de Lisboa.

[2] Na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa se guarda o original do prospecto da frontaria da Praça do Commercio, que faz frente ao rio, e comprehende tres ruas que da parte do Rocio vem desembocar na referida Praça do Commercio, assignado por Eugenio dos Santos e Carvalho, e approvado pelo insigne estadista Sebastião José de Carvalho e Mello, ministro dos negocios do reino.

[3] Diz a tradição, que para os edificios da Alfandega grande de Lisboa, e Arsenal da Marinha compravam-se grandes madeiras na Prussia do que se fizeram vigas de 97 palmos, e de tão extraordinaria grossura que dous homens as não abraçavam.

[4] Que alguns auctores querem que fosse a morada dos Templarios, e outros affirmam que fora mesquita dos mouros. Veja-se

vento de Nossa Senhora da Luz, no logar de Carnide, fundado em 1545, que pertenceu á Ordem Militar de Christo; obra vasta e magestosa, que não chegou a ultimar-se.[1] Além d'isso se fizessemos resenha de todos os seus riscos, plantas, etc., que elaborou, iriamos muito longe.

Tendo o Senhor Rei D. José largado o seu palacio antigo do Terreiro do Paço, que ali fundou, ao lado do Sul, El-Rei o Senhor D. Manuel, e depois muito ampliado, com um torreão por D. Filippe II de Castella pelo risco e desenho do celebre architecto *Filippe Terzo,* italiano; assim como os Senhores Reis seus antecessores o haviam deixado para outros usos; foi aproveitado aquelle espaço para o traçado da nova Praça do Commercio.

D'este antigo palacio real na margem do Tejo, ha uma estampa, não vulgar.[2] De uma das janellas do torreão d'este palacio, foi na manhã do primeiro de Dezembro de 1640 precipitado Miguel de Vasconcellos, Secretario da Duqueza de Mantua. No livro que servia na capella da Santa Casa da Misericordia d'esta côrte, no mez de Dezembro de 1640, no titulo das despezas feitas n'aquelle mez a folhas 14 estava lançada uma verba que dizia: *De uma mortalha para Miguel de Vasconcellos, 600 réis!!!* N'esta miseria e opprobrio do mundo acabou aquelle, que poucas horas antes governava, e mandava em toda a monarchia portugueza, com violencia, altivez, e soberania. El-Rei o Senhor D. José para palacio da sua residencia escolheu a elevação do terreno superior ao Tejo, e á cidade de Lisboa, que jaz entre o largo de São João dos Bem Casados, com todo o caminho que vai á Boa Morte, e d'ali até ao Rato; com as demarcações que se assignam no decreto que para este effeito passou a 12 de Julho de 1759. Ficando este sitio sendo cabeça e parte principal da côrte, e cidade de Lisboa, que por este novo plano ficaria mais extensa, regular, e decorosa. Foi Santos e Carvalho o incumbido de apresentar o plano alçado, e côrtes d'este palacio, como juntamente o do arco, chamado do *Carvalhão*. E outrosim foi encarregado de fazer um desenho para uma estatua equestre heroica d'El-Rei o Senhor D. José I, a fim de ser collocada no centro da nova Praça do Commercio. Santos e Carvalho, por sua morte, deixou os desenhos da estatua equestre e do seu pedestal, como dos dous grupos das figuras que o deviam adornar. No anno de 1770, quando se tratou de levar a effeito a estatua equestre, o architecto então da cidade o major Reynoldo Manuel dos Santos (que era muito cortezão), determinou que sobre um vidro se elucidassem os citados desenhos.[3]

No decimo oitavo seculo em que viveu Santos e Carvalho, verdade é que a architectura ganhou em ornatos vãos o que perdeu em gravidade, em nobreza, e em espirito.

Santos e Carvalho teve muitos émulos, como era de prever; os quaes diziam: Que, em quanto á delineação da cidade nova de Lisboa, eram as suas obras uniformes pesadas, no estylo como os edificios dos Jesuitas.[1] Tão facil é notar defeitos nas obras depois de feitas, como difficil evital-os, quando ellas se emprehendem.

Para Eugenio dos Santos e Carvalho merecer a veneração dos seus confrades pela sua reconhecida intelligencia, e capacidade bastaria citar a nova forma que elle deu ás construcções da nova cidade de Lisboa; combinando por tal maneira todas as partes em que se dividem as edificações, tecendo-as primeiro de madeiras e revestindo-as de alvenaria a fim de poderem pela elasticidade d'ellas, melhor resistir aos abalos de terra, a que está disposto este nosso solo; esta nova applicação lhe dará tambem fama na sua profissão. Os architectos têem nas suas mãos a vida e os haveres dos cidadãos! Finalmente, senhores, as boas qualidades de Eugenio dos Santos e Carvalho o fariam estimar de quantos o conheciam, o seu genio vasto em conceber, espirito forte em executar, o sangue frio nas controversias artisticas (muito usadas), e não dando accesso a intriga o que muito aborrecia!

Em 6 de Julho de 1746 entrou na Irmandade de S. Lucas,[2] e foi Cavalleiro na Ordem militar de Christo menos vulgar então do que é agora. Correndo o anno de 1770, e com 74 annos de idade, chegou a baliza impreterivel dos seus dias de peregrinação sobre a terra, e desceu á sepultura sobre a qual depositarei a mal tecida corôa d'este elogio, tributo na verdade pequeno para o que merece a memoria do seu nome, que não pereceu. Disse.

ALLOCUÇÃO

Do presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, na sessão solemne de 6 de Maio de 1875.

Senhores, — Quando em 1863 se lançaram os fundamentos da Associação dos Architectos Civis Portuguezes

Agiolog. Lusit, tom. I pag. 105, e tom. II pag. 424. E Santuar, Marian, tom. I, pag. 18.

[1] No estado em que ficou, tem servido para quartel de tropa, ha muitos annos.

[2] Que vem na obra *La Galerie Agréable du Monde* tom. I, impressa em Lyde.

[3] *Antonio Stoppani,* maltez de nação, architecto civil, pintor de perspectiva, e ajudante da casa do risco das obras foi quem fez esse trabalho. Veja-se Descripção analytica da execução da estatua equestre, pag. 32 e 34. Por Joaquim Machado de Castro. Lisboa, 1810.

[1] Dos padres da Companhia de Jesus, os seus edificios eram com pouca differença iguaes em perspectiva; simples quanto ao trabalho de architectura, mas abundantes os seus templos em preciosos mosaicos, jaspes, marmores, obra de talha, pintura, e alfaias.

[2] Foi instituida esta Irmandade no anno de 1609, sómente para architectos, pintores, escultores, e desenhadores Porém no anno de 1808 se aniquilou de todo. Na Academia Real das Bellas-Artes de Lisboa, se guarda o *Livro do Compromisso da Irmandade de S. Lucas;* illuminado por *Eugenio de Frias.*

receiavam os seus socios não podesse ter vida duradoira, porque não seria considerada de grande utilidade para o paiz, visto que ainda entre nós não havia despertado o devido apreço que dão as nações civilisadas ao desenvolvimento das Bellas Artes, ficariam por esta rasão os esforços dos fundadores sem colherem os necessarios resultados, embora as considerações que se fizessem com justiça; e, no entretanto, não era fóra de proposito continuar em tão louvavel emprehendimento, porque as associações, como a nossa, tem sido sempre consideradas nos paizes mais adiantados que o nosso; e servem por sem duvida para o adiantamento da civilisação, porque a nossa classe como sabeis, coopéra no aperfeiçoamento dos ramos das Bellas Artes, e sem artes, sem monumentos e sem construcções grandiosas para uns e confortaveis para outros, não pode haver civilisação.

Não foi infructifero o intuito, digo, pois contando nós 12 annos de existencia, já de nossos trabalhos se tem colhido algum exito, não sómente o governo portuguez, mas o publico pelas informações que nos pediram sobre construcções civis, archeologicas e estheticas, como consta das consultas que apresentamos relativamente ás alterações na Sé Velha de Coimbra; á restauração da antiga egreja de Santa Maria do Castello d'Abrantes; á demolição da egreja de S. Salvador de Coimbra; á alteração da fachada posterior do theatro de D. Maria II; ás investigações archeologicas em Cetobriga (Troia); assim como por tomar parte no jury que tinha que julgar os projectos do asylo dos cegos em Vianna, os projectos para a egreja de S. Torquato, e para a restauração da memoravel egreja de S. Miguel de Guimarães, etc.; tomando assim na devida conta, tanto o governo, como os particulares, a competencia da nossa associação artistica, para apreciar previamente trabalhos architectonicos d'esta importancia, e difficeis investigações archeologicas.

Sendo abundante Portugal em materiaes de diversas qualidades, e mais principalmente de marmores, esta associação resolveu formar uma collecção d'elles, obtendo da protecção do governo que lhe fossem remettidas das differentes provincias as amostras, conforme as indicações por nós lembradas, tanto, para se saber qual a sua procedencia, preços na propria localidade, a distancia que havia do logar da exploração ás estradas reaes, e o custo do transporte, como para se calcular o estado da respectiva exploração: e por esta fórma se poderia de futuro avaliar facilmente as qualidades e os preços relativos, da madeira, tijolos, telha, adobos, saibro, areia, cal, pedra, marmore, ardosia e manilhas, consultando-se os mappas que temos publicado em o nosso jornal, onde se encontram todas as explicações necessarias para se tirar conveniente partido d'esta riqueza nacional, que até então era apenas comhecida sómente no proprio districto, e para isso mesmo havia excepções; por tanto foi egualmente outro resultado util dos nossos esforços, e de grande importancia para a vantagem das construcções civis e dados estatisticos de bastante valia.

Por mais assiduos que fossem os nossos trabalhos, por mais frequentes que tivessem sido as nossas sessões não era sufficiente para que constasse no paiz que existia a Associação dos architectos civis portuguezes; por tanto, tornava-se necessario haver uma publicação especial artistica para tornar mais notorio o resultado de suas discussões, e dar conhecimento dos objectos archeologicos que se tivessem obtido para o museu.

Deu-se começo por esta judiciosa reflexão para ser publicado o *archivo da architectura civil*, no anno de 1865; jornal de formato infolio constando a 1.ª serie de 10 numeros com 17 estampas de maior dimensão. Não era publicação perfeita como acontece a todos no seu principio, e mais principalmente sendo illustrada com estampas, que saiam por preço elevado; além de nos faltarem recursos para uma esmerada obra: todavia no seu genero era nova esta publicação em Portugal, e não obstante a sua modesta redacção servirá para demonstrar que nos occupavamos de estudos da nossa profissão; e mais de uma vez pugnamos pelos embellesamentos da capital, outras protestamos contra o vandalismo que se propunham executar; e ainda que não fosse de grande peso a nossa voz, comtudo não deixou de ser attendida algumas vezes.

A segunda serie do jornal do *Boletim Architectonico e de Archeologia* contendo 5 numeros com 10 estampas, entre as quaes ha 3 photographias e um magnifico retrato aberto em madeira, continua a reproduzir e divulgar os trabalhos d'esta Associação, e tem merecido das publicações estrangeiras e nacionaes lisongeiras apreciações: portanto não nos temos descuidado por qualquer modo de tornar conhecida fóra e dentro do paiz a nossa existencia, apresentando trabalhos para elles serem avaliados conforme merecerem pelas pessoas competentes, que presam a *verdade* e fazem uso da sua *sabedoria* para animarem e instruir aquelles que desejam ser guiados com o unico fim de prestarem serviço á sua patria.

Ainda tinhamos um outro dever a cumprir como artistas e portuguezes, aquelle de honrar a memoria dos distinctos architectos que haviam em epocas differentes delineado fabricas, que pelo seu merecimento artistico e grandiosas concepções, deram fama a Portugal e gloria aos seus auctores, taes como obtiveram Matheus Fernandes, architecto da egreja de Nossa Senhora da Victoria na Batalha; os irmãos Ennes que edificaram esta egreja do Carmo; Botaca o Mosteiro dos Jeronymos em Belem; Frederico Ludovice o Real Palacio de Mafra: Manoel de Maia o Aqueducto das Aguas Livres de Lisboa; José da Costa e Silva o Theatro de S. Carlos e o Hospital de Runa etc,; portanto, conforme determinam os nossos estatutos de se formar uma galeria com os retratos pintados a oleo dos mais insi-

gnes architectos e de lhe tecer os seus elogios historicos, a fim de se conservar a memoria do seu nome, do seu talento e das construcções com que tinham enriquecido a sua patria; esta merecida justiça e fraternal veneração dos seus confrades, nós já temos cumprido fielmente com este tributo de admiração dado ao talento e pericia de dez de nossos collegas, passando d'esta fórma á posteridade a noticia das mais notaveis obras architectonicas executadas em Portugal por architectos nacionaes dignos de memoria. Será sem duvida mais um outro serviço que esta associação terá prestado ao seu paiz e ás artes.

Quando em 1866 se principiou igualmente a formar uma collecção archeologica, mais com o intuito de salvar do vandalismo os objectos d'arte antiga que se achavam abandonados pelo reino, do que com a ambição de possuir uma completa collecção archeologica, para o que seria mister dispôr de grandes recursos, assim como de espaço conveniente para elles se agruparem por epochas, e ficarem tambem resguardados dos rigores das estações; não obstante não faltavam as zombarias, a que estão sujeitas todas as innovações, pelo nosso patriotico empenho; pois geralmente se suppõe que não haveria vontade presistente e bastante zelo nos trabalhos e investigações laboriosas d'esta ordem, executadas por pessoaes sacrificios, quando não houvesse d'elles produzirem avultados proventos ou titulos honorificos, e unicamente quem possuisse uma sciencia infusa (a qual Deus só concede aos seus escolhidos), era dado curar de similhante fundação, e por tanto não deviam ridicularisar taes commettimentos sendo praticados sem estas altas aspirações, tornando-se sem valor e nullos os seus resultados: todavia a Associação dos Architectos não se atemorisou com os vaticinios dos visionarios, porque fortes com as suas convicções e com os seus sentimentos patrioticos, obrando desinteressadamente com o fim de prestar serviços á sciencia, e tambem evitar a perda preciosa d'antigualhas, as quaes auxiliariam a formar-se a historia artistica do paiz, avaliando-se qual teria sido a civilisação progressiva que tivera a nação portugueza: esta Associação seguiu ávante n'essa missão difficil, tendo actualmente exposto n'este Museu 1317 objectos, sem incluir as amostras dos materiaes; os quaes pertencem a differentes epochas e são de diversas qualidades, e entre elles alguns raros, e outros unicos nos Museus conhecidos: havendo já merecido das exposições universaes da cidade do Porto e Paris *duas medalhas* por distincção.

É sem duvida ainda bastante modesta a collecção, mas attendendo a que ella conta apenas 8 annos de existencia, que lhe faltam as subvenções que em outros paizes se destinam para o augmento e engrandecimento de seus Museus e outros institutos de instrucção geral, e que aos esforços e á perseverança sómente de seus dignos socios se terem obtido estes numerosos objectos, além de ter sido a primeira tentativa d'este genero em Portugal: deve-se esperar da imparcial justiça dos que nos favorecem e honram com a sua apreciação o reconhecer-se que alguma cousa se tem alcançado para merecer a sympathia do publico illustrado por taes esforços; e por que não obstante a sua imperfeição evitamos as repetidas censuras dos extranhos pelo vergonhoso abandono das nossas antiguidades: e tanto é verdade temos attrahido a attenção publica e a sua illustrada apreciação que, nos dias em que está patente o Museu d'esta associação vai sempre em augmento o numero das pessoas da capital e das provincias que visitam e examinam o que elle contem, assim como teem-se repetido os offerecimentos de importantes objectos para as collecções: porém a prova mais evidente de consideração que nos dispensam é a presença n'este recinto e n'esta sessão solemne de tantas pessoas illustres pelo seu nascimento e saber, e os representantes da imprensa que se dignaram assistir a esta sessão em testemunho, digo com franqueza e por ventura immodestamente, do applauso com que se seguem os nossos constantes trabalhos e os inalteraveis esforços, dos quaes o sr. secretario nos dará conta minuciosa com relação ao ultimo anno social.

Tenho pois, a grande satisfação de me congratular com os dignos socios d'esta Associação e a honra de manifestar á distincta assembléa hoje aqui reunida o resultado animador dos nossos estorços, e se começamos então a nossa temeraria empreza com pouca esperança de ser de utilidade para a nossa arte e de subsidio para a sciencia d'archeologia, já hoje pelo numero de socios que nos auxiliam com as suas luzes e nos concedem raros objectos temos a convicção de que alcançaremos um porvir mais brilhante, prestando á architectura civil e aos estudos archeologicos maiores e mais importantes serviços.

Só me cumpre, senhores, agradecer em nome d'esta Real Associação, a qual por grande benevolencia de seus socios ainda quizeram que eu continuasse a occupar tão elevado cargo, pelo que me confesso novamente muito grato; só me cumpre emfim, o dever de implorar ás damas e cavalheiros, que nos honraram com a sua presença n'esse acto que se dignem de acceitar o nosso profundo reconhecimento e o preito sincero da nossa gratidão. Disse.

ANTIGUIDADES

O concelho de Castello de Paiva

Falla-se muito em Cintra, e ha tantas descripções, em prosa e verso, da sua villa, do seu paço real, dos seus castellos, das suas casas de campo, dos seus montes, da sua visinha Collares, da sua veiga, do seu formoso

e placido rio; que muita gente, sem nunca ir a Cintra nem a Collares, conhece tudo quanto alli ha de notavel, monte por monte, monumento por monumento, pedra por pedra.

Vou arrostar contra uma opinião geralmente formada — a de que *não ha nada em Portugal que se possa comparar em frescura, em amenidade, em sitios pittorescos, á formosa Cintra.*

Sim, senhores. Tem lindas paisagens, pontos de vista arrebatadores, maravilhosos contrastes; mas não é isso rasão para que se esqueçam e despresem outras paisagens portuguezas, menos pretenciosas, muito menos falladas, e que, a muitos respeitos, em nada cedem á decantada Cintra.

Dae um passeio fluvial, desde Aveiro até Vagos, pela formosissima ria; ou, pela mesma, desde a costa de S. Jacintho até Ovar, — mettei-vos na *diligencia* em Barcellos, marchando para o norte, e fazei uma estação no *Alto de Santa Marinha* — chegae a Vianna e fazei uma digressão pelo rio, até Ponte do Lima — tornae a Vianna, e marchae pela estrada real, até Caminha; d'aqui segui a mesma estrada, ou pelo rio Minho até Vallença — depois vinde dizer-me, em consciencia, que *impressões* trouxestes d'essas viagens.

Com toda a certeza a vossa exclusiva adoração por Cintra ha de modificar-se.

* * *

Não é meu proposito tratar aqui de nenhum d'estes sitios, nem a minha penna é digna de taes descripções: só Antonio Pereira da Cunha, João de Lemos, Pinheiro Chagas, e outros quaesquer escriptores como estes, cuja prosa seja uma verdadeira e maviosa poesia, e cuja poesia seja um hymno d'anjos, são dignos de escrever sobre tão arrebatadoras formosuras.

O meu unico proposito, n'este despretencioso artigo, é fallar do concelho de Castello de Paiva, tão deshumana e tão immerecidamente votado ao desprezo, pelos nossos archeologos, pelos nossos geologos e pelos nossos *touristes,* que todos tinham aqui tanto que ver, e tanto que estudar!

* * *

É este concelho um dos mais bem *arredondados* de Portugal. Pelo N., termina-o o rio Douro; — pelo S., uma cordilheira de montanhas o separa do d'Arouca; pelo E., o rio Paiva o divide do concelho de Sinfães; — e pelo O., quasi sempre o rio Arda, e perto do angulo O. N. O., o ribeiro d'Arêja; vindo a formar o seu territorio um quadrado quasi regular.

* * *

Dão a esta terra, com muita rasão, o titulo de *Suissa portugueza.* Os valles, os ribeiros, as devezas, os soutos, as montanhas, os alcantís, os picos e as collinas, alternam-se de um modo pittoresco e surprehendente.

É de um encanto indizivel, subir ao vertice de um môrro, em uma madrugada da primavera. Os vapores que o Douro exhala, estendem-se horisontalmente por uma vasta superficie, com uma certeza perfeitamente mathematica. O observador, extasiado, vê a muitos metros abaixo de seus pés este oceano alvissimo, surdindo por entre elle, continentes, ilhas, rochedos abruptos, ermidas e logarejos, formando mares, canaes, archipelagos, lagos, bahias e promontorios.

Eis que surge o astro do dia: o nevoeiro dissipa-se, e com elle esta especie de *miragem,* e um novo e totalmente diverso panorama se desenrola a nossos olhos, vendo-se esta região, em toda a sua silvestre belleza e simplicidade. Os *continentes* transformam-se em cordilheiras; as *ilhas,* em collinas; os *rochedos,* em montes alcantilados; os *mares,* em veigas feracissimas; os *canaes,* em estradas, rios, ou estreitos valles. As ermidas e logarejos continuam á vista, fundados, como ninhos d'aguias, no cume dos alcantís.

Estas, outras muitas e variadas, são as impressões do simples *touriste.*

* * *

E que vasto campo para estudo não offerece o concelho de Paiva, ao geologo instruido?

N'este territorio abundam com espantosa prodigalidade as minas de cobre, estanho, chumbo, arsenico, enxofre, pyprites de ferro, sulphuretos, ferro, e outros metaes e metaloides. Ha aqui uma mina de graphite (plombagina), uma extensa pedreira de formosa calcedonia (proximo á aldeia de Fulgosinho) muita variedade de quartzo e de schisto; e bom granito prophiroide, desde as *Pedras de Linhares, (ponto* do rio Douro) para NEE.

Ha uma grande pedreira de schisto laminoso, de optima qualidade, no ribeiro de *Guirélla,* e junto d'ella uma abundante veia de argilla carbonifera, tenacissima.

Na serra de S. Domingos, foi achada em 1860 uma pedra de tres kilogrammas de peso, que, segundo a apreciação do sr. João Baptista Schiappa de Azevedo, tinha 75 por cento de cobre; porém até agora não se deu com a mina a que essa pedra pertenceu.

Só está em lavra a mina de chumbo, de Gondarem, do sr. visconde do Freixo; todas as mais estão por pesquisar scientificamente.

Ha uma multidão de nascentes de aguas mineraes (todas pobres) que ainda não foram analysadas.

Na *Serra dos Terreiros,* 600 a 700 metros acima do logar de Pédorido (ao SO.) ha uma nascente de agua, poderosamente adstringente. É frigidissima e muito clara, sem cheiro algum, mas deixando, depois de bebida, um sabor pronunciado a *capa-rosa.* Tambem ainda não foi competentemente analysada.

De todas as minas de Paiva, a mais rica e mais vasta, é a de carvão fossil (anthracite). — A sua zona tem mais de 16 kilometros de comprido, de SE. a NO., desce da serra do *Valle da Avó,* até á quinta de *Germunde,* na margem esquerda do Douro. Anda em lavra no centro e na extremidade NO., e tem produzido muito e optimo carvão.

Muitos e em mui diversas partes são os vestigios que ha por aqui de trabalhos de lavra, executados pelos romanos e pelos arabes.

Pelas duas margens do rio Arda, ainda existem alguns poços e muitas galerias d'esse tempo; e tambem aqui se tem achado grande quantidade de *mós,* com que os antigos mineiros trituravam o quartzo (seixo) para depois extrahirem d'elle, pela lavagem, o ouro e a prata. (Porque tambem aqui ha minas d'este ultimo metal, ainda que muito pobres, na apparencia.)

Na serra da *Carraceira,* ha vestigios de grande lavra de minas metalicas; e ainda a um sitio d'alli se dá o nome de *Sete-Buracos,* em rasão de outras tantas galerias antiquissimas que ainda existem. (Fica proximo e a NO. a pedreira de calcedonia, de que já fallei).

Na serra do *Ramezal,* ha um sitio chamado *Cova da Moura,* onde se vê um poço que dá entrada a uma ampla galeria, e duas d'estas mais a baixo; evidentemente para lavra de metaes.

Estas obras de exploração muito precisavam ser examinadas por pessoa da arte. Talvez que encontrasse em boa via de lavra, uma boa mina de cobre; porque bem se conhece que esta mina foi entupida de proposito, para não ser descoberta.

Finalmente, em outras muitas mais partes d'este concelho, ha vestigios de trabalhos de lavra de minas, de tempos remotissimos.

Não fallo aqui nas celebres *rochas estriadas,* do rio Douro, que alguem pretende ter alli descoberto; porque é um *conto da carochinha.* O que á primeira vista parecem *rochas estriadas,* são as pedras riscadas pelo atrito das sirgas, com que se *álam* os barcos do Douro.

* * *

Tratemos agora de archeologia, um dos dous objectos principaes da *Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes,* a que tenho a distincta honra de pertencer.

Ha no logar de *Fundões* os restos de um pequeno templo romano, em cujo pavimento ainda se divisam bocados de mosaico, de varias côres.

No logar de *Felgueiras,* appareceu, em 1861, em umas escavações, uma grande peça de mosaico, de côres, qne se conserva na quinta da *Boa-Vista,* do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte Negro.

Em *Vegide,* ha uma capella, que foi templo romano, e depois (segundo a tradição) mesquita mourisca.

No monte de *Corvíte* existiu um *almocabar* (cemiterio) arabe, do qual ainda restam cinco sepulturas, feitas a picão, sobre penedos rolados.

Isto que eu vi e examinei, fóra aquillo de que não tive noticia.

Mas todas estas cousas, na minha opinião, não são as que dão maior celebridade a esta terra; porque tambem outras as possuem, e ainda mais importantes. O que dá ao concelho de Paiva a verdadeira celebridade, é o grande numero de monumentos pre-celtas que por aqui a cada passo se encontram. Nenhuma terra de Portugal (que eu saiba) póde competir com esta, a semelhante respeito; se não, vejamos.

Em *Monte-Grande,* proximo e a E. do logar de Serradêllo, ha seis ou sete *mâmoas.* Na serra da *Cruz d'Ancia,* ha uma muito grande, e varias menores. Na serra da *Cascabalhosa,* ha duas. Em *Paradúça,* ha duas. Além de outras mais em differentes pontos, que não fui vêr.

Não é precizo dizer, que estão todas arrombadas, pelos buscadores de *thesouros encantados.*

As *antas* estão com profusão espalhadas por differentes partes d'este concelho, sendo as mais notaveis pela monstruosidade do seu tamanho, as dos logares da *Povoação,* do *Valle da Rua,* de *Cóvas* e de *Corvite* (onde está o *almocabar,* de que já fallei.)

* * *

Reservei, de proposito, para o fim, a menção de um monumento celta (ou pre-celta), incontestavelmente o mais notavel de Portugal, e do qual ainda até hoje ninguem (que me conste) tratou.

É um *dolmen.* Exceptuando o de *Andrenunes,* na serra de Cintra, é o maior de que tenho noticia n'este reino.

Está a uns 150 metros ao S. da margem esquerda do Douro, junto ao logar chamado *Castello-de-Baixo,* ou *Inferno,* e em frente das *Pedras da Rua* (que são uns penedos espalhados pelo rio.)

A sua *mêsa* (se algum dia a teve) devia ser enorme, ou feita de varias peças. Eram sete as columnas ou esteios que a sustentavam, das quaes seis ainda estão completas, faltando duas terças partes da septima.

É indiscutivelmente o *dolmen* mais moderno do nosso paiz, pois foi já construido na *edade do ferro,* o que se evidenceia pela certeza do corte das juntas das columnas, que cada uma é feita de tres ou quatro peças.

Eis tudo quanto ha de notavel n'este concelho (de que pude obter noticias e que vi e examinei) tanto em bellezas agrestes, como em geologia e archeologia.

Simples, mas dedicado amador das nossas cousas, escrevo ao correr da penna, sem galas de estylo, e com os seus nomes triviaes, o que d'esta terra me pareceu digno de menção, no *Boletim Architectonico e de Archeologia.*

Sirvam estas humildes e despretenciosas linhas de incentivo a algum esclarecido geologo e archeologo que se decida a ir a Paiva examinar e descrever depois scientificamemte todas estas notabilidades.

Lisboa, 28 de Março de 1875.

AUGUSTO S. D'AZEVEDO B. PINHO LEAL
Socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos effectuados no anno de 1874 lido pelo secretario na sessão solemne de 6 de maio de 1875.

SENHORES:

Em cumprimento do artigo 5.º dos estatutos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes vem o conselho facultativo d'esta associação apresentar-vos o relatorio dos seus trabalhos, respectivos ao periodo decorrido desde a ultima sessão solemne, que teve logar em 31 de Maio de 1874, até á presente sessão.

Procedeu-se em devido tempo ás eleições para os cargos no actual anno e ficaram reconduzidos os seguintes socios: o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, para presidente; o sr. conselheiro João Maria Feijó, para vice-presidente; para secretarios o sr. Valentim José Corrêa, (architectura) e o sr. visconde de Alemquer, (archeologia;) e o sr. Carlos Augusto Munró, para thesoureiro. Igualmente se fizeram as eleições dos socios para as tres secções e ficaram contendo dezesete membros cada uma, saindo eleitos, para a secção da theoria e historia da architectura o sr. João Maria Feijó para presidente, o sr. José Antonio Gaspar para secretario, e o sr. José Maria Cagiani para delegado; na secção de construcção e decoração, o sr. Filiciano de Souza Corrêa para presidente, o sr. Emiliano Augusto de Bettencourt para secretario, e o sr. Francisco José de Almeida para delegado; na secção de archeologia o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva para presidente, o sr. Ignacio Vilhena Barbosa para secretario, e o sr. Ernesto Augusto da Silva para delegado.

Foi approvado por unanimidade pela assembléa geral o parecer apresentado pelo conselho facultativo, em que dava os esclarecimentos pedidos pela commissão encarregada da restauração da egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães; recebendo um voto de louvor o sr. conselheiro Feijó pelo serviço que effectivamente prestou, indo examinar áquella cidade a egreja de que se tratava para informar circumstanciadamente o conselho a fim de poder este aconselhar devidamente a restauração que era conveniente levar a effeito n'aquella egreja.

O sr. Presidente apresentou duas propostas, sendo uma para que se destine uma medalha de cobre para a Real Associação galardoar quem para o futuro se distinguir em trabalhos e serviços de architectura, e em investigações e descobertas de archeologia, a qual foi approvada pela assembléa geral; a segunda para que se passe *certidão de aptidão* aos operarios que pela perfeição das obras que executarem sejam merecedores de obterem este documento, cuja proposta foi tomada em consideração pela assembléa e enviada ao conselho facultativo para dar o seu parecer sobre o modo pratico de realisar este pensamento.

Foi á cidade do Porto o sr. Presidente solicitar dos compradores do extinto convento de Monchique alguns objectos que se haviam pedido ao governo de Sua Magestade muito antes de ter sido posto em praça aquelle edificio e obteve do sr. Clemente Joaquim Guimarães Menezes uma importante inscripção hebraica, que já se acha depositada no museu.

Por uma carta do socio correspondente o sr. doutor Carlo Landberg ficou-se sabendo que ia enviar-nos algumas antiguidades achadas por este archeologo nas suas investigações feitas na Syria, tanto em esculptura, como em objectos de ouro e manuscriptos; e resolveu-se que se lhe agradecesse não só pelo importante serviço feito á sciencia como pelo donativo com que contempla a associação.

Recebeu-se do sr. Augusto de Freitas Cavalleiro e Souza, de Torres Vedras, trinta e oito medalhas de cobre para a collecção do museu, e agradeceu-se a este senhor o seu donativo.

Por participação feita pela commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel de Guimarães, soube-se que nas excavações effectuadas n'aquella igreja foram encontradas as peças de que era composto o seu primitivo arco triumphal, o que dará mais merecimento ao louvavel fim de tão distincta commissão.

Concordou o conselho que a medalha de cobre fosse de $0^{m},045$ de diametro, destinada para galardoar os serviços prestados em architectura e archeologia, e tivesse emblema que dicesse respeito a estas duas especialidades.

Por proposta do sr. Presidente concordou o conselho, que o retrato para ser inaugurado no dia da sessão solemne do presente anno fosse o do architecto da cidade o sr. Eugenio dos Santos e Carvalho, e que se convidasse o socio o sr. Abbade Antonio Damaso de Castro, para se encarregar do elogio historico d'este artista; nomeando-se uma commissão composta dos srs. Joaquim Possidonio Narciso da Silva e Francisco José d'Almeida para apresentarem este convite, e pe-

direm a Sua Ex.ª que se dignasse de o aceitar; ao que se promptificou com a mesma boa vontade com que sempre este distincto socio se tem prestado por tantas vezes a obsequiar a associação.

Em 27 de Dezembro ultimo remetteu o conselho a sua consulta ao presidente da commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, o sr. reverendo José Ferreira Caldas; o qual em nome da referida commissão muito agradeceu.

Pelo sr. Presidente foram-nos entregues tres medalhas, sendo duas em cobre e uma em prata dourada, todas primorosamente gravadas, que o director do museu numismatico de Gothenbeurg o sr. Lagesberg enviou para a collecção de medalhas no nosso museu, e ficou aquelle senhor encarregado de agradecer este donativo.

O nosso socio effectivo o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal offereceu para a nossa bibliotheca quatro volumes do diccionario, *Portugal antigo e moderno*, publicação bastante importante e de muito merecimento feita por este cavalheiro, cujo brinde se agradeceu.

Tendo recebido o conselho um pedido do photographo francez o sr. Pomard, para tirar a photographia das naves d'este edificio, acompanhado d'uma carta em que se expressava inconvenientemente, deliberou o conselho por unanimidade que, em attenção á maneira desattenciosa como procedeu, lhe fosse negada a licença.

A Academia das Bellas Artes de Madrid agradeceu a offerta do nosso jornal, que se lhe tem enviado logo que se vae publicando qualquer numero.

Apresentou o sr. Presidente no primeiro dia do mez proximo passado parte do catalogo provisorio do museu archeologico com a designação dos objectos ali existentes, contendo seis epocas e dividido em differentes series, e o conselho lhe pediu que terminasse este trabalho para depois revel-o e ser impresso.

O vice-consul da Russia em Gibraltar Mr. L. Power na sua vinda a Lisboa procurou o sr. Presidente a fim de lhe offerecer, para ser depositado no museu, um brazão portuguez que trouxe de Marrocos e por elle descoberto em Magassar, do tempo d'El-Rei D. Manoel. O sr. abbade de Castro offereceu tambem tres azulejos antigos da igreja de S. Roque de Lisboa; e o sr. Pinho Leal dezoito moedas de differentes epochas. Agradeceu-se a todos estes senhores.

Por parte da commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel de Guimarães, agradeceu em 5 d'Abril o sr. reverendo José Ferreira Caldas os serviços prestados por esta associação e pediu que se continuasse a auxiliar aquella commissão com os desenhos para o altar e pulpito.

Foi lida na sessão de 9 de Abril a traducção da lapide que veiu do extinto convento de Monchique, devida ao especial obsequio do sr. Joshua Levy, que se encarregou de a decifrar; approvando a assembléa que se agradecesse a este cavalheiro o seu obsequio e o serviço prestado á sciencia epigraphica.

Propoz o sr. Presidente que visto o pouco espaço coberto de que se pode dispor n'este edificio para os objectos archeologicos que de dia para dia augmentam, se pedisse ao governo um subsidio para com elle se poder cobrir uma outra parte do mesmo edificio; cuja proposta foi approvada pela assembléa geral e nomeou uma commissão composta dos srs. Presidente, conselheiro Feijó, Silva Leal, José Loureiro, e Antonio Gaspar para se occupar d'esta pretenção que tem tambem por fim proporcionar maior conservação ao monumento do condestavel D. Nuno Alves Pereira.

A respeito do jornal da associação delegou o conselho a gerencia, direcção da publicação, sua distribuição e venda ao sr. Presidente, devendo apresentar as competentes contas no fim da serie de 12 numeros.

Mandou-se abrir o cunho para a medalha commemorativa dos serviços architectonicos e archeologicos ao sr. Molarinho, residente na cidade do Porto pela quantia de 135$000 réis, sendo o desenho do socio José Maria Caggiani, que mereceu os elogios do conselho e tributou-lhe os devidos agradecimentos.

Uma outra proposta apresentou o sr. Presidente, para que se mande gravar nos pedestaes das columnas das naves d'este edificio os nomes dos homens distinctos nas letras que n'elle foram sepultados; cuja proposta foi approvada pela assembléa geral e remettida ao conselho facultativo para do melhor modo levar a effeito este justo tributo de veneração áquelles varões illustres.

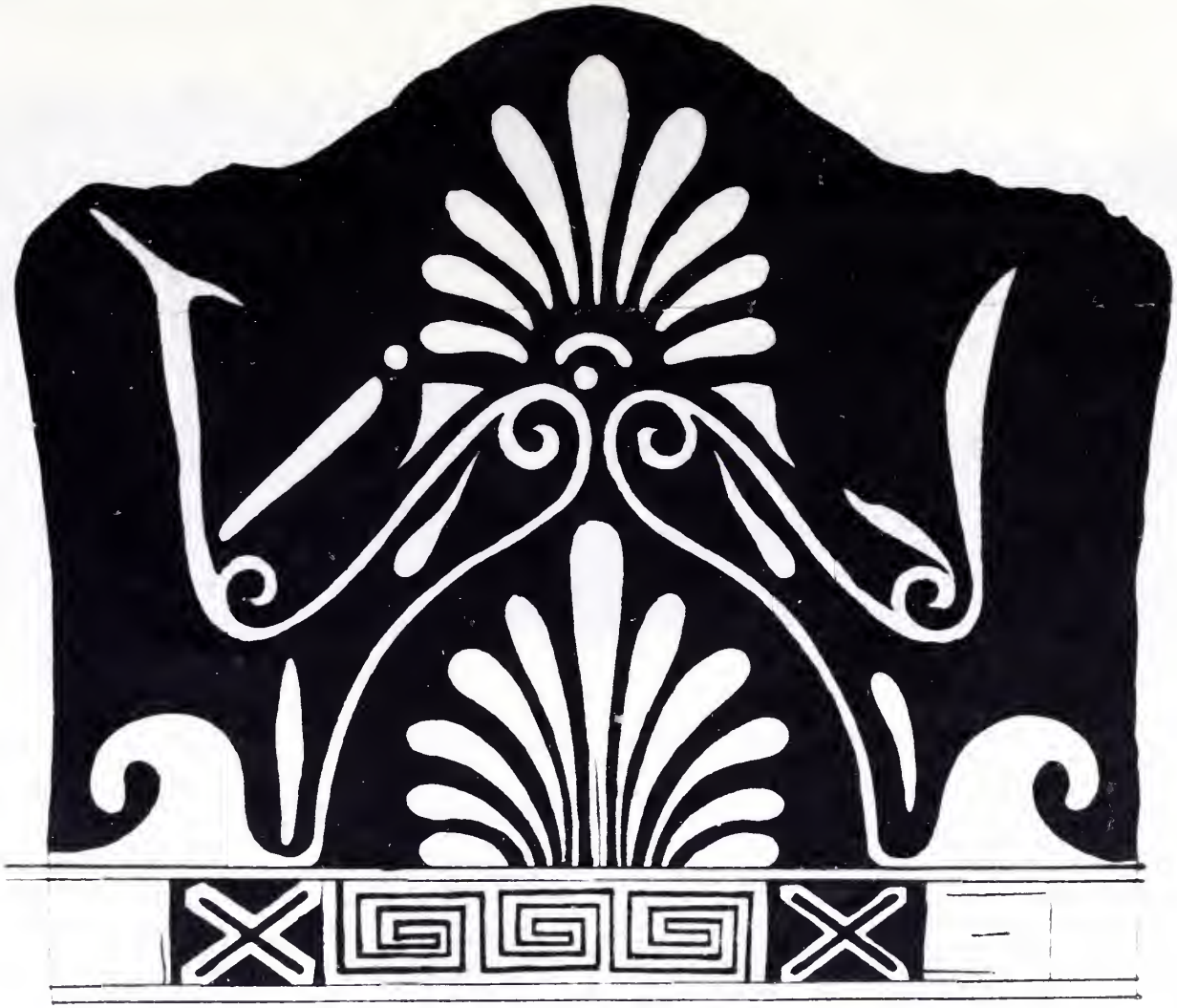
Soube com bastante satisfação a assembléa geral, ter sido conferido o habito da ordem scientifica de S. Thiago ao nosso socio architecto o sr. Lucas José dos Santos Pereira encarregado da restauração do convento da Batalha.

Foi proposto pelos socios os srs. Costa Goodolphim e Francisco José d'Almeida que se lançasse na acta um voto de felicitação por haver o Instituto de França nomeado, em 12 de Dezembro ultimo, ao sr. architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva membro d'aquella distincta corporação; no que a assembléa concordou por unanimidade.

O sr. visconde de Alemquer depositou no museu uma moeda de cobre do tempo de El-Rei D. João II, e o sr. abbade de Castro uma de prata do tempo de El-Rei D. Affonso VI.

O sr. Pinho Leal offereceu duas aguarellas, uma sendo de um dolmen e a outra d'uma antiquissima construcção, existentes em Castello de Paiva, trabalho por este senhor effectuado, e que bem mereceu os louvores da assembléa geral; assim como offertou uma mostra de carvão mineral encontrado na mesma localidade.

Fez-nos saber o nosso socio o sr. visconde de S. Januario que nos ia enviar uma collecção de instrumentos antigos chinezes para serem depositados no museu.



NO LOGAR DA AZA DA URNA

Est.ª 10.ª

NO LOGAR DA AZA DA URNA

URNA DA NÉCROPOLE ROMANA DESCOBERTA EM ALCACER DO SAL

A bibliotheca d'esta associação tem sido augmentada com diversas publicações, com que os nossos dignos socios nacionaes e estrangeiros se hão esmerado em a contemplar.

Na ultima sessão da assembléa geral o nosso digno socio thesoureiro o sr. Carlos Augusto Munró apresentou o relatorio e contas da sua gerencia, pelos quaes se ficou sabendo que os socios que pagam as respectivas quotas são em numero de 51, que a receita foi de 655$805 réis, e a despeza 567$714 réis, havendo um saldo que passa para o presente anno, de 88$091 réis; e foi nomeada uma commissão composta dos srs. José Loureiro, Pinho Leal e Costa Goodolphim para examinar as referidas contas e dar o seu parecer.

Novos socios effectivos portuguezes vieram auxiliar os nossos trabalhos, e são: os Ex.mos Srs. Bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos e Silva, conselheiro o Dr. Jacinto Eduardo Brito de Seixas, Delphim Guedes, Augusto Soares Barbosa de Pinho Leal, Antonio Maximo de Carvalho, José Geraldo da Silva Sardinha Dr. J. R. da Cunha Aragão Mascarenhas, José Telles Caldeira de Castello Branco, e Joshua Levy; bem como os socios correspondentes estrangeiros e membros do Instituto de França, visconde Delaborde, marquez de Caligni, Eugenio Guillaume, director da Escola das Bellas Artes de Paris, e Vean Koof Iddekinge, director do museu de Leyde; e os socios correspondentes portuguezes os srs. Joaquim Xavier de Paiva, de Setubal, Antonio de Faria Gentil, de Alcacer do Sal, Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Souza, de Torres Vedras.

Tivemos o grande desgosto de perder o distincto socio o sr. marquez de Rezende, que se finara no mez proximo passado e que pelo seu saber e valiosos serviços que prestou ao paiz mereceu a veneração de todos; e por proposta do sr. visconde de Alemquer foi lançado na acta um voto de sentimento por tão lamentavel perda, que unanimemente foi approvada pela assembléa geral.

Por tanto senhores, pelos factos expostos conheceis que a prosperidade d'esta Real Associação não tem diminuido e que devemos aos esforços de todos aquelles que apreciam e presam devidamente as bellas artes, as investigações archeologicas e o credito do paiz e seu progresso; servindo este resultado para mais nos convencermos de que continuando firme em tão louvavel proposito de que voluntariamente nos incumbimos, hão de continuar essas coadjuvações, e se ha de obter a consideração e estima de que tão importante e util instituição é merecedora.

Lisboa, 6 de Maio de 1875. Sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

O Secretario

VALENTIM JOSÉ CORREIA.

ARCHEOLOGIA

Uma Necrópolis romana em Portugal

Não se ignora o costume dos antigos romanos com respeito ás sepulturas dos seus finados, já sendo os cadaveres enterrados no seu estado natural, como no tempo da republica; já reduzidos a cinzas, como no tempo do imperio; assim como a veneração que elles, como os povos da mais remota antiguidade, consagravam aos mortos; costumando os romanos sepultal-os fóra das portas das suas cidades em magnificos tumulos, com que ornavam as saídas das estradas, e entre ellas a *via Appia* em Roma, na extensão de 15 milhas, annunciando esses sepulchros a grandeza da cidade poderosa do mundo, indicando as inscripções d'esses monumentos a serie de heróes que a haviam illustrado e grangeado a admiração dos outros povos seus contemporaneos: pois que, quer d'um modo, quer d'outro, sempre estão juntos aos despojos mortaes que ellas encerravam differentes objectos que haviam pertencido ao fallecido, e que elle tinha estimado mais durante a existencia. Tambem os romanos escolhiam, nos paizes onde dominaram, para os seus cemiterios que ficassem situados nas vertentes das collinas do lado do poente; tendo-se confirmado esta disposição pelas descobertas feitas nas Necrópolis da Allemanha, França, Hespanha, e agora no nosso solo.

Em Portugal ainda não se tinha achado uma Necrópolis pertencente a uma grande povoação, muito embora se tivessem feito em diversas localidades descobertas parciaes de sepulturas romanas, e nas quaes se encontraram igualmente objectos que caracterisam a sua origem e praticas do seu rito; porém no mez de maio do anno findo, em Alcacer do Sal *(antiga Salacia)*, na propriedade do senhor Antonio de Faria Gentil querendo-se nivelar um terreno occupado por um olival, afim de se estabelecer um calcadouro para uma eira, removendo-se a terra necessaria para tornar a superficie horizontal se descobriu na profundidade de 0,25 centimetros, freios de ferro e folhas de espadas, outras com punho de bronze cinzilados; fibulas de bronze, vasos lacrimatorios, lampadas mortuarias de barro, moedas, etc., etc.; mas o que causou bastante surpreza, e muito mais augmentou a admiração encontrando-se entre esses objectos um retrato em argilla coberto de estuque colorido de toda a perfeição, além de quatro urnas de diversas grandezas no estylo e trusco, contendo cinzas!

Serviam-se os romanos de varias urnas para a incineração, tanto de crystal, marmore, de barro e mesmo de metal, conforme a categoria e a fortuna do fallecido, mas não se havia ainda descoberto em parte alguma, nas suas necrópolis, urna de similhante quali-

dade d'aquellas que foram achadas em Alcacer do Sal, e da epocha de Claudio, conforme indica a moeda que encontraram junto d'ellas!

O achado de uma mascara e a execução d'este trabalho eram casos raros e tambem dignos de occupar a seria attenção dos archeologos de todos os paizes.

É verdade terem os romanos a particularidade de mandar tirar mascaras em cera dos finados para estarem patentes no peristylo de suas habitações na occasião dos enterramentos, para serem depois conservadas pelos parentes dos finados; e não obstante esse costume, todavia são rarissimas as que se teem descoberto na Italia. D'este facto se comprehende qual será a importancia de similhante achado feito no nosso paiz: portanto tivemos sem demora o cuidado de participar aos sabios estrangeiros os mais notaveis da sciencia, pedindo-lhes a sua opinião a este respeito para se explicar este singular descobrimento.

Infelizmente, os trabalhadores quebraram duas d'estas urnas; porém a maior, a mais bem conservada, da qual a estampa n.º 10 do presente numero dá perfeita idéa das pinturas que a ornam na grandeza do original, mostrando-se na composição do assumpto o destino da urna, conforme o que se praticava nas ceremonias funebres na Étruria. Esta urna tem 0,25 centimetros de alto, e o contorno com 0,51 centimetros. Na face principal está representada uma mulher segurando um brazeiro, havendo dois mancebos, um de cada lado munidos de grandes espetos na acção de assarem carne, allusivo á derradeira refeição; por detraz d'elles, um ancião com a mão esquerda sobre o coração indica com o braço direito estendido uma arvore, que em face d'elle um homem no vigor da vida arranca uma folha, evidente representação da immensa dôr que causa a perda de um membro da familia, que está symbolisado na folha arrancada da arvore. A representação da scena do lado opposto d'esta urna, posto que a côr ennegrecida do fundo desapparecesse por causa da humidade do terreno, todavia ainda se descobre um pouco o contorno de tres figuras de que se compunha a pintura, constando de dois guerreiros nús; um d'elles tem sobre a cabeça um capuz com duas palas caidas sobre os hombros; o outro com a cabeça descoberta, mas apresentando uma cauda de cavallo na extremidade da espinha dorsal; entre elles ha uma mulher sustendo na mão esquerda um escudo oval e parece proteger com elle o guerreiro que tem o capuz, em quanto com o braço direito levantado quer evitar que o outro combatente attaque com a lança o seu adversario. Nota-se a differença entre os dois athletas, para indicar serem de raças diversas, sendo as scenas d'esta natureza representadas nas urnas étruscas de inceneração para significar que a nossa existencia é sempre uma luta constante, e sómente a morte lhe põe termo; como mostra a interrupção do combate pela attitude da figura que faz cessar a contenda, por que se finou um ser.

Os romanos serviam-se de artistas gregos para lhes fabricarem urnas, porém as suas pinturas representavam scenas menos sanguinolentas; em quanto que as pertencentes aos étruscos eram sempre compostas de combates; além de que a epocha em que o fundo das pinturas não era a propria côr da argilla, mas sim preto, corresponde ao maior desenvolvimento da arte grega: todavia, será mais difficil explicar como no tempo do imperador Claudio se teriam servido d'esta qualidade de urnas nas ceremonias funereas, e isso na antiga Lusitania! Os archeologos mais felizes e mais competentes resolveram esta singularidade, elucidando com o seu saber tão extraordinario descobrimento.

J. da Silva.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(*Continuado da pag. 68 n.º 5*)

Egrejas comprehendidas no Districto da Sè

Real Casa de Santo Antonio da Sé, mandada edificar por El-Rei D. João II no proprio logar das casas em que nasceu Santo Antonio. Caiu pelo terremoto de 1755; o senado da camara a fez de novo, com grandeza.

Ermida de Nossa Senhora da Caridade, ao lado do nascente da Sé, fundada pelos Irmãos da Caridade, em 1747: tambem caiu e foi reparada.

Ermida de Nossa Senhora da Consolação: ficava sobre a Porta de ferro, ou Arco da Consolação, e n'ella se dizia missa quando havia padecente, a fim que este adorasse ao Senhor, na occasião que ali passava para o supplicio.

Querendo El-Rei D. João V erigir na sua Real Capella de S. Thomé, dentro dos Paços da Ribeira, uma Cathedral metropolitana patriarchal, recorreu ao Papa Clemente XI, pedindo-lhe para isso auctorisação, que lhe foi concedida por bulla expedida aos 7 de novembro de 1716, a qual dividia Lisboa em duas Metropoles, Arcebispado e Patriarchado.

Pelo que ordenou El-Rei por o alvará de 15 de janeiro de 1717 que houvesse em Lisboa duas cidades uma oriental e outra occidental, pertencendo esta ao Pariarchado, e a oriental ao Arcebispado.

Arrependido depois, e desejando que a jurisdicção

metropolitana patriarchal fosse omnimoda, dirigiu-se novamente á côrte de Roma, requerendo nova bulla, que o Papa Benedito XVI lhe concedeu em 13 de dezembro de 1740, extinguindo a Sé de Lisboa oriental, estabelecendo uma egreja patriarchal, em consequencia do que tornou Lisboa a ser uma só cidade, por decreto de 31 de agosto de 1741. Extincta a Sé oriental, passou esta a denominar-se *Basilica de Santa Maria Maior*.

Toda esta grandeza, que causava inveja á côrte de Roma, acabou por um decreto do poder secular, datado de 4 de fevereiro de 1834, que extinguiu de sua propria auctoridade a Capella Real, e Santa Egreja Patriarchal, restituindo-se, pelo mesmo decreto, á Basilica de Santa Maria a categoria de Sé Metropolitana, que d'antes lograra; incorporando-se os bens de uma e outra egreja nos proprios nacionaes.

Finalmente o Papa Gregorio XVI pela bulla *Quamvis æquo* de que de novembro de 1834 extinguiu de direito as duas egrejas, Patriarchal e Basilica de Santa Maria, restabelecendo aqui a antiga Sé Metropolitana de Lisboa. Passados quasi dez annos veiu a citada bulla a obter o beneplacito regio, em 10 de maio de 1844, e deu-se-lhe execução por sentença de 30 de julho do mesmo anno.

Sendo necessario reparar muitos estragos n'esta egreja, transferiu-se a Sé para S. Vicente de Fóra e a Parochia para a Conceição dos Freires; e passados sete annos voltou a Sé com a Parochia para a sua egreja, em domingo da Santissima Trindade, 22 de maio de 1864; e já na quinta feira do Corpo de Deus, 26 do dito mez, saiu d'aqui a procissão da Cidade.

As columnas que se observam no Portico da Sé têem figuras que mostram ser symbolicas (o uso dos symbolos, ou divisas, é cousa antiquissima, mas quasi nada se encontra nas historias profanas que não pareça fabula), acham-se intercaladas a esmo e sem symetria com outras, que só têem lavores de meio ornato. As que parecem symbolicas são as seguintes:

Da parte direita da entrada: uma mulher entre duas pequenas figuras, que parece Leda com os dois filhos, Castor e Pollux, os gemeos do mez de maio.

Um genio com quatro azas, entre dois delphins, que significarão os delphins de Amphitrite. Peixes do mez de fevereiro. Da parte esquerda: uma mulher coroada entre dois ornatos, que denotam no feito geral duas pavêas de trigo: talvez a deusa Ceres, symbolo d'agosto.

Um Hercules sobre o Leão, tendo na mão a maça, symbolo de julho. Na face contigua do mesmo capitel: um touro cavalgado por uma mulher que denota ser a Europa, symbolo de abril.

Na entrada aonde está a guarda da Sé, ha tambem pedras com ornatas antigos. Descendo a escada se vêem ruinas antigas d'este vetusto edificio, e do palacio dos bispos e arcebispos de Lisboa.

Desde o anno de 1173, em que se fez a trasladação do corpo de S. Vicente martyr, do Sacro Promontorio para esta cathedral, que ali se conservavam sempre dois corvos, para memoria.

A sua primitiva architectura, a qual externamente é grosseira, pertence áquelle estylo mixto e oriental a que chamam bysantino. Quanto ao frontispicio principal do antigo templo, vê-se por uma estampa que vem na obra, *La Galerie Agréable du Monde*, tom. I, que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altos coruchéos.

As que actualmente adornam a fachada, é provavel que fossem erguidas no anno de 1373, por El Rei D. Fernando I, quando mandou cercar de novos muros e altas torres a cidade de Lisboa.

Tinha a egreja da Sé, de largo 96 palmos, e de comprido da parte principal até o altar-mór 264 palmos; formava um cruzeiro regular coberto de uma boa cupula, cuja altura até ao pavimento era de 120 palmos, isto antes do terremoto de 1755. (Veja-se Descripção Funebre das Exequias, que a Basilica Patriarchal de Santa Maria dedicou á memoria do fidelissimo Senhor Rei D. João V, pag. 8 por Bento Morganti. Lisboa MDCCL.)

Tem duas ordens de columnas que formavam tres naves em arcos correspondentes.

No anno de 1776, notando El-Rei D. José I que a Sé cathedral de Lisboa tinha recebido grande ruina pelo terremoto de 1755, ordenou por carta regia de 17 de fevereiro do citado anno de 1776, fossem as rendas que estavam destinadas para o seminario, erecto por El-Rei D. João V, em 1741, para a reedificação da egreja cathedral, que terminou no anno de 1786. Foi nomeado intendente da obra o Reverendo Conego da mesma egreja Antonio José da Cruz.

O importante cartorio da Sé de Lisboa ardeu todo pelo fatal terremoto de 1755; foi uma perda irreparavel a muitos respeitos.

Inscripções e epitaphios da Sé

Ao entrar o portão de ferro, do lado direito ha uma lapida com uma inscripção em letra gothica que diz o seguinte:

Tunc anni Dñi cum centum mille notantia
Cumque quater decies, quatuor atque tribus
Tunc per Xpiolas urbs est Lisbou capta
Et per eos fidei reddita Catholic.

Dá sobredita inscripção se acha copia em lettra moderna, n'outra lapida fronteira, com o addicionamento seguinte:

Estes versos latinos que estão na pedra fronteira se traduzirão no anno de 1654.

Conta como esta cidade, foi tomada aos mouros no d. 1147, e d. S. Chrispi.

Na pia baptismal, em que foi regenerado o nosso Santo Antonio de Lisboa, se gravou o seguinte distico:

His sacris lustratus aquis, Antonius Orbein.
Luce Beat, Paduam corpore, mente Polum.

Capella de Santa Catharina, hoje do Sacramento

Esta capella instituiu e fundou D. Garcia Frois no anno de 1360 e a dotou de certos bens, e mandou que pelos rendimentos d'elles lhe fizesse o cabido d'esta Sé humas 16 capas para o dia de S. Gervasio, e lhe dissesse 8 anniversarios cada anno para sempre.

Do que é administrador Antonio Frois.

Na charola, por detraz da Capella mór em um padrão de pedra está uma cadeira de pedra, na qual, segundo a tradição, se sentava El-Rei D. Affonso IV.

Era MCCCLXX em 5 de abril o mui alto principe D. Affonso IV pela graça do Senhor Rei de Portugal e dos Algarves, filho do mui nobre Rei D. Diniz por essa mesma graça Rey dos sobreditos reinos, mandou e fez edificar e acabou á sua custa esta capella com charollas, e todas as detraz capellas de redor d'ella, á honra e louvor de Deus, e da sagrada e gloriosa Santa Maria, e do martyr S. Vicente padroeiro e columna de pedra dos reinos de Portugal e dos Algarves, e dos naturaes e moradores dos ditos reynos, na qual capella o dito Senhor Rey elegeu sepultura com a Rainha, D. Brites, sua mulher, para si e seus filhos, e para os outros de seu sangue, que d'elles descenderão por direitas linhas, os quaes os Senhores, Rei e Rainha, e seus filhos mantenha Deus em seu serviço, e os levem quando d'este mundo sahirem para o seu santo reyno e paraiso. Amen.

Descripção e legenda do antigo sino do relogio da Sé de Lisboa, tal qual a traz Bento Morganti, a pag. 25, a 31 da 1.ª collecção dos Papeis Anonymos, publicada em 1754.

Tinha este sino d'altura até ás presilhas 7 palmos e 1 ½ pollegada.

De diametro pela parte exterior 8 palmos e 5 pollegadas.

E de circumferencia pela parte exterior 24 palmos e meio.

Era cercado com 3 circulos de lettras gothicas bastantemente damnificados e nos vãos que ficavam entre os letreiros tinha diversas armas da mesma sorte, consumidos do tempo, e alguns sellos igualmente arruinados.

O primeiro letreiro junto ás presilhas era da fórma seguinte:

Sxe: mtanipana: dcantus: como: da Sana: lando: Deum: resum: voce: pou: lund.

Dongrego: clerum: defunctos; fluo: Tham fugo: festro, decoao.

Ainda que estes caracteres gothicos depois de averiguados no seu original não são dos mais difficultosos, comtudo pareceu bem reduzil-os aos romanos, para ficar mais facil a sua lição, supposto haver algumas dicções erradas, e outras truncadas; e diz este primeiro letreiro:

Bce intanissua dicunstin comoda sana lando.

Deum verum voco populian congrego clerum defunctos ploro salham fugo festa de coro.

2.º letreiro:

Bngele: qui: meus: es: custos: pietati: sussemas: me: tibs: comi: sum: sana: defreude: guberna: menteu: santam: spontaneam honorem Deo:
et parts
e liberationem:
Bngele qui meros e custos pretats superna me tibi canissum salva defende guberna mentem sanctam
spontaneam honoreur Deo, et patria liberationem.

3.º letreiro em portuguez:

E na era de Mil: III: CCC: e: XV: annos: foy: feyto: este: sino: de relogio: muy: nob: cidade: de Lisboa: por: mandado: do: mui: nobre: Rey: Dom: Fernando: de: Portugal: et: do: muyto: honrado: cabido: da dicta: cidade: de Lisboa: dos homes boas: data: cidade: Mastx: Johann: Frances: me fiz.

Na era de 1315 annos foi feito este sino do relogio em a mui nobre cidade de Lisboa, por mandado do mui nobre Rey D. Fernando de Portugal, e do mui honrado cabido da dita cidade de Lisboa dos homens bons da dita cidade. Mestre João Francez mofez.

A sobredita era (1315) está errada, pois deve ser (1415), que é o anno de Christo 1377; porque D. Fernando começou a reinar no anno de 1367 e morreu em 1383.

A collocação do sobredito relogio foi pouco depois da fortificação de Lisboa, como se vê da inscripção existente no muro junto ao Arco da Mouraria, vindo do Castello:

O mui: Nobre: e mui: alto: Rey: Don: Fernando: de Pur
tugal: e: Filho: do: mui: Nobre: Rey: Don: Pedro: e: Neto do: mui: Nobre: Rey: Don Afonso: olhando: como: a: mui:
Nobre: sua: cidade: de: Lixboa: seja: uma: das mais:
Nobres: cidades: que: ha: em: todalas: partes: do mundo:
e: como. esa: Cidade: mais: nobre: fose: fora: da: cerca: velha:
que: seus: bisavoos: ganharam: aos mouros: po-

rem : mando : fazer : esta : cerca : nova : e foi : começada : era : de :

mil : e : quatro : centos : onze : annos se : acabou : em : quatro : centos treze : anos . per : seu : mandado : foi dela regedor : Gomes : Martins :

de . Setvbal : que : foi : seu : capitau : eu : seus : Reinos : e : seus : Reinos : e : su : ovidor : da : sua : corte : e : coregedor : por : el : na :

dita . cidade : e : Lourenco : Duraes : Escrivau : do : concelho : e : Johans : Fernandez : e : Vasco : Bras : Meestres : do dito muro.

Todo o referido está conforme lettra por lettra, ponto por ponto, com o que refere Bento Morganti, no logar citado e referida inscripção ainda existente á Mouraria.

(Continúa)

CHRONICA

— O distincto vice-presidente da nossa associação o ex.mo sr. conselheiro João Maria Feijó recebeu de sua magestade a mercê da commenda da ordem de merito scientifico de S. Thiago. Os profundos conhecimentos que possue s. ex.a na architectura civil, os seus longos e prestantes serviços feitos á sciencia e ao seu paiz ha muito que lhe davam jus a esta merecida distincção; e não só galardoou o saber e o nobre caracter do agraciado, como veiu tambem reflectir essa honrosa graduação na classe a que tão dignamente pertence: regosijamo-nos pois muito por tão justo motivo, e felicitamos sinceramente ao nosso respeitavel collega pela mercê que lhe acaba de ser conferida pelo soberano.

* * *

O nosso insigne socio correspondente o commendador Mr. J. de Rossi vem de fazer uma importante descoberta em Tormarancia (Roma) d'um epitaphio grego do II seculo, nas excavações das catacumbas de Dimitilla, tendo os nomes: Flavius Sabinus Titiana, sua irmã. O irmão de Fabius era Vespasiano, que descendia do ramo dos christãos e dos martyres d'esta nobre familia.

Este distincto archeologo teve igualmente a fortuna de descobrir n'este mesmo local, uma das columnas que, conforme o uso antigo, sustinha o Tabernaculo do altar, tendo esculpturas em baixo-relevo, que foram executadas no seculo IV.

* * *

— A Madeira produzida na Irlanda tem a propriedade de não deixar crear insectos e têas de aranha; pois que nos tectos antigos executados com esta qualidade de madeira e mesmo tendo obra de talha nunca appareceram as têas, não obstante facilitarem tanto as saliencias dos ornatos para serem n'elles tecidas essas redes.

* * *

Dos nomes dos artistas gregos encontrados nos vasos pintados na ceramica da Grecia, eram sómente conhecidos 16; dez tinham sido descobertos em Athenas; quatro nos vasos de Corinthio; um n'uma jarra de Eginia; outro em um vaso da Biotica; porém Mr. O. Rayet, encontrou agora mais dois sobre vasos achados em Tanagra.

* * *

— Mr. Sawelle fez ultimamente uma descoberta bastante rara de duas lages designadas *Sigilium*, que se collocavam selladas sobre os altares.

Fazia-se na *mensa* uma cavidade, que foi chamada — sepulchro — podendo ser feita em tres logares na pedra do altar a qual era fechada por uma lage, e depois o bispo punha-lhe o sello com cinco cruzes, para symbolisar as cinco chagas de Jesus Christo. N'essa cavidade mettia-se uma reliquia, ou particulas da Eucharistia, ou grãos de incenso.

* * *

Foi convidada a nossa associação pelo Reverendissimo arcebispo de Braga para se eleger um socio architecto, a fim de fazer parte do jury que deverá julgar os projectos do novo edificio para os orphãos do collegio de S. Caetano d'aquella cidade; tendo sido eleito o socio sr. Cezario Augusto Pinto para desempeesta honrosa commissão.

* * *

O numero de obras de Bellas-Artes expostas n'este mez em Paris sobe a 2.300; havendo 78 concorrentes na architectura, no numero dos quaes ha tres estrangeiros, um inglez, um da Crimea e outro da Roumania.

* * *

Em New-York vão substituir o modo de serrar, servindo-se de um *fio de platina aquecido a branco* por meio d'uma corrente electrica, podendo-se serrar as madeiras mais rijas sem difficuldade.

* * *

O afamado archeologo Mr. Abbade Bourgeois descobriu um deposito da edade de bronze em Theil (França); e entre os differentes objectos, ha uma cintura em bronze composta de tres renques de anneis reunidos por argolas, tendo pingentes com a configuração

de folhas de louro; um capacete do feitio de mitra composto de duas chapas reunidas por pregos de cabeça conica; sendo este objecto o mais importante, pois tirou a duvida que não pertenciam taes objecto á idade de ferro, porque os d'essa época apresentam um outro trabalho muito differente do capacete achado n'este deposito da edade de bronze.

* * *

O digno socio o sr. visconde de S. Januario teve a extrema generosidade de trazer da China uma collecção de instrumentos de musica para o museu do Carmo, que pelo seu singular feitio e effeitos sonoros offerecem bastante curiosidade no seu exame.

O saber musica na China é um preceito para todas as classes da sociedade, e não se pratica acto nenhum publico sem ser acompanhado ao som de musica: e mesmo nas construcções civis, não se abrem os caboucos, não se ergue uma columna, não se assenta um portal ou janella, nem se colloca o pau de fileira e se cobre o edificio sem serem estes trabalhos acompanhados por peças de musica destinadas para esse fim, porém os executantes não podem ser mais de sete para solemnizar esta ceremonia.

O 5.º livro das leis do imperio se determina qual deverá ser o feitio, o tamanho e o numero de cordas que deverá ter cada um dos diversos instrumentos, sendo esta observancia fielmente seguida desde 2255 annos antes da era de Christo até ao presente.

O chefe geral dos musicos tem o titulo: *O conservador das cinco virtudes capitaes necessarias ao homem.*»

Os chins não conhecem o uso das notas da musica; mas têem a sua escala fundada por cinco tons; *kun, chan, kio, tche,* e *yu,* que correspondem a fá, sol, la, dó, ré; e dois semi-tons *pien-kung,* e *pien tche,* mi e *si.*

Elles distinguem oito especies de sons, indo buscal-os a differentes corpos sonóros creados pela natureza; sendo pela sua ordem; 1.º, á pelle dos animaes; 2.º, á pedra; 3.º, á argila cozida; 4.º, aquelle produzido pela seda; 5.º, ao metal, 6.º, á madeira; 7.º ao bambú; 8.º, ás cabaças.

A caixa dos primitivos tambores era formada de barro cosido, conservando-se-lhes sempre o feitio d'um barril; posto que seja feita agora de madeira.

Compõem-se estes instrumentos de musica que se acham expostos no museu de 16 feitios differentes, sendo os seus nomes os seguintes; e damos tambem aquelles correspondentes aos instrumentos usados na Europa, a saber:

Clarineta grande	Clarineta pequena	Compasso	
Tae-tia	*Sin-tia*	*Hiam-peau*	
Cithara	Bandolim	Batega	Flauta (duas)
Zaun	*Pi-pa*	*Tum-lo*	*Nam-saiau*
Guitarra	Pratos	Rebeca	Salterio — Timbre
In-ken	*Tae-chea*	*I-ieu*	*Jain-gam* *Tã-og*
Tambor	Tamborim	Tam-tam	
Cu	*Sin-cu*	*Lo*	

* * *

— A antiquissima torre quadrada do XII seculo que flanqueava a egreja matriz de Marvilla (em Santarem) que foi ultimamente demolida, porque tirava a vista a umas casinholas de moderno aspecto, tinha encravado na sua base um tumulo dentro de um arco ogival, sem ter epitaphio que designasse a quem elle pertencia; por maiores diligencias que para isso nós empregamos: mas como era urgente arrasar tudo, demoliu-se tambem o tumulo, encontrando-se a ossada de um individuo e parte da mortalha, que mostrava ser de seda, e restos de fitas; todavia o nosso socio correspondente o dr. José de Freitas Amorim encontrou um documento que lhe foi preciso consultar em que declarava pertencer o tumulo a Francisco Barbosa, fallecido no principio do seculo XVI, e era filho de Gonçalo Gil Barbosa e de D. Mecia Mendes de Aguiar. Gonçalo Gil, alferes da ordem de Christo, acompanhou el-rei D. Sebastião para Africa, e foi havido por morto; porém appareceu depois (por ter fugido ou ser resgatado dos mouros), e veiu morrer a Santarem. Por esta fórma fica explicado a quem pertenceu o referido tumulo, que por tão largos annos se ignorou a pessoa que estaria n'elle sepultada: não podémos salvar a torre antiga de desapparecer do local da sua fundação, mas conseguimos fazer reviver a memoria de um nome illustre na historia patria.

* * *

Um rico objecto de esculptura de apurado gosto artistico do fim do XIV seculo, acha-se agora depositado no museu archeologico do Carmo, é o magnifico tumulo d'el-rei D. Fernando I, o qual estava na egreja profanada de S. Francisco de Santarem, e ha muito já vazio e quebrado, como havia notado Garret em 1833, lastimando então a sua ruina e abandono.

Este lindo sarcophago de fórma abaulada com primorosas esculpturas em todas as suas faces, compõe-se de 22 grandes escudos e de 32 bustos de esmerado lavor. O seu comprimento é de 3 metros, altura 1,80 centimetros, largura 1,15 centimetros; tendo de pezo 3.500 kilogrammas.

Nos intervallos que ha entre os escudos e os circulos dentro dos quaes occupam o espaço, foram esculpidas figuras grotescas de singular composição, notando-se um alchimista sentado em uma poltrona mirando um frasco, porém está prezo a uma corrente que do pescoço termina a um cêpo que se vê aos seus pés, afim de que os seus maleficios não possam ser nocivos aos homens.

J. da Silva.

1875 — LALLEMANT FRÈRES, TYP. — LISBOA.

2.ª SERIE 1875

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 7

SUMMARIO

Duas palavras em memoria do Principe dos archeologos, pelo sr. S, P. M. Estacio da Veiga, pag. 97. — *Monographia da egreja Matriz da cidade de Lisboa,* pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Sousa, pag. 100. — *Materiaes para Construcções, Areia,* pelo socio J. P N. da Silva, pag. 103. — *Alguns passos n'um labyrintho,* pelo socio correspondente o Dr. Filippe Augusto Simões, pag. 105. — *Architectura, do ensino para os noveis architectos,* pag. 109. — *Chronica,* pelo socie J. da Silva, pag. 110. — *Relatorio do Instituto dos architectos dos Estados-Unidos,* pag. 110. — *A relacção do jornal d'architectura, «la Revue Nouvelle de Paris» vai publicar a historia da fundação da nossa Real Associação, e os retratos dos membros da meza actual,* pag. 110. — *Descoberta de grutas em França, com esculpturas da edade de pedra polida,* pelo archeologo Mr. De Baye, pag. 111. — *Lapide com uma inscripção da era de 1091, depositada no museu do Carmo,* pelo socio correspondente o Dr. da Silva Motta, pag. 111. — *O jornal inglez d'architectura, descreve com grandes elogios o sarcophago que pertenceu a el-rei D. Fernando,* e está depositado no mesmo museu, pag. 111. — *Os fragmentos dos azulejos do antigo mostrador do relogio da egreja monumental de Belem,* pag. 111. — *Descoberta em Athenas d'uma construcção da época de Mithridates,* pag. 111. — *Em Paris e Bruxellas vão-se estabelecer exposições permanentes de amostras de materiaes,* pag. 111. — *Convite de Paris aos concorrentes do monumento de S. M. I. o Duque de Bragança,* pag. 111. — *Collecção dos moldes de medalhas portuguezas, das que existem no museu de Leyde; e das hollandezas do tempo do dominio no Brazil,* pag 111. — *Nova invenção contra os incendios nas construcções,* pag. 112. — *Ordem de S. Thiago conferida ao habil artista da faca de matto,* pag. 112. — *Obras artisticas e scientificas offerecidas á nossa Real Associação,* pag. 112.

DUAS PALAVRAS
EM MEMORIA DO
PRINCIPE DOS ARCHEOLOGOS
A. DE CAUMONT

Elogio lido em sessão publica e solemne de 6 de Maio de 1875, pelo antigo socio S. P. M. Estacio da Veiga

Um nome grandioso, o nome de uma das mais robustas celebridades d'este seculo, deixou de figurar na lista dos socios honorarios da *real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes,*[1] para ser inscripto entre aquelles que só a posteridade póde com desassombrada justiça condignamente exaltar.

Este nome illustre, que nas altas regiões da sciencia revelou por mais de meio seculo uma privilegiada intelligencia,[1] uma inexcedivel inergia de animo, um symbolo de vasta sabedoria, era o do sr. De Caumont, tão nobilitado logo pela gerarchia do berço, qual o fôra depois pela sublimidade de um espirito profundamente pensador desde as primeiras auroras da adolescencia até os extremos regelos da senectude.

Corria o segundo anno do presente seculo quando em 28 de agosto o sr. De Caumont honrou com o seu nascimento a famosa cidade franceza de Bayeux na provincia de Normandia. A nobreza do sangue e os

[1] Finou-se a 16 de abril de 1874. A ultima vez que nos escreveu foi em 5 de Janeiro do anno antecedente, e já com bastante custo, contendo em um bilhete de visita estas palavras: «Je suis bien touché de votre bon intéret, et j'apprends avec joie la nouvelle destinction dont vous avez été d'object.

«Jéspère que le Bulletin será repri par Mr. de Cougny, aujourd'hui directeur.

«Mr. d'abbé Lo Petit est bien sensible à votre souvenir, et vous offre sa reconnaissance et ses vœux.

«Il support mieux ses 78 ans, que moi mes 70. Je vais teujours de plus mal en plus mal et ne quitte mon lit un instant que pour aller dans mon fauteuil. Agréez je vous prie mes vœux les plus sincères.»

Que apreciavel amigo!... Quanto sensivel foi para nós o seu passamento...

(J da S.)

[1] Na introducção do diccionario de architectura de Mr. Viollet-le-Duc, avalia os serviços prestados á sciencia por Mr. De Caumont, reconhecendo ser o iniciador d'estes estudos no seu paiz, e por esta maneira se expressa: — «Já homens de espirito elevado haviam indicado a vereda para estes estudos, illustrados pelos trabalhos e a admiração dos nossos vesinhos os inglezos, pensaram em classificar os monumentos por estylos e por épocas, não se fiavam já nos textos; sendo o maior numero d'elles erroneos; admittia-se uma classificação methodica, baseada sobre os proprios monumentos: os primeiros trabalhos de Mr. De Caumont os faziam sobresair dos caracteres bem distinctos entre as differentes épocas de architectura franceza do norte.»

(J. da S.)

primores da fortuna pareceriam então os unicos dons d'aquella existencia; mas acima de tudo isto despertára com elle nos regaços da vida o embryão de um genio agudamente perspicaz, fadado, como bem o parece, para atravessar a penumbra das noites mais remotas e descortinar ahi os proprios preliminares elementos das primevas gerações humanas.

Este astro da sciencia, que tanto allumiou a terra, precipitando a materia, em que reluzíra, nos recessos da ultima abrigada, esparge ainda a mesma luz, brilha ainda hoje com o mesmo vigor, porque essa luz e esse brilho surgiram com o predestinado condão da perpetuidade.

Mal se podem aqui enumerar os serviços que a historia, a philosophia, outras sciencias, as artes e as lettras, receberam d'aquelle portentoso engenho!

O sr. De Caumont, na quadra mais gentil da mocidade, quando o coração do mancebo procura no idealismo do sentimento poetico alimentar os sonhos e as esperanças de uma vida quasi illusoria, começou por denunciar um amplo espirito de observação, um talento positivo, uma predilecção irresistivel. Em vez de querer lograr os encantos que revestem os saráus, os festins, e tantos outros agrados com que o podéra fascinar o esplendor da sua familia, de tudo isso se apartára, porque ás delicias do ocio preferíra sempre as durezas do trabalho.

Na propria terra em que nascêra, achou o sr. De Caumont os primeiros incentivos para um estudo, que successivamente se foi tornando extensivo á sua provincia, á França inteira, á Allemanha, á Italia, á Inglaterra e á Hispanha.

Os monumentos architectonicos em toda a parte captivaram a sua attenção, o seu rigoroso exame, os seus constantes cuidados.

A architectura e a archeologia, tão intimamente ligadas entre si em relação á primeira infancia das artes, ministraram ao sr. De Caumont os subsidios de que havia mister para poder formar um vasto e systematico plano de emprehendimentos de todo o ponto proficuos. Até onde havia algum signal de construcções monumentaes, chega afoutamente o atilado investigador; mas não pára ahi, porque em meio das camadas sedimentares da terra, onde jaziam as reliquias das gerações mais remotas, é que pretendêra chegar para d'esse ponto voltar aos tempos historicos e dividir em épocas distinctas a sua peregrina jornada.

Facil será presumir desde quando poderia o sr. De Caumont manifestar o fructo dos seus estudos archeologicos, sabendo-se que, tendo nascido em 1801, creára em 1823 a sociedade dos antiquarios de Normandia, sociedade desde então vigorosa e reconhecidamente utilissima, como um anno depois assáz o mostrou com o primeiro volume das suas publicações, onde o illustre fundador inicía o estudo respectivo á *architectura religiosa da idade media,*[1] que mais de espaço profundamente desenvolve n'um livro de 800 paginas, que em 1869 contava já cinco reimpressões.[2]

Aos 28 annos abria este sabio em Caen um *curso de antiguidades monumentaes,* que algum tempo depois dividiu em seis volumes e um atlas; e deixou n'esta obra um thesouro de sciencia, uma escola fundamental de archeologia, e o melhor padrão para immortalisar a sua memoria.[3]

Este admiravel trabalho grangeou ao sr. De Caumont justa nomeada de consummado antiquario, a de orador fluente e de escriptor distincto. Por este modo patenteou elle um largo horisonte, até então nebuloso e indeciso, e ahi espargiu toda a luz da sua intelligencia, creando uma como escala chronologica para marcar a distancia relativa que separava os povos modernos de cada um d'aquelles, cuja apagada existencia podéra ser apreciada por seus dispersos vestigios.

Um plano de obra mais complexo e completo nunca se tinha emprehendido e realisado com tão certeira mestría em relação á historia critica da arte antiga.

Logo após a formação da sociedade normanda,[4] uma grande necessidade reconheceu este sabio, e era a da associação mais ampla possivel de todos os talentos e aptidões que isoladamente contemplavam as antigas grandezas da sua patria, geralmente mal estimadas, quasi esquecidas nos annaes da historia, desprezadas nos proprios logares que ennobreciam, e até votadas algumas vezes ao barbaro exterminio do camartello municipal.[5]

[1] Em 1853 Mr. De Montalembert dizia de Mr. De Caumont o seguinte: — «A equidade exige que nós tributemos uma hommenagem merecida áquelles que foram os autores e os principaes promotores d'esta feliz regeneração da architectura da idade media... Mas, primeiro de tudo, vós prestareis hommenagem comigo a Mr. De Caumont, ao fundador de nossos congressos. Foi o primeiro, quando ainda estamos todos, alguns na infancia, outros na ignorancia, que fez reviver a arte da idade-media; elle tinha visto tudo, tudo estudado, advinhado tudo, e tudo descripto. Mais de uma vez viajou toda a França para salvar, o que podia ser salvado, a fim de descobrir, não sómente os monumentos, mas ainda, o que era mais raro, as pessoas que os podiam prezar, e compreende-los.»

[2] Abécédaire ou Rudiment d'Archéologie, — Architeture Religiense — Caen, 1869.

[3] Esta impressão principiou no fim do anno de 1830, e ficou concluida em 1841.

Pela publicação do primeiro tombo d'esta importantissima obra em 1831, na occasião do concurso das antiguidades nacionaes, obteve por este seu trabalho uma medalha de oiro; sendo depois em 1838, nomeado membro correspondente do Instituto de França pelas suas publicações archeologicas.

[4] Tendo sido fundada em 1832, especialmente para favorecer na sua provincia o progresso agricola, o que causou um grande desenvolvimento, divido á iniciativa de Mr. De Caumont.

[5] N'uma circular do ministro do reino, o conde De Montalivet, exprimia-se pela seguinte maneira: — «O culto das recordações que se ligam á historia das bellas-artes, ou dos annaes da nação é infelizmente muito despresado nas provincias. Deixam-se no olvido monumentos magnificos, atravessa-se com indiferencia diante de vestigios que attestam a grandeza dos povos da antiguidade, procura-se debalde as casas onde nasceram os distinctos varões dos quaes a sua patria se gloria de lhes pertencer, ou os tumulos que encerram as suas cinzas, e todavia todas estas reliquias dos tempos passados fazem parte do patrimonio nacional e da gloria intellectual da França. É conveniente pôr termo a esta incuria.»

(J. da S.)

Esta idéa foi porventura a mais proveitosa, porque produzíra em breve tempo todos os previstos resultados. Percorrendo a França inteira, o sr. De Caumont consegue arreigar nos seus concidadãos um culto patriotico com que supplanta o desprezo e a indifferença a que se achavam condemnados os padrões monumentaes da nação; preside á instituição de sociedades e publicações periodicas, que hoje ainda subsistem no maior auge de prosperidade; sobranceiro ás acirradas e oppostas opiniões politicas, que traziam em constante apartamento os homens mais prestadios do regimen proscripto e das facções revolucionarias, prepara-lhes um campo neutro, onde não havia paixões nem malquerenças, mas um só estandarte arvorado por uma nova civilisação, por um novo progresso, uma só patria, um só pensamento, um assumpto altamente util e sympathico, como fôra «inventariar a riqueza architectonica e archeologica do paiz, promover a sua conservação e o seu estudo.»

Á frente d'este movimento colloca-se sempre o infatigavel iniciador. Ao emprehender um reconhecimento geral na França, em toda a parte vai deixando ouvir a sua palavra auctorisada, em toda a parte desperta brios adormecidos, em toda a parte implanta o seu insinuante plano de trabalhos, recommendando o mais escrupuloso respeito pela conservação dos monumentos antigos; e onde acha devotados confrades para este apostolado, congrega-os em sociedade, ministra-lhes regras e programmas, e franqueia-lhes o caminho da sciencia com a mais suave amenidade, para que o instituto podesse corresponder aos seus dictames.

D'este modo não só a Normandia, celebre provincia do eminente archeologo, surge com a sociedade dos antiquarios, a sociedade linneana e com publicações preciosas; o mesmo succede n'outros departamentos, onde se formam associações, institutos, congressos scientificos e se organisam estudos de grande importancia, que a imprensa começa logo a popularisar com o applauso dos sabios e o acolhimento de todas as classes sociaes. O proprio governo, em fim, manda pelo ministerio da instrucção publica instaurar commissões archeologicas.[1] Tal era pois o grau de influencia que este alto espirito havia chegado a exercer em todos os espiritos!

Estava reconhecido o grande principio de associação, que a tudo isto tinha presidido, e sanccionado com o mais brilhante dos triumphos.

O vandalismo official retrae os seus impetos de destruição; já respeita os carcomidos padrões que marcavam épocas de grandeza em meio dos despojos das gerações ignotas, e se alguma vez ousa querer commetter um attentado, acha diante de si a *sociedade franceza para a conservação dos monumentos,* criada pelo sr. De Caumont,[1] que lhe embarga o passo, reclama, protesta, e o faz recuar envergonhado.

N'este ultimo meio seculo popularisou-se a tal ponto em França o gosto pelos monumentos publicos, que o *Abécédaire ou Rudiment d'Archéologie* do sr. De Caumont passou a ser doutrina scientifica dos seminarios e collegios de educação para ambos os sexos. Ensina-se ahi á mocidade estudiosa o que são e o que valem os monumentos; e o ditado do nosso immortal Camões «que quem não sabe a arte não a estima,» tornara-se assim um aphorismo universal.

As obras do sr. De Caumont, constituindo uma preciosa bibliotheca,[2] hão de em todos os tempos encaminhar e instruir os verdadeiros obreiros d'esta cruzada. Para todos os assumptos correlativos alli ha lição proficua, insinuada por um estilo fluente, por uma linguagem que captiva, por um methodo de exposição que tudo esclarece.

O *Abécédaire,* já citado, chegou ultimamente ás maiores proporções, dividindo em tres substanciosos volumes, o estudo da era gallo-romana, da architectura religiosa, e da architectura civil e militar.

A *Feuille des routes de Caen à Cherbourg,* a *Statistique monumentale de l'arrondissement du Royaume,* a *Statistique monumentale du Calvados,* em cinco volumes, e a *Statistique routière de la basse Normandie,* são obras que todo o archeologo hade necessariamente aproveitar, assim como não póde deixar de recorrer frequentes vezes ao *Bulletin monumental,* que já hoje conta 39 volumes,[3] o qual o sr. De Caumont, seu fundador, quando ao mesmo tempo criou a *sociedade fran-*

[1] Quando Mr. Guisot foi ministro do reino, recommendou aos Perfeitos a conservação dos monumentos nacionaes, e para os proteger organisou um serviço desempenhado por *inspectores de antiguidades,* tendo um chefe de intelligencia superior para dirigir os seus encargos, o qual foi o sabio archeologo Mr. Vitet.

(J. da S.)

[1] Como se nota n'este energio appêlo que Mr. De Caumont dirigiu aos seus collegas: «Não obstante os esforços de todos os homens illustrados que presam as bellas-artes, o vandalismo continua a exercer as suas destruições, e de todos os lados consterna o espectaculo das ruinas que ferem a nossa vista. Com o intuito de *conservar os nossos monumentos* nacionaes, o governo vem de formar uma commissão composta de pessoas competentes para vigiar, em proveito da architectura, a sua conservação.

Todavia, não se deve dissimular, que na época actual exige a reunião de todos os esforços individuaes para reagir contra o vandalismo; não basta sómente estarem alguns homens influentes encarregados de proteger sobre o seu esclarecido patriotismo os nossos antigos edificios, é tambem urgente que a população illustrada de todo o reino se opponha ás destruições que desolam as nossas provincias.»

[2] Dâmos aqui em resumo o numero d'essas obras, e o titulo das differentes materias com que este infatigavel sabio dotou o mundo:

Sciencias naturaes e agricolas	18
Historia	60
Noticias necreologicas	48
Publicações periodicas	9

[3] Este eminente archeologo no fim do anno de 1872, vencido pelos seus graves padecimentos, renuncia a com pezar não poder continuar a dirigir esta publicação e forçose foi despedir-se dos seus numerosos leitores, fazendo-o n'estes termos: «Quando eu dei em 1868 a minha demissão de Director da Associação Normonda e aquella dos congressos das sociedades dos sabios em Paris, em 1870, eu sentia já diminuirem-se as minhas forças. Agora, é preciso me demittir de tudo Haveria cobardia em conservar obrigações que não se podem por mais tempo preencher regularmente.»

Mr. De Robillard De Beaurepaire no opusculo que deu á luz

ceza de archeologia, quiz que lhe sobrevivesse, deixando um legado, cujo rendimento deve empregar-se na sua publicação; e esta sociedade, que tanto lhe deve, de tal arte se propoz honrar o seu instituidor, que deliberou, em sua memoria, mandar cunhar uma medalha para premiar os auctores dos mais importantes descobrimentos e dos trabalhos archeologicos mais eminentes.

Felizmente, um publico testemunho de gratidão vai dar-se em breve tempo á memoria d'este sabio, erigindo-se na terra do seu nascimento uma estatua,[1] cujo marmore foi afferecido pelo governo francez, e para a qual só nos consta que concorresse em Portugal o nosso distincto architecto e presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.[2] Em Caen já o museu da sociedade archeologica possue o busto do sr. De Caumont, e no museu de Lisboa foi inaugurado o seu retrato na sala das sessões, o qual é reproduzido agora no nosso Boletim.

Não é, finalmente, em tão curto espaço que podéramos relatar os serviços que a archeologia européa ficou devendo ao sabio mestre dos archeologos. Muito fica por dizer. Estas breves palavras significam apenas um preito de homenagem dedicado á memoria de um grande homem que se dignou honrar a nossa associação, inscrevendo n'ella o seu nome.

com o titulo — *Mr. De Caumont sa vie el ses œuvres* — a pag. 44, julga com bastante fundamento a mortificação que esta vasta intelligencia teria, vendo-se impossiblitado de não lhe dar o aturado exercicio que tanto deleitava a sua util existencia; fazendo este juizo:

«Desde muito tempo, soudava na morte a hora do seu descanço. Assistir na vida como mero espectador, era para esta organisação superabundante o supplicio mais atroz, o soffrimento o mais penoso.

(J. da S.)

[1] Em data de 23 de Junho de 1873 nos respondia o director actual da sociedade franceza d'archeologia Mr. De Cougny por este modo:— «J'ai communiqué votre bonne et bienveillante lettre, au conseil administratif de notre Société, lors du congrès que nous venons de tenir à Chateauroux. Tous mes collegues m'ont chargé de vous exprimer leur reconnaissance pour vos offres généreuses, et pour les sentiments élévés qui les ont dictés.[1]

Pour le moment nous avons décidé qu'une médaille à *l'effigie de Mr. De Caumont,* serait donnée chaque année à l'auteur du meilleur ouvrage archéologique.»

Em 14 de fevereiro de 1874 (oito mezes depois da nossa proposta,) a Sociedade de Argricultura, Sciencias e Artes de Bayeux, decidiu erigir a Mr. De Caumont, uma estatua na cidade da sua naturalidade.

(J. da S.)

[2] No 7.º n.º do vol. 40 do Boletim monumental da sociedade franceza d'archeologia, a pag. 684, publicou Mr. De Cougny, o seguinte:

«En m'envoyant sa généreuse souscription pour le monument de Mr. De Caumont, M. J. da S. me dit qu'il est persuadé qu'un grand nombre d'archéologues étrangers voudront, comme lui, concourir à l'érection de ce monument, et payer ainsi une dete de reconnaissance à la mémoire du savant illustre qui a tant fait pour le progrès de la science et pour la conservation des monuments antiques.» *Mr. De Caumont,* ajoute M. J. da Silva, *n'appartinait pas seulement à la France, mais encore à toute l'Europe civilisée.*»

(J. da S.)

1 Havendo nós proposto então ao Conselho de se executar um monumento á memoria de Mr. De Caumont, erigindo-se-lhe uma estatua.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(Continuado da n.º 6 pag. 92)

Capella-Mór

Tumulo d'El-Rei D. Affonso IV. Por cima d'este tumulo estão as armas reaes, e por *empresa,* no remate, uma aguia com este mote:

Altiora peto; com o epitaphio seguinte:

«*Alphonsus Nomine Quartus, Ordine septimus Portugaliæ Rex, obiit XXVIII Maii MCCCLVII.*

Priori Tumulo terræmotu everso. Huc translatus MDCCLXXXI.

No Tumulo da Rainha D. Beatriz, tem sobrepostas as armas reaes de Portugal e Castella, por timbre uma phenix, e o epitaphio:

Beatrix Portugaliæ Regina, Alphonsi Quarti Uxor, Obiit dieXXV. Octobris Anno MCCCL. Priori Tumulo terræmoto everso Huc translata MDCCLXXXI.»

Estes dois tumulos, antes do terremoto de 1755, estavam após um do outro, e n'elles se lia unicamente:

«*Alphonsus Nomine Quartus Ordine septimus Portugaliæ Rex.*»

Beatrix Portugaliæ Regina, Alphonsi Quarto Uxor.»

Cobria estes tumulos, a figura de um anjo com a trombeta, *unico despojo,* que D. Affonso IV acceitara da Batalha do Salado, com os versos seguintes:

Hæc tuba, quam Mauris Alphonsus Nomine Quartus.
Abstulit, ut Fama primus in Orbe foret; Dum resonat Regem, par tumque a Rege triumphum.
Attamen Alphonsum surgere voce jubet.

Na mesma Capella-Mór

«N'esta sepultura está o corpo de Dom Jorge de Almeida, Arcebispo d'esta cidade, Inquisidor geral n'estes reinos, e Commendatario perpetuo do mosteiro de Alcobaça: falleceu de idade de LIIIL annos, a XX dias de Março de MDLXXXV.»

N'esta sepultura está enterrado o corpo de Dom Affonso Furtado de Mendonça que foi Deam d'esta Sé, Reytor da Universidade de Coimbra, conselheiro do conselho do Estado de Madrid, Presidente da Meza da

Consciencia e Ordens, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Arcebispo de Lisboa, e Governador d'estes Reinos.

Falleceu aos III dias do mez de Junho de MDCXXX, de idade de setenta años.

N'esta sepultura foi enterrado o corpo de Dom Fernando, filho de Dom Affonso 1.º

Conde de Penella. Foy Arcebispo d'esta cidade e capellam mór d'el-Rei Dom Manoel e del-Rey Dom João seu filho, del-Rei Dom Sebastião nosso senhor. Faleceu de 80 e 3 annos e meio, aos VII de Janeiro de MDLXIIII.

Aqui jás o R.do D. Martinho da Costa Arcebispo que foi de Lisboa, o primeiro d'este nome, o qual vindo de Saboia, onde havia deixado a Infante faleceu em Gibraltar, e foi transladado por Christovão da Costa

Thesoureiro Mór desta Sé, seu sobrinho. Era MDLVIII.

E faleceu em Novembro de MDXXI

«*D. Matheus Ullixb, Episcopus Hée jacet, qui Regnante Alphonso III á Mauris Alcacerem Salis eripuit an. MCCLV.*»

«*Jacet in domine reverendus Jus Christo Pater Dominus Fernandus Episcopus Ulyabonensis.*»

Capella de Nossa Senhora da Piedade da terra solta.

Na campa da sepultura do Arcebispo:

D. Luiz de Souza, só houve por epitaphio;

como elle ordenara:

«*Sub Tuum Presidium.*»

Na capella de S. Sebastião n'um pequeno tumulo em pedra se lê:

Aqui jaz D. João 1.º
Arcebispo de Lisboa
pasou a 3 de Maio
da Era 1440.

Antes da reforma d'esta capella pelo conego Pedro Lourenço de Tavora, estava o tumulo d'este Arcebispo, D. João Annes, sobre 4 grandes leões de pedra, e tinha o seguinte epitaphio:

«*Aqui jáz D. João 1.º Arcebispo de Lisboa, Passou a III de Março. Era de MCCCCXL Governou esta Igreja XVIII annos e dez mez sendo summo pontifice.*

Urbano VI e Bonifacio IX. Rey de Portugal Dom João o 1.º de Boa Memoria.»

Na Capella do Santissimo

«*Aqui jaz o Reverendo o senhor Bispo Padre e senhor D. õ Pedro Arcebispo que foi desta cidade, neto de D. o Anrique Rey de Castella, cuja alma traga. O qual se finou a XII de Agosto de MCCCCLII annos.*»

Junto ao Guarda avento, em campa raza:

D. Miguel de Castro,

Arcebispo que foi de Lisboa, se mandou enterrar n'este logar. Pede-lhe lancem agua benta, e lhe rezem hum P. N. e uma Ave Maria.

Falleceu no 1.º de Junho de 1625.

Junto da parte travessa do lado occidental:

D. Rodrigo da Cunha,
Pay da Patria,
Collega do Collegio Real,
Doutor nos sagrados Canones
Escritor insigne,
Inquisidor,

Bispo de Portugal, e do Porto Arcebispo Primaz e de Lisboa, Cardeal Nomeado;

(Que não acceitou por libertar a Patria)

Governador do Reino,
Conselheiro do Estado.
Faleceu em 3 de Janeiro de 1643.
Da idade 65 annos.
Trasladou-se Anno 1702 por D. Pedro Alvaro da Cunha.
Trinchante Mór de Sua Magestade.
Pede-se um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Primeira sepultura raza ao entrar na Igreja.

«*Aqui foi enterrado Antonio de Barros Prôto. Notiario Primeiro Cubiculario Apostolico, Arcipreste de Braga, Conigo que foi d'esta See, Familiar que foi do Papa Clemente 2.º Camarario do Papa Paulo 3.º*

Viveu 60 annos. Faleceu a 5 de Agosto de 1551 annos.»

«*Jáz aqui tambem Pedro Rodrigues Barros Barros, Conigo que foi d'esta See, seu sobrinho.*

Morreu de 54 annos a 10 de Março de 1361 annos.»

«*Paulo Penosa de Barros, Chantre, e Conigo que foi d'esta See, seu sobrinho se mandou tão tambem aqui enterar.*

Faleceu de 56 annos. 10 mezes, e 12 dias aos 10 de Agosto de 1321 annos.»

Na Capella de S. Bartholomeu, a primeira ao lado esquerdo da entrada da igreja n'um grande tumulo de pedra, no mesmo, em lettra oucial:

Aqui jáz Bartholomeu Joanes. Cidadão que foi de Lisboa. Passou aos XXX dias de Novembro. Era MCCCLXII.

Na Capella do S.mo

«*Esta sepultura hé de Felipe Jacome.*

Pagem que foi do Arcebispo Dõ Miguel do

Castro, que sem nascimento, lettras nem virtudes é conego n'esta mesma See e Tisareino mór d'ella. E não contente com isto, quer depois de morte estar ombro por outro cõ. hu Arcebispo neto de dois Reis. E o Arcebispo seu senhor mandou-se enterrar á porta da mesma See, e ahi está.»

No Cruseiro junto á Capella-Mór

«Aqui jaz Diogo de Govea, Doutor em Sacra Theologia, Reytor que foi da universidade de Paris, e Conego d'esta See. Alcançou e serviu cinco Reys de Portugal, e com 4 de França tratou, e negociou para bem d'esta Coroa e Reino. Faleceu a VIII de Dezembro de MDLVII.»

«Aqui jaz Bartholomeu da Costa, Thesoureiro e Conego que foi n'esta See por espaço de XX annos, V mezes e VII dias, Varão insigne em virtude, raro em desprezo de si e do mundo, e caridade com os pobres.
Em sua morte foi d'este povo aclamado por Santo.
F. a 27 de Março 1608 da idade de 55 anos.»

Junto á capella de S. Aleixo:

«O Doctor de Moncaou pide de lismsua un Pater noster.
F. a XX de Março MDLXXV. (O D.or Francisco Moncaou.) (Natural de Madrid, Cathedratico de Prima na Universidade. Lisboa e de Coimbra, Capellão e Pregador dos Reis de D. João 3.º e D. Sebastião, e Conego Magistral d'esta Sé:)

No meio da Sachristia

«Aqui jáz o corpo
do D.or Panteleão
Roiz. Pacheco que
foi Conego d'esta
S.ta Sé de Lisboa. Fa-
leceu aos trint
a dias do mez de
Dezembro de 1667

Capella de S. Miguel, em uma pedra mettida na parede, com letra allemã majuscula:

Aqui jaz P.º V.e clerigo de mui nobre senhor.
Infanta Dona Branca filha do mui nobre Rey
Dõ Alfoso e senhora das Olgas o qual P.º V.e foi Mestre Escola do Porto e Conigo de Lisboa que mandou fazer st° capella ao serviço de Deos e da virgem S.a Maria
e a oura da S.ta Cruz a qual capella e cabido da See ademanter para
sempre quatro capellãs que cantem na dita capella e pela alma da dita Infanta e de Dona Beatriz Alfoso Novaes e por P.º V.e
Estas quatro misas au de seer a hũa
do dia com commemoração de S.sa Maria e as tres
misas de requem as duas
com commemoraçon da cruz e ao sabado
misa d S.ta Maria cãtado e que roga a Deus
em estas misas por el-Rei de Portugal e pela Rainha e seus filhos
e un a fazer trez aniversarios por sua alma o primeiro o dia que foi soterado XXX dias de Dezembro e o outro dia de S.ta maria de Agosto e ou outro tres dias de Novembro e au de mantes a capella de vestimentas e de azeite.
e das cousas que
houver mister. E para cumprir todas estas cousas leixou ao cabidoo a quantiãa Mapapã
que e en Torres vedras como mais compridamente e contendo no compromiso que o Cabidoo tem
P.º V.e passou dia de S. Nicolaao VX dias de Dezembro. Era MCCCXLVI. XX.»

(Anno de Christo *1308)* cada duas linhas d'esta copia fazem uma na pedra, 10 linhas.

Na capella-mór em gothico

Aqui jaz o mui Souza
do; barou damele... cano
niqo: d'esta see:...
Era M: IIII:=(A. C) 1362.

A entrada da porta da aula:

«Hie jacet Rodericus Galeni Presbiter
optimo viro hujus Ecclesie Portionarius.
Era MCCCLI.»

Na capella de S. Sebastião

Jás o Conego Antonio Tavares de Tavora, que tem por epitaphio uma Bulla que o declara sem culpa.

Capella de S. Cosme e Damião, n'um tumulo, em lettra gothica.

«Aqui jás Pero Esteves de Veer Escrivão do conde D. Martins Gil,
e morreu seis dias andados de Março
Era de mil duzentes e quarenta e sete.»

«Santo Alx.º
Esta sepultura he de
Ines Eanes: sobrinha de Veete Roiz
Valbo.»

«Aqui jaz
«Conde D. Pedro
«filho d'el-Rei D. Diniz.

No angulo do cunhal do lado direito a quem vai da Igreja para a Charola.

Esta sepultura é de Manoel Freire criado de Borba e caval.[re] *da casa d'el-Rey andou muito tempo em Africa na guerra dos mouros e se viu em muitas cousas e por ser serviço de D.*[s] *veio morrer n'estas capelas d'el-Rey do A.*[o] *na Sée de Lisboa Era 1523.*»

«*No cunhal do lado opposto.*
V.[e] *Añes: T.*[am] *e:*
Vasalo: del
Rei.»

Na charola, junto da capella de St.[o] Aleixo, n'uma pequena pedra mettida na parede, em muito má lettra oucial, se lê.

«*Aqui: jaz: P:*[r] *Mrs: da: Alfama: que: foi: Almoxarife: de: Lisboa: e: passou: V: dias: andadas. d': Junho: E. M: CCC: LI: annos: e: mandou: Jãs: dous: cruseiros: da: erança: dante: si: por: sa: alma: cuja: alma: jasco: cõ: Os: ameu.*»

Nas costas da capella S S.[mo], começo da charola em campa raza:

«*Aqui jaz Lopo Fernando Pacheco, senhor de Ferreira Mordomo Mór, do infante D. Pedro, Chanceller da Rainha D. Beatriz. Foi feitura d'El-Rei D. Affonso IV a quem acompanhou em a batalha que teve com o Rey de Granada, e este passou a el-Rei D. Affonso de Castella, quando o Rei Poelamorin estava sabre Tarifa em a erp de MCCCLXXVIII.*

Ao qual Lopo Fernandes Pacheco, em Avinhão com grande honra lhe foi dada pelo Papa Benedicto uma rosa de ouro.

E foi cazado com D. Brazelia Sanches da Villa Lobos, e está enterrado n'este sepulcro, em XXII de Dezembro da era de MCDCLXXXVI.» (Anno de Cristo *1348.*)

(Continua)

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÕES

Areia

Depende a duração das edificações mui principalmente da boa escolha dos materiaes n'ellas empregados, e sobretudo nas obras de alvenaria, da qualidade superior das argamassas, sendo necessario para lhes dar maior ou menor consistencia a excellencia da areia, que devendo ser como *triturada* com a cal, e não mal envolvida conforme o costume moderno, lhe augmenta a força cohesiva, e é do que depende a maxima duração que nos mostram ainda hoje as mais antigas construcções.

Já Vitruvio no Cap. IV do livro II — *De arenâ et ejus generibus,* — trata da areia e das suas especies, e aconselha o cuidado que se deve ter na escolha das suas variedades, e a preferencia que se lhe dará para determinadas obras.

Os mais habeis architectos da renascença, tanto os italianos como os francezes, confirmaram a opinião do celebre architecto romano, concordando todos, que a areia extraida *das recentes excavações das barreiras,* é que compõe a melhor argamassa.

Existem tantas qualidades quantas são as especies que ha de pedras; havendo areia vitrosas, quartosas, calcarias e argilosas; sem incluir a areia metallicas das quaes não nos devemos occupar n'este caso.

Distingue-se tambem a areia pelos logares d'onde se extrahe, pois ha areia de barreira, do rio e do mar: bem como pelas suas côres, havendo areia brancas, vermelhas, amarellas, escuras, negras e esverdinhadas.

Nas construcções executadas em Lisboa tem-se dado a preferencia á areia da barreira da Real Propriedade do Alfeite, como na verdade é a melhor de todas que ha n'estas immediações; todavia os constructores estavam na persuasão que n'aquelle sitio havia sómente duas qualidades de areia, a *amarella* e a *vermelha.* Foi precizo entrar para o almoxarifado do Alfeite um homem illustrado pelos seus conhecimentos, e zeloso pelo cumprimento dos seus deveres, para obter não só grande desenvolvimento na agricultura e augmentar os rendimentos d'aquella fazenda; assim como desejoso de enriquecer mais a collecção dos materiaes da capital (com a sua laboriosa e reflectida solicitude) descobrindo doze differentes qualidades de areia reunidas n'aquella propriedade, o que deverá surprehender a todos, pois que nós mesmos architectos ignoravamos a existencia ali de tantas variedades d'um material tão necessario e procurado para serem vantajosamente applicadas nas obras d'esta populosa cidade: portanto os nossos confrades verão pela copia do officio que o Illmo Sr. Almoxarife José Augusto de Souza, pessoa bastante conhecida no mundo illustrado pelos seus trabalhos scientificos, remetteu á Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, acompanhado de uma collecção de doze differentes amostras de areia e um mappa explicativo. O Conselho Facultativo na sua reunião de 5 de Agosto deliberou fosse isto publicado no nosso Boletim, afim dos architectos ficarem informados a respeito de tão importante objecto, assim como se fazer publico o nome de cavalheiro tão merecedor pelo relevante serviço que prestou aos constructores civis e aos proprietarios proporcionando-lhes o meio mais seguro e efficaz de se evitarem os inconvenientes causados pela antiga rotina de se fornecerem

das *estancias,* e dando-lhes conhecimento de outras qualidades de areia, havendo-as tão proximo da cidade, e todas tão uteis para se executarem esmeradas e solidas construcções.

Illmo e Exmo Sr. — Parecendo-me do interesse da Real Associação dos architectos civis portuguezes possuir uma collecção de todas as qualidades de areia que a barreira d'esta Real Propriedade do Alfeite possue, em circumstancias de com a maior facilidade ser transportada em grandes quantidades para Lisboa, e que tambem pela sua variedade pode ter applicações diversas, tenho a honra de apresentar a V. a mencionada collecção que ainda poderá servir para nas construcções importantes se aferir a que é fornecida pelo commercio, que, como se sabe, fica irresponsavel pelas consequencias resultantes da areia salgada com a da barreira que só e exclusivamente se deve adoptar na construcção de predios — A V. não preciso lembrar o que seria de uma casa destinada a uma bibliotheca, a uma collecção de objectos de physica e ainda a levar do futuro os frescos de uma sala que o genio de um artista eximio tivesse a phantasia de decorar. — Emfim V. melhor do que eu, conhece a conveniencia que ha no emprego da areia da barreira sem mistura nas construcções urbanas. — Acompanham os doze specimens de areia que remetto um indice de qualidades e sua applicação. — Deus guarde a V. Almoxarifado do Alfeite, 13 de Julho de 1875 = Illmo e Exmo Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis Portuguezes — O Almoxarife — José Antonio de Sousa.

Qualidades de areia da barreira das Reaes Propriedades do Alfeite e seu emprego

Numeros	Qualidades	Designação	Applicações
1	1.ª	**Areia encarnada.**	Esta areia é a mais solida para o emprego dos estuques, mas não se tem empregado por carecer de aguadas para a branquecer.
2	2.ª		
3	1.ª	**Areia de estuque.**	A 1.ª menos pura no estuque das frentes; para trabalhos exteriores — a 2.ª para os esboços de estuques interiores, para substituir a areia do Rio Secco; é mais escura e tem tanta ou mais consistencia.
5	1.ª	**Areia russa.....**	A 1.ª é argilosa branca: empregada pela Companhia das Aguas nas obras hydraulicas — a 2.ª é argilosa amarella — a mais conveniente nas boas obras.
7	1.ª	**Areia vermelha...**	*(traçada)* Emprega-se nos muros, nos fundamentos, tambem em paredes interiores para fugir ao emprego de maior quantidade de cal.
8	1.ª	**Areia branca.....**	*(traçada)* Serve só ou com pouca areia vermelha para trabalhos: diz-se que esta areia cria menos herva porque tem menos argila ferruginosa, mas carece do emprego de mais cal.
12	1.ª	**Areia da praia...**	Quartzosa grosseira, muito privada da materia argilosa pela lavagem: emprega-se nas obras de caes, ou em obras hydraulicas nas quaes a areia que é incrustada d'argila não prende com o cimento.

Ficam pois expostas estas amostras de areia no museu do Carmo, na 5.ª capella do lado do sul, onde estão as amostras dos outros materiaes do reino; afim de serem examinadas pelas pessoas a quem convier.

J. da S.

ALGUNS PASSOS N'UM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

I

A maior parte dos auctores que escreveram das origens de Coimbra disputaram entre Hercules e Ataces a gloria da sua fundação. Os partidarios do primeiro allegavam a torre do castello, construcção que já no seculo XVI effectivamente chamavam *Torre de Hercules.*[1] Houve até quem lesse na lapide commemorativa: — *Herculea manu fundata.* Mas a inscripção não contem taes palavras; muito pelo contrario diz ter sido a torre construida por ordem d'el rei D. Sancho I.[2] Aquelles que se inclinavam á parte de Ataces argumentavam com a relação de Fr. Bernardo de Brito, e com as duas cartas comprovativas que elle dizia guardadas no archivo de Alcobaça. Eis aqui em poucas palavras a historia da fundação de Coimbra, segundo o chronista de Cister:

«Pelos annos de 409 da nossa era, Ataces, rei dos Alanos, tomou a Hermenerico, rei dos Suevos, a cidade de Conimbriga que destruiu e arrasou na forma que ainda hoje mostram as ruinas existentes no logar de Condeixa a Velha; e veiu á margem direita do Mondego, em duas leguas de distancia, fundar uma nova cidade, á qual poz o mesmo nome d'aquella que destruira. Sabendo isto Hermenerico, aproxima-se com um exercito, e offerece batalha ao seu inimigo Ataces, que o derrota e põe em fuga e persegue até ás margens do Douro. Hermenerico implora a paz do vencedor e offerece em troca sua filha Cindazunda. Ataces aceita a proposta, casa com Cindazunda, e n'este casamento se firma a reconciliação dos dois contendores. Tal foi a origem do brazão de Coimbra.»

Ficou em tradição a historia, repetida pelos escriptores, ainda depois de ter affirmado o auctor do Elucidario (verb. *Cruz,* pag. 329)[2] que as cartas allegadas por Brito haviam sido escriptas pela mão que forjara o celebre *Juramento d'el-rei D. Affonso Henriques,* e o fragmento do concilio bracarense, denominado *anteprimeiro.* Por outra parte Fr. Joaquim de Santo Agostinho demonstrou, pelo exame que fez dos manuscriptos, a sua falsidade.[3]

Pedro de Mariz nos *Dialogos de varia historia* attribue claramente á invenção de Fr. Bernardo de Brito a historia de Ataces, Hermenerico e Cindazunda. Gaspar Barreiros, que escreveu antecedentemente, mencionando na *Chorographia* a opinião vulgar da mudança do sitio de Condeixa a Velha para a margem do Mondego, parece não ter essa opinião em grande conta, e não profere uma só palavra com relação aos personagens de Brito. Sá de Miranda, Gil Vicente, Ignacio de Moraes, Miguel Leitão d'Andrade,[1] poetas que fingiram de Coimbra origens fabulosas, e que escreveram tambem antes do monge cisterciense, não alludem, nem de longe, ao que este conta na sua *Monarchia Lusitana.*

Pelo contrario poetas e prosadores que escreveram depois, Vasco Mousinho de Quebedo, D. José Barbosa, J. C. da M. e B. de Alvim Pinto,[2] Antonio Carvalho da Costa, Antonio Coelho Gascão, Bernardo de Brito Botelho,[3] etc., parece comprazerem-se em repetir a invenção de Fr. Bernardo de Brito.

Admittida commummente a fundação de Coimbra por Ataces, não é para estranhar que tantos escriptores se refusassem a acreditar que no sitio d'esta cidade houvesse outr'ora uma povoação romana. Ainda modernamente o sr. Hubner, se bem que se inclina a crer que a actual Coimbra fosse a antiga Eminio, não pôde explicar a origem das lapides romanas, que encontrou no pateo da Universidade, senão suppondo que teriam sido descobertas nas ruinas de Condeixa a Velha! Ora todas estas lapides romanas foram desenterradas em Coimbra. As tres seguintes appareceram em 1773 junto ao alicerce do terreiro do antigo castello de Coimbra:

CHRYSIS SIBI

POSVIT

. . . . . .

VXORI. ET. MODES

F. MATRI. F. C.

S. T. T. L.

[1] *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo municipal de Coimbra,* pag 166.

[2] Veja-se a licção de J. P. Ribeito no tom. I das *Dissert. Chronologicas* do sr. J. C. Ayres de Campos no tom. X do *Instituto,* pag. 216.

[3] *Memorias de litteratura portugueza,* tom. V.

[1] Obras tom. I *Fabula do Mondego.* Obras tom. II *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra. Conimbricæ Encomium,* 1553. *Miscellania.*

[2] *Affonso Africano,* cant. III. *Archiathenum Lusitanum. Joanneida,* cant. III

[3] *Corographia Portugueza* tom, II pag. 6. *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra,* pag 42. *Historia breve de Coimbra.*

D. M. S.

AVRELIO. RVFINO
ANN. XVII.
AVRELIUS. MVSAEVS
FILIO PIISSIMO. F. C.

A segunda está mutilada; falta-lhe a primeira linha. No mesmo sitio appareceu ainda um pequeno fragmento de outra lapide com os restos de uma inscripção. No anno seguinte de 1774 appareceram tambem, juncto do castello, nas ruinas da Couraça de Lisboa dois cippos com estes letreiros:

CAESAR. DIVI.
... VG. PRON. AVG.
... ONT. MAX. TRIB.
... T. III. COS. DESIG.
P. P.
M. IIII.

D. M. S.
C. IVLI
MATERNI
ANN. LXIIII.
BOVIA. MA
TERNA. ET
IVLIA. MA
XIMA. PATRI
PIISSIMO
F. C.
CVRANT. . .
IVLIO DEXT
TRO LIBER
TO OBMERI
TA PATRONI

As tres primeiras d'estas lapides são sepulchraes, e não conteem nada notavel, excepto a segunda em cuja parte superior se vê uma cavidade oblonga, cuja tampa falta com a primeira linha da inscripção, que n'ella estava. A penultima é um marco milliario mutilado. A sua inscripção é similhante á d'est'outro marco milliario, tambem mutilado, que appareceu na Mealhada:

... SAR DIVI
... RON AVG
... MAX TRIB
... COS DESI...
P. P.
XII

A inscripção deveria dizer: — *Caesar, Divi Avgvsti Pronepos Avgvstvs, Pontifex Maximus, Tribvnitia Potestate tertivm, Consvl Designatvs, Pater Patriae. Millia Qatar.* E no marco da Mealhada: — *Millia Dvodecim.* Em ambos ha uma falta importante qual é o nome da terra d'onde se contavam quatro milhas no primeiro, e doze milhas no segundo. Estas doze milhas correspondem talvez á extensão da estrada romana comprehendida entre os sitios de Coimbra e da Mealhada. O imperador *Augusti Pronepos* é Caligula.

A ultima inscripção é sepulchral. Tem molduras e ornatos nas faces anteriores e lateraes. A parte superior é uma pedra separada do resto e tão profusamente lavrada e de tal sorte que parece pertencer á epocha da decadencia da arte, posterior aos Antoninos. Na face esquerda estão esculpidas duas *pateras* e um *gultus*, e na face lateral direita ou opposta á primeira um *codex*, um *stylus*, e um *liber*. «Todas estas esculpturas, diz o sr. J. C. Ayres de Campos, indicam que pertencera ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos Scribas esse Caio Julio Materno, a cuja memoria levantaram este monumento suas filhas Bovia Materna e Julia Maxima, e o seu liberto Julio Dextro.» [1]

Ha alguns annos appareceu na casa do fallecido medico Francisco Antonio de Mello, na rua das Fangas, outra lapide romana, cuja inscripção o sr. prior de S. Christovão me disse ter copiado. Infelizmente perderam-se tanto a lapide como a copia.

Todas as inscripções teem apparecido, por tanto, no castello e nas muralhas que cercavam a cidade, na Couraça de Lisboa e entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. A existencia das lapides na muralha ou juncto d'ella explica-se facilmente. Nos ultimos tempos da dominação romana, o receio das invasões dos barbaros obrigava, ás vezes, de subito, a defender com solidos muros as cidades ameaçadas. Em similhante conjunctura os operarios lançavam mão dos materiaes que encontravam mais perto, não poupando nem templos, nem cemiterios. Em França, em quasi todas as cidades que conservam ainda restos das muralhas galloromanas, se encontram fustes, frisos, capiteis, tumulos e outras pedras esculpidas nos seculos II e III. São sobretudo notaveis os fragmentos achados em Dijon. Em Portugal guardam-se em Evora algumas lapides sepulchraes, achadas ha poucos annos na antiga muralha que circumdava a cidade. Já em 1711 no mesmo sitio, juncto da casa e egreja da Misericordia, tinham apparecido varias pedras lavradas e uma sepulchral (inedita) com os nomes de *Sextus Julivs Mastans* e de sua mãe *Julia Mansveta*. Nas muralhas de Mertola, existem ainda, segundo ouvi, muitos marmores esculpidos da epocha romana. Algumas vezes parece terem conversado de proposito já na edade media nas portas e muralhas que então reedificavam esses fragmentos, expressivas testimunhas da civilisação que passara, havia muitos seculos. Assim aconteceu em Leiria, onde n'uma porta do castello se veem ainda embutidas algumas lapidas com inscripções romanas. Se não é impossivel, é, por tanto, pelo menos, improvavel que, em qualquer dos seculos passados, fossem a Condeixa a Velha, na distancia de duas leguas buscar lapides romanas para as collocar na muralha conimbricense ou nos seus alicerces.

[1] Veja-se o *catalogo dos objectos existentes na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra*, pelo sr. J. C. Ayres de Campos. No jornal o *Instituto* tom. XX, pag. 229.

Por outra parte, o ter havido um arco romano, juncto de uma das antigas portas de Coimbra, é prova incontestavel da existencia de uma povoação romana no logar que hoje occupa esta cidade. Para bem interpretar as poucas informações que do arco romano alguns auctores nos deixaram, importa remontar ao tempo em que escreveram, anterior á edificação do convento da Estrella, que teve seu principio no anno de 1715.

No seculo XVII, apesar das muitas casas que tinham já construido por cima da muralha, (incrustações começadas no reinado de D. Manuel) era ainda facil descobril-a com suas portas e torres, e n'alguns sitios ainda com restos da barbacã, em quasi toda a extensão da cerca da cidade. Da porta de Almedina, que hoje conserva a sua feição medieval, seguia para o sul, entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. Alem da Portagem e por cima da cadeia, hoje demolida, ficava a torre da Belcouce que os frades aproveitaram para fazer uma varanda contigua á sala principal do convento. Defendia esta torre a porta do mesmo nome, e logo adiante e acima da porta estava o arco romano, ao fundo da Couraça de Lisboa, juncto do sitio onde hoje vemos a capellinha de Santo Antonio. Tambem o arco se chamava de Santo Antonio, pela imagem que em um nicho tinha d'este Santo, a qual, depois da demolição, trasladaram para a capella proxima.[1] Coelho Gasco indica mui claramente a situação do arco romano. «Está levantado, diz, em um alto juncto ás casas do conde de Portalegre, que quem vem pela ponte logo o vê, e no fim da rua que se chama da Couraça.»[2] As casas do conde de Portategre, D. Martinho de Mascarenhas, foram completamente transformadas quando se edificou o convento. [3]

O bispo de Segovia, D. Jeronymo de Mascarenhas tambem attesta a existencia do arco: «Porém das obras antigas que hoje se vêem n'estes muros, a mais digna de admiração e que denota melhor sua muita antiguidade é a de um arco quadrangular meio desfeito, que ainda hoje permanece no logar a que chamam couraça, obra assim por antiguidade como por architectura, verdadeiramente romana, e que não tem outra similhante em toda a circumferencia do muro, nem em outra alguma parte parte da cidade. É porque logo em si mostra ser fabrica romana e é obra de tanto preço para os que entendem d'ellas, leva atraz si os olhos dos que a vêem, principalmente dos que tem algum conhecimento de architectura, como são os italianos, artifices de similhantes obras, que, segundo a tradição antiga que n'esta cidade ha, tanto que olhavam para ella, diziam estas palavras *Bel cose*, donde ainda hoje aquella porta, onde está o arco, se chama, pouco corrupto o

[1] Sr. J. C. Ayres de Campos — *Instituto*, tom. XII, pag. 120.

[2] *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*. pag, 150.

[3] Sr. J. C. Ayres de Campos — *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra*, pag. 120.

vocabulo, a porta de *Belcouce.*» Pondo de parte a etymologia, comparavel a tantas outras que attestam a frivolidade dos escriptores e a ingenuidade dos leitores, vê-se que o arco de tal sorte correspondia ou se aproximava da porta de Belcouce, que vulgarmente se dizia *estar n'ella.*

Parece ter sido quadrangular a forma do arco. Gregorio Braunio no Theatro das cidades, lib. 5 n. 4 diz o citado D. Jeronymo Mascarenhas, fallando da cidade de Coimbra, chama a este arco: *Columnæ antiquæ romanorum.* E a razão é porque, depois de destruida esta obra, ficando o arco d'ella, se sustentava sómente em duas columnas, que antigamente era quadrado, e, como tal, se sustentava em quatro columnas, e as duas que hoje permanecem (que a terceira está mettida com as obras do muro, e a quarta foi totalmente tirada para que o caminho para o rio e para a ponte ficasse mais desafogado) são fabricadas de muitas pedras quadradas tão unidas entre si, e com tão boa ordem que escassamente poderá caber uma subtil faca por entre umas e outras.[1]

D'onde se deprehende que o arco de cantaria estribar-se-hia primitivamente sobre quatro columnas. Que tinha frizos, nichos e amêas prova se como testimunho de Coelho Gasco. «É (o arco) de obra perfeitissima romana, tudo de pedraria, com suas columnas mui bem lavradas, com seus frizos; tem nichos como quem teve antigamente estatuas; remata-se com amêas; está já muito arruinado da edade; faltaram-lhe tres arcos, como se vê por suas ruinas.»[2]

Em vista do logar que o monumento occupava, acertado parecerá perguntar se com effeito seria um arco de triumpho, erguido para gloria de algum dos imperadores ou dos generaes romanos, ou se antes seria uma porta, como a de Marte em Reims ou a dos Borsari em Verona? Em favor d'esta ultima hypothese, que ninguem ainda apresentou, proporemos as razões seguintes: 1.ª Fosse qual fosse o genero do monumento, deveremos crer que não houve outro motivo para a escolha do sitio onde foi construido senão o ser a entrada principal da cidade para quem viesse da parte do sul. A forma da collina onde foi edificada a povoação que antecedeu a actual Coimbra deveu ter dado em todos os tempos uma directriz forçada ás muralhas que a defendessem, a qual corresponderia pouco mais ou menos á que ellas tinham na edade-media e os seus restos ainda hoje patentêam. Não haverá por tanto erro provavel em suppor que a porta de Belcouce fosse já em tempo dos romanos a entrada principal da cidade. 2.ª Não é crivel que, se não houvera esta razão capital, escolhessem para levantar um arco ou outro monumento de sumptuosa fabrica o meio de uma ladeira, em que, nem da parte do nascente, nem da parte do poente, nem ainda da parte do sueste se lhe poderia fazer praça por causa do grande declive da encosta. 3.ª As ameias que, diz Coelho Gasco, rematavam o arco, e que não podiam pertencer á construcção primitiva, ser-lhe-hiam accrescentadas na edade-media para defender melhor aquella passagem, um dos pontos por onde a cidade ficaria mais accessivel a quaesquer tropas sitiantes. 4.ª Finalmente a conservação do monumento até aos fins do seculo passado, em que foi demolido, explica-se muito melhor estando elle encaixado na muralha de que inteiramente desaffrontado n'um terreno em declive. Outro testimunho importante da existencia do arco romano está nas estampas que no seculo XVII appareceram da cidade de Coimbra em algumas obras estrangeiras. D'essas estampas deu curiosa noticia o sr. J. C. Ayres de Campos. «Em 1656 imprimiu Valckenier em Amsterdam, sob o titulo *Hispaniae et Lusitaniae Itinerarium,* um volume em 16 de 364 paginas, composto por Martim Zeiler, com vinte e tres gravuras das cidades e logares principaes da Peninsula. Procure-se n'esse livrinho, hoje raro, a estampa de Coimbra, marque-se n'ella a entrada da ponte e *largo da Portagem,* percorra-se o primeiro lanço da Couraça até á volta fronteira á *rua da Alegria,* alongue-se d'ahi a vista pelo segundo lanço, e será no topo d'elle, no ponto correspondente ao actual collegio da Estrella, que tres columnas se divisarão formando dois arcos, que o desenhador representou já ruinas e cobertos de vegetação.

«Se seria esse o arco romano de Gasco e Cação não o indica a estampa, nem o explica o texto, onde a descripção de Coimbra se reduz apenas a doze linhas. Essa omissão suppre-a, porém, uma outra gravura de maiores dimensões, que com muitas outras em dois volumes in-folio se publicou tambem em Amsterdam no annno de 1682. N'esta a forma do monumento e a sua classificação apparecem claras e expressas. No mesmo local da estampa do *Itinerarium* lá se conhecem distinctamente as mesmas tres columnas da ordem toscana assentes sobre os seus sóccos ou plintos, os mesmos arcos de volta circular, o mesmo aspecto de ruina e remota antiguidade de obra. Nas indicações e explicações, escriptas no fundo do quadro, dos logares e monumentos da cidade, lê-se com referencia a este em grifo intelligivel *Columnae antiquae Romanorum.*

«E as mesmas columnas, menos os dizeres, achamos tambem reproduzidas em outra estampa, copia provavelmente da precedente, no tomo 1.º da volumosa collecção, que, com o titulo *Galerie agréable du monde,* publicou em Leiden Pedro Vander.»[1]

Combinando as precedentes indicações bibliographicas com a citação que faz D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia, de Gregorio Braunio, parece que o *Theatro das cidades,* seria obra anterior, d'onde a es-

[1] *Historia da cidade de Coimbra* por D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia. (Fragmentos originaes de quinze capitulos) Codice CXII da bibliotheca publica de Evora.

[2] Op. cit.

[1] Op. cit. pag. 150.

tampa com os dizeres ou sem elles seria reproduzida nas que depois se publicaram em Amsterdam e em Leyden.

No archivo municipal de Coimbra conservam-se alguns documentos do seculo XVIII com referencia ao arco da Estrella. Prova-se por um d'elles que, por ordem da camara, foi o arco demolido em 10 de junho de 1778, e vendida a pedra a Miguel Carlos por 30$000 réis.[1]

(Continúa) A. Filippe Simões.

ARCHITECTURA

Deparamos no jornal inglez d'architectura de 30 de julho do presente anno com um discurso do nosso confrade o professor Hayter Lewis's, pronunciado na associação dos architectos britanicos, que pelas suas judiciosas considerações nos parece será agradavel aos nossos collegas ter d'elle conhecimento; extractando alguns dos seus mais importantes periodos:

Ensino que se deve dar aos estudantes de architectura

Ha alguns jovens architectos e enthusiastas, considerando-se descendentes e hereditarios do genio artistico dos Giottos, que, sem ter adquirido o tirocinio gradual da necessaria instrucção, aspiram a serem grandes artistas!

Nascidos com a sagrada flamma do amor da arte e ardentes da sua imaginação; jul-gam-se dotados n'estas condições, com os necessarios dons do talento: acreditam que o ensino, ou pelo menos, que uma educação systematica sem precisar mentor, será superior ao saber mediocre que poderiam adquirir.

Os architectos e artistas, ainda que n'um differente grau de perfeição da sua arte, nada teem a receiar de receberem os conhecimentos ensinados systematicamente e desenvolvidos nos seus diversos ramos. O unico defeito que devemos temer, é pelo contrario, que os diminutos e incompletos estudos, que os estudantes agora recebem, conforme o actual systema seguido, os habilitem unicamente para formar uma classe de copistas; sendo isto proveniente de não se lhes ministrar solidos conhecimentos para a sua profissão.

Se os nossos jovens architectos tivessem estudos das sciencias e de litteratura, o que elles ignoram presentemente, então estariam habilitados a comprehender os mysterios da arte antiga, capazes de examinarem com veneração e proveito os monumentos, em logar de gastarem a melhor parte da sua existencia em copiarem desenhos e plantas. Que gloria teria sido para a geração dos architectos modernos se todos elles tivessem obtido serem graduados nas universidades? Poderiamonos vangloriar que alguns dos nossos mais distintos artistas seriam eximios architectos como foram Leonardo Vinci, Miguel Angelo e Wrens.

Para pôr, pois, a questão sobre o seu verdadeiro ponto de vista, é preciso que o estudante architecto tome o seu logar na sociedade com eguaes regalias como as que gosam os professores de jurisprudencia, de medicina e de theologia.

O joven architecto deve presentemente sentir, sem duvida, o acanhamento que soffre quando estiver na sociedade d'aquelles cuja cathegoria social, já pela riqueza, já por sua intelligencia e conhecimentos superiores, que são exigidos como requisitos essenciaes para serem n'ella considerados, ficar inferior em posição do medico ou do jurisconsulto: será na verdade concederlhes toda a preeminencia e consideração, que deviam partilhar.

Para se evitar esse vexame deve-se exigir que frequentem nas escolas superiores os estudos das linguas, e das sciencias para o novel architecto não se expôr ao embaraço de patentear perante a sociedade a sua falta de instrucção.

. . . . . .

Quaes deverão ser, pois, as materias especiaes que o estudante tenha obrigação de aprender como supplementares aos seus conhecimentos artisticos ou conjunctamente com estes? É uma questão que, segundo nos parece, deve depender principalmente da inclinação do discipulo.

O saber e o desenhar, como condições exigidas, são dois essenciaes ramos, dos quaes se escolherá o que for mais preferivel; mas deixae ver primeiro qual convem á aptidão, conveniencia e á inclinação do discipulo. Nós dariamos de conselho que taes estudos especiaes fossem ensinados simultaneamente a pár da instrucção litteraria, de sorte que o discipulo podesse dedicar as suas faculdades áquelle estudo que mais proveitoso lhe fosse. Se o estudo experimental, como o da architectura e o das applicações praticas da mathematica á estabilidade das construcções e á força dos materiaes podesse ser ensinado logo que o estudante tivesse feito sufficiente progresso na instrucção litteraria, tanto melhor isso seria para o seu rapido desenvolvimento. Isto nos conduz á segunda divisão da nossa these. *Como deverá o joven architecto estudar.*

Está demonstrado que para se obterem uteis resultados, se poderá conseguir sómente de um bem combinado uso dos methodos demonstrativos e syntheticos de ensino, e nunca alcançados unicamente pelo resultado do ensino dogmatico.

É facto, que se ensina mais depressa por meio do preceito; e a melhor prova do seu util proveito está demonstrada pelo exercicio pratico dos estudantes e

[1] *Instituto*, tom. XII pag. 219.

nas visitas architecturaes das obras; o que será incompativel em escolas unicamente com o ensino technico.

. . . . . .

Os estudos especiaes aprendidos nas academias devem ser continuados; mas sómente com explicações dadas pelos professores, serão muito insufficientes, até mesmo para aquelles discipulos que tiveram bastantes disposições para a arte.

As prelecções que se deveriam dar nas academias publicas, ou particulares, seriam vantajosamente utilisadas, porém com a obrigação de irem examinar as fundições de ferro, e as officinas de varias especies de obras; assim como os edificios em via de construcção, mas deveram ser sempre acompanhado de prelecções especiaes dadas pelo professor. N'estas prelecções se tomaria conhecimento das qualidades dos materiaes e do trabalho de mão d'obra; se comprehenderia completamente pelas experiencias, quaes os processos e methodos praticos, sendo explicados na presença das mesmas obras; tanto para a medição como para se conhecer a força e a resistencia das partes de que se compõe um edificio.

. . . . . .

As observações do professor sobre o delinear e sobre o ensino artistico do estudante serão, estamos certos, abraçadas com attenção, quando elle empregar o seu criterio; assim como será da maior importancia o tirar *croquis* para habituar a vista, e enriquecer a imaginação.

O exercicio de fazer *croquis* architecturaes exige muito apurada correcção no contorno e na perspectiva, e o estudante deverá sempre empregar n'estes trabalhos todos os seus esforços, especialmente em observar com attenção as proporções do objecto a copiar; se deverá acostumar a fazer medições, e a figurar fielmente em determinados feitios todas as partes da construcção de qualquer edificio; tomando em devida conta as proporções d'ellas e comparando-as entre si. Taes exercicios lhe darão o habito de pensar, e lhe facilitaram grandemente na execução dos seus trabalhos.

. . . . . .

Tudo o que o estudante precisa adquirir, como supplementar ao seu ensino official, será tornar-se bem aperfeiçoado no exercicio das projecções e no traçado de perspectiva; o que poucos professores se dão ao incommodo de ensinar aos seus discipulos; e depois de adquirirem estes indispensaveis conhecimentos, se occuparão do desenho de ornato.

Este nosso plano de estudos é importante para contrabalançar a demasiada inclinação para o desenho de figura — sendo tão tentador este estudo para os mancebos que tiverem bastante habilidade para elle; — e é tambem para enriquecer as imaginações d'estes mancebos, com todos os outros recursos para a sua profissão, a fim que possam exercitar as suas faculdades, em logar de se inspirarem unicamente com a copia dos exemplos tirados das estampas: — é pois para se obter tudo isto, que o plano geral do ensino artistico precisa receber o apoio d'aquelles, que seriamente queiram, seja esta profissão alguma cousa mais do que a simples especulação de uma só idéa.

. . . . . .

Não quizeramos concluir estas considerações sem indicarmos o andamento necessario para o bom exito dos estudos architectonicos e os materias necessarias para se alcançar este util resultado; mas convem que rematemos as nossas observações dizendo simplesmente, que o ensino technico da — «Real Schulen» e da «Escola da Allemanha e da França,» são modelos que poderam servir para essa reforma.

CHRONICA

Recebemos do Instituto americano dos architectos de New-York o relatorio annual, [1] o qual consta de tres especiaes relatorios; os trabalhos do Instituto, as publicações, e o do thesoureiro; alem d'estes ha mais sete dos Capitulos dos architectos nas cidades de Philadelphia, de Chicago, Cincinnati, Boston, Baltimore, Albany e aquelle pertencente ao ensino dos noveis architectos.

O secretario da correspondencia estrangeira apresentou tambem o seu relatorio em referencia aos assumptos architectonicos com as associações dos outros paizes.

Foi lido um discurso historico do fallecido architecto Victor Baltard, membro honorario d'este Instituto.

Fizeram-se as novas eleições, tendo ficado reeleito o presidente Mr. Richard Upjohn, A. J. Bloor secretario, nossos socios correspondentes; H. A. Sims secretario da correspondencia estrangeira; thesoureiro R. G. Hatfield.

Elegeu-se o conselho, composto de quatro membros, além do presidente do Instituto; e a commissão directora do ensino composta de cinco membros.

O numero actual dos socios d'este Instituto é de 148, e membros honorarios ha 41, divididos pelas seguintes nações; americanos inglezes, 13; inglezes, 12; francezes, 8; austriacos, 2; grego, 1; suissos, 1; allemão 1; bavaro 1; portuguez, 1.

Os membros correspondentes são 42, pertencentes 40 aos Estados-Unidos; 1 á Suissa; e 1 a França.

* * *

O commendador architecto Mr. Henrique Hubert e proprietario do jornal — *La Revue Nouvelle* — enviou á nossa associação alguns numeros d'esta publicação, e uma carta na qual nos pede uma noticia completa da

[1] O formato é em 4.º com 50 pag. e impresso em duas columnas.

fundação d'esta Real Associação; devendo tambem comprehender os seus trabalhos, o numero dos seus membros, a composição actual da mesa, com os retratos do presidente e dos secretarios, os nomes de todos os seus presidentes, e as recompensas que tem conferido, etc. O conselho facultativo annuiu a este desejo, agradecendo ao nosso confrade a delicadeza da sua lembrança.

*
* *

O distincto archeologo Mr. J. De Baye descobriu nas grutas do Valle du *Petit-Morin* (Marne em França) algumas esculpturas do tempo primitivo da raça humana, achando-se em relevo toscas cabeças de passaros sobre córpos humanos; e parecendo ter querido imitar o môcho. Porem o que caracterisa sobre tudo a antiguidade d'este trabalho, é estarem flanqueadas estas esculpturas por machados (haches), um de cada lado, e mostrando como se encavavam na idade da pedra polida; assim como serem os objectos desenterrados do solo todos pertencentes a este período.

Ha uma cousa a notar, é que as figuras estão todas collocadas do lado direito da entrada das grutas, sendo estas compostas de carbonato de cal: (cretacios).

Os membros da sociedade franceza d'archeologia, que no seu 72° congresso se reuniram n'este mez em Châlon-sur-Marne, irão depois examinar esta interessante descoberta, e deve-se esperar que confirmem a a opinião do infatigavel investigador, que tantas provas já tem dado do seu amor pelas descobertas prehistoricas.

*
* *

O digno socio correspondente o sr. Doutor Augusto Cezar da Silva Matta mandou para o museu uma lapida com uma inscripção do anno de 1091, que pertenceu a um antiguissimo edificio que fôra demolido em Porto de Moz: o que indica haver já no tempo de D. Affonso VI de Castella e Leão, e pela epocha do casamento do conde D. Henrique com D. Thereza, existido povoação na Estremadura.

Veiu esta rarissima e bem conservada inscripção enriquecer a collecção epigraphica do museu dos architectos. O mesmo socio obteve que um portal gothico da egreja de S.ta Maria, que a Camara Municipal mandou arrazar para augmentar o cemiterio, fosse aproveitado para o mesmo cemiterio; tendo nós recommendado ao nosso digno correspondente, que no mesmo portal ficasse patente a noticia a que edificio havia pertencido.

Do seu zelo pelas nossas antiguidades que lhe merecem tanta attenção, devemos esperar outros assignalados serviços feitos á sciencia e ao paiz.

*
* *

O jornal inglez d'architectura n.° 1072 de 23 de julho do presente anno, na pag. 99, dá a noticia de estar exposto no museu do Carmo o sarcophago que pertenceu a el-rei D. Fernando I, gabando a perfeição e a riqueza das esculpturas; reputando-o ser um dos melhores especimens dos tumulos do seculo XIV que existem em Portugal.

*
* *

O antigo mostrador em azulejos do relogio que ha tantos annos occupava uma das janellas do sul da entrada transversal da afamada egreja dos Jeronymos em Belem, foi ultimamente demolido aos bocados e os fragmentos lançados ao monturo; dois amadores de antiguidades e das gloriosas recordações dos portuguezes, apanharam do chão uns fragmentos d'estes antigos azuleijos, e os vieram depositar no modesto museu archeologico que serve não obstante de refugio contra o vandalismo, ainda que considerado por alguns da *nossa terra* como deposito de insignificantes bagatellas.

*
* *

Nas novas excavações empreendidas no antigo *Dipyton* em Athenas se descobriu os alicerces d'um edificio antigo da época de Mithridates, e 50 medalhas de prata da mesma época; entre as quaes algumas raras e de grande valor.

*
* *

Vai-se estabelecer, por iniciativa particular, nas capitaes de França e da Belgica *uma exposição permanente de materiaes para construcções de todos os paizes*, com uma noticia explicativa e os seus respectivos preços.[1]

O aluguer por anno d'um metro quadrado de superficie será de 4$500 reis. Haverá um jury, e serão distribuidas medalhas aos expositores.

*
* *

Appareceu agora um convite nos jornaes francezes do architecto Mr. Preur, que julgamos curioso reproduzir: *São convidados os architectos e esculptores que tomaram parte no concurso internacional em 1864 promovido pelo governo portuguez, afim de se erigir um monumento á gloria de S. M. I. e R. D. Pedro IV, para que remettam os seus nomes, moradas, o numero e a epigraphe dos seus projectos, com a direcção para a rua de Lille, 25, à Paris.*

*
* *

O nosso bom amigo o cavalheiro Hooft Van Iddeking, director do museu de Numismatica de Leyde (Hollanda), mimoseou-nos com uma collecção rara de

[1] Nos n.os 2 e 10 da 1.a serie de 1865, a 1867; e no 4.° numero da 2.a serie de 1875, do Boletim d'esta associação se publicaram os mappas *das amostras dos materiaes* das provincias de Portugal, *os quaes estão expostos no museu do Carmo*, com uma noticia explicativa e os seus respectivos preços.

modelos de medalhas; algumas portuguezas que não foram publicadas na obra de Manuel Bernardes Lopes Fernandes; outras são de moedas Brasilo-Hollandezas, e são extremamente raras mesmo na Hollanda: as quaes estão expostas na vetrina B na 2.ª capella do lado do norte, no museu do Carmo.

Foi dadiva de subido valor para qualquer collecção estrangeira, e muito mais apreciavel para nós, pois que se refere á historia do nosso paiz: muitos louvores e agradecimentos damos ao distincto sabio neerlandez pelo testemunho de sua verdadeira estima e pela bizarria do seu offerecimento.

*
* *

Nas contrucções a *prova de fogo,* se empregam columnas de ferro cuado afim de sevirem de prumos em logar de vigas, evitando-se assim um elemento aos incendios; porém sobre a acção do calor, ellas perdem muito da sua resistencia; e muitas vezes cedem sobre o pezo que supportam: se repentinamente experimentarem um esfriamento produzido pelo jacto da agulheta de uma bomba, é isso sufficiente para ellas estalarem aos bocados e causar a ruina da construcção.

Para remediar a este grave inconveniente, um americano inglez Mr. George Bruce, recebeu patente de invenção em New-York, mettendo as columnas dentro de cylindros tambem de ferro cuado, com paredes delgadas, enchendo o entrevallo que separa as mesmas columnas com gesso, ou materia á conductora do calorico, e por este meio simples se obtem construcções que poderão resistir á violencia do fogo.

*
* *

O Sr. Raphael Zacharias da Costa, foi agraciado por S. M. el-rei o Senhor D. Luiz com o grau de cavalleiro da ordem de merito scientifico de S. Thiago, em testemunho publico pela sua habil execução da celebre *faca de matto.* Damos parabens a nosso consocio pela merecida mercê que recebeu do soberano; e tendo sido esta Real Associação quem lhe deu o primeiro testemunho publico pelo seu merecimento artistico, nomeando-o socio honorario; muito folgamos que elle fosse reconhecido por uma maneira tão distincta.

J. da Silva

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS

Á

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

durante o 1.º semestre do presente anno

La biographie du docteur Jacques Baart De la Faille, numismate distingué des Pays-Bas, par Mr. Hooft van Iddekinge — Leyde —

Nehalennia Attaar, onlangs te domburg ont deter, & C. Leemans Amsterdam —

Bulletino di archeologia christiana del Commendatore Giovanni Battista De Rossi, Roma, 1874.

Monnaie d'un Seigneur De Cunre, par le Directeur du Musée numismatique de Leyde, Hooft van Iddekinge.

Groninger en Ommelander Praest entiepsenningen, door Hooft van Iddekinge, Groningen.

Les gros au type du chevalier, par Hooft van Iddekinge, Leyde.

Études Numismatiques, par Hooft van Iddekinge, Bruxelles, 1874.

Afbeeldingue van Onde Bastaande Gebenwen, Bevattende Vigf Platão n.º 84 — 88, — Amsterdam, 1874, inp.

Bouwkandige Bijdragen, Vierde Staek, Plant. n.º 7-8, Amsterdam, 1874.

Mr. De Caumont, sa vie et ses œuvres, par le Conseiller Mr. E. De Robillard De Beaurepaire, Caen, 1874.

Société des architectes du Département du Nord, Bulletin n.º 5, Lille, 1874.

Maatschappij For Bevardering der Bouwkunst, Gehonden te Amsterdam in het Park, ops 27 en 28 Mei 1874.

Portugal Antigo e Moderno, Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, 4 volumes, em 4.º pelo socio sr. Augusto Soares d'Azevedo B. do Pinho Leal.

Bouwkundige Bijdragen, Een-en-Tevintigste Deel, Vierde Thuk, Amsterdam, 1874

Dicionario chorographco de Portugal pelo socio E. A. Bettencourt; Porto, 1875.

Thesouros d'Arte, por Luciano Cordeiro, Lisboa 1875.

Annales de la Société Centrale des Architectes, par M. Paul Sédille, Paris, 1875.

Bulletin de la Société archéologique du Midi de la France, Toulouse, 1875.

Viagens: Hespanha, França e Viagens: França, Baviera, Austria e Italia por Luciano Cordeiro, Lisboa, 1875.

Bulletino di Archeologia Christiana, del Commendatore Giovanni Battista De Rossi, Roma, 1875.

Proceedings of the Eighth Annual Convention of the American Institute of architects, New York, 1875.

Afbeeldingen van Crede Bertaande Gaboreven bevattende Vijf Platen 89-91, Amsterdam, 1875.

Revue Scientifique pour l'histoire de l'homme, par Mr. Casallis De Fonduce, Toulouse, 1875.

Excursion em Poitou — par Mr. F. Cougny.

1875, Lallemant frères, Typ. Lisboa.

2.ª SERIE 1875

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 8

SUMMARIO

Monographia da egreja Matriz da cidade de Lisboa, pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Sousa, pag. 113. — *Architectura — Ermida de Nossa Senhora do Amial, em Torres Vedras,* pelo socio A. E. de Freitas Cavalleiro e Sousa, pag. 115. *Archeologia — Alguns passos n'um labyrintho,* pelo socio correspondente o Dr. A. Filippe Simões, pag. 117. — *Tumulo d'el-rei D. Fernando I de Portugal,* pelo socio J. Possidonio N. da Silva, pag. 121. — *Noticia dos architectos antigos* e *modernos* de maior nomeada, pelo socio J. da Silva, pag. 122. — *Sinete da inquisição de Coimbra,* pelo socio correspondente Augusto M. Simões de Castro, pag. 125. — *Construcção* — Nova reforma applicada ás salas dos theatros, pelo architecto J. da Silva, pag. 125. — *Chronica — Visita de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia ao museu do Carmo,* pag. 126. — *Ordem de Nossa Senhora da Conceição* conferida ao insigne architecto neerlandez, Mr. Leliman, pag. 127. — *Nomeação do illustre cavalleiro Mr. Van-Iddekinge* para secretario da commissão encarregada da conservação dos monumentos e objectos pertencentes a archeologia na Hollanda, pag. 127. — *Publicação no jornal francez a respeito da fundação d'esta Real Associação,* pag. 127. — *Medalhas conferidas pelo Congresso d'Archeologia em França no presente anno,* pag. 128. — *Noticia d'uma moeda de prata portugueza,* pag. 128. — *Sepulturas da provincia de Constantina (Alger,)* pag. 128. — *Eleições para o anno de 1876, e approvação de novos socios,* pag. 128.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(Continuado do n.º 7 pag. 103)

Na Charola

«*Aqui jaz Bastião Roiz, criado da Infanta D. Maria,*

o qual foi á Africa servir el-Rei nosso senhor, e depois vindo a esta cidade — matou a sua mulher — por lhe fazer adulterio.

Pede pelo amor de Deus Nosso Senhor que lhe digam hum Pater Nostre, e huma Ave Maria pela sua alma.»

«*Debaixo jáz terra que foy de João Dalpui do conselho d'el-Rei D. Duarte e Chanceller da Casa do Civel em tempo que os letrados eraã fidalgos, como elle foy, cujas armas foraã de seus avós e as do estado e casas de seus descendentes.*»

«*Aqui jáz Pero Esteves de Veer*
Escrivão do Conde D. Martim Gil,
e morreu seis dias andados de Março
Era de mil duzentos e quarenta e sete.»

Santo Aleixo

Esta sepultura he de
Ines Eanes; sobrinho de Vecte Roiz
Valbõ.»

«*Aqui jaz o Conde D. Pedro filho del Rey D. Dinis.*

No angulo do cunhal do lado direito a quem vai da igreja para a charola.

«*Esta sepultura he de Manoel Freire criado do conde de Borba e Cavalleiro da Caza del Rey andou m.to ẽ africa na gera dos mouros e se viu en m.tas cousas e por serviço de D.s veo morer nestas capelas del Rey Dõ. A.º na Sée de Lixboa. Era 1523.*
No cunhal do lado opposto:

V.a Añes: T:em e:
Vasalo: del Rei.»

Na charola, junto da capella de S.to Aleixo, n'uma pequena pedra mettida na parede, em muito má letra oncial, se lê:

«Aqui: jas: Pe: Mrs: da: Alfama: q: foi:
Almoxarife: de: Lixboa: e: pasou:
V: dias: andados: d': Junho: E: M:
CCC: 4II: anos; e: mandou: fas:
dous: crusairos: da: erança:
dante si: por: sa: alma: cuja:
alma: jaseo: cõ: Dn: ames.»

Nas costas da capella do Santissimo, começo da charola, em campa rasa:

«Esta sepultura e todo este jasigo he de Manoel Campelo de Andrade cidadão desta cidade, e sua mulher Marianna Pereira, de que o muito Reverendo Cabido lhe fez mercê para si, e seus herdeiros e descendentes, em remuneração de ter posto aqui esta cruz, e feito as mais obras á sua custa, e se lhe passou Provisão, a. . . de Dezembro de 1630, que está no archivo do muito Reverendo Cabido, a folhas 185 de pr.º. . .»

Na capella mór, em uma pilastra que fica por baixo da tribuna real:

«Esta sepultura he de Fernão Martins Çapateiro e de Brites Eannes, e teve em ella dous filhos.»
(o mais não se lê, por estar coberto de madeira.)

O Abbade José Francisco Corrêa da Serra» nome bem conhecido na republica das letras, botanico afamado na Europa e nos Estados Unidos da America, achou n'este templo muitas inscripções, que copiou em 1780, e que o conego Cruz, encarregado da reedificação, do templo, depois do terremoto em 1776, foi metter no cimento das paredes, a ponto de as não poder cotejar de novo com a copia do mesmo Abbade. O subterraneo sobre que se levanta o edificio, foi descoberto pela occasião do terremoto de 1755, quando desabou a torre meridional, e se afirmou não lhe descobrir fim. Elle estava então intacto, e mostrava ter merecido certa consideração, qual fosse o uso a que o tivessem destinado. Constando isto aos reedificadores, não obstante, cuidaram de entulhal-o. Consta que o reitor, que então era da Sé, Placido Rodrigues Velho, fizera d'isto assento, no livro de suas memorias.

Capellas instituidas na Sé

A d'el-Rei D. Affonso IV, e da Rainha D. Brites sua mulher, chamada dos Affonsinhos — Tinha 10 capellães, e 24 merceeirias, 12 para homens, e 12 para mulheres, com obrigação de assistirem de manhã e de tarde aos officios divinos. Tinham casa para habitar. Instituiram os ditos reis esta Capella no anno de 1355.

— Capella do arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça.

— Duas capellas de missa quotidiana, pelo P.e Manoel da Silva, quartenario da Sé — outra de missa quotidiana, cuja administração está incorporada na fabrica da igreja.

— Capella do arcebispo D. Jorge d'Almeida — outra do conego Pantaleão Rodrigues Pacheco — outra de Maria Machado.

— Duas capellas de S. Sebastião, pertencentes á cadeira de Mafra.

— Capella de S. Bartholomeu, instituida por Bartholomeu Joannes, com 4 capellas, e 4 merceeiros, e um hospital.

— Capella de S. Pedro, chamada antigamente de S.to Lenho.

— Duas capellas de Nossa Senhora da Conceição, com uma merceeira.

— Capella chamada da missa de S. Vicente.

— Capella de S. Lourenço — S. Mansos — S.ta Catharina — Trindade — Salvador — S.to Estaço; e a de D. Garcia, com hospital.

Alem destas capellas, tem a Camara a administração de mais 13 antiquissimas.

Irmandades

Santissimo Sacramento — Senhora da Piedade — Calafates — S.to Aleixo — Senhor Jesus da Boa Sentença — Jesus Maria José, dos Correyros — Almas — com sete capellães.

A irmandade da Misericordia começou no claustro da Sé, na capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra solta, em 15 de Agosto de 1498, aqui permaneceu até 25 de Março de 1534, em que se transferiu para a sua igreja, cuja edificação se deve a El-Rei D. Manoel.

Confrarias

De S.ta Anna — outra tambem de Sta Anna, pertencente aos Officiaes da Casa da Moeda — S.to Amaro — Senhora, a Grande, ou de Bittancourt — S.to Antonio, dos Meninos do Côro — Salvador — S. Pedro — Nossa Senhora da Pombinha — S. Vicente dos Cosmos.

O districto, e povoação da Sé, como Parochia, nunca foi das maiores. Christovão Rodrigues d'Oliveira, no seu Summario, impresso em 1551 — o descreve pela seguinte maneira: — Continha 718 visinhos, ou 6:107 almas distribuidas pela — Rua direita da Porta da Sé — Porta de ferro — Rua do Barão Velho — Almarem velho — de sobre o muro do Almarem velho — Arco de S. Sebastião — Rua das Canastras, que antigamente se chamava do Lagar do mel — Terreiro velho — Terreiro do Trigo — Porta do mar — Rua d'Affonso d'Albuquerque, que antigamente se chamava

Rua dos Arcos — Conde de Portalegre — Praça dos Carros — Rua da da Camara — Conde de Penella — dos Conegos — Castel-picão — Tavernas.

TRAVESSAS — Forno — Arcos da Sé — Conde de Portalegre — Aljube — Leão — Arco de D. Hellena.

BECOS — D. Francisco Dias — Antonio Lopes Bulhão — Beco sem nome — Almarem — Lagar do Mel — Bartholomeu Joannes — Pedro de Abreu — Gomes d'Aragão — Bispo Governador — Domingos Lopes — Simão de Faria — Caroz.

Em 1755, segundo João Baptista de Castro, no 3.º tomo do seu Mappa de Portugal — contava esta parochia — 896 fogos, e 4 : 255 pessoas de communhão, e compunha-se das seguintes ruas: (algumas eram das antigas com diversos nomes:) — Rua do Albuquerque — Almargem — Arco da Consolação, e de S. Francisco — Rua do Barão — Calçadinha da Graça, e Quebra costas — Campo das Cebollas, — Rua das Canastras — Rua dos Conegos — Cruzes de Sé — Rua direita de S.to Antonio — Detraz de S.to Antonio — de João Fogaça — de S. João da Praça — S. Jorge — Largo do Aljube — da Basilica — das Cruzes da Sé — e do Senhor de Bellas — Meio da Ribeira — Merceeiras dos homens, e das mulheres — Parreirinha — Passadisso da Ribeira — Pateo de S.to Antonio, e da Audiencia — Portas de Ferro e do Mar. —

BECOS — Abreu — Alecrim — Aljube — Amada — — Armazens — Bogio — Grinalda — Jasmim — Leão — Mel — Merceeiras — Perola — Seixo da porta de baixo, e da porta de cima.

Em 1780, conforme o plano de divisão e translação das parochias de Lisboa, contava esta Parochia — 308 fogos, e 1720 pessoas (a tal estado a reduziu o terremoto de 1755) com a seguinte demarcação de districto: Começará na esquina das casas, que na rua da Misericordia debaixo fazem frente para a rua da Magdalena, indo para a Ribeira, por ambos os lados, até a travessa do Conde de Coculim ou Arco de Jesus; e entrando n'elle pelo lado occidental, irá procurar linha recta a antiga Igreja de S. Jorge: e d'ahi entrará por um outro lado da Rua nova de S. Mamede, até chegar á calçada do Correio, e voltando sobre o lado esquerdo, irá procurar pelo mesmo lado a rua da Padaria; até á rua da Mizericordia de cima, aonde finalisará a sua circumferencia na esquina do mesmo quarteirão de casas correspondentes á em que tinha principiado.. Pertencem-lhe tambem todas as mais ruas, travessas, e becos comprehendidos neste districto.

Era costume antigo dar nome de Villa ás povoações extramuros: o Campo de S.ta Clara, e ruas travessas chamava-se Villa Gallega: na Costa do Castello havia Villaquente: o Largo do Poço novo, e seus arredores denominava-se Villanova d'Andrada.

(Continua)

ARCHITECTURA

Memoria offerecida á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

PELO SOCIO DA MESMA ASSOCIAÇÃO

A. EUGENIO DE FREITAS CAVALLEIRO E SOUSA

I

«O homem isolado não podendo, na sua origem, subtrahir-se ao rigor das estações, nem ao ataque dos animaes ferozes que o perseguiam, concebeu a idéa da cabana, a qual, segundo a opinião de muitos auctores, foi a origem e o typo das cinco ordens de architectura.»

É assim que um distincto professor que foi da Academia das Bellas Artes de Lisboa, o fallecido Sequeira de honrada memoria, se exprime em um dos periodos com que dá começo ao seu excellente livro — *Noções de architectura civil.* E esta sua proposição não póde deixar de ser aceitavel, admittindo ser a cabana, — edificio simplicissimo — de onde nasceu a idéa que, posteriormente, produziu outras habitações, mais ou menos vastas, mais ou menos elegantes, mais ou menos sumptuosas.

Não foi, comtudo, a cabana a primitiva habitação do homem. Seguramente as cavidades naturaes deram-lhe abrigo nos tempos primitivos em que a sua intelligencia lhe não suggeriria outro pensamento mais que o da propria conservação. A cabana já nos indica e dá a certeza de uma concepção mais desenvolvida, e, quiçá, exigencia da natural necessidade de um melhor commodo.

Da gruta á cabana, á tenda, ía apenas um passo; da cabana á casa regular, e d'esta ao palacio, não iria tambem uma grande distancia; e os adornos seriam a consequencia natural das exigencias caprichosas de uma avançada civilisação, e, sem duvida, do fausto d'essas épocas durante as quaes se fizeram, e fazem taes edificios.

D'este modo vemos campear a assombrosa architectura indiana, a soberba architectura egypcia, a elegante architectura assyria, a admiravel architectura grega, a magnifica architectura romana, a symbolica architectura gothica, a maravilhosa architectura mourisca: typos cujos caracteres especiaes e privativos cederam o logar de classicas ás ordens grega e romana, pois que as outras são hoje apenas lembradas secundariamente, e por phantasia do artista, para abrilhantar suas télas.

Seria, por certo, curiosa a obra que investigasse e reproduzisse com exactidão rigorosa os monumentos que restam, reliquias preciosas d'aquellas architecturas,

por épocas chronologicas e por nações. Da confrontação d'ellas conheceria o investigador consecutivo progresso dos povos; estudar-lhes-hia os costumes; acharia, talvez, a chave enigmatica da origem de muitos dos mesmos povos, pela identidade das idéas reproduzidas em seus edificios.

D'aqui a convicção, talvez arrojada, de que o estudo da architectura se completaria pelo da archeologia; qualquer d'ellas parte integrante da outra. E porque não o será?

II

Não temos architectura propriamente nacional, posto que o nosso paiz possua preciosos monumentos architectonicos de diversas origens: romana, no aqueducto de Sertorio, em Evora; templo de Diana, na mesma cidade; gothica, na Sé-Velha, em Coimbra; mourisca, no castello de Cintra; e se temos architectura, não será outra senão a denominada manuelina, cujo padrão existe airoso e magnifico no convento dos Jeronymos em Belem.

Mas não será ella uma modificação, ou, antes, aperfeiçoamento d'ess'outra denominada ogival que tão profundas raizes lançou na Europa, e da qual são amostras admiraveis a Batalha e Santa Cruz de Coimbra, em Portugal; a cathedral de Amiens, a de Strasburgo, e a de Chartres, em França; a de São Patricio de Dublin, a de Lichfield, a de York, e a de Worcester, em Inglaterra; a Casa da Camara de Colonia, na Prussia; além de outras muitas edificações onde a architectura gothica empregou toda a elegancia de seu caprichoso e phantastico estylo, e a arte os seus primores de execução esculptural?

A analyse, posto que rapida, da feição particular de cada uma das suas partes leva-nos a crel-o, senão a affirmal-o. E se os diversos typos de architectura, ainda existentes, vem de uma origem commum, da mesma fórma que as diversas gerações humanas derivam de um unico progenitor, não devemos ter duvida em admittir que a chamada architectura manuelina advenha da gothica, assim como esta da indiana, a nosso ver progenitora commum de todas as ordens architectonicas regulares?

Pelo menos é na India que existem os mais antigos padrões da primordial civilisação.

«A architectura, diz o illustrado escriptor A. de Sarmento, só constitue uma arte verdadeiramente depois que os povos attingiram um grau elevado de civilisação, de opulencia, e de luxo. Na sua origem não se póde considerar senão como uma industria grosseira, que tem por fim fornecer ao homem um abrigo contra a intemperie das estações. Comtudo, a qualquer altura que se eleve a arte architectural n'uma nação, encontram-se sempre n'ella alguns traços caracteristicos que nos revelam o seu ponto de partida.»

Assim cremos; e não podemos admittir, com alguns, que existam tres typos primitivos de architectura, tomados como outras tantas origens d'ella, e que cada um d'elles se refira a tres estados diversos da raça humana: a tenda, ou habitação dos povos pastores; a cabana, a dos povos lavradores; a gruta, a dos povos caçadores: d'aqui o typo chinez, o grego, o indiano!

Com ser admiravel esta ordem de coisas, confundenos a maneira por que de uma supposição se poderão tirar argumentos solidos para asseverar um facto cuja unica base é simplesmente a analogia de habitos entre habitantes e habitações. E pois que nenhum dos homens competentes, que teem escripto ácerca d'esta interessante materia, nos apresenta factos evidentes que demonstrem a verdadeira origem da architectura, baseemonos em dados conhecidos, quaes são os monumentos existentes, onde melhor se descobre o fundamento para asseverar que a architectura regular, hoje, é uma serie de modificações de uma idéa primitiva unica, embora influenciada pelas circumnstancias locaes de cada nação. O simples bom senso mesmo nos induz a crer que o homem, por uma acertada combinação de idéas, é que a foi desenvolvendo, tanto ampliando-a como afeiçoando-a a seus gostos e necessidades, não se contentando já com a gruta mas com a tenda, mas com a cabana, e, afinal, nem com estas, porém, sim, com mais vastas concepções!

Tal é, conforme a nossa maneira de ver, a historia succinta da architectura relativamente ao seu começo e desenvolvimento.

III

Porque não tomará a illustrada corporação dos architectos civis e archeologos portuguezes uma iniciativa que bastante honra lhe daria, procurando colleccionar os desenhos, e, por ventura, as plantas dos edificios notaveis de todas as nações, onde se encontrassem typos especiaes, modelos, de cada um dos estylos architectonicos, que não faltam por ahi?

Sobejam capacidades para isso; o que lhes faltará é o auxilio moral e pecuniario do governo, ponto de apoio onde, nova alavanca de Archimedes, removeria um mundo de recordações e bases preciosas para a historia geral da civilisação; dados, tambem, para um estudo regular e methodico da architectura, tanto considerada em commum, como em especial; cremol-o!

Ampliar-se-hia; aperfeiçoar-se-hia; nasceria d'aqui, naturalmente, uma nova fórma e estylo.

A comparação, a analyse, produzem sempre d'estes phenomenos que se dão na vida activa da sociedade.

«Quer se consulte a natureza, quer se examinem os monumentos, diz acertadamente Durand, é certo que o fim principal da architectura não foi sómente agradar, nem a decoração o seu unico objecto. A utilidade publica e particular, a conservação e a prosperidade dos individuos e das sociedades, taes são, em summa, as funcções primordiaes d'esta nobilissima arte.»

Pois assim como a tenda, a cabana, foram os rudimentos d'ella, não daria a analyse comparada das suas producções uma idéa aperfeiçoada para a composição de outras!

Cremol-o ainda!

E cremos tanto ser este o fim da architectura, como cremos o de terem em vista os architectos, primeiro que tudo, tirar dos edificios que construem o maior numero de vantagens; repetimos, dispondo-os do modo mais conveniente para os usos a que são destinados, embellezando-os adequadamente.

É essa a sua principal missão!

IV

Estas breves reflexões vieram-nos a proposito tentando, de algum modo, suscitar o empenho de todos para um fim de tão grande alcance, qual é, como já indicámos, colleccionar os desenhos de todos os monumentos architectonicos ainda existentes, e mesmo as plantas respectivas, por individuos experimentados em taes trabalhos, e por meio de operações locaes.

O muito digno presidente da Real Associação em cujo gremio temos a apreciabilissima honra de possuir um logar, tentando, segundo nos consta, realisar tão excellente pensamento, mais uma vez demonstrou para quanto valia; e quão grande é o interesse que toma por tudo quanto pertence á sua nobre arte, e que a sua elevada intelligencia se preoccupa seriamente de tudo quanto lhe diz respeito, e se torna util.

Depois, a architectura e a archeologia reunidas em um só amplexo hão de produzir beneficos resultados; hão de alargar a área já, todavia, vastissima dos conhecimentos especiaes de uma arte que tantos homens celebres ennobreceram, tirando d'ella todo o partido para a concepção de suas admiraveis obras, as quaes estão hoje promovendo a geral admiração, e os louvores dos entendidos.

Gloria lhes seja por tanto!

Ponhamos todos, os olhos n'aquelle exemplo vivo de dedicação e amor á arte; de zelo pelo credito da classe, já tão abundante em nomes illustres, entre os quaes se contam Affonso Domingues, Matheus Fernandes, Bramanto, Miguel Angelo, Vinhola, Durand, Vitruvio, e tantos outros, cuja enumeração seria assás longa para esta pequena memoria; artistas, aos quaes a posteridade fez, e fará, completa justiça!

V

Um dia, ha tempo, observando detidamente a ermida de Nossa Senhora do Amial, em Torres Vedras, com um interesse que até então não tomáramos por não lhe havermos prestado verdadeira attenção, notámos alguma coisa que nos suggeria profundas reflexões relativamente á sua remota origem.

É sabido que da sua primitiva edificação não ha memoria, pelo menos, conhecida. É apenas averiguado, ter ella servido, em épocas muito affastadas, de parochia d'aquelle districto, á falta de outra, abrangendo, em sua área parochial, os povos de Torres Vedras, Mafra, e Lourinhã; sendo tal a sua antiguidade que é mesmo anterior á das outras egrejas matrizes da villa, e villas circumvisinhas.

O facto que nos despertou a attenção foi a fachada d'aquella ermida ser do gosto toscano, em quanto que o resto do edificio é construido no gosto moderno; isto é, onde a singeleza das fórmas denuncía a completa ausencia de uma idéa artistica.

A ordem toscana é, como se sabe, de immediata origem romana. Os romanos habitaram, por largos annos, em Torres Vedras. A idéa que nos assaltou, pois, embora mui vagamente, foi a de ser a origem da mesma ermida algum templo romano.

Este facto nada tinha de admiravel, nem seria o unico.

O atrio, que comprehende esta singular parte do edificio e por cima do qual fica o côro, faz lembrar os antecorpos dos templos romanos e gregos, aos quaes este se assemelha; o restante, como já dissemos, é simples. Porque não imaginaremos que uma posterior reedificação aproveitaria aquella preciosa reliquia, desprezando o mais por inaproveitavel?

Mas isto não passa de supposição, ainda assim.

Não ha uma data, um nome, que nos assegure o nosso juizo. Ha apenas analogia das formas; analogia, porém, tão frisante, que não podemos deixar de lhe admittir subido grau de probabilidade; mesmo apesar das pequenas dimensões d'aquelle edificio não condizerem com a grandeza habitual dos romanos em suas obras, ordinariamente de vasta amplitude.

Seja como for, esta porção d'aquelle venerando todo, denota trabalho, ou, pelo menos, gosto romano; que outra coisa não é o toscano; e, quer elle tenha origem n'aquelle povo, quer não passe de servil imitação, chama seguramente a attenção do curioso observador, por não ser vulgar aquelle estylo em edificações portuguezas.

Á falta de provas em contrario, inclinamo-nos a crer na origem romana do templo em questão.

Exponho os factos, outros mais competentes decidirão um pleito em que muito póde interessar a arte.

Alemquer, Junho de 1875.

ALGUNS PASSOS N'UM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

(Continuado do n.º 7, pag. 109.)

II

Demonstrada a existencia anterior de uma povoação romana no mesmo logar que hoje occupa a cidade de Coimbra, resta-nos indagar que nome teria. E, como

houve uma cidade chamada Conimbriga, a similhança entre aquelle e este ultimo nome poderia fazer suppor ter sido essa a povoação existente na margem direita do rio Munda. Importa pois demonstrar que a cidade luso-romana, Conimbriga ou Conimbrica, foi, segundo a opinião commum, no sitio de Condeixa a Velha.

No meiado do seculo XVI já Gaspar Barreiros na sua Chorographia entendeu necessario provar, «para os que d'estas coisas não tiverem alguma experiencia, e para outros que por a similhança dos nomes se moverem a cuidar que Conimbriga é a cidade de Coimbra,» que o logar de Condeixa a Velha fôra a antiga Conimbriga dos romanos. O primeiro argumento que adduziu foi o que se infere do Itinerario de Antonino que marca 66 milhas ou 16 leguas e meia entre Santarem e Conimbriga, as quaes quadram como a distancia de 16 leguas e meia entre aquella cidade e Condeixa a Velha, e não com as dezenove leguas que faziam de Santarem a Coimbra. Por outra parte, a distancia de 81 milhas ou 20 leguas e um quarto que no mesmo Itinerario se contam de Conimbriga a Calem, correspondem melhor á distancia entre Condeixa a Velha e Gaia ou Porto do que ás dezoito leguas medidas d'aquella ultima cidade a Coimbra.

O auctor falla depois dos restos que da antiga cidade romana tinham ficado no sitio de Condeixa a Velha e transcreve uma inscripção com o nome de *Conimbriga,* a qual juntamente com outras no seu tempo estava na ponte da Atadôa. [1]

D. M.
VALERIO AVITO
VALERI MARINI
FIL. ANN. XXX,
VALERIA. FVSCILLA
MATER. FIL
CARISSIMO. ET
PIENTISSIMO.
ET OPSEQVEN
TISSIMO
P.
SCRIBI. IN TITVLO. VERSVCVLOS
VOLO QVINQVE DECENTER.
VALERIVS. HOC SCRIPSI. CO
NIMBRIGA NATVS. MORS SVBITO ERI
PVIT. VIXI TERDENOS ANNOS SINE
CRIMINE VITÆ. VIVITE VICTVRI MO
NEO. MORS OMNIBVS INSTAT.

[1] Barreiros, *Corographia,* fol. 48 a 51.

Esta inscripção é a mais importante por conter o nome da cidade; mas outras muitas, quasi todas sepulchraes, se encontram em varios livros, sendo algumas apocryphas, como as que Fr. Bernardo de Brito deu á luz na Monarchia Lusitana.

Vê-se ainda hoje nas ruinas de Condeixa a Velha todo o circuito das muralhas que defendiam a cidade; e, o que é notavel, o povo chama *Almedina* o espaço murado, posto que esta palavra devesse ser introduzida, em quanto durava a dominação dos arabes, para designar, como em Coimbra, a cêrca ou a parte defensivel da povoação. A muralha terá de circumferencia dois a tres kilometros, e está meio demolida em toda a sua extensão. Á sahida de uma das portas da cidade restam dois enormes viaductos de cantaria que, pela sua longa conservação, mostram a solidez com que foram construidos.

Segue-se tambem até Alcabideque na distancia, pouco mais ou menos, de meia legua, o aqueducto, por onde vinha conduzida a agua para a antiga Conimbriga. Junto das fontes do aqueducto e logo no principio do seu trajecto, conserva-se ainda meio demolida uma torre que serviria por certo de habitação a algum empregado ou guarda, encarregado de vigiar ou defender este sitio, ou de regular ao mesmo tempo a sahida da agua. Parece que uma abobada feita de cimento, da qual restam ainda grandes fragmentos, cobriria a agua no vasto reservatorio em que se ajuntava antes de entrar no aqueducto.

Por differentes vezes tem apparecido nas ruinas, por dentro da muralha ou fora d'ella, vestigios de uma povoação rica e florescente. Em excavações que se fizeram, ha alguns annos, para plantar uma vinha, acharam-se os restos de uma casa com pinturas a fresco.

Em 1873 descobriu-se o envasamento de um templo, todo de cantaria, ao qual de certo pertenceria o toro de uma base de columna, com um metro de diametro que já antecedentemente havia sido encontrado no mesmo logar. N'esse mesmo anno vi os restos de uma casa com columnas de marmore, das quaes restavam as bases e as partes inferiores dos fustes. Entre as bases estava ainda o chão n'alguns sitios coberto de mosaico, do qual vieram alguns fragmentos para a collecção de archeologia do Instituto. [1] Emfim a alguma distancia das ruinas acham-se restos da estrada romana, cuja direcção conviria determinar por esses vestigios.

Em vista de provas tão concludentes parece-me não haver duvida nenhuma em que: 1.° Onde hoje é Coimbra houve uma povoação romana. 2.° A antiga Conimbriga foi no sitio de Condeixa a Velha.

É agora a occasião de indagar o nome da povoação romana, cujos vestigios teem apparecido na cidade de

[1] *Instituto,* tom, XX — n.° 11, pag. 237.

Coimbra. O Itinerario de Antonino marca de Lisboa a Braga as cidades e as distancias pela forma seguinte:

Iter ab	Olisipone Bracaram Augustam	mpm	CCXLIIII
»	Ierabriga	»	XXX
»	Scalabin	»	XXXII
»	Sellium	»	XXXII
»	Eminio	»	X
»	Talabriga	»	XL
»	Langobriga	»	XVIII
»	Calem	»	XIII
»	Bracara	»	XXXV

Se houvesse certeza no sitio onde foi Talabriga, tornar-se-hia mais facil determinar a posição de Eminio. Suppõe-se que Talabriga seria em Aveiro ou junto d'esta cidade, mas faltam as provas. Entretanto, marcado o logar que a antiga Conimbriga occupava, e achados os dois marcos milliarios de que fallámos, um no sitio de Coimbra e outro no da Mealhada, ter-se-ha por certo que a estrada militar romana seguia de Conimbriga para o Norte, passando nos logares onde appareceram os marcos. Ora a cidade de Eminio a 10 mil passos ou 2 leguas e meia ao Norte de Conimbriga deveria ser, por tanto, onde hoje existe a cidade de Coimbra. Assim a racional interpretação do Itinerario de Antonino. favorece somente essa hypothese e nenhuma outra.

Ha, porem, um texto mais antigo que o Itinerario e que não concorda exactamente com elle. É a descripção que Plinio deu da Lusitania,. «*A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Pesuri, Flumen Vacca, Oppidum Talabrica, Oppidum et flumen Minium, Oppida Conimbrica, Colippo, Eburo, Britium* .....

« .... *Ab Minio quem supra diximus, C C. M. pass. (ut auctor est Varro) abest Æminius, quem alibi quidam intelligunt, et Limœam vocant oblivionis antiquis dictus multumque fabulosus. Ab Durio Tagus CC. M. p. interveniente Munda.* » [1]

Preferimos a lição das edições mais antigas, para melhor se conhecerem os erros do texto que lhe tiram toda a importancia que n'esta questão lhe teem dado. *Oppidum et flumen Minium* entre as cidades de Talabriga e de Conimbriga não pode corresponder senão á estação denominada Eminio no Itinerario de Antonino. Suppondo pois que o auctor ou os copistas erraram, escrevendo *Minium* em vez de *Eminio,* resta ainda uma difficuldade, e vem a ser dar Plinio este mesmo nome a um rio que em nenhum outro livro apparece d'esta sorte designado. Pois, se este rio fosse o Mondego, porque não lhe daria o auctor o nome de *Muliades* que lhe deu Strabão [2] ou o nome mais commum de *Munda* que elle proprio logo depois lhe applica *Interveniente Munda?* Porque designar o mesmo rio com dois nomes differentes?

[1] Plinio, *Hist, Nat,* lib, 4.
[2] Strabão, lib, 3.

Mas adverte Plinio que o rio *Minium* fica na distancia de 200 mil passos do rio *Æminius,* e que este rio *Æminius* é o que outros chamavam *Limœa* (rio Lima). Ora 200 mil passos são 50 leguas, e a distancia verdadeira do Mondego ao Lima não excederá metade ou 100 mil passos ou 25 leguas. Por tanto nas poucas linhas transcriptas encontramos os erros seguintes:

1.° *Minium* por *Eminio.*
2.° C C. M. por C. M.
3.° *Æminius* por *Minius*
4.° *Minius* e *Limœa* confundidos.

É possivel que a distancia de 200 mil passos se não deva contar entre o Mondego e o Lima, porem entre o Mondego e o Minho. Ainda assim teremos 200 mil passos em vez de 172 mil passos que é a distancia real entre aquelles dois ultimos rios, tomada entre Coimbra e Caminha. Nem se allegue a impossibilidade em que estaria o auctor de marcar as distancias, porque entre o Tejo e o Douro conta elle, como vimos, 200 mil passos que é pouco mais ou menos a distancia entre Lisboa e Porto.

Strabão, com escrever antes de Plinio, indicou os rios da Lusitania com exactidão, o que prova que os erros d'este escriptor somente procederam da falta de attenção e não da falta de elementos que o esclarecessem.

« *Notissimi autem istorum amnium deinceps á Tago sunt Muliades, subvectiones habens exiguas, et Vacua itidem: tum Durius, é longiquis fluens partibus prœter Numantiam multasque alias Celtiberorum et Vaccœorum habitationes, magnisque per eum subvehi licet scaphis ad IƆCCC usque stadia, déinde alii fluvii: ac post hos Lethes, id est Oblivionis amnis, quem alii Limœam vocant profluens é Celtiberis et Vacceis: Post hunc Bœnis, quem alii Minium nominant, fluviorum Lusitani longé maximus, ipse quoque adversus navigatur ad IƆCCC stadia....* » [1]

Por uma parte a difficuldade que encontrariam os nossos escriptores de applicar o nome de *Eminio* a um rio que Strabão chamara *Muliades* e o proprio Plinio *Munda;* por outra parte a divulgação da fabula de Ataces e Hermenerico, levaram muita gente a buscar fora do leito e das margens do Mondego o rio e a cidade de Eminio, chegando a admittir com Vasconcellos um erro de transposição das distancias no Itinerario de Antonino, para fazerem corresponder a antiga Eminio e o rio do mesmo nome á cidade e rio Agueda. De sorte que, para conservar a authenticidade de um texto evidentemente errado, foram admittir a existencia de um erro n'outro texto que, n'este ponto, nada absolutamente poderia fazer suppor alterado.

Ptolomeu, contemporaneo de Antonino, menciona os principaes rios da Lusitania pela ordem e com os nomes seguintes: « *Tagi fl. ostia... Monde fl. ostia. Vaci fl. ostia. Post quae Dorii fl. ostia.* » [2]

[1] Idem.
[2] Ptolomeu, *Europae* Tab. 2.

Concordando por tanto Strabão, Plinio e Ptolomeu em designar como principaes rios da Lusitania do Sul para o Norte, o Tejo, Mondego, Vouga e Douro, e mencionando somente Plinio o rio Eminio, em um logar tão abundante de erros de geographia com evidencia conhecidos, a boa logica está pedindo que se considere tambem erro o que se não pode fazer concordar nem com os outros geographos nem com o proprio Plinio. E assim, admittindo que o auctor se enganara, confundindo o Mondego com o Minho (o que pela situação da cidade de *Eminio* e pela similhança d'este nome com o de *Minius* mais facil seria), bem como confundiu manifestamente os dois rios *Minius* e *Limœa,* ninguem contestará por certo a necessidade de pôr de parte n'esta questão o texto pliniano. Ora, supprimido o rio Eminio, nenhuma duvida pode restar ácerca da correspondencia da antiga Eminio á actual Coimbra.

As palavras de Gaspar Barreiros mostram como anteriormente á divulgação da fabula de Ataces havia quem suppozesse que a cidade de Eminio fôra no logar da Coimbra moderna; opinião que este mesmo auctor parece prometter provar n'outra parte, promessa que não chegou a cumprir, pelo menos em livro conhecido. «A qual cidade de Conimbriga querem alguns dizer que foi depois mudada abaixo onde ora é Coimbra, retendo o seu mesmo nome, por causa do rio Mondego, de cuja navegação e outros proveitos dos rios caudalosos podia ser o povo melhor servido que em Condexa, pelo que derivam o nome de Condexa de cousa deixada, como que deixaram uma por povoar outra. Mas por serem derivações de povo não faço d'ellas muito fundamento. Porem quanto á observação do nome antigo de Coimbra, e se é a cidade de Eminium que Plinio com um rio n'esta mesma parte situa e Antonino assim mesmo duas leguas e meia de Conimbriga, de que parece se faz menção no concilio Toledano: i i j, onde está sobscripto *Posidonius Eminiensis episcopus,* não é d'este presente logar senão doutro onde o nós tractamos mais largamente.» [1]

Se bem que o auctor se não declare expressamente, o modo porque pretendeu concordar Plinio e Antonino, para referir o logar de Eminio ao da Coimbra moderna, está indicando ser esta mesma a sua opinião.

Mas como foi que se mudou o nome de *Eminio* em *Conimbrica, Colimbria* ou *Coimbra?* Tendo desapparecido o primeiro nome e a povoação a que o segundo pertenceu, o que parece mais provavel é que de duas cidades proximas, uma d'ellas, menos, outra mais importante, a primeira adoptasse o nome da segunda, depois da sua destruição. Os antigos chronicões de Idacio e outros referem a destruição de Conimbrica pelos suevos na segunda metade do seculo V. Se fosse total a destruição, todas as probabilidades seriam em favor da hypothese mencionada. Prova-se porem com varias razões que a antiga cidade de Conimbriga não desappareceu inteiramente depois de entrada, e, em parte, arrasada pelos suevos.

[1] Barreiros, loc, cit.

No anno de 1872, abrindo-se os alicerces para uma sacristia juncto da egreja de Condeixa a Velha, appareceu a seguinte inscripção que hoje se conserva na collecção do Instituto: [1]

SERENIA
NVS FAMV
LVS DI VIXIT
ANVS IIII ET
REQV INPA
CE VIII KL DE
CEMBRES E
RA DLXXVIIII

Em 24 de novembro do anno de 541 não era, por tanto, deshabitado o logar de Condeixa a Velha. Setenta annos depois da destruição que Idacio e Santo Isidoro memoravam, o recinto dos muros meio derribados abrigava ainda provavelmente uma povoação importante, que se estendia para fora da cerca e celebrava o culto christão n'algum pequeno templo, que occupava pouco mais ou menos o mesmo logar da moderna egreja, juncto da qual appareceu soterrada a lapide sepulchral de Sereniano.

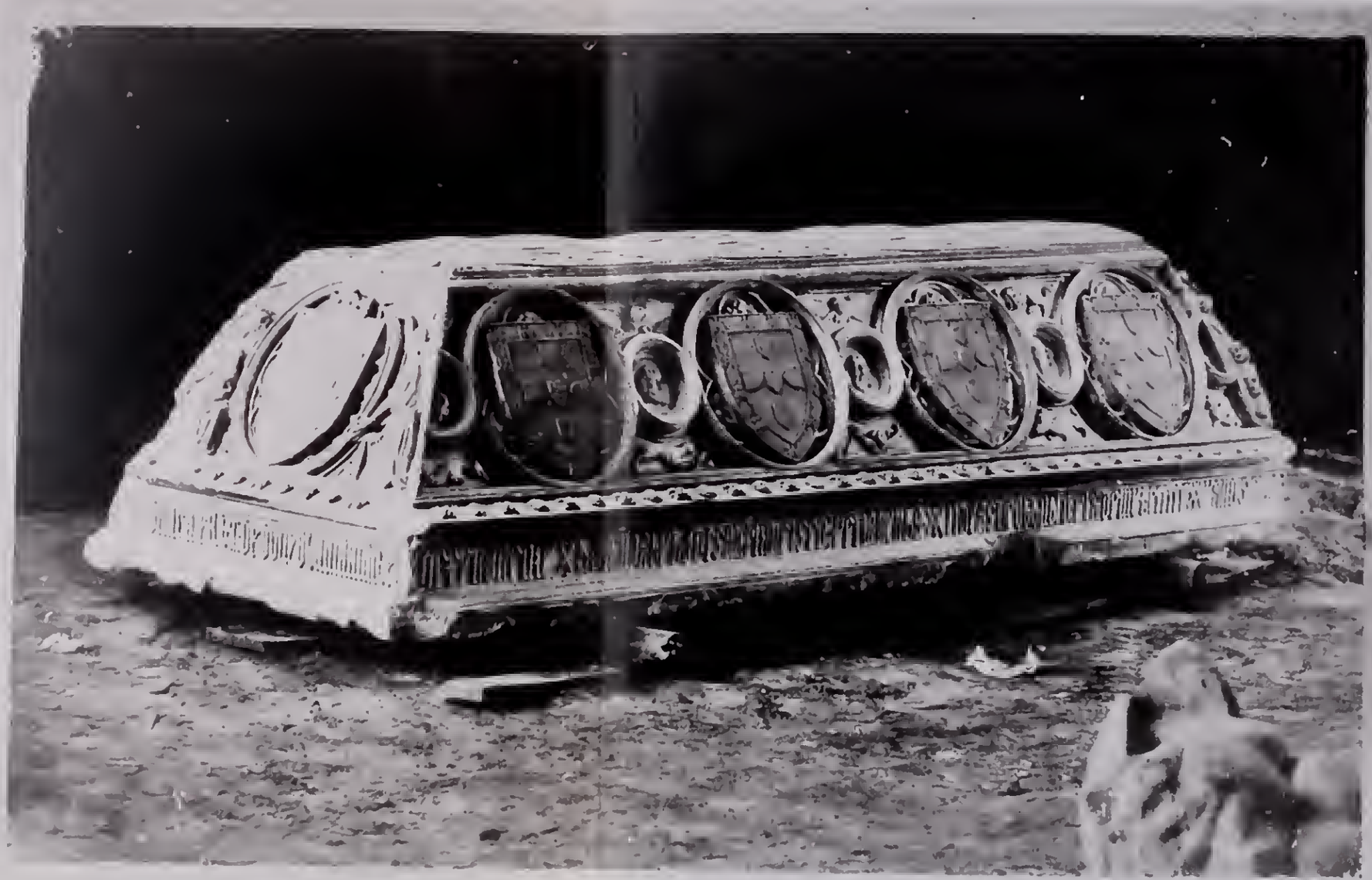
Por esse tempo era ainda Conimbriga ou Conimbrica ou Conimbria uma das dioceses da Lusitania; porque no anno de 561 assignou o 1.º concilio de Braga *Lucentius Conimbriensis.* [2] E em 569 no concilio de Lugo, pela divisão de Theodomiro, ficou pertencendo a parochia de Eminio á sé Conimbricense. « *Conimbricensis sedes teneat ipsam Conimbriam, Eminio, Selio, Bime, Insula, Astrucione, et Portugali Castrum antiquum. Sub uno VII.* » [3] Por onde se prova a coexistencia das duas povoações Conimbria e Eminio, e a maior importancia da primeira até ao anno de 569. E que isto assim continuava, mais de um seculo depois, demonstra-se com a divisão de Wamba, pela qual no anno de 675 ficou Eminio sujeita á sé de Coimbra. Emfim nos concilios 4.º, 6.º, 8.º, 13.º, 15.º e 16.º de Toledo, desde 633 até 693, e no de Merida de 666, assignam os bispos da sé conimbricense. [4]

Entre tantos concilios ha um só assignado pelo bispo de Eminio e não pelo bispo de Coimbra. É o 3.º de Toledo, no anno de 589, que subscreveu *Possidonius Eminiensis Ecclesiae Episcopus.* Assim, estando nos annos de 569 (divisão Theodomiro) e de 675 (divisão de Wamba) subordinada a parochia do Eminio á sé de Coimbra, apparece 20 annos depois do primeiro

[1] *Instituto,* tom. XX — n º 11, pag. 238.
[2] Loaisa, *Collectio Conciliorum Hispaniae,* Madrid 1593, pag. 123.
[3] Idem, pag. 137.
[4] Idem.

BOLETIM

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes



HENRIQUE NUNES Phot.

ESTAMPA 2.ª

Campa do Tumulo de El-Rei D. Fernando 1.º do XIV.º Seculo

e 86 antes do segundo, um bispo da egreja eminiense, o unico mencionado em documentos conhecidos.

O padre Antonio Pereira resolveu a duvida, suppondo que teria havido erro na designação da diocese, trocando-se o nome de cidade. Mas o padre Flores rejeita esta explicação por faltar nas subscripções do concilio a do bispo de Coimbra, devendo crêr-se por similhante razão que o logar d'este fora occupado pelo bispo de Eminio. Entendeu o auctor serem Coimbra, e Eminio cathedraes do mesmo bispo que se intitularia ora de uma, ora de outra.[1] É possivel que assim fosse, e tambem que, por motivos ignorados, a diocese fosse temporariamente transferida, pelos annos de 569, de Coimbra para Eminio. Que a importancia d'esta ultima cidade augmentara por essa mesma epocha prova-se claramente com as moedas que dentro em seus muros cunharam Reccaredo (586 a 601), Liuva II (601 a 603) e Sizebuto (612 a 621.)[2] É porem certo que não desapparecera ainda a da antiga Conimbriga, pois que em 675 lhe fica outra vez subordinada Eminio na divisão ecclesiastica de Wamba; em 700 reinava Egica, de quem, nas ruinas de Condeixa a Velha, appareceu uma moeda de ouro, hoje possuida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro.

Emfim a coexistencia das duas cidades ainda na segunda metade do seculo IX mostra-se com o Chronicon Albeldense, onde se lê de Affonso filho de Ordonho: «.... *Conimbricam, ab inimicis possessam, eremavit, et Galleis postea populavit: multaque alia castra sibi subjecit. Ejus tempore Ecclesia crevit, et Regnum ampliatur. Urbes quoque Bracarensis, Portucalensis, Aucensis, Eminiensis, Vesencis atque Lamecensis á Christianis populantur.*»[3]

É este o ultimo dos documentos em que se encontra o nome de Eminio, que desapparece depois completamente, ficando só o de Coimbra, referido já á cidade do Mondego. N'uma escriptura de Lorvão de 946 lê-se: «... *In loco mominato Urbanensi Cœnobio Suburbio Colimbriæ, discurrente rivulo Mondeco.*»[4]

Se a mudança de nome e a decadencia de uma das cidades se seguiu, como parece provavel, a um cataclysmo social, este seria de certo a conquista de Affonso III pelos annos de 878. A antiga Conimbriga não podera recuperar-se dos estragos que por esse tempo soffreria, e a mudança da sé para Eminio, perpetuaria n'esta cidade o nome d'aquella, onde antecedentemente estivera.

[1] Flores — *Espana Sagrada*, tom. XIV.

[2] Na collecção munismatica de S. M. el-rei, exposta em Paris no anno de 1867, havia um exemplar da moeda de Reccaredo. Vej. o catalogo respectivo do sr. A. C. Teixeira de Aragão. Severim de Faria no tom. 2.º das *Noticias de Portugal* menciona as duas moedas de Reccaredus e de Sizebuto, cunhadas em Eminio. Liuva II diz o sr. Aragão ter cunhado moeda em Eminio na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Lisboa 1875, tom. 1, pag. 52.

[3] *Espana Sagrada*, tom. 13.

[4] *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et chartae*, vol. I.

N'uma epocha toda de guerras e conquistas não é difficil explicar a progressiva decadencia da antiga Conimbriga e o engrandecimento constante de Eminio. Meio destruidos os muros d'aquella cidade pelos suevos no seculo V, continuariam depois a padecer novos estragos pelas conquistas tanto dos christãos, como dos mouros. O sitio da cidade sem defensão natural, excepto pela parte do riacho, que ainda hoje corre ao sul das ruinas, não dava aos seus habitantes a menor garantia de segurança. Pelo contrario a antiga Eminio, edificada no cume e nas encostas de um monte, era pela sua elevação naturalmente muito mais defensavel. Por outra parte, muito a ajudaria contra os ataques e correrias dos inimigos que viessem do lado do sul, o rio Mondego, cuja importancia como defensa natural claramente se patenteou nos seculos XI e XII, quando serviu de limite ao territorio occupado pelos christãos.

Parece, por tanto, que á antiga Conimbriga, filha da civilisação romana, faltariam as condições das cidades medievaes que em alto grau possuia Eminio, situada a duas leguas de distancia. A primeira com a vitalidade das cidades populosas, fortes e opulentas, subsistiu ainda pelo espaço de quatro seculos depois da queda da dominação dos romanos. Mas, enfraquecida e arruinada pelas frequentes e successivas conquistas, não poude subsistir por mais tempo. Do seculo IX para o seculo X a sé muda-se, provavelmente pela segunda vez, para Eminio, e os bispos continuam a intitular-se *conimbricenses*. Assim se operaria a mudança do nome, que no seculo XII as ruinas da antiga Conimbriga já não conservavam. Em mais de um documento as denominaram *antiquissimæ civitatis Condisi*.[1]

A. Filippe Simões.

TUMULO D'EL-REI D. FERNANDO I DE PORTUGAL

Estampa em photographia

Entre os numerosos sarcophagos de differentes epocas que Portugal possue, ha muitos de bella composição, de obra mais ou menos perfeita. Um dos mais ricos de lavores e de mais primorosa execução é sem duvida aquelle, que foi destinado para conservar a memoria do conde de Vianna D. Duarte de Menezes, in-

[1] *Vita S. Martini sauriensis. Monum. Hist.* — Scriptores, vol. I, pag. 60. Veja tambem a doação da egreja de Soure no anno de IIII feita pelo bispo D. Gonçalo aos seus conegos. No *Portugal Renascido* de Fr. Manuel da Rocha vem em latim barbaro um documento de Lorvão, concernente ao tempo do conde D. Sesnando, com a palavra *Condeixa*, tal qual hoje se escreve.

Guardam-se tambem na collecção do Instituto dois fragmentos d'uma cruz de pedra, lavrados no estylo usado na epocha da inscripção, isto é depois da dominação romana e anteriormente á dominação arabe. Estes fragmentos appareceram nas ruinas dentro dos muros.

felizmente hoje mettido em um cubiculo no extincto convento de S. Francisco em Santarem, obra do meado do seculo XVI e um dos poucos mausoléos que se conservam intactos das assolações dos vandalos modernos. Todavia, ha outros fabricados na edade media, dignos de se fazer menção, posto que já mutilados e alguns em total abandono. Pertencia a este numero o que se vê representado na photographia, que publicâmos. Felizmente foi salvo ainda a tempo, por nós, da total ruina, e acha-se ao presente depositado no museu do Carmo. É certamente o unico sarcophago do seculo XIV que se encontra em o nosso paiz, notavel pela sua belleza, pela excellencia da composição e primor do trabalho. Causa, sem duvida, admiração observar a variedade e graciosa distribuição de tantos bustos, escudos, figuras, molduragens e mais ornamentação; como tambem a elegante perfeição dos caracteres do epitaphio esculpido em letras em relevo, as quaes circumdam o frizo da campa, como mostra a estampa. E não se julgue, que é sómente entre os entendidos em Bellas Artes n'este reino, que este mausoléo tem sido apreciado do modo que fica referido. Assim o considera tambem um acreditado jornal artistico estrangeiro, qualificando-o como o melhor specimen d'este genero de monumentos, que d'esta epoca existem em Portugal.

É pena que apresente algumas partes já arriunadas em um dos seus lados, destruição causada pela cubiça de rapina durante a guerra com estranhos, e por occasião das nossas antigas discordias civis. Pede, porém, a verdade, que se diga, que os frades deram primeiro o exemplo, pois quando se fez a trasladação dos restos mortaes d'el-rei D. Fernando, do meio do corpo da referida egreja para o seu novo jazigo no côro em 1388, para evitar que o excessivo peso d'este tumulo não ficasse sobrecarregando a abobada, mandaram fazer uma cavidade na parede em que se abre o espelho do templo, afim de descançar uma parte sobre o grosso da mesma parede. Porém, como assim mesmo ainda não o impediu de carregar demasiadamente sobre a mencionada abobada, os frades recorreram a um expediente efficaz, mas repugnante e barbaro, mandando *cerrar as cabeças dos quatro quadrupedes* que serviam de pés ao tumulo, como se póde verificar, para que elle ficasse unido com a parede da empena do portal!...

Ultimamente serviu a mimosa campa abaulada de *cavallete para as sellas velhas dos cavallos* do regimento de cavallaria, então aquartelado no edificio do extincto convento. Além d'isso, os soldados divertiam-se em tirar os olhos e quebrar os narizes dos bustos que ornam esta obra prima de esculptura, e já em 1834 Almeida Garret lastimava não existirem dentro d'este tumulo os despojos mortaes d'el-rei D. Fernando!

Por um méro acaso salvou-se de ser mutilado o lado opposto, por ter ficado resguardado pela parede, sendo d'esta face d'onde se tirou a photographia da estampa agora publicada n'este numero.

Nota-se uma particularidade, que á primeira vista parece de difficil explicação: isto é, que, examinando os escudos d'armas que figuram nas duas faces na caixa marmorea, não representem as armas reaes portuguezas, como aquelles que occupam a face superior da campa. A razão d'isto vem a ser, que o illustre genro d'el-rei D. Fernando, o conde de Gijon e de Noronha, D. Affonso, filho bastardo d'el-rei D. Henrique II de Castella, e esposo de D. Isabel, filha natural do primeiro d'estes soberanos, foi quem mandou fazer este tumulo, muito tempo depois do obito do monarcha, e para constar quem fôra que ordenára esta obra, collocaram o seu brazão nas faces lateraes do cofre d'este tumulo.

O epitaphio é do teor seguinte, copiado fielmente conforme foi esculpido:

... MUY: NOBRE: REY: DON FERNANDO: FILHO DO MUI NOBRE: REY: DON PEDRO: E DA YNFANTE: DON:

A COSTANCA: FILHA: DE DON YOHAN MANUEL:

QE FYNOU EN LYXBOA: NO ABYTO DE SAN FRANCISCO: FERIA QYNTA: XX.

II DYAS DE OUTUBRO: ERA DE MYL: E CCC e XXY ANOS:

A delicadeza da esculptura e a perfeição d'esta obra faz suppôr ser trabalho de artista italiano, não havendo memoria do nome d'este habil esculptor para que ficasse registado nos annaes artisticos de Portugal.

O comprimento d'este sarcophago é de 3 metros.

Tem de largura $1^{m},15$; e de altura $1^{m},80$; sendo o seu peso 3:500 kilogrammas.

Architecto — J. da Silva.

Noticia dos nomes e das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações.

Francez — Abrie (Carlos) — construiu as prisões do systema pensylvaniano nos departamentos em França, 1858.

Allemão — Adam Kraft — delineou o magnifico tabernaculo de Nuremberg, XV seculo.

Inglez — Adam (Roberto) — architecto do rei Guilherme III, construiu os palacios dos duques de Northumberland, de Keddlestone, e foi auctor de publicações sobre a architectura, 1792.

Sueco — Adelcranz (Junior) — construiu o grande theatro de Stockolmo, 1796.

Romano — Adrião (imperador) — delineou o Templo de Venus em Roma, 138. de J. C.
Suisso — Aensinger — architecto da cathedral de S. Vicente em Berne.
Portuguez — Affonso Domingues — architecto do convento de Nossa Senhora da Victoria na Batalha.
Portuguez — Affonso Martins — architecto da egreja e mosteiro de Odivellas, 1310.
Grego — Agaméde — delineou o Templo de Apollo em Delphos, 1400. ant. J. C.
Grego — Agapto — Portico da Stade em Olympia.
Francez — Agnéty (Francisco) — construiu o Hôtel de Ville de Moulins, 1839.
Italiano — Agustigni de Siena — construiu o portal da cathedral de Siena, 1284.
Italiano — Aicardi (João) Terreiro do Trigo em Genova, 1625.
Polaco — Aignier — construiu o observatorio em Varsovia, 1839.
Inglez — Aikin — publicou a historia de architectura da Inglaterra, 1813.
Inglez — Aitchison — casa de banhos de Woolwich e escolas municipaes, 1870.
Francez — Alavoine (J. A.) — delineou o monumento de Julho de 1830 em Paris, 1834.
Italiano — Alberti (João Baptista) — architecto da egreja de Santa Maria Nouvella em Florença, 1447.
Hespanhol — Alcantra (Diogo) — director das obras do palacio de Aranjuez, 1587.
Inglez — Alcotti João Baptista — architecto do grande theatro de Parma, 1636.
Inglez — Aldrich (Henrique) — construiu os edificios da Praça de Pechivater em Oxford, e foi auctor, 1710.
Francez — Aldroph (Alfredo) — architecto do novo Templo Consistorial Israelita em Paris, 1869.
Italiano — Alessi (Galeazzo) — construiu o zimborio da cathedral de Peruzia, 1572.
Italiano — Alevisi — edificou varias egrejas em Moscou, 1507.
Italiano — Algardi — architecto da Villa Pamphili em Roma, 1652.
Italiano — Ambrogio Manigia — coadjuvou na construcção da cathedral de Milão, 1392.
Italiano — Angnolo (Gabriel) — architecto do palacio Gravina e egreja de S.ta Maria Egypcia em Napoles, 1510.
Italiano — Anglono de Siena — delineou a torre e palacio Senhorial de Siena, 1338.
Italiano — Ansamo di Matteos — architecto do Baptisterio de Orvieto, 1582.
Inglez — Alexander (Jorge) — a bolsa de Neuthampton, 1845.
Grego — Alexanor, — o templo de Esculapio em Titané, 1270.
Italiano — Alexandre Galiles — fachada da Basilica de S. João de Latran em Roma, 1734.
Italiano — Alfieri — architecto do theatro de Turin, 1767.
Italiano — Alghisi Galeazzo — palacio do Duque de Ferrare, 1570.
Portuguez — Almeida (Felix Vicente), — architecto da casa real, 1769.
Hespanhol — Alonzo, dirigiu tambem as obras da cathedral de Toledo e o Alcazar, 1548.
Portuguez — Alphonso Rodrigues, — architecto d'uma capella da egreja de Belem, 1517.
Portuguez — Alvares Affonso, — architecto da casa real, 1751.
Portuguez — Alvares Balthasar — do collegio de São Bento em Coimbra, 1600.
Hespanhol — Alvaro Monegro, — capella dos Reis no Escurial, 1513.
Allemão — Allemand (Guilherme) — tambem dirigiu a construcção da torre de Pisa, 1174.
Grego — Aloisius — Restaurador dos monumentos de Roma, 500.
Inglez — Allom (Thomaz) — egreja do Christo em Highbury, asylo de Cambridge, 1852.
Hespanhol — Alvarez (Anibal), — architecto da casa real e do Senado, Hospital da Princeza, 1870.
Austriaco — Aman (João) — architecto da casa imperial, do theatro de Pesth (Hongria) 1834.
Italiano — Amati (Carlos) — conclusão da fachada da cathedral de Milão, e auctor, 1834.
Italiano — Ambrogio da Tossano, — fachada da Cartuxa de Pavia, XVI seculo.
Francez — Amé (Emilio) — convento dos Trappistas de Carri-les — Tombes e auctor, 1859.
Italiano — Amedro de Castella Monte, — palacio real de Turin.
Flamengo — Amelius — cathedral da Antuerpia, 1434.
Italiano — Ammanati — palacio Ruspoli, 1592.
Italiano — Ammate (Bartholomeo) — collegio Romano em Roma, 1586.
Francez — Ancelet (Augusto) — theatro no palacio de Compiengne, 1864.
Italiano — Andrea de Cione — Loggia de Lanzi em Florença, 1355.
Francez — André (Julio) — architecto do Museu de Historia Natural em Paris, 1870.
Italiano — Andrea de Pisa — baptisterio de S. João a Pistoria, 1345.
Italiano — André Contuccio de Sansovino — o mosteiro de N. S. da Pena em Cintra, 1509.

Grego — Andronicus — torre dos Ventos em Athenas, 159 A. J. C.

Grego — Antemius — reedificou a egreja de Santa Sophia, 534.

Allemão — Anthechius de Colonia — um dos architectos da cathedral de Milão, 1359.

Grego — Antimachide — começou a edificação do novo templo de Jupiter, 560.

Grego — Antistite — egualmente tomou parte n'esta construcção.

Flamengo — Antonizoon (Antonis) — a torre de S. Salvius em Dronryp, 1544.

Italiano — Antonio Canavari — principiou o aqueducto das aguas livres de Lisboa, 1732.

Hespanhol — Antonio Dionigi — palacio de Bervieque em Madrid, 1801. Era membro do instituto de França.

Portuguez — Antonio Francisco Roza — architecto que dirigiu a obra do palacio real da Ajuda, 1829.

Italiano — Antonio Florentino — egreja de Santa Catharina em Napoles, 1570.

Francez — Antonio (Jacques Diniz) — casa da moeda em Paris, 1775.

Italiano — Antonio Paderno — dirigiu as construcções de Duomo de Milão.

Grego — Antonio Senadorramano — edificou o celebre Templo de todos os Deuzes em Epidauro antiga cidade do Peloponeseo, II seculo de J. C.

Italiano — Antonio de Sangallo — palacio Farnese em Roma, 1546.

Hespanhol — Antonio Velasques (D) — director de architectura na academia de S. Carlos no Mexico, 1700.

Portuguez — Antunes (João) — architecto da casa real, 1669.

Allemão — Appelmann — construiu a torre da cathedral de Turin, 1422.

Romano — Apollodoro de Damas — architecto do Forum e columna Trajana em Roma, II seculo de J. C.

Francez — Arassel (Jascque) — Hôtel de Ville de Paris, 1535.

Inglez — Archer (Thomaz) — edificou o palacio de Buckingham, 1743.

Grego — Archiloque — fez a reconstrução de Erechthéion em Athenas, 409.

Hespanhol — Ardemans — architecto de el-rei Filippe V, construiu o palacio e jardim de S. Ildefonso, 1726.

Grego — Argelio — Templo de Esculapio em Tralli.

Hespanhol — Argenta — architecto da cathedral de Gerona, 1340.

Allemão — Ariram — construiu o palacio imperial de Ratisbonna 811.

Allemão — Arler de Gamont — delineou o plano primitivo da cathedral de Milão, 1388.

Francez — Androuet (Baptista) — primeiro architecto Henrique III e IV; edificou uma parte do castello de S Germain-en-Leye, 1602.

Flamengo — Anequin de Egas — fachada lateral da cathedral de Toledo, 1459.

Francez — Ange (Marcel) — egreja de S. Luiz em Paris, 1584.

Inglez — Angell (Samuel), — edificio commercial Londres — Mining-Lan, 1866.

Francez — Anigis, — architecto da egreja de Aix-la-Chapelle, 804.

Belga — Annessens — fachada do Palacio dos Principes em Liège, 1798.

Italiano — Antelami (Benedetto) — architecto do Baptisterio de Parme, 1216.

Grego — Anthémius de Tralles — egreja de Santa Sophia de Constantinopla, 539.

Francez — Armand (Alfredo) — construiu o Grand Hôtel em Paris, 1862.

Hespanhol — Arnal (D. João Pedro) — edificio das Postas do reino, em Madrid 1805.

Italiano — Arnaldi — restauração do do palacio da Ragione em Vicencia, e foi auctor, 1797.

Allemão — Arnold — successor do architecto da cathedral de Colonia, 301.

Italiano — Arnolfo — de Collei, delineou o plano da cathedral de Florença, 1310.

Flamengo — Arnulphe de Binche, — edificou a egreja de N. S. de Pamele em Audenaerd, 1239.

Suisso — Aronjo (Adamo) — concluiu a cathedral de Trente, 1212.

Hespanhol — Arroyo (José de) — construiu a Casa da Moeda de Cuença, 1693.

Portuguez — Arruda (Estevão) — edificou o palacio real de Evora, 1531.

Hespanhol — Artiga (D. Francisco de) — professor de architectura na universidade de Huesca, 1711.

Hespanhol — Ascando (João) — construiu as gallerias do mosteiro real de Valladolid, 1781.

Inglez — Ashpitel (Arthur) — delineou o estabelicimento de banhos, e hospital de Ophtalmia em Inglaterra, 1866.

Inglez — Ashton (Henrique) — architecto da rainha de Inglaterra construiu o palacio real de Windsor e foi auctor, 1872.

Turco — Assar Effendi, — dirigiu a restauração da grande Mesquita do Califa Omar em Jerusalem, 1855.

Grego — Athéneo — edifiou o arco de Galliano em Roma, 260.

Francez — Aubert (João) — fez novas construcções no palacio de Chantilly, 1735.
Francez — Aubry (Claudio) — construiu grandes palacios em Paris, 1771.
Francez — Austin de Bordeuse, — delineou o monumento do mausoleo de Angra no Indostão, XVII seculo.
Francez — Auvray (Gustavo) — edificou banhos publicos na cidade de Caen, 1865.
Francez — Aviller (Carlos Augusto de) — construiu o palacio archepiscopal de Toulouse, e foi auctor, 1700.
Portuguez — Ayres de Quental — architecto da fachada do convento de Thomar, 1550.
Inglez Aytoun (Guilherme) — architecto do hospital de Edimbourg, 1950.
Hespanhol — Aznar (Athanasio) — construiu a egreja parochial de Muneberga, 1766.
Italiano Azzohini (Estevão) — delineou o edificio do real picadeiro de Belem, e o seminario de Coimbra, 1777.

(Continua)

Architecto — J. da Silva.

Devemos a fineza e agradecemos ao nosso digno socio correspondente o sr. Augusto Mendes Simões de Castro o emblema aberto em madeira, do sinete da inquisição de Coimbra, bem como a permissão de o reproduzirmos no boletim e a descripção que s. s.ª deu no n.º 12 da 1.ª serie da sua bem acceite publicação do *Panorama Photographico de Portugal.*

Sinete da Inquisição de Coimbra

A gravura junta é copia do baixo relevo que tem esculpido o sinete da inquisição de Coimbra, e representa o emblema ou brasão de que usava o tribunal do Santo Officio.[1]

O emblema inquisitorial é explicado da seguinte maneira pelo dr. Francisco Torres no *Sermão do auto celebrado em Coimbra no terreiro de S. Miguel, aos 7 de julho de 1720:*

[1] Na primeira serie do jornal d'esta Associação no n.º 5 se publicaram as plantas alçado e cortes dos carceres da inquisição, que havia em Lisboa, as quaes foram copiadas fielmente dos originaes que existem no Ministerio das Obras Publicas.

«Na espada se representa a justiça, e na oliveira se symbolisa a piedade; e como a mão direita, e não a esquerda, é a de que mais se usa, para mostrar que mais se inclina á piedade do que á justiça, tem á mão esquerda a espada, em que se representa a justiça, e á mão direita a oliveira, em que se symbolisa a piedade.»

O mesmo emblema se via ricamente bordado na bandeira ou pendão que era costume ir na frente do prestito dos *autos da fé;* da qual os curiosos poderão ver minuciosa e interessante descripção na *Historia das Santas Inquisições* por fr. Pedro Monteiro.[1]

A. M. Simões de Castro.

CONSTRUCÇÃO

Nova fórma scientifica applicada ás salas dos theatros

Em Paris projectou-se construir ha quinze annos um theatro colossal da Opera Popular, o qual podesse conter 16:000 espectadores! Esta idéa não teve seguimento, ainda que agradasse a muitos a sua realisação.

Apparece novamente este pensamento apoiado por nomes illustres nas artes, nas sciencias e nas finanças, tendo sido já apresentado um grandioso plano por Mr. A. Sax, mas com as distribuições que se costumam dar aos actuaes theatros; no qual se encontrariam eguaes incommodos e defeitos de que os frequentadores se queixam com fundada razão.

Porém, um insigne architecto Mr. Davioud, havendo apresentado um bem delineado projecto na Exposição Universal de Vienna d'Austria, para um grande theatro, foi premiado com uma medalha; apresentou á commissão organisadora esse plano ampliado de novas disposições, assentes em dados scientificos com todos os requisitos para a commodidade d'um edificio de tal ordem, onde serão executados pela primeira vez, e satisfará completamente ás exigencias do publico.

Para se conseguir um fim tão necessario, o distincto architecto delineou a planta por uma fórma inteiramente nova, dando tambem um feitio mui diverso ao interior da sala e da scena, com o intuito de alcançar o *desideratum* n'estas construcções ha tanto tempo imperiosamente requerido por todas as nações que prezam o confortavel, não desejam expor-se a morrerem asphyxiadas pelo ar viciado, ou ser condemnadas a soffrer em uma temperatura tropical, como acontece áquellas pessoas que frequentam os nossos theatros modernos.

O problema era assás difficil, e para resolvel-o se exigiria grande talento, bastantes conhecimentos scientificos, uma imaginação dotada de idéas luminosas, e

[1] No museu d'archeologia do Carmo está o cordão e borlas de torçal carmezim a que estava suspenso o lustre da sala principal da referida inquisição; assim como a peça central de vidro do mesmo lustre.

J. da S.

possuir-se um extraordinario arrojo; mas o estudo profundo da questão, por um artista tão consummado, e já tão distincto por outros importantes trabalhos de Mr. Davioud, lhe davam jus a emprehender maiores aperfeiçoamentos na sua arte, e mais elevada gloria ao seu nome, assim como fama para a sua nobre profissão.

A difficuldade não consistia tanto nas extraordinarias dimensões da sala, pois actualmente com o emprego de construcções de ferro se podem cobrir grandiosas superficies, se fôr necessario; porém, o vencer a difficuldade para que a acústica seja perfeita; gozar-se de todos os lados da sala a vista da scena sem constrangimento; haver uma temperatura regular, e o calor das luzes e a sua combustão não alterar essa temperatura, nem o ar respiravel, eram essas favoraveis condições, que, até ao presente, haviam ficado irrealisaveis: felizmente a nova forma scientifica applicada ao edificio projectado virá demonstrar a possibilidade de se obter essa tão suspirada realisação, que o seculo presente legará ao mundo.

Geralmente ao nosso entendimento custa a comprehender, que uma nova e grande idéa se possa conceber e executar sem ser preciso meios extraordinarios e complicados processos para se effectuar. Muitos exemplos temos, em que as mais incriveis descobertas e inventos teem sido obtidos por simples combinações, e alguns mesmos por méro acaso, quando não são devidos a insignificantes circumstancias: como, á queda d'uma maçã, ao contacto de dois metaes diversos, á expansão d'um liquido, ou á illusão optica do movimento dos objectos quando navegámos; havendo feito descobrir as leis da gravidade, o produzir um agente para decompôr os metaes, um motor energico para o applicar o nosso bello prazer, o ter demonstrado por uma maneira evidente, qual era a rotação da terra! Foi tambem, traçando duas curvas por uma simples combinação, que o habil architecto francez achou a maneira mais conveniente para nas salas dos theatros se ouvir melhor; ver-se sem constrangimento; e não se sentir incommodo algum pelo ar viciado, nem pela temperatura excessiva; havendo o architecto disposto habilmente essas linhas compostas, dando-lhes a configuração d'um oval oblongo, ficando a sua parte maior voltada para o fundo da sala, e a outra opposta mais aguda formará a boca da scena.

A platéa assenta egualmente sobre a linha curva, formada pelo contorno inferior do mesmo oval, o que facilitará aos espectadores verem toda a scena por cima das cabeças das pessoas que estiverem sentadas nos logares anteriores; foi egualmente preciso inclinar o eixo maior do oval a fim de formar com a linha de terra um angulo agudo, para se obter esse favoravel resultado. Tambem se calculou, que o comprimento d'este maior eixo devia estar na relação precisa para repercutir o som em todos os lados da sala, sem que as outras ondas sonóras podessem vir alteral-o na sua transmissão.

A ventilação será produzida com o auxilio de uma machina de vapor, e penetrará pelo proscenium, estabelecendo-se a correspondencia de ar por baixo dos estrados das cadeiras, que servem para altear a platéa; e por este modo simples se evitará a desagradavel, e até mesmo perigosa estada no theatro, pelo mau systema adoptado actualmente n'estes edificios para a sua ventilação.

A configuração da sala, em plano, é composta de curvas descriptas de 20 pontos centraes, que lhe dão a forma da boca d'uma grande busina. Será illuminada por uma serie de lustres que terão uma canalisação em separado para cada um, para se evitar a nocivamistura do resultado de combustão no ar respiravel.

No centro do tecto d'esta sala haverá uma parte espheroide que se abrirá em vinte partes, quando for necessario, a fim de penetrar a luz e o ar durante o dia, e poder-se representar com esta luz, gozando-se ao mesmo tempo da vista agradavel da atmosphera.

O exterior do edificio, de fórma cylindrica, é composto de trinta e quatro contrafortes ornados de pilastras, e apresentará egualmente novidade o seu magestoso aspecto. O custo d'esta singular construcção está orçado em cinco milhões de francos, e será a decima parte da somma despendida com o novo edificio da Grande Opera de Paris.

Veremos depois de executada esta obra se corresponde ao que se propõe remediar o architecto; mas, estamos convencidos, se por ventura não for completo o exito d'este ousado pensamento, todavia se obterá n'este theatro melhores condições do que aquellas offerecidas nos edificios construidos por outra fórma, até ao presente; e mesmo se não se verificar a sua execução, não diminue o merecimento da idéa, nem tão pouco affecta o credito do artista; antes pelo contrario, este seu projecto, por si só, lhe dá jus á maior consideração publica, tanto pelo seu distincto talento e profundo saber, como pelo arrojo da iniciativa de propôr um edificio construido fóra dos dados conhecidos na pratica para similhantes construcções.

O architecto — J. da Silva.

CHRONICA

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, acompanhada de seus Augustos Filhos, dignou-se examinar os objectos archeologicos depositados no museu do Carmo, no dia 3 do mez de Setembro. Viu detidamente as collecções de diversos generos que ha no museu, tendo tido a bondade de manifestar ao fundador e pre-

sidente d'esta Real Associação quanto estimou achar reunidas n'aquelle local tão interessantes antiguidades.

Esta subida honra que a Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes recebeu de Sua Magestade a Rainha, é um novo testemunho da Alta protecção com que esta Augusta Senhora favorece os estudos artisticos e archeologicos emprehendidos em Portugal, e muito gratos se confessam todos os socios d'esta associação de haverem merecido de Sua Magestade tão assignalada distincção.

A Augusta Rainha graciosamente concedeu ao presidente auctorisação para ser collocado o seu retrato na sala das sessões em memoria da visita de Sua Magestade ao museu, e ainda mais se dignou honrar a mesma Real Associção, offerecendo-lhe um dos seus retratos; constará portanto para o futuro, por uma maneira mais lisongeira e publica, este inesperado acontecimento, doqual os artistas e archeologos nacoinaes se ufanaram, e os seus socios se recordarão sempre com o maior reconhecimento, e jubilo.

* * *

O governo portuguez apreciou, como merecia, a recente publicação architectonica do cavalleiro Leliman, composta de 554 projectos para habitações baratas, que tinha sido premiada com o principal premio na ultima exposição que para esse fim teve logar em Paris, e da qual havia recebido um exemplar para a bibliotheca do ministerio da instrucção publica; o respectivo ministro propoz ao soberano lhe fosse conferida a ordem de Nossa Senhora da Conceição para galardoar o talento d'este habil architecto neerlandez: tendo El-Rei concedido esta Graça afim de proteger o progresso das bellas-artes, e premiar tambem o talento do insigne architecto.

Quando uma nação dá testemunhos publicos d'esta ordem a artistas estrangeiros, patenteia qual é o auge da sua civilisação e o apreço que sabe tributar ao verdadeiro merecimento; muito nos ufanamos pois de pertencer a esta nacionalidade, e de seguir uma profissão tão nobre e util: portanto receba o collega as nossas sinceras felicitações, e registaremos jubilosos nos nossos annaes esta honra obtida por um dos nossos mais insignes socios honorarios.

* * *

O nosso respeitavel socio correspondente, o illustre cavalleiro Hoop-van-Iddekinges, foi nomeado por S. M. o rei da Hollanda secretario da commissão para *a conservação dos monumentos d'arte e de historia nacional.* Na carta que nos dirigiu este nosso presado amigo, diz o seguinte: — « Nós serviremos para aconselhar o « ministro do reino em tudo que diga respeito aos mo- « numentos nacionaes. Sem nos ter consultado não se « poderá executar obra alguma, nem tão pouco conce- « der-se subsidio para nenhuma restauração; porque só « a nós compete examinar e approvar os planos e os « projectos, tanto para as restaurações como para as « novas edificações; tambem velaremos pela conserva- « ção das antiguidades, dos museus, etc., etc.

« Além d'isto, nós somos independentes; os ministros não nos podem dar a demissão contra a nossa vontade; pois os membros são nomeados directamente pelo rei, precedendo proposta da referida commissão. »

« Esta commissão está sob a presidencia d'um antigo ministro d'estado e é composta de 15 membros, de architectos, archeologos, litterarios, e amadores das bellas-artes. » Acrescentando na mesma carta esta judiciosa observação: — *Devia haver uma commissão d'esta ordem em cada paiz civilisado, como tem a França e a Belgica.* »

Foi bem acertada a escolha d'este sabio e distincto archeologo para logar tão elevado e honroso, para o qual se exigia possuir intelligencia bastante para exercel-o dignamente. Os prestantes serviços feitos ao seu paiz como director do museu de Numismastica de Leyde, as obras que tem dado á luz, o seu nobre caracter e vastos conhecimentos faziam-no credor da confiança do esclarecido soberano, que anhela pela conservação dos monumentos nacionaes, e não tolera que a ignorancia ou vandalismo possam destruil-os e desfigural-os, o que seria não sómente grave prejuizo para os estudos archeologicos, como perda valiosa para a nação.

Muito folgamos por tão grata noticia, não só por nos informar da merecida consideração conferida a tão conspicuo cavalleiro, como egualmente por nos participar a importante providencia adoptada pelo seu augusto soberano, afim de salvar do esquecimento e da destruição os monumentos das eras passadas, e obstar a construcções modernas defeituosas, as quaes deverão testemunhar aos vindouros o grau de civilisação dos povos modernos.

* * *

Foi publicada no n.º 40 na *Revue Nouvelle d'Architectura e trabalhos publicos em Paris* do mez de Setembro d'este anno, uma resumida historia da fundação da nossa associação, redigida pelo nosso confrade Mr. Preux, na qual expõe o desenvolvimento que ella tem alcançado; os trabalhos mais importantes de que se tem occupado; assim como os serviços prestados á nossa arte e ao paiz. Bom será que nos paizes mais cultos conste que Portugal se esforça por os acompanhar n'esse intuito, ainda que em escala bastante modesta, não ficando indifferente á marcha progressiva do desenvolvimento artistico e scientifico, do que dão nobre exemplo n'este seculo as nações mais adiantadas. É pois para muito agradecer ao nosso confrade estran-

geiro a sua espontanea noticia a nosso respeito, publicada em França n'aquelle jornal tão acreditado e competente para avaliar a importancia de taes serviços, e tambem em relação ás outras associações de egual natureza; bem assim que fosse aquella illustrada nação, que désse esta noticia da nossa existencia, e dos trabalhos artisticos que havemos emprehendido em Portugal.

* * *

No congresso d'este anno em Châlons, da sociedade franceza d'archeologia, foram conferidas as seguintes medalhas:—A Mr. Joseph de Baye *uma grande medalha de prata* com a effigie de Mr. De Caumont, *pela fundação do seu museu prehistorico:* a Mr. Morel, outra egual, pela publicação do seu *Album dos cemiterios de la Marne.* Duas medalhas de prata do pequeno modelo a Mrs. Augusto Nicaise, Buhot de Kersers: ao primeiro *pelas suas publicações archeologicas;* e ao segundo *pela sua estatistica monumental du Cher.* Quatro medalhas de bronze, uma ao snr. abbade Chapiteau *pelo zelo na restauração da sua igreja;* a Mr. Augusto Denis outra, *pelas suas investigações de numismatica;* outra ao architecto Mr. Pestre *pelos seus trabalhos archeologicos;* outra ao architecto Mr. Leblan, *pelos seus desenhos de architectura:* além de se votarem as verbas destinadas para as *restaurações* de tres antigas egrejas; egualmente outras para se emprehenderem *excavações* em dois tumulos antigos, e nas ruinas d'um theatro romano; tambem se votaram as quantias para as restaurações de pinturas a fresco, e das vidraças de tres outras egrejas. As recompensas a serviços d'esta ordem concedidas pelas sociedades dos paizes mais cultos muito concorrem para proteger o engrandecimento dos estudos archeologicos e artisticos, dando a devida consideração áquelles que se dedicam com zelo, e não poupam fadigas no unico intuito de augmentar esses conhecimentos no seu paiz.

* * *

Uma moeda de prata de pezo de 4,30 grammas, cunhada em Goa, tendo marca e contra-marca foi agora adquirida para o museu numismatico de Leyde (Hollanda,) da qual recebemos uma prova, e nos participa o distincto director d'aquelle museu real, que é moeda rara e pela primeira vez vista n'aquelle paiz. A tão illustre funccionario cabem muitos louvores pelos esforços que tem empregado, ha bastantes annos, para formar ama collecção das moedas portuguezas a mais rica e completa possivel. Egualmente nos participa que uma outra moeda egual a esta, *mas sem ter contra-marca,* fôra vendida em Paris no mez de setembro do presente anno, e pertencia á collecção Reynault: portanto possue o museu do Carmo mais outro exemplar raro, cunhado nas possessões portuguezas em 1640.

* * *

Na Algéria, na provincia de Constantina, perto de Tébessa, ha tumulos de forma circular com o aspecto d'um cône troncado, mas um pouco deprimido, tendo de diametro entre 4 metros e 80, e 9 metros e 60 centimetros. Alguns formam throno com dois ou tres degraus. No interior ha uma galeria de 1 metro de largura, na direcção norte-sul, que vae terminar n'uma casa rectangular d'um metro d'altura, ficando situada no centro da circumferencia.

Estes tumulos do Mestivi, no numero de mais de oitenta, estão construidos todos no mesmo alinhamento, e seguindo as ondulações da crista da montanha mais proxima da planicie de Tébessa.

Nas excavações executadas no maior, descobriu-se na profundidade de 40 centimetros, um osso representando a parte superior da cabeça d'um lagarto, ou serpente, e proximo fragmentos d'ossos humanos, sendo o mais completo uma parte do craneo e maxilla composto de bellos dentes d'um esmalte muito branco.

Suppõe-se que estas sepulturas seriam construidas pelas raças autochtonas depois da invasão dos Vandalos, os quaes teriam concorrido tambem para estas mesmas construcções.

* * *

Na sessão da Assembléa Geral de 7 de Dezembro do presente anno se fizeram as eleições dos socios para a meza do anno futuro, e ficaram reeleitos, para presidente o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva; vice-presidente o sr. conselheiro João Maria Feijó; secretario architecto o sr. Valentim José Correia; secretario archeologo o sr. Visconde de Alemquer; para thesoureiro o sr. Carlos Munró.

Igualmente ficaram reconduzidos os socios das tres secções: presidente da secção da architectura o sr. conselheiro João Maria Feijó; secretario o sr. Antonio José Gaspar, delegado o sr. José Caggiani.

Para presidente da secção d'archiologia o sr. J. Possidonio N. da Silva; secretario o sr. Ignacio de Vilhena Barboza; e delegado o sr. Ernesto da Silva.

Para presidente da secção de construcção o sr. Feleciano de Souza Correia, secretario o sr. Emiliano Bittencourt; e delegado o sr. Francisco José d'Almeida.

N'esta mesma sessão foram approvados para socios effectivos; os ex.mos srs. Duque de Loulé, Visconde de Castilho, Carlos Maria Eugenio d'Almeida, Carlos Relvas de Campos, Emilio Girandó, Consul Geral de França em Lisboa: e para socios correspondentes, no Porto o artista o sr. José Arnaldo Nogueira Molarinho; e em Paris o architecto Mr. Preux, tendo todos estes cavalleiros sido eleitos por unanimidade de votos.

J. da Silva.

1875, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

2.ª SERIE 1876

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 9

SUMMARIO

Importantissima descoberta prehistorica, pelo socio correspondente Mr. Cazallis de Fondouce, pag. 129. — *Mascara romana descoberta em Portugal*, pelo socio J. da Silva, pag. 131. — *Material para construcção*, pelo socio F. J. de Almeida, pag. 133. — *Claustro do Silencio*, pelo socio correspondente, Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 134. — *Monographia da egreja matriz da cidade de Lisboa*, (conclusão), pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Sousa, pag. 136. — *Esculptura romana, a Pedra Formoso*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 136. — *Archeologia Nacional*, pelo socio correspondente Padre Antonio Pereira Louro, pag. 139. — *Monographia da egreja de Santa Maria do Castello d'Abrantes*, pelo sr. Francisco Alves Coutinho, pag. 140. — *Noticia dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos*, pelo architecto J. da Silva, pag. 140. — *Chronica*, pelo socio J. da Silva, pag. 141. — *Sepultura romona descoberta no districto de Cocilhas*, pag. 143. — *Monumento epigraphico hebraico*, pag. 996. — *Execução do tunel submarino do canal da Mancha*, pag. 769. — *Projectos premiados para o monumento do marechal Duque da Terceira*, pag, 143. — *Lampada de bronze do museu d'archeologia de Modena*. pag. 144. — *Novo instrumento de agrimensor inventado na Allemonha*, pag. 144. — *Complela restauração da basilica de S. Diniz*, pag. 144. — *Banquele offerecido ao novo Membro do Instituto Mr. Bally*, pag. 144. — *O Real Instituto dos architectos Britannicos congratula-se com a Real Associoção dos architectos portuguezes*, pag. 144. — *Descoberta prehistorica de esqueletos humanos em França*, pag. 144. — *Condições scientificos pora a collocação dos para-raios*, pag. 144. — *Fundação da academia das Bellas-Artes no Japão*, pag. 144. — *Pintura em pergaminho*, pelo celebre Francisco de Hollanda, pag. 144.

Recente e importantissima descoberta prehistorica

O nosso muito digno socio correspondente Mr. Cazallis de Fondouce, distincto archeologo francez, descobriu ha pouco em Durfort, no departamento de Gard, um *esqueleto completo* de elephante, o mais colossal dos tres que antes se haviam descoberto na Russia e na Belgica, sendo as suas dimensões quasi dupla d'esses fosseis; além de ossos de 24 outros grandes mammiferos representando seis especies differentes, de que n'estas suas laboriosas investigações encontrou os respectivos esqueletos.

Este completo e grandioso fossil prehistorico é o primeiro achado até hoje, sendo designado pelos homens de sciencia com o nome de — *Elephas meridionalis* — vindo pois a enriquecer os estudos da epocha *pliocéne* ou *pleistocéne:* damos portanto as nossas felicitações a este infatigavel investigador e sabio archeologo por um achado de tão grande valia, assim como muito lhe agradecemos a sua grande fineza, de permittir-nos que no boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes se communique esta rara descoberta, primeiro que se publique na obra que Mr. de Fondouce dará á luz: é pois, mais uma prova que recebemos da particular estima que nos concede tão illustre sabio, o qual no ultimo congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica, em Stockholmo, recebeu uma nova distincção honorifica do soberano d'aquelle paiz, como devido apreço do seu distincto saber; porquanto os principes illustrados nunca se esquecem de animar os estudos scientificos, e darem consideração ás pessoas de reconhecido merecimento.

J. da Silva.

Les fouilles de Durfort

Le squelette de Mammouth, découvert au commencement de ce siécle sur les bords de la mer glaciale, et transporté par Adams au musée de Saint Petersbourg, est resté le seul spécimen complet d'eléphant fossile jusqu'à ces dernières années où deux squelettes du même genre, mais appartenant à des espèces un peu

différentes et un peu plus anciennes, ont pu être exposés dans les galeries du musée royal de Bruxelles et du museum municipal de Lyon. Un quatrième squelette est en ce moment en voie de restauration dans le laboratoire d'anatomie comparée du museum d'histoire naturelle de Paris et l'on pense que vers le mois d'avril prochain, il pourra figurer dans les galeries publiques de cet établissement. Il a des dimensions de beaucoup supérieures à celles des trois premiers et appartient à une espéce fossile qui a vécu à une époque plus reculée qu'aucun de ceux-ci. Il appartient en effet à l'espéce décrite par Savi au Val d'Arno en Italie, sous le nom *d'Elephas meridionalis* et mesurera environ 5 mètres au garot, tandis que les spécimens de Saint Pétersbourg, de Bruxelles et de Lyon n'ont que de $3^m,45$ à $3^m,60$ de hauteur.

Le gisement d'où proviennent ces ossements, que j'ai découvert en 1869, et exploité pour le compte du museum pendant les années 1873, 74 et 75, est situé près de Durfort, dans le departement du Gard. C'est un des plus riches que l'on connaisse. Les fouilles que j'y ai faites m'ont donné les restes de plus de 24 grands mammifères, se répartissant entre 6 espéces diffèrentes, parmi les quels se trouvent six squelettes complets appartenant à quatre de ces six genres. Ces animaux se répartissent ainsi: 6 éléphants, dont 3 entièrs; 6 hippopotames, dont 1 entier; une màchoire et une dent de Rhinoceros; 4 bœufs (aurochs), dont 1 entier; 4 cerfs, et la dépouille compléte d'un loup. Ce dernier squelette est évidemment celui de quelque rôdeur qui s'est laissé surprendre au milieu de cette faune d'herbivores, pendant qu'il savourait les reliefs d'un repas.

Les mammifères ne sont pas les seuls animaux représentés à Durfort. J'y ai trouvé un poisson, ayant environ $0^m,29$ de longueur, comparable aux meuniers ou aux barbeaux de nos riviéres actuelles et des coquilles appartenant à plusieurs espèces, les unes terrestres, les autres fluviatiles, toutes très peu différentes de celles d'à présent. Je puis citer notamment une valvée, une paludine du genre Bithynie, une petite planorbe et une anedoute.

Les végétaux sont représentés par des troncs d'arbres, des feuilles et des fruits, indiquant plusieurs genres de dicotylédones et de gymnospermes, ainsi que par des Gyrogonites au fruits de Charaignes. M. de Saporta, qui les a examinés, les attribue a des espèces peu ou point distinctes de celles que vivent actuellement: Hètre, peut être le *Fagus sylvatica;* chène, le *quescus Tozza*, fort voisin du *q. apennina;* pin du groupe du *P. Sylvestris*, déjà signalé en Angleterre dans le Forest-Red; pin du groupe du pin d'Alep, comparable aux *P. brussia* et *paroliniana*. Il y a un grand nombre de cônes de cette dernière espèce.

Des ossements de l'*Elephas meriodinalis* ont déjà été rencontrés en France jusqu'à S.t Prest, près de Chartres. Là ils sont associés avec des traces de l'existence de l'homme primitif. Celui-ci habitait donc l'Europe occidentale en même temps que la faune dont nous retrouvons les dépouilles à Durfort, mais ici nos fouilles nous ont pas permis de reconnaître si la tranquillité des rivages sur les quels vivaient les Eléphants, les Hippopotames et les Rhinocéros dont nous retrouvons les dépouilles, était déjà troublée par les chasses de ce nouveau venu qui, nu et misérable, commençait à jeter les fondements d'un empire devant lequel devaient disparaitre ou plier ces colosses de la Création.

Le gisement où se trouvent tous ces débris organiques occupe aujourd'hui un espace excessivement restreint, mais il est facile de reconnaître, que ce n'est qu'un reste d'un grand dépôt qui a été enlevé par les érosions de l'époque quarternaire. Ce dépôt s'était formé à la fin de l'époque pliocéne ou pleistocéne dans un grand lac, dans lequel vivaient des poissons et des mollusques d'eau douce. Des forêts où dominaient des pins, des chènes et des hètres, s'étendaient au tour de ce lac, s'avançant jusqu'à l'extrème limite des terres dans les parties où la côte formait falaise, tandis que dans les parties en pents douce l'espace compris entre la ligne des eaux ordinaires et celle des grosses eaux, était occupé par des prairies mérécageuses. C'est sur ces bords que vivaient les Hippopotames, que descendaient régulièrement les Elephants et les Rhinocéros, que venaient paitre des bœufs et des cerfs, et que les loups, quittant les profondeurs de la forêt, se hasardaient par fois à poursuivre leur proie.

Lors que quelqu'un de ces animaux venait à mourir, les eaux pluviales entrainaient vers le lac ses ossements que le remous ramenait dans les anes. Il arrivait aussi que, surpris par les grandes eaux à la suite de quelque orage; ou par des éboulements qui entrainaient dans le lac une partie de ses berges, terres et arbres, ou que, l'étant, imprudemment aventurés sur un terrain valent, d'autres venaient périr aux lieux mêmes où nous retrouvons aujourd'hui leurs dépouilles. Tel a été particuliérement le cas de notre premier éléphant. Son squelette acculé sur le train de derrière, agenouillé par devant contre la rive escarpée qu'il n'a pu gravir, la tête et les défenses relevées comme pour aller prendre au dessus des eaux ou de la vase une dernière respiration et puis l'asphyxie qui l'étouffe, nous raconte aujourd'hui ce drame vieux de plusieurs milliers d'années.

Peu a peu le bassin s'est comblé, ensevelissant dans ses couches successives des ossements épars et des squelettes entiers d'animaux, des troncs d'arbres et des débris de toute sorte. Puis, lorsque, pendant la dernière periode geologique, le grand travail d'erosion qui a creusé nos vallées s'est accompli, toutes ces alluvions ont été emportées à leur tour, et il n'est resté pour témoins que quelques milliers de mètres cubes dans lesquels nos fouilles recherchent vestiges de ce passé.

2ª SERIE

BOLETIM

Nº 9

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

HENRIQUE NUNES Phot.

ESTAMPA 13ª 12

Mascara descoberta na Necropole Romana em Alcacer do Sal, 1874.

Vol. I -
Pol. 131
Est 12

Nous vous proposons, avec Mr. le professeur Paul Gervais, de décrire ultérieurement dans un ouvrage spécial cet intéressant gisement et les restes fossiles qui y ont été trouvés.

P. Cazalis de Fondouce

Membre correspondant de la Société Royale des architectes et archeologues portugais.

MASCARA ROMANA

Descoberta na Necropole de Alcacer do Sal em 1874

Photographia, estampa n.º 14 [1]

Preparando-se um terreno para um calcadouro de uma eira em Alcacer do Sal, fez descobrir uma Necropole da época romana, na qual se acharam diversos objectos de barro, bronze e ferro, e egualmente uma mascara de *terra cotta* coberta de estuque colorido e em bom estado de conservação, como representa a photographia que publicamos com este numero.

Posto que fosse designada com o nome de *mascara,* todavia ella representa o retrato d'um individuo, do qual as suas cinzas estavam encerradas na maior urna que foi descoberta tambem n'esta mesma occasião e estando encostada sobre ella faz acreditar seria o retrato do finado.

Os romanos tinham o costume de mandarem tirar a mascara das pessoas fallecidas, em barro ou cera, para cobrirem o rosto do fallecido durante o tempo que os despejos mortaes ficavam expostos no vestibulo de suas casas antes de serem consumidos pelo fogo, afim de se conservarem a memoria de seus parentes, guardando essas mascaras na familia. Na Italia se tem achado algumas, mas em limitado numero; porém, cobertas de estuque e coloridas não foi nenhuma ainda descoberta, o que dá áquella achada no solo portuguez bastante merecimento pela sua raridade, assim como pela sua bella conservação.

Tendo nós dado conhecimento d'esta descoberta ao eminente archeologo italiano o commendador Monsieur J. de Rossi, respondeu-nos ser este objecto muito raro, e como elle havia communicado em uma sessão do Instituto Archeologico de Roma, que pertencia evidentemente ao mesmo fim que as mascaras de cera, estando conforme com a opinião que igualmente o illustre director da sociedade franceza de archeologia nos havia já dado, que talvez fosse a mascara com que encobriam o rosto dos defuntos, e mesmo o buraco que apparece sobre a testa, seria para segurar a mascara unida ao rosto do finado.

A representação da photographia é feita pela metade do tamanho do original; vê-se o furo que tinha na testa, porém a falta que ha na extremidade do nariz foi procedida da ignorancia de se practicarem estes trabalhos nas excavações; o que motivou ficar defeituosa esta rara antiguidade, a qual se havia conservado por tantos seculos occulta no solo portuguez com toda a belleza do colorido e sem menor alteração.

Por esta mesma occasião se tinha feito outra descoberta em Tunes, no logar occupado pela cidade antiga de Carthago, e que Mr. de Villefosse encarregado pelo ministerio da Instrucção Publica de França de uma missão archeologica n'aquelle paiz viu ahi uma mascara da qual foi tirada uma photographia por Mr. de Lauriere, que nos offereceu dois exemplares, afim de as compararmos á mascara descoberta em Alcacer; pois estes dois distinctos archeologos desejavam saber, se por ventura estas duas mascaras seriam do mesmo genero, pertencentes ás ceremonias funereas.

Posto que por emquanto não se possa averiguar se a mascara descoberta na Africa pertenceu ao mesmo uso, que aquella achada em Portugal; o que é certo, é não haver similhança alguma entre ellas, ainda que feita com a mesma materia, mas esta ultima está coberta com uma tinta avermelhada; os cabellos são pretos e entrançados caindo-lhe sobre o pescoço; as orelhas tem cada uma seis buracos, e mais outros sete buracos que estam collocados á róda do rosto, além d'isto só tem indicado a orbita dos olhos, como se costuma fazer geralmente nas mascaras: por tanto difere inteiramente do retrato achado na Necropole de Alcacer do Sal, tanto na configuração, como no esmerado do trabalho e belleza de execução artistica, e sobre tudo a sua admiravel expressão.

O architecto — J. da Silva.

MATERIAL PARA CONSTRUCÇÃO

Apontamentos relativos á cal

(Protoxido de Calcio)

I

O *calcio* é um metal branco parecido com a prata, o qual tem por symbolo chimico *Ca*, é equivalente por 250 a 100 de oxygenio, e 20 em peso por 1 de hydrogenio; foi descoberto em 1807 pelo sr. Davy, pelo mesmo processo, por que aquelle distincto chimico obteve o haryum.

O *calcio* só funde a alta temperatura, tem brilho metallico, o qual perde promptamente em presença do ar, porque, sendo avido de oxygenio, absorve-o com

[1] Veja-se a estampa n.º 12 em chromolitographia do n.º 6.º do *Boletim*, e pag. 91.

rapidez transformando-se em *protoxido de calcio,* corpo de todos conhecido com o nome de *cal.* O *calcio* no estado simples é de pouco interesse nas artes e industria, ao contrario os seus derivados são de uma preciosidade inexplicavel a ponto de um auctor chimico dizer, que — *achava a pedra de cal mais preciosa que as pedras consideradas preciosas.*

Entre os compostos, que o homem faz utilisar nas suas exigencias, a *cal* (protoxido de calcio) é sem duvida o principal; porque nenhum outro pode rivalisar com ella em multiplicidade de applicações, especialmente na edificação e construcção de diversas obras denominadas de *alvenaria.*

As propriedades uteis da *cal* e seus compostos foram conhecidas desde a origem dos povos, por isso que em todos os tempos tem sido a base dos *cimentos, betumes, estuques* etc. com que se edificaram as construcções ainda as mais antigas.

Alem d'aquellas tão variadas applicações n'architectura e edificação, é remoto o uso da *cal* na fabricação das lixivias causticas, e diversos branqueamentos: pois que Theophrasto já falla de uma embarcação *que se perdera indo carregada de cal, que accidentalmente se impregnara d'agua, indo com destino a branqueamentos.* Entre as descobertas, que tem havido em relação aos corpos calcarios e sua applicação tem a *lithographia* um distincto logar.

Aquella util descoberta teve logar em 1799, por Senefelder, cantor de theatro e d'ella trataremos ao diante. As incrustações calcarias foram conhecidas dos antigos. Seneca philosopho romano, falla *de certas fontes onde se petrificavam ramos de arvores, para se venderem como curiosidade,* o mesmo que hoje acontece em varias partes, com differentes objectos.

Strabão tambem já descreveu as cascatas de Hierapolis, como hoje existem na Asia Menor.

Em Roma e Italia faz-se muito uso d'uma substancia calcaria, *o alabastro,* para varias obras de ornato e diversos objectos.

Em Portugal ha diversas obras de *alabastro,* tanto de utensilios, como em edificios.

Fazem-se de *alabastro* elegantes columnas, estatuetas, etc. Em Malaga, Granada, Malta e Trapania ha muito *alabastro.*

A descoberta da confeição da *cal* é de data muito duvidosa e até mesmo o seu emprego é tão antigo, que se perde o seu começo, e nome do descobridor, na obscuridade de tantos seculos.

Se ignoramos quando teve logar a descoberta da *cal,* com referencia á edificação, não acontece o mesmo com referencia á *cal hydraulica,* cuja importancia nas obras hydraulicas é de subido valor.

Deve-se ao celebre engenheiro Mr. Vicat tão util descoberta. Aquelle sabio, descobrindo a verdadeira causa das propriedades da *cal hydraulica,* conseguiu tambem depois o modo de obter aquelle corpo.

O mesmo Sr. Vicat estudou depois, em 1817, o chamado *cimento romano,* que de romano só tem o appellido, por isso que não consta que os romanos conhecessem aquelle material de construcção hydraulica. Por um e outro estudo foram concedidos ao Sr. Vicat avultados premios.

Os srs. Parker e Wyatts foram os primeiros que em 1796 fabricaram o *cimento,* hoje denominado de *Portland.* Foi com aquelle material que se executaram os trabalhos do Tunel por baixo do Tamisa, e é com elle que actualmente se fazem todas as obras expostas á acção d'agua.

Encontra-se tambem um *cimento natural,* que se conhece pelo nome de *pouzzolana* que não é mais que uma *argila* porosa ou *arenascia* de origem volcanica. Aquelle nome deriva-se sem duvida de se encontrar aquelle corpo em grande abundancia nas immediações de Pouzzoles.

Nas ilhas dos Açores e em differentes logares de Portugal ha pouzzolana, especialmente em Setubal, onde está em exploração uma mina de soffrivel qualidade. Encontra-se outro corpo na natureza a que se dá o nome de *Trasse* — que possue propriedades parecidas.

As pouzzolanas naturaes de Pouilly e de Vassy são as consideradas como melhores, e o cimento mais acreditado é o de Portland.

Não fecharemos este apontamento, para assim dizer, historico ácerca da cal, que é o objecto de que vamos occupar-nos em outros artigos, sem mencionar algum esclarecimento com relação ás pedras de natureza calcaria: das suas qualidades, procedencias, propriedades, e applicações, havemos de ter occasião de fallar, como tambem indicaremos o modo de algumas se obterem artificialmente. Das infiltrações das aguas saturadas de carbonato de cal resulta uma substancia com apparencia de pedra conhecida com os nomes Stalactites e Stalagmites, que é susceptivel de um bello polido, offerecendo então á vista um brilho, ondulações e cores muito apreciaveis.

As cores e incidentes relativos na apparencia do que se chama *alabastro,* resultam dos saes de que forem impregnadas as aguas infiltradas, ou da natureza dos terrenos que as infiltrarem.

Ha ainda outro corpo calcareo quasi do mesmo genero, que é aquelle que resulta da passagem da agua, formando incrustações com apparencia de pedra, resultado de sedimentos abandonados pela agua.

Entre as descobertas feitas ácerca das pedras calcareas, tem alto interesse a demonstração que os srs. Kuhlmann e Vogel apresentaram em 1840, provando que todas as pedras calcareas, antigas ou modernas, continham saes de bases alcalinas, taes como *potassa* e *soda,* encontrando-se por isso em diversas pedras *chloruretos, silicatos* e *sulphatos* d'essas bases.

E' assim que tambem se explica o phenomemo de

serem as dissoluções da cal mais alcalinas as primeiras, que as segundas, por isso que a *cal virgem*, decompondo os silicatos alcalinos, forma a potassa ou soda caustica, que augmentam individamente a causticidade da cal.

Aquella descoberta explica tambem as efflorescencias nas superficies das paredes, segundo a opinião do Sr. Kulhman, que affirmou serem formadas pelos *carbonatos* ou *sulphatos* de *potassa* ou *soda:* e não pelas *nitrificações,* como muitas vezes se julga, accusando por isso os architectos, quando se pode dar esse facto natural, e inevitavel, independentemente da vontade dos artistas, ou dos fornecedores da cal, que então se considerou salitrosa injustamente.

O sr. Dumesnil, de quem falla o sr. Girardin, inventou uma pedra artificial tão dura, e perfeita, que substitue as melhores, e mais duras pedras de construcção, e estatuaria, tanto para o interior como exterior dos edificios, e daremos depois noticia do modo por que se obtem essa cantaria artificial.

Completaremos este artigo dando conhecimento dos diversos signaes por que se indicava antigamente a cal, a terra calcarea, a terra em geral, etc. que são os seguintes:

C — Cal.

CM — Cal metalica

— Gesso.

— Pederneira.

— Terra argilacia.

— Terra calcaria.

— Terra em geral.

(Continua.)

O Socio — F. J. de Almeida.

CLAUSTRO DO SILENCIO

no

Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra [1]

Dos tres claustros que tem o mosteiro de Santa Cruz é o mais notavel pela sua architectura o denominado do *Silencio*, construido no gracioso estylo tão propiamente chamado *Manuelino.*[2]

O que ha mais notavel no claustro do Silencio é a abobada dos seus lanços, que é toda de pedraria, n'aquelle gosto a que chamam de *pernas de aranha,* esbelta e graciosa pelos seus artezões e pelos florões dos fechos, nos quaes se vê esculpida a cruz da ordem de Christo, a esphera e as armas do reino.

É tambem obra muito apreciavel as esculpturas em alto relevo que ornam o claustro. Representa a primeira Christo com o cruz as costas; as outras o *Ecce-Homo,* e a collocação no sepulchro. São verdadeiros mimos de sinzel, e attribuem-se já ao nosso insigne architecto e escultor João de Castilho, já a João de Ruão, insigne artifice, que el-rei D. Manuel mandou vir de França para trabalhar nas obras do mosteiro.

O claustro tem a fórma de uma vasta quadra. Em cada um de seus lanços ha cinco arcos de volta ogival, separados uns dos outros por pilastras ou gigantes que terminam por uma cruz. São os seus arcos divididos ao meio por columnas delgadas, que em certa altura se ramificam para os lados e rematam em um gracioso olhal que vai tocar no fecho. As columnas têem os fustes retorcidos em fórma de cordão, ou cobertas de folhas sobrepostas, ou ainda de outros gostos variados. Superiormente aos quatro lanços do claustro corre uma galeria, cujas tres partes são cobertas e tem o testo apoiado em pequenas columnas; o quarto lanço da galeria está incompleto.

No meio do claustro levanta-se uma esbelta fonte pyramidal, rematada por uma estatua pequena, e adornada com duas taças. A agua, saindo do globo que serve de peanha á estatua, cahe na primeira taça d'esta na segunda e por fim no tanque inferior.

É de muito bonito desenho este chafariz, bem ornamentado no estylo do renascimento, e apresentando á vista um todo esbelto e gracioso. É muito posterior á obra geral do claustro. Este foi construido no priorado mór de D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, o qual durou desde 1507 até 1515; o chafariz foi erigido por D. Paulo de Santo Agostinho, que foi prior geral no triennio que começou em abril de 1636. Diz a este respeito D. Nicolau de Santa Maria: «E parecendo-lhe que em uma claustra tão grave, e auctorizada como a do Mosteiro de Santa Cruz, não convinha haver canteiros de boninas, com larangeiras, os mandou desfazer, e tirar as larangeiras, ficando a praça de vão da claustra (a que chamamos céo da claustra) toda despejada, e lageada de lisonja de pedra de Ançâa e só no meio mandou se levantasse uma fabrica de fonte muy levantada, com grandes pratos, e taças de pedraria bem lavrada, recebendo os maiores a agua dos mais levantados, e menores, até cahir em seu tanque; tem por remate esta formosa fonte uma peanha de quatro carrancas que lançam agua pelas boccas, sobre a qual está em pé um Anjo armado, que tem na mão esquerda o escudo das Armas Reaes, e na direita uma Cruz de bronze e a modo de lança.»

[1] Transcripto dos n.os 9 e 12 do *Panorama Photographico de Portugal* publicado pelo nosso digno socio correspondente o sr. Augusto Mendes Simões de Castro.

[2] Construido em 1507.

Representado ao Governo
pela Real Associação dos Architectos Civis
e Archeologos Portuguezes

SENHOR [1]

Um imperioso dever obriga a *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguzes* a vir respeitosamente representar a Vossa Magestade ácerca do projecto *que se diz existir*, de fazer desapparecer do solo portuguez mais um dos seus antigos edificios, ao qual estão tambem ligadas venerandas recordações historicas e litterarias, evitando-se que seja demolido o convento de Santa Cruz de Coimbra, monumento grandioso que merece respeito pelas suas tradicções, além de ser um famoso especimen da architectura manuelina, o magnifico claustro do *Silencio*.—Esta construcção que tem merecido a admiração de estranhos e nacionaes, é justo que mereça tambem a illustrada protecção dos Poderes Publicos, segundo o que o Governo de Vossa Magestade demonstrou desejar, nomeando uma commissão para Lhe propor os meios mais efficazes para a conservação das antiguidades de Portugal, oppondo-se por este meio á incuria e ao vandalismo que já têem feito perder á Nação preciosos monumentos.

Este edificio poderia servir (como ha muito serve), fazendo-se-lhe na parte interna algumas alterações, conservando-se-lhe comtudo externamente a sua primitiva e historica construcção.

Espera portanto a *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes* que Vossa Magestade se digne mandar obstar á vandalica destruição que se projecta; offensiva á veneração que as nações cultas prestam aos seus monumentos nacionaes, e que a illustração do seculo severamente condemna.

Lisboa 14 de fevereiro de 1876.

E. R. M.

O Presidente

Joaquim Possidonio Narcizo da Silva.
João Maria Feijó.
Valentim José Corrêa,—Secretario.

[1] Alguns jornaes propalaram no publico apprehensões de que se pretendia arrasar o edificio de Santa Cruz para dar logar á construcção dos novos paços do conselho de Coimbra.

. . . . . .

« Reduzamos, portanto, a immensa destruição á parte do edificio que na partilha d'elle coube á camara municipal...

« E' a metade d'um dormitorio que nada recommenda... [1]

[1] O dormitorio do Silencio.

« Toda aquella parte só contém por unico objecto de valia para o artista ou para o antiquario os ornatos de cantaria da abobada da casa do refeitorio, por baixo d'aquelle dormitorio, *que talvez possa ficar intacta, ou pelo menos conservados os ornatos para se collocarem em sitio adequado...*

(Exposição da Camara Municipal de Coimbra apresentada ao parlamento em 17 de Fevereiro de 1876.)

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(Continuado do n.º 8 pag. 113)

Inscripções e Epitaphios de outras capellas da Sé

Capella de S. Sebastião

No anno de MCCCXLIII. Dom João de Vesconcellos Bispo de Lisboa instituio esta cappella de S. Sebastião a qual annexou a Igreja de Nossa Senhora das Abitureiras que era de seu padroado secular, e a Igreja de S. André de Mafra com consentimento de Dona Maria de Lima de cujo padroado era, e outros bens profanos, e a Conezia da 5.ª cadeira da parte do Chantre desta Sé, e ordenou que o Conego della fosse administrador desta Capella, e mandasse dizer nella cada dia duas missas, huma por el-Rei Dom Dynis outra por elle Bispo e seus parentes defuntos e aprovesse de necessario ao culto Divino e desse ao Cabido cada anno quarenta e quatro livras por Natividade de Nossa Senhora, e dez por dia da Annunciação, e dez por Assumpção, nas quaes festas o Cabido hade vir a esta Capella dizer hum responso por el-Rei Dom Dynis, e por o Bispo, e dez no primeiro dia de Mayo, em que elle fallceo.

O Cabido hade fazer por elle hum anniversario. E dez livras se darão mais ao Arcebispo se huma vez por anno diser nesta Capella outro responsorio, e não se fazendo isto, se darão estas livras a pobres. E ordenou que esta Capella fosse do padroado dos senhores do morgado de Soalhães, que elle instituio, e que apresentassem clerigo idoneo, descendente de sua linhagem e geração, e não o avendo apresentẽ outro clerigo idoneo. »

Entre as capellas de S.to Aleixo, e de S. Miguel, n'uma pedra mettida na parede se lê o seguinte:

« Estas vintè sepulturas mandou fazer
o Conego João Falcão de Sousa para nel-

las se enterrarem os pobres desemparados
desta Freguesia da See e lhe deixou des
mil reis de juro no Senado da Camara des-
ta cidade para dellas se pagar o coveiro
q̃ abrir as sepulturas, e se diram trinta
missas cada anno no outavario dos Santos
pelas almas destes pobres desemparados, e o vedor das
obras desta Santa See
cobre este juro, e he obrigado pella escriptura q̃ se fez
com o dito Conego João Falcão de Souza a pagar os
covages e mandar
dizer as trinta missas. A escritura está no cartorio
do R.do Cabido, e outro traslado tem
os Irmãos de S.to Aleixo. Aurelio de Miranda
Tabellião do Senado da Camara fez esta escritura
Pede-se hum Padre Nosso, e Ave Maria Pelas Almas
destes pobres desemparados. »

Nas costas da actual capella de S S.mo, n'um medalhão de pedra, com as armas dos Cunhas, se lê:
« Nas costas deste epitaphio fica a capella que
foi de Nossa Senhora da Luz instituida por D.
Catharina da Cunha, de que forão admnistra
dores D. Pedro Alvares da Cunha e seus ascenden
tes, da qual pertence o uso, e administração á Irman
dade do Santissimo Sacramento desta Santa See
Metropolitana, por contracto celebrado com o dicto
administrador nas notas do Tabelião publico das Ca
pellas Manoel Correya dos Santos em 18 de Junho
de 1719. precedendo Provizam Regia, e mais solemni
dades por direyto necessarias. Lisboa Oriental 20 de
Septembro de 1720. »

Capella de S. Bartholomeu á entrada da Igreja, lado esquerdo, no alto da parede da parte de Evangelho está uma lapida em que se lê em lettra oncial:

— « Em Nome de Deus Amen. Esta he a hordinhaçon
da Capella de
Bartholomeu Johannes
« convem a saber que em a dita Capella sempre cantem
XVI Capellaens cada dia as
« XII missas de requiem por sa alma e os dous por as almas
de el-Rei D. Denis e da Rainha.
« D. Isabel e hũa por o Infante e seus filhos lidimos por tal
preito e condiçon que
« lhe alcem força que lhe algum coreja daram sobre a sa
Capella e Ospital e bens dela E a
« sinhou a cada Capellan 50 libras e mais dous soldos
a cada
hum cada sabado por a
« missa officiada de Sancta Maria que ande dizer cada
sabado
en a dita Capella e a Salve Reg
« ina, e os Capellaens devem ser Portugueses bõos e
lidimos
se as acharem senon filhem
« outros e estes nom devem ser removidos salvo se
fizerem obras
quaes nom devem E demais
« he contendo em a dita hordinhaçou que em cada hum
dia depois
que as missas forem ditas s
« aim sobre Bartholomeu Johannes com agua benta e com
Miserere mei Deus e que hum dos quatro
« Cappellaens que el mande que cantem por el-Rei e
por a Rainha e por seus filhos cantem cada dia
« a honra da Trindade e outro de Sancta Maria e o
terceiro
missa a honra S. Dionio por c
« ujo nome o dito foi chamado e o outro honra da
sancta
Vera Cruz que Deus que he verdadeira
« Trindade a rogo de Sancta Maria sa madre e do
glorioso
martir S. Deniz mantenha e a
guarde e os sobreditos Rei Rainha e Infante e seus filhos
em seu serviço e os guarde
« sempre e mantenha e lhes faça sempre fazer direito e
justiça e defender e amparar
« bem a dita capella e ospital e alçar força de qualquer
pessoa que lha quiser fazer so
« bre a dita a capella e sobre os seus bens E porque
compre de se
visitar a capella em cada hum
« anno tambem e os Capellaens come é no al mandou
e quis
e hordinhou que qualquer Daian
« de Lisboa que for per o tempo visite a capella huma ves
no anno e se achar que os capel
« laens non fazem boa vida ou que non fazem sa offi-
cio como
devem que os corega e ponha en eles
« pena qual vir que ha dereito e se achar en a segunda
visitaçon
que se non corigen enton priveos da
« capella e os seus testamenteiros metan outros de
consentimento
do dito Daian se en a terra for
« e en outra guisa metanos elles per si E asinhou por esto
ao dito Daian meo marco de
« prata en cada hum anno de procuraçon o qual meo
marco
ou sex livras porem deve haver o Daian q̃
« a dita visitaçon faser e se per ventura o Daian non for
en a terrea visite o Chantre en a dita p
« rocuraçon. » =

Terminamos esta monographia com as palavras dos nossos eximios Literatos o 2.º Visconde de Santarem, [1] que dizem: « *O estudo do passado, e dos monumentos que nos precedêrão, é pois a occupação mais digna,*

[1] Vide Memorias para a Historia, e theoria das Cortes Geraes que em Portugal se celebrarão etc. Parte 1.ª, pag. 3.ª

e mais filosofica do homem de bem.» E o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na Hist. Eccles. da Egreja de Lisboa, diz: «*Este é o estudo mais digno dos maiores homens, e mais noticioso das letras humanas.*»

FIM.

ADVERTENCIA

Ainda que Miguel Leitão de Andrade, na sua Miscellanea; Luiz Marinho de Azevedo, nas Antiguidades e grandezas da mui insigne Cidade de Lisboa; D. Rodrigo da Cunha, nos Bispos de Lisboa; Antonio Carvalho da Costa, na Corographia Portugueza; Bento Merganti, na Collecção dos Papeis Anonymos, publicados em 1754; João Baptista de Castro, no Mappa de Portugal; e o conego Luiz Duarte Villela da Silva, na sua Memoria ácerca da fundação da Sé de Lisboa; descrevem este templo, com tudo não nos isentamos por amor patrio de dar uma Memoria sobre esta valente Igreja. O estudo do passado, e dos monumentos que nos precederão, é pois a occupação mais digna, e mais philosophica do homem probo.

ESCULPTURA ROMANA

Conhecida pelo nome de PEDRA FORMOSA, achada em Portugal, e o que ella representa

ESTAMPA 15.ª

Esta pedra está presentemente junto da egreja de Briteiros, a uma legua das Taipas no Districto de Braga, a qual um parocho que houve n'aquella freguezia, mandou trazer do alto do monte que d'alli fica proximo, e onde ainda hoje se vêem vestigios da antiga Citania, que é o logar em que foi descoberta.

A pedra tem o lavor feito em apparelho tosco; o desenho é incorrecto assim como a lavragem; as arestas em todo o seu perimetro parecem ter sido feitas a martello, excepto na parte inferior que é de pico grosso; a sua espessura é de menos de $0^m,30$ centimetros na parte superior, e de mais de $0^m,40$ centimetros na parte inferior, vê-se que foi cortada n'um d'estes penedos de feitio oval, que cobrem a maior parte dos montes no sitio de Braga.

A qualidade da pedra é de granito amphibolico do monte da Citania, ou de Sabrozo, que lhe fica fronteiro.

Está exposta á acção do tempo, com a parte inferior quasi encostada ao lado exterior do muro do adro da referida egreja, assente horizontalmente sobre quatro tentos de alvenaria; e unicamente ao abrigo de uma oliveira!

O lavor da parte superior acha-se bastante deteriorado por causa de dois rebaixos que lhe fizeram a pico; ignora-se em que epocha.

A perfuração A tem $0^m,09$ centimetros de profundidade; as outras tres B, B e C, communicam em D, por um pequeno furo, e esta com E, que parece ser para a saida de liquidos.

Como este granito é muito porôso, a pedra está toda muito escura e tambem por não estar resguardada dos rigores das estações.

Conhece-se bem a pedra ter os seus lavores bastante gastos, e que perderam parte do relevo; alguns sitios estão já bastante confusos, como por exemplo as duas cordas que ladeam a parte central do lavor F, F.[1]

As opiniões teêm sido diversas a respeito do que esta pedra possa representar, sendo aquella mais seguida, e dada pelo contador de Argote, com o nome de *Ara de Therma* — com que não concordamos, e daremos depois a razão d'esta nossa duvida.

Nas memorias do douctor Francisco da Serra Crasbeeck descreve pelo modo seguinte o logar onde fôra achada a dita pedra:

«Em o alto de Citania está da parte do nascente «uma cova donde se achou a *pedra formosa* (que «assim se chama hoje), a qual consta estar antigamente «no dito citio, posta ao alto; e esta parece ser a pe«dra chamada *Ara de Therma,* de que Brito falla; «que devia servir de *altar para os sacrificios genti«licos....*

«Pelo discurço do tempo cahiu a dita *pedra for«mosa* no chão: que sabendo o chantre de Braga «Ignacio de Carvalho Abbade de S. Estevão de Bri«teiros, a mandou tirar do dito citio, e a trouxeram «7 juntas de bois, thé perto do Paço chamado de *Olla* «junto do rio Ave (onde dizem que ia sahir a uma «estrada, que vinha da dita Citania, por onde se con«duzia a agua do dito rio), depois foi dahi conduzida «para o Adro da dita Igreja de S. Estevão por 11 jun«tas de bois, onde está com o lavor para sima, sobre «umas pedras altas: e tem de largo — 12 palmos, e «de alto 11 e de grosso 2, foi conduzida ha 5 annos para «o dito logar em o principio do mez de Março de 1718.»

A designação de ser esta pedra uma *Ara,* não pode ser admissivel, pois é preciso ignorar-se inteiramente ao que os romanos davam esse nome, para a comparar á forma da citada pedra. Quem consultar o diccionario de antiguidades romanas de Rich a pag. 46, ficará sabendo, que este vocabulo significa um pequeno altar cilindrico ou quadrado em marmore esculpturado no seu contorno, tendo uma cavidade no cimo na parte recta para dentro d'ella se accender o fogo no qual se queimava o incenso, ou se depositavam as offertas feitas aos deuzes. Tinham tambem um orificio sobre o lado, ou junto da base, pelo qual corriam as libações suc-

[1] Esclarecimentos dados pelo socio correspondente o sr. Cesario Augusto Pinto, bem como o desenho fiel d'esta antiguidade.

S.to Estevão de Briteiros, 17 de Março de 1872.

CESARIO AUGUSTO PINTO copiou do natural.

Escalla de 0m.10 por metro

Pedra existente junto do adro da Igreja de S.to Estevão de Briteiros - Arcebispado de Braga - para onde foi transportada do monte da Citania, onde se veem claros vestigios de mui remotas fortificações.

Lith. Castro H. dos Devres

cessivas derramadas pelos adoradores das divindades. Como poderia pois servir para o mesmo fim essa pedra de que nos occupamos, não tendo a fórma caracteristica d'uma *Ara*, não tem egualmeute, na parte recta superior, a cavidade para se lhe depositarem as offertas, ou lhe conservar o lume para se queimar o insenso? Se ella servisse para estas ceremonias, requereria ter-se-lhe dado uma diminuta altura, como foi representada na pintura descoberta ao pé do Monte Palatino em Roma, na qual se vê uma mulher na acção de deitar incenso sobre o fogo que parece ter a *Ara;* a qual não excede a sua altura a cima dos joelhos da dita figura. Os latinos designavam pelo nome *Curierema*. Porventura a pedra de Briteiros, ainda mesmo que tivesse a devida forma e ornatos em todas as suas faces, poderia servir para essas praticas, tendo de altura 2 metros e 64 centimetros? É inutil responder a esta interrogação, pois a contradicção apparece na propria proposição. Temos em ultimo logar a declarar que não podemos egualmente acceitar que seja um *Altar para immolar os animaes;* posto que esses altares tivessem maiores dimensões, aos quaes os romanos designavam pelo nome *Altaria;* todavia os que eram executados em pedra ou marmore tinham gravados sobre um dos lados o nome e os attributos da divindade, ou mesmo a representação do deus, em louvor do qual elle tivesse sido erecto. As outras faces eram ornadas de baixos relevos relativos aos sacrificios: (veja-se o livro de antiguidades romanas de Rich, pag. 79). Basta examinar o desenho que representa a pedra de Briteiros, para nos dissuadir de lhe darmos similhante classificação.

Na Archeologia não se pode recorrer a outro meio para se tirar qualquer inducção, senão fazendo comparações, ou agrupando os elementos dos quaes é já conhecida a sua representação, afim de esclarecer a imaginação, e esta guiada pela analogia d'esses objectos assentar a sua opinião; foi d'esse estudo reflectido que se originou esta sciencia: será pois auxiliado com eguaes dados que vamos tentar descobrir a razão porque a pedra de Briteiros tem a configuração que apresenta; o motivo dos seus lavores, e a necessidade de se lhe ter feito cavidades na sua face principal. Examinando a fórma pyramidal d'esta pedra, pois na sua base tem a mais 0,40 centimetros, e no extremo superior menos de 0,30, não obstante o seu grande volume, isso nos indica uma determinada intenção para que ficasse isolada e mais firme sobre a sua base; em quanto ao lavor com que está ornada, foi pelo pensamento de poder conservar a memoria de um acontecimento, para o qual ella tinha sido fabricada; portanto podemol-o considerar um monumento no seu genero, e classifical-o como um tumulo. Se compararmos a sua configuração; o feitio triangular do seu remate; o arco que lhe fica rente da terra, e as suas cavidades a outros monumentos d'essa especie descobertos em differentes paizes, onde teve dominio o povo rei, nos mostrará a similhança a d'uma *Estella;* termo este com que os gregos designavam um monumento funereo (Veja-se archeologia de Batissier Liv. 3.° pag. 192) e Diccionario d'archictectura vol. 3.° pag. 408) sendo o mesmo a que os Romanos deram o nome de *Cippus:* (Consulte-se o diccionario de antiguidades paginas 154, e o de Architectura tomo I paginas 583). Tinham feitios diversos, eram cylindricos ou rectangulares, afim de servirem e como pedra tumular, sobre o proprio logar aonde fossem depositadas as cinzas do finado, dentro de uma urna, depois de terem sido recolhidas da fogueira funerea, e poderem ser conservadas pelos seus parentes.

Os Cippus formam a classe mais numerosa d'estes monumentos que nos legaram os romanos. Algumas vezes na parte superior havia um frontão; outras vezes era limitado por diversas molduras: na parte recta da sua extremidade superior era concava, havendo um conducto para a saida dos liquidos feitas nas libações, e podiam cair sobre a urna cineraria que se collocava *debaixo da base do monumento*. (Archeologia Batissier, Livro V, paginas 305).

Depois d'estas descripções de auctores de credito, ficamos scientes que as partes principaes de que se compunha um Cippo, d'aquelles que os romanos levantavam para a memoria dos seus finados, tinham na parte superior uma forma triangular, com uma cavidade junto ao solo e munido d'um sumidouro o qual communicava do cimo concavo com o logar em que estava depositada a urna; afim dos liquidos das libações poderem-se derramar n'ellas.

Já com estes elementos podemos comparal-os ao *Cippo Luso-Romano* descoberto em Citania, e vêr qual será a differença que mostra no seu feitio com aquelles que o povo romano se servia para os seus Cippos e auxilliado por outros exemplos encontrados nas suas sepulturas demostraremos a similhança evidente que a pedra de Briteiros tem com os Cippos de que elles se serviam para os tumulos de seus comptriotas.

Nas summidades das montanhas de *Vosges* na Alsacia se fizeram descobrimentos de um grande numero de tumulos Gallo-Romanos, construidos com a pedra tirada d'essas montanhas, dando-se-lhe a fórma triangular na extremidade superior, e havendo na sua base uma abertura circular correspondendo a uma cavidade inferior no solo, na qual se encerrava a urna ceneraria. Alguns d'estes Cippos não tem ornamentos; em quanto outros estavam bastante ornatados. Sobre a face principal lhe haviam gravado a *roda gauleza,* symbolo d'aquelle povo. Nota-se na base, sob a face principal de todos estes Cippos, uma abertura semicircular que communica com a cavidade do solo, destinada para a sepultura; isto é onde se deposita a urna ceneraria: este arco ficava exactamente levantado sobre o logar em que depositavam as cinzas com o fim de ver cor-

rer sobre ellas os differentes liquidos das libações usadas n'estas ceremonias funereas.

A fórma de todos estes Cippos variam desde o frontão abatido até ao mais agudo, e as suas dimensões são tambem diversas. Estes monumentos funereos apparecem agglomerados em muitos logares distinctos, e ao lado d'estes Necropoles encontram-se tambem altares votivos, baixo relevo representando Mercurio; humbreiras de portas ainda em pé, poços, etc. (Consulte-se o *Boletim Monumental de Archeologia,* Vol. 28, da 3.ª serie, pag. 365, anno 1862; assim como a *Alsacia Ilustrada*, Tomo I pag. 529).

Dâmos pois o typo que nos indica qual era a fórma adaptada para os Cippos de sepulturas Gallo-Romanas. Vejamos agora se o desenho copiado fielmente do original da pedra que está em Briteiros nos apresenta no todo, e nos seus detalhes, outras eguaes ou similhantes configurações, para nos dar cabal conhecimento para que fôra destinada a mencionada pedra.

Na sua extremidade superior mostra-nos estar limitada por um triangulo em frontão troncado, similhante aos remates das pedras tumulares Gallos-Romanas, descobertas nos paizes onde os romanos habitaram. Nota-se egualmente ter ella junto ao solo uma abertura de fórma curvilinea para facilitar o introduzir-se a urna ceneraria na terra, ou dentro de outra pedra com feitio de pia. Vê-se tambem no meio do mesmo arco um orificio, que communica com as tres cavidades lateraes, porém ficando todas sobre a prumada do vão do arco, communicando egualmente com outra cavidade maior e central, e d'esta sae o conducto que vai dar ao orificio principal. São pois estas tres cavidades reservadas para receberem os differentes liquidos que os parentes e os amigos do finado tinham pratica de derramar sobre as suas cinzas, com o intuito de tornar propicios os deuses manes: e para esse fim ajuntavam as libações na cavidade maior, sendo a que ficava perpendicular á urna ceneraria, para sobre ella ter logar essa ceremonia no acto do enterro: e tambem essa é a razão de ficar na altura quasi de um metro, para ser commodo vazarem-se os liquidos dentro d'essas cavidades.

O ter ficado o leito inferior da citada pedra sómente a pico grosso, era porque sendo posta sobre a terra não precisava maior aperfeiçoamento.

Em quanto ao trabalho de lavor da face da pedra, já indicamos ser obra romana, e mesmo as rozetas que formam o lavor mostra a imitação de mosaico de que os romanos tanto uzavam; coisa que era muito commum de ser por elles imitado na cantaria. Os cordões que formam o contorno do triangulo, e servem para moldurar o circulo ou roda collocada no logar central do extremo superior, é para representar o emblema que nas sepulturas Gallo-Romanas costumaram esculpir: se hoje não se lhe distingue os raios de roda, é por ter estado exposto este Cippo tantos seculos aos rigores do tempo, e como teria este distinctivo pouco relevo attendendo á qualidade porosa do granito amphibolico, não é para estranhar esteja deteriorada: pela mesma causa se notam estarem os cordões das molduras tambem gastos.

Em alguns dos Cippos Gallo-Romanos appareceram inscripções; porém em muitos outros não lh'as puzeram. Comtudo, a pedra descoberta em Citania parece mostrar vestigios de caracteres romanos gravados sobre os dois lados em que está executada a imitação do mosaico; circumstancia que ainda não foi notada, talvez por suppôrem ser falha na esculptura: mas em se examinando o desenho com algum reparo, se descobrirá do lado esquerdo as letras VI e XIX; havendo do lado opposto um K, posto que esta letra esteja já incompleta; e mais dois XX. Não se pode considerar as linhas d'estas letras fazendo parte do ornato que lhes fica por cima, pois o seu contorno não se lhe liga de fórma alguma com elle. Não foi de certo por falta de pericia de quem fez a esculptura, porque vemos nos dois lados do arco esculpidos ornatos similhantes no contorno os quaes estão completos: portanto, foram de proposito deixados assim para as letras ficarem separadas. Parece-nos por tanto serem estas letras numeraes; todavia appelamos para novas investigações afim de regeitar ou confirmar esta nossa conjectura.

De hypothese em hypothese vamos formular outra. Inclinamos-nos que houvesse em Citania um acampamento romano, cujos vestigios eram as construcções, que naquelle logar ainda se veem, e assim não seria inverosimil suppor que este Cippo pertencesse a uma sepultura de algum guerreiro distincto, não só pelas suas grandes dimensões, como pela maneira como foi ornatado. Se esta conjectura tivesse fundamento era então possivel que as letras romanas numeraes indicassem o numero da sua Legião e da Cohorte, assim como indicariam as kalendas. Não desejando aventar uma idéa destituida de fundamento, recorreremos então ao afamado archeologo Monsieur De Caumont para que nos dèsse a sua opinião a respeito d'esta antiguidade; e este illustre sabio nos fez saber, que concordava inteiramente com a nossa explicação de ser esta pedra um Cippo, e não uma *Ara*.

É innegavel ser este monumento archeologico um dos mais importantes que possue Portugal, e mesmo é superior áquelles que se têem descoberto nos outros paizes pertencentes ás sepulturas de Gallo-Romanos, e por esta feliz circumstencia, deveria ser esta preciosidade archeologica conservada, não ficando por mais tempo exposta aos rigores das estações no logar em que existe presentemente.

Lisboa, 13 de fevereiro de 1874.

Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

ARCHEOLOGIA NACIONAL

Antiguidades no concelho de Porto de Moz

Na quinta de S. Paio, 10 kilometros ao poente do Porto de Moz, existem vestigios claros de povoação antiga que sem duvida florecia no tempo dos Romanos. Teem-se descoberto em grande extensão de terreno muitos alicerces solidamente construidos, cujos vãos estão cheios de grandes telhas, ossos petrificados e vasos quebrados. Sobresaem umas paredes de 5 palmos de grossura, com outras intermedias menos espessas que apparecem n'umas barreiras. Um cano que n'ellas se vê assás comido de fogo, muita borra de ferro e pedra mineral d'elle que não chegou a ir ao forno, denunciam ter sido fabrica de ferro este edificio.

Desde a ribeira da Quinta até o cimo do outeiro onde está a eira da mesma, tudo era um vasto cemiterio de mais de 200 metros de comprido e largura proporcionada. Sepulturas de duas classes: umas formadas de quatro paredes de pedra toscamente apparelhada e cobertas de lages pela maior parte inteiriças; outras de quatro paredes de pedra sem apparelho e sem mais cobertura que a terra. Umas e outras com as ossadas ou petrificadas ou reduzidas em pó branco. Em uma acharam-se uns grilhões de ferro ligando as canas das pernas. Em nenhuma se tem encontrado dinheiro nem inscripção nas lages. Ainda estão algumas intactas ao pé da dita eira, e esta mesma foi formada em cima de muitas. Seu comprimento de 7 a 9 palmos; largura proporcionada. Todas de cabeça para o oriente. Teem-se achado de palmo e meio a tres de profundidade.

Na extremidade do sul d'esta povoação extincta appareceu immensa quantidade de dinheiro romano em prata, talvez a maior e mais variada collecção de moedas d'este genero que se tem descoberto entre nós. Quasi tudo *bigatus e quadrigatus*. *De M. Attilius Regulus* e duas de *Fabius Maximus* as mais antigas, e do Imperador Aureliano as mais modernas; isto é, de todas as que eu vi que foram as menos. Estas moedas das quaes mais de mil me passaram pela mão, tiveram differentes destinos: muitas foram compradas por curiosos de Leiria, Lisboa, Porto, Coimbra e d'outras partes, os quaes as procuravam com grande empenho; a maxima parte porém foram vendidas a ourives que as derreteram. Consta que um só individuo de Casaes de Mattos (logarejo visinho) que foi o primeiro inventor, vendeu cerca de 600, a 80 réis cada uma, a um ourives do Porto, na villa da Batalha, na feira que alli se faz a 15 d'agosto. Estava ao pé de uns alicerces este dinheiro. Descobriu-se a maior quantidade em 1855. Publicou-se esta noticia no periodico *O Leiriense* e foi reproduzida por outros do paiz.

Perto d'estas ruinas, em um sitio que chamam Val da Moita, descobriu-se em 1859 um forno de cal subterrado, com grande porção d'ella. Carvão e cinza petrificados.

Nas proximidades do Juncal, nos sitios que chamam Barreiras Caientas e Ribeiro do Andão, n'uma extensão não inferior a 1800 metros, tambem ha vestigios bem manifestos de povoação antiga. Infinitos são os fragmentos que alli apparecem de grandes telhas, tijolos, potes e outros vasos (tudo de barro vermelho), como tambem instrumentos de ferro podres. De inscripções porém e dinheiro nada se tem até hoje descoberto.

Em 15 de maio de 1865 acharam-se no dito sitio das Barreiras Caientas, em terra foreira a José Duarte do Juncal, muitos esqueletos humanos, a tres palmos de profundidade, n'uma camada de terra que parece cal, todos de cabeça para o oriente, tendo cada um sua lage sobre a caveira. Um estava em sepultura aberta n'uma fragua. Os craneos de extraordinaria grossura. Mandei parte de dois d'estes com outros ossos em novembro do mesmo anno ao sr. Augusto Luso, do Porto, membro que era d'um dos jurys da exposição que se celebrava então naquella cidade. — Recebeu-os com grande contentamento; teve-os na exposição até o fim, onde foram admirados de todos os entendedores, e depois os recolheu ao seu museu particular, onde agora estão. Um pouco desviados d'estes estavam tres de cabeça para o norte, por ventura pertencentes a epocha menos remota. Com um d'elles estava uma desmesurada espora, que por sua grandeza me fez lembrar que seria de cavalleiro dos que chamavam cataphráctos ou couraceiros, e uma espada embainhada, ambas podres; e tambem uma pedra de afiar navalhas de barba, furada nas extremidades.

Perto d'este cemiterio achou-se um instrumento de pedra lioz negra, apparelhada por mão d'homem, aguçada e amolada a modo de ferro de plaina, debaixo d'uma camada de pedra de palmo e meio de grossura, a qual se estendia largamente por cima d'outras camadas; sendo mais que evidente que aquella camada foi formada pela natureza por cima do dito instrumento, pois não havia fenda nenhuma proxima ou remota por onde podesse ser para alli introduzido. Este com outros do mesmo genero que teem por estas partes apparecido, está em poder do meu amigo José Francisco Barreiros Callado, como tambem porção de moedas romanas descobertas em S. Paio.

A pequena distancia do mesmo cemiterio, ao poente, desenterrou-se um esqueleto perfeitamente conservado, que estava em sepultura em tudo egual ás de primeira classe de S. Paio. Tamanho ordinario. Um kilometro ao sul mais quatro eguaes, só com a differença de não serem inteiriças as lages da coberta. Eram duas de homens e duas de mulheres, estando cada ho-

mem com sua mulher ao lado esquerdo. Cerca de 200 metros ao norte, embaixo na ribeira, junto da encosta do lado esquerdo, tambem muitas do mesmo estylo, todas de cabeça do mesmo modo para o oriente. Tamanhos diversos como as de S. Paio. Em nenhuma se tem encontrado dinheiro.

Defronte d'estas ultimas sepulturas, junto da encosta do lado direito da mesma ribeira, descobriu-se prodigiosa quantidade de ossos, de tal maneira podres e desfeitos que se não pôde distinguir, se eram humanos ou de brutos; só se viam inteiros alguns pequenos. Formavam uma camada de tres palmos de altura em espaço de uns doze metros quadrados. No meio d'aquella multidão de ossos estava mui bem direita e aprumada uma urna funeraria de barro vermelho, de tres palmos e meio de altura, completamente cheia de ossos. Ao pé estava uma mó de moinho de mão, de tres palmos de diametro, e não longe d'alli um peso de barro, como o da urna, furado em uma das extremidades, e pesa exactamente tres arrateis. A urna quebraram-na os trabalhadores, julgando conter preciosidades. Junto de tudo isto descobriu-se uma calçada muito bem feita e conservada, de pedra, a uns quatro palmos de profundidade, de pouco mais de dois metros de largura. Explorou-se até uns 60 metros de extensão, continuando por baixo da terra até onde não se sabe, com direcção de norte a sul que é a da ribeira.

Não ha indicios por aqui de via romana.

P. Antonio Pereira Louro
Socio correspondente da Real associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

MONOGRAPHIA
DA
EGREJA DE SANTA MARIA DO CASTELLO D'ABRANTES

Esta egreja era a antiga mesquita dos mouros quando El-Rei D. Affonso Henriques lhes tomou o Castello em 1148, e como então ficasse em ruinas, El-Rei fez voto de sobre ellas erigir um templo á Rainha dos Anjos, mas as suas occupações guerreiras foram causa de não poder em sua vida cumprir a promessa; recommendou-a a seu filho D. Sancho, o qual, pelos mesmos motivos, a transferiu para seu filho D. Affonso II, e foi este que lhe deu principio em 1215 com a invocação de Santa Maria do Castello, e passados dois annos a constituiu parochia e foi a segunda d'Abrantes.

A dita egreja foi outra vez destruida, provavelmente por effeito de algum tremor de terra no anno de 1429, e de novo reedificada em 1433 pelo Alcaide-mór Diogo Fernandes d'Almeida, Creado e Vedor da Fazenda de El-Rei D. Duarte, e de D. Affonso V. Diogo Fernandes d'Almeida foi pae do 1.° Conde de Abrantes D. Lopo d'Almeida.

Ha n'esta egreja, que presentemente serve de deposito de ferramentas, de cal e areia, de cavalletes para obras, e algumas vezes de deposito de palha, para se admirar ricos mausoleos aonde descançam os restos mortaes do segundo fundador e de seus descendentes, os primeiros Condes e Senhores de Abrantes. Estes mausoleos são de lavôres de primoroso trabalho, prendem a attenção do observador curioso e que sabe avaliar as bellezas da arte.

A freguezia de Santa Maria do Castello foi supprimida em 1834, e annexa com suas *capellas* á egreja matriz de S. Vicente Martyr.

Epitaphios dos tumulos

1.ª

N'este munumento jaz o muito Nobre Varão e Moço Cavalleiro, D. Fernandez d'Almeida, Creado e Vedor, que foi da Fazenda, e do Conselho dos Reis D. Duarte, e de El-Rei D. Affonso V, foi muito leal servidor dos ditos Senhores, muito virtuoso, devoto Catholico, discreto, e de mui virtuoza conversação entre os homens; os seus feitos forão taes que saptisfez sempre mui bem ao que devia a sua nobreza, como a Cavallaria; elle edificou esta egreja de Nossa Senhora por sua devoção, e ornamentou; e finou-se em mui bom estado com todos os auctos e Sacramentos que hera obrigado, no mez de Janeiro aos 5 dias d'elle da era de N. S. Jesus Christo 1450 annos, e foi filho de de Fernam d'Alvares d'Almeida, que foi aio do ditto Senhor Rei D. Duarte, e dos infantes D. Pedro, e D. Anrique seus Irmãos.

2.ª

Aqui jaz o Corpo do muito magnifico Senhor D. Lopo d'Almeida Conde e Senhor de Abrantes, o qual em sua vida n'estes Reinos, e fora d'elles, assim na paz como na guerra fez cousas de grandes feitos, e dignos de muito louvor, com grande amor e lealdade aos Reis D. Duarte e D. Affonso, e D. João que em . . . . . reinaram em o mesmo Reino . . . . . temporal nunca deixou de fazer o que devia a Deus e á sua consiencia . . . . . hora . . . . . setenta annos, e falleceu aos 3 de fevereiro de 1483, e mandou fazer esta Sepultura na qual mandou lançar a muito magnifica Senhora Condeça D. Brites da Silva, sua mulher, para que na morte fossem juntados, pois grande amor e concordia . . . . annos juntamente viverão.

3.ª A

N'esta sepultura jás D. Deniz d'Almeida filho do 3.° conde d'Abrantes, falleceu a 7 de junho de 1584 annos.

4.ª

Aqui jaz D. Antonio d'Almeida, Senr. da Villa do Sardoal, e alcaide-mór da villa de Abrantes, filho de D. Lopo d'Almeida, 3.º Conde de Abrantes e da Condeça D. Maria de Vilhena, sua mulher, falleceu em Abrantes d'idade de 56 annos, a 25 de Novembro de 1556, Jaz com elle D. Joanna de Menezes sua primeira mulher filha de D. Anrique de Menezes, Governador, que foi da India, e D. Guiomar da Cunha sua mulher, que falleceu em Abrantes de idade de 60 annos em Setembro de 1574.

4.ª A

Aqui jaz D. Antonio d'Almeida, filho de D. Deniz d'Almeida, filho de D. Deniz d'Almeida, contador mór d'estes Reinos de Portugal, e de D. Joanna da Silveira, sua mulher, falleceu em Abrantes a 9 de Novembro de 1599, e com elle se mandou lançar, D. Maria de Menezes sua mulher, filha de D. Antonio d'Almeida, Alcaide-mór de Abrantes, e Senr. do Sardoal, e de D. Joanna de Menezes sua mulher, falleceu em Abrantes aos 5 de dezembro da era de 1615 annos.

5.ª

Aqui jaz D. João d'Almeida, Senr. da villa do Sardoal, e Alcaide-mór da villa de Abrantes, filho de D. Antonio d'Almeida, e de D. Joanna de Menezes sua 2.ª mulher, achou-se com El-Rei D. Sebastião na Batalha d'Alcacer, e foi n'ella cativo, falleceu em Lisboa d'idade de 50 annos e 5 mezes a 13 de Outubro 1592.

Jaz com elle D. Leonor de Mendonça sua mulher, filha de Simão Gonsalves da Camara, Capitão da Ilha da Madeira, e Conde da villa da Calheta, e de D. Izabel de Mendonça sua mulher que falleceu a 3 de janeiro de 1598 annos.

5.ª A

Aqui jaz D. Simão d'Almeida, e D. Aldonça de Mendonça, filhos de D. João d'Almeida, Senr. do Condado de Abrantes, e D. Leonor de Mendonça, falleceram moços solteiros.

Á porta da Igreja

Aqui jaz D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, 1.º Marquez de Abrantes, 3.º Marquez de Fontes, 7.º Conde de Penaguião, Gentil homem da Camara, Embaixador nas Cortes de Roma e Madrid, Vedor da Fazenda, e Cavalleiro da insigne Ordem do Tozão de Ouro.

Esta egreja tem só uma nave ficando a capella-mór separada pelo arco triumphal, e esta ornada com bellos azulejos. O altar que occupa todo o espaço do fundo tem imagens pintadas a fresco na parede, de menos má execução, os quaes estão ainda bem conservadas; pelo seu genero de pintura, pela sua antiguidade e igualmente pela sua raridade de se encontrarem no nosso paiz, merecem muito apreço.

Na nave por cima da porta principal ha um coreto; e na sacrestia uma pia para agua benta, que denota pelo seu trabalho a epoca antiga da fundação d'este edificio religioso.

FRANCISCO ALVES COUTINHO.

Noticia dos nomes e das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações.

(Continuado do n.º 8, pag. 125)

Italiano — Baccio Bianco, rrchitecto de Filippe IV rei de Hespanha, 1486.
Belga — Baghen, architecto da cathedral de Broue, 1476.
Francez — Bailly. architecto do tribunal do commercio em Paris — 1869.
Allemão — Bainer, architecto a Pardal, 1478.
Phimicio — Bakenkhonsou, architecto de Thebas, 1604, ant. de J. C.
Allemão — Balastre, 1482.
Francez — Ballu, architecto da egreja da Trindade em Paris, 1869.
Francez — Baltard, architecto das Halles Centraes em Paris, 1852.
Portuguez — Balthasar Alvares, architecto do mosteiro de S. Bento da Saude e do edificio de S. Antão, 1598.
Allemão — Baner, architecto em Nuremberg, 1458.
Allemão — Banman, architecto a Potsdam.
Italiano — Barabino, architecto do Theatro Carlo Felice em Genova — 1830.
Hollandez — Barkenwerd architecto d'Utrecht, 1488.
Italiano — Barmero, 1671.
Amer. Ing. — Barnett — Necropole de Sidney — 1870 (Australia.)
Italiano — Barrozzio (Vignola) architecto e auctor muito distincto — 1573.
Italiano — Bartholomeu, em Bâle, 1868.
Inglez — Barry, architecto do Parlamento de Westminister, 1854.
Italiano — Baseggio, em Veneza, um dos architectos do palacio das Doges, 1350.
Italiano — Bassano (Anibal) dirigiu a construcção da Loggia de Padua — 1493.

Italiano — Bassi, — Arco triumphal de Affonso I em Napoles.
Francez — Baudry — Escada nobre do Hotel de Villa de Paris.
Francez — Bayart, 1687.
Inglez — Bayle de Berlington, 1695.
Portuguez — Balthasar (Fernandes), architecto do palacio real de Cintra — 1482.
Portuguez — Bartholomeu Rodrigues, architecto do palacio da inquisição em Lisboa — 1654.
Inglez — Bedborough, architecto do Aquarium em Westiminster — 1867.
Portuguez — Benavente (Francisco) construcção das columnas da egreja do convento de de Belem — 1517.
Portuguez — Bento de Ravena, architecto d'El-Rei D. João III — 1541.
Portuguez — Bernardo architecto do portal da Sé Velha de Coimbra — 1136.
Portuguez — Bernardo d'Oliveira, architecto do palacio real de Queluz, e foi o primeiro director da Academia portugueza em Roma — 1781.
Francez — Beannyez, architecto em Orleans, 1521.
Allemão — Becker, architecto em Lignitz, 1386.
Francez — Becquet, architecto em Ruan.
Allemão — Beer, architecto em Nuremberg, 1485.
Allemão — Beheim architecto em Nuremberg, 1385.
Inglez — Belcher, architecto do Hotel da companhia commercial dos corrieiros em Londres 1873.
Allemão — Belier, — palacio em Heidelberg — 1592.
Italiano — Belli (Paschal) — restauração da Basilica de S. Paulo em Roma — 1833.
Italiano — Benedetto, architecto em Florença, 1498.
Allemão — Benedict, architecto em Kuttember, 1510.
Dinamarqnez — Bennevil — Cathedral de Upsal — 1286.
Italiano — Bergagnone, architecto da Cartuxa de Pavia, 1473.
Italiano — Bergamasco — capella exagona de Camaldolesi em Veneza, 1525.
Allemão — Beringer architecto em Lignitz, 1386.
Hespanhol — Bernardus, principiou a construcção da Cathedral de Tarragona, 1256.
Inglez — Bernard (Smith), architecto do museu de historia Natural em Londres — 1874.
Allemão — Bernard, architecto em Heidelberg, 1539.
Italiano — Bernini, architecto da columnata da Praça de S. Pedro em Roma, e baldaquino em bronze d'esta basilica.
Allemão — Bethen, architecto em Magdebourg, 1493.
Allemão — Berthold architecto de Walkeuried, 1207.
Allemão — Berthold, architecto em Breslau, 1465.
Allemão — Bestiirling, architecto em Meissen, 1471.
Italiano — Bianchi — egreja de S. Francisco de Paula em Napoles — 1830.
Francez — Biard, um dos architectos do palacio de Blois, 1515.
Allemão — Bischoff, architecto em Nauhausen e a Strasbourg, 1468.
Allemão — Blarer — Chancellaria Municipal de Constance — XVI seculo.
Francez — Blanc (Le) a restauração da bibliotheca nacional de Paris — 1872.
Allemão — Blasins, architecto em Gorlitz, 1498.
Allemão — Bôblinger (Matheus) architecto em Francfort, e Ulm. 1472.
Americano Inglez — Bloor, architecto e auctor — 1869.
Allemão — Boileau — egreja de St. Eugenia em Paris — 1855.
Francez — Blondel, de Picardie, auctor de obras d'architectura, — 1686.
Francez — Blondel (sobrinho), fez egualmente publicações sobre a architectura, 1774.
Allemão — Bôblinger, architecto da cathedral d'Ulm, 1503.
Inglez — Bodley (G), architecto do edificio da direcção geral dos estudos em Londres, 1874.
Allemão — Boebling architecto de Munster de Ulm — 1387.
Allemão — Boffig, architecto da Cathedral de Barcelona, 1416.
Francez — Boffrand, architecto do Castello de Nancy, 1754.
Belga — Boghen, 1536.
Allemão — Bohnstedt Luiz, architecto do novo palacio Legislativo de Berlin — 1872.
Italiano — Ronanno — Torre de Pisa — 1174.
Francez — Bonant, construiu a Salpétrière, 1656.
Francez — Bonard — architecto do palacio de Orsay — 1810.
Francez — Bonaventure, architecto em Paris, 1402.
Allemão — Bonensack, architecto de Magdebourg, — 1208.
Francez — Boneval de Ruão, 1496.
Italiano — Bono — Palacio das Doges em Veneza — XIII seculo.
Flamengo — Borenck — Castello de Boussen — 1548.
Italiano — Boromini, em Roma, 1680.
Italiano — Bonsignone — egreja da Virgem em Turim — 1818.
Flamengo — Boschère — hospital de Andenaerde — 1465.
Hollandez — Bosboom (Simão) construiu bellos edificios em Amsterdam — 1868.
Portuguez — Botaca, architecto da egreja do mosteiro de Belem, — 1498.
Francez — Bouchet (Julio), auctor de publicações architectonicas — 1853.
Hollandez — Bouman (Johannes) — cathedral de Berlim e outros edificios. 1750.

Belga — Bourla (F.) — Grande theatro de Antuerpia — 1834.
Hollandez — Bouwens — bairro novo de Egmon — 1855.
Italiano — Bramante — architecto de S. Pedro em Roma e do zimborio da egreja da Graça em Milão.
Allemão — Brand, architecto em Dantzick, 1485.
Inglez — Brade, architecto do tribunal da justiça em Hastincs — 1875.
Inglez — Brandai (D.), architecto do palacio do Duque Eorfolk — 1872.
Hollandez — Bray (Salomão), architecto da cathedral de Harlem — 1597.
Allemão — Brecht, architecto em Hamm, 1510.
Italiano — Bregno, architecto em Veneza, 1480.
Hollandez — Breuck, construiu a Abbadia de S. Gluslain — 1656.
Flamengo — Brissy — egreja de S. Pedro em Douai — 1731.
Belga — Broc — egreja parochial de S. Salvador em Bruxellas — 1811.
Inglez — Brooks (James) architecto da egreja da Annunciação em Chislehurst 1874.
Francez — Brosse (De) de Paris, architecto do palacio de Luxembourg, 1615.
Francez — Bruand — Hotel dos invalidos em Paris — 1670;
Francez — Bruck, de Saint Omer — 1661

(Continua)

Architecto — J. da Silva.

CHRONICA

Descobriu-se no mez de janeiro do presente anno uma sepultura romana no sitio da Piedade, districto de Cacilhas, na occasião de se fazer uma surriba. A sepultura era composta de grandes tijolos com o comprimento de $0^m,40$, largura $0^m,26$ e grossura $0^m,4$: dentro d'ella encontrou-se a parte superior d'um crâneo e o fragmento da base d'um vaso d'argila vermelha de fabrico bastante grosseiro: infelizmente os trabalhadores quebraram os tijolos, e sómente um unico se pôde salvar da destruição, o qual está exposto no Museu do Carmo, assim como a parte do crâneo, achado dentro d'esta sepultura.

* * *

Um precioso monumento epigraphico de dois seculos antes de J. C. que se refere ao rei moabita Moesa, cujo texto narra as guerras com os principes israelitas, o que vem confirmar da maneira mais positiva o que refere a Biblia, acha-se presentemente exposto no Museu do Louvre. A raridade de se terem descoberto inscripções hebraicas faz augmentar muito mais o valor historico d'esta acquisição de que está agora de posse a França.

* * *

O tunel submarino da Mancha vae-se começar, o qual terá de extensão entre Douvres e Calais 48 kilometros; tanto da parte da Inglaterra como de França se fará a communicação por meio de dois poços com o diametro de 8 metros e terá de profundidade 127 metros. Estes poços serão esgotados constantemente por duas machinas de força de 2:000 cavallos cada uma.

A via será dupla e ficará situada a 160 metros por baixo do fundo do mar do Estreito! Em nove horas se poderá ir directamente de Paris a Londres; sendo preciso para a execução d'esta colossal obra d'arte dez annos de trabalhos!

* * *

No concurso para se erigir um monumento ao inclito marechal Duque da Terceira foram approvados pelo Jury tres projectos de oito concorrentes e artistas portuguezes; sendo classificado, em primeiro logar, o plano do architecto o sr. Antonio José Gaspar, digno socio da nossa real associação; em segundo logar, o modelo do esculptor o sr. José Paulo Nunes; e em terceiro logar, o projecto do artista o sr. Manoel Maria Bordallo Pinheiro, tambem nosso associado.

* * *

Uma rarissima descoberta d'uma lampada de bronze veiu ultimamente enriquecer o museu d'archeologia de Modena; pertence ao meiado do IV seculo, e alem da sua linda configuração, mostra a particularidade de ter letras de prata embutidas do nome da pessoa a quem fora dedicada na occasião do seu baptismo.

O distinctissimo sabio archeologo romano o sr. De Rossi julga pelo appellido que se acha gravado ser o nome do Prefeito de Roma no anno 355, *Fabio Felice Pasifilo Paolino.*

É a terceira lampada d'este metal que se conhece do tempo do christianismo na Italia.

* * *

Acaba de ser inventado na Allemanha um novo instrumento de agrimensor; facilita determinar um ponto conforme a sua situação e sua altura, d'uma maneira diversa empregando o *pylometro;* pois que, pelo novo instrumento, se obtem esse resultado por uma unica operação automatica e sem que se precise empregar nenhum calculo.

* * *

A magnifica basilica de S. Diniz (em França) já está completamente restaurada. O insigne architecto

Mr. Viollet-le-Duc, nosso distincto socio correspondente, para o qual a arte ogival não tem segredos, restabeleceu com o maior escrupulo todas as partes e detalhes d'este famoso monumento religioso; como se deveriam executar sempre quaesquer restaurações pelos artistas intelligentes e respeitadores da architectura de outras epochas.

As construcções mais remotas d'esta basilica datam de seculo IX. O tumulo mais antigo é o de Carlos o Calvo, monumento executado em bronze.

Os tumulos que durante a revolução franceza tinham sido tirados para o museu dos monumentos nacionaes, foram novamente restituidos para o jazigo real d'este templo.

Estes difficeis e delicados trabalhos fazem tanta honra ao habil e talentoso architecto, como havia já alcançado merecida fama pela intelligente e primorosa restauração da cathedral de Nossa Senhora em Paris.

* * *

A sociedade central dos architectos de Paris offereceu ultimamente um banquete ao distincto architecto Mr. Bally, seu vice-presidente, para festejar a sua recente nomeação de Membro do Instituto de França.

* * *

O secretario do Real Instituto dos Architectos Britannicos foi encarregado por esta respeitavel associação para felicitar a Real Associação dos Architectos Civis Portuguezes pelo novo anno, e manifestar-lhe novamente quanto anhela pela conservação das boas relações artisticas entre confrades dos dois paizes: o nobre caracter d'esta illustre nação se patenteia sempre em todos os seus actos de urbanidade e de illustração que tanto a distingue; e recebendo nós esta honrosa distincção, aqui tributamos o nosso respeito e gratidão ao Instituto Real dos Architectos Britannicos, e tambem a todos os nossos confrades inglezes.

* * *

Uma extraordinaria descoberta teve logar no principio d'este anno proximo de Marseille n'uma caverna no calcaria jurassico achou-se uma estação préhistorica muito curiosa; pois no fim d'esta caverna estavam accumulados ossos humanos pertencentes a dez esqueletos dos dois sexos; assim como instrumentos de silex lascados, e tambem alguns fragmentos de louça de barro de fabrico grosseiro.

* * *

Creou-se em Paris uma commissão de homens scientificos para indicar as condições e expecionar a collocação dos conductores para os raios; o que dantes serralheiros vulgares executavão estes trabalhos por um processo vicioso, e tendo-se mesm oprovado que os aparelhos por elles assentes não evitariam nos edificios os estragos da eletricidade.

Determinou-se que a haste deve ser inteiriça de ferro forjado, galvanisada, e nunca pintada; compensadores de dilatação seriam collocados sobre differentes pontos dos conductores metalicos: a ponta da haste teria uma frecha em cobre, e não de platina, como estava em uso collocar pela rotina. Quando se pensará no nosso paiz em providenciar a tal respeito, e para se evitar a arriscada accumulação de se consentir tantas hastes juntas dos conductores sobre os edificios?

* * *

O governo do Japão fundou este anno em Yeddo uma academia de Ballas Artes; e contratou com artistas italianos para ensinarem a architectura, pintura e esculptura n'aquelle paiz pelo prazo de cinco annos; dando-lhe de ordenado a cada professor 1:065$000 réis, casa para habitar, e as viagens pagas. Os decendentes dos Aiinos mostram ser mais generosos, e darem maior apreço ao talento, do que outras raças que se jactam de serem mais illustrados!

* * *

Não se ignora que havia no convento dos Freis de Christo, em Thomar, um grande livro do côro com letras floreteadas, coloridas e ornadas de lindos arabescos pintados primorosamente sobre pergaminho pelo celebre artista Francisco de Hollanda; principalmente a vinheta do rosto do primeiro canto é obra admiravel pela sua esmerada execução; alem de ser a unica aguarella que enriquecia este notavel livro, e a qual está exposta presentemente no museu archeologico do Carmo.

Este precioso livro desappareceu, assim como outros objectos de subido valor artistico, do nosso paiz. Achamos por acaso á venda por differentes vezes *71 d'estas letras cortadas das folhas* do pergaminho, tanto as capitaes como as minusculas, e alguns compassos da musica de cantochão; assim como a bellissima aguarella do frontespicio. Tão criminoso quanto estupido foi ter praticado este vandalismo!

N'um dos arabescos, que ornam uma das margens dos cantos religiosos está representado um retrato, feito á pena, e o unico que apparece n'esta collecção: suppomos será aquelle do insigne illuminador, pois era costume n'aquella epocha os artistas deixarem os seus retratos, pintados por elles mesmos, nas suas obras.

J. da Silva.

1876, Lallemant Frères, Typ. Lisboa

2.ª SERIE 1876

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 10

SUMMARIO

Medalha conferida aos tres laureados para premiar serviços prestados ás lettras, ás artes e a Portugal, pelo socio Sá Villela, pag. 145.— *Epigraphia, inscripções romanas de Leiria*, pelo socio correspondente Victorino da Silva Araujo, pag. 148. *Apontamentos archeologicos, Medobriga*, pelo socio correspondente F. R. de Gosmão, pag. 152. —*Sarcophago d'el-rei D. Fernando I*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 153. *Mappa das amostras dos materiaes do districto de Leiria*, pag 154. — *Hygiene, os cemiterios*, pelo socio Jorge Cesar Figanière, pag. 155. —*Material para construcção, relativo á cal*, pelo socio Francisco José de Almeida, pag. 156. —*Noticia ácerca dos orgãos da real basilica de Mafra*, pelo socio correspondente Joaquim da Conceição Gomes, pag. 157. — *Chronica, grande medalha de ouro conferida ao insigne architecto Mr. Duc pelo Instituto real dos architectos Britanicos*, pag. 159. —*Descoberta de um forno romano em Portugal*, pag. 159. — *Offerta do ex.mo Borão de Maynard para o museu archelogico do Carmo de um tinteiro do estylo da renascença*, pag. 159. — *A designação dos differentes projectos de architectura civil appresentadas na exposição das Bellas-Artes em Paris pelos 66 architectos*, pag. 160. — *Recente descoberta de um forno romano em Cahorse (França)*, pag. 160. — *Considerações a respeito de um marco antigo com duas cabeças, que existe em Setubal*, pag. 160. — *Fundações de cursos de archeologia nas universidades livres e nos seminarios em França*, pag. 160. — *Inauguração de um instituto de archeologia christã em Roma*, pag. 160. — *Operação do trepano praticado pela população da edade da pedra polida*, por J. da Silva, pag. 160.

MEDALHA

DA

Real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes

Publíca hoje o nosso jornal, o desenho dos cunhos para a medalha, que a Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, mandou esculpir, para premiar os serviços, que, nos ramos da sua instituição, forem prestados ás lettras, ás artes e a Portugal.

Estes cunhos são destinados para medalhas d'oiro, de prata, e de bronze. Na sua face principal (anverso) representa-se a figura de Lysia, com uma coroa de carvalho em cada uma das mãos, na acção de apresental-as aos benemeritos. Á direita, vê-se o templo hexastylo, d'architectura classica, conhecido pelo templo de Diana, d'Evora. Á esquerda, a anta (dolmen) de Cintra, monumento prehistorico. Em volta, a legenda: *Real Assoc. dos archit. civis e archeol. portug. 1875.* A outra face (reverso) circumda-a uma coroa de loiro, em cujo centro deverá ser gravado o nome do laureado.

A invenção é do architecto Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. O desenho do architecto e esculptor, o Sr. José Maria Caggiani. A gravura do Sr. José Arnaldo Nogueira Molarinho.

Quer parecer-me, que estes cunhos nada deixarão a desejar. É muito para louvar a invenção, pela unidade de pensamento, abrangendo com a maior felicidade, no seu conjuncto e como se fôra simples, toda a idéa complexa da instituição d'esta medalha. Portugal, symbolisado na figura de Lysia (nome que se dá a um supposto filho de Bacho, do qual se diz que proviera o nome de *Lusitania* ou *Lysia*, á maior parte

do territorio que o nosso paiz hoje occupa),[1] está disposto a coroar Architectos e Archeologos. Aquelles symbolisados n'um edificio de architectura romana, o unico cujos restos em Portugal se vêem levantados, e approveitados hoje para estabelecimento d'um museu archeologico; como foram as venerandas ruinas da egreja do Carmo, onde se fundou o nosso museu. Os Archeologos symbolisados pela anta da serra de Cintra, proximo da Penninha; uma das antiguidades prehistoricas mais notaveis entre nós.

Vê-se, que a idéa predominante foi ligar a architectura e a archeòlogia, a monumentos do nosso paiz; englobando a sciencia e a arte d'uma fórma, por assim dizer, inseparaveis. Por isso, o symbolo da arte, sendo muito caracteristico, é tambem uma archeologia: e o symbolo da archeologia uma antiguidade que se perde nas edades mais remotas, fazendo lembrar ao mesmo tempo a origem da architectura.

É digno d'elogio o desenho do Sr. Caggiani. E o cinzelado do Sr. Molarinho é primoroso. Este insigne artista já era bem conhecido, por muitos e bellissimos trabalhos da mesma natureza, que mereceram ser premiados nas exposições de Londres e Paris. Infelizmente a gravura em madeira, do sr. Alberto, alias perito, não pôde corresponder d'esta vez, á nitidez da esculptura no metal do sr. Molarinho.

A concessão d'esta medalha, será acompanhada por um diploma, onde se revela o mesmo pensamento artistico-archeologico-conterraneo, que na medalha se observa. No diploma vê-se o desenho do formoso arco polycurvo, que dá entrada para as capellas, chamadas *imperfeitas* por não terem sido acabadas, do monumental edificio da Batalha. Sob este arco, cujos primores de esculptura são admiraveis, está a epigraphe, o mais concisa possivel, que o diploma deve conter. São ainda caracteristicos os motes gregos, gravados em lettras allemans, nos dois *seguintes* lateraes da archivolta como se vê no desenho; e os quaes o Cardeal Saraiva interpretou como allusivos a descobrimentos, e perscrutações.

Deu origem á instituição d'esta medalha, a seguinte

PROPOSTA

« É notorio que nos paizes nos quaes os estudos scientificos e artisticos teem o devido apreço, não só os governos d'essas nações mais cultas, são solicitos em animar e premiar aquelles que se distinguem pelo seu saber, e pelos serviços prestados no maior desenvolvimento d'esses estudos; como, egualmente as associações fundadas para lhes dar impulso, curam em distinguir os seus membros que mais hão contribuido para o desinvolvimento dos seus trabalhos, ou tem enriquecido a siencia com diligencias dignas de serem citadas com louvor por nacionaes e estranhos, e de merecerem premios pela sua reconhecida valia.

Infelizmente, entre nós pouca attenção damos a esses uteis esforços, e muito menos se pensa em galardoar os trabalhos importantes e desinteressados de nossos compatriotas, que pelo seu talento, saber e investigações scientificas, são mui credores da admiração publica, e do reconhecimento da nação: e por esta mesma razão se lhes devem conferir distincções, tanto para os remunerar pelos seus importantes serviços, como para que ellas sirvam de estimulo a outros, a fim de os incitar a darem maior desenvolvimento a esses prestaveis estudos.

É pois para ser inaugurada no nosso paiz esta praxe seguida por muitas associações scientificas e artisticas, tão honrosa para quem a pratíca, como bastante lisongeira para quem fôr mais digno de a receber; que tenho a honra de propôr: que sejam conferidas tres medalhas de bronze, as primeiras que esta Real Associação mandou cunhar, aos nossos benemeritos consocios, o Ex.mo Sr. Dr. Augusto Filippe Simões pela sua excellente apreciação sobre a architectura do seculo XII em Portugal, e dos edificios que d'esta época ha em Coimbra. Outra medalha ao Ex.mo Sr. Dr. Francisco Martins Sarmento, que tomou a iniciativa e generosamente concorreu, para ser restaurada, no seu primitivo estylo, a antiga egreja historica de S. Miguel do Castello de Guimarães. E tambem outra medalha pela importante publicação de numismatica de moedas nacionaes, trabalho de summo interesse, e o mais completo que Portugal possue, devido ao patriotico zelo do Ex.mo Sr. Augusto Carlos Teixeira Aragão.

Caberá por esta forma a esta Real Associação a honra de haver praticado um acto tão distincto e util; e dará ao mesmo tempo o mais subido testemunho de quanto anhela o progresso da architectura e da sciencia archeologica, ramos tão instructivos para a historia patria; concordando vós n'esta escolha, e votando-lhes tão merecida distincção.

Sala da Assembléa Geral, em 7 de Dezembro de 1875.

O socio fundador

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Sobre esta proposta, foi ouvido o Conselho Facultativo da nossa associação, segundo os seus estatutos, o qual deu o seguinte

PARECER

SENHORES

O Conselho Facultativo, tendo tomado conhecimento da proposta apresentada pelo Sr. Presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva, em Assembléa Geral, na sessão de 7 de Dezembro do anno findo, propondo os

[1] É mais possivel, que se dirive de *Lyceia*, vocabulo grego, que signica *Terra de Lobos*. Alguma vez tratarei d'esta etymologia, mais opportunamente.

tres socios: os Srs. Augusto Filippe Simões, Augusto Carlos Teixeira Aragão, e o Sr. Francisco Martins Sarmento, para lhes serem conferidas tres medalhas; premio que esta Real Associação fundou ultimamente, para remunerar as pessoas que façam os mais relevantes serviços nos ramos architectonico e archeologico; os quaes constam pelas valiosas obras publicadas n'estes ultimos tempos, pelos dois primeiros mencionados socios, e pela restauração executada no typo primitivo da egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, pela generosa iniciativa do Sr. Martins Sarmento: o Conselho depois de reflectida discussão, concordou com a referida proposta; posto que não desconhece haverem outros dignos socios, que por assignalados e anteriores serviços, em proveito das bellas artes e sciencias, deveriam ser igualmente contemplados: comtudo, o Conselho é de parecer. que a Assembléa Geral approve para serem conferidas essas tres medalhas aos cavalheiros a que se refere a citada proposta, como um devido testemunho publico que dará do reconhecido merecimento artistico e archeologico, d'estes benemeritos cultores da sciencia e das bellas artes.

Sala do Conselho, em sessão de 20 de Janeiro de 1876.

J. P. N. da Silva, presidente.
João Maria Feijó.
Valentim José Corrêa.
Visconde d'Alemquer.
Francisco José de Almeida.
C. Munró.
J. M. Caggiani.
Feliciano de Sousa Corrêa.
Ernesto da Silva.

Este parecer foi approvado em assembléa geral de 11 de março do corrente anno, por unanimidade.

Os tres laureados bem mereceram a honrosa distincção, que lhes foi votada. A medalha conferida ao Sr. Dr. Augusto Filippe Simões pela sua obra: *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal;* foi um justo reconhecimento do primeiro estudo de tal natureza, imprehendido entre nós. O auctor revela n'este excellente trabalho, os seus minuciosos e aturados estudos da architectura, nas epochas romana e da meia edade; especialmente pelo que respeita aos antigos monumentos da cidade de Coimbra, nos quaes a sua erudição e critica, judiciosamente se empregaram. Provando ao mesmo tempo, quanto está versado na historia da arte; como ainda depois comprovou no seu valioso opusculo — *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade media*, que póde ter-se como digno complemento da sua primeira citada obra.

N'este opusculo, lê-se um paragrapho, o penultimo de que não posso deixar de transcrever aqui algumas linhas, não só pelas suas considerações cheias de historia e de verdade, mas ainda porque robustece o que a respeito da architectura entre nós, já tive occasião de dizer no n.º 4 do nosso jornal. E o que eu desejaria que não esquecesse nunca a portuguez nenhum, governantes e governados, para que não deixassemos perder de todo esta gloria artistica, que tão cabida nos é, de havermos cultivado a architectura, desde o berço da monarchia, e com tamanha distincção. Ainda mais por ser esta uma das bellas artes, que melhor manifesta a civilisação d'um povo; mas a que modernamente por ahi vemos mais mazorral e abatida, sem ensinamento condigno, sem protecção superior, sem incentivo particular... O Sr. Dr. Simões escreveu isto: «Cousa notavel! Ao constituir-se a sociedade portugueza, n'uma epocha de contingencias, de perigos e luctas, a architectura desinvolve-se logo com rapidez, e produz monumentos perfeitos relativamente ao estado das artes, por esse tempo, nas outras nações da Europa.»

Foi tambem o Sr. Dr. Simões o restaurador do deposito archeologico, a que o sabio arcebispo Cenaculo havia dado principio na cidade d'Evora: indicando mui sensatamente, para estabelecimento do novo museu, os restos do templo de Diana; como se póde vêr pelo seu opusculo: *Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo*, 1869.

A segunda medalha, votada ao Sr. Francisco Martins Sarmento, foi outra justiça praticada a favor de uma idéa, se não nova, nunca tão escrupulosamente estremecida e executada. Estava cahida em ruinas, a egreja de S. Miguel, do castello de Guimarães, do estylo architectonico a que chamarei *romão,* ou romano, para o distinguir do classico e do ogival. O sr. Sarmento tomou fervorosamente a peito a sua restauração; mas com uma illustração, um bom senso, e uma tenacidade, dignas de todo o louvor.

O Sr. Sarmento comprehendeu, que a restauração d'aquelle templo deveria fazer-se o mais rigorosamente possivel, no estylo e costumes da epocha em que primitivamente fôra construido. Ao cabo de trabalhoso lidar, tomadas as convenientes disposições, tem conseguido lograr o seu empenho. Honra lhe seja! Que exemplo este para os que, dizendo-se artistas, e para os que taes trabalhos lhes encarregam, por ahi procedem a conspurcações da arte em vez de restaurações: e não poucas vezes á custa da nação, que tem pago caro algumas vergonhas da nossa illustração, assim exposta á irrisão dos intendidos! (Ora quem será tão falto de toda a humanidade e conhecimento das lettras, que não chore e leve a mal, tão nobres testemunhos da antiguidade, assim serem mal tragidos e desfigurados, por homens sandeus e mal ensinados?)[1]

O Sr. Mousinho d'Albuquerque na sua *Memoria ácerca do edificio monumental da Batalha*, disse mui discretamente: «Quando a mão do tempo e a acção

[1] Diogo Mendes do Vasconcellos, apud *Antiguidades de Evora.*

invencivel da natureza alteram as obras dos homens, quando as ruinas são o resultado inevitavel do curso dos seculos; aquelle que as contempla sente uma impressão de respeito e por ventura de saudade, que se alguma coisa tem de melancolico não desperta outro algum sentimento menos contemplativo, nem menos suave... Um primor porém de elegancia e de gosto, menoscabado e adulterado pela inserção de um ornato grosseiro, disparatado, ou mesquinho, sómente desperta a indignação, e é contra o genio das artes uma flagrante blasphemia.»

Muito e muito bem fez, pois, a nossa associação votando esta medalha ao Sr. Francisco Martins Sarmento. Assim podesse ella servir de proveitoso estimulo á necessaria restauração artistica dos nossos antigos monumentos, como lhe é judicioso exemplo a illustrada iniciativa do Sr. Sarmento!

A terceira Medalha não foi com menos razão concedida ao Sr. Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, pela sua obra monumental de numismatica portugueza: *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes, e governadores de Portugal.* N'esta obra, que não poderia escrever-se sem longos annos d'aturado estudo, mostrou o Sr. Aragão achar-se completamente versado no assumpto de que tracta; e haver compulsado grande numero d'auctores estrangeiros, e porventura tudo o que entre nós a tal respeito se tem escripto, e existe impresso ou manuscripto.

Não seria esta a occasião, nem este o logar de estudarmos alguns pontos muito interessantes, d'este importante trabalho do Sr. Aragão; mas póde affirmar-se, que nos honra as lettras, e muito acredita no gremio d'ellas o seu distincto escriptor.

O sr. Aragão, é tambem auctor de outra obra de numismatica muito valiosa — *Descripção historica das moedas romanas, existentes no gabinete d'El-Rei D. Luiz I,* 1870; na qual, a par dos principios da numismatica, invocados com o melhor methodo, tractou especialmente da moeda romana com muita lucidez e desinvolvimento.

Deve-se ainda ao sr. Aragão o trabalhoso catalogo das moedas, medalhas e outros objectos d'arte e de industria, que fizeram parte da historia do trabalho de Portugal, na Exposição Universal de Paris de 1867.

Ninguem, que tenha conhecimento das circumstancias que deixo apontadas, poderá duvidar da imparcialidade, competencia e justiça, com que as tres medalhas foram conferidas aos benemeritos laureados. E como, ainda além do merito, ha que attender em taes distincções á nobreza do estimulo, intendeu-se por ventura, e creio que muito bem, que sendo os dignos laureados os que mais recentemente haviam prestado á sciencia e á arte serviços de tal distincção, a esses, como incentivo de novos imprehendimentos, deveria ser deferido agora o laurel. Sem que esta deliberação porém, importe menos estimação, ou esquecimento, d'outros serviços já prestados, por eguaes benemeritos da sciencia e da arte; que naturalmente hão de ter alguma hora, o seu devido galardão.

18 d'Abril, 1876.

Sá Villela.

EPIGRAPHIA

Inscripções romanas de Leiria e seus arredores

I

As inscripções lapidares não são por certo dos monumentos de menor valia, que os antigos povos legaram á posteridade. Faltando-lhes a imprensa, que diffunde e immortalisa os acontecimentos, elles entregavam frequentemente á pedra ou ao bronze, os successos que pretendiam salvar do esquecimento.

D'aqui o interesse que universalmente se liga a estes pequenos livros, cujas paginas foram escriptas com o cinzel. Com effeito elles ministram provas á historia, revelam-nos muitos costumes que, sem elles, ficariam sempre ignorados, dão luz ás investigações da archeologia, e rectificam não poucas vezes factos que até ahi passavam por verdadeiros.

D'entre esses povos os romanos, gente avida de gloria, foram talvez os que mais uso fizeram de similhante meio; e a nossa Lusitania, um dos paizes conquistados, onde elles, por ventura, não deixaram menos vestigios de sua longa presença, n'esta classe de monumentos.

Pennas doutissimas e respeitaveis se teem empregado em descrevel-os: eu só intento occupar-me n'este opusculo dos que se hão encontrado, alguns dos quaes ainda ineditos, no limitado territorio a cuja frente outr'ora figurou Collipo.

Á entrada do castello, mettidas na velha muralha, veem-se umas 12 ou 14 lapides, medindo 1^m a $1^m,17$ de comprido sobre $0^m,36$ a $0^m,58$ de largo, e $0^m,30$ a $0^m,36$ de espessura cada uma. Apenas de tres são inteiramente ou quasi inteiramente legiveis as inscripções; das de outras percebem-se sómente algumas palavras ou letras mutiladas; e d'ellas ha em que se não enxerga inscripção alguma, provavelmente por estar na face interior; pois me quer parecer que, sem inscripção, mal teriam razão de ser. Esta circumstancia leva-me a conjecturar que foram alli postas mais para encher, que com o proposito de as conservarem. Por outro lado, olhando á sua forma, creio que são antes uns cippos *(columellae)* dos que os romanos e tambem os gregos[1] costumavam levantar sobre as sepulturas,

[1] Cic. De Leg. II 26. — Id. Tusc. v. 23.

do que lousas *(mensae)* propriamente ditas, destinadas a cobrir os ossos ou cinzas dos mortos.

Dos AA. que escreveram tratados especiaes sobre inscripções romanas, e de que tenho noticia, apenas o visconde de Paiva Manso, ha pouco fallecido, e alguns jornaes de litteratura, mostram ter conhecido estas de Leiria; e ainda assim só a 1.ª e a 2.ª, e não sei, quanto a Paiva Manso, se tambem a 4.ª da presente collecção-zinha, como em seu logar observarei. Entre os historiadores, Brito mesmo e Faria e Sousa, que em suas obras consignaram bastantes, a respeito das de Leiria guardaram completo silencio. Quanto aos estrangeiros, o sr. Hübner, o unico cujo trabalho *Noticias Archeologicas de Portugal* tenho á vista, talvez por não as achar sufficientemente importantes, ou porque não as visse, é certo que não as transcreveu, limitando-se a dizer vagamente, que «*no castello de Leiria teem apparecido varias lapides sepulcraes.*» — E como o sabio archeologo, quando compunha a sua erudita memoria, compulsava ao mesmo tempo a collecção de Gruter, pois que d'ahi tomou não poucas, deixando de particularizar as de Leiria, dá-me occasião a suppor, que nem tão pouco o famoso antiquario belga soube ao menos que existiam.

Vou apresental-as.

1.ª

D. M. S.
M. FRONTONI
O. FRONTONI
M. FRONTONIV
AVITVS. PA
TRI. PIISSIM
P. C.
S. T. T. L.

— *Dis Manibus sacrum M. Frontonio. Frontoni (i. f.) M. Frontoniu (s) Avitus-patri-piissim (o) ponendum curavit. Sit. libi. terra. levis* — Traducção: — *Marco Frontonio Avito mandou levantar este padrão em honra de Marco Frontonio, filho de Frontonio, seu piissimo pai.* —

2.ª

Agora é uma angustiada mãe prestando os mesmos officios a sua filha defuncta.

D. M.
ALBVRAE
TITI. F.
DVTIA
AVITI. F.
MATER
F. C.

— *Dis Manibus. Alburae Titi, filiae. Dutia. Aviti, filia, mater, faciundum curavit.* — Traducção. — *Consagrado aos deuses Manes. Em honra de Álbura, filha de Tito, mandou fazer esta memoria sua mãe Ducia, filha de Alvito.* —

3.ª

D. M. S.
RVITAE
RVFI. F.
AN. XVII
RVFVS. RVFI
P. T. RVFI
VE. F.

— *Dis Manibus sacrum. Avitae Rufi filiae anno rum . . . Rufus. Rufi, filius. Titus, Rufi (nus) Rufi, filium . . .* — Traducção: — *Consagrado aos deoses Manes. Á memoria de Avita, filha de Rufo, que tinha . . . annos de edade,* (levantaram esta lapide) *Rufo, filho de Rufo, Tito Rufino, filho de Rufo . . .* —

Esta inscripção está quasi apagada do tempo: o marmore mesmo foi mutilado, talvez para caber no logar em que se acha, restando apenas uma terça parte pouco mais ou menos. A porção que falta devia, quando mais não fosse, conter a formula F ou P C *(faciendum* ou *ponendum curavit)* e a deprecação S. L. T. L., que, de ordinario, fechavam as inscripções tumulares.

Não sei que alguem a tenha publicado, se não o sr. Pinho Leal no seu curiosissimo diccionario *Portugal Antigo e Moderno,* artigo *Leiria.*

4.ª

D. M.
VETIAE RV
FAN XI
N
VAE F
AE
T. T.

Quasi totalmente desfeita esta inscripção não se presta a interpretação alguma segura. Parece todavia ter por objecto uma Vecia, da mesma familia Rufus da inscripção precedente, fallecida entre os 15 e os 39 annos de edade.

Pode ser a mesma, que na sua collecção nos offerece Paiva Manso, como achada em Collippo, n'estes termos: D. A || VE E || || sendo assim, o A da linha 1.ª estará alli erradamente por um M *(Dis manibus.)*

II

As duas que se seguem não pertencem ao castello, vão comtudo n'este logar por dizerem respeito á familia *Avitus* das tres primeiras.

5.ª

D. M.
DIADVMENO
CARISIAE
AVITAE LIB
. . . . . .

— *Dis Manibus Diadumeno Carisiae Avitae liberto* — Traducção: — *Consagrado aos deuses Manes. Á memoria de Diadumeno, liberto de Carisia Avita...* —

Esta inscripção acha-se no cunhal de uma sacristia velha do extincto convento de S. Francisco. Appareceu tambem a primeira vez, que eu saiba, no sobredito diccionario do sr. Pinho Leal.

Era um cippo; mas não está inteiro: falta-lhe uma porção consideravel pela parte inferior. Na que existe observam-se ainda fragmentos de lettras de umas cinco linhas; e talvez tivesse mais. Essas linhas deveriam conter, pelo menos, o nome do dedicador (uma esposa, um filho, um amigo...) e as demais formulas do estylo.

6.ª

F S
FRON
NIVSA
VITVS
A L

— (Deae) *Fortunae sacrum.* (M?) *Front* (o) *nius Avitus animo libens.* — Traducção: — *Consagrado* (á deusa) *Fortuna* (Marco?) *Frontonio Avito, de boamente.* —

Em 1807 achou-se n'uma excavação que se andava fazendo junto á nascente das aguas mineraes de Monte Real, no campo de Leiria, um consideravel numero de moedas romanas de cobre; em algumas das quaes, posto que bastante deterioradas, se liam ainda os nomes dos imperadores M. Aurelio, Alexandre Severo, e Philippe; e n'uma apenas as lettras INA, que poderiam ser o final do nome FAVSTINA, que era o da mulher de M. Aurelio. Umas estavam esparsas pela terra, outras encerradas n'uma cavidade coberta com um pequeno marmore, que teria approximadamente $0^m,24$ de comprimento e $0^m,13$ de largura, mas de uma forma especial. Em uma das faces d'este marmore estava gravada a inscripção precedente.[1]

Tres auctores, que eu saiba, se têem occupado d'esta inscripção, e nenhum a apresenta do mesmo modo. Assim o dr. Francisco Tavares, de cujo livro tive a primeira noticia d'ella, traz na segunda linha FRON, e na ultima AI; o sr. Hübner FRONT lendo *Frontinius*, e A L; Paiva Manso um FRONYNIVS, que não sei como justificar-se. Vendo esta discrepancia, pedi a um amigo competentissimo, que examinasse attentamente a inscripção no proprio monumento. A copia que exhibo, e que tenho por exacta, é feita sobre o seu testemunho. Com effeito, sendo N o monogramma de NT, estas lettras, se as ligarmos a um O, que certamente se apagou no principio da terceira linha, dão com as demais que se seguem até o fim da linha immediata, o nome *Frontonius* com o seu cognome *Avitus*, já bastante conhecidos pelas inscripções do castello.

[1] Instrucções e cautellas praticas sobre a natureza, differentes especies etc., das aguas mineraes — Pelo dr. Francisco Tavares. — Part. I. — Coimbra, 1810.

O monumento conserva-se ainda no gabinete de numismatica da bibliotheca publica de Lisboa. Diz o sr. Hubner, na sua obra acima indicada, que é um pequeno altar portatil.

III

Mui poderosa devia ser por certo esta familia, não só em Collippo, onde cinco inscripções se teem já descoberto com o seu nome, mas egualmente em outras terras da Lusitania. Sobejam dados para acredital-o.

Assim, se consultamos o nosso bem conhecido antiquario André de Rezende, elle nos dá conta da seguinte inscripção, que, diz, fôra achada em Beja, e que attesta a presença da mesma familia no Alemtejo: — C. IVLIO. L. F. GAL || AVITO. FRARI || VS. SABINVS — [1]; a qual o sabio eborense lê d'este modo: — *Caio Julio. Lucii filio galeria avito fratri sabinus* — Creio, que não tomou *avit* por adjectivo, como a orthographia pode fazer suspeitar; mesmo porque, como tal, não teria n'este logar significação alguma: mas os nossos classicos, aliás tão aprimorados a outros respeitos, no tocante a ortographia não eram muito escrupulosos. Tambem se não faz cargo da desinencia VS, que está antes de SABINVS; a qual me parece a mim, segundo as regras da formação dos nomes dos romanos, ser o final do *nomen* IVLIVS, cujo principio se terá perdido. De sorte que, n'este supposto, a inscripção deverá escrever-se e ler-se: *Caio Julio, — Lucii filio, Galeria, Avito fratri, Julius Sabinus* —. Nem obsta usar um dos irmãos do appellido de *Avito* e o outro do de *Sabino*. É certo, que a praxe, entre os romanos, dava o mesmo *nomen* e *cognomen* do pai a todos os irmãos na mesma familia, porém esta praxe não era de tanto rigor, que algumas vezes não cedesse ao capricho, ou a considerações pessoaes, ao menos nos tempos do imperio. Por exemplo: quando no *dia lustrico* se havia de pôr o nome a Nero, a mãe pediu a Caligula, então imperador, que lhe pozesse elle o nome que quizesse, e Caligula, olhando para Claudio, disse que lhe punha o d'este principe.[2] O mesmo Nero depois tomou de seu bisavó este *cognomen*, desprezando o de seu pai, que era *Ahenobarbo*[3] Tacito falla-nos ainda de um Rubellio Planto, cuja familia, ao que parece, tinha por *cognomen Blando*.[4] Mas onde esta desviação do costume antigo se dava com mais frequencia era nas mulheres: poderia citar alguns exemplos; apontarei só um. O uso mandava, que seu nome fosse o proprio *nomen* do pae, apenas com uma ligeira alteração na desinencia, para indicar o sexo. Assim a filha de Cicero chamava-se *Tullia*, porque o pae era M. *Tullio* Cicero; a de Cinna

[1] De antiquitatibus Lusitaniae — L. IV.
[2] Suet. In Ner. 6.
[3] Tacit. Ann. XII 26.
[4] Id. ib. VI 27 e XIII. 19.

(L. *Cornelio* Cinna) *Cornelia;* a de Augusto (C. *Julio* Cesar Octaviano) *Julia*, etc. Não obstante, Poppêa Sabina, essa dama que tão celebre se tornou na côrte de Nero, a qual, por ser filha de Tito Ollio, se deveria chamar *Ollia,* preferiu a este nome o de sua mãe, ou, como quer Tacito, o de seu avô materno, Poppêo Sabino, de quem a mãe havia recebido devidamente o seu.[1] Quanto a vir, na inscripção, o *cognomen* depois da designação da tribu, era este o estylo lapidar.

No 5.º livro da mesma obra de Resende, composto por Diogo Mendes de Vasconcellos, vem outra inscripção da mesma familia, a qual inscripção, diz Vasconcellos, estava em uma torre do mosteiro de S. João da cidade de Evora. Eil-a aqui tal, qual a copiou Vasconcellos; . . . . . IR. STLITB. IVDICAND ||. . . . . LIA. Q. FAVITA MATER ||. . . . . ITEMQVE D. D.—Parece ser uma consagração, ou uma dedicação, que um dos duumvríos teria feito a alguma divindade ou personagem, de quem houvesse recebido mercê; acompanhando-o n'este acto de reconhecimento sua mãe, talvez o outro duumviro ou a cidade mesma, e os decuriões ou senado do municipio. N'esta hypothese, a lacuna que se observa no principio da primeira linha devia ter sido occupada pelo nome e, talvez, filiação do individuo principal, e naturalmente precedida de outra linha, que contivesse a declaração da entidade a quem a memoria era dirigida. O que falta na segunda linha é sem duvida a primeira parte do nome da mãe *(Julia, Cornelia, Servilia etc.);* e na terceira o nome do segundo duumviro, ou talvez antes as siglas CIV. ou MVN *(civitas, municipes.)* Finalmente, na segunda linha, onde está Q. FAVITA deve ler-se Q. F. AVITA *(Quinti Silia, Avita):* não tem questão.

Em Alfeizirão, o *Eburobritium* dos romanos, como geralmente se crê,[2] se descobriu, refere Brito,[3] entre outras inscripções a seguinte, em que por duas vezes se faz menção do mesmo appellido: — SVLPICIAE || L. F. AVITAE || EX. T. SVO. Q. || SERVILIVS || AVITVS. HER || G. SERVILI. || LAVRI PATRIS || SVIF. C.— Parece ser a lapide funeraria de uma senhora, que em testamento deixára encarregado de lhe prestar as derradeiras honras seu parente, talvez irmão, 2.º Servilio Avito; o qual deporia o *nomen* do que era seu pae por natureza, conservando, como prescrevia o uso, o *cognomen*, e tomaria o de seu pae adoptivo, Gaio ou Caio Servilio Lauro, de quem pela adoptção, ficava egualmente constituido herdeiro. Esta matrona podia muito bem ser do sangue, quem sabe se irmã até? de outra do mesmo nome natural de Collippo, de quem reza esta outra inscripção colleccionada pelo sr. Hübner, e descoberta em Salir-de-Matos a pouca distancia de Alfeizirão: — D. M. S. | SVLPICIAE. COL LIPPONESI. AN || XXXV. CALLECVS iiR. SL. VXORI || P P C.—Os dois *ii,* que vão no principio da 5.ª linha, são meus, postoque na cópia que o sr. Hübner apresenta, tirada de outra de fr. José de S. Lourenço, não haja espaço para elles. Assim restabelecida, leio as duas siglas iiR. SL. *duumvir litibus* (judicandis) exactamente como julgo forçoso ler-se a abreviatura, parecida com esta, da inscripção de S. João de Evora, acima exarada. A explicação que, segundo em nota diz o sr. Hübner, dá Th. Mommsen, isto é, que as sobreditas siglas querem, talvez, dizer — *reipublicae suprascriptae* — não me parece aceitavel. O illustre archeologo teria sem duvida exemplos d'esta formula: eu por mim (o que não admira, pelo pouco lido que me confesso ser) não tenho nenhum; nem tão pouco me occorre, que o termo *reipublicæ* fosse empregado no sentido que elle lhe dá, isto é, para indicar a naturalidade de um individuo qualquer. Depois seriam necessarias mais duas letras, um P *(publicae)* e outro *s (scriptae);* e não estão lá: o sabio professor lembra-se que esta falta nasceria da ignorancia do auctor provinciano. Emfim não faz caso do L que se vê em seguida ao S; mas que não obstante lá está, se a cópia é exacta. Admittida esta interpretação, Calleco (nome ao parecer, lusitano) era duumviro, provavelmente do visinho municipio *Eburobritium;* e as duas Sulpicias talvez ambas de Collippo, onde gosavam de tanta consideração os Avitos, a cuja familia uma e outra pertenciam. O appellido *Laurus* tambem não era desconhecido na Lusitania, nem tão pouco nas terras proximas de Collippo: o citado Brito copiou de uma lapide, encontrada na mencionada villa de Alfeizirão, outra inscripção, em que é nomeado um P. Lauro, duumviro do municipio.

Lê-se ainda o appellido *Avitus* no cippo que em 1868 se achou no cemiterio romano descoberto ao pé de Tavira, com esta inscripção: — IVILLAE-TIB-F-MAR || CIAE CEMINAE (Geminae?) || AMICAE OPTIMAE || L. QVINTIVS. PRISCIONius || CVM CALLAEA·.·T.F. SEVERINA || ET-QVINTIA. AVITA. FIL. D. D.[1] O nome inteiro de Priscionio, pae de Quincia Avita, devia ser *Lucio Quincio Avito Priscionio;* o qual tendo entrado pela adopção na familia *Avito,* haveria tomado, como acima disse fallando de Servilio Avito, e o uso prescrevia, o nome todo do adoptante, com a adjuncção do designativo da sua familia natural *Priscionio.* Repito *como o uso prescrevia,* porque não me consta ter havido lei alguma positiva a tal respeito; antes de um logar de Suetonio[2] parece inferir-se, que o adoptado podia não acceitar, ou, pelo menos, renunciar o nome do adoptante. Assim o fez o imperador Tiberio (posto que o exemplo de um homem d'estes não colha muito), que, tendo sido adoptado, quando menino, por M. Gallio, apenas tomou posse da herança, não usou mais do nome do seu bemfeitor.

[1] Id. ib. XIII. 45.
[2] Plin. Hist. IV, 21
[3] Mon. Hist. P. I, III. 11.

[1] Diario de Lisboa 260 — de 14 de novembro de 1868.
[2] In Tib., 6.

Finalmente o sr. Hübner offerece-nos na sua collecção mais quatro inscripções, copiadas de Gruter e do nosso Canaes, todas pertencentes a Portugal: uma de um certo *Avitus, Proculi filius;* outra de um *Valerius Avitus, Valerii Marini filius;* a terceira de outra *Valerius Avitus, Sulpicii filius;* e a quarta de um *P. Popilius Avitus.*

Mas se tudo isto prova o grande poderio da familia *Avitus* n'estas regiões, já outro tanto se não pode dizer da sua antiguidade que é outro titulo de nobreza, Eu não conheço d'este appellido, pessoa mais antiga, do que A. Cluencio Avito, cavalleiro romano, contemporaneo de Cicero: mas este mesmo teria passado desconhecido, se o não immortalisára o verbo inspirado do grande orador em uma das mais bellas producções de sua eloquencia admiravel. Nos tempos posteriores acha-se na pessoa de um consul: e a historia conserva o nome do imperador Flavio Avito quasi na agonia do imperio do occidente.

(Continúa)

O socio correspondente

VICTORINO DA SILVA ARAUJO.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

(Continuados de pag. 71).

MEDOBRIGA

V

Impugna Soares Barbosa a veracidade da narrativa de Hircio, crendo que no Herminio maior (serra d'Estrella), e não no Herminio menor (Marvão), se refugiaram os medobrigenses; porque reputa este monte de facil accesso, e por isso indefensavel.

Estamos convencidos que o nosso historiador nunca viu Marvão, nem d'esta praça teve exacta noticia; porque, se a tivesse de sua formidavel posição, talhada effectivamente a pique no logar, por onde os romanos, sahindo de Medobriga, deviam invadil-a, montuosa[1] e aspera por todas as outras partes por onde podia subir-se, não nol-a pintaria tão accessivel.

E que, em verdade, não é accessivel, como presumo, demonstra-o a nossa historia militar antiga e moderna, isto é, não só com relação ás guerras civis nas primeiras épocas da monarchia portugueza, mas com referencia ás ultimas, que ensanguentaram o paiz.[1]

E se os herminios não poderam sustentar-se, dez annos antes em suas montanhas naturaes, com particular conhecimento das mais defensaveis, sendo compellidos a abandonal-as, não é maravilha que os medobrigenses, a quem este facto não podia ser desconhecido, não procurassem tal asylo, ousando antes esperar o inimigo nos cabeços invios do pequeno Herminio.

VI

HERMINIO

Monte Herminio era o nome que em tempos remotissimos teve a serra de Estrella; e foi assim chamada, porque, na antiga linguagem da Hespanha, *Hermunho* ou *Herminio* queria dizer aspero e intratavel, como na realidade o é este monte, pela aspereza de seus altissimos penedos, e antigamente o era ainda mais pela fereza dos seus habitantes. Não só os homens eram duros de sujeitar, como o experimentaram os romanos, mas igualmente rusticas e agrestes eram as mulheres. [2]

As serras de Estrella chamavam, pois, os nossos antigos *Herminio maior,* e a de Marvão *Herminio menor.* [3] E n'este sentido é que Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção do Reino de Portugal, cap. IX, pag. 54,* diz:

«Ao longo d'este *monte Herminio,* e á sua sombra estão muitos logares, de que alguns são grandes e nobres, como a cidade de Portalegre, as villas de Arronches, Marvão, Alegrete, e a cidade de Medobriga, que em tempo dos romanos foi grande e bem edificada, segundo mostram suas ruinas, e parte dos edificios que hoje se vêm, a qual, por estar ao pé do *monte Herminio,* a gente popular chama Armenha.»

Mais expresso é ainda o padre João Baptista de Castro, que, no seu *Mappa de Portugal, tom. I, capitulo VI,* tratando dos montes, promontorios e serras de maior nome, referindo-se particularmente a Marvão, diz:

«Esta serra é o *Herminio menor,* onde ha minas de oiro e de chumbo, e ainda se vêm ruinas da cidade Medobriga.»

[1] «E' Marvão, ou o seu montuoso sitio, um braço d'aquella dilatada serra, a que dão o titulo de Estrella (que ennobrece a provincia da Beira), e n'este sitio da provincia do Alemtejo mostra as mesmas qualidades que ostenta na sua primeira origem. Com estas conserva n'esta parte o brazão de seu antigo nome *Herminio,* que hoje está viciado em Marvão; mas ainda menos occulto nos vestigios da famosa cidade de Medobriga, que apparecem nas faldas d'este monte, com o titulo de *Aramenha* por sua contemplação e respeito.»

Santuario Mariano por Fr. Agostinho de Santa Maria, tomo 3.º, liv. IV, tit. III, pag. 372.

[1] «Sóbe Marvão por espaço de meia legua, chegando a uma sublimidade tão grande, que d'ella se descobre a serra da Estrella, e das partes de Castella os altos montes de Bejar, parecendo estes pela distancia, e os circumvisinhos pela inferioridade, valles humidos, quando são contemplados de sua grande eminencia.»

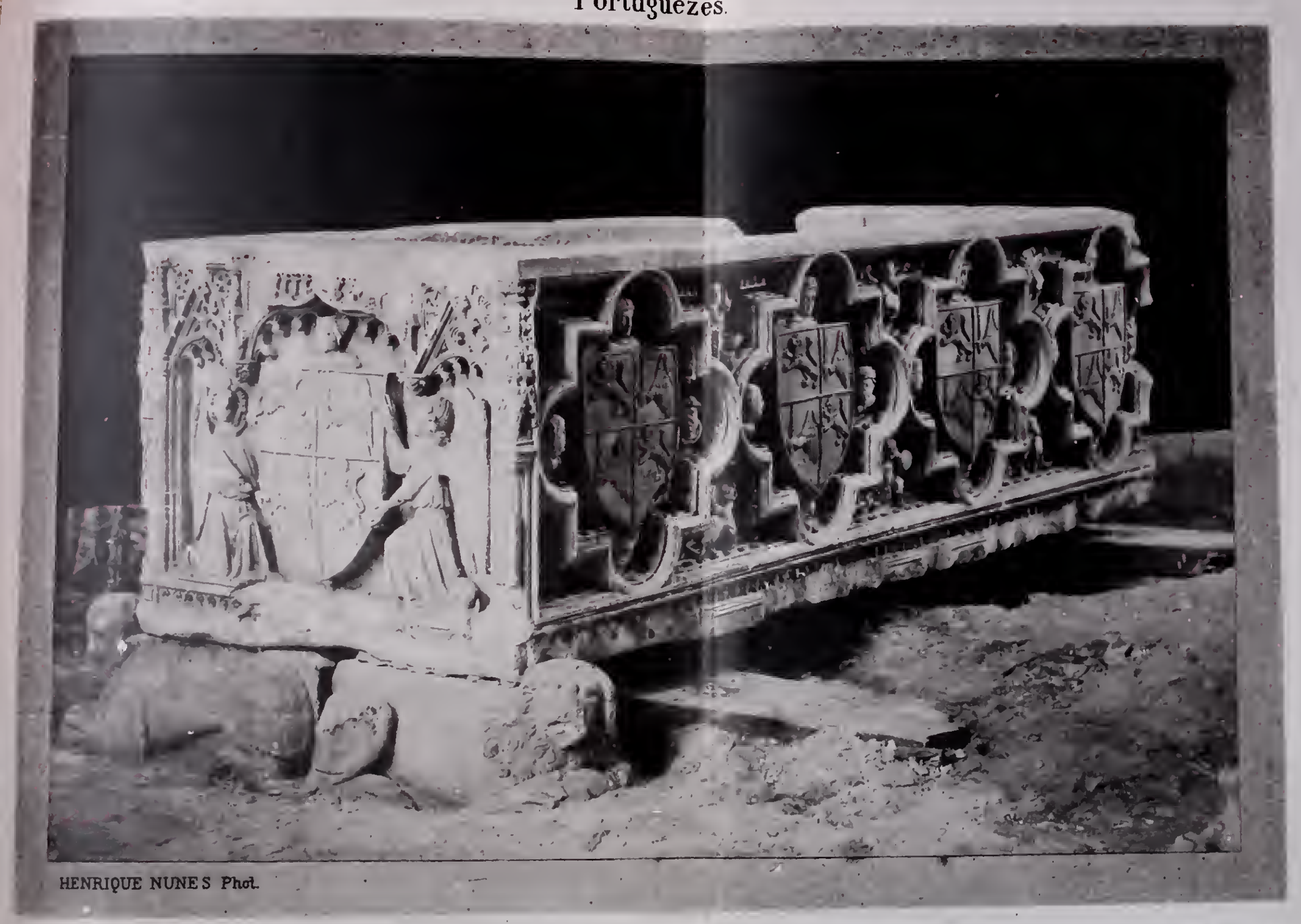
Santuario Mariano no livro citado.

[2] Veja-se a palavra *Marvão* no *Portugal Antigo e Moderno, Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, etc., etc. tomo V pag.* 116.

[3] Veja-se a *Memoria historica sobre a vila de Ceia* por Agostinho de Mendonça Falcão, pag. 4.

Veja-se *Serra da Estrella* no *vocabulario Portuguez de Bluteau.*

[4] Monte *Arminho* denominou esta serrra Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia historia, cap. IV.*



HENRIQUE NUNES Phot.

ESTAMPA 15.ª

Parte inferior do sarcophago d'El-Rei D. Fernando 1.º
de Portugal, do XIV seculo.

André de Resende, na sua já por vezes citada obra *De Antiquitatibus Lusitaniae, liv. I, tom. I pag. 68,* fallando do *monte Herminio,* diz:

«*Herminium* montem, et olim in epistola ad Emmanuelem *sosam Arrumcensis* castri praefectum, virum nobilem et eruditum, et post ad Joannem Vasaeum, os tendi eum esse, in quo Alacriportus civitas, Arruncis, Alacretum, Marvanum, aliaque oppida non contemnenda, sita sunt. Ad cujus radices extant adhuc Meidubrigae urbis ruinae, non procul a Marvano castro, cujusque altissimum culmen super dirutam urbem, etiam dum veterem appellationem retinemt. Herminius enim mons vocatur. Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est, Herminia vulgo dicitur sive, ut lusitane loquar, *Haraminiu.*»

Quer dizer em linguagem:

«Já ha tempo mostrei em carta dirigida a Manuel de Sousa, Alcaide-mór de Arronches, varão nobre e erudito, e n'outra posterior a João Vasen, que era no *monte Herminio* que estavam situadas a cidade de Portalegre, Arronches, Alegrete, Marvão, e outras povoações de importancia. E nas raizes d'este *monte* existem ainda as ruinas de Medobriga, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando sobre a cidade destruida, conserva ainda o nome antigo, porque se chama *Herminio*. E a propria cidade arruinada, do *monte,* a cujo sopé se estende, ainda hoje se chama Herminia, ou Aramenha, para fallar portuguezmente.»

São correlativos, como acabamos de vêr, os tres objectos de que tratamos, esclarecendo-se reciprocamente as noticias que a cada um d'elles respeitam.

Possa o trabalho, que tivemos em colligil-as, incitar a amplial-as, como merecem, quem tenha mais vagar, e mór cabedal de conhecimentos do que o que nós possuimos.

O socio correspondente

F. R. de Gusmão.

SARCOPHAGO D'EL-REI D. FERNANDO

EXPLICAÇÃO DA 15.ª ESTAMPA

A photographia d'este numero do *Boletim* é o complemento da outra que foi publicada como n.º 8, e representa a parte inferior do sarcophago d'el-rei D. Fernando I, não sendo a sua esculptura de menos apreço do que a que fôra executada na campa; e até mesmo faz ver a superioridade do engenho do artista pela variedade e merecimento da composição, em que sobresae o talento do habil esculptor, que produziu trabalho tão notavel, o melhor d'essa época que existe em Portugal.[1]

Está ornamentado por tres retabulos de fórma quadrada tendo um semicirculo ao meio de cada um dos seus lados, dentro do qual ha um escudo sustentado por uma mascara; este escudo está ornado com o brazão de conde de Gijon marido da princeza D. Izabel, filha d'el-rei D. Fernando.

Occupam os espaços circulares 24 bustos em alto relevo com as effigies do pontifice, prelados e outros varões illustres contemporaneos do referido soberano.

Nos intervallos das figuras mixtas geometricas, que separam os tres retabulos de cada uma das faces do tumulo, estão representados animaes fabulosos, e guerreiros em attitudes grotescas, que com bastante arte enchem o espaço irregular em que foram executados; porém o mais notavel de todos, é aquelle que mostra o laboratorio de um alchimista, e este preso a um cepo está na impossibilidade de applicar os seus maleficios contra os seus similhantes.

Na cabeceira d'este tumulo se vê o martyrio de S. Francisco; e no lado opposto a representação do convento d'esta ordem religiosa, edificado em Santarem, e a tentação com que o demo, disfarçado em differentes animaes, vem perturbar as orações dos religiosos que estão entregues ás suas devoções nas cercanias do mesmo convento; mas a agua que brota de um penedo, e d'um monge que se utilisa d'ella, symbolisa a pureza da sua consciencia e que resistiram aos embustes do genio do mal.

O tumulo d'este rei foi collocado primeiro em um elevado coro sobre abobada de cantaria na nave principal da egreja d'este convento; mas tomando o espaço de tres de cinco arcadas que tinha a nave do mosteiro de S. Francisco de Santarem, e a tornava bastante sombria, foi depois desmanchado em 1388, e transferido para o coro por cima da entrada da referida egreja.

El-rei D. Fernando tinha antes feito trasladar os restos mortaes de sua augusta mãe para o mesmo convento, os quaes tinham estado na capella-mór da egreja dos Padres de S. Domingos, o que teve logar em 1476; porém depois de se ter renovado o tumulo do rei, ficou-se ignorando o logar para onde foi depositado o cadaver da princeza D. Constança. Todavia, ha quem afirme que a mãe d'el-rei D. Fernando fôra depositada no tumulo de seu filho, quando por ordem da Casa Real, o corpo d'este rei, que morreu em Lisboa, e esteve depositado no convento de S. Francisco da Cidade, sendo depois trasladado para Santarem.

O sarcophago quando foi entregue pelo commandante do corpo do regimento de artilheria n.º 3, para vir para Lisboa, toda a sua officialidade presenciou que o tumulo estava vasio; ignorando-se quando e por quem teriam sido removidos os despojos d'este soberano para outro logar, ficando portanto a responsabilidade de tal profanação a quem a praticou.

J. P. N. da Silva.

[1] Veja-se o n.º 8 pag. 121

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LEIRIA

Amostras de materiaes de construcção remettidos á Associação dos Architectos Civis Portuguezes[1]

Caixas em que são contidas	Numeros correspondentes a cada peça	Logares d'extracção	Distancias a Leiria	Quantidades de carreto que podem fazer	Preço de cada carreto	Carga d'um carro de bois	Distancia ás estradas reaes	Observações
O	1	Monte d'Algodim....	13 kilometros	1	700	0m,400	600m,0	Argila
P	2	Idem.....	13 kilometros	1	700	0m,400	600m,0	Argila
Q	3	Valle Coelho.....	12 kilometros	1	700	0m,400	1:600m,0	Argila
R	4	Casal dos Ovos.....	12 kilometros	1	700	0m,500	60m,0	Saibro
S	5	Ponte da Magdalena..	10 kilometros	1	700	0m,500	000	Saibro
T	6	Pombal.....	25 kilometros	0,5	1:400	0m,500	000	Areia
U	1	Telheiro.....	4 kilometros	1,5	600	25 adobos	4 kil.os	Adobo (260 a 280 réis o cento)
	2	Casal dos Ovos.....	12 kilometros	1	700	25 »	000	Idem.
	2							
	3	Valle Coelho.....	12 kilometros	1	700	500 telhas	1:600m,0	Telha (2:800 a 3:600 o milheiro)
	3							
	4	Idem.....	12 kilometros	1	700	500 tijolos	1:600m,0	Tijolo (1:400 a 1:800 o milheiro)

Direcção das Obras Publicas do districto de Leiria

O Director

Joaquim Miguel Pereira Abreu.

[1] Vejam-se os numeros 2.º pag. 28 e 9.º da 1.ª serie e os numeros 4.º pag. 56 e 8.º da 2.ª serie do Boletim d'esta Real Associação.

HYGIENE

CEMITERIOS PUBLICOS

Providencias que se deram nos fins do seculo passado para a sua construcção em Lisboa

Os cemiterios publicos, que nos nossos dias se mandaram estabelecer e generalisar em todo o reino, vieram substituir o systema barbaro, indecente e damnoso de sepultar os mortos nas egrejas.

A magestade da religião, a hygiene e a decencia, exigiam que os templos, na phrase de um eminente escriptor, «deixassem de ser o receptaculo dos cadaveres e dos vermes».

Nos primeiros seculos do christianismo os finados eram sepultados em cemiterios proprios e arejados; o luxo, porém, invadiu o santuario, e os poderosos passaram a ser enterrados nos templos, manchando assim a sua pureza.

No *Tratado da conservação da saude dos povos*, do celebre medico portuguez Antonio Nunes Ribeiro Sanches[1], cita o auctor varios concilios, e entre elles um de Braga, prohibindo as sepulturas nas egrejas.

Para destruir tão nociva pratica foi mister, porém, que um sem numero de escriptores distinctos empregassem as suas vigilias n'um assumpto em que tanto interessava a humanidade.

Sem nos fazermos cargo dos escriptos de Haguenot, Olivier, Maret e outros, publicados em França ainda no seculo passado, indicaremos apenas tres, que entre nós vieram á luz publica em epochas mais recentes.

1.º Vicente Coelho de Seabra Silva Telles, medico e lente substituto de zoologia, mineralogia, botanica e agricultura, na Universidade de Coimbra, fallecido em 1804, escreveu: *Memoria sobre os prejuisos causados pelas sepulturas dos cadaveres nos templos, e methodo de os prevenir.*[2]

Ahi se refere o auctor a duas epidemias que grassaram na cidade do Porto, e a que deram causa as emanações putridas das egrejas de Santo Ildefonso e dos Orphãos, e a outra, de que ia sendo victima, originada pelo estado immundo e indecente em que achou a egreja de Alfarellos.

2.º O doutor José Correia Picanço lente jubilado da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, que fallecen no Ric de Janeiro agraciado com o titulo de Barão de Goyana, deu á luz: *Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e nos seus contornos.*[1] Foi vertido do francez de Vicq-d'Azir, que o traduziu do italiano de Scipião Piattoli.[2]

3.º O doutor Francisco de Assiz de Souza Vaz, director da eschola medico-cirurgica da cidade do Porto, fallecido em 1870, publicou: *Memoria sobre a inconvenieneia dos enterros nas egrejas, e utilidade da construcção dos cemiterios.*[3]

Hoje os cemiterios estão geralmente estabelecidos.

As providencias adoptadas desde a promulgação dos decretos de 21 de setembro e 8 de outubro de 1835, venceram as difficuldades que, em muitas povoações do reino, se oppozeram á sua execução.

A successiva accumulação de cadaveres dentro do recinto dos mesmos cemiterios, nas grandes cidades, inspira comtudo serios receios de que, com o correr dos annos, venha a produzir effeitos tão nocivos á salubridade geral como os que se procuraram evitar.

La fóra organisam-se associações, cada vez mais numerosas, para a reforma dos enterramentos pela incineração dos cadaveres.

A obra do allemão Ullersperger, ha pouco traduzida em vulgar, com o titulo: *Urna ou Cova? Qual é mais util para a humanidade,* falla bem alto a favor d'essa reforma. Se ella tem de prevalecer, se a pratica seguida pelos gregos e pelos romanos será a preferida, as novas gerações o saberão dizer.

O unico fim que tivemos em vista, ao escrever o presente artigo, foi dar a conhecer aos leitores do nosso jornal que, poucos annos depois que a Assemblea Constituinte organisava em França o serviço dos cemiterios, os poderes publicos em Portugal procuravam tambem estabelecer, nas proximidades da capital, um melhoramento tão urgentemente reclamado.

Possuimos os documentos originaes que o compravam.

Em 1794 expedia o marquez de Ponte de Lima, Thomaz Xavier de Lima Telles, ao corregedor do bairro dos Remolares, José Dias Pereira, o aviso do teor seguinte:

«A rainha, minha senhora, é servida que v. m.cê com o architecto do plano da cidade, Francisco Antonio Ferreira (a quem já se tem feito o aviso competente) passe ao sitio do Arco do Carvalhão, e na terra que, na conformidade da informação de v. m.cê, pertence a Manuel Corrêa, faça demarcar o terreno que parecer sufficiente para se fazer um cemiterio publico; ordenando ao dito architecto que faça avaliação do terreno que se hade occupar, assim como o assentamento da obra do mesmo cemiterio, que deve ser murado, com muros de altura proporcionada, tendo no fundo um altar de pedra, e com sua porta de grade de ferro, tudo com a

[1] Impresso em Pariz em 1756, e reimpresso em Lisboa no anno seguinte.

[2] Publicada pelo seu comprovinciano Fr. José Marianno da Conceição Veloso: Lisboa, na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego. 1800. 4º. peq.

[1] Rio de Janeiro, na Impressão Regia. 1812. 8.º gr.

[2] A obra de Piattoli: *Saggio intorno al luogo del seppelire,* foi impressa em Modena, por ordem do gram-duque, em 1774, e a traducção franceza, com o titulo: *Essai sur les lieux et les dangers des sépultures,* sahiu á luz em Pariz quatro annos depois.

[3] Porto, na Imprensa de Gandra. 1835. 8.º gr.

decencia que se requer, e é propria em uma obra d'esta natureza; remettendo-me v. m.cê assim o orçamento referido, como a avaliação do terreno que se hade occupar, para ser tudo presente á rainha, minha senhora, que resolverá o que fôr do seu real agrado. Deus guarde a v. m.cê Palacio de Queluz, em 13 de agosto de 1794. — *Marquez Mordomo-mór.* — Sr. corregedor do crime do bairro dos Remolares.»

Estas ordens, porém, pelos embaraços que sobrevieram, não surtiram o effeito desejado, pois que no anno seguinte se expediu novo aviso, concebido n'estes termos:

»Sua Magestade manda que v. m.cê proceda logo a executar as ordens que lhe foram encarregadas, para se construirem os dois cemiterios, tanto o delineado no terreno sito em o Campo de Ourique, com frente para a estrada que vae da rua do Sol para a ribeira de Alcantara, de que é proprietaria D. Isabel Francisca da Estrella, viuva do doutor Thomaz da Costa Moreira, como o outro na estrada da Penha de França, de cujo terreno é proprietaria D. Marianna Egnacia de Moura, viuva de Bento José Alvares; regulando-se v. m.cê pelas plantas juntas, para construir a capella e muros em circuito, e praticar dentro delle as escavações e mais obras determinadas. Para as despezas que houverem de fazer-se, assim na compra dos terrenos, como nas ditas obras, que v. m.cê hade mandar fazer, recorrerá ao sr. marquez mordomo-mór, inspector das obras publicas, que tem as ordens de Sua Magestade para supprir com todas as despezas pelo cofre das mesmas obras publicas. Em tudo procederá v. m.cê com a devida actividade, sem attenção a requerimentos, embargos, ou opposições, que tudo deve ceder a uma causa tão pia e publica como esta dos cemiterios. Deus guarde a v. m.cê Palacio de Queluz, em 18 de outubro de 1795. — *José de Seabra da Silva.* — Sr. Luiz Dias Pereira[1] ».

A pesar de tão urgentes e terminantes ordens veio ainda sem effeito.

Do aviso de 13 de agosto, acima transcripto, parece não ter tido noticia o eminente jurisconsulto Joaquim José Caetano Pereira e Souza pois que no seu *Diccionario Juridico* só faz menção do de 18 de outubro.

A portaria de 9 de maio de 1835, pela qual se mandou proceder á construcção dos dois cemiterios do Alto de S. João (Oriental) e de Nossa Senhora dos Prazeres (Occidental) póde ver-se no *Diario do Governo* n.º 110, de 11 do mesmo mez. O mappa das propriedades e terrenos que para elles se destinaram, preços por que foram adquiridos, nomes dos proprietarios etc., faz parte da mesma portaria.

[1] Por outro aviso de 8 de novembro foi mandado apresentar a este magistrado o architecto Francisco Xavier Fabre.

Estas duas necropolis, e mormente a segunda, pela sua situação pittoresca e poetica, pelos seus preciosos monumentos funerarios, de riquissimos marmores e custoso lavor, são hoje, com justa rasão, admiradas por nacionaes e estrangeiros.

Pelo socio

JORGE CESAR DE FIGANIÈRE.

MATERIAL PARA CONSTRUCÇÃO

Apontamentos relativos á cal

(Protoxydo de Calcio)

II

São duas as combinações do calcio com o oxygenio. Na primeira fórma-se o *protoxydo de calcio* conhecido geralmente pelo nome de — *cál* — cuja formula chimica é — CaO — e da qual todos conhecem a utilidade na edificação. Na segunda obtem-se o *bioxydo de calcio* — CaO^3 — que é pouco estavel e de pouca ou nenhuma utilidade nas artes. É da juncção d'agua de *cál* com agua oxygenada que resulta o *bioxydo de calcio.*

São muitos os compostos cuja base é a *cál,* tanto como productos chimicos, como tendo directamente applicação ás artes e industrias.

Como productos mineralogicos calcarios e chimicos da mesma base, os mais principaes são 10, formados chimicamente por combinações naturaes ou artificiaes; combinações que se designam pelas formulas seguintes:

1.ª — Leite de cál. — CaO + HO (cál viva dilluida.)
2.ª — Carbonato de cál. — CaO, CO^2 (cré)
3.ª — Chlorureto de cál. — Ca, Cl.
4.ª — Fluoreto de cál. — Ca, Fl.
5.ª — Sulphureto de cál. — Ca, S.
6.ª — Azotato de cál. — CaO, AzO^5
7.ª — Phosphato de cál. — 3 CaO, PhO^5
8.ª — Phosphato neutro de cál. — 2 CaO, HO, PhO^5 3 HO
9.ª — Sulphato de cál. — CaO, SO^3 (gesso)
10.ª — Hypochlorito de cál. — CaO, ClO

O *protoxydo de calcio* é o que se chama *cál viva* — CaO — e essa obtem-se ordinariamente carbonando a pedra calcaria por meio do fogo.

A *cál viva* no seu verdadeiro estado tem varias applicações; quanto porém em relação a edificação, o seu uso é limitado comparado com o uso que d'ella se faz depois de extincta, isto é, depois de se lhe juntar

uma determinada porção d'agua tendo então a formula chimica — CaO, HO — e ficando com apparencia de um pó branco caustico; e é pela alvura que se avalia a sua boa ou má qualidade, como se avalia a força pelo gráo de causticidade. A cál no estado de — CaO, HO — chama-se nas artes — *cál extincta* ou *apagada*, e em chimica *hydrato de cál.* [1]

Durante a operação da extincção da *cál viva*, eleva-se a sua temperatura a mais de 250°, desenvolvendo-se tambem grande quantidade de vapores aquosos, e sente-se uma decrepitação ou estalido, que as pedras fazem ao fraccionar-se em virtude da combinação da *cál* com a agua, a qual á medida que se junta ás pedras ainda não rebentadas, parece que cae sobre carvão em braza, ou pedra quente, a ponto que o calor que se desenvolve póde incendiar matto ou materias combustiveis, circumstancia que Plinio considerou uma coisa admiravel, quando dizia: *É uma maravilha vêr o que já foi queimado pegar fogo com a agua.*

Ha por consequencia grande perigo em approximar de materias inflammaveis a cál viva exposta á acção d'agua.

O augmento d'agua á cál virgem até á diluição é o que constitue o chamado *leite de cál*, que tambem tem suas applicações. Privada a *cál* dos acidos a que naturalmente está unida, tem a causticidade dos alkalis, e por isso a mesma acção destruidora, sobre os tecidos animaes; como porém absorve a agua com rapidez, mesmo a contida no ar-atmospherico, perde facilmente essa propriedade. A avidez que a *cál caustica* tem pela agua, explica facilmente a propriedade absorvente de humidade que possue aquelle corpo em relação a objectos ou logares. A mesma circumstancia, faz que no estado de *carbonato de cál anydro* absorva promptamente a agua fundindo-se as pedras, decrepitando e augmentando de volume em relação ao corpo absorvido, isto é, que *empole,* como se diz praticamente.

Forma-se então um pó mais ou menos branco, que já não é caustico, por isso que constitue o corpo que na chimica se chama *hydrato de cál* — Ca O, H O — que contém 20 por cento d'agua, e é a isso que se dá o nome *cál extincta.*

A *cál caustica* é sensivelmente soluvel em agua, e no estado de hydrato ainda mais, com especialidade n'agua fria.

Uma parte de *cál caustica* exige para se dissolver segundo o gráo de temperatura as seguintes proporções:

Ao — O —		635	partes d'agua.
A + de	15° —	778	»
A + d +	54° —	972	»
A + d +	100° —	1:270	»

Quando porém em hydrato, é claro que exija menos agua para se dissolver; por isso que ja então contém uma parte d'agua, que a *extincção* operou e n'esse estado uma parte exige as seguintes proporções:

Ao — O —	476	partes d'agua.
A × 15° —	634	»
A × 54 —	720	»
A × 100 —	952	»

É por isso que a dissolução da cál *(agua de cál)* fervendo-se, depõe a cál. *A agua de cál* é um preparado muito necessario por isso que é um reagente frequentemente empregado em chimica e pharmacia e tambem nas analyses mineralogicas.

Obtem-se a *agua de cál* pela dissolução temporaria e agitada do hydrato de cál, em agua distillada, entregando-se em seguida ao repouso, e filtrando o resultado d'aquella repetida operação.

Se juntarmos uma porção de assucar á agua de cál, obteremos um corpo denominado *sucrato* ou *saccharato de cál;* por esse modo augmenta-se o poder dissolvente na proporção do assucar junto, que faz no composto as funcções de acido.

O liquido resultante apresenta uma singularidade curiosa. A dissolução depois de filtrada, é limpida e clara á temperatura normal; quando porém a temperatura augmenta em calor, o liquido turva-se progressivamente em relação ao augmento, até coagular-se como a clara d'ovo, e se o calor chega ao gráo de ebullição, forma-se uma massa, que abandona á agua. Á maneira que a agua esfria e volta á temperatura normal, o liquido retoma a sua transparencia e limpidez anterior.

Todos os saes de cál tem solubilidade negativa em relação ao calor, sendo o saccharato o que possue essa propriedade em ponto mais exagerado.

O socio — F. J. de Almeida.

(Continua)

[1] Para ser considerada a *cál* como boa e util nas suas applicações, é essencial que, alem da sua alvura, e alta graduação de causticidade, seja bem pulverisada, que não contenha corpos extranhos muito especialmente (silex) pedreneira, ou mesmo pequenas porções de pedra mal carbonatada (mal cozida), que seja bem extincta, isto é, sem agua de mais nem de menos, e que a extincção tenha sido feita com agua potavel e nunca com agua salgada ou mesmo salobra, e finalmente que tenha sido cozida com matto, para que seja macia e leve; a lenha resinosa prejudica a boa qualidade da cal.

NOTICIA

Ácerca dos orgãos da Real Basilica de Mafra

> ... à l'eglise c'est l'orgue que doit être le fondement de tout acompagnement.
>
> *Choron.*

De todos os instrumentos o orgão, sendo um dos mais antigos, é incontestavelmente o mais bello, por-

que, de seu caracter sério e magestoso, é tambem o que offerece maiores recursos; e por isso muitos povos a adoptaram, applicando seus maravilhosos effeitos ás ceremonias religiosas.

A escriptura santa falla bastantes vezes d'este instrumento que certamente nos primeiros seculos não attingiria as proporções que ora tem.

No IV seculo, Tertuliano, Santo Agostinho, Cassiodoro, Robbio citam-o em suas obras. No VIII seculo, 757, o imperador grego Constantino enviou um d'esses instrumentos a Pepino, que o fez collocar na egreja de S. Cornelio, em Compiègne.

No IX seculo, o bispo de Freininger mandou um orgão para Italia ao Papa João VIII. No X seculo o abbade de Aurillac, Gerard, introduziu-o nas escolas, e finalmente Santo Elphegio fez collocar em Winchester o primeiro orgão de grandes dimensões. No XII seculo já elle não era raro nas egrejas; descia porém a proporções tão acanhadas que produzia o riso a Santo Elvêdo. Quando, não raras vezes, se afastavam do fim para que tinham sido inventados, apparecia logo um artigo synodal, ou canon de concilio, que advertia o pertencer aquelle instrumento á Egreja sómente, *organo tantum in ecclesia locus sit*, e com effeito o seu emprego nas egrejas foi solemnemente consagrado em 660 por um decreto do Papa Vitaliano. Em Westminster existe o orgão mais antigo que a Inglatêrra possue. O primeiro que a França teve coube á egreja de S. Severin, 1385. Em 1463 a greja de Toulouse teve 5 orgãos. Os das cathedraes de Chartes, Amiens, Perpignan, Houblieux, datam do XV seculo, assim como os de Strasbourg, Nordlinger, e Santa Anna em Ausbourg. O orgão, pois, sendo um conjuncto de instrumentos de natureza e generos divesos, é verdadeiramente um instrumento lithurgico: arsua vasta extensão, a força dos sons, os effeitos magestosos de sua harmonia suave e contemplativa, derramando-se no templo como os perfumes do incenso, accommodam-se de tal sorte, quer ás grandezas da Biblia, quer ás doçuras do Evangelho, que o tornam digno do uso sublime para que fôra destinado.

E o grandioso templo de Mafra, a peça mais importante do edificio pela belleza da sua architectura, pelo acabamento esmerado da sua ornamentação, pela perfeição de suas estatuas e altos relêvos dos seus altares, que só genios verdadeiramente inspirados podiam produzir, não devia deixar de ter taes objectos, eram indispensaveis; e D. João V, não os esquecendo, mandou construir seis orgãos. Eram elles porém de madeira ordinaria, tão feios na apparencia, e tão destituidos de arte que é bem de presumir que o fundador tencionava de futuro substituil-os. Como quer que seja, D. João VI tratou da substituição, mandando construir, sob direcção de Machado e de Fontanes, os seis orgãos, que hoje existem no grande templo. Toda a madeira que n'elles se empregou é de vinhatico, bem acabada e polida, e com muito luxo de ornamentação metallica, especialmente nos dois orgãos collocados na capella-mor; estes ornatos são todos dourados, e compostos de grandes folhagens, festões, laçarias e arabescos muito variados; sobre a caixa vêem-se emblemas de musica, e varios instrumentos agrupados com muita arte. O todo é de um effeito surprehendente. Na madeira não ha obra de folha, nem estava em harmonia com a architectura da casa; é simplesmente moldada e guarnecida de filetes e cimalhas, que harmonisam muito bem com as cimalhas de marmore que torneam o templo.

Não se póde bem precisar o custo d'essas peças tão importantes; mas, pelos documentos que existem, comprova-se a despeza de 30:000$000 réis. As caixas, e todo o trabalho de samblagem foram feitos em Lisboa, onde se montou uma officina, da qual era mestre Raimundo José de Azevedo, com o vencimento de 1:000 réis diarios, importando as obras que ali se executaram na quantia de 10:000$000 réis, sendo por conseguinte 20:000$000 réis a despeza feita em Mafra nos trabalhos dirigidos por Antonio Xavier Machado, que vencia o ordenado de 48$000 réis. Os trabalhos começaram em agosto de 1792, e terminaram em dezembro de 1807. Todavia os orgãos já tocaram em junho d'esse anno. É notavel que se não encontre nos documentos existentes o nome de Fontanes; e com tudo tres orgãos estão por elle assignados, como os outros tres o estão por Machado; tambem se não encontra o preço da ornamentação metallica que deveria custar alguns contos de réis; é de suppôr que fosse feita no arsenal do exercito, e por isso o seu custo não entraria em folha.

Como dissemos, os orgãos da capella-mor são os mais sumptuosos, — erguem-se elles sobre duas varandas de sacada, construidas de boa madeira do Brazil, com bonitos balaustres, e grande ornamentação metallica, toda dourada. Trataremos de um d'elles;[1] fallar de um, é fallar do outro, e com pouca differença, de todos.

Sobre a varanda está o bufête onde assenta o teclado, ornados um e outro de miudos embutidos de madeiras de côres diversas, — o teclado tem quatro oitavas e meia de extensão, — a nota mais grave é *do*. Aos lados do teclado estão, como em todos os orgãos, os registros, sendo nove por lado: na parte inferior estão os pedaes, — isto é: *abafador*, e *dois cheios;* estes produzem os sons graves e contrabaixos. Sobre o teclado, em altura conveniente, está o *sommeiro*, onde se introduzem as extremidades inferiores dos tubos que constituem a fachada do orgão, o qual, pela grandeza do tubo da nota principal, é denominado de 32.[2] Estes

[1] Estes orgãos estão assignados: um por Antonio Xavier Machado, e outro por Joaquim Antonio Peres Fontanes. — 1807.— Foram restaurados em 1875: — A limpeza, os concertos, e a afinação custaram 500$000 réis. Seria para desejar que aos outros se fizesse o necessario arranjo; por isso que, achando-se bastante deteriorados, tres estão completamente inuteis.

[2] Segundo a grandeza em pés do — *do* — do registro principal,

tubos são em numero de 103, sendo 21 collocados em sentido vertical, e 82 em sentido horisontal; são todos de folha de estanho, e a sua disposição é semicircular como a figura do sommeiro. Os tubos verticaes são de boquilha, os horisontaes, de palheta. Na parte superior, e sobre os tubos verticaes, apparece magestosa a ornamentação dos emblemas de musica que produz um effeito assaz brilhante e gracioso, como já dissemos.[1]

Trataremos do mechanismo interno. Da extremidade de cada uma das 54 teclas que entram no bufête, ou meza onde assenta o teclado, parte um fio de metal que prende nas valvulas, as quaes se abrem quando a tecla desce sob o impulso do tocador: como os conductores do sommeiro não podem estar tão juntos como estão as teclas, resulta que o fio que prende a estas não possa ir ligar-se immediatamente á valvula; para isso ha entre o teclado e o sommeiro um tear de alavancas, cujos braços são destinados, um a receber o fio que vai da tecla, e o outro a transmittil-o á valvula, fazendo um pequeno movimento, isto é, egual ás da tecla, e o bastante para que da valvula saia ar sufficiente a produzir o som nos respectivos tubos. Os pedaes operam por um systema analogo.

Os registros constituem egualmente um systema de alavancas, cujos braços, vindo á superficie do bufête, e aos lados do teclado, são movidos pelo tocador segundo as exigencias da musica a executar, — servem elles para fazer tocar os diversos instrumentos, a saber: *Trompa magna, Fagote, Clarão, Flautado de 6 tapado, Flauta em 6, Flauta em 12, Flautado violão, Flautado de 24, Clarim, Clarinete, Oboe, Corneta ingleza, Flautim, Flauta doce, Flauta romana, Flauta em 12, Flautado de 24, Trompa real.* Os registros d'estes instrumentos não abrangem o teclado todo, mas sómente metade, e por isso o tocador tem de combinar os de um com os do outro lado.

Os pedaes, que produzem o effeito dos cheios dos flautados, contrabaixos e tambores, abrangem o teclado inteiro, assim como o abafador, collocado á direita dos pedaes.

Da perfeita combinação dos registros resultam effeitos os mais lindos, e a mais agradavel harmonia.

Os sommeiros e reservatorios do ar são um composto de tres mezas collocadas com intervallos convenientes umas sobre as outras, e com largura e extensão bastante a receberem os tubos e os jogos dos registros.

(Continua)

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES
(socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.)

o orgão toma o nome de orgão de 4 — 8 — 16 — 32, porque as dimensões dos tubos dos outros registros estão subordinadas ás dimensões do tubo principal.

[1] Tubos de boquilhas são aquelles cujo pé se introduz no sommeiro, em sentido vertical; acima do pé abate-se a figura cylindrica do tubo, formando o que se chama labio. O ar passa do pé para o tubo por uma lamina adaptada ao labio, e a que se dá o nome de embocadura. Os tubos de palheta, collocados em sentido horisontal, têem na parte inferior um canal em fórma de bico de pato; uma palheta de metal, posta em vibração pelo ar, dá ao tubo o som que lhe é proprio; um fio de latão sobre a palheta, e a que se dá o nome de compressor, serve para a afinação.

CHRONICA

O insigne architecto mr. Duc, membro do Instituto, e nosso muito distincto socio correspondente, que delineou o magestoso palacio de Justiça em Paris, e mereceu o grande premio de 16 contos de réis por ter executado a mais importante obra artistica em França em 1870, acaba de receber agora uma outra grande distincção, tendo-lhe sido conferida n'este anno a *grande medalha d'ouro* pelo Instituto Real dos architectos britannicos, como devido premio ao seu raro e talento consummada pericia. Esta preferencia dada a um estrangeiro pelo Instituto britannico faz conhecer o gráu elevado do merecimento do nosso confrade laureado, e tambem dá muita honra áquelle respeitavel Instituto, pois que, quando remunera um artista, tem unicamente em consideração o seu real merecimento, e não escolhe a nacionalidade para lhe conferir estas honrosas recompensas.

* * *

N'uma recente descoberta que teve logar em Ferreira de Zezere, d'um forno romano, se encontrou dentro d'elle uma telha de barro cozido com o comprimento de 0,42 centimetros, tendo sobre a sua superficie superior uns laivos como especie d'arabescos; porém o que lhe dá um grande merecimento a este achado, vem a ser, mostrar pelo exame feito n'este objecto, que era *um modelo* para servir á fabricação de outras telhas com identicos lavores, não sómente por ser a unica achada dentro do referido forno, para a conservar para o fim indicado, como por apparecerem as suas arestas, (no meio do seu comprimento), com signaes evidentes de ter servido muitas vezes para essa fabricação: portanto é um achado archeologico de muito apreço que Portugal possuia, e hoje se acha exposto no museu d'esta Associação.

* * *

O ex.mo sr. barão de Maynard, encarregado dos negocios de França em Portugal, teve a bizarria de offerecer para o museu d'archeologia do Carmo uma escrevaninha executada em pedra da epocha da renascença, encontrada por s.a ex.a na provincia da Extremadura portugueza, e que parece ter pertencido a um convento.

O feitio é gracioso, além de ser apropriado para o seu uso; e ainda não conhecido com feitio similhante.

Esta dadiva feita pelo illustre diplomatico á Real

Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes é sobre maneira bastante lisongeira para o nosso paiz, pois cedendo-a generosamente para o museu, manifestou s. ex.ª o quanto anhela pelo augmento d'elle, e não quiz privar Portugal d'um objecto fabricado entre nós. Esta acção de tão delicado cavalheirismo, por um distincto amador de antiguidades como é s. ex.ª, deve ser tomada como sendo o maior testemunho de consideração que dispensou para com a mesma associação: receba portanto o sr. barão os nossos agradecimentos, o seu illustre nome não será sómente respeitado no seu paiz, elle será tambem entre nós citado como mais um dos protectores esclarecidos do museu de archeologia de Lisboa.

* * *

Tomaram parte na exposição de Bellas Artes n'este anno em Paris 66 architectos, sendo os seus differentes projectos relativos ás seguintes edificações: egrejas 16; hospitaes 4; paços de concelho 5; palacios de justiça 7; escolas 6; monumentos 2; museus 4; portal 1; capella 1; abbadias 2; fabricas 4; casas de campo 3; arcos de triumpho 2; restaurações archeologicas 6; casino 1; chaminé monumental 1; templos 2; collegios 3; moveis 1; mercado 1.

* * *

Em Cahors (França) foi descoberto um *forno romano de oleiro* pelo architecto mr. Coèque-Nerelier, na occasião de abrir os cavoucos para a construcção de um quartel; tendo-se achado proximo uma grande quantidade de louça de barro, a maior parte quebrada; porém de bella qualidade. Esta descoberta é muito interessante, como são todas as que pertencem aos vesgitios da arte de construir dos romanos.

O nosso collega nos pediu informações a respeito do forno da mesma natureza que foi descoberto em Portugal no Outeiro de Ferreira de Zezêre.

* * *

O nosso digno socio correspondente sr. Portella, director do *Jornal de Setubal*, tem publicado, em varios artigos, uma noticiá curiosa sobre um marco antigo com duas cabeças que existe n'aquella cidade, e procurado com judiciosas reflexões conhecer qual seria a sua origem e significação. Havendo-nos enviado esta sua publicação, que muito lhe agradecemos, tomamos a liberdade de lhe offerecer em relação a este objecto, alguns dados, que talvez possam servir para se achar a explicação d'esta antiga esculptura.

A idéa da representação de um corpo com duas ou tres cabeças encontra-se nas concepções mythologicas de quasi todos os povos da antiguidade. Uma das mais celebres n'este genero foi a de Géryão, o rei da Iberia.

Não se ignora a forma sob a qual os esculptores teem representado este personagem nos monumentos os mais antigos.

O historiador *Marcellin* falla de dois tyrannos crueis a quem Hercules matou, nas suas aventuras na Hespanha e na Gallia; e aquelle que desolara a Iberia seria por ventura representado no referido marco: portanto pode-se attribuir, tendo tido estes dois tyrannos um caracter analogo, o haver-se-lhes dado uma forma identica na sua representação pelo exculptor.

Emblemas d'este genero tem sido achados em differentes partes; alguns antiquarios suppõem tambem representar *Janus*, a divindade que symbolisa o presente e o futuro.

* * *

Em França acaba-se de fundar cursos de archeologia junto das universidades livres, e egualmente nos seminarios, que deverão prestar valiosos serviços no ensino da archeologia, e mui principalmente sobre as antiguidades nacionaes. Quando em Portugal se pensará em crear tão necessario e util ensino? Não seria já tempo de seguir os louvaveis exemplos que as outras nações mais cultas nos offerecem a tal respeito? Não seria certamente esta despeza que aggravaria o orçamento do paiz, e o quanto ella não deveria contribuir para conservar á nação tantas preciosidades que a incuria e a ignorancia já nos tem prejudicado bastante com desdouro para a nossa civilisação!

* * *

Inaugurou-se em Roma um instituto de archeologia christã, do qual é presidente o sabio archeologo sr. commendador J. B. de Rossi, nosso digno socio honorario; e vice-presidente o sr. R. P. Bruzza.

O instituto terá duas sessões em cada mez nos domingos ás 3 horas; e publicará um boletim com estampas. Parabens á Italia.

* * *

Um importante facto praticado pelos povos da epoca néolithica vem de ser demonstrado, e é, que elles faziam a extremamente delicada operação chirugical do *trepano* na epoca prehistorica!

Hoje está convencido o celebre douctor mr. Broca, pelo exame a que havia procedido de diversos craneos, em que todos mostram que lhes fora extraida uma rodella muito regular, como tendo sido executada por um operador methodico.

Acreditando-se ter isso sido feito sob a inspiração de uma influencia moral, por se ter notado em tão grande proporção, haver sido praticado nos craneos da população da edade da pedra polida; afim de se obter como *um amulêto*, não só pela forma que o osso apresenta, como pela solidez do tecido osseo, que indica ter sido feita a operação na parte sã do craneo; refuta-se portanto a opinião de serem accidentaes similhantes cicatrizes.

J. DA S.

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa.

2.ª SERIE 1876

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 11

SUMMARIO

Sessão extraordinaria d'esta Real Associação, presidida por S. Magestade o Senhor D. Fernando para a distribuição das medalhas pag. 161. — *Os Dolmens,* pelo socio o sr. Sá Vilella, pag. 164. — *Antiguidades romanas, museu nacional de Napoles,* capitulo de um livro inedito, pelo socio o sr. visconde de Benalcanfôr, pag. 166. — *O Dolmen de Gontinhães,* (estampa n.º 16), e sua descripção, pelo socio o sr. Cezario Augusto Pinto, pag. 169. — *Epigraphia, inscripções romanas de Leiria,* pelo sócio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 169. — *Noticia dos Architectos antigos e modernos de maior nomeada,* pelo socio J. da Silva, pag. 173. — *Inscripção Arabe, (estampa n.º 17),* pag. 174. — *Noticia dos orgãos da Real Basilica de Mafra,* pelo socio correspondente o sr. Joaquim da Conceição Gomes, pag. 174. — *Chronica — Offerta por S. Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando do busto com a sua effigie,* pag. 175. — *Inauguração da estatua de Mr. de Caumont, em França,* pag. 176. — *Objectos etruscos de bronze,* pag. 176. — *Janella antiga de sacada no estylo da renascença,* pag. 176, pelo socio J. da Silva.

SESSÃO EXTRAORDINARIA E SOLEMNE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Em 14 de junho de 1876

Tendo Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Augusto Protector e Presidente Honorario, designado o dia 14 de junho, ás 2 horas da tarde, para serem distribuidas pelas suas reaes mãos as medalhas, que a Real Associação havia approvado para se conferirem a tres dos seus socios em recompensa de importantes publicações e serviços artisticos e scientificos; á mesma hora marcada entrou Sua Magestade na sala das sessões, sendo acompanhado pelos Presidentes do Conselho e pelos das tres secções até á cadeira da presidencia. Durante este tempo a orchestra tocou o hymno d'El-Rei, cessando de tocar apenas Sua Magestade declarou estar aberta a sessão. Estavam presentes muitos socios e as pessoas convidadas para esta reunião, assim como o sr. ministro do reino.

Sua Magestade manifestou quanto lhe era agradavel tomar parte n'esta sessão em que se conferiam medalhas, que pela primeira vez esta associação votára por serviços importantes, pois que sempre estimava ver em Portugal progredir as artes e as sciencias, e assim prezava ter esta nova occasião de mostrar quanto anhelava pelo seu desenvolvimento, e approvava a iniciativa tomada pela nossa associação. Concedeu a palavra ao socio fundador o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, o qual leu a seguinte

ALLOCUÇÃO

Senhores:

Ha factos na existencia das nações, que ficam assignalados na historia como testemunhos innegaveis do seu engrandecimento, e da sua civilisação. — Muitos d'elles comtudo têem dimanado da alta sabedoria dos chefes superiores do Estado. Não necessito de procurar exemplos estranhos para demonstrar esta verdade, onde alguns dos monarchas que têem auspiciosamente regido Portugal, mostraram ao mundo o exemplo do mais acrisolado patriotismo e da mais esclarecida protecção ás artes e ás sciencias.

Referindo-me tão sómente ao progresso da nação portugueza, direi que ella deve ser sobejamente reconhecida aos soberanos que, repartindo por egual a acção intelligente dos altos negocios politicos, e dos assumptos scientificos, não olvidaram a instrucção publica, dotando a nação, em diversos periodos, com algumas fundações de utilidade geral.

Foi egualmente á benevola protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, que os artistas devemos a fundação d'esta Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes; bem como ter-se dignado S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando tomar o protectorado d'esta associação, a qual pelo seu feliz engrandecimento já hoje póde premiar importantes serviços prestados á architectura civil, e galardoar proficuas investigações archeologicas.

Tambem Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia levou a sua extrema benignidade honrar o nosso museu, vendo e examinando as collecções, que temos podido colligir á custa de innumeras diligencias e não pequenos sacrificios e difficuldades; e para ficar memorada a visita, que nos deve povoar a alma de jubilo e gratidão, a Excelsa Rainha ainda distinguiu mais a nossa real associação offerecendo-nos a Sua Augusta effigie; e só podemos perpetuar tal e tão significativa distincção, e agradecel-a tanto quanto nos é possivel, inaugurando hoje n'esta sessão o retrato da Sua Augusta Pessoa.

Seria inutil, senhores, recorrer á citação de outros factos de egual valia para comprovar qual tem sido a benevola protecção de Suas Magestades e de El-Rei o Senhor D. Fernando, até n'este momento, dignando-se de presidir á nossa sessão, para conferir aos tres socios laureados, que mereceram por importantes publicações archeologicas, e por assignalados serviços na architectura, o premio d'esses serviços, que as nações cultas não negam nunca ao verdadeiro merito.

Só me resta, Senhor, humilde fundador da Associação e do Museu, testemunhar a Vossa Magestade em nome d'este Instituto, que me cabe a honra de representar, o profundo reconhecimento e leal acatamento por esta nova e distinctissima mercê com que aprouve a Vossa Magestade favorecer-nos, presidindo a este acto solemne. — Tão fausto acontecimento ficará registado nos annaes d'esta Real Associação, e inscrevendo-o como o mais venturoso da sua existencia, tel-o-ha outrosim como subida recompensa de perseverantes trabalhos e constantes esforços para salvar da incuria e do vandalismo os valores nacionaes de archeologia. Fazemos votos ao Todo Poderoso pela conservação da preciosa existencia de Vossa Magestade e de toda a Familia Real para satisfação propria, e felicidade da nação portugueza.

Lisboa, 14 de junho de 1876.

O Presidente.

Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Em seguida o secretario o sr. visconde de Benalcanfôr, obtendo a permissão d'El-Rei, fez a leitura do respectivo relatorio, que damos na sua integra.

RELATORIO

Senhor:

Em sessão de 7 de dezembro de 1875 da nossa Associação foi apresentada a seguinte

PROPOSTA

É notorio que nos paizes nos quaes os estudos scientificos e artisticos têm o devido apreço, não só os governos d'essas nações mais cultas são solicitos em animar e premiar aquelles que se distinguem pelo seu saber, e pelos serviços prestados no maior desenvolvimento d'esses estudos, como egualmente as associações fundadas para lhes dar impulso, curam em distinguir os seus membros que mais hão contribuido para o desenvolvimento dos seus trabalhos, ou tem enriquecido a sciencia com diligencias dignas de serem citadas com louvor por nacionaes e estranhos, e de merecerem premios pela sua reconhecida valia.

Infelizmente, entre nós pouca attenção damos a esses uteis esforços, e muito menos se pensa em galardoar os trabalhos importantes e desinteressados de nossos compatriotas, que pelo seu talento, saber e investigações scientificas, são mui credores da admiração publica, e do reconhecimento da nação: e por esta mesma rasão se lhes devem conferir distincções, tanto para os remunerar pelos seus importantes serviços, como para que ellas sirvam de estimulo a outros, afim de os incitar a darem maior desenvolvimento a esses prestaveis estudos.

É pois para ser inaugurada no nosso paiz esta praxe seguida por muitas associações scientificas e artisticas, tão honrosa para quem a pratica, como bastante lisonjeira para quem fôr mais digno de a receber, que tenho a honra de propôr: que sejam conferidas tres medalhas de bronze, as primeiras que esta Real Associação mandou cunhar, aos nossos benemeritos consocios, o ex.mo sr. Dr. Augusto Filippe Simões, pela sua excellente apreciação sobre a architectura do seculo XII em Portugal, e dos edificios que d'esta época ha em Coimbra. Outra ao ex.mo sr. Dr. Francisco Martins Sarmento, que tomou a iniciativa e generosamente concorreu, para ser restaurada no seu primitivo estylo a antiga egreja historica de S. Miguel do Castello de Guimarães. E tambem outra medalha pela importante publicação de numismatica de moedas nacionaes, trabalho de summo interesse, e o mais completo que Portugal possue, devido ao patriotico zelo do ex.mo sr. Augusto Carlos Teixeira Aragão.

Caberá, por esta fórma, a esta Real Associação, a honra de haver praticado um acto tão distincto e util; e dará ao mesmo tempo o mais subido testemunho de quanto anhela o progresso da architectura e da sciencia archeologica, ramos tão instructivos para a historia

patria, concordando vós n'esta escolha, e votando-lhes tão merecida distincção.

Sala da Assembléa Geral, 7 de dezembro de 1875.

O socio fundador
JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Sobre esta proposta foi mandado ouvir o conselho facultativo, na fórma dos nossos estatutos, o qual deu o seguinte

PARECER

SENHORES:

O conselho facultativo, tendo tomado conhecimento da proposta apresentada pelo sr. presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva, em assembléa geral, na sessão de 7 de dezembro do anno findo, propondo os tres socios, os srs. Augusto Filippe Simões, Augusto Carlos Teixeira Aragão e o Sr. Francisco Martins Sarmento, para lhes serem conferidas tres medalhas; premio que esta Real Associação fundou ultimamente, para remunerar as pessoas que façam os mais relevantes serviços nos ramos architectonicos e archeologicos em Portugal; os quaes constam pelas valiosas obras publicadas n'estes ultimos tempos pelos dois primeiros mencionados socios, e pela restauração executada no typo primitivo da egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, pela generosa iniciativa do sr. Martins Sarmento: o conselho, depois de reflectida discussão, concordou com a referida proposta; posto que não desconhece haver outros dignos socios, que, por assignalados e anteriores serviços em proveito das bellas artes e sciencias, deveriam ser egualmente contemplados: comtudo é de parecer, que a assembléa geral approve que sejam conferidas essas tres medalhas aos cavalheiros a que se refere a citada proposta, como um devido testemunho publico que dará do reconhecido merecimento artistico e archeologico d'estes benemeritos cultores da sciencia e das bellas artes.

Sala do Conselho, sessão de 20 de janeiro de 1876.

J. Possidonio N. da Silva, presidente.
João Maria Feijó.
Valentim José Corrêa.
Visconde d'Alemquer.
Francisco José d'Almeida.
Carlos Munró.
José M. Caggiani.
Feliciano de Sousa Corrêa.
Ernesto da Silva.

E em sessão da assembléa geral de 11 de março ultimo foi plenamente approvado, que se conferissem estas tres medalhas.

Em virtude d'esta deliberação, Vossa Magestade dignou-se marcar o dia d'hoje, em sessão solemne extraordinaria, para entregar com suas reaes mãos as medalhas e respectivos diplomas aos tres laureados, como Presidente Honorario e Protector da nossa Real Associação; dando Vossa Magestade por este modo mais uma prova de quanto se interessa pelo progresso das letras e das artes no nosso paiz. E é de esperar, Senhor, que este nobre incentivo, que Vossa Magestade hoje se digna dar-lhes, será dos que mais contribuam para tão desejado fim.

Finda esta leitura, dirigiram-se os srs. Possidonio da Silva e os secretarios á mesa da presidencia d'El-Rei, lendo depois o sr. Visconde de S. Januario os nomes dos laureados pela sua ordem, sendo os socios os srs. Drs. Augusto Filippe Simões, Francisco Martins Sarmento e Augusto Carlos Teixeira Aragão: recebendo Sua Magestade do presidente em exercicio, o sr. Silva, as medalhas e os diplomas; mas El-Rei teve a extrema delicadeza e a excessiva benignidade, que lhe é propria, dignando-se erguer-se da sua cadeira para fazer a distribuição dos premios, dando por esta fórma maior solemnidade a este acto, e praticando esta honrosa consideração, quiz patentear o subido apreço que lhe mereciam taes distincções. A assembléa imitou este exemplo, ficando todos em pé. Durante o tempo d'esta ceremonia, a orchestra executou com primor um alegro de uma das mais escolhidas composições.

O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro dirigiu-se ao socio o sr. Possidonio da Silva afim de alcançar licença d'El-Rei para proferir duas palavras, e tendo Sua Magestade annuido a esse desejo, orou o referido senhor congratulando-se com a assembléa pela honra d'El-Rei o Senhor D. Fernando ter-se dignado vir presidir áquella sessão solemne na qual se premiariam importantes trabalhos artisticos e archeologicos, sendo em verdade para agradecer pela associação e pelo paiz esta significativa deferencia que a Sua Magestade aprouve dar-lhes, tomando em muita consideração a louvavel e patriotica iniciativa que a Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes teve em galardoar os serviços scientificos dos seus socios, que mais relevantes os haviam prestado; deliberação esta que lhe dava muita honra e merecia dos seus concidadões justissimos louvores. Recommendava todavia á associação que não frouxasse nos seus esforços, posto que já tivesse alcançado bastantes e uteis resultados, salvando do vandalismo e conservando á nação tantos objectos archeologicos que existiam no Museu do Carmo, comtudo havia ainda muito que fazer para completar a obra; mas confiava muito no zelo e dedicação dos seus benemeritos socios, que levariam a cabo esse nobre empenho, pois que todos os que prezavam os progressos das artes e das sciencias lhe reconheciam o merito d'elles e louvavam o seu esclarecido patriotismo.

Muito estimava ter assistido á distribuição das medalhas que haviam sido entregues aos tres laureados,

pois elles eram dignos pelas suas obras e saber d'essa merecida distincção, e sem duvida tão uteis exemplos achariam entre os outros consocios quem os imitassem n'esses interessantes e laboriosos trabalhos, aliás tão necessarios entre nós, para seguirmos o impulso dado, neste seculo, a estes estudos pelas outras nações mais illustradas.

Agradecia muito a Sua Magestade de lhe ter permittido expressar com franqueza o que sentia no seu coração, pois que quando a sua consciencia lhe dictava louvar e applaudir serviços de tão grande alcance para o bom nome da sua patria, não podia occultar a sua satisfação nem recusar o devido testemunho publico a actos tão honrosos: portanto felicitava a associação pelo seu progressivo desenvolvimento e pelos seus nobres esforços.

Sua Magestade deu por finda a sessão eram tres horas e um quarto; e depois de conversar com alguns dos cavalheiros presentes foi acompanhado pelos socios que compunham a mesa, dignando-se examinar detidamente todos os objectos das differentes collecções expostas no museu, indagando qual a sua procedencia, e apreciando com a sua reconhecida illustração aquelles de maior apreço e os mais raros. Durante todo este tempo a orchestra não cessou de executar variadas peças de musica.

Pela occasião de se despedir, Sua Magestade lastimou achar-se ainda em ruinas aquelle antigo monumento, assim como não se lhe ter tirado os entulhos que é vergonha vêl-os dentro de semilhante edificio da capital.[1]

Sendo acompanhado El-Rei por todos os socios até ao portal, saudou novamente os ditos cavalheiros depois de entrar para seu estado.

OS DOLMENS

O que são os dolmens? De que raça seria o povo que os construiu? A que edade archeologica deverão attribuir-se?

São tres interrogações, a que ninguem até hoje, tem podido responder satisfatoriamente.

Maior rasão para que as estudemos.

Os dolmens, (ou antas, como os portuguezes lhes chamâmos), são de longa data conhecidos. Mas a archeologia prehistorica é um estudo d'agora, e os antiquarios historicos davam aos monumentos megalithicos mais moderna origem, do que os archeologos lhes presumem hoje.

O vulgo cercava-os de tradições fabulosas, como sabe invental-as a imaginação popular, propensa sempre para o maravilhoso. Uma vez os reputava obra de gigantes; outra vez artefactos da magia, etc. O cromléche de Salisbury, na Inglaterra, ainda agora ali passa por incantamento do magico Merlim. E alguns dolmens da França e outros paizes, ainda ha pouco eram tidos como grutas de fadas.

Para os sabios do seculo XVIII, eram os dolmens sepulturas dos gentios; ou altares levantados pelos celtas. N'uma antiga historia da Westphalia, de que dão conta as *Mémoires pour l'histoire des sciences et des Beaux-arts* (1710), menciona-se um dolmen, debaixo do qual se recolhia um rebanho de carneiros. Estes monumentos foram mui numerosos pela Allemanha. O antiquario Nunningh n'uma dissertação sobre os antigos sepulchros dos gentios, por aquellas partes, dá noticia de varios dolmens existentes (fins do seculo XVII), pelos campos da diocese de Munster, os quaes elle considerava como sepulturas dos hunos.

São raros na Belgica, onde tantos despojos ha das edades da pedra. Pela Armorica, famosa estação dos celtas, e outras partes da França, ainda hoje se descobrem alguns; assim como pelo littoral da Hespanha, e em mui diversas regiões. Mas em paiz nenhum póde ser, que existissem em tamanha quantidade, relativamente, como em Portugal.

As antas são de ha seculos, conhecidas entre nós; e por escriptores mencionadas, desde os principios do seculo XVII. O povo tinha-as por obra de moiros; ou lapas de *moiras incantadas*...

Na *Thebaida portugueza* encontra-se duas vezes citada (l. I e II), a curiosa carta, (Ms. do archivo do mosteiro da Serra d'Ossa) do padre-mestre Fr. Martinho de S. Paulo, na qual se falla das antas, que no seu tempo existiam pelas faldas do monte de San'Gens, onde aquelle padre suppunha ter havido um acampamento cerrado de Viriatho: e particularmente de duas antas, uma dentro da cerca do mosteiro, e outra da parte de fóra; as quaes o reitor do convento mandára destruir, contra o voto judicioso d'aquelle illustrado frade, para approveitar as muitas pedras d'ellas. Depois d'estas pedras retiradas, appareceram pelas covas muitas cinzas, e carvões de fogo. «E estas antas (diz o padre Fr. Martinho), é certo que eram as aras ou altares, em que os vencedores (allude aos lusitanos de Viriatho) offereciam sacrificios aos deuses, em gratificação da victoria alcançada, ou antes para os terem propicios na guerra.»

Na *Collecção das Memorias da Academia d'Historia portugueza*, Conferencia de 24 de setembro de 1733, cita-se uma conta do padre Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro, na qual este padre faz menção de tresentas e quinze antas, que tinha descuberto: e já anteriormente havia escripto que só no termo d'Evora e logares circumvisinhos, descobrira sessenta e sette; duas d'estas apenas distantes tresentos passos uma da outra.

[1] O municipio de Lisboa comprometteu-se em os mandar remover, visto havel-os, antigamente, para ahi mandado deitar.

Na mesma *Collecção,* Conferencia do 1.º d'abril de 1737, vem na integra a erudita Memoria de Martinho de Mendonça de Pina, *sobre os monumentos que se acham em varias partes de Portugal, a que cham amos Antas.* O auctor não menciona mais de cinco d'esses monumentos (na Beira); mas as reflexões do douto academico, ácerca da origem das antas, e d'este nome, são muitos interessantes.

Os modernos fazem derivar o vocabulo *dolmen* do gaëlico *tol men* (mesa de pedra). Mas Pina, sem o soccorro das hodiernas indagações da philologia comparada, disserta com muita critica e erudição sobre a origem do nome: *anta;* o qual como é notorio, corresponde exactamente á designação do monumento megalithico, a que os archeologos chamam *dolmen.* Segundo Pina, entre outras conjecturas, o vocabulo *anta* poderia vir do hebraico: *natham* (deu, ou dedicou); que passando pelas formulas grammaticaes por Pina deduzidas, viria a formar: *anthan* (coisa dada, dedicada ou offerecida). Ou poderia tambem vir do antigo phenicio (que é como o hebraico, da familia das linguas semiticas), significando: *Deus.*

O judicioso Pina, considera as antas de Portugal como monumentos sacros; e anteriores á vinda aqui dos phenicios (como commerciantes?); e ainda anteriores á edade do ferro. Ora, eu não sei que a erudição archeologica, e as investigações prehistoricas dos nossos dias, possam dizer mais nem melhor, de taes monumentos.

Em 1868 publicou o sr. Pereira da Costa, a sua excellente Memoria: *Descripção d'alguns dolmins ou antas de Portugal,* em que tracta proficientemente d'este assumpto, e descreve as fórmas d'estes monumentos; dando ao mesmo tempo noticia de varios dolmens descubertos em outros paizes, com figuras, e tambem com caracteres gravados nas suas pedras. O sr. Pereira da Costa menciona quarenta e quatro dolmens, e outros monumentos megalithicos do nosso paiz: dando os desenhos d'alguns d'elles, na fórma em que foram encontrados; e, conjunctamente, os desenhos de varios instrumentos de pedra polida, achados pelas excavações d'algumas antas.

Em 1869, foi detidamente examinada e explorada, pelo sr. J. P. N. da Silva, a anta da Serra de Cintra, que se diz das maiores que se sabem no nosso paiz: e o desenho d'esta anta foi publicado na curiosa Memoria do sr. Silva: *Souvenirs du congrés international d'anthropologie et archéologie préhistoriques... de Bologne, en 1871.* A pag. 43 lê-se o seguinte: «Ce dolmen est placé sur une des plus hautes montagnes de Cintra, près de Collares, et à 1:800 pieds au-dessus du niveau de la mer. La construction est une des plus collossales qui existent en ce genre dans le pays.[1]

«En y faisant des fouilles, on a trouvé de la terre noirâtre, qui avait été portée d'un autre endroit, car sur ces montagnes granitiques, et à cette grande élévation il n'est guére possible qu'il y ait de la terre de cette qualité, cependant on n'a rien trouvé mêlé avec elle, pour faire supposer que ce dolmen ait servi de sépulture.»

Em 1874, o sr. Pinho Leal na sua mui noticiosa obra *Portugal antigo e moderno,* faz menção de um dolmen, que descobrira n'um matto da freguezia de Gontinhães, ribeira do Ancora, concelho de Caminha. [1]

E menciona ainda mais dois na provincia do Minho; dois na provincia de Traz-os-montes, etc.; fazendo menção especial *d'outro,* sobre a margem esquerda do Douro, no logar de Castello-de-Paiva.

O desenho aguarellado d'este ultimo monumento existe no Museu da nossa Associação, e representa-o composto de seis marcos ou pilares, de tres pedras cada um, sobrepostas, tendo as ultimas pedras de cima a sua *extremidade oblonga.* Nada posso dizer da altura. Os pilares eram sette, mas um d'elles jaz pelo solo em fragmentos. Este monumento dá-me ares d'um *menhir* singelo, isto é: constando d'um só renque de pedras a prumo. Creio ser o unico de fórma tão singular entre nós conhecido.[2] E supponho-o mais moderno do que os dolmens do nosso paiz. Para preparar estes pilares, pela fórma em que o desenho os representa, seria indispensavel empregar instrumentos de ferro, ou de bronze pelo menos. As juntas das pedras de que elles se compõem, parecem-me perfeitas, e a fórma arredondada da ultima pedra bastante regular. Os instrumentos de pedra não conseguiriam tanto.

Mas sem a inspecção minuciosa e esclarecida dos proprios monumentos, e dos terrenos em que assentam, e outras circumstancias, é sempre muito arriscado qualquer juizo que d'elles se queira fazer.

O sr. Pinho Leal ainda dá noticia d'outros monumentos megalithicos, aos quaes especialmente denomina *antas;* e descreve-os assim: «Constam de um pedregulho, de fórma mais ou menos espherica, ou *oval,* (alguns de tamanho que faz pasmar), collocado sobre quatro penedos mais pequenos, que o sustentam em equilibrio. Nos concelhos d'Arouca e Paiva ha grande numero (*d'estas*) antas, de differentes tamanhos.»

Temos ainda em Portugal outros monumentos, a que chamâmos *mamunhas* (tumuli?), que me fazem lembrar os grosseiros hypogeus da Nubia. O sr. Pereira

[1] «L'entrée de ce dolmen, tournée vers le couchant, regarde l'Orient sans limites et domine le plateau élevé qui lui sert de base. Sa forme en plan est celle d'un trapéze, dont la largeur à l'entrée est de trois mètres cinquante centimètres, à la sortie de quatre mètres quatre-vingts centimètres seulement; et sur une hauteur à peuprès uniforme d'environ quatre mètres.» Ch. Lucas. L'Architecture en Portugal. 1870.

[1] Creio que é d'este mesmo dolmen, o desenho e descripção, que, com o nome de *Lapa de moiros,* publica hoje o nosso jornal; devidos ao zêlo e illustração do distincto architecto, o sr. C. A. Pinto.

[2] Conheço um escriptor francez, o sr Roisel, a quem este monumento talvez se affigurasse como um symbolo, a que adiante terei ainda occasião de referir-me.

da Costa descreve alguns: e o sr. Pinho Leal tambem os descreve, com o nome de mâmuas, e alguma variedade; apontando muitos d'estes monumentos em differentes logares da sua obra, como quem os víra, por diversas partes do paiz. E dá noticia tambem de muitos *carns* (comoros de pedra-secca cubertos de terra, etc.) que incontrára em varios sitios.

Pelo que se vê do que ahi fica indicado, reconhece-se como foram numerosos, aos centos, os dolmens e outros monumentos megalithicos, no nosso Portugal. Isto prova, que os homens a quem taes monumentos se devem, demoraram longo tempo n'esta orla occeanica, do Cabo da Roca á Corunha.

E não fallarei do Algarve, porque d'esta provincia nada claramente me consta n'este assumpto, se não as conhecidas phrases de Strabão, citadas por todos os archeologos, quando ao mesmo assumpto se referem. Apenas em Fr. Vicente Salgado encontro a noticia de uma especie de baluarte, aopé de Faro, que pelo nome de *mesa de moiros*, que lhe davam, é possivel, que tivesse origem n'alguma *anta*. Esta provincia de vidamente explorada, não me resta duvida de que daria occasião a importantes descobertas, de muito interesse para a Archeologia. Pena é, que o não seja!

A opinião mais geralmente seguida entre os archeologos, é a de que os dolmens são monumentos sepulchraes. Ha porém quem duvide: e se eu podesse ter opinião em tal assumpto, talvez me inclinaria a duvidar tambem.

Não póde deixar de reconhecer-se, que nas excavações praticadas sob alguns dolmens, se tem encontrado vestigios d'interramentos, e até cadaveres. Mas os dolmens não podem confundir-se com as grutas e cavernas naturaes, nem com os terramares, etc.; onde as indicações geologicas e paleonthologicas, establecem a intima ligação das ossadas com os terrenos que as contém. Essas indicações, não me parece poderem ter a mesma importancia, applicadas a um monumento sobreposto a esses terrenos; mormente quando os dolmens são descubertos. E ainda mesmo nos que estão cubertos, não creio que sejam tão indubitaveis, que não permittam arriscar-se o juizo da absoluta independencia dos dois factos: o interramento anterior, e a fortuita construcção do monumento. Como tambem poder conjecturar-se, que diversas civilisações empregassem em diverso proposito taes monumentos: e ainda, que para mais d'um fim elles servissem n'algumas regiões.[1]

O que é certo é que nas antas do nosso paiz, de que tamanho numero se sabe, em nenhuma se tem observado signaes evidentes de que houvessem servido de sepulturas. Algumas cinzas de problematica origem, e instrumentos de pedra polida, é tudo quanto até hoje se tem encontrado nas explorações das nossas antas. Os fragmentos de dois craneos, que se dizem achados n'uma ou duas antas das cercanias de Thomar, nada podem provar a tal respeito, porque a exploração não foi feita com as circumstancias indispensaveis para poder-se julgar do facto com todo a precisão.

Já n'este anno (1876), o sr. D. Ramon Silvello, publicou na Corunha, um interessante estudo sobre *Antiguedades de Galicia,* onde sob a epigraphe: *Monumentos celticos* menciona: 1.° Uma pedra existente no municipio de Puenteceso, logar de Fondomil, monolitho com mais de tres metros d'altura, que tem gravado em *rustico trazo* uma serpente. 2.° Um menhir tombado, na Aldeia de Guizo, cerca de la Simia. Esta pedra tambem tem gravadas algumas figuras, que o sr. D. Ramon interpreta como *signos astronomicos* dos grandes mysterios do rito druidico. 3.° uma pedra no povo de Carmés, perto da bocca-ria de Cereijo, conhecida pelo nome de *piedra de los letreros,* que tem gravadas certas figuras, entre as quaes se notam linhas rectas, alternando com pontos (mossas ou protuberancias?) em grupos de tres, cinco e sette; estes dois ultimos seguindo constantemente uma collocação invariavel, e similhantes a outros grupos, que se vem n'outra pedra muitas leguas distante. «Sean geroglificos, que representen una leyenda, sean figuras symbolicas de algun idolo, en ellas se encuentra arte y conocimiento en el trazado de curvas.» 4.° Differentes dolmens, entre os quaes um perto da Corunha, em perfeito estado, e notavel pela sua altura superior a tres metros.

N'estes, como nos de Portugal, não ha vestigios de sepultura. O sr. D. Ramon considera-os como *altares,* para *tender las victimas destinadas al sacrificio.*

(Continúa)

SÁ VILLELA.

[1] O sr. Leguay, presidente da Sociedade parisiense d'Archeologia e d'Historia, apresentou ao Congresso internacional d'Archeologia e d'Anthropoligia, em Copenhague, a descripção minuciosa e os desenhos d'um dolmen, do departamento do Sena; que depois de muito estudado, o sr. Leguay se convenceu de que fôra uma *ustrina.* E aqui temos outra opinião; mas creio que singular, até agora.

ANTIGUIDADES ROMANAS

O nosso illustre consocio o sr. Visconde de Benalcanfôr quiz-nos mimosear com um interessante capitulo da sua nova obra, escripta com a costumada elegancia de estylo e judiciosas reflexões, como sabe prender a attenção e illustrar o espirito de quem tem a fortuna de ler as suas publicações; reconhecendo todos o seu distincto talento e a competencia artistica das suas instructivas descripções.

Teria sido inutil da nossa parte acrescentar nada mais ao nome de tão afamado litterato; mas não po-

diamos deixar de lhe testemunhar publicamente os nossos agradecimentos, tendo-se dignado honrar o Boletim d'esta Real Associação pelo offerecimento de tão subida valia e de particular distincção.

O socio — *J. da Silva.*

MUSEU NACIONAL DE NAPOLES

Capitulo de um livro inedito

«Dêmos um passeio pelas galerias do museu, onde foram recolhidas as antiguidades descobertas nas excavações de Pompeia e Herculanum.

Achamo-nos primeiro face a face com as estatuas de bronze, riqueza que póde chamar-se privativa do museu de Napoles. Roma, a cidade das maravilhas da arte, o emporio do mundo antigo, possue apenas tres estatuas de bronze: a equestre de *Marco Aurelio*, da praça do Capitolio,[1] (unica que subsiste perfeita e inteira d'entre tantos milhares d'ellas que adornavam a Roma dos imperadores); o *Hercules* colossal de bronze dourado, que se contempla na sala redonda do Vaticano; e o *Pastor a arrancar do pé um espinho*, do palacio dos conservadores. A *Loba* e poucos mais fragmentos partidos completam os bronzes antigos de Roma, que escaparam á destruição das guerras e da barbaria.

É notorio que os mais famosos foram transportados da metropole romana para Bysancio, depois que Constantino trasladou para esta cidade a séde do imperio. Quanto aos restantes, mandou Constantino, que fossem levados para Syracusa.

Quando porém a capital antiga da Sicilia cahiu em poder dos sarracenos, pereceram ali essas affamadas obras primas da esculptura antiga ás mãos dos ferozes e ávidos invasores, que, da mesma sorte que aconteceu em Constantinopla, as derreteram para lucrarem o valor do metal.

Napoles jámais poderia gabar-se de possuir a admiravel collecção de bronzes do seu museu, se não acontecesse a circumstancia verdadeiramente singular, rara, de haverem sido exhumadas do tumulo de escorias, de lavas e de cinzas, em que jazeram pelo espaço de dezesete seculos, as duas cidades da Campania, Pompeia e Herculanum.

Distinguem-se facilmente os bronzes de Herculanum dos de Pompeia. Aquelles apresentam um verde carregado e teem as superficies polidas, emquanto que os segundos mostram-se asperos, corroidos, oxydados, cobertos de manchas azues. Concordam os entendidos, em que todos aquelles bronzes são de uma perfeição pouco vulgar, e alguns até primores inexcediveis.

[1] Suppõe possuir o *modelo* d'esta obra prima de esculptura, o sr. Visconde de Monsarrate, na sua *villa* de Cintra, e com a particularidade de ter o *nome gravado* do artista!

J. da Silva.

As estatuas, que se avistam ao fundo da galeria, de proporções agigantadas, respirando naturalidade, admiraveis de expressão nas physionomias, de magestade nas posições, em que os artistas deram vida permanente aos seus personagens, perpetuando-os em bronze, representam Augusto com os attributos de Jupiter — os raios em punho, — Druso, e Marco Colatorio vestido na sua toga.

As seis Musas, tambem de bronze, que ornavam o proscenio do theatro de Herculanum, infundem respeito pelas posições nobres e austeras; e seus rostos a um tempo ideaes e reflexivos, prescrutadores, alumiados por uns olhos de esmalte vivos e penetrantes, como que nos revelam os lances e as commoções da tragedia, que subjugava as almas pelos influxos da piedade e do terror. Aquelles seis vultos de mulheres, na gravidade dos gestos, na expressão do olhar, na singeleza das roupagens, na nobreza tranquilla, serena, traduzem a perfeição inimitavel da estatuaria grega, no periodo aureo da arte.

Ao meio da galeria, como em logar de honra, destacam tres estatuas, obras primas da arte hellenica mais pura: são o Fauno ebrio, e Mercurio sentado no cume de uma montanha.

Seguem os bustos de Seneca, manifestação excellente do *realismo* na arte romana pelas minucias da physionomia cançada, envelhecida, em que se atraiçoa o genio taciturno do philosopho; de Berenice, rosto gracioso, cheio de vivacidade; de quatro Ptolomeus, a cuja formosura viril dão realce os abundantes e annellados cabellos, que lhes caem em cachos symetricos, á volta do pescoço.

Em cima de um pedestal, ao pé de uma janella, assenta a parte superior de uma estatuasinha de Diana, formosissima, cheia de correcção plastica, com os braços estendidos, como quem está fallando, a bôca aberta provavelmente para transmittir as palavras que proferia algum aruspice agachado por detraz d'ella, atravez do tubo acustico, a que servia de bocal o buraco, que se vê na parte posterior da cabeça. Aquella posição é exactamente a de uma Deusa no momento de soltar os oraculos; e o artificio vulgar do buraco aberto na cabeça explica-nos o mechanismo aliás simples, que a casta sacerdotal empregava, para communicar ás turbas a revelação dos prodigios ou, como diriamos hoje, dos milagres, que lhe convinha forjar para bem dos interesses geraes da politica, á qual servia, ou dos seus proprios, firmando pela superstição e pelo terror o predominio das hierarchias religiosas.

Um Narciso com uma pelle de cabra aos hombros, um Hercules infantil, encontrado no palacio dos Cesares, em Roma, o qual, no arrojo com que suffoca as serpentes mandadas por Juno, denuncia a tempera heroica do animo, e revela no luctador precoce o destemido filho de Jupiter; um Sileno embriagado; um cavallo a galope com os jaezes incrustados de prata;

Amores; passaros; animaes de todas as especies; Faunos e Silenos; creanças n'uma variedade immensa de posições; as afamadas Venus de Nocéra; estatuetas de uma inimitavel perfeição; uma infinidade de bronzes lindissimos, que seria impossivel descrever e nem sequer enumerar, criam — em quem os contempla — vontade de habitar Napoles durante largos mezes, tão sómente para estudar com descanço tantos e tão raros monumentos da estatuaria e da arte grega.

Sobe ao algarismo de trinta mil objectos a collecção de figuras de bronze, de moveis e utensilios encerrados não só no museu, mas nas succursaes ha pouco estabelecidas em Pompeia.

Entre todos estes, avultam por mais interessantes o *bisellium*, ou assento de honra dos magistrados, de uma altura superior ao dos simples cidadãos, onde os personagens, que os occupavam, consules, pretores, ou decuriões se sentavam sobre uma almofada guarnecida de franjas chamada o *pulvinare;* e um leito ou *triclinium* sem espaldar. A par d'estes moveis vêem-se tinas de tomar banho, uma liteira, uma cama de criança, e um brazeiro immenso. Em todos elles nota-se um estylo sobrio de ornatos, nobre, severo.

Baixellas requissimas de bronze, vasos elegantes do mesmo metal com incrustações de prata e imaginosos lavores e grinaldas de flôres, perfeitamente iguaes aos que caracterisam posteriormente o estylo arabe, (por isso chamados arabescos, embora importados de Bysancio pelos arabes que, adoptando-os, os exaggeraram), patenteam-nos o gosto apurado da mesa e o fausto dos banquetes entre os antigos romanos.

São tambem curiosissimos todos os accessorios empregados na escripta, taes como stylos, areeiros, pennas, sêllos de cera ou de metal, livrinhos com folhas de marfim enceradas, e drogas usadas na pintura, de que restam tintas mui finas, sendo algumas, no dizer dos pintores, bem superiores ás de agora.

Não acabariamos, se tentassemos particularisar as innumeras lampadas e candelabros, que comprovam a perfeição e gôsto finissimo das artes ornamentaes d'aquelle povo, e descrever a serie de deuses, de lares, de talismans, e de amuletos, monumentos eloquentes das crenças religiosas e das superstições dos antigos romanos, que se amontoam nos vastos precintos do antigo museu borbonico, hoje, mercê de Garibaldi, chrysmado em museu nacional.

Não podem deixar de ser examinados com interesse os capacetes, escudos e couraças romanas, que abundam no museu, e em alguns dos quaes ha meias figuras em relevo representando batalhas e feitos historicos, de uma correcção surprehendente! O mesmo acontece com os instrumentos das bandas de musica militar, que nos cercam, de fórmas estranhas e agigantadas, perante os quaes a nossa imaginação resuscita o aspecto bellicoso e os impetos cegos das legiões, que avassalaram o mundo antigo, ao som das harmonias guerreiras, desferidas por instrumentos colossaes.

Deixando a galeria dos bronzes e metaes, e transportando-nos á collecção dos objectos preciosos, deparam-se-nos joias rarissimas de arte, entre as quaes occupa o primeiro logar a celebre taça Fárnesio, de sardonica oriental, o mais bello camafeu que se conhece! Não ha outro, além d'aquelle, esculpido d'ambos os lados. A gravura interior representa Alexandre liberalisando á cidade de Alexandria o commercio do trigo; a externa, na parte convexa da taça, é a cabeça de Medusa com os cabellos compridos, por entre cujas madeixas se enroscam serpentes.

Quantas paginas seriam necessarias só para descrever — um por um — os muitos collares gregos compostos de medalhões de oiro com cabeças de Faunos e entremeados de ornatos semelhantes a flôres de liz, em que o lavor e a imaginação dos artistas obraram maravilhas, os diademas de filagrana de oiro, as pulseiras, já cravadas de pedras preciosas ou de camafeus, já sinuosas sob a fórma de cobras, como se observa nas estatuas antigas?

Na baixella de oiro e de prata, de fórmas airosas, crespa de ornatos e de relevos, além das taças e dos vasos de toda a especie, notam-se umas aras em miniatura para queimar perfumes, accessorio que nos faz adivinhar o uso frequente dos aromas nos banquetes e nas festas particulares.

A despeito porém das assombrosas riquezas contidas na secção, de que acabamos de fallar, os olhos do visitante demoram-se com o maximo enleio nas iguarias e alimentos encontrados nas excavações de Pompeia, alguns dos quaes jazem nas cassarolas e nas marmitas em que estavam sendo cozinhados, no momento em que a infeliz cidade da Campanhia ficou sotterrada debaixo de uma densa camada de cinzas.

Á roda dos biscoitos e dos bolos, que foram encontrados n'um forno de pastelleiro, e do leitãosinho deitado ao comprido n'uma travessa de barro para ser trinchado minutos depois, apinha-se uma multidão compacta.

E os pães? E os figos? E o vinho, o azeite, os bolos de mel e outros exemplares e amostras, que nos iniciam nos usos particulares e gastronomicos dos romanos?

No *gabinete secreto,* em que não entram senhoras, e onde sob o governo dos Bourbons nenhum estrangeiro podia penetrar, sem alcançar licença por intervenção do embaixador da nação a que pertencia, vêem-se as pinturas meio apagadas de um lupanar de Pompeia; o grupo, em marmore, de um satyro e de uma cabra encontrados em Herculanum; *phallus* monstruosos; collares de ouro, de um lavor e desenho primoroso, compostos de *phallus* suspensos por cadeados tambem de ouro; estatuetas de sacerdotes em posturas lubricas, prova evidente de que os olhos dos romanos não eram o orgão mais delicado e pudico do povo rei.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Lapa da Barroca

ou

Dolmen de Ancia na Provincia do Minho

Escalla de 0m,01

Os papyros de Herculanum, os quaes, graças ao mechanismo engenhoso, inventado pelo sabio padre Antonio Piaggi, vão sendo laboriosamente restaurados, havendo-se apenas — de entre tantos rôlos carbonisados — aproveitado o texto grego de Philodemo sobre as virtudes e os vicios, o livro de um certo Polystrato sobre os reparos injustos, dois fragmentos de Epicuro e um poema latino de Rabirio ácerca da guerra entre Octavio e Antonio, despertam, como é natural, o vivo interesse das pessoas eruditas e dos bibliographos. Diversas nações da Europa teem instado com o governo italiano, para que lhes sejam confiados alguns d'esses papyros, tomando sobre si o empenho de os decifrar e traduzir, tão sanguinea é a esperança, que os anima de descobrirem obras importantes.

Examinadas de corrida as galerias ao rez do chão, aonde resurgem as crenças e as usanças dos antigos romanos, subamos ao andar nobre aonde brilham os quadros das diversas escólas de pintura nacionaes e estrangeiras, de que é impossivel intentar aqui a descripção, mesmo incompleta.

Visconde de Benalcanfôr

DESCRIPÇÃO DO DOLMEN DE GONTINHÃES

Denominado — LAPA DA BARROZA — ou dos MOUROS

(Estampa n.º 16)

Este notavel dolmen vulgarmente conhecido pelo titulo de *Lapa dos Mouros,* e que tanto se recommenda á attenção dos apreciadores de archeologia, não só pela sua remota antiguidade, como tambem pelo seu perfeito estado de conservação, acha-se situado no meio de uma deveza de carvalhos, entremeados de pinheiros, que existe no sitio da Barroza, na freguezia de Santa Marinha de Gontinhães, concelho de Caminha, districto de Vianna do Castello. Está esta rara preciosidade assente em terreno artificialmente elevado, e toscamente socalcado, com alvenaria secca de pequenas dimensões, notando-se uma forte inclinação no terreno, no sentido de poente a nascente.

Pelo modo como está disposto o terreno, e resguardado aos lados por pequenos esteios que védam a deveza que rodeia este venerando monumento conhece-se que assás respeitado tem elle sido pelos rusticos aldeões, mas não tanto, que alguns mais audazes, e não menos ambiciosos, não tenham por varias vezes feito escavações no interior da camara, em busca de um thesouro que segundo as lendas populares, faz sempre parte integrante dos monumentos dos tempos semi-barbaros; não conseguiram nunca quebrar o encanto que lhes occulta a riqueza tão desejada, e bastante felizes teem sido em não ficarem esmagados debaixo das pedras de que se compõe o dolmen, por que aquellas que fórmam os pontos de apoio da mesa, estão assentes á flôr de terra, e se lhes faltar a base, é provavel que os que ali forem procurar a riqueza, só encontrem uma sepultura.

É, sem duvida alguma, á circumstancia de estar occulto por traz de um denso arvoredo, que este dolmen deve o seu bom estado de conservação, e a ella devemos tambem attribuir o elle ser tão pouco conhecido, que me não consta que os nossos mais acreditados investigadores, tenham escripto cousa alguma que indique terem tido conhecimento d'elle. As pessoas que desejarem visitar este monumento, e que forem em carro fretado de Vianna para Caminha ou Valença, devem apear-se defronte do primeiro atalho que encontrarem do lado direito, logo passada a ponte do Ancora; esse atalho divide-se em dois: sigam o da direita, em terreno seixoso, e quando elle bifurcar com um caminho escavado pelo decorrer dos tempos, tomem á esquerda, e logo a pequena distancia verão sobre o talude que fórma o caminho, e do lado direito, uns pequenos esteios que servem de vedação ao gado; trepe-se a esses esteios, e logo em frente, e por entre o arvoredo, se descobrem as pedras do dolmen, de côr acinzentada, devida ás vegetações parasitas, que se apoderam do granito poroso exposto ao tempo.

O dolmen é formado de dez pedras, assentes sobre um pequeno morro artificial rodeado por um sucalco de alvenaria tosca de trinta a quarenta metros de circunferencia servindo uma d'estas pedras de mesa, ou cobertura d'este monumento megalhitico, a qual tem de de comprimento 3 metros e 3 centimetros.

A figura principal representada na estampa n.º 16, mostra a entrada da camara d'este dolmen, e a situação das pedras que o compõe. A fig. 1 indica o aspecto do lado posterior, assim como a fig. 2 é a parte superior, na qual se nota no meio uma depressão.

Na pequena povoação (que lhe fica contigua), existem vestigios que dão a conhecer, terem aquelles sitios sido, em remotos tempos, habitados por povos que aportaram ao rio Ancora, que n'esses tempos deveria ser mais accessivel do que hoje o é.

Vianna do Castello, 23 de maio de 1876.

O socio — Cezario Augusto Pinto.

EPIGRAPHIA

Inscripções romanas de Leiria e seus arredores

(Continuado da pag. 148 do n.º 10)

II

Mais antiga por ventura, e certamente mais nobre, era a *gens Rufus,* a que pertence a 3.ª inscripção. Contam-se n'ella, desde o berço da republica até os fins do seculo I do imperio, numerosos personagens

distinctos tanto na milicia, como nos diversos graus da magistratura.

A *Dutia* da 2.ª inscripção podia mui bem ser parenta de outra *Dutia,* de quem faz menção uma lapide descoberta, diz Viterbo[1] em 1780 no Valado, ao pé de Alcobaça. Tambem o sr. Hübner a registou, tendo-a copiado, como elle mesmo declara, do manuscripto de Fr. José de S. Lourenço, que se conserva na bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa; entre a copia porém do sr. Hübner e a de Viterbo nota-se alguma discrepancia: aquella diz: — D. M. | DVTIAE ||TANCINI. F.|AMºENA|SILVAVI||MATRI||P. C. — esta; — D. M. ||DVTIAE||TAVGINI. F. ||AVIºENA||SILVANI. F. ||MATRI||P. C. — D'estas duas lições, se algum pêso tem o meu voto, a do sr. Hübner parece-me a melhor; excepto, que depois da palavra SILVANI entendo se deveria restabelecer o F. que vem na de Viterbo, e que pode ter deixado de escrever-se por lapso. Do appelido *Amvena* ha outra mulher n'uma inscripção de Brito.[2] A palavra *Aviœna,* com diphthongo, não sei se poderá explicar-se por outro modo, que não seja por ignorancia do canteiro, ou de quem lhe deu a inscripção para elle a abrir.

Transcrevo ainda da citada obra do sr. Hübner a seguinte, extrahida, segundo diz, de Florian del Campo e achada em Idanha-a-Velha: — MODESTO. PROCVLI. F||DVTIAE. PVGI. F. RVFINA. RVFI|TONGETAMI. F. MARITO. ET|MATRI. MODESTINA. MO||DESTI. f. f. C. — O que auctorisa a suppor, que esta familia, alliada com os Avitos e com os Rufos, não era menos conhecida do que est'outras nas terras da Lusitania.

Nem tão pouco o era, segundo parece, o nome de *Carisia* outro ramo dos Avitos, de que reza a 5.ª inscripção. Acha-se memoria d'elle, com o cognome de *Quintilla,* em uma outra lapide, que Viterbo viu no mosteiro de Alcobaça, para onde fôra levada do sobredito logar do Vallado. É uma consagração a Minerva, e diz assim: — MINERVAe ||SACRVM. ||IN MEMOR i|| AM. CARIsi ||AE. G. F. QVin|| TILLAE. . . . .||. . . . . NIA. . . . .||. . . . . —. Pode ler-se tambem na obra do sr. Hübner, de quem são os italicos. Nas siglas G. F. leu Viterbo *Getulii filiae.* Creio, que mal: os romanos, ou eu me engano, quando queriam designar a filiação de qualquer individuo, não costumavam representar o nome do pai com a simples inicial, senão quando o nomeavam (e este era o modo ordinario) pelo *praenomen* (salvo, se a inicial era commum a mais de um *praenomen;* porque n'este caso, para distincção, lhe juntavam mais alguma lettra) v. g. *Marcus, M. filius* — *P. Cornelius, Cn. filius* etc.; mas se o indicavam pelo *nomen* ou *cognomen,* o que tambem ás vezes faziam, então escreviam estes por extenso: tal era a pratica. E a razão é obvia: os pronomes eram poucos e sabidos de todos; pelo que bastava apontalos pelas iniciaes para os dar a conhecer: pelo contrario, os nomes e cognomes numerosissimos, e por consequencia difficil, senão impossivel, entendel-os, uma vez que não fossem representados de uma fórma mais clara e sensivel. Ora *Getulius* não pertence ao elencho dos pronomes romanos. D'onde tenho para mim, que as mencionadas siglas quererão antes dizer — *Gaü* — (por *laü,* como mais geralmente se escrevia, do mesmo modo que *Gneius* por *Cneius* (carisii) *filiae.*

Finalmente Manuel de Faria e Souza[1] faz menção de um P. Carisio, commandante da cavallaria de Augusto nas Asturias.

Usar Carisia de *nomen* e *cognomen,* bem como outras mulheres nomeadas n'estas inscripções, dá-nos um tanto a data das mesmas inscripções, isto é, diz-nos, que se pode presumir serem dos tempos do imperio. Com effeito observa-se, que as mulheres romanas, até á queda da republica, poucas vezes se encontram nomeadas de outro modo, que pelo *nomen* apenas: d'ahi por diante quasi sempre por *nomen* e *cognomen* juntamente. Seria isto devido á natural mutabilidade das cousas humanas? Seria puramente capricho feminil ou effeito da mudança de regimen? Quem sabe, se a vangloria, figurando-lhes como uma necessidade o alardearem o esplendor de sua ascendencia, com a mira de attrahirem as attenções da côrte, ou receberem homenagens á similhança d'ella, lhes inspiraria ao principio esta innovação, que o tempo depois converteu em uso innocente?

Não era menos esclarecido o sangue dos Rufinos: como a *gens Rufus,* da qual parece descenderem, a historia nol-os apresenta exercendo o consulado desde o 3.º seculo da republica até ao penultimo do imperio do occidente.

Vettius ou *Vectius* (que de ambos os modos se acha escripto) era o nome de uma outra casa illustre de Roma, pertence á ordem dos cavalleiros, e, segundo de T. Livio[2] se pode colligir, oriunda do paiz dos Volscos. Alem d'outros A A. em que se encontram individuos d'este nome, Cicero fala com louvor de um L. Vettio Chilon *honestissimo atque ornatissimo . . . . . viro bono*[3]; e em uma de suas preciosas cartas, de um outro, o qual, posto que de costumes reprehensiveis, tinha com tudo grande influencia politica, e relações com os principaes personagens da republica. Tacito conserva a memoria de Vettio ou Vectio Bolano, commandante de uma legião na Armenia no tempo de Nero[4]; o mesmo, segundo parece, que o eminente historiador depois apresenta como governador da Bretanha (a Inglaterra) imperando Vitellio,[5] com este elogio: *innocens Bolanus et nullis delictis invirus, caritatem paraverat loco auctoritatis.* — Finalmente o nosso Car-

[1] Elucidario — art. Alcobaça.
[2] Mon. Lusit. P. II v 3.

[1] Europ. Port. T. I. P. II. 15.
[2] L. IV. 28.
[3] In. Verr. VIII. 71.
[4] Ann. XV. 3.
[5] Hist. II. 65. — *Vita Agric.* 8 e 16.

vaes, citando a collecção de lapides romanas de Masdeu, nomeia certo M. Vetio Valente, da tribu Aniense, procurador da Lusitania por Nero: talvez filho, me lembro eu, ou ao menos parente, d'aquelle medico Vectio Valente, a quem as desordens de Menalina tornaram tão miseravelmente célebre.

V

7.ª

LABEIAE. L. F. FALLAE
FLAMINICAE EBORESI.
FLAMINICAE PROV. LVSI
TANIAE IMPENSAM FVNE
RIS. LOCVM SEPVLTVRAE
ET STATVAM. D. D. COLLI
P PONESIVM DATAM L.
SVLPICIVS CLAVDIANVS

Esta lapide dizem que estava no frontispicio da egreja de Santo Estevão de Leiria. Diogo Mendes de Vasconcellos, de quem a copiei, affirma que a viu. Hoje não existe lá: desappareceu sem duvida entre os annos de 1507 e 1583, em que o templo antigo foi demolido, e edificado o que actualmente existe.

Acha-se tambem em Brito,[1] mas com alguma differença tanto na distribuição das palavras por cada linha, como na escriptura das palavras EBORESI e COLLIPPONESIVM, as quaes o chronista emendou para EBORENSI e COLLIPPONENSIVM; talvez por não advertir, que em palavras analogas de outras inscripções da decadencia da lingua não é raro encontrar a mesma omissão da consoante *n*: omissão que, com outras mais alterações, pode, em meu humilde entender, attribuir-se á progressiva transformação das formas latinas nas dos idiomas que ao latino succederam.

Vem igualmente na obra do visconde de Paiva-Manso; porém, ao que parece, copiada de Brito; e ainda o A. alterou-a tambem um pouco na distribuição das palavras; de sorte que nem ficou conforme á de Vasconcellos, nem exactamente como a do monge cisterciense.

Qual das tres copias seja a mais perfeita, não pode com certeza dizer-se, por se não saber, creio eu, onde pára o original. Eu preferi, como já declarei, a do primeiro, por elle fallar como quem o viu. Brito teve noticia d'ella por Vasconcellos; do qual é mui natural a recebesse tambem Gruter, d'onde a trasladou o sr. Hübner para as notas do seu curioso trabalho. Manuel de Faria e Souza dá sómente a traducção.

A lição é esta: — *Laberiae, Lucii filiae. Gallae, flaminicae eboren. flaminicae provinciae. Lusitaniae impensam funeris. locum sepulturae et statuam. decreto. decurionum collipponesium datam Lucius Sulpicius Claudianus.* — A traducção: — *Lucio Sulpicio Claudiano fez á sua custa o funeral, deu logar para a sepultura, e levantou esta estatua, que lhe foi concedida por decreto dos decuriões de Collippo, a Laberia Galla, filha de Lucio, flaminica de Evora e da provincia da Lusitania.*

Tem esta inscripção, entre outros meritos, o de por ella se poder corrigir e encher a que segue, achada em S. Sebastião do Freixo, e pelo sr. Hübner extrahida, segundo elle diz, de um manuscripto da Universidade de Coimbra, que tem por titulo — *Noticias sobre Leiria e seu termo, remettidas no anno de 1721 á Academia Real de Historia Portugueza.*

8.ª

sACRVM. DIS. MANIBVs.
Q. NAEVI. D. F. QVIR. RVFINi.
COLLIP. AN. ═══ CLAVdia
SILVANILLA. L F L SVN═══
VS. CLAVDIANVS.

Sacrum dis Manibus. Quinti Naevi. Decimi. filii. Quirina. Rufini. Collipponensis. annorum. . . Claudia. Silvanilla. Lucii. filia. Lucius. Sulpicius Claudianus. — Traducção: — *Claudia Silvanilla, filha de Lucio, e Lucio Sulpicio, Claudiano consagram esta memoria aos deoses Manes de Quinto Nevio Rufino, filho de Decimo, da tribu Quirina, cidadão de Collippo, que morreu de edade de. . . annos.*

Effectivamente, comparando-se uma com a outra, vê-se de plano, que aquelle conjuncto de lettras LFLS VN, arranjado provavelmente por quem primeiro leu a inscripção na lapide, mas que nada significa, se reduz, com o mais que segue, a L. F. L. SVLpiciVS CLAVDIANVS, o mesmo individuo, quasi se pode affirmar, que fez as honras e despezas da sepultura a Laberia Galla.

Á mesma Laberia, mui provavelmente, diz respeito est'outra, que ainda ha poucos annos se via, e creio se vê ainda, posto que bastantemente mutilada, na capella da torre, logar da freguezia do Reguengo, nas cercanias de Leiria.

9.ª

═══ANN═══
LABERIA L. FMX═══
FILIAE PIENTI═══

— . . . . . *Annorum* . . . . . *Laberia, Lucii filia, ma* (ter) *filiae pienti* (ssimae). — Traducção: — *A sua piedosissima filha . . . . . que morreu de . . . annos . . . mandou fazer este monumento Laberia, filha de Lucio.*

Pela parte superior deve faltar ao menos uma linha, que conteria o nome da fallecida; e por baixo da 3.ª outra, talvez, ou duas, com as formulas usuaes F. ou P. C., e S. T. T. L. o X da 2.ª linha tenho para mim que está alli erradamente, e que deve ser com certeza

[1] Mon. Lusit. P. I. III. 7.

um A: talvez engano do artista que lavrou a inscripção, ou desculpavel equivoco do amigo que me obsequiou com ella, por não se achar a lettra já bem distincta no marmore.

Esta inscripção é inedita, creio eu.

Não se pode negar á flaminica Laberia o titulo de pessoa de excellentes qualidades e geralmente respeitada; não só porque nas colonias e municipios as magistraturas e sacerdocios costumavam ser deferidos ás pessoas mais auctorizadas do sitio, mas tambem porque a honrosa memoria que de si deixou, tanto em Collippo, onde morreu e teve uma estatua, como em Evora, onde em tempo de Resende Vasconcellos (1495 a 1599) existiam ainda duas dedicações lavradas em homenagem sua, nos veda fazer-lhe tal injustiça.

Com tudo o nome de *Laberio,* que devia ser o *nomen* de seu pai, parece não remontar a mui alta antiguidade. Eu não me lembro agora, senão do mimographo D. Laberio, a quem Cesar elevou á ordem equestre; mais conhecido talvez pelo caso que a este proposito lhe aconteceu com os cavalleiros romanos, e pela espirituosa resposta com que deixou fulminada a esperteza de Cicero,[1] do que pelo primor, segundo dizem, de suas producções litterarias.

Do cognome *Gallo* tenho presente o infeliz Cornelio Gallo, governador do Egypto por Augusto, e mimoso poeta elegiaco. Virgilio o immortalizou em versos repassados da mais terna sympathia. Depois d'elle alguns consules no imperio. Quanto a mulheres, a historia menciona Sosia Galla, esposa de C. Silio, sacrificada á barbaridade de Tiberio; e Arria Galla, mulher do celebre Pisão da côrte de Nero, *solâ corporis formâ commendata.*[2]

As dedicações a que me referi acima são conhecidas. A 1.ª vem na citada obra de Rezende; a 2.ª talvez em todos os AA. antigos e modernos que se teem occupado d'este assumpto: todavia para poupar trabalho aos amadores, que por ventura leiam este artigo, e tenham, como eu, poucos livros, dal-as-hei tambem aqui: 1.ª — LABERIAE. L. F. ‖ GALLAE ‖ FLAMI ‖ NICAE. MVNIC ‖ EBORENSIS. FLA ‖ MINICAE. PRO ‖ VINCIAE LVSITA ‖ NIAE. — 2.ª — LABERIAE. L. F. ‖ GALLAE. FLAMI NICAEMVNIC. ‖ EBORENSIS. FLA ‖ MINICAE PROVINCIAE ‖ LVSITANIAE ‖ L. LABERIVS ARTEMAS ‖ L. LABERIVS ‖ CALLAECVS ‖ L. LABERIVS. ABSCANTVS ‖ L. LABERIVS. PARIS ‖ L ‖ ABERIVS. ‖ LAVSVS. LIBERTI.

VI

Vê-se das inscripções de Laberia, e de outras que, por não entrarem no meu plano, passo em silencio, que nas provincias e nos municipios, além dos *flamines* e *flaminicas* de uma determinada divindade, como em Roma, havia juntamente outros *flamines* e *flaminicas,* revestidas de um sacerdocio mais amplo, a quem chamavam *flamines* e *flaminicae provinciae* e *municipii;* e porque não consta, quanto a mim, que nas provincias houvesse collegios de *pontifices,* conjecturo eu, que esta segunda especie de *flamines,* eleitos, como os primeiros, de entre as pessoas mais qualificadas do municipio, representariam n'ellas os *pontifices* da metropole; ao menos n'aquella parte de suas attribuições que consistia em velarem pela conducta dos outros sacerdotes no tocante ao culto.

Tambem com os *flamines* se não devem confundir os *augustaes (augustales),* outra ordem de sacerdotes, de que se fala em muitas inscripções. Estes eram privativos da familia Julia, instituidos por Tiberio;[1] aquelles de uma divindade qualquer, pertencesse ou não a esta familia, e a sua instituição remonta ao primeiro seculo de Roma. Em André de Rezende faz-se menção de um *flamen divi Augusti,* e na obra do sr. Hübner de dois da mesma familia, um de Julia Augusta, e outro de Tiberio!

A proposito d'este vou avançar uma conjectura, a qual peço se me releve. Como se sabe, era uso nas provincias levantar templos aos imperadores ou pessoas da sua familia; e Tacito refere,[2] que os povos da Hespanha *ulterior* mandaram a Roma pedir licença, para, a exemplo dos da Asia, construir um em honra de Tiberio, ainda vivo, e de sua mãe. Ora do mesmo historiador se collige, posto que o não affirma positivamente, que a licença não foi concedida; mas, como um sacerdote suppõe um templo, ou ao menos um altar, quem nos diz a nós, que, apezar d'isso, os mencionados povos, attento o caracter dissimulado e dobre de Tiberio, não interpretaram a recusa por uma muito voluntaria permissão, persistindo em edificar o templo; e que o flamine, de que se tracta, o não era n'este mesmo templo?

VII

O visconde de Paiva-Manso transcreveu de Gruter e de um manuscripto da Academia das Sciencias de Lisboa a seguinte dedicação a Trajano, achada, segundo se diz, nas ruinas de Collippo:

10.ª

IMP. CAESARI. DIVI. NERVE. F.
NERVAE. TRAIANO. OPTIMO. AVG.
GERM. PARTHICO. DACICO. PONTIF.
MAXIM. TRIBVN. POTEST. XVIIII.
IMP. XI. COS. VI. P. P. AD M. F. V.
P. P. D.

Imperatori. Caesari. Divi. Nerve (por *Nervae) filio Nervae Traiono. optimo, augusto germanico. parthico dacico. pontifici. maximo tribunitia potestate undevi-*

[1] Sen, *Declam.* L. III. 18.
[2] Tac. Ann XV. 59.

[1] Hist. II. 95. — Ann. I. 54.
[2] Id. Ann. IV. 37.

cesimùm[1] *imperatori undecimùm consuli sextùm patri patriae, ad memoriam. felicis victoris* (ou *fecerunt volentes) pecunia. publica.* (ou *privata) decuriones* (ou *dedicata.* — Traducção: — *Ao Imperador Cesar Nerva Trajano, optimo, augusto, germanico, parthico, dacico, pontifice maximo, com poder tribunicio pela 19.ª vez, proclamado imperador pela 11.ª, eleito consul pela 6.ª, pai da patria, fizeram de boa vontade este monumento com dinheiro publico* (ou *particular) os decuriões* — Ou: — *Dedicada, com dinheiro publico* (ou *particular) ao Imperador. . . . . pai da patria, para memoria de sua felicidade e triumphos.*

Esta inscripção devia ter pertencido a alguma estatua, columna, arco, outro monumento qualquer. Nem Brito, nem Faria e Souza, que trazem outras do mesmo imperador, nem ultimamente o sr. Hübner, dão noticia d'ella. Hoje não ha vestigios nem em Leiria, nem em S. Sebastião, que eu saiba.

Foi lavrada no anno 117 da era christã, 878 da fundação de Roma; que foi o anno em que aquelle principe completou 19 de reinado, e recebeu pela 19.ª e ultima vez, porque morreu n'esse mesmo anno,[2] a investidura do poder tribunicio.

É mais moderna, que a da famosa columna de Roma (se é exacta a copia que tenho á vista), dois annos apenas; porque esta foi feita no anno em que o imperador teve pela 17.ª vez o poder tribunicio, que foi tambem o 17.º do seu governo, e a de Callippo no 19.º, 4 depois do seu 6.º consulado no de Roma 864, da era christã 113.

(Continúa)

O socio correspondente

VICTORINO DA SILVA ARAUJO.

Noticia dos nomes das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos pertencentes a diversas nações.

(Continuando do n.º 9 pag. 143)

Hollandez — Bruinsma construiu a villa do Barão Van-Lyden — 1849.

Italiano — Brunelleschi o insigne architecto do zimborio da cathedral de Florença — 1446.

Allemão — Brunsberg, architecto em Brandbourg — 1401.

Flamengo — Bruyn, architecto da grande Praça de Bruxellas — 1698.

Italiano — Buccio, architecto em Florença, — 1543.

Flamengo — Bulland (João) architecto do palacio das Tuilherias — 1568.

Francez — Bullet, architecto da Porta de S. Martinho em Paris, — 1671.

Allemão — Bundelich, architecto em Passau, — 1465.

Francez — Buon (senior) architecto em Veneza, — 1442.

Hollandez — Buon (junior), architecto em Veneza, — 1517.

Flamengo — Buonaroti, (Miguel Angelo) celebre architecto de S. Pedro em Roma, — 1565.

Flamengo — Buontalenti, architecto em Roma, — 1564.

Inglez — Burges (W), idem da nova cathedral em Emdemburg — 1874.

Allemão — Buring, architecto do novo palacio de Potsdam — XVIII seculo.

Allemão — Buskelus — idem da cathedral de Pisa — 1013.

Belga — Buyck — architecto da fachada da igreja de S. Salvador de Burges — 1843.

Portuguez — Caetano Thomaz, architecto do igreja e do palacio real das Necessidades — 1743.

Romano — Caius Mutius, architecto do Templo á Honra e á Virtude, em Roma — 104 annos ant. J. C.

Italiano — Calenderi, um dos architectos do palacio dos Doges em Veneza, — 1340.

Grego — Callicrate, um dos architectos do Parthenon, Athenas — 438 ant. J. C.

Grego — Callimaque, inventor da Ordem Corinthia — 415 ant. J. C.

Hollandez — Camberlain (José) construiu a Escola Militar em S. Petersbourg — 1821.

Italiano — Campan, architecto na Normandia — 1402.

Inglez — Campbell (C.) architecto, construiu o Wanstead House.

Hollandez — Campen (Jacob Van), insigne architecto, construiu o palacio real em Amsterdam — 1657.

Italiano — Campi, architecto e auctor em Crémona — 1591.

Francez — Camus (Le) construiu o edificio para o Terreiro do Trigo em Paris — 1750.

Flamengo — Canchie, architecto em Antuerpia — 1591.

Italiano — Canevari (Antonio) delineou um projecto para o palacio real de Mafra — 1717.

Portuguez — Cangalhas (F. Ferreira) construiu diversos edificios em Lisboa — 1732.

Italiano — Carlos Maderno delineou a fachada da Basilica de S. Pedro em Roma — XIII seculo.

Portuguez — Carlos Mardel construiu o palacio em Oeiras do marquez de Pombal — 1758.

---

[1] Nos diccionarios que tenho á mão não encontrei este adverbio, nem o outro, *undecumùm*, que se segue: entretanto parece-me que deviam existir, pela mesma razão porque existiam *primùm, iterum, tertiùm* &, de uso solemne em designações analogas, por isso que existem os signaes. Devia esta satisfação aos latinistas.

[2] Eutrop. VIII. 2.

Francez — Carlos Fontaine,[1] membro do Instituto, architecto da galeria executada a primeira em ferro e chrystal no Palacio Real de Paris, e tambem da sala de baile no palacio real das Tuilheries. — 1829,

Portuguez — Carlos Fontana, architecto d'el-rei D. Pedro II — 1684.

Francez — Carlos Garnier habil architecto do sumptuoso theatro da Grande Opera de Paris — 1875.

Francez — Carlos Percier,[2] membro do Instituto, architecto do Arco Triumphal do Carrosel em Paris e auctor de grande merecimento — 1836.

Hespanhol — Castayls, architecto da cathedral de Tarragona — 1275.

Portuguez — Carneiro (M. José), professor na academia das Bellas Artes do Porto — 1842.

Portuguez — Carreira, architecto da cidade do Porto — 1329.

Portuguez — Carvalho (Pedro) concluiu a construcção do convento da Madre de Deus — 1551.

Portuguez — Carvalho (Eugenio dos Santos) architecto, delineou e construiu a Praça do Commercio de Lisboa — 1770.

Portuguez — Castilho (João), architecto da Casa Real, construiu as naves da egreja do convento de Belem — 1522.

Italiano — Cellini di Nise, architecto em Pistoja — 1339.

Francez — Cerceau (Du) construiu parte do palacio de Louvre — 1548.

Francez — Cezar Daly, auctor moderno muito distincto — 1876.

Francez — Chabrol (Pedro), architecto do Seminario de Tulle — 1875.

Francez — Chalgrin construiu muitas igrejas em França — 1769.

Inglez — Chambery (W.) architecto de Somerest — House em Londres — 1796.

Inglez — Champion (W.) restaurou a igreja de S. Pedro em Oxford — 1875.

Francez — Chardon, architecto em Fécamp.

Francez — Charles (d'Aviler), architecto do Arco Triumphal de Montpellier e auctor — 1653.[3]

Francez — Charles de Fleures construiu o antigo theatro da Grande Opera — 1805.

(Continua)

Architecto — J. da Silaa.

[1] O architecto portuguez J. P. N. da Silva foi um dos seus ajudantes n'estes trabalhos, quando regressára da Italia.

[2] Um dos professores do architecto J. P. N da Silva, em Paris.

[3] No seu diccionario de architectura na palavra — *Hardi* — cita a temeraria abobada do cruzeiro da igreja monumental de Belem.

INSCRIPÇÃO ANTIGA ARABE

Não são vulgares as inscripções gregas em Portugal, todavia não é tanto para estranhar essa falta, como é sem duvida serem raras as que pertencem aos arabes e aos hebreus, quando estas duas raças por tantos seculos habitaram o solo nacional. Já tivemos a fortuna de haver descoberto nma importante inscripção antiga hebraica, que foi publicada no 5.º numero d'este *Boletim;* sendo esta a segunda achada no nosso paiz, e composta de maior numero de vocábulos do que a inscripção existente em Evora.

Podêmos hoje offerecer aos nossos consocios um fac-simile de uma outra em arabe, (estampa n.º 17), esculpido em relevo em marmore branco e foi descoberta em Mertola, tendo 0,35 centimetros de altura[1], que pela bella conservação dos seus caracteres e egualmente pela extrema raridade de semelhantes exemplos epigraficos conhecidos em Portugal, merecerá maior apreço dos archeologos; pois nós não temos noticia de haver senão mais duas de egual origem, uma encravada em uma parede na cidade de Evora, e outra composta apenas de sete palavras na parte externa da igreja da Sé Velha de Coimbra: portanto esta que publicamos é a mais interessante, tanto pela sua referencia, como pela perfeição como fôra esculpida.

Parece pelo desenho occupar um vão de fórma de uma arcada fingida, a qual pela sua curva de feitio de *ferradura,* typo o mais caracteristico da architectura arabe, nos faz suppôr que cobriria todo o espaço comprehendido dentro do vão da referida arcada, o que nos indicaria ter pertencido a um importante edificio, construido pelos sarracenos n'aquella antiquissima cidade. É para sentir ser tão pequeno este fragmento, pois que não nos elucida a que qualidade de edificio pertenceria, porque sabemos quanto os arabes eram prodigos em ornar com citações de preceitos moraes as suas principaes construcções, além das laudatorias ao Ente Supremo, que a sua seita costumava fazer estampar sobre as paredes de suas mesquitas; todavia, mais devemos estimar possuir este exemplo epigraphico de tão remota era, e de um dos antigos dominadores do solo portuguez.

J. da Silva.

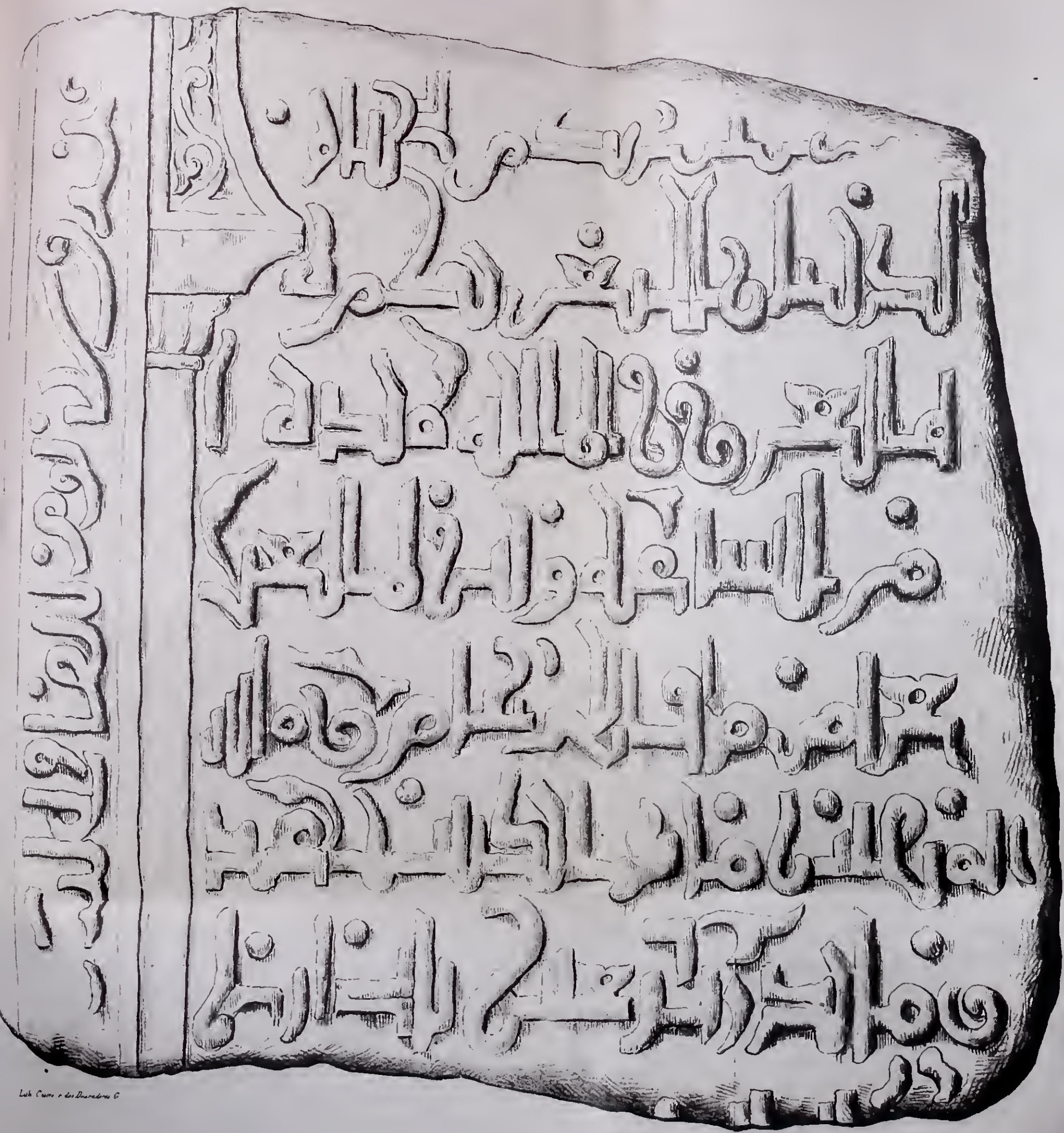
NOTICIA

Ácerca do orgão da Real Basilica de Mafra

(Continuado da pag. 157)

A primeira mesa, isto é, a mesa inferior, tem tantos conductores de ar quantas são as teclas no teclado;

[1] Em Evora no templo de Diana, actualmente servindo de museu de archeologia.



Est VI

Fragmento de uma inscripção Arabe achada em Portugal

e na parte inferior de cada um dos conductores, estão as valvulas que abrem pelo simples movimento da tecla; e o vento, impellido então pelos folles, dá o som aos tubos cujos registros se acham abertos; pela parte de baixo d'esta mesa está a caixa ou deposito do ar, onde estão ligadas as valvulas que se communicam ao teclado. Na segunda mesa ha tantas regoas moveis quantos são os registros; estas regoas teem, em toda a sua extensão, um numero de furos egual aos tubos que admitte, e constituem os registros, estabelecidos á direita e esquerda do teclado, ao alcance da mão do tocador, e combinados de fórma que, dado o impulso ao registro, a regoa correspondente avança até ao logar em que os furos coincidem com os da mesa superior e inferior; da mesma sorte, retirando os registros, é interrompida a communicação entre as duas mesas, e o ar por esse registro não passa aos respectivos tubos.

Na terceira mesa, ou mesa superior, ha tantos orificios quantos os tubos de pequenas dimensões, correspondentes a todos os registros; estes orificios coincidem exactamente com os da primeira e segunda mesa.

Todas as caixas, reservatorios, canaes e valvulas são forrados de pellica, a fim de que, conservando-se tudo hermeticamente fechado, o ar não possa escapar-se.

Os *tubos* ou canudos do orgão, verdadeiros instrumentos onde se produzem os sons, são de folha de estanho, ou composição de estanho e chumbo, e de figura conica; alguns ha de madeira, e estes dão os sons graves, e os dos tambores. O numero total dos tubos é proximamente de 2:000; alguns são tão pequenos que não excedem as dimensões de um lapis.

Encontra-se tambem um grande numero d'elles com a campanula tapada, e tendo apenas um pequeno orificio; estes produzem sons mais fracos, porém muito suaves.[1]

Finalmente os folles e os conductores pneumaticos constituem a ultima parte d'essas importantes machinas. Os folles são quatro: estas peças são compostas de duas pranchas de madeira, unidas em uma das extremidades por dobradiças de ferro; os tres outros lados são cobertos de pellica, pregada a umas laminas de madeira de fórma a produzirem o bem conhecido effeito dos folles. Na prancha da parte inferior ha uma valvula da largura de $0^m,22$ em quadrado, destinada a absorver o ar quando a prancha superior levanta; descendo esta, e fechada a valvula, o ar sae por um tubo adaptado ao grande canal pneumatico, e d'ahi por outros conductores é levado aos sommeiros. Os folles são postos em movimento por meio de alavancas ordinarias.

Eis em resumo, e segundo as minhas poucas forças, uma noticia dos grandes orgãos da basilica de Mafra. Estes orgãos tocaram outr'ora conjunctamente, e existem ainda musicas escriptas para todos seis. Devia ser magestoso o effeito produzido pelos sons de milhares de instrumentos derramando-se no espaço, e repercutindo-se nas immensas abobadas do templo. Hoje, quaes proscriptos, eil-os como abandonados.

O systema de construcção d'estes orgãos é, segundo os homens da arte, o systema portuguez ou antes o systema inglez, modificado pelos habeis artistas Machado e Fontanes. Estes homens crearam uma escola propriamente sua, e ha d'elles diversas construcções que pouco divergem das regras prescriptas por Lichtenthal, e Gervasoni. A Dom Bedes de Celles deve-se um tratado sobre a construcção de orgãos: *l'art du facteur d'orgues*. Hamel publicou tambem um excellente tratado: *Manuel du facteur d'orgues*.

Não somos nós o povo mais pobre de objectos de arte, e aquelles que possuimos devemos conserval-os. De todos os monumentos de Portugal, o de Mafra é o mais grandioso; a sua mais bella peça é o templo, e no templo, e bem a caracter, ostentam-se os seis orgãos, dando-se ainda a circumstancia de serem obra nacional. «Um paiz, disse ha pouco o sr. marquez de Souza, não é só rico dos seus caminhos de ferro, das suas estradas, dos seus bancos; no seu activo devem ainda entrar os monumentos que produziu o genio do homem, e entre estes occupam eminente logar as creações artisticas. Possuil-as é uma gloria, mas conserval-as é indubitavelmente um dever.»[1]

Mafra, 3 de Fevereiro de 1876.

Joaquim da Conceição Gomes.

Socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

CHRONICA

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando dignou-se offerecer á Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, da qual Sua Magestade é Presidente Honorario e Augusto Protector, um grande busto com a sua real effigie para a sala das sessões, o qual ornava a preciosa galeria do real palacio das Necessidades. Esta honrosa dadiva manifesta mais de uma vez o quanto El-Rei preza esta artistica associação, e estima a sua crescente prosperidade e credito: muito gratos se confessam os seus socios por tão grande

[1] Nos tubos ha a distinguir: — corpo, parte superior do tubo — bocca, fenda pela qual o vento passa para o tubo — labio, parte comprimida no cylindro, — pé, parte que entra no sommeiro — embocadura, lamina soldada ao corpo e ao pé do tubo para dar passagem ao vento.

[1] Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal.

distincção que receberam de Sua Magestade, e o seu reconhecimento ficará perpetuo entre os seus associados.

* * *

No dia 15 de julho ultimo teve logar em *Bayeux* (França), a inauguração da estatua em marmore do afamado archeologo Mr. de Caumont, a cuja solemnidade concorreram as auctoridades civis e religiosas e as principaes associações scientificas de França, e tambem um grande numero de sabios estrangeiros; musicas e illuminações, tudo concorreu para abrilhantar aquella festa em gloria do celebre auctor do curso de archeologia, ao qual os seus collegas nacionaes e estrangeiros lhe erigiam um condigno monumento, que passará á posteridade como um sincero preito de admiração pelo seu extraordinario talento e saber, e egualmente em reconhecimento pelos eminentes serviços prestados, no seculo XIX, aos estudos de archeologia.

Depois do *Te Deum*, tendo sido officiado pelo respectivo bispo na magestosa cathedral, illustrada pelo saber de Mr. de Caumont; cujo templo estava magnificamente ornado, e cheio de pessoas que o mesmo sentimento de devoção levava ali para render graças ao Todo Poderoso pela solemnidade nacional que se ia manifestar ao cidadão bemquisto, ao principe dos archeologos. O ex.mo bispo proferiu uma eloquente allocução, e entre os seus mais elegantes periodos expressou-se por esta maneira: — *O impulso dado por Mr. de Caumont ao estudo das antiguidades nacionaes; a maneira pela qual soube tornar este estudo facil e atractivo; o numero de discipulos que formou pelo seu profundo saber, e pelo seu excellente methodo; devendo-se á sua iniciativa tão fecunda e sympathica o ter-se divulgado tantas riquezas artisticas ignoradas pelos seus concidadãos, fazendo reviver as bellezas dos monumentos que com tanto zelo e intelligencia os descrevia, que fez despertar o gosto pela arte, ensinando-nos a maneira segura de ler nos detalhes da architectura o pensamento elevado dos nossos antepassados, e a podermos restabelecer aquillo, que o correr dos tempos havia destruido, ou a ignorancia os tinha alterado de seu caracter primitivo; por tão assignalados serviços era digno da nossa admiração e credor do reconhecimento nacional..... Se nós desconhecemos ou tivessemos esquecido tão importantes serviços prestados á architectura religiosa por Mr. de Caumont, talvez se suppozesse da nossa parte, e n'esta circumstancia, de lhe termos faltado ao tributo especial da nossa gratidão, etc., etc.*

Em seguida, entre alas de guarda de honra, desfilaram em procissão todas as auctoridades, associações e os outros convidados e povo, dirigindo-se á praça para saudarem a effigie do benemerito sabio, tirando-se-lhe o véu que cobria a sua estatua, a qual mais de vinte mil pessoas saudaram com enthusiasticos applausos.

A noite *toda a cidade se illuminou* de uma maneira mais vistosa, dizendo o jornal o *Indicador de Bayeux*, que parecia estar ella incendiada.

Muitos discursos se recitaram junto d'este monumento, nos quaes todos proclamavam o saber do illustre varão e os serviços valiosos e inexcediveis que havia prestado ás investigações archeologicas, e haver illustrado pelas suas sublimes obras este estudo scientifico em todo o mundo.

As nações que se prezam de ser civilisadas não deixam passar seculos para tributarem aos seus insignes cidadãos a reconhecida admiração pelo seu saber e merecimentos; pois não só essa ingratidão seria desdouro para uma nação, como tambem desmereceria na opinião dos povos mais cultos a veneração a que teriam jus, se olvidassem a memoria de quem lhes déra fama e gloria.

* * *

O nosso digno socio correspondente, o cavalheiro Aria, annuiu ao nosso empenho, havendo-nos offerecido do seu rico museu etrusco de Marzabotto, alguns objectos de bronze de grande apreço; entre elles ha um bracelete de bronze (torque), composto de seis nós, que era grande distinctivo de quem o usava, assim como *fibules* do mesmo metal; sendo os objectos d'esta qualidade e procedencia os primeiros que ha em Portugal, os quaes estão expostos no museu de archeologia do Carmo. Receba portanto tão opulento e insigne amador os nossos agradecimentos pelos preciosos specimens com que dotou o nosso museu.

* * *

Podémos alcançar ao cabo de doze annos a unica e elegante janella do estylo do renascimento, que havia em Santarem composta de uma bella columna da ordem corinthia, com estrias, e no terço inferior cheia de ornamentos em relevo, assim como duas pilastras do mesmo genero, e entablamento completo, sendo dezenove o numero d'estas pedras.

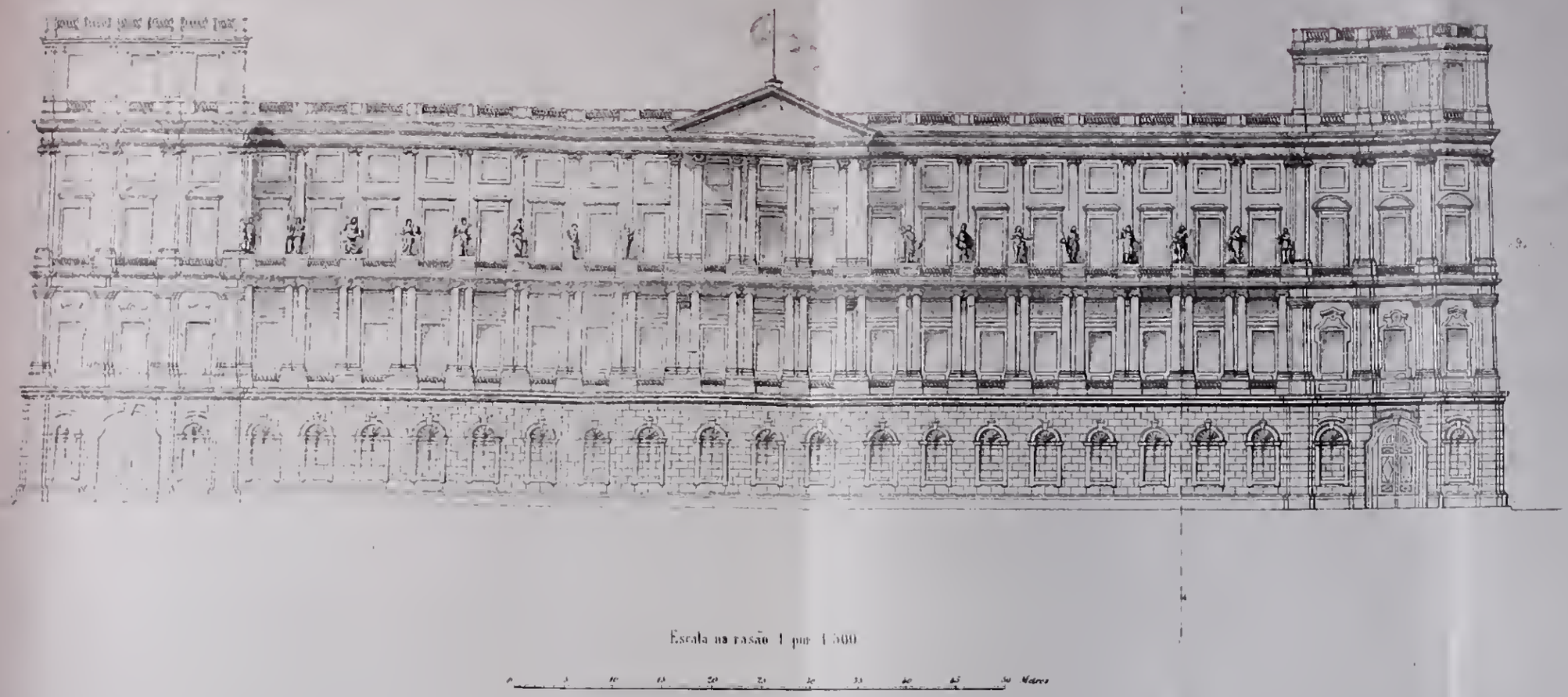
Estava collocada no angulo de um predio, e pela sua linda composição attrahia a attenção dos verdadeiros apreciadores de esculptura d'aquella época.

J. da Silva.

Maneira facil de se conhecer se a areia é salgada

Tome-se uma porção qualquer de areia e ajunte-se-lhe dois volumes de agua, depois de se ter agitado o liquido, decantal-o e fazel-o ferver até ficar reduzido á metade; quando estiver frio prove-se e o seu sabor indicará a sua qualidade.

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa.



Est. 18

Projecto para a conclusão do Real Palacio da Ajuda

PELO

Architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva

1834

2.ª SERIE 1876

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 12

SUMMARIO

ARCHITECTURA: *Novo projecto para a conclusão do real palacio da Ajuda* (Estampa n.º 18), pelo architecto J. Possidonio N. da Silva, pag. 177. — *Os Dolmens*, pelo socio Sá Villela, pag. 180. — *A architectura indiana Khmer*, pelo socio visconde de S. Januario, pag. 183. — EPIGRAPHIA: *Inscripções romanas de Leiria*, pelo socio correspondente Victorino da Silva Araujo, pag. 185. — CONSTRUCÇÃO: *A cal*, pelo socio Francisco José d'Almeida, pag. 191. — *Noticia dos architectos antigos e modernos de maior nomeada*, pelo socio J. da Silva, pag. 192. — *Traducção da inscripção arabe descoberta em Mertola*, pelo socio correspondente D. Rodrigo Amador de los Rios, pag. 192. — CHRONICA, pelo socio J. da Silva: *Medalha conferida a esta Real Associação* na Exposição Universal de Philadelphia, pag. 193. — *Elogio a esta Real Associação* pelo jornal hespanhol *La Epoca*, por ter premiado os socios que haviam prestado serviços na architectura e archeologia, pag. 193. — *O uso de luvas* pelos operarios em eras remotas, pag. 194. — *Opinião d o archeologo romano o conde de Conestabile*, a respeito da urna achada na Necropole de Alcacer do Sal, pag. 194. — *A Revista Bibliographica Universal de Paris* faz menção da publicação do nosso Boletim, pag. 194. — *A assembléa geral d'esta Real Assosiação* votou uma medalha de prata para ser conferida ao distincto socio o conselheiro João Maria Feijó, pela sua notavel memoria sobre as abobodas ogivaes, pag. 194. — *Noticia sobre os mais altos monumentos*, pag. 194. — *Novo systema da collocação dos pára-raios*, estabelecidos pelo architecto russiano o sr. Solzoloff, pag. 194. — *Projecto para se ventilarem as cidades* com o ar puro das florestas, pag. 194. — *Indice dos 12 numeros* do 1.º tomo d'esta 2.ª serie, pag. 195.

NOVO PROJECTO

PARA A CONCLUSÃO DO

REAL PALACIO DA AJUDA

E A EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DO PRESENTE NUMERO

Não se ignora o motivo por que El-Rei D. José escolheu o alto d'Ajuda para habitação, depois do terrivel terremoto de 1755. Tendo ali mandado construir um barracão provisorio de madeira, não só por ficarem destruidos os magnificos paços da Ribeira, edificação de El-Rei D. Manuel, mas tambem pela urgencia de dar abrigo á familia real, e até para ficar menos exposto (se porventura se repetisse outra catastrophe), que no palacio desmoronado: mas sendo esta indecorosa habitação devorada palas chammas, em 1795, as pessoas reaes foram obrigadas a procurar nova residencia no palacio de Queluz.

A rainha D. Maria I determinou reedificar o palacio incendiado, dando-lhe solidez e aspecto nobre.

Foi então incumbido o architecto José da Costa e Silva, que havia estudado na Italia [1], de traçar o plano do edificio; porém o architecto estrangeiro Fabri, muito protegido pelo genro do marquez de Ponte de Lima, então inspector das obras publicas, conseguiu apresentar outro projecto [2], que no principio foi rejeitado, mas depois *preferido*. Manuel Caetano de Sousa exigiu, na qualidade de architecto das obras reaes, que lhe fosse dada a execução da obra, como lhe competia pelo logar que exercia, representando que, como pratico dos usos do paço, sabia melhor que qualquer outro architecto a disposição conveniente das salas, apontando as que eram da etiqueta haver, e faltavam no risco approvado. Estas razões fizeram com que elle fosse encarregado da execução da obra, sendo tambem *auctorisado a fazer as alterações que julgasse necessarias*. Porém o protegido estrangeiro tanto trabalhou que o distincto architecto caíu no desagrado, e para cohonestar a preferencia dada ao forasteiro, foi chamado

[1] Veja-se o Elogio historico d'este architecto no n.º 1 da 1.ª serie do jornal d'esta associação, pag. 9, 1865.

[2] Ha uma anecdota assaz curiosa. Consta que o provedor das obras encarregado de apresentar o plano a El-Rei D. José para este famoso palacio, achando-se bastante embaraçado em encontrar um artista a altura de tão abalisada composição, e lamentando-se ao seu cabelleireiro, na occasião de o servir, este lhe disséra que elle se offerecia para compôr o risco: — *Você é capaz de delinear esse plano?* — Porque não! se eu aprendi na minha terra a desenhar. — *Pois bem, vamos a ver o que sabes fazer.*

José da Costa para com Fabri dirigirem a obra conjunctamente, e assim praticaram até que José da Costa e Silva, em 1812, foi mandado para o Rio de Janeiro, e a direcção geral dos trabalhos ficou sómente a cargo de Fabri: portanto não foi o merecimento nem a prerogativa de quem competia a execução das obras reaes, que militou na escolha do artista, porém o patronato injusto e a desconsideração para o architecto nacional. Se o grandioso projecto delineado pelo architecto José da Costa e ampliado por Manuel Caetano de Sousa, se tivesse realisado no plano combinado, seria certamente o edificio de Lisboa do seculo XIX mais magestoso e colossal [1]: e para se fazer idéa da sua vastidão, bastará mencionar os aposentos de que se compunha, os quaes constavam da seguinte distribuição:

PLANO TERREO

3 vestibulos principaes; 2 idem de serviço particular; 2 idem do lado do norte.

4 grandiosas escadas principaes; 26 idem de serviço; 2 idem particulares para as pessoas reaes.

15 secretarias de estado.

2 gabinetes de despacho.

12 aposentos para os infantes.

2 salas pertencentes aos ditos.

2 varandas que deviam dar passagem para o jardim.

10 serventias geraes.

6 casas para mantieiria.

2 entradas para as cozinhas.

3 cozinhas e suas dependencias com 32 janellas.

PLANO NOBRE

1 grande sala para archeiros.

6 vastas galerias que communicavam com todos os aposentos.

2 grandes salas para a tocha e conselho.

8 salas para docel e para ceremonias.

1 idem para audiencia.

1 gabinete de cardeaes.

4 oratorios; 5 sacristias.

4 salões para funcções publicas.

1 idem de embaixadores.

4 idem para funeraes reaes.

4 quartos para confessores.

8 idem e salas para habitação do rei.

10 casas para guarda-roupas.

8 quartos e salas para habitação da rainha.

6 idem, idem, para habitação do principe real.

11 idem, idem, para os infantes.

1 salão central.

1 capella para a familia.

11 quartos para camaristas e damas.

12 idem para medico-cirurgião, particulares, porteiro da canna, reposteiros, etc.

[1] Veja-se a estampa n.º 1 da citada publicação, pertencente ao plano geral d'este edificio.

2 grandes pateos, tendo cada um a superficie de 1:271 metros quadrados.

544 janellas, pertencentes sómente ás frentes externas; 58 arcadas; 620 portas; 24 pateos internos.

O estylo foi seguindo os modelos da architectura italiana, e as suas fachadas foram inspiradas nas composições do celebre architecto Palladio, menos a sabia combinação das Ordens de architectura, de que se servia aquelle insigne artista, porque em logar de ficar mesquinho o aspecto do actual edificio, pelo contrario lhe augmentaria a nobreza, sobresaindo então as agradaveis proporções das fachadas; não obstante a grandeza do *modulo*, afim de dar importancia á decoração, sem lhe destruir o effeito optico. É o que se nota na parte edificada, examinando-se sobretudo a fachada do lado do sul, a qual seria a principal por ter a frente sobre o Tejo, pois tendo-se-lhe subdividido essa frontaria com pilastras, entre as janellas em todos os tres andares, e a saliencia d'ellas repetida tambem na parte rustica da base do terraço, além de *ficar já retalhada a fachada em toda a sua altura por linhas perpendiculares das pilastras,* que lhe ficavam sobrepostas; muito embora fosse com o intuito, de dar maior riqueza á decoração, comtudo veio destruir á vista a grandeza da extensão d'este corpo edificado, quando devia apresentar, se se tivesse supprimido os resaltos das pilastras do apparelho rustico, e em logar de empregar duas ordens de architectura em que se dividem os andares, fosse disposta uma só que abrangesse a totalidade d'elles, como costumava pôr em execução Palladio, e representaria então todo o aspecto grandioso da decoração.

Por morte de Fabri foi nomeado Antonio Francisco Rosa, architecto das obras do palacio d'Ajuda, o qual fizera os seus estudos na casa do risco estabelecida n'esse edificio; continuando-se os trabalhos conforme o primitivo plano. Porém, na regencia da Sr.ª Infanta D. Isabel Maria, foi este architecto encarregado de lhe apresentar um projecto para limitar a construcção, sómente á terça parte da sua extensão, afim de se evitar o dispendio de avultadissimas quantias para a sua completa conclusão; pois que só as quatro escadas para a parte central da entrada principal d'este edificio, estavam orçadas, com a soberba abobada espherica, em um milhão de cruzados!

O architecto limitou-se em delinear na extremidade do terraço da parte construida outros dois torreões eguaes aos dos angulos já executados, não attendendo a que tendo sido elles projectados para uma fachada com a triplicada extensão, ficariam desproporcionados para o limitado aspecto a que ficaria reduzido, e que o centro da fachada principal, conforme estava edificada, para sómente indicar a parte central das azas lateraes do edificio, não corresponderia á magestade d'essa frente, nem á colossal construcção dos torreões que a flanqueariam.

Durante a regencia do Sr. Infante D. Miguel foi en-

carregado da continuação das obras o engenheiro Raposo, o qual, querendo mostrar a maior actividade áquelles trabalhos, mandou assentar a cantaria preparada sob a direcção do architecto Rosa pertencente á fachada interna longitudinal do pateo do lado do norte, a qual foi collocada com tanta precipitação, que não lhe deram a necessaria solidez, e que pelo encontro das grandes asnas do madeiramento e pelo peso do elevado telhado, dera bastante de si, saindo da prumada, a ponto de ter a commissão dos architectos nomeada em 1863 para elaborar novo projecto para a conclusão das obras [1], de a condemnar para ser apeada.

São grandes os defeitos em todos os ramos das bellas artes que se notam n'aquella edificação, embora haja ali trabalhos de merecimento, sendo digna de elogio a execução do lavrado na cantaria. Esses defeitos são de tal ordem, que o ultimo provedor das obras o marquez de Borba, nos dizia, que se envergonhava de conceder licença quando algum estrangeiro lhe pedia para ver os trabalhos; todavia as grandes obras dos edificios monumentaes servem de escola para bons operarios, como succedeu em Mafra e depois no convento novo da Estrella, onde a pratica foi muito longa e muito util para o progresso e aperfeiçoamento dos diversos officios.

Em 1834, o imperador o Sr. D. Pedro IV, nos encarregou de delinearmos novo projecto para a conclusão do palacio da Ajuda, ficando limitado egualmente ao terço que se havia construido, dizendo-nos, que devia contar sómente com um conto de réis por semana, pois que o governo não podia dar os tres contos que d'antes ahi se gastavam [2].

Ninguem da profissão desconhecerá qual é a grande difficuldade de se alterar qualquer projecto, tendo sido composto com determinada applicação, calculadas as suas partes para produzirem um conjuncto harmonioso e segundo os preceitos artisticos.

A primeira cousa em que nos applicámos, foi em achar o meio conveniente de disfarçar a diminuição da fachada do edificio, cuja prova apparecia patente na excessiva saliencia dos torreões, devendo-se construir outros dois para o remate dos angulos oppostos. Não hesitámos em lançar mão de um bello exemplo, posto que não fosse ideiado para vencer uma extraordinaria difficuldade, mas sim a producção espontanea de um arrojado talento, dotando Perrault a França com a fachada de um monumento unica no seu genero, não obstante a fundada critica de ter dividido ao meio o peristylo, collocando-lhe um corpo central; o que evitámos para não destruir a belleza da magestosa disposição da galeria, tendo indicado no piso superior a parte central d'essa fachada. Delineámos pois, sobre o terraço construido, pertencente ao planeo terreo do palacio, que para o lado sul representa primeiro andar, uma columnata, ficando dispostas duas columnas a par entre os entrecolumnios; as quaes collocadas no destrucimento da saliencia dos torreões, encobririam o seu grande resalto, e até pareceria terem sido necessarios para a formação da galeria que dispozeramos; tendo ainda a vantagem de diminuir a excessiva temperatura que se experimenta no verão nos actuaes aposentos habitados por Suas Magestades; sem comtudo prival-os da bellissima vista que se gosa sobre o Tejo.

As columnas dispostas d'este modo tinham ainda outro motivo para lhe darmos a preferencia, pois não sómente dariam mais magestosa decoração, contribuindo egualmente a destruir as aparentes linhas prolongadas das perperdiculares das Ordens das pilastras, que já fizemos notar, que diminuiam tanto a grandeza e nobre apparencia d'esta fachada. Para fazer o accôrdo dos eixos das mesmas pilastras com o corpo inferior, sobre o qual parece firmarem-se, collocamos estatuas sobre os acroterios do novo terraço superior á columnata, como se vê na estampa.

Era de preceito dispôr outro corpo central á referida fachada, e que estivesse em harmonia com a nova decoração, pois a que já estava edificada, não satisfazia por modo algum, como notámos: portanto delineámos uma *Loggia* sobre a prumada central da galeria, ornada de columnas dispostas pelo mesmo modo, da Ordem Jonica, e sobre o seu entablamento dispozemos um frontão ornamentado; tendo ainda a commodidade de possuir o andar nobre uma ostentosa varanda propria de palacio real: fazendo esta disposição accentuar ainda mais o caracter da preferida architectura, como mostra a estampa n.º 18. Este projecto mereceu approvação de S. M. o Imperador Duque de Bragança; assim como, depois, do principe Augusto de Leuchtenberg, primeiro esposo de S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria II.

Deixaremos aos entendidos apreciarem como merecer este nosso projecto, do qual se aproveitou, em parte, a referida commissão nomeada pelo governo em 1863, para lhe apresentar novos riscos, afim de se ultimar o edificio, projecto que foi entregue em tempo, e pelo qual a commissão recebeu louvores do governo [1]: devemos dizer que causa grande reparo nos estrangeiros, quando entram no nosso porto, ver que se possa deixar n'aquelle vergonhoso estado de ruina, do lado do poente, o palacio que serve de morada ao chefe supremo da nação!

O architecto — J. P. N. da Silva.

[1] Era composta do conselheiro Filippe Folque, presidente; o engenheiro Joaquim Julio de Carvalho, secretario; e dos architectos José da Costa Sequeira, Valentim Joté Correia e Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

[1] Desejava o imperador concluido este palacio para servir de habitação á sua augusta filha quando tomasse estado; reservando para si e a imperatriz o palacio das Necessidades.

[1] Publicaremos em outro numero o projecto elaborado por esta commissão.

OS DOLMENS

(Continuado de pag. 164 do n.º 11)

Permitta-se-me um parenthesis, para mencionar ainda as *pedras-gamellas* (pierres-à-bassin), por isso mesmo que não se tem encontrado, ou não tem sido procuradas no territorio portuguez. Estas pedras são muito conhecidas em França. Lá dão-lhes o nome de varios *sanctos* (alguns dos quaes nunca existiram); e tambem lhes chamam pedras-do-diabo, e pedras de Gargantua (o celebre gigante da lenda). Na publicação: *Matériaux pour l'hist. primit. et nat. de l'hom.* v. III pag. 74, descrevem-se assim; «La main de l'homme m'y paraît évidente, quand les parois des cavités sont taillés verticalement dans une roche aussi dure que le granit, et que le bassin affecte une forme regulière telle que le rond, l'ovale ou deux-ronds accottés, etc. Je crois pouvoir ajouter que le feu seul a pu entamer une roche aussi dure, et sur plus d'une de ces roches la trace des coups est encore visible».

O Sr. Aymard e outros entendem dever reportar estes monumentos a um culto primitivo. E fossem principal ou accessorio d'esse culto, sabemos que entre as materias brutas do antigo fetichismo, a pedra fez parte do culto do povo ignorante, n'algumas regiões, até muito depois da introducção do christianismo. No nosso paiz mesmo, no Algarve, assim aconteceu, como poderá ver-se das *Memorias Ecclesiasticas,* citando a tal respeito os canones do Synodo Toletano, do anno de 693. O que póde fazer-nos recordar dos grupos de pedras (men-hirs [1]?), aos quaes segundo Strabão (L. III), os turdulos faziam libações, sobre o promontorio sacro.

Tambem ha quem supponha os dolmens como podendo designar o itinerario d'um povo nomada, que na sua passagem os levantaria pelas estações em que demorava. Quasi como seculos depois praticaram os islandezes, os normandos, e talvez outros: do que nós tambem poderemos dar testemunho (segundo Damião de Goes, escriptor de toda a fé, e que n'este ponto devia estar bem informado), com a memoria esculptural e epigraphica, encontrada n'uma das ilhas dos Açores [2]. E similhantemente praticámos, nos fins do seculo XIV e principio do XV, pelas costas d'Africa, Asia e America; erigindo padrões de pedra, encimados pela cruz ou pelo brazão nacional, onde aportavam os nossos ousados navegadores.

Mas esse itinerario é controverso, muito incerto, e de mui difficil explicação quando se queiram attribuir os dolmens á migração ou perigrinação d'um povo unico, que d'elles semeasse tantas e tão oppostas partes da terra.

De que raça seria esse povo? De que região sairia elle?

Para alguns archeologos, parece que esse povo seria da raça scythica; proviria, e teria descido do Norte. Encontram-se dolmens desde a Scania, pela Allemanha e França, até á Lybia; ramificando-se pela Mauritania, peninsula Iberica, Inglaterra e outras ilhas, e pela Criméa, Asia-menor, India, etc.[1]

Seria então esse povo alguma klann protoscytha; gente alta, de cabello loiro e olhos azues (truces et cærulei oculi, rutilæ comæ, magna corpore [2]); os gigantes da tradição? Gente de cuja raça tambem se dá noticia pela Africa, muitos seculos antes da invasão dos vandalos [3]?

Creio que o Sr. de Bonstetten [4], foi o primeiro que enunciou esta idéa da proveniencia d'um povo megalitha do Norte, que veiu a esvaecer-se pelas costas do Mediterraneo. Não eram então bem conhecidos dos sabios os milhares de dolmens da Africa (aindaque o Sr. Faidherbe seguiu depois a mesma opinião); nem eram tambem sabidos, como ainda hoje não são pela maioria dos archeologos, os centenares de dolmens do pequeno territorio do nosso Portugal.

Pela minha parte, talvez já estive propenso a acceitar esta migração d'um povo unico, e do Norte, dado á construcção dos monumentos megalithicos. Hoje duvido muito; e quanto mais estudo este assumpto, maiores hesitações sinto. Não é d'estranhar que isto me succeda, na minha pouca lição, quando a perplexidade é a *ordem do dia* entre os sabios, nos estudos da ar-

[1] Os men-hirs foram talvez imitados pelos gregos nos seus Kermes, e mais tarde pelos romanos nos seus Terminus; figurando uma cabeça na parte superior d'essas pedras.

[2] Não posso resistir ao desejo de recordar, que certas opiniões apresentadas pelos eruditos, nos recentes congressos dos americanistas, fructo certamente de grandes estudos, já haviam sido emittidas ha 320 annos, ou mais, pelo judicioso Damião de Goes, quando escreveu (Chron. do P. D. João, pag. 38, ediç. de 1724): «Nem deixarei de dizer ácerca d'esta antigualha, a opinião que d'isso tenho, a qual é que esta gente que veiu ter a esta ilha, e n'ella deixou esta memoria, poderia ser da Noruega, Gothia, Suecia ou Islandia; porque nos tempos passados, e muito antes que os habitadores d'estas provincias fossem christãos, havia entre elles muitos cossarios... e todas estas nações costumavam fazer entalhar e esculpir todos seus feitos, acontecimentos e façanhas, em rochas de pedra-viva, para mór lembrança e perpetuidade dos casos que lhes aconteciam, como n'aquellas provincias todas hoje se vê, e acham em muitas partes d'ellas imagens e historias, entalhadas, abertas, esculpidas e escriptas em rochedos, e outras pedras altas, e de maravilhosa grandeza...» Ora, que dizem hoje de mais os archeologos, ácerca das inscripções runicas do Norte; e das inscripções lapidares da America septentrional?

[1] As palafittas estão a este respeito, por assim dizer, no caso dos dolmens. Tem-se descoberto estações lacustres não só na Suissa e na Italia, mas tambem nos Pyrineus, pela Allemanha e Hungria, na Nova-Guiné, etc.

[2] Tacito: *De Morib. German.*

[3] Sem que viesse do Norte e directamente para Africa, gente d'esta, além d'outras origens, poderia tambem proceder de cruzamentos da raça semitica. O Genesis descreve Esaú: *homem veludo de cabello loiro.* Labão, cujo nome quer dizer *branco,* bem poderia ter sido assim chamado pela alvura da sua pelle. São sabidas as allianças entre as familias semitica e japetica, e com as kushitas. Moysés tomou para si uma mulher ethiope (*Numer.* Provavelmente *branca,* da Ethiopia-Pontica). Tenho visto invocar o atavismo, para sahir de maiores difficuldades: e a dispersão da familia semitica pela Africa, é cousa de todos os lidos sabida.

[4] *Essai sur les dolmens.* Genève, 1865.

cheologia pre-historica. E não só os doutos se contradizem uns aos outros; elles proprios estão successivamente modificando as suas opiniões. Os estudos d'hoje, põem em duvida os estudos dehontem: os de amanhã é provavel que alterem uns e outros. Quem ler as actas dos congressos dos archeologos, anthropologos, orientalistas e americanistas, reconhecerá n'essas discussões interessantes a contradicção e a hesitação dos sabedores, em assumptos tão difficeis. Descubrir taes contradicções, e ter coragem para censural-as, é facil; o que ha de ser difficil todavia por muito tempo é a descriminação de conjecturas acceitaveis, deduzidas dos estudos improbos a que os homens competentes se estão dando.

Mas, além de que os dolmens não poderiam entrar nos costumes dos scythas, taes como extensamente os descreve Herodoto *(Melpomene)*; particularmente na parte que se refere ao enterramento dos seus reis; nem nos costumes dos germanos, segundo d'elles escreveram Cesar e Tacito [1]: O Sr. Virchow está persuadido de que não existiram monumentos megalithicos além da margem direita do Oder. Nem na Pomerania. Ha apenas os *steingrœbers*, muito differentes dos dolmens, e como que formando a transição lenta para os *tumuli* do periodo do bronze [2].

O Sr. Torell pensa que na Suecia nunca existiu a primeira idade da pedra (paleolithica).[3]

O Sr. Worsaae, acredita na probabilidade de não ter sido habitada a Dinamarca, senão muito depois da Europa occidental [4].

O Sr. Kurch entende que a idade da pedra (neolithica?) viera fenecer á Suecia, onde só está representada na parte do Sul: e é d'opinião que os homens que povoaram a Dinamarca, vieram do Oeste para Leste; e continuaram a sua marcha do Sul para o Norte [5].

Por brevidade, não farei mais citações.

Deixando, pois, esta corrente megalitha do norte para o sul, e abandonando a raça scythica ou protoscytha, teriamos de procurar outra corrente, em sentido opposto, d'algum povo d'outra raça, que maior uso fizesse dos monumentos megalithicos. Seria este povo da familia semitica?

Já n'este anno (1876) se publicou um estudo muito interessante: *Les temps mythologiques*, que, desenvolvendo algumas opiniões d'outros estudos do mesmo auctor: *Ethnogénie Caucasienne* (1861), e *l'Océan des anciens et les peuples pré-historiques* (1873), resume assim a synthese das suas indagações: «O Palus-Mæotis viria a ser, pois, esse paiz mysterioso onde começaram os phenicios, os hebreus, os parses e os gregos; e onde os avós dos celtas kimris, scandinavos e solavos, aprenderam as primeiras noções sociaes e religiosas... dos egypcios (a mais antiga sociedade conhecida).» N'esta aggregação de gentes, começaria, segundo este escriptor, um cruzamento das principaes raças que se conhecem; e mais tarde irradiaria a emigração de differentes tribus, para diversos pontos do globo: as scythicas e geticas, por exemplo, divagariam para as partes do Atlantico e do Baltico... as semiticas, para as do Oeste, etc.

Ora, no Velho-Testamento poderemos achar as mais seguras provas de que os utensilios de pedra, e os *monumentos megalithicos*, ainda eram usados pelos hebreus, muito posteriormente á idade archeologica a que são attribuidos: provas que na verdade me parecem representar um antigo uso bem radicado entre a raça semitica.

A circumcisão foi instituida, para ser feita com facas de pedra. E muito depois, verificada a saída do Egypto (Exodo), ainda foi ratificada nas mesmas condições.

No Genesis (cap. 28) lê-se: «E levantou-se Jacob... e tomou a pedra... e alçou-a em padrão... e esta pedra, disse elle, será a *casa de Deus*. No cap. 31 diz o Senhor a Jacob: «Eu sou o Deus de Bethel, onde tu *ungiste* um marco de pedra, e me votaste um voto». E adiante (n.º 44) diz Jacob a Labão: «Façamos um accordo... E erigiu uma pedra em padrão... E (seus irmãos) trouxeram pedras, fizeram d'ellas monte, e comeram sobre ellas... Este monte de pedras (disse Labão) seja testemunha entre mim e ti». No cap. 35 lê-se: «E levantou Jacob um padrão no logar onde fallou com Deus... e *libou sobre esta pedra, e derramou-lhe azeite*». E mais adiante (v. 20) «Erigiu Jacob um marco (cippo?) sobre a sepultura de Rachel».

No Exodo (cap. 20) determina o Senhor a Moysés, que o *altar de pedra* (dolmen?) que lhe construir, não seja de pedra lavrada, para que o ferro o não profane com os seus artificios. Preceito que se repete no cap. 27 do Deuter. v. 5 e 6: «Edificareis ahi um altar ao Senhor vosso Deus, altar de pedra, que não será tocado pelo ferro... *de pedras inteiras... E offerecereis sobre elle holocaustos ao Senhor*».

No Livro de Josué (cap. 4) lê-se, que por ordem do Senhor mandou Josué levantar um monumento de *doze pedras* (men-hir?) *em memoria da passagem do Jordão*. «Quando vossos filhos (disse Josué aos hebreus) perguntarem a seus paes; que querem dizer es-

[1] Se se provasse que a America do Norte, onde não existem dolmens, fôra povoada pela raça scythica, seria uma circumstancia para confirmar, que taes monumentos não pertencem a essa raça. Não sei, porém, se chegará a provar-se. A idéa não é nova: foi ha muito suscitada pela similhança de costumes, que se notou entre os chamados selvagens da America e os barbaros invasores do imperio romano. O que talvez seja novo é a opinião de que esses barbaros podiam ter sido os proprios selvagens, vindos da America (V. *Congrès international des Américanistes*, vol. II, pag. 263 e seg.)

[2] *Congr. internat. d'Anthrop. et d'Arch. preh.* Stockolmo, 1874. O sr. Lubbock (*L'hom. preh.* trad. franc.) diz que os *steinbergræs* eram comoros de pedras, que se faziam para servirem de supporte ás estacas das habitações lacustres. N'um estudo nenhuma circumstancia se deve desprezar, porque todas contribuem para podermos formar raciocinios.

[3] Memor. dirigida ao Congr. d'Ant. e d'Arch. preh. de Stockolmo.

[4] *Congrès* ib.

[5] *Revue scientifique* (Outubro, 1874).

tas pedras? ensinareis a vossos filhos, que Israel passou a pé-enchuto o Jordão... para que todos os povos da terra reconheçam poderosa a mão do Senhor». E no cap. 24 conta-se como Josué, estando para morrer, fallou ás tribus, e mandou erigir uma grande pedra (megalitho) «debaixo do carvalho que está no sanctuario do Senhor» como *monumento testemunhal,* ou memoria da promessa que o povo acabava de fazer-lhe, de permanecer fiel aos preceitos do Senhor [1].

O Sr. Bonstetten attribue á fome, a perigrinação das tribus constructoras de dolmens, obrigadas a demandar as margens dos mares e dos rios onde estacionarem. Mas como parece provado, que a construcção de taes monumentos exigiria dos seus constructores longa permanencia nos sitios em que os levantavam, o Sr. Bonstetten lembra a natural dispersão de fracções d'essas tribus, em busca de recursos, á proporção que lhes augmentasse a gente: o que tornaria desnecessaria uma emigração completa de toda a tribu.

Tambem o Genesis poderia corroborar esta supposição. Abrahão, Jacob, e outros semitas, andaram sempre em perigrinações com as suas familias, servos e rebanhos. Os pastores de Loth contenderam com os de Abrahão, *pela terra os não poder supportar junctos.* E d'Esaú claramente se diz, que saíra de Chanaan porque os seus bens tinham crescido muito, e a terra, já não podia alli comportar a sustentação dos seus gados. Deixarei outras referencias.

O Sr. Maury [2] attribue aos getulas a construcção dos monumentos megalithicos, encontrados pela Algeria. Ora os getulas são oriundos da raça semitica.

O Sr. Tovino, conhecido archeologo hespanhol, n'um discurso pronunciado no Congresso d'Anthropologia e d'Archeologia pre-historica de Copenhague (1869), fallando da sua Andaluzia, entendeu poder arriscar a hypothese de que o povo dos dolmens viera d'Africa pelo estreito de Gibraltar, demorára pelo littoral da peninsula Iberica, e d'ahi entrara em França.

O Sr. Schaafhausen disse no mesmo congresso: «Para que se quer separar por seculos os kjökkenmodings, os monumentos megalithicos, as habitações lacustres, os instrumentos da pedra e do bronze? Tudo isso foi contemporaneo: *póde ser que das primeiras colonias phenicias das margens do Meditterraneo* [3]».

O Sr. de Maule, por certas rasões que deesnvolve n'um opusculo: *Nouveaux documents archéologiques* (1874), e as quaes, de passagem direi, me parecem menos concludentes do que as razões que vou accummulando, é d'opinião que foram os chaldeus os constructores dos dolmens.

Mas, se effectivamente quizermos attribuir os dolmens a tribus nomadas da raça semitica, não deveremos esquecer certos homens, ainda hoje notados e notaveis quasi em toda a parte da terra, tidos pelos mais vagabundos de todos os homens, que se chamam roms, e aos quaes denominâmos philisteus, gypsies, bohemiens, zingari, ou ciganos; que nos lêem a *buenadicha* (costume da eschola ethyope das Circes e Medeas); que tem habitos peculiares, que ninguem tem podido definir, nem bem estudar; e que ainda dormem aos bandos pelas devezas e serras da nossa peninsula.

Tambem poderia arriscar-se a coincidencia d'uma emigração asiatico-africana, pelo littoral do Sudoeste da Europa, com a irrupção dos pelasgios no archipelago grego, e no Peloponeso; e com a dos etruscos pela Italia. Não ha o quer que seja d'extraordinario, de mui aproximada natureza, entre os monumentos megalithicos e as construcções cyclopedenses? Entre os dolmens, e os sarcophagos etruscos?

Finalmente, se houve com effeito um fluxo e refluxo de gentes, em certo ponto do globo, como ha rasões para suppor, fosse ou não esse ponto o Palus-Mæotis; bem poderá conjecturar-se, que n'uma dispersão de tribus, motivada por algum grande cataclysmo, pela fome, ou pelas guerras, varias d'essas tribus levassem comsigo, ou imitassem depois, alguns dos usos d'outras tribus, embora de differente raça. E assim se explicaria como em regiões tão afastadas, e entre homens de muitas raças, se encontram os dolmens e outros monumentos megalithicos: os quaes n'esta hypothese, poderiam ter applicação em diversos propositos; e designariam apenas modificações d'uma certa civilisação, e não a mesma civilisação em toda a parte em que se incontram [1].

O que é possivel é que os dolmens de Portugal se devam considerar como dos mais antigos, que se construiram. Estes monumentos parece progredirem em grandeza e artificio, conforme se vão distanciando d'aqui para o centro da Europa, e na direcção do Norte [2].

[1] Em vista d'estas citações, os que prefiram a origem semitica dos monumentos megalithicos, poderão ainda allegar, que na litteratura vedica nada se encontra, que a respeito d'elles possa referir-se.

[2] *La Terre et l'Homme,* 1869.

[3] *Compte-rendu,* pag. 270.

[1] O dr. Kooper, citado pelo Sr. Lubbock (*L'homme pré-historique*), diz que os dolmens ainda hoje são construidos pelos kassials, na região do Hymalaia. Ora os kassials são da raça aryana. Os romanos marcavam com cippos as suas sepulturas; e levantavam cairns, com certo pensamento commemorativo, ou proposito de phanal. Na meia-edade tambem os francezes os usaram (*montjoies*). Diz-se que na Islandia ainda hoje se amaldiçoa com a imprecação: « Um cairn te seja a cama! » Quem sabe se o apedrejar criminosos, proviria d'este uso? As pedras-oscilantes (naturaes ou não) tiveram applicação n'alguns casos, desde os druidas até á meia-edade. As *pedras-de-escorregar* (dolmen só d'um lado levantado), diz-se que ainda hoje são aproveitadas pela superstição n'algumas partes; assim como as *pedras-curues* (rochas em que parece haver-se afeiçoado um assento, como cadeira).

[2] Não se concorda totalmente n'este ponto; mas a maioria das observações parece-me confirmal-o. O sr. Worsaae, presidente do Congresso intern. d'Anthrop. e d'Archeol preh. de Copenhague, disse em pleno congresso, sem contradicção: « Graças ao estudo da fauna associada aos objectos de pedra, póde reconhecer-se que os mais antigos vestigios do homem, encontram-se pelo Meio-dia da Europa, nas margens do Mediterraneo: e que taes vestigios cada vez se afastam mais dos antigos tempos, quanto mais vão subindo para o Norte.»

A loiça achada pelas excavações de muitos dolmens, manifesta certo grau d'aperfeiçoamento ceramico examinada n'aquelle sentido. Mas nas antas de Portugal nem siquer loiça se tem encontrado, coisa aliás tão commum na maior parte dos dolmens d'outros paizes, onde, além da loiça, mais ou menos aperfeiçoada, se tem encontrado tambem objectos d'oiro e de bronze [1], que se julgam, talvez com bom fundamento (quem sabe?), contemporaneos da construcção do dolmen.

Alguns machados *(haches)* de pedra polida; um calhau de quartzite, proprio para afiar instrumentos de pedra; pedras de gume cortante (facas?) descriptas pelo P. Simões n'um ms. de 1761, existente na bibliotheca d'Evora, e citado pelo Sr. Pereira da Costa; terra preta, e ás vezes cinzas, como já disse, é tudo quanto até hoje se tem achado pelas nossas antas [2].

Ainda será conveniente lembrar, que sendo varios os monumentos megalithicos, alguns de fórmas até phantasiosas (como seria o cromlech de Salisbury, segundo o desenho da sua reconstrucção, conforme se vê no t. III dos *Annales de la Soc. acad. d'Arch. de Lyon* (1833) n'uma Memoria do Sr. G. George), no territorio portuguez, pelo contrario, os dolmens são muito mais simples; e raros e grosseiros os outros monumentos megalithicos.

(Continúa.)

SÁ VILLELA.

ARCHITECTURA INDO-CHINA

Se ha muitas pessoas que se dedicam aos negocios publicos e ás luctas partidarias, raras são as que prestam a devida attenção ao desenvolvimento das bellas artes, e até algumas ha que tem por inutil para Portugal o cultivo d'esses estudos; mas a verdade manda que se diga que, em todos os tempos e em todas as nações mais civilisadas, o progresso das artes liberaes foi como o thermometro para marcar o grau da cultura intellectual e das prosperidades publicas. Deve-nos pois causar admiração, posto que ao mesmo tempo alegria profundissima, saber que um distincto diplomatico e illustre militar, durante a sua brilhante carreira e laboriosa administração, não descurou nenhuma occasião de se occupar com esmerado e esclarecido empenho, em investigar nas regiões longinquas da sua patria, em que exerceu funcções as mais elevadas, qual tinha sido o lustre que nas bellas artes os habitantes da Indo-China meridional haviam attingido, dando-se tambem ao estudo comparativo da sua architectura com a de outros povos, que em diversas epocas tinham alcançado merecida celebridade nas construcções de grandiosos e perfeitos monumentos. Dá-nos este extraordinario e util exemplo o sr. Visconde de S. Januario, dignando-se enriquecer a publicação do boletim d'esta Real Associação com uma muito interessante e instructiva noticia a respeito da architectura denominada *Khmer*, com que se acha adornada a antiga cidade de *Angcor:* e tanto mais é para agradecer a este conspicuo socio a sua importante communicação, descrevendo essa ostentosa decoração de um estylo pouco conhecido na Europa.

Mais um novo titulo a engrinaldar o seu brazão; e se pelo seu caracter official mereceu na Asia e nas côrtes da Europa merecida consideração, muito mais deve ser a nossa ufania por ter entre nós um socio que vem illustrar a nossa nobre arte com trabalho digno de um artista de superior intelligencia e solidos conhecimentos; e que não despreza as bellas artes, como vã e superflua vaidade, mas sim as considera como o mais poderoso testemunho do auge da civilisação de qualquer povo.

O architecto — J. DA SILVA.

A ARCHITECTURA KHMER [1]

Ruinas de Angcor Wat no Reino de Cambodge

No centro do antigo Cambodge (Khmer) e perto do *grande lago,* que demora para o lado das fronteiras do reino de Siam, encontra hoje o viajante que se aventurar n'essas inhospitas regiões, quasi cercadas por densas e humidas florestas, as monumentaes ruinas da cidade de Angcor, edificada, segundo as melhores tradições, durante os primeiros seculos da era christã.

Os vestigios da antiga civilisação Khmer, que chegou a estender sobre toda a Indo-China meridional a sua poderosa influencia, revelam-se por um enorme agregado de restos de torres colossaes, de cidadelas, sanctuarios, galerias, palacios, terraços, pontes e estradas, constituindo taes monumentos pela sua grandeza, arrojada architectura, delicadeza de ornamentação, phantasia de desenhos e notavel estado de conservação, o grupo de ruinas mais interessante de toda a Asia.

[1] Será mui difficil deseriminar a ordem ehronologiea do deseobrimento, ou do uso, dos diversos metaes em toda a parte. É por isso, que eu substituo sempre (para meu uso) a denominação de *edade-dos-metaes,* ás edades a que os areheologos ehamam *edades-do-bronze e do ferro.* As edades areheologieas não podem ser (pareee-me) senão relativas ás regiões da terra de que tratarmos, sem o menor synehronismo absoluto. Nas guerras de Troia (1:200 a. A. C.) usaram-se armas de bronze, e talvez de ferro; mas só 1:500 a. depois (300 a. D. C.) é que a edade-do-ferro eomeçou na Dinamarea, segundo a opinião do Sr. Worsaae.

[2] Tambem ha exemplos, n'algumas partes, de se encontrarem *haches,* einzas, ete. sob grandes pedras, nunca meehidas da sua natural posição pela mão do homem.

[1] *Khmer,* antigo imperio da Indo-China, entre os reinos de Siam e de Annam, modernamente eonheeido pelo nome de Cambodge, hoje sob o proteetorado da nação franeeza.

O monumento mais importante e o mais bem conservado entre todas as ruinas é o de *Angcor Wat* ou *pagode de Angcor*.

Para se fazer idéa da sua grandeza bastará saber-se que o seu recinto é cercado por fossos de 200^{m} de largo, e que, tendo a forma quadrilonga, um dos lados mede 1^{m},700, medindo o outro 1^{m},300. O templo, servido por uma estrada elevada sobre o solo e de 10^{m} de largo, forma no centro d'aquelle vasto recinto outro quadrilongo com 300^{m} sobre 250^{m}.

A elevação da mais alta torre subia a 120^{m}, estando ainda de pé os seus dois terços.

Em vista da disposição e grandeza das differentes partes d'este edificio, que, segundo a opinião dos historiadores chinezes e siamezes, era palacio dos reis, sanctuario e ao mesmo tempo necropole; considerando a magestade das suas formas architectonicas, as estatuas gigantescas, as infinitas colomnadas de airosos capiteis, os altos e baixos relevos accentuados pela descripção das guerras dos povos asiaticos, ou pelo vago e phantastico das scenas mythologicas, póde affirmar-se sem temeridade, que a architectura Khmer é uma das mais originaes e das mais poderosas que tem existido.

A harmonia do todo, a elegancia da ornamentação e a distribuição tão clara das partes componentes, faz involuntariamente pensar na classica architectura grega. Ha sómente uma ordem, na verdade, as columnas cylindricas são substituidas por pilares ou columnas de base quadrada, mas as proporções dos entre-columnios, a decoração pura e rica dos capiteis e das bases, a delicadeza de certos arabescos que cobrem as pilastras e os muros, tudo é inspirado pelo mais perfeito gosto.

Os monumentos são immensos, mas não cançam a attenção. Não se veem ali essas enormes massas da architectura egypcia, esses monólithos gigantescos que só produzem espanto e que só exigiram braços.[1]

Não se acha mesmo essa acumulação de pedras e essa solidez exagerada que caracterisa a architectura romana. A força n'estes monumentos dissimula-se pela graça, e não obstante as dimensões dos edificios, a idéa da grandeza não desperta a do cançasso.

Se dos perystilos grandes e nobres, se d'essas galerias simples e imponentes que circulam em volta dos monumentos, se elevam as vistas para as abobadas ogivaes que os cobrem, para essas immensas torres de muitos andares que corôam as portas e os sanctuarios; se depois de ter admirado as rosaceas, os ovalos, o entrelaçado regular dos ramos das folhas e das flores, se dirige a attenção sobre a multidão ameaçadora dos monstros da mythologia hindou, sobre essas numerosas representações de anjos e de santos em supplica, sobre essas interminaveis cornijas ou remates das partes altas, folheadas geralmente por altos relevos, sentimo-nos immediatamente transportados á nossa idade media occidental. Reconhecem-se os dragões de fauces abertas, de garras compridas e aduncas, de contornos diabolicos; e até a candura das figuras piedosamente ajoelhadas nas nossas velhas cathedraes, encontra tambem nas obras Khmers a mesma expressão ingenua.

Esta dupla inspiração, que liga a arte cambodgiana á architectura grega e á architectura gothica, posto que impotente para igualar uma ou outra, deve talvez fazer classificar as suas producções immediatamente depois das maiores obras do occidente.

Foi entre a religião braminica inveterada n'estes povos e a hesitação da religião boudhista ao tentar ali a sua introducção, que nasceram estas obras primas, que assignalam a época da coexistencia dos dois cultos.

A reunião de obras tão notaveis, sujeitas ao mesmo estylo, exigindo necessariamente, não só um grande periodo para a sua execução, mas tambem o aturado trabalho de artistas e operarios de grande aptidão, devia de certo criar escola, que continuasse a ser seguida pelos povos d'aquella vasta região no decurso dos tempos, a despeito das suas evoluções e da sua successiva decadencia. Devem pois encontrar-se monumentos similares, já coévos, já de data mais recente em toda a India transgangetica, e para confirmar esta supposição podemos citar os restos de alguns monumentos de Ayuthyah, antiga capital do reino de Siam, de que possuimos photographias, e de varios pagodes modernos de Bangkok, que visitámos nas nossas excursões pelos pittorescos arrabaldes da nova capital siameza, que conta apenas um seculo de existencia. Em todos estes monumentos nota-se com effeito o mesmo estylo de elevação pyramidal grandiosa, e a maior afinidade na estatuaria, na decoração, nas abobadas, e em geral no systema de construcção.

Ha sómente 15 annos, que Mr. Barthelemy Saint Hilaire affirmava no *Journal des Savants*, que, á excepção do Birman, os outros paizes da India transgangetica, Tongkim, Cochinchina, Cambodge, Laos, Pegu, Arakan, mereciam apenas a contemplação da historia.

Entretanto é sabido que as duas primeiras civilisações do mundo na ordem chronologica, a civilisação chineza e a civilisação hindou, se encontraram cedo na peninsula que as liga, pois que no Cambodge floresceu um imperio, cuja grandeza se affirma ainda nos nossos dias por admiraveis vestigios, e no Tongkim formou-se um reino de que os annaes chinezes mencionam a existencia, a partir de vinte seculos antes da nossa era.

O contacto d'estas duas civilisações e das religiões correspondentes devia de certo manifestar-se por obras grandiosas, que transmittindo á pedra e ao bronze o amalgama d'essas civilisações, trouxesse até aos nossos dias os seus poderosos vestigios.

[1] No proximo numero se publicará uma estampa de um d'esses monumentos.

Ha poucos annos todavia eram desconhecidos do occidente essas magnificas ruinas, que constituem o famoso grupo da antiga cidade de Angcor. Foi necessario que uma commissão franceza, presidida pelo capitão de fragata Doudart de Lagrée, e composta de outros illustres officiaes e homens de sciencia, fizesse uma viagem de exploração na Indo-China durante os annos de 1866, 1867 e 1868, e que por ordem do governo da mesma nação se publicassem os seus importantes trabalhos, para que o mundo civilisado tivesse cabal conhecimento das riquezas historicas ainda existentes n'aquellas regiões.

A explendida edição d'esta obra foi publicada em 1873 em Paris, sob a direcção do illustrado e infeliz tenente Francis Garnier,[1] por ter morrido durante a perigosa exploração o presidente Lagrée, e a esta valiosissima publicação, d'onde fazemos alguns extractos, deve recorrer o leitor que pretender profundar o estudo d'este interessante assumpto.

Para dar uma idéa mais perfeita da architectura Khmer, trataremos de expôr as leis geraes, que parece terem presidido á construcção dos respectivos monumentos, seguindo a mesma ordem adoptada na obra referida.

(Continúa.)

O socio,

VISCONDE DE S. JANUARIO.

EPIGRAPHIA

Inscripções romanas de Leiria e seus arredores

(Concluido de pag. 173 do n.º 11)

Ás mesmas ruinas, conforme Brito, pertence tambem est'outra, assaz interessante para a historia da localidade. De Brito copiou-a Paiva Manso. Faria e Sousa tral-a em traducção. Actualmente não me consta, que restem signaes d'ella por estes sitios:

11.ª

D. M. S.
SET. AN. FORTVNATVS
H. SITVS. E.
OBIIT. IN. OBSIDIONE
COLLIP. ET. Q. CASSIVS
LONG. PATRVELIS
PRAEFVIT. BVST. Q.
AN. FORTVN. FRATER
SIGNIF. COHOR. T
CELTIB. CIN. MOESTVS
SOEPELIVIT
S. T. T. L.

[1] F. Garnier foi morto na primavera da vida pelos insurgentes annamistas, quando em 1874, depois de brilhantes actos de bravura, atacava uma força consideravel, á frente apenas de alguns marinheiros francezes.

Dis Manibus. sacrum. Sextus Annius. Fortunatus. hic. situs. est. obüt. in. obsidione Colliponis. et. Quintus. Cassius Longinus. patruelis praefuit. busto Quintus. Annius. Fortunatus. frater signifer cohortis Celtiberorum. cineres. moestus sæpelivit. sit. tibi terra. levis. — Traducção: — *Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz sexto Annieo Fortunato. Morreu no cêreo de Collippo; e Quinto Cassio Longino, seu primo, presidiu á combustão. Quinto Annieo Fortunato, seu irmão, alferes d'uma cohorte de Celtiberos, depositou as cinzas no sepulchro com grande tristeza. A terra lhe seja leve.*

Na linha 9.ª tanto Brito, como Paiva Manso, trazem CAHOR. T, em duas palavras. É possivel, que haja êrro, e que na lapide estivesse CAHORT, formando uma só: Faria e Sousa assim é que leu, e a historia, quanto eu sei, não o desmente. Sendo, porém, realmente como aquelles escriptores a dão, o T só se quizer dizer *tertiae;* mas não era assim, com a simples inicial do nome de um numero, que os romanos, se a memoria me não atraiçoa, costumavam indical-o.

Brito tambem na penultima linha escreveu SOEPELIVIT, com diphthongo: eu conservei esta lição, por ter exemplos de taes erros, os quaes todavia podem ser attribuidos a ignorancia do artista.

Do conteúdo d'esta inscripção se vê, que a sua data remonta á epocha da guerra civil de Cesar e Pompeu (annos de Roma 701 a 704 antes da era christã 52 a 49); e que, por consequencia, é talvez a mais antiga das de Collippo, até hoje conhecidas. Effectivamente ella está em perfeito accôrdo com o que nos conta Cesar [1], como facilmente póde reconhecer quem a conferir com a narração do sympathico historiador.

O unico reparo que, a meu ver, se póde fazer, é o fallar-se n'ella de uma cohorte de Celtiberos, de que era alferes, ou porta-estandarte, Q. Annio Fortunato, irmão do morto; porquanto de Cesar consta [2] que estes povos, em que lhes pesasse, militavam com Afranio, general de Pompeu; ao passo que os dois Fortunatos, segundo da inscripção se collige, andavam no exercito do seu antagonista; e não menos Q. Cassio Longino, que tomou parte no funeral, e era parente d'elles. D'onde então os Celtiberos? Duas hypotheses me occorrem que, a meu ver, podem resolver a questão. Cesar, comparando as forças dos dois campos, diz do seu, que se compunha de 9:000 auxiliares, e outros tantos gaulezes; n'outro logar nomêa tambem germanos: de hespanhoes não faz especial menção. Comtudo podia ser, que comprehendesse a estes nos 9:000 auxiliares de que fala; da mesma sorte que especifica os germanos, que primeiro não distinguíra: esta é a primeira hypothese. A segunda é, que talvez o auctor da inscripção alludisse aos povos da margem esquerda do Ebro, e em particular a uma cohorte de Illurgavone-

[1] Eutrop. VIII. 2.
[2] *Debello civ.* I. 37 &. e II. 17. &.

zes, que Cesar diz se lhe apresentára,[1] provavelmente quando entrou a manifestar-se o mau caminho que as cousas de Pompeu íam tomando. Pois, com quanto os sobreditos povos não fossem propriamente os celtiberos, porque estes demoravam áquem do Ebro, e não eram muito de crer que andassem no exercito de Cesar — *cujus in barbasis erat nomen obsenrius* [2]; — razão porque os generaes de Pompeu desejavam transferir para ahi o theatro da guerra, esperando encontrar lá mais sympathias que o seu temivel contendor: comtudo podia ser que, como os celtiberos eram visinhos, e dos povos hispanicos d'estes sitios os que mais preponderancia e nomeada tinham; podia ser, digo, que o auctor da inscripção comprehendesse promiscuamente a uns e outros debaixo da denominação de Celtiberos: nem mais nem menos como nós em outro tempo faziamos, quando aos hespanhoes, sem attenção a provincias, nomeavamos por *castelhanos*.

12.ª

M. GRANIVS
VEGETVS. ANN
XXV. H. S. E. S. T. L.
IVLIA. COBESSA
CONIVGI. P. C.

Marcus Granius Vegetus. annorum quinque et viginti. hic situs est. sit terra levis. Julia Cobessa conjugi. ponendum curavit.—Traducção: — *Aqui jaz Marco Granio Vegeto, que morreu de idade de 25 annos. Julia Cobessa mandou levantar este padrão á memoria de seu marido.*

Esta inscripção, que tambem se diz fôra achada em Collippo, vem na collecção de Paiva Manso, copiado do manuscripto de Salgado.

É de uma esposa honrando as cinzas de seu marido, ceifado pela morte na flor dos annos. O sobrenome d'ella não parece latino: em suas veias girava sem duvida sangue lusitano.

Não é este o unico titulo, que nos accusa a existencia da familia dos Vegetos em o nosso paiz. O sr. Hübner nos offerece outro com o mesmo *cognomen*, descoberto em Aramenha; onde se teem encontrado extensas ruinas de uma povoação romana, que o abbade João Baptista de Castro[3] suppõe ser a antiga Medobriga, ou Muntobriga (como escreve o sabio archeologo de Berlim); a mesma provavelmente, cujos habitantes eram os *Medubricenses* de Plinio [4].

IX

As tres que se seguem devo-as á obsequiosidade do sr. P. Antonio Ferreira Louro, dignissimo parocho da freguezia do Juncal, d'este bispado de Leiria, e homem curiosissimo d'estas cousas. A primeira e a segunda são de S. Sebastião do Freixo, a terceira de Bico-Sachos, logar proximo. O Sr. Louro diz que as viu.

13.ª

ALBONIVS▬TA
CILLI PRO. F
▬ATVRNINO
MILITANTE
S. V. L.

Em minha humilde opinião, entre a palavra ALBONIVS e a syllaba TA, da primeira linha, falta um O que se apagou; e na segunda é provavel que um F entre CILI e PRO: digo *provavel*, porque este F (filius) ás vezes se omittia; não sei, se nas inscripções tambem, mas lembro-me, sem fallar nos poetas, que T. Livio escreveu algures *Anibal Gisgonis*. No começo da 3.ª linha perdeu-se evidentemente um S. D'este modo restituida a inscripção vem a dizer: *Albonius, Otacilü filius, profilio Saturnino militante solvit votum libens* — Traducção: — *Albonio, filho de Otacilio, cumpriu de boamente este voto pela felicidade de seu filho Saturnino na guerra.* — Nem obsta ter o filho um *cognomen* e outro o pae: estas differenças provinham não raro, como já mais que uma vez acima toquei, das adopções, e tambem das arrogações, actos sobejamente praticados entre os romanos. Nem tão pouco admira ser o pae *Albonio* e o avô *Otacilio*, porquanto o primeiro é *cognomen*, e o segundo *nomen*: o que se vê aqui é um indicado pelo *cognomen* e outro pelo *nomen*. O nome inteiro do pae devia ser *T. P. M. & Otacilio Albonio*.

Não é desconhecida esta inscripção. O Sr. Hübner lhe deu logar nas suas *Noticias Archeologicas*, copiando-a, ao que parece, do volume 1.º do *Archivo Pittoresco*. Não tenho presente este semanario, para verificar; mas tal qual vem na traducção da obra do sr. Hübner, mandada fazer pela Academia Real das Sciencias, apresenta uma differença consideravel da que n'esta memoriasinha offereço á curiosidade dos leitores. Eis aqui como se acha na citada obra: — ALBONIVS‖TARGELLI‖SATVRNINO‖MILITANTE‖ S. V. I. — Parece-me, que a simples inspecção basta, para que se dê a preferencia á lição do sr. Louro.

Os Otacilios eram uma casa muito illustre, que desempenhou importantissimos cargos na republica. Não se tornaram menos famosos os Saturninos; os Albonios, porém, posto que pareçam latinos, não sei que tenham nome na historia.

14.ª

S. CRESCENTIO
▬CLAVDIA. P. C.

[1] Ib. L. I. 38.
[2] Ib. ib. 60.
[3] Mappa de Tort. P. I. 2.
[4] Hist. IV. 22.

No principio da 2.ª linha vê-se um resto de letra, a qual poderia ser um C. N'este caso a inscripção quererá dizer: *Servio (?) Crescentio conjugi. Claudia. ponendum. curavit.* — Traducção. — *Claudia mandou levantar este padrão á memoria de seu esposo Servio Crescencio.*

Os nomes são romanos puros: comtudo o de *Crescencio* leva-me a conjecturar que a data da inscripção é muito posterior á republica. Com effeito não se encontra elle, que eu saiba, nos tempos mais florescentes de Roma. Por outro lado observa-se, que os nomes proprios de homens, terminados em *ans* e *ens*, e seus derivados, como *Constans, Crescens, Valens, Constantins, Crescentins* etc. e particularmente os em *anus*, de que, se não me engano, havia mais copia, como *Domitianus, Trajanus, Maximianus, Sejanus*, etc., quando entraram a usar-se, ou pelo menos a ter mais voga, foi posteriormente ás primeiras epochas do imperio. Ora a instabilidade, que é apanagio de todas as cousas sublimares, segue tambem os nomes das pessoas, fazendo varial-os com os tempos. D'onde, creio eu, a um espirito investigador não seria difficultoso calcular, com mais ou menos aproximação, a data, ou pelo menos o seculo, de muitos documentos e factos historicos pelo só exame dos nomes de homens que n'elles figuram.

Voltando ao nome de *Crescencio*, acha-se em duas outras inscripções da collecção do sr. Hübner, a 2.ª das quaes suppõe elle ser do tempo de Caracalla. A minha julgo que é inedita.

15.ª

Esta insripção, a 3.ª das que o sr. P. Louro me mandou, está bastantemente mutilada: creio, que tambem não é vulgar. O italico que preenche as lacunas é meu.

d. M.
Q. F. MA*rciae (?)*
a N. XXXIII.
p (?) m (?) ATER . FILIAE
*pientissi*MAE
F. C.

Dis Manibus. Quinti filiae. Marciae. (?) annorum triginta trium. pater (?) mater (?) filiae. pientissimae. faciundum. curavit. — Traducção: — *Consagrado aos deuses Manes. Á memoria de Marcia (?), filha de Quinto, a qual morreu de 33 annos de idade, a sua piedosissima filha, mandou construir este monumento seu pae (?) sua mãe (?).*

Aqui não acho outra cousa a notar, que a collocação das siglas indicadoras da filiação antes do nome a que dizem respeito. Tal collocação não é a ordinaria; a não ser, como é facil de observar em muitas inscripções e nos livros, que o nome da pessoa, a cuja filiação se allude, venha expresso todo, ou ao menos, em duas das suas partes: porque, no primeiro caso, a indicação da filiação fazia-se repetidas vezes entre o *nomen* e o *cognomen*, e no segundo entre as duas partes expressas do nome inteiro do individuo.

X

As duas que se seguem, ainda que não sejam muito das visinhanças de Leiria, não estão comtudo tão remotas, que decididamente se possam dizer alheias ao meu intento: são do castello de Porto de Mós. Foram-me dadas pelo meu estudioso e benevolo amigo, o sr. José Francisco Barreiros Callado, natural d'aquella villa.

16.ª

D. M. S.
C. A. M.
ANN. LXX
CLAVDIVS
IVLIANVS
PAPIISSIMO

Dis Manibus sacrum. . . . . annorum septuaginta. Claudius Julianus. patri piissimo. — Traducção: *Consagrado aos deuses Manes. Claudio Juliano mandou fazer esta memoria em honra de seu virtuosissimo pae, ... que morreu de 70 annos de idade.*

Não me parecem faceis de decifrar as siglas da segunda linha: a não haver alguma lacuna, talvez nem exprimam o nome do morto, que o uso prescrevia se pozesse por extenso. Quem sabe, se Claudio Juliano se apartaria d'esta regra para indicar seu pae antes pela doce antonomasia de *amigo* e *piissimo;* vindo d'est'arte a dizer as mencionadas siglas *condidit* ou *curavit amico monumentum?* Mas isto não passa de conjectura, que Deus sabe quão longe estará da verdade.

17.ª

C. SVLPICIO
PHLIO(?)CHH(?)F
MILITI CORTIS
LUSITANORVM
QVI OBIT CVNN(?)
AH HICVNA . . . (?)

Vi um calco d'esta inscripção, examinei-o detidamente, e cuido poder assegurar que copiei com exactidão. A letra é grosseira, e, segundo se deprehende, bastante estragada pelo tempo; o que torna a sua leitura, em parte, muito difficultosa e sempre incerta.

Talvez possa ser d'este modo: — *Caio Sulpicio Pelio* (II por E, como se encontra em outras inscripções [1],) *Caii Pelii filio, militi cohortis Lusitanorum, qui obüt Cunnae* (outra vez II por um E) *tertio calendas junias* ou *in Cunnae* (obsidione) — Traducção: — *Á memoria de Caio Sulpicio Pelio, filho de Caio Pelio, soldado da cohorte dos Lusitanos, o qual morreu em . . .*

Mas que terra era esta, *Cunna,* onde Sulpicio morreu? *Hoc opus, hic labor est.* Ainda que a similhança do nome só por si não seja bastante em materias d'este genero, porque povoações antigas ha que têem hoje bem differente denominação da porque eram conhecidas no tempo dos romanos; comtudo seria Cunha, no concelho de Guimarães, ou outra das varias terras assim chamadas que ha pelo Minho e Beira Alta? ou Coina, na Extremadura; a qual, não obstante João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal,* Bento Pereira na *Prosodia latina,* e o sr. Pinho Leal no seu diccionario, dizerem corresponder á *Equa-Bona (Aequa Bona? Aqua Bona?)* dos romanos, teria dois nomes, como ha exemplo de outras povoações haverem tido? ou Coin, de Hespanha, na Andaluzia? ou ainda Clunia, de que o Sr. Hübner diz ter-se achado menção em uma inscripção de Lisboa, e se julga ser Coruña del Conde na Castella Velha? E se alguma d'estas terras é, porque fatalidade, a não suppormos um tumulo honorario, uma estatua, uma columna, viria a lapide ter a um sitio tão apartado do theatro do acontecimento?

XI

Mas de todas as lapides aqui relacionadas a mais notavel e interessante é sem contradicção a que passo a transcrever, e que por esse mesmo motivo reservei para este logar. Tem de comprido, até onde se vê (porque parece não estar descoberto em todo o comprimento) $0^m,85$, de largo $0^m,45$ e de espessura, segundo o que se pode descobrir, uns $0^m,3$. Foi descoberta, ao que parece, casualmente, creio que em 1870, na parede da egreja do castello, onde fôra mettida, ou para encher, ou talvez para se conservar. Estava coberta por uma outra parede de alvenaria, que fizeram encostada á da egreja, que é toda de pedra apparelhada, quer fosse para sustentar o envigamento do côro, o que parece mais provavel, quer para servir de supporte á da egreja, em razão de ser aquelle lado o terreno adjacente mais elevado que o pavimento do sanctuario. A lettra está feita com esmero, e se não fôra a perda de duas apenas, dir-se-hia perfeitamente conservada. Eis o seu teor:

[1] Por exemplo: AVRIILIAII... GALLAII. (Rcs. obra cit. IV. — Brit. P.II. V. 3.)

18.ª

DIVO. ANTONIN=
AVG.PIO. P ♢ P
OPTIMO.AC.SANCTIS
SIMO.OMNIVM.SAEC
LORVM. PRINCIPI
Q.TALOTIVS.Q.F.QVIR.AL
LIVS.SILONIANVS . COL
LIPPONESIS.EVOC.EIVS
CHOR.VI.PRAETORIAE
NOMINE . ORDINIS
COLLPPONENSIVM
QVOD.DECVRIONEM
EVM.REMISSO.HONOR=
RIO.ET.MVNERIBVS.ET
ONERIBVS.R.P.FECERIN
DEDICATA . EX . D . D.
XIII K OCTOBR.IMP.CAE
L.AVRELIO . VERO . AVG
III.M.VMIDIO.QVADRATO
COS. IIVIR.
Q. ALLIO. MAXIMO
G.SVLPICIO SILONIANO

Divo Antonino. Augusto. Pio. patri patriae. optimo. ac. sanctissimo. omnium. saeclorum. principi Quintus Talotius. Quinti. filius. Quirina. Allius. Silonianus. colliponesis. evocatus. ejus. cohortis. sextae. praetoriae. nomine. ordinis colliponensium. quod. decurionem eum. remisso. honorario. et. muneribus. et oneribus. reipublicae. fecerint. Dedicata. ex. decreto. decurionum. tertio. kalendas. octobris. imperatore. Caesare Lucio. Aurelio. Vero. Augusto. tertium. Marco. Umidio. Quadrato. consulibus. desumviris. Quinto, Allio. Maximo. Gaio. Sulpicio Siloniano. — Traducção: — *Ao divino Antonino Augusto Pio, pai da patria, o melhor e mais respeitavel principe de todos os seculos, consagra esta memoria, em nome do senado de Collippo, Quinto Talocio Allio Siloniano, filho de Quinto, da tribu Quirina, cidadão colliponense, seu veterano* [1] *da 6.ª cohorte pretoriana, por o terem feito decurião com despensa do honorario e das funcções e encargos publicos. Dedicada, mediante decreto dos decuriões, aos 29 dias de septembro, sendo consules o imperador e Cesar Lucio Aurelio Vero Augusto, pela 3.ª vez,*

[1] O termo *veterano* não corresponde exactamente ao *evocatus* latino, mas foi o que mais aproximado me pareceu.

e Marco Umidio Quadrato, e desunviros Quinto Allio Maximo e Gaio Sulpicio Siloniano.

Segundo a opinião do Sr. Mommsen, allegada pelo Sr. Hübner,[1] a quem foi presente uma copia d'esta inscripção, ella é dedicada ao imperador Marco Antonino o Pio, fallecido havia 6 annos. O dedicador, Quinto Talocio Allio Siloniano, cidadão de Collippo, que tinha sido *evocatus* d'aquelle principe, afim de perpetuar a honra que de seus com-municipes recebêra, de o elegerem decurião. O dia escolhido para a solemnidade, o anniversario natalicio do mesmo imperador.

Tal é em summa, a explicação apresentada pelo erudito archeologo. Comtudo, como este meu escripto não passa de um entretenimento, permittir-se-me-ha que, com a liberdade e lhaneza, que é propria de taes producções, eu exponha tambem aqui o que havia pensado antes d'essa explicação chegar ao meu conhecimento.

Supponho eu, que o principe, a quem a memoria é consagrada, era Marco Aurelio o Philosopho; não só, porque tambem tinha o cognome de *Antonino,* em razão de haver sido adoptado pelo Pio, mas egualmente, porque era o imperante na epocha em que foi feita a inscripção. Os qualificados de—*optimo ac sanctissimo*—não deixavam de assentar a um homem, de quem Entropio diz: *quem mirari facilius quis, quam laudare, possit... Nom solum vitae moribus, sed etiam eruditione philosophus: tantae admirationis adhuc juvenis, ut eum successorem paraverit Hadrianus relinquere.* [2] Porém o cognome de *Pio* é que eu com effeito não achei, até hoje, que elle tivesse usado em vida, nem depois da morte lhe tivessem dado; posto que para isso lhe não faltasse direito, me parece, em consequencia do acto legal que o ligava áquelle principe. Mas poder-se-hia dar a um vivo o titulo de *divius?* Racionalmente creio que não; porque este titulo seguia a apotheose, a qual se fazia depois da morte. Comtudo diz-se que o senado o decretou, em vida, ao imperador Augusto; e, posto que elle nunca consentisse que, na cidade, se lhe levantassem templos,[3] os poetas queimavam-lhe incenso,[4] e não consta que se escandalisasse. Nas provincias tributavam-se honras divinas áquem do tumulo, não só aos imperadores, ainda os mais viciosos, mas até aos simples proconsules.[5]

Depois imaginára, que quem tinha sido feito decurião fôra o proprio imperador, dispensando-se-lhe o honorario (especie de direitos de mercê), e o exercicio e onus do cargo, como não podia deixar de ser; e que o portador d'esta participação para o imperador, ou antes o encarregado, como hoje me parece melhor, de fazer a dedicação por parte do senado de Collippo *(nomine ordinis Collipponensium),* havia sido Q. Talocio Allio Siloniano. Finalmente, que para constar a honra que o principe fizera ao municipio acceitando a eleição, o mesmo senado mandára insculpir aquella memoria, ou fosse na base de uma columna, ou no pedestal de uma estatua, ou ainda em simples lapide embutida nas paredes da basilica.

O que me levou a fazer de Q. Talocio esta idéa, foi a expressão *(nomine ordinis Collipponesium).* Não podia comprehender, como um particular, tendo recebido de seus concidadãos certa honra, consignasse essa honra n'um monumento *em nome do governo da sua terra,* como se fosse este o agraciado; e ainda mais, que em vez de consagrar esse monumento áquelles que lhe tinham feito o beneficio, como o bom senso parecia pedir, o dedicasse ao imperador, que, além de já ser morto, nada tivera, nem legalmente podia ter, com a eleição dos funccionarios municipaes.

O facto de ser eleito para decurião o imperador, não offerecera ao meu espirito grande duvida: tinha lido, que nas colonias e municipios ás vezes se fazia isto, quanto ao cargo de desunviro; e parecêra-me, que o que se practicava com a eleição d'esta magistratura, se poderia egualmente practicar sem estranheza com respeito ao decuriato. Actualmente, tendo meditado de novo sobre a questão, já assim não penso. Tenho para mim, que o que se fazia nas provincias debaixo d'este ponto de vista, não era mais que a imitação do que em Roma se usava. Nas provincias os dois desunviros representavam os dois consules de Roma, e os decuriões os senadores. Ora em Roma um dos consules era, por politica, quasi sempre o imperante; e não consta, que eu saiba, ter um imperador romano sido jámais nomeado senador: importaria uma offensa assumil-o para um logar que a certos respeitos, tinha superior no consul. Á similhança d'isto, nos municipios, para um dos desunviros era ás vezes escolhido o imperador, ou algum outro personagem dos mais illustres da côrte; mas não se ousaria votar n'elle para decurião, tornando-o inferior e subordinado aos desunviros.

Finalmente, para descargo de consciencia, cumpre-me declarar, que a opinião de que as palavras *Q. Talotius Allius Silonianus,* designam um só individuo, tenho-a depois que vi a explicação apresentada pelo Sr. Hübner. Antes d'isso suppunha eu, que os individuos eram dois, um chamado Q. Talocio, da tribu Quirina, e o outro, Allio Siloniano, cidadão de Collippo. Fundava-me na disposição dos nomes parciaes que formam o nome total do individuo, vendo figurar de *cognomen* o que os exemplos de Q. Allio Maximo, n'esta mesma inscripção, e de C. Allio Fusciano, que foi consul em 188, me offereciam como sendo *nomen.* De mais, tinha observado, que os romanos não costumavam confundir estes dois elementos; salvo, ás vezes, os historiadores, e quiçá os oradores, quando, para satisfazer

[1] *Additamenta ad corpus inscriptionum latinarum,* vol. 2.º
[2] L. VIII 6.
[3] Suet. *In Oct.* 52.
[4] Virg. *Eclog.* 1. — *George.* I. 24, &. = Hor. Od. 1. 2.ª e IV. 4.ª (ed. de Juvenci) — *Epist.* II. 1.ª 16, &. = Ovid. *Epist. ex Ponto,* I. 4. e III. 1.
[5] Suet. loco cit.

ao ouvido, lhes trocavam os logares, dizendo, v. g. *Spinther Lentulus* por *L. Spinther,*[1] *Macer Licinius* por *L. Macer,*[2] etc. Agora porém, sobre a auctoridade que folgo de reconhecer no douto professor de Berlim, uma outra circumstancia me leva a preferir a sua interpretação: é a designação da tribu, feita uma só vez e no logar que de estylo lhe pertence, depois da indicação da filiação. Se elles fossem dois, como todo subdito romano devia estar comprehendido em alguma tribu, ou a designação d'esta se havia de achar tambem (e naturalmente a da filiação do homem) depois da palavra *Silonianus,* ou, se fossem ambos da mesma tribu, feita, por ventura, uma só vez e n'este logar.

Hoje, de accôrdo com o Sr. Hübner n'esta parte, nem por isso deixarei de notar, que na outra, em que faz alguns reparos sobre o teor da inscripção, não foi tão feliz. Em primeiro logar parece-lhe a elle que a palavra *Talotius* da 6.ª linha está errada, e que deve talvez ler-se antes *Tarquius,* que é nome que se encontra em outra incripção de Lisboa. Posso affirmar, porque vi, que o que está no marmore de Leiria é TALOTIVS, com tanta clareza gravado, que não deixa logar a outra leitura. O mesmo digo de *Vmidio* na 19.ª linha: não duvido, que se devesse escrever com *m* dobrado *(Vmmidio);* mas no marmore d'aquelle modo é que está: n'este ponto a cópia que o Sr. Hübner viu, está exacta.

Tambem nem no fim da 4.ª linha, nem no da 15.ª, nem no da 17.ª falta lettra alguma, como suppõe. O que lá existe, sem haver logar para mais, é no fim da 4.ª, SAEC, e no começo da seguinte LORVM. Podia ser descuido do canteiro; mas tambem nada obsta, creio eu, a que se attribua ao proposito de encurtar as palavras, que se observa constantemente nas inscripções lapidares: nos poetas é mui frequente identica elisão entre *c* e *l,* n'esta e n'outras palavras analogas, Na 15.ª está FECERIN nem mais nem menos, e a seguinte começa pela palavra DEDICATA; d'onde se vê que nem para lá passou o T cuja falta se nota n'aquella calavra. E assim na 17.ª: o que ahi se vê é CAE uniaamente; nem a pedra está quebrada, como o sabio orcheologo conjectura. As unicas lettras que faltam, ou antes, se não percebem, por causa da argamassa que lhes ficou pegada da parede adjuncta, quasi tão rija como o proprio marmore, são um O e um A no fim da 1.ª e da 13.ª linhas, e algum tanto o C inicial da palavra CHOR da 9.ª

Finalmente parece que na sobredita copia, linhas 7.ª e 8.ª, ia COLLIPONENSIS. Não é assim: na pedra está COLLIPPONESIS. É provavel todavia, em attenção ao modo porque a mesma palavra se acha escripta na linha 11.ª, que a falta de um N que se observa na primeira, seja aqui devida a incuria do official, e não á razão que acima apontei tratando da inscripção de Laberia Galla.

Nos tratamentos de *imperador, cesar, augusto,* dados a L. Aurelio Vero, vai a inscripção de accôrdo com a historia. Eutropio diz,[1] que foi esta a primeira vez que se viram em Roma dois imperadores ao mesmo tempo regendo o estado com poder egual.

O *cognomen* de *Quadratus,* porque é conhecido um dos consules nomeados na inscripção, data dos tempos da republica. Hircio[2] exalta o valor de C. Voluseno Quadrato, commandante de um corpo de cavallaria na guerra das Gallias. Tacito[3] faz menção de um governador da Syria sob Claudio e Nero, do mesmo appellido; o qual se encontra tambem em algumas das inscripções colleccionadas pelo Sr. Hübner.

Esta inscripção, além do seu valor archeologico e epigraphico, tem ainda o merito de poderem por ella corrigir-se as duas tabuas consulares de Feller[4] e Dezobry et Bachelet.[5] O primeiro traz *T. Numidius* em vez de *M. Vmidius* ou *Vmmidius*; os segundos, indo, como elles mesmos declaram, após de Pighio, com algumas rectifiacções de archeologos modernos, não só reproduzem o mesmo erro, mas accrescentam outro novo, que Feller evitára; isto é, que L. Aurelio Vero era consul pela segunda vez no anno em que teve por collega a Vmmdio Quadrato. A inscripção, justificando a Feller, diz que este consulado era o terceiro na pessoa de Aurelio Vero.

O consulado d'estes dois personagens caiu no anno de Roma 919 segundo Dezobry, 920 segundo Feller; o quinta ou sexto do reinado de M. Aurelio e L. Aurelio Vero; o 167.º da era christã data da inscripção.

Eis ahi as inscripçõeo romanas de Leiria e seus arredores, de que tenho noticia, e sobre as quaes, não obstante a minha insufficiencia, me propuz dizer alguma cousa, que meu gosto por este curioso estudo me suggerisse. É quasi certo, que outras muitas, sem fallar de preciosidades de outro genero, como estatuas, vasos, mosaicos, etc.,[6] que tanto estavam na paixão d'aquelle povo celebre, e com que seria facil enriquecer os nossos museus archeologicos e auxiliar o estudo das artes, existem ainda solterradas não só nos bellos sitios da minha querida patria, mas tambem por todo esse Portugal. Bem podera, me parece a mim, sem quebra nem da instrucção, nem, certamente, da justiça e da moralidade publica, no orçamento do estado deduzir-se todos os annos das verbas destinadas a subsidio de theatros uma pequena quantia, ao menos, para esta classe de investigações. Ouso assegurar, que, se tal se fizesse, não haveria a temer censuras de nin-

[1] Caes. *De bell.* civ. III. 83.
[2] T. Liv. IV. 20, et alibi.

[1] L. VIII. 5.
[2] *De bell. gall.* VIII. 48.
[3] *Ann.* XII. 45. &.
[4] *Dictionn. historique ou biographie universelle,* etc.
[5] *Dictionn. général de biographie et d'histoire.*
[6] Vej. o n.º 2 do Boletim.

guem, a não ser, talvez, dos *dilettanti* de Lisboa ou Porto em alguma hora de mau humor.

O socio correspondente,

VICTORINO DA SILVA ARAUJO.

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÃO

(Continuado do n.º 10, pag. 156)

Apontamentos ácerca da cal (protoxido de calcio)

3.º

Depois da agua, onde tambem a cal existe, não ha corpo mais abundante na natureza, tanto no centro, como á superficie da terra, por isso que fórma montanhas inteiras, taes como os Pyrinêos, o Jura, os Vosges, os Appeninos, uma grande parte dos Alpes, etc.

Além d'isso existe em todos os vegetaes, constitue o involucro do ovo, fórma a casca das ostras, as conchas e o coral; os ossos animaes tambem a contém representada em phosphato de cal.

As innumeraveis fórmas por que se nos apresenta a cal e os immensos usos que d'ella se faz, tornam aquelle corpo o mais util e o mais necessario á humanidade: todas as artes e sciencias dependem d'elle, directa ou indirectamente.

O carbonato de cal é por consequencia o sal basico da natureza, nos seus tres reinos — animal, mineral e vegetal.

Um auctor chimico descreveu 154 variedades de carbonato de cal crystalisado, calculou que póde haver muitos mais, e que todas essas fórmas de crystalsiações derivam da fórma *rhomboidal obtusa*.

Entre essas crystalisações ha uma que se chama *spath de Islandia* que é incolor e transparente, a qual apresenta o phenomeno de dupla transparencia, isto é, quando um objecto é visto atravez do *spath*, representam-se dois.

O *carbonato de cal* apresenta-se umas vezes com apparencia de chrystalisação luminosa, outras em massas compactas, sem idéa alguma de crystalisação. O 1.º genero constitue os marmores brancos ou de côres. O marmore branco é conhecido pelo nome de *marmore estatuario*, do qual o merito principal é sem duvida ser bem branco e translucido, e é por isso que o mais estimado é o de *Carrara* actualmente; comquanto o mais antigo que se conhece seja o de *Paros*.

Em Portugal ha marmores em varias partes e diversas côres, cujas qualidades pertencem tanto ao 1.º como ao 2.º genero; todos elles servem ás construcções e decorações dos edificios.

Os marmores ordinariamente são conhecidos pelos nomes das terras da sua procedencia, como de Paros, de Carrara, de Cintra, Mafra, Extremoz, etc.; ha alguns que se distinguem pelas côres ou qualidades [1].

A sciencia não chama marmores senão as pedras que são susceptiveis de polido, que produzem effervescencia com os acidos, e que têem a propriedade de se reduzir a cal viva pela calcinacão.

As pedras nas artes respectivas têem diversos nomes e classificações.

O calcario grosseiro e molar, que não é considerado marmore, chama-se pedra de construcção ou edificação, e é esse que fórma o 2.º genero; as diversas qualidades são denominadas indistinctamente *pedra de alvenaria;* encontram-se de varias côres, e é um genero de carbonato de cal de muito merecimento pela sua grande utilidade. A sua textura é fraca, tem commummente uma granulação grosseira, é facil de partir e incapaz de se polir, não faz effervescencia com os acidos, e as suas côres são como sujas e sem brilho.

A pedra de construcção não se encontra em todos os paizes, nem mesmo em todos os logares. Ha rija e mollar, o que nas artes se conhece por diversos nomes, e pelos quaes tambem se indicam as diversas applicações em que se emprega. Ha pedra secca e humida, a solidez das edificações depende essencialmente d'essas circumstancias, nas pedras denominadas de *fiada*, isto é, de serem humidas ou não, por isso que a secca repelle o chamado *aviamento*.

Já se vê quanto será importante conhecer essa propriedade, circumstancia que occupou a intelligencia de Mr. Colbert, e que foi resolvida em 1820 por Mr. Brard, indicando o meio certo de conhecer aquella propriedade pelo seguinte modo.

Expõe-se a pedra que se quer ensaiar á acção de uma dissolução de sulphato de soda bem saturada, na qual se ferve por meia hora; suspende-se depois sobre o vaso em que se fez a fervura por espaço de 24 horas; passado esse tempo sacodem-se para o vaso as agulhas (crystaes) que se formaram sobre a pedra, banhando-a depois no liquido, operação que se repete por espaço de 5 dias consecutivos; examina-se depois o liquido, e se elle não contiver particula alguma de pedra, nem a pedra ensaiada tiver perdido a viveza das suas arestas, são essas as provas de que a pedra é secca, e ao contrario será humida, quando no liquido se encontrarem fragmentos da pedra ou sedimentos terrosos, e a pedra tenha perdido a viveza das arestas, com apparencia de esbroamento.

Foi esta descoberta um grande serviço que Mr Brard prestou em beneficio da solidez das construcções, comquanto os artistas na sua practica obtenham um tal ou qual conhecimento d'aquellas propriedades.

[1] Para se concertarem as obras de marmore e mesmo outras pedras, faz-se um betume composto de marmore em pó, gomma lac ou resina, azeite e cera, que se applica com auxilio de calor.

Comtudo melhor é que a sciencia se incumba de dirigir a pratica com segurança.

O Socio,

(*Continúa.*)

F. J. DE ALMEIDA.

Noticia dos nomes e das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações.

(*Continuado do n.º 11, pag. 173.*)

Francez — Chat, architecto da Escola das artes e industria em Paris — 1869.
Belga — Chasteau (C.), architecto em Antuerpia — 1537.
Belga — Chasteau (N.), architecto — 1625.
Francez — Chenautais, restaurou o palacio de Justiça em Nantes — 1853.
Grego — Chersiphron, construiu o Templo d'Artemisa em Epheso — XVI ant. J. C.
Italiano — Chiaveri, architecto da igreja catholica de Dresde — 1786.
Italiano — Chimanti Camica de Florença, architecto do rei da Hungria — 1470.
Allemão — Christoph, architecto de Lumbourg em Wittsioch — 1512.
Allemão — Christofan de Fribourg, concorreu para a construcção da cathedral de Milão — 1042.
Allemão — Christoffel, architecto em Bolzen — 1501.
Inglez — Christophe Wren, architecto de S. Paulo em Londres — XVII seculo.
Francez — Claes, architecto do Hôtel de Ville de Bruges — 1401.
Francez — Claude Perrault, architecto da columnata do Louvre, Paris — 1688.
Allemão — Claws de Bruce, architecto em Colonia — 1445.
Allemão — Claus de Sohve, architecto em Strasbourg — 1400.
Inglez — Clutton (H.), construiu o grande collegio de S. Francisco Xavier em Liverpool — 1875.
Belga — Cluysenaer (J. P.), architecto em Bruxellas, construiu o palacio de S. Huberto, e outros edificios — 1861.
Belga — Cobergher, architecto em Antuerpia — 1635.
Belga — Colart, architecto em Namur — 1395.
Belga — Colmige, architecto em Mons — 1507.
Francez — Comte exerceu a architectura em Valença (Hespanha) — 1482.
Allemão — Conrad, architecto em Colonia — 1316.
Italiano — Contuci, construiu bellos palacios em Lisboa — 1526.
Francez — Constant (Defeux), architecto da Camara dos Pares de Paris — 1872.
Portuguez — Cordeiro (João) construiu o palacio real de Cintra — 1486.
Allemão — Cornelius, architecto em Miinster — 1375.
Portuguez — Correia (Manoel), architecto da igreja de Santa Engracia — 1821.
Italiano — Cosmati, architecto de XII seculo.
Grego — Cossulus, architecto que concluiu o templo de Jupiter em Athenas no segundo seculo ant. de J. C.
Francez — Costand, architecto do palacio de Neuilly — 1740.
Portuguez — Costa (José Sequeira), professor substituto da Academia das Bellas Artes de Lisboa, construiu o quartel dos marinheiros, e foi o primeiro secretario da Associação dos Architectos Civis portuguezes — 1872.
Portuguez — Costa (Manoel da) architecto do palacio real de Salvaterra — 1690.
Portuguez — Costa e Silva (José), architecto do theatro de S. Carlos em Lisboa — 1793, e do hospital dos invalidos de Runa — 1802. M. 1819.
Francez — Cotte (Roberto), architecto, concluiu a igreja de S. Roque em Paris — 1633.
Portuguez — Couto (Matheus de), architecto dos edificios das Inquisições de Portugal e da India — 1634.
Francez — Coutant d'Ivry, um dos architectos da igreja da Magdalena em Paris — 1764.
Francez — Crépinet, architecto, restaurou o Hôtel de Ville de Paris — 1861.
Belga — Craene (Alexandre de), architecto distincto — 1821.
Italiano — Croce, architecto, construiu a Casa de Correcção em Milão — 1824.
Italiano — Cronaca, architecto em Florença — 1500.
Hespanhol — Cumplido, architecto em Aragão — 1540.
Portuguez — Cunha (Caetano), architecto do theatro do Bairro-Alto — 1783.

(*Continúa.*)

Architecto — J. DA SILVA.

TRADUCÇÃO D'UMA INSCRIPÇÃO ARABE

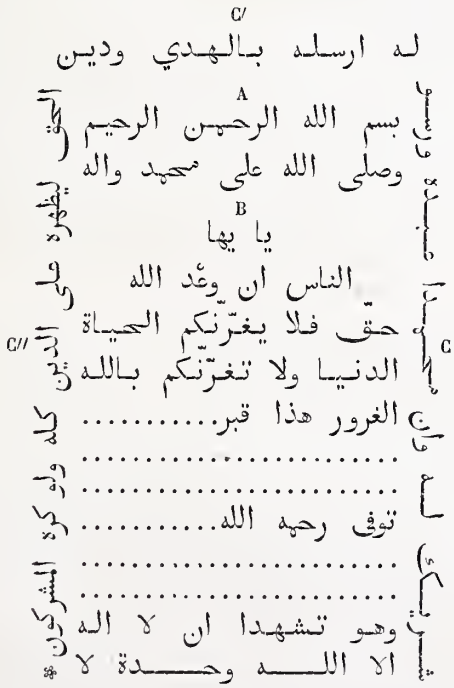
Consultando o sabio epigraphista o sr. D. Rodrigo Amador de los Rios, a respeito da inscripção arabe publicada em o n.º antecedente do *Boletim*, pag. 174, aquelle erudito e estimavel cavalheiro fez-nos a honra de endereçar uma carta que se acha inserta em dois numeros da revista hespanhola de *Archivos, Bibliothecas e Museos*, do mez de Outubro d'este anno, na qual carta, com a sua reconhecida proficiencia, nos dá explicação

da epocha da inscripção e da importancia de Mertola, pois no seculo VI da Hegira (XII da era J. C.) fazia parte do reino de Sevilha durante o governo dos Abbadies em que gozaram do maior explendor, que podia ser repartido por suas provincias ou *koras*, em que Mertola tambem entrava. O sr. Amador de los Rios não só traduziu a inscripção, mas comparou-a com outra, descoberta em *Améria*, onde em Hespanha se encontram felizmente vestigios, como em Toledo, que foram poupados ás hordas vandalicas de Filippe II, em cujo governo ficaram destruidas quasi todas as inscripções musulmanas. A lapide de *Améria* está tambem dentro de uma arcada e em fórma de quadro com impostas ornadas; os caracteres são cuficos, como os que n'aquelle seculo eram usados na Africa.

A pedra encontrada em Portugal, embora reduzida a fragmento, respeita todavia ao monumento sepulchral, mas em que só falta a indicação da pessoa finada, como nos affirma e referido senhor.

Damos em seguida a traducção do douto archeologo, no idioma hespanhol, assim como a copia da dita inscripção, aproveitando a opportunidade para reiterar os nossos agradecimentos ao obsequiador e illustre estrangeiro e manifestar-lhe a nossa crescente admiração pelos progressos nos estudos arabes e epigraphicos, e pelo alcance de sua illustrada intelligencia e judiciosas investigações.

J. DA SILVA.



A. — Tabla horizontal sobre la clave del arco, en la cual dá comienzo la inscripcion.

B. — Inscripcion del vano del arco.

C, C′, C″. — Orla ó *arrabaâ*, en la cual prosigue y termina la inscripcion.

La traduccion en lengua española dice: A. — *En el nombre de Alláh, el Clemente, el Misericordioso: la bendicion de Alláh sea sobre Mahoma y los suyos.*

B. — *Oh hombres! Creed que las promesas de Alláh son ciertas, y no os dejeis seducir por los placeres mundanos, ni os aparteis de Alláh por las falacias de la carne! Este es el sepulcro de..... murió, compadézcase de él Alláh..... y confesó que no hay más Dios que Alláh único, para quien no*

C. — *existe compañero, y que Mahoma es su siervo y su le...*

C′. — *... gado. Envióle con la direccion y ley*

C″. — *verdadera, á fin de que la ensalzase sobre todas las religiones, á despecho de los infieles.*

Madrid 2 de Octubre de 1876.

RODRIGO AMADOR DE LOS RIOS.

CHRONICA

Na exposição universal da Philadelphia obteve a real associação dos architectos mais outra medalha pelo progresso na publicação. É a terceira vez que recebe, n'esses certamens industriaes e artisticos, a que tem concorrido, tão subida distincção, como lhe fôra conferida nas exposições do Porto em 1856 e de Paris em 1867.

* * *

No jornal n.º 8:726 da *Epoca de Madrid*, se faz uma apreciação dos premios das medalhas, que foram concedidos aos nossos tres dignos consocios pelos seus importantes serviços prestados em architectura e na archeologia do paiz; elogiando-se a Associação por curar dos progressos d'esses estudos, tão necessarios para a avaliação dos monumentos e investigação das antiguidades nacionaes, afim de acompanharmos os estudos anthropologicos e de archeologia, que se fazem presentemente em todas as nações civilisadas. Quando em um paiz illustrado, como é a Hespanha, se louvam taes esforços em Portugal, não devemos desconhecer o alcance d'elles, e confessemo-nos muito reconhecidos á benevolencia da imprensa da nação visinha.

* * *

Os operarios que empregam nas obras os tijólos da qualidade ferro-siliçosos, molhando-os para os assentar, são obrigados a *calçar luvas* [1] na mão esquerda, para evitarem que a mão lhes fique em carne viva, por causa do contacto com aquelle material.

Não é uso novo dar luvas aos operarios para trabalharem com mais rapidez e poparem a cutis; já no seculo XII os canteiros não podiam trabalhar sem luvas, e quando o imperador Carlos Magno mandou edificar a celebre igreja de Aix-la-Chapelle, deu ordem

[1] São feitas com o coiro de boi.

para que comprassem 5:000 pares de luvas para os operarios empregados n'aquella fabrica. Era costume então ficar a cargo dos proprietarios o fornecerem-lhes as luvas por conta d'elles. Hoje se se obrigassem os operarios a trabalhar com a mão coberta, poucos ou nenhuns fariam obra capaz e com rapidez; e mal suppunham elles, que dariam depois essa moda á classe elevada e elegante.

* * *

Havendo recebido uma carta do insigne archeologo romano o Exmo conde de Conestabile, em um periodo que se refere á descoberta da Necropole romana feita em Alcacer do Sal [1], se expressa pelo modo seguinte:

«C'est très-curieux de rencontrer un vase peint de «la serie greco-italique dans une découverte du Por«tugal. Je crois que cela arrive pour la première fois «et doit attirer vraiment l'attention des archéologues «à cause de la propagation commerciale de ces mo«numents ceramographiques vers um pays auquel on «ne pensait pas du tout, etc.»

* * *

Foi annunciada na *Revista Bibliographica Universal* de Paris no mez de Outubro, a publicação do nosso *Boletim,* entre os 84 summarios de publicações periodicas de differentes nações, que mensalmente, aquella Revista registra. É assim hoje conhecido nas diversas nações que em Portugal ha um jornal de architectura e de archeologia.

* * *

A assembléa geral da nossa real Associação, na sua sessão de 6 de Dezembro, votou por unanimidade a proposta do socio fundador Possidonio da Silva, para que fosse conferida uma medalha de prata ao distincto architecto o sr. conselheiro João Maria Feijó pela sua memoria scientifica sobre a construcção das abobadas ogivaes do edificio monumental de Alcobaça, na qual comprovava ter sido feito primeiro em Portugal aquelle ensaio.

* * *

Altura dos principaes monumentos do mundo

A pyramide mais alta, a de Chesps, mede 146 metros.
A mais alta cathedral, a de Strasbourg, 142 metros.
O zimborio de S. Pedro em Roma, 138 metros.
A cathedral de Amiens, 134 metros.
A pyramide de Chéphrem, 133 metros.
A cathedral de Chartres, 122 metros.
O zimborio de S. Paulo de Londres, 110 metros; o de Milão, 109 metros; a Casa da Camara de Bruxellas, 108 metros; a torre das Arinelli (Bolonha, Italia) tem 107 metros; o zimborio dos Invalidos, em Paris, 105 metros; o pantheão de Paris, 94 metros; a cathedral de Paris 68 metros, igual altura das torres de Mafra; Santa Sophia de Constantinopla, 58 metros; a torre inclinada de Pisa, 57 metros; o arco do triumpho de Paris, 44 metros; o pantheão de Aggripa, 43 metros; a torre dos Clerigos do Porto, 35 metros; o observatorio de Paris, 27 metros.

[1] Vejam-se os n.ºs 6 e 9 do Boletim, em que démos noticia e publicámos uma estampa em lithochromia, e uma photographia com a mascara.

* * *

Novo systema da collocação dos pára-raios estabelecidos pelo architecto russiano o sr. Solzoloff

O pára-raios compõe-se de cinco grandes hasteas, reunidas entre si por um conductor metalico, que estabelece a sua communicação com a terra. A hastea é composta: 1.º, de um tubo de ferro com $10^m,79$ de altura e $0^m,07$ de grossura na base, vae diminuindo gradualmente para a extremidade, onde não tem mais do que $0^m,028$ de grossura; 2.º de outra hastea de cobre tendo $0^m,92$ de altura, que fica aparafusada na primeira hastea, e que acaba por uma agulha de platina, junta a uma pequena virola de cobre.

A juncção do para-raios com a terra obtem-se da maneira seguinte: a parte do para-raios que entra no solo é de cobre; o para-raios introduz-se primeiramente em um tubo de ferro coado, o qual entra em outro tubo tambem de ferro. Este segundo tubo é mais grosso do que o primeiro, e guarnecido de rodellas, afim de ter uma maior superficie e obter por conseguinte maior contacto com a terra.

O para-raios termina em um terceiro tubo de ferro mettido no precedente, e crivado de buracos circulares para que a agua o penetre, ficando a extremidade do para-raios constantemente mergulhada.

As experiencias feitas com um galvanometro deram os melhores resultados d'este novo modo de se collocarem os conductores da electricidade sobre os edificios..

* * *

Recebemos do nosso confrade Mr. Ernesto Bosc, uma curiosissima memoria em que expõe um systema para purificar o ar respiravel das grandes cidades, estabelecendo-se ramaes de encanamentos que receberiam o ar puro do centro das florestas; posto que a despeza fosse excessiva para se conseguir tão benefico resultado para a hygiene publica, não deveria com tudo impedir isso que se experimentasse para resguardar a existencia de milhares de habitantes accumulados nas grandes cidades.

J. da Silva.

ERRATAS

N.º 7, pag. 103, col. 2.ª, lin. 19 — *barreira.*
» » » » » » 24 — *barreira.*
N.º 10 » 155 » » » 34 — onde se lê *compravam*, leia-se *comprovam.*
» » 156 » 1.ª » 21 — onde se lê *Egnacia*, leia-se *Ignacia.*
» » » » » » 38 — onde se lê *veiu ainda sem effeito*, leia-se *veiu ainda a ficar tudo sem effeito.*

1876, Lallemant frères, Typ. Lisboa.

INDICE DO PRIMEIRO TOMO

DA

SEGUNDA SERIE DO JORNAL

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

Annos	N.os do Boletim	N.os das paginas	Designação das materias	Por quem foram redigidos os artigos	N.os das estampas
1874	N.º 1	1	Introducção	J. Vilhena Barbosa — Socio effectivo.	
	»	3	Synopse dos trabalhos da Real Associação	Valentim José Correia — Idem, secretario.	
	»	5	A archeologia	Carlos Ribeiro — Idem.	
	»	8	Sarcophago romano descoberto na Extremadura	J. da Silva — Idem.	1.ª (Phot.)
	»	10	Castello de Leiria	Victorino da Silva Araujo — Socio correspondente.	2.ª
	»	12	Brasões reaes portuguezes	Francisco José d'Almeida — Idem.	
	»	16	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	N.º 2	17	Relatorio da Real Associação	Valentim José Correia — Idem, secretario.	
	»	19	Castello de Leiria (continuação)	Victorino da Silva Araujo — Idem.	
	»	21	Elogio historico do architecto João Pires da Fonte	José Antonio Gaspar — Idem.	
	»	24	Descoberta de uma villa rustica romana em Leiria	J. da Silva — Idem.	3.ª Lithochromia
	»	»	Pintura em pergaminho	Abbade Antonio D. de Castro e Sousa — Idem.	
	»	25	Apontamentos archeologicos — Porta de Aramenha	Dr. Francisco Rodrigues Gusmão — Idem correspondente.	
	»	26	Numismatica portugueza	Jorge Cesar de la Figanière — Idem.	
	»	28	Ara de Trajano	Cesario Augusto Pinto — Idem.	4.ª
	»	29	Templo de Diana em Epheso	J. da Silva — Idem.	
	»	30	Profanação e Vandalismo	—	
	»	»	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	»	31	Lista dos novos socios nacionaes e estrangeiros	—	
	»	»	Publicações offerecidas, nacionaes e estrangeiras	—	
	»	32	Bibliographia	—	
	»	»	Necrologia	—	
	N.º 3	33	Primitivos habitantes da Peninsula Hispanica	Sá Vilella — Socio effectivo.	
	»	39	Novo hospital de Macau	J. da Silva — Idem.	5.ª (Phot.)
	»	42	Castello de Leiria (conclusão)	Victorino da Silva Araujo — Idem correspondente.	
	»	44	Descoberta rara feita no Algarve	J. da Silva — Idem.	6.ª
	»	45	Apontamentos archeologicos	Dr. Francisco Rodrigues Gusmão — Idem.	
	»	46	Egreja de Santo André na Villa de Mafra	Joaquim da Conceição Gomes — Idem.	
	»	47	Nova decoração das salas do palacio real da Ajuda	J. da Silva — Idem.	
	»	48	Chronica	Idem — Idem.	
1875	N.º 4	49	Elogio historico do architecto Victor Baltard	J. da Silva — Idem.	
	»	55	Mappa dos materiaes do districto de Leiria	Joaquim Miguel Pereira Mourão.	
	»	58	O convento de Belem e o seu architecto	Sá Vilella — Idem.	7.ª
	»	62	Antiguidades de S. Martinho dos Mouros	J. C. A. de Mello — Idem correspondente.	
	»	63	Chronica	J. da Silva — Idem.	

Annos	N.os do Boletim	N.os das paginas	Designação das materias	Por quem foram redigidos os artigos	N.os das estampas
1875	N.º 5	65	Monographia da Sé de Lisboa	Abbade A. D. de Castro e Sousa — S. effectivo.	
	»	68	Biographia do architecto Charles Garnier	J. da Silva — Idem.	
	»	70	Apontamentos archeologicos, Medobriga	Dr. Francisco Rodrigues Gusmão — S. corresp.	
	»	71	La Basilique de Bethlém	Conde de Marsy — Idem.	
	»	75	Thermas em Portugal	J. da Silva — Idem.	8.ª
	»	76	Iconographia das Caldas das Taipas	Cesario Augusto Pinto — Idem.	
	»	77	Epigraphia, inscripção hebraica	J. da Silva — Idem.	
	»	79	Chronica	Idem, Idem.	
	N.º 6	81	Elogio historico do architecto Eugenio dos Santos e Carvalho	Abbade Antonio D. de Castro e Sousa — Idem.	
	»	84	Alocução do presidente d'esta Real Associação	J. da Silva — Idem.	
	»	86	Antiguidades do concelho do Castello de Paiva	Augusto d'Azevedo B. Pinto Leal — Idem.	
	»	89	Synopse dos trabalhos d'esta Real Associação em 1874	Valentim José Correia — S. effectivo. —	9.ª (Litho chromia)
	»	91	Urna de encineração descoberta em Alcacer do Sal	J. da Silva — Idem.	
	»	92	Monographia da Sé de Lisboa (continuação)	Abbade Antonio D. de Castro e Souza — Idem.	
	»	95	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	N.º 7	97	Duas palavras em memoria do Principe dos Archeologos	Sebastião P. M. Estacio da Veiga — Idem.	10.ª
	»	100	Monographia da Sé de Lisboa (continuação)	Abbade Antonio D. de Castro e Souza — Idem.	
	»	103	Materiaes de construcção, Areia	J. da Silva — Idem.	
	»	105	Alguns passos n'um labyrintho	Dr. Filippe Augusto Simões — S. corresp.	
	»	109	Ensino dos noveis architectos	Hayter Lewis.	
	»	110	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	N.º 8	113	Monographia da Sé de Lisboa (continuação)	Abbade Antonio D. de Castro e Souza — Idem.	
	»	115	Ermida de N. S. do Amial, em Torres Vedras	A. E. de Freitas Cavalleiro e Souza — S. corresp.	
	»	117	Alguns passos n'um labyrintho	Dr. Filippe Augusto Simões — Idem.	
	»	121	Tumulo d'El-Rei D. Fernando I	J. da Silva — Idem.	11.ª(Phot.
	»	122	Noticia dos architectos antigos e modernos	J. da Silva — Idem.	
	»	125	Sinete da Inquisição de Coimbra	Augusto Mendes Simões de Castro — S. corresp.	Gravura
			Nova reforma dos Theatros	J. da Silva — Idem.	
	»	126	Chronica	J. da Silva — Idem.	
1876	N.º 9	129	Importante descoberta pre-historica	Cazalis de Fondouce — Idem.	
	»	131	Mascara romana descoberta em Portugal	J. da Silva — Idem.	12.ª(Phot.
	»	133	Materiaes de construcção, cal	Francisco José de Almeida — Idem.	
	»	134	Claustro do Silencio, de St. Cruz de Coimbra	Augusto M. Simões de Castro — S. corresp.	
	»	136	Monographia da Sé de Lisboa (conclusão)	Abbade Antonio D. de Castro e Souza — Idem.	
	»	»	Esculptura romana, a Pedra Formosa	J. da Silva — Idem.	13.ª
	»	139	Archeologia nacional	P. Antonio P. de Louro — Idem.	
	»	140	Monographia da egreja de St. Maria do Castello d'Abrantes	Pelo Sr. Francisco Alves Coutinho.	
	»	141	Noticia dos architectos antigos e modernos	J. da Silva — Socio effectivo.	
	»	»	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	N.º 10	145	Medalha conferida aos tres laureados	Sá Vilella — Idem.	
	»	148	Epigraphia romana em Leiria	Victorino da Silva Araujo — S. corresp.	
	»	152	Apontamentos archeologicos, Medobriga	Dr. Francisco Rodrigues Gusmão — Idem.	
	»	153	Sarcophago d'El-Rei D. Fernando I	J. da Silva — Idem.	14.ª(Phot.
	»	154	Mappa das amostras dos materiaes do districto de Leiria	Joaquim Miguel Pereira Abreu.	
	»	155	Hygiene, os cemiterios	Jorge Cesar Figaniere — Idem.	
	»	156	Material, cal	Francisco J. d'Almeida — Idem.	
	»	157	Noticia ácerca dos orgãos da basilica de Mafra	Joaquim da Conceição Gomes — Idem.	
	»	159	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	N.º 11	161	Sessão solemne para a distribuição das medalhas aos tres laureados por S. M. El-Rei o senhor D. Fernando	—	
	»	164	Os dolmens	Sá Vilella — Idem.	
	»	166	Antiguidades romanas, Napoles	Visconde de Benalcanfôr — Idem.	
	»	169	O Dolmen de Gontinhães	Cesario Augusto Pinto — Idem.	15.ª
	»	»	Epigraphia romana em Leiria (continuação)	Victorino da Silva Araujo — Idem.	
	»	173	Noticia dos architectos antigos e modernos	J. da Silva — Idem.	
	»	174	Inscripção arabe descoberta em Portugal	J. da Silva — Idem.	17.ª
	»	»	Noticia ácerca dos orgãos da basilica de Mafra	Joaquim da Conceição Gomes — Idem.	
	»	175	Chronica	J. da Silva — Idem.	
	N.º 12	177	Novo projecto para a conclusão do real palacio d'Ajuda, e a explicação da estampa d'este n.º	J. Possidonio N. da Silva — Idem.	18.ª
	»	180	Os dolmens (continuação)	Sá Villela — Idem.	
	»	183	A architectura Khmer	Visconde de S. Januario — Idem.	
	»	185	Epigraphia romana em Leiria (conclusão)	Victorino da Silva Araujo — Idem.	
	»	191	Materiaes para construcção (continuação)	Francisco J. d'Almeida — Idem.	
	»	192	Noticia dos architectos antigos e modernos	J. da Silva — Idem.	
	»	«	Traducção d'uma inscripção arabe	D. Rodrigo Amador de los Rios — S. corresp.	
	»	193	Chronica	J. da Silva — Idem.	

GETTY CENTER LIBRARY